



YURI BELOV

OD@LISCA  
. com

*Dançando com o Diabo Numa Noite de Lua Cheia*

# Sumário

## Sinopse

Capítulo 1 - [Uma Dança do  
Ventre no Café Sheherezade](#)

Capítulo 2 - [Um Campo de  
Petróleo no Meio da Selva](#)

Capítulo 3 - [Voltando no Tempo](#)

Capítulo 4 - [A Saga dos  
Armadunians](#)

Capítulo 5 - [Only Girls Party](#)

Capítulo 6 - [Surge o Primeiro  
Desafio](#)

Capítulo 7 - [As Paixões  
Proibidas de Odalisca](#)

Capítulo 8 - [O Coven](#)

Capítulo 9 - [Odalisca se Apaixona à Primeira Vista](#)

Capítulo 10 - [Um E-Mail de uma Misteriosa Odalisca](#)

Capítulo 11 - [O Destino Conspira](#)

Capítulo 12 - [As Aventuras e Desventuras de Odalisca](#)

Capítulo 13 - [O Mago Sombrio](#)

Capítulo 14 - [Um Encontro de Pistoleiros no Paraguai](#)

Capítulo 15 - [Cazé se Vê às Voltas com uma Nova Paixão](#)

Capítulo 16 - [Dançando com o](#)

## Diabo em uma Noite de Lua Cheia

Capítulo 17 - A Curiosa História de Índio da Faca e de Shaolin, o “Olho de Falcão”

Capítulo 18 - O Sucesso Incomoda Muita Gente

Capítulo 19 - A Discórdia Semeada entre os Armadunians

Capítulo 20 - O Esperado Encontro com Odalisca

Capítulo 21 - Uma Paixão do Passado Ressurge

Capítulo 22 - Chapeuzinho Vermelho Conhece dois Lobos

Maus e um Certo Doutor  
Lacoste

Capítulo 23 - Um Oceanógrafo  
na Vida de Odalisca

Capítulo 24 - Traído pela Paixão

Capítulo 25 - Vingança

Capítulo 26 - O Navio Fantasma

Capítulo 27 - Um Tirano a  
Bordo

Capítulo 28 - As Bodas de  
Odalisca

Capítulo 29 - Era uma Vez no  
Oeste

Capítulo 30 - O Ogro e a  
Princesa

Capítulo 31 - [A Chegada de um Homem Mau e de um Feiticeiro](#)

Capítulo 32 - [Uma Sombra Maligna Paira Sobre a Floresta](#)

Capítulo 33 - [O Trágico Reencontro](#)

## Sinopse

Ela era jovem, meiga, linda, culta, estudiosa, boa filha, pertencente a uma rica família, enfim, acima de qualquer suspeita. No entanto, vivia solitária, o que levava amigos, parentes e conhecidos a questionar a razão daquela solidão, pois qualidades e atributos não lhe faltavam, e pretendentes também não. Contudo, a realidade dos fatos era outra, ela nunca estava sozinha. Sobre ela pairava uma penumbra de mistério,

na verdade, ela levava uma vida dupla. Seu lado obscuro a fazia procurar por amores proibidos, paixões violentas, regadas sempre a muito sexo, luxúria e participação em rituais de magia e missas negras. Seus amantes, em geral, eram encontrados em salas de chat na internet, onde ela se apresentava com o “nick” de “ODALISCA”, pois era exímia dançarina do ventre. Sentia-se atraída por homens maduros.

Um alto executivo, que trabalhava em uma das empresas de



sua família, caí em suas teias, a princípio sem saber de quem realmente se tratava. Acusado de ser um golpista e tentar alcançar um alto posto usando-a como trampolim, sua carreira desmorona o levando à ruína; sua reputação é atirada na lama. As circunstâncias o fazem refugiar-se em uma plataforma de petróleo, em posição subalterna. Sua chance de reabilitação profissional e recuperação da honra perdida se daria tempos depois, sob condições totalmente adversas, em um campo

de petróleo, nas selvas peruanas, onde o destino se encarregaria de fazer um acerto de contas com o passado.

ODALISCA.COM

Dançando com o Diabo em  
uma Noite de Lua Cheia

Yuri Belov Borisovych  
[yuribelov@safe-mail.net](mailto:yuribelov@safe-mail.net)

*Esta é uma obra de ficção,  
qualquer semelhança com nomes,*

*fatos, locais, datas ou  
acontecimentos terá sido mera  
coincidência.*

## **Uma Dança do Ventre no Café Sheherezade**

Era uma agradável tarde de outono, no mês de maio, na cidade do Rio de Janeiro. O local situava-se em um moderno edifício próximo à praça Mauá. Em um dos últimos andares daquele prédio cuja vista dava para a bela baía da Guanabara, um dos cartões postais da cidade,

um homem admirava a magnífica visão que o pôr do sol propiciava. Ele estava absorto e longe do mundo que o cercava, parecia integralmente mergulhado na paisagem que fazia tempos não via. Sabe Deus quando tornaria a ver algo semelhante, pensava, pois sua estada na cidade seria por pouco tempo. Admirava o mar por entre as frestas da persiana. Do local onde estava, via as instalações da Marinha, os navios de guerra, a ilha das Cobras, os navios mercantes, os petroleiros entrando e saindo do porto e as plataformas

marítimas estacionadas no meio da baía já com as luzes acesas. Ao longe, avistava a ponte que ligava as cidades do Rio de Janeiro e Niterói e, do outro lado, o contorno desta última. Ele se chamava Siegfried, um nome de origem alemã, dado por seu pai por sua admiração por óperas e em homenagem ao herói da mitologia germânica celebrizada pelo famoso compositor Wagner.

Seu celular tocou. Ele viu o número no visor, era um velho amigo de mais de vinte anos, Carlos José, o Cazé, como era mais

conhecido. Ele atendeu em seguida. O amigo trabalhava em um edifício próximo, em uma empresa de consultoria em gerenciamento de projetos. Era engenheiro e tinha o cargo de gerente de planejamento. Sua tez era clara, tinha estatura mediana, era magro e seus cabelos eram aloirados, com entradas, que mostravam um sua calvice. Ambos tinham a mesma idade, aproximavam-se dos cinquenta anos. Conheciam-se havia pouco mais de duas décadas. Estiveram em muitas jornadas juntos. Siegfried

era moreno, ele e Cazé tinham a mesma altura, em torno de 1,70. Ele tinha um corpo de boas proporções, gostava de esportes e, quando dispunha de tempo, gostava de jogar tênis e frequentar a academia de musculação com certa regularidade. estava afastado dessas atividades por conta do local em que trabalhava, que tornava praticamente impossível qualquer prática desportiva. Já estava providenciando uma pequena instalação improvisada para que pudesse se entreter com algo.



Siegfried usava os cabelos cortados bem rente, tinha entradas discretas e se tornara grisalho prematuramente. Cazé trabalhava no Rio de Janeiro, mas morava em Santos, no litoral paulista. Ia para lá quase todos os fins de semana. Naquela época, havia se separado e tinha um casal de filhos. Ambos cursavam a universidade. Ele estava em seu segundo casamento, ou melhor dizendo, vivia em um relacionamento de união estável, pois, oficialmente, não se casara novamente.

– Oi, Cazé! – disse  
Siegfried.

– Vai ficar ai até que horas?  
– perguntou o amigo.

– Acho que mais uma hora,  
tenho de rever alguns orçamentos,  
analisar algumas propostas. Por  
quê? – perguntou Siegfried.

– Vamos tomar “uma” hoje?  
– o “uma” referia-se a algum tipo de  
bebida, cerveja de um modo geral.

– Mas logo na segunda-feira!  
Cazé!

– Estou querendo ir a um  
lugar aqui perto, onde dizem que o

melhor dia é hoje. Inaugurou não faz muito tempo.

– Que lugar é esse?

– Deixe-me ver aqui no cartão que me deram. Tem um nome esquisito – alguns segundos decorreram e, em seguida, ele retornou ao aparelho: – o nome é Scheherezade, conhece?

– O nome é de uma personagem do famoso livro *Mil e uma noites*, mas o lugar eu nunca ouvi falar.

– Bem, é uma espécie de clube privé de primeiríssima linha,

me disseram. As garotas igualmente são de nível elevado, é para uma clientela selecionada. Um de nossos clientes me arrumou dois convites e como sei que você deve estar em um “atraso” daqueles, acho que vai gostar. Dizem que o local é um luxo, mulheres lindíssimas, nível capa de revista. E hoje tem apresentação de dança do ventre.

– Depois de dois meses no meio da selva, o senso de bom gosto cai a zero – disse rindo para o amigo.

– Falaram-me que hoje tem

uma dançarina que é de se tirar o chapéu, e parece que não é sempre que ela se apresenta.

– Você já a viu? Já esteve lá?

– Não fui ainda. Quero ir. O Cirilo já foi e gostou muito. Qual é, cara? Você não é casado! Que mal tem?

– Tudo bem, onde fica?

– É perto, logo depois da Avenida Getúlio Vargas, em direção à Cinelândia, em uma daquelas transversais. Vamos juntos.

– Vamos a pé ou no seu

carro?

– Vamos juntos pegar o carro no estacionamento. Depois, seguimos para a zona Sul, combinado?

– Combinado.

– Temos de chegar cedo, porque assim conseguimos um bom lugar, senão, não vamos nem entrar; às segundas-feiras, o local é muito concorrido.

– Tudo bem, vou olhar alguns e-mails que acabaram de chegar e desço em seguida. Espero-o na recepção do seu escritório.

Siegfried deixou o escritório às dezenove horas em ponto. Pegou o elevador e desceu; foi caminhando para o edifício onde ficava o escritório do amigo, não muito longe dali. Chegando lá, permaneceu no *hall* de entrada esperando por ele. Minutos depois o amigo desceu e ambos seguiram para o estacionamento. Logo, foram em direção ao Café. Ambos estavam de terno. Quando ia ao Rio de Janeiro, nas reuniões com a chefia, era este o traje que usavam. Cazé usava um na cor cinza-claro com

camisa branca e gravata também cinza, mas com tonalidade bem escura. Siegfried usava um modelo azul-marinho bem forte, quase negro, risca de giz, camisa azul-clara e gravata também azul-marinho.

– O Cirilo me disse que é por aqui, vamos dobrar a primeira à direita.

– É ali, está vendo?

– Estou!

Saíram do carro e avistaram uma enorme porta de madeira pesada, era um lugar muito discreto,



sem letreiros, onde dois seguranças muito fortes e altos, ambos vestidos de terno preto ficavam na porta.

Cazé entregou a chave ao manobrista e ambos se dirigiram aos seguranças, que lhes solicitaram a credencial de entrada. Por ser um clube privé, o cartão era parecido com o modelo usado pelos bancos. Cazé mostrou os dois cartões de visitante e lhes foi dada a permissão para que entrassem.

O ambiente estava à meia luz. A decoração era sofisticada e sóbria, tinha a característica de um

restaurante de luxo. E, de fato, tudo era decorado com temas orientais, tapetes persas e espelhos. Havia sofás nos cantos e nos fundos do salão. As mesas combinavam com as cadeiras, que eram de almofadas. O ambiente estava começando a encher de gente. A casa era frequentada essencialmente por executivos que trabalhavam no centro da cidade. Tinha gente de longe também. Em sua maioria, o público era masculino com idade que ultrapassava os quarenta anos. Via-se poucos jovens. Os garçons

estavam impecavelmente trajados, era notório que o investimento ali fora alto. Em mais alguns minutos, estaria com a lotação esgotada. Um ou outro cliente jantava. Siegfried comentou com o amigo se realmente estavam no lugar que ele descrevera, pois até então não havia sinal nenhum de que poderia ser um local de encontros e shows eróticos de dança. De fato, nada parecia ser o que realmente era. Cazé chamou o maître e perguntou pelo show. Ele, gentilmente, pediu-lhe o cartão e, após examiná-lo, conduziu-os a

outro recinto, mantido em sigilo. Foi quando ambos pensaram estar em outro mundo.

Havia algumas moças e outras estavam chegando. Eram todas bem jovens, a idade variava dos 18 aos 25, 27 no máximo.

Siegfried e Cazé se sentaram um pouco longe do palco, mas tinham boa visibilidade. Ambos se impressionaram com as instalações do lugar.

– Muito bom gosto, hein Sieg?

– Sim, olhe, poucas vezes vi

lugares como este. Talvez tenha algo parecido em São Paulo, mas tenho minhas dúvidas. No restante do Brasil não conheço, e eu já andei um bocado, já fui a alguns lugares famosos no exterior, mas este é realmente um templo de luxúria – disse rindo.

Logo vieram os garçons com o cardápio.

– Bebida, senhores?

– Água mineral para mim, por favor – disse Siegfried.

– Eu quero uma cerveja – pediu Cazé.

Muitas mulheres do lugar se sentavam nos bancos instalados em frente ao balcão do bar e, com vestidinhos colados ao corpo, cruzavam as pernas. Aquilo era praticamente um convite para que a clientela se aproximasse. Algumas, em duplas, trios ou mesmo sozinhas, sentavam-se às mesas. Eram discretíssimas, e volta e meia lançavam alguns olhares flamejantes em direção ao público masculino, mas não assediavam ninguém de forma acintosa.

Não demorou para que Cazé

chamasse duas para se sentarem com eles. Em seguida, elas se apresentaram:

– Eu me chamo Carla – disse uma delas. Era morena bronzeada, muito bonita.

– Eu me chamo Sharon – falou a loira.

Todos os nomes são fictícios, obviamente, pensou Siegfried.

– Então? Como se chamam?

– Carlos José – muito prazer.

– Siegfried, mas pode me chamar de Sieg.

– Como se escreve? –  
perguntou a loira.

– Bem, eu não sou estrangeiro, mas o nome é alemão – e começou a soletrar – escreve-se com “s” de soldado, “i” de índia... Pronuncia-se: “Sigfrid”, entendeu?

– Mas que nome diferente! Adorei! – em seguida, sorriu.

“Se eu dissesse Eleutério ou Ataxerxes, ela diria a mesma coisa”, pensou Sieg.

Cazé chamou o garçon e pediu uma porção de pastéis e alguns canapés.



– Pegue uma cerveja, Sieg –  
falou Cazé.

– Tudo bem, vou tomar a  
água, estou com sede.

– Cerveja mata a sede –  
retrucou rindo. – Já deu uma olhada  
nos preços?

– Escorchantes! – respondeu.  
– Não dá para vir aqui sempre, não –  
completou. Em seguida, disse: – O  
preço de um jantar neste lugar dá  
para comer a semana toda em um  
restaurante de razoável qualidade.

– Eu até estava com fome,  
mas olhando o cardápio acabei de

perdê-la – disse rindo Cazé.

Havia também no local um amplo salão onde serviam refeições. A culinária era sofisticada, os preços exorbitantes, mas se via algumas mesas com cavalheiros endinheirados, acompanhados de belas jovens, com garrafas de champanhe de primeira linha sendo servidas fartamente.

Siegfried, falou para as moças:

– Vocês querem alguma coisa?

– Somente refrigerante –

responderam.

Todos começaram a  
conversar assuntos bem triviais.

– Vocês são daqui do Rio de Janeiro? – perguntou Siegfried.

– Sou de Goiás – respondeu a morena, que dissera chamar-se Carla. – Do interior, fui para Goiânia e de lá vim para cá. Cheguei há um mês, mais ou menos.

– E você? – perguntou Siegfried para a loira.

– Sou de Santa Catarina. Estava em São Paulo e algumas amigas vieram primeiro e me

chamaram.

– Vocês moram aqui mesmo na cidade? – perguntou Cazé.

– Eu moro em Copacabana – respondeu Carla.

– E eu estou em Botafogo – disse Sharon.

Ambas disseram que foram à cidade para estudar e buscar novas oportunidades em suas respectivas carreiras. Ademais, todas que ali estavam cursavam universidades e algumas eram formadas.

Carla perguntou onde trabalhavam e o que faziam.

Siegfried disse que trabalhava com seguros. Cazé falou que trabalhava em um banco de nome desconhecido e que era de São Paulo e estava no Rio de Janeiro a serviço.

Eram já quase vinte horas quando começou um show de *stripper*. Uma mulata estonteante entrou vestida num *tailleur* negro, parecendo uma executiva elegante do centro da cidade. O objetivo era exatamente esse: mexer com a fantasia masculina. A casa estava cheia. Um senhor, que

aparentemente parecia ter pouco mais de sessenta anos, estava sentado bem próximo ao palco, vestia-se elegantemente de terno negro e colete, e sobre a mesa guardava um buquê enorme de rosas vermelhas.

As luzes se apagaram, restava somente a luz do palco focada na dançarina, que foi anunciada como Angelina. Ela era alta, tinha o corpo perfeito e cabelos cacheados até os ombros.

Ouviam-se assobios. A plateia masculina se agitou. A

música começou a tocar, era um blues com solo de gaita. A atmosfera estava bem excitante.

Casé, já estava aos “agarros” com Carla, e Sharon encostou-se em Sieg. Este olhou de rabo de olho para Casé e ouviu Carla dizer:

– Aqui não! Se o gerente pegar, vai me mandar parar e posso ser punida. Vamos a um motel. Aonde está hospedado? Você não disse que é de São Paulo?

– Depois, amorzinho, vem cá, vem! – disse Cazé bem

alvorçado.

Um programa com uma daquelas moças não saía por menos de 600 reais. Algumas muito belas, só saíam dali por 800 ou 1.000 reais, talvez até por mais, sendo que um percentual do que cobravam ficava para a casa. Cazé, embora muito excitado, não estava a fim de desembolsar nada, no máximo 100 reais, como diria mais tarde.

Siegfried, um tanto quanto impaciente, olhava para os lados; percebia alguns olhares de outras garotas de programa em sua direção.



Elas ficavam na expectativa de o cliente recusar uma para se aproximarem.

– Tem dança do ventre aqui?  
– perguntou Siegfried.

– Tem sim – respondeu Sharon. – Geralmente, às segundas-feiras, para aumentar o movimento da casa. Mas a que vai se apresentar hoje, a Lussin, vem somente de vez em quando.

– Como é o nome dela?  
Lúcia? – perguntou.

– Lussin!

– Diferente!

– Dizem que ela é umas das donas deste clube.

– Dona? Qual a idade dela?

– Deve ter cerca de vinte e sete anos, estourando trinta.

Siegfried fez cara de admirado.

Enquanto isso, Angelina arrancava suspiros, assobios e palmas. Descera do palco e rebolava por entre as mesas. Àquela altura, vestida com uma minúscula tanguinha e um sutiã, que deixava à mostra parte dos seios. Alguns homens colocavam notas de 10, 20

ou 50 reais nas mãos dela ou na sua roupa íntima, e eram premiados com um beijinho na testa, na face, ou um afago nos cabelos, dependendo do valor da nota. O blues continuava. Em seguida, ela subiu ao palco e tirou a parte de cima, deixando os seios livres. Eram tamanhos “G”, lindos. Dançou mais um pouco e fez gestos obscenos. Segurava na barra vertical cromada que ia do teto ao piso do palco; esse era o momento máximo, ela praticamente se contorcia na barra, virara-se de cabeça para baixo e

fazia movimentos de contorcionismo. A plateia ia ao delírio. Em seguida, após se insinuar muito, tirou a parte de baixo, deixando todo o seu lindo corpo à mostra e arrancando aplausos entusiasmados de todos.

Siegfried aplaudiu e Sharon o convidou para sair. Polidamente, ele recusou. Sharon, que já estava de olho em outro homem, despediu-se.

Cazé estava fora de controle. Carla também lhe fez um convite, mas ele pediu um tempo para se recompor. Ela percebeu que ele não

sairia e, irritada, mas educada, saiu. Os dois ficaram sozinhos na mesa.

Passados alguns instantes, chegaram três belas jovens e se apresentaram, todas adotavam nomes de atrizes de cinema, TV ou modelos famosas. Uma bela morena com feições orientais, disse chamar-se Tainá e ser de Manaus; a outra morena se apresentou como Sabrina e falou que era do interior do estado do Rio de Janeiro; a terceira, mais clara, chamava-se Ingrid, era muito bonita, alta, tinha olhos verdes, cabelos castanhos-claros e um

belíssimo corpo. Disse ser do Paraná, era formada em Administração de Empresas e estudava Relações Internacionais. Segundo ela, chegou a ser uma das finalistas do concurso de miss naquele estado, trabalhou como modelo em eventos, posou para grifes de lingerie em revistas de modas e alguns desfiles. Todas disseram que não gostavam daquela vida, e esperavam em breve deixar de fazer o que estavam fazendo. Por baixo, ganhavam em torno de 8.000 a 9.000 reais por mês. Havia quem

tirasse até 12.000 ou mesmo 15.000. Algumas eram convidadas para viajar com seus clientes ou passar fins de semana em *resorts* ou balneários. Sonhavam em montar lojas, negócios próprios, franquias de perfumes etc. Disseram que conheciam uma moça que arrumou quem a bancasse e saiu da vida. Outra, casou-se com um europeu rico. Muitas ainda estudavam, faziam curso superior. Sabrina estudava Direito. Tainá fazia Fisioterapia. “Será verdade?”, pensou Sieg.

– Vocês não têm medo de serem descobertas? A família de vocês poderá vir a saber – falou Cazé.

– Bem – respondeu Sabrina –, aqui não vem qualquer um, tem de ter dinheiro.

– Mas você não disse que estuda? Já pensou chegar aqui um colega de faculdade? – disse rindo.

– Já esteve um professor meu aqui, me escondi – disse Sabrina rindo

– A maioria dos homens quem vem aqui são casados – falou



Tainá. Depois percebeu a mancada que deu, vendo a aliança de Cazé.

– Eu sou casado – disse Cazé sem o menor constrangimento.

– E você? – perguntou a Siegfried, percebendo que ele não usava aliança.

– Solteiro!

– Solteiro? Vai, conta outra.

– Ele é que esperto – disse Cazé.

– Mas me diz, você mora com alguém? – perguntou Ingrid, mostrando algum interesse.

– Não! Com ninguém.

– Tá brincando? Um tipão desse! Fale a verdade! Você é muito exigente?

– Eu? Claro que não! Destino talvez, ainda não encontrei uma maluca que se dispusesse a ficar comigo para sempre. Cazé sim é feliz, já está até no segundo casamento, tem dois filhos ótimos.

– Em seguida, completou: – Bondade sua, não vê meus cabelos? Quem vai querer um cabeça branca? Já viu como tem rapazes de ótima aparência por aqui? Devem ser jovens advogados, operadores da

Bolsa de Valores...

– Olhe! – completou Tainá. – Mil vezes um coroa do que um garotão, estes meninos não sabem nos tratar bem. Vocês sim, mais velhos, sabem o que fazer – riu.

– Estão querendo nos agradar, Cazé! – o amigo riu. Siegfried continuou: – Quer ir para a minha casa? Uma pessoa que me elogia o tempo todo merece ir para a minha casa, quer? – perguntou rindo.

– Claro que quero. Vamos agora?

Os dois acabaram rindo muito.

– Deve ter tido uma baita decepção no passado – completou Ingrid.

Siegfried preferiu não responder. Tanto ele quanto Cazé ficaram em silêncio. As três mulheres perceberam que a situação de repente tornou-se constrangedora.

O salão estava esfumaçado, o ar condicionado estava ligado. Cazé pediu mais duas cervejas e uma porção de bolinho de bacalhau.

Algumas mulheres já garantiam suas noites. Via-se um ou outro casal recém-formado saindo. Um grupo musical formado por baterista, saxofonista e pianista iniciou uma pequena apresentação de jazz. Era o intervalo antes da apresentação da dançarina do ventre, ansiosamente esperada. Tocaram várias músicas. O repertório era de bom gosto. O maître passou pela mesa de Sieg e Cazé.

– Este grupo sempre se apresenta aqui? – questionou Sieg.

– Só às segundas e sextas-feiras, senhor. Às terças e quartas-feiras temos MPB. Às quintas-feiras se apresentam cantores com repertório variado.

– Muito bom esse pessoal. – O maître agradeceu e se foi.

– Olhe, não sou muito chegado em jazz e bossa-nova, não – disse Cazé.

– Você não sabe o que está perdendo. É muito legal, Cazé. Tire um tempo para escutar quando estiver em casa.

O conjunto terminou a

apresentação. Passados vinte minutos, as luzes se apagaram, ficando acesas somente as luzes do palco. Em seguida, entrou o mestre de cerimônias, com voz grave e timbre de locutor de noticiários de rádio antigo. Era um senhor baixinho, usava bigodes e vestia um *smoking*. Logo, anunciou o grande momento da noite:

– Agora, a dançarina Lussin!  
A princesa do oriente, das mil e uma noites!

Todos aplaudiram, muitos assobios, o povo ali presente a

aguardava com grande ansiedade e expectativa.

Inicialmente, entraram os músicos. Tinham estilo. Era um grupo formado por bongó, flauta e alaúde.

Começaram a apresentação com música estilo árabe. Tocaram um número como introdução, que parecia ter um efeito hipnótico. O homem do bongó começou a rufar o instrumento e, em seguida, entrou a grande estrela da noite: Lussin. Sua entrada triunfal foi seguida de uma salva de palmas da plateia, foi uma



recepção calorosa. Vestia uma túnica de seda azul-turquesa, estava ricamente trajada; suas vestes faziam jus ao título de princesa. Além do azul, tinha uma estampa de ramos nas mangas. Por toda a túnica se viam pequenas estrelas e meias-luas, no estilo muçulmano. Um véu também azul cobria-lhe parte do rosto. Por baixo, usava uma máscara negra. Compondo seu figurino ainda usava uma tiara prata na cabeça que prendia os cabelos. Ao entrar, recebeu o buquê de rosas que o senhor sentado próximo ao palco

carregava.

– Sabia que aquele homem é um juiz? – perguntou Ingrid, referindo-se ao senhor grisalho elegantemente trajado.

– É mesmo? – replicou Sieg.  
– Olhé só!

– Aqui vem juiz, políticos e tem até um deputado evangélico, que somente entrou na igreja evangélica para angariar votos. Tem muita gente importante – completou ela.

– Dizem que é um dos donos desta casa. Ele só vem de vez em

quando, só quando Lussin aparece. Quando ela não se apresenta, ele não vem. Quando está aqui não fica com ninguém, mulher nenhuma o interessa, ou melhor... – ela se arrependeu e parou o que ia dizer.

– Essa tal Lussin fica com ele após o show ? – Quanto será que ela cobra? – perguntou Cazé rindo.

– Acho que não, ninguém nunca a viu sem aquele véu. Dizem que ela é uma das proprietárias deste clube, ou mulher do dono, sei lá.

– Interessante, hein, Cazé? –

disse Sieg.

– Muito!

– O juiz é apaixonado – falou Sabrina.

Siegfried percebeu que Ingrid estava tensa. Não sabia o que poderia tê-la deixado assim e, por um instante, sentiu que existia uma rivalidade entre ela e a dançarina. Ela tanto olhava para o show de dança quanto para o suposto juiz, parecia haver alguma coisa entre os três.

Lussin iniciou seu número; deu alguns passos, tirou a túnica e a

plateia aplaudiu. Por baixo, usava um manto também azul em outra tonalidade, feito de um tecido fino, quase transparente, que deixava à mostra, de maneira discreta, seu corpo exuberante. Ensaiou alguns movimentos pelo palco. A música prosseguiu. O clima era de excitação pelo espetáculo que se via. Lussin dançava. Carregava toda a atmosfera de mistério e fascínio do Oriente para dentro daquele café, ali, naquela rua do centro do Rio de Janeiro. Seus braços faziam movimentos sincronizados. Suas

mãos, seus dedos, tudo em perfeita sintonia. Estava descalça, tinha as unhas muito benfeitas e cuidadas; seus cabelos estavam cacheados, quase louros; deve ter ficado horas se preparando para se conseguir aquele efeito, pois eles estavam cheios de vida e combinavam com ela e com tudo que ali estava. Lussin fascinava a todos, seus movimentos pareciam com um desfile de uma felina, uma tigresa dos confins da Ásia ou de uma floresta exótica, ora lembravam uma serpente indiana sob

encantamento de algum mago hindu, na verdade, naquela noite, ela era o mago e todos ali eram serpentes hipnotizadas por ela. Era uma cena que muitos homens, de um jeito ou de outro, já haviam visto em filmes ou em contos, ou mesmo em sonhos. Uma cena típica de um bazar egípcio.

A música e a dança prosseguiram. Lussin soltou seu manto fino e mostrou a roupa típica de uma dançarina do ventre, com suas coxas muito bem torneadas e parcialmente à mostra. A parte de

cima escondia parcialmente os seus grandes seios. Ao soltar o manto, percebeu-se melhor sua altura, pouco mais de 1,70. Ela não era magra, tinha belas curvas, quadris largos e proporcionais; era o sonho de muitos homens, era harmoniosa em todos os sentidos. Tinha a pele clara, levemente bronzeada pelo sol. Usava um colar prateado, cravejado de pedras vermelhas, provavelmente rubis. Os brincos eram na cor prata e tinham uma pedra escarlate discreta, assim como as pulseiras, uma em cada braço, com guizos em



formato de moedas ou medalhas. Na cintura, um cinto prateado com pequenos guizos redondos também, que faziam barulho de chocalho metálico. Cada peça que tirava, o público ia abaixo. Lussin bailava pelo palco, a música estava em harmonia com ela. Tinha uma ótima coreografia, era exímia no que fazia. Movimentava o abdômen e balançava os quadris de forma sensual, deixando todos paralisados. Ela ia de um lado ao outro do palco; o *ballet* que encenava se encaixava perfeitamente com a música que

executava. Lussin começou a tirar as demais peças de seu vestuário. Tirou a calça de odalisca, simplesmente desabotoando-a da cintura, e jogou-a no palco, deixando as pernas musculosas à mostra; eram longas pernas, lisas, coxas grossas, tornozelos bem torneados. Seu belo corpo provavelmente sido esculpido em uma academia de ginástica. Ela foi ovacionada e seu ritmo continuava imperturbável. Agora estava apenas de biquini, um modelo negro com adornos dourados. Mais alguns

passos e tirou o sutiã, mostrando seus seios grandes, bonitos e perfeitos, pareciam desenhados por um artista.

– Mas que maravilha! – exclamou Cazé aplaudindo.

– Lindos! – disse Sieg, também admirado.

Uma das moças, Tainá, disse que provavelmente os seios de Lussin eram de silicone..

– São perfeitos – disse Sieg.  
– Realmente deve ser obra de algum cirurgião, e dos bons – completou.

– Perfeitos demais! – disse

Cazé. – Serão naturais? –  
questionou, duvidando.

– Bem, não tem importância  
do que seja feito, naturais ou não, o  
resultado é o que é importa – disse  
Siegfried.

Todos riram da observação.  
Um calafrio começou a  
percorrer o corpo de Sieg. Seria uma  
simples coincidência? Uma  
tatuagem, uma meia-lua no seio  
esquerdo, de repente, aquele corpo  
lhe pareceu familiar. Embora  
encoberta pelo véu, as sobrancelhas  
e testa lembravam-lhe alguém que

conhecera havia alguns anos. Outro fato lhe chamou a atenção, ela usava um minúsculo piercing no umbigo. “Será um brilhante?”, pensou por um segundo. “Essas coincidências já estão passando dos limites”, disse para si mesmo. Os movimentos encenados pareciam que já os tinha visto numa pessoa que amara muito. Os trejeitos eram idênticos. Siegfried começou a sentir-se mal.

Lussin estava vestida apenas com a parte de baixo, o que realçava suas lindas pernas. Os seguranças estavam vigilantes, pois, em outras

apresentações, alguns mais exaltados exageraram e tiveram o devido tratamento, foram postos para fora do recinto. Ela resolveu descer do palco. Havia um corredor entre as mesas, um espaço por onde circulavam as moças que saíam e entravam do fundo do salão, e uma porta, que guardava os camarins onde as mulheres se aprontavam, pois muitas vinham de suas casas vestidas, sem chamar a atenção, e se trocavam nos compartimentos situados nos fundos do café. Lá, vestiam roupas mais provocantes.

Lussin se exibia nesse espaço, entre as mesas. Passou perto da mesa de Sieg e Cazé. Eles puderam sentir o seu perfume, uma fragrância única. O salão estava na penumbra, somente com a luz do palco. Agora passeava no corredor uma jovem que saiu do camarim. A luz de dentro iluminou parcialmente o espaço por onde Lussin dançava. Em um movimento brusco, ela soltou os botões que seguravam a calcinha e todos pensaram que ela estava nua, mas se enganaram; por baixo, restava um minúsculo fio

dental, praticamente transparente, tapando o seu sexo e preso por um fino cordão. A luz do compartimento do fundo saiu por uma fresta e iluminou rapidamente o corpo da dançarina. Sieg a olhou nos olhos e ela também nos seus. Ele abaixou o olhar e uma moça abriu a porta, ficando por alguns instantes parada. A luz vinda desse compartimento deixou o corpo de Lussin à mostra, foi quando Sieg percebeu a tatuagem próxima à virilha de Lussin, bem pertinho de seu sexo, quase imperceptível, só



dava para ver se ela estivesse nua ou com aquele minúsculo traje. A tatuagem era outra meia-lua negra, ou o quarto crescente dos muçulmanos, acompanhada de uma pequena estrela semelhante ao símbolo encontrado na bandeira turca. Sieg empalideceu. A dançarina o viu por entre a luz e seu comportamento, antes natural, a fez estremecer. Girou e fez o caminho de volta ao palco a passos largos. Retirou-se de modo repentino, terminando a apresentação abruptamente, para a surpresa de

todos. Foi aplaudida de pé, pediram seu retorno, esperaram e esperaram, e ela não mais voltou.

Sieg ficou paralisado por um momento. Em seguida, saiu para a rua. Correndo, deu a volta e se dirigiu para os fundos do café. Viu uma mulher usando uma echarpe sobre os cabelos e um longo manto cobrindo seu corpo. Rapidamente, ela entrou em um Porsche Cayenne cinza-chumbo metálico, que o manobrista já havia deixado ligado. Sieg foi em seu encalço, mas ela acelerou e sumiu na escuridão. Ele

anotou a placa, tinha final 10 ou 70, ficou um bom tempo parado fitando a rua deserta. Só saiu do transe quando Cazé bateu em seu ombro.

– O que deu em você, cara?

– Era ela, Cazé, ela!

– Quem, homem?

– Roxane! Cazé, Roxane!

– Que Roxane? Aquela tal menina?

– Ela mesmo.

– Como sabe? O rosto estava coberto.

– A tatuagem.

– Que tatuagem? Não vi

coisa alguma, cara!

– Quase não dá para ver, só vi porque quando umas das moças saiu do camarim, iluminou o corpo dela por uma fração de segundos. Percebi outra tatuagem em outra parte do corpo idêntica e no mesmo lugar.

– Jura? Tem certeza?

– Tenho, você viu o jeito dela? Ela me viu, fitou-me por um instante.

– Notei que ela saiu correndo, parecia ter visto algo que a deixou assustada.

– Um fantasma, Cazé, ela viu um fantasma. Eu sou um fantasma e ela o meu. Vamos embora, você pagou a conta, Cazé?

– Paguei.

Sieg tirou a carteira do bolso do paletó, abriu-a, pegou uma nota de 100 reais e deu para Cazé.

– Para que isso? – perguntou.

– Ora, é a minha parte – respondeu.

– Largue disso, fui eu quem o convidei.

Em seguida, o manobrista

chegou com o carro, um Astra. Cazé deu uma gorjeta e ambos entraram no veículo e saíram. Seguiram pela Av. Rio Branco em direção ao aterro do Flamengo. Ambos estavam em um modesto flat em Copacabana. Durante todo o trajeto os dois se mantiveram calados.

Chegaram ao hotel depois de cerca de 30 minutos. Devia ser onze e meia da noite. Normalmente, na hora do *rush*, levariam em torno de uma hora ou mais. Despediram-se.

– Estou querendo sair um pouco mais cedo amanhã, Cazé!

– A que horas?

– Umas sete e meia. Está bem para você? Vai caminhar cedinho na praia?

– Vou sim, posso levantar mais cedo, sem problemas. Espere! Estava me esquecendo, pediram para lhe entregar isto – era um cartão com um telefone e um nome: Ingrid.

Siegfried pegou o cartão, examinou, viu o nome e guardou.

– Ok, então! – responde Siegfried para Cazé.

No dia seguinte, saíram na

hora combinada. Cazé notou os olhos fundos de Siegfried e viu que ele parecia cansado. Na verdade, não pregara o olho, não só naquela noite como nas duas próximas seguintes.

Estava um bonito dia, ainda com pouco trânsito. Normalmente, Cazé saía às oito horas.

– Sabe, Cazé, estou pensando em antecipar o meu retorno a São Miguel.

– Você não ia daqui a cinco dias? Não vai passar na casa de seus pais?



– Ia, sim, mas estou querendo sair daqui o mais rápido possível. Depois de ontem...

– Você tem certeza de que é ela mesmo?

– Não viu o jeito dela depois que me viu? – E as tatuagens? Quer prova melhor?

– Você viu as tatuagens, mesmo?

– Vi! Impossível ser coincidência, ela tem duas tatuagens pelo corpo e foram as mesmas que eu vi. São praticamente imperceptíveis e nas mesmas

posições. Ela saiu rapidamente, nem quis saber dos aplausos. Eu anotei o final da placa do carro, vou dar uma verificada.

– Esse trabalho lá no Peru parece que vai longe, não vai? – perguntou o amigo querendo mudar de assunto

– A fase que vai entrar agora deve ter a duração mínima de um ano e meio, pelo menos. Estão falando de um gasoduto, oleoduto, mais adiante, acho que vai longe, não sei se aguento, se pelo menos me pagassem bem...

Estavam passando pelo Aterro do Flamengo, quando o celular de Sieg tocou. Ele viu o número e preferiu não atender.

– Vou deixar tocar, Cazé. É da Marina.

– Marina? Olhe só, está de namorada nova e nem me disse nada – brincou.

– Não é namorada, Cazé, é uma estudante de turismo que conheci nestes dias que estou por aqui, tem vinte e três anos.

– Outra novinha?

– Pois é! Você vê! Estou

saindo fora e já chega outra. Não vou repetir o mesmo erro. Ela não tem pai, mora somente com a mãe, que tem um salão de cabeleireiro em Copacabana.

– Passe o tempo com ela, Sieg, deixe de ser bobo.

– É assim que as coisas começam, Cazé. Pensamos que não é nada e, de repente, estamos atolados até o pescoço. Com a outra foi assim. Quando dei por mim, já era tarde. Essas meninas nos trocam de um dia para outro. Em um dia dizem que nos adoram, dois dias

depois, dizem que estão em outra. Não dá para confiar. Você se lembra da Silvana? Você estava querendo até terminar seu primeiro casamento por causa dela, lembra-se?

– Nem me fale, Sieg, nem me fale!

– Inventei que estou indo para Manaus e que não sei se volto. Sabe o que ela me disse? Que nas férias de fim de ano vai querer conhecer o Amazonas. Estou fora, Cazé, fora!

Chegaram em um estacionamento no centro da cidade.

Os escritórios de ambos ficavam situados bem próximos um do outro. Despediram-se e cada um tomou sua direção. Antes, combinaram de almoçar juntos.

Ao chegar, Sieg foi direto para a sala de Moraes.

– Preciso de um favor ! Você conhece alguém no DETRAN?

– Tenho contatos lá, por quê?

– Bateram no carro de um amigo meu e fugiram. Peguei o final da placa. É possível saber quem é o dono?

– Claro que é, dê-me os

números e a marca do carro. Se quiser, posso acionar o Jamil, ele pode cobrar a conta do seu amigo – disse rindo e completando: –, ele conhece todo mundo no DETRAN, não vai ter dificuldade.

Jamil Assad era o advogado que prestava serviços na área jurídica da empresa.

– Tudo bem, aqui estão. É um Porsche Cayenne cinza-escuro, final 10 ou 70. Acredito que não deve ter muitos desses na cidade.

– Vamos ver, o Jamil deve estar no escritório dele. Acho que

vai passar por aqui antes do almoço, depois vai para o fórum.

No dia seguinte, Jamil ligou para Sieg e lhe forneceu as informações que ele buscava.

– Bem, o Porshe Cayene cinza, com as características que você informou, pertence a um político, um senador, chama-se César. Já o vi na televisão, é filho daquele famoso cacique “político do Norte do país, o endereço que consta fica na Lagoa, não encontrei nenhum outro Porshe cinza com final 10 ou 70, conforme a sua



descrição. Há algum brancos, pretos, mas não cinza com essa numeração. Sieg empalideceu, por um momento rezou para que as informações que queria não levassem a nada, secretamente desejava isso, mas não, tudo levava a Roxane.

“Então era ela mesmo”, disse pra si mesmo. “Roxane!”

Dois dias depois, Siegfried retornaria ao Peru.

## **Um Campo de Petróleo no Meio da Selva**

Sou jornalista e tenho me dedicado a dirigir e produzir documentários que, em geral, são exibidos na TV por assinatura e já me encontrava em adiantada fase de negociação para que alguns de meus trabalhos fossem exibidos também no exterior. Estava iniciando um

novo projeto que focava essencialmente o problema dos garimpos ilegais em terras indígenas e suas consequências. Como o assunto é vasto, e consegui muito material disponível, resolvi fazer uma série dedicada a este tema. Minha intenção era mostrar os dois lados envolvidos, tanto os garimpeiros quanto as populações locais, assim como os consequentes impactos ambientais e sociais que tal atividade acarreta. Foi quando eu e alguns membros da minha equipe nos encontrávamos na região

amazônica brasileira, colhendo depoimentos e registrando essas atividades em filme, que tomei conhecimento de um incidente ocorrido em São Miguel da Cachoeira, um pequeno povoado situado aos pés da Serra do Divisor, no Acre ou Serra da Contamana, próximo à fronteira com o Peru. Lá foi registrado um trágico conflito envolvendo garimpeiros, nativos e seringueiros da área.

Posteriormente, veio à tona que havia um político de uma família renomada envolvido, bem como

interesses de grandes Companhias de mineração. Ao saber desse episódio, foquei minha atenção em desvendar o que realmente teria acontecido. Outro fato que igualmente me aguçou foi saber que uma empresa petrolífera estava desenvolvendo um projeto não muito distante dali, mas do outro lado da fronteira, já em território peruano. Achei que esse tipo de empreendimento em um lugar tão hostil poderia render também um bom programa. Alguns membros da empresa tiveram participação ativa

nos incidentes registrados naquele lugar, portanto, havia um farto material a ser investigado e que poderia proporcionar uma boa matéria. Assim, desloquei-me para aquela minúscula cidade imediatamente após aqueles acontecimentos.

Demorou algum tempo para que a direção da Quest, a mencionada Companhia de petróleo, me desse autorização para fazer o documentário sobre o empreendimento que eles estavam executando no Peru. Não mencionei

que tinha a intenção de conhecer a versão daqueles que tomaram parte nos acontecimentos registrados em São Miguel, mas uma coisa levaria a outra. Por fim, depois de muitas reuniões com a direção da empresa, onde apresentei um esboço preliminar do que trataria o programa, assim como apresentei alguns trabalhos já realizados, pois já havia feito algo semelhante, consegui que eles me dessem sinal verde para prosseguir com um dos meus projetos. O outro seria direcionado ao meu propósito

original, que era registrar os intermináveis conflitos envolvendo a extração de ouro em reservas indígenas, assim como outras implicações.

Ao dar início a uma das fases de meu projeto, que agora seria dividido em duas vertentes distintas, onde um focaria o empreendimento na selva, dirigi-me inicialmente à base petrolífera e tive a oportunidade de conversar com diversas pessoas que também participaram naquele evento trágico, além do próprio gerente, ou seja,



colhi um bom material que embasaria o programa direcionado aos eventos de São Miguel.

Posteriormente, retornei a esta cidade, onde procurei por outros envolvidos. Alguns contaram o que sabiam, outros me deram pistas para novas buscas. Fui me dando conta de que havia um verdadeiro e interminável labirinto de situações entrelaçadas, parecia haver uma história dentro de outra, que remetia a outra, tal qual uma boneca russa, as famosas *matrioshkas*.

Depois de entrevistar várias

peessoas em São Miguel e na base da Quest minha busca se deslocou até o presídio de Rio Branco, capital do estado do Acre, onde pude conversar com um dos personagens-chave, à época, que se encontrava com a saúde muito abalada. Também consegui contato com um jovem índio, que parecia estar muito bem de vida, cujo apelido era Curupira e que preferiu omitir seu verdadeiro nome.

Algumas respostas seriam obtidas na cidade do Rio de Janeiro, em um café frequentado por

mulheres belíssimas e executivos, onde um desembargador aposentado e já bastante desiludido com a vida me contaria coisas de arrepiar os cabelos, assim como por um de seus mais próximos amigos, um professor de História e Geografia, que se dizia expert em Ciências Ocultas. Dessa forma, fui montando o quebra-cabeça.

Minha história começa no Peru, na selva. Conheci o engenheiro Siegfried Magalhães no aeroporto de Pucallpa, naquele país. Não me lembro do dia da semana,

mas foi no mês de novembro, uma época de muita chuva na região. Eu e alguns membros da minha equipe de filmagem, mais um auxiliar tínhamos chegado de Lima e fomos instruídos a procurá-lo na área de embarque, pois seguiríamos até o campo de petróleo que a Companhia petrolífera Quest desenvolvia na Amazônia peruana. Durante nossa visita, ele seria o anfitrião.

A empresa estava operando próximo à fronteira do Peru com o estado do Acre. Do lado brasileiro, situava-se o povoado que mencionei

no limite entre os dois países. Soube que o gerente da empresa também teria tomado parte de alguma maneira naqueles incidentes. Eu estava particularmente interessado nas pessoas envolvidas na tal empreitada e em conhecer que tipo de gente se envolvia em um trabalho como aquele, em um lugar à margem da civilização, onde constatei que pareciam viver em um mundo só deles.

Naquele instante, o gerente da empresa estava sentado no banco do aeroporto e falava ao celular.

Vestia uma calça jeans escura e uma camisa de manga comprida azul-clara, arregaçada até os cotovelos. Essa fora a descrição que ele me passou para permitir que eu o identificasse quando nos falamos por telefone dois dias antes. Assim que o vi, fui me apresentar. Apresentei-lhe os demais que estavam comigo e ele foi muito gentil e amável conosco, aliás, procedia assim com quem quer que fosse, como observei posteriormente. Durante os primeiros contatos com o pessoal do

escritório da Quest, no Rio de Janeiro já haviam me falado muito bem dele.

– Muito prazer, sou Yuri Belov. Chegou a oportunidade de finalmente conhecê-lo. – Em seguida, entreguei meu cartão de apresentação e prossegui apresentando o restante da equipe.

– O prazer, é meu – disse sorrindo. – Fui informado de sua visita pelo pessoal do Rio de Janeiro – e me entregou o seu cartão. – Aceitam um café? – ele perguntou gentilmente. – Vamos nos sentar no

restaurante, lá tem ar condicionado e é mais cômodo.

Resolvemos acompanhá-lo. Pucallpa é uma cidade de clima muito quente e úmido, e fica em pleno coração da Amazônia peruana. Estava um calor insuportável naquele dia, mas antes fui até o *toalete* do aeroporto. Ele permaneceu no banco do saguão me esperando. Carregava uma bolsa de mão e uma maleta menor, onde guardava um *laptop*. Depois que nos dirigimos ao restaurante, sentamo-nos à mesa, somente eu e ele. Meus



companheiros sentaram-se em outra. Assim que nos acomodamos, e após pedir um café e uma água, fiz uma pergunta, que havia me intrigado a princípio:

– Seu nome é um tanto quanto diferente, é germânico? – perguntei.

– Meu pai é um apreciador de óperas, principalmente as de Wagner, um compositor alemão.

– Sim, conheço – respondi. – E o senhor também gosta de canto lírico? – perguntei.

– Não muito, escuto algumas

coisas hoje em dia. Contudo, passei parte de minha infância e juventude escutando bastante coisa por causa do meu pai, mas aprecio música erudita e também não deixo de escutar blues – disse sorrindo. Em seguida, prosseguiu: – Mas pode me chamar de Sieg, é mais fácil. Pois bem, meu nome se deve a um personagem de uma lenda germânica e que, posteriormente, Wagner compôs uma ópera sobre o tema: O Anel dos Nibelungos. Siegfried é um dos principais protagonistas, conhece?

– Não conheço a lenda.

– Há quem diga que o escritor Tolkien, da série O Senhor dos Anéis, baseou-se nessa história, pois são muito parecidas. O Siegfried da lenda mata um dragão e fica com uma Valquíria e com um tesouro, mas a história é rocambolesca, daqueles contos de heroísmo, e ao mesmo tempo trágica, porque o principal personagem não tem um final feliz.

– Parece interessante, vou ver se encontro algum DVD dessa peça.

– Vai encontrar sim, eu mesmo comprei e dei de presente ao meu pai, mas se prepare, é uma ópera muito longa.

– Como sou de descendência eslava, meus pais também gostavam de música erudita e acabei tendo de escutar, na minha juventude, todos aqueles famosos compositores russos: Tchaikovsky, Rinsk Korsakov, Rachimaninoff, Mussorgsky e outros mais...Ainda hoje gosto de ouvir...

Depois, a conversa tomou outro rumo.

– Quanto tempo você espera ficar aqui, senhor Yuri?

– Bom, pessoalmente não posso me estender muito, pois pretendo finalizar a primeira parte o mais breve possível; já estou negociando com um canal no Brasil e com outros no exterior. Farei uma série, mas parte de minha equipe deve permanecer mais um pouco, se o senhor não se incomodar, porque gostaria de conhecer as pessoas, saber um pouco da história de vida delas, e talvez tenha de voltar, se o senhor não se importar.

– Evidente que não, estamos a seu inteiro dispor – ele respondeu prontamente. – O senhor pode conversar com quem quiser, acho que vai ser bom para a imagem da empresa, porque muitos pensam que somos predadores – disse sorrindo.

– O senhor é do Rio de Janeiro? Percebi o seu sotaque.

– Sim, sou, do interior do estado. E o senhor, é de onde?

– Do Paraná, do interior também. Sou descendente de ucranianos e russos, como pode notar pelo meu nome. Sou de uma

família de imigrantes, mas atualmente estou estabelecido em São Paulo, vivo na capital. Tenho três filhos.

– Há quanto tempo está aqui neste lugar? – perguntei.

– Bem, acho que já deve fazer cerca de dois anos.

– Mas não se sente cansado?

– Sim! Uma semana aqui parece um mês em outro lugar – disse com ar meio de desânimo

– Mas deve ter algum tipo de folga, não?

– Claro – respondeu. – A

cada dois meses visito minha família. Passo dez dias em casa, mas vez por outra me desloco até Lima ou Rio de Janeiro por um par de dias para alguma reunião. Como o ritmo dos trabalhos está intenso, quando me ausento por uma semana que seja, retorno meio fora de forma; parece que passei um semestre longe, mas nem sempre consigo ir religiosamente a um par de meses, já passei mais tempo aqui.

– Desculpe, mas com que idade o senhor está?



– Faço cinquenta e dois este ano, e o senhor? – perguntou-me.

– Cinquenta e seis – respondi.

Embora ele fosse bem grisalho, não mostrava muitas rugas, parecia ter no máximo quarenta e cinco anos. Disse isso a ele, que me respondeu que talvez se devesse às atividades físicas que tentava fazer diariamente, pois contava com uma pequena, mas bem aparelhada academia no campo.

– O senhor não aparenta ter filhos? Eles devem sentir sua falta,

não? – falei em seguida.

– Não, sou solteiro, tenho os meus pais e dois irmãos mais novos no interior do estado do Rio de Janeiro.

– Está falando sério?

– Seríssimo – disse sorrindo.

– Inteiramente solteiro, não tenho filhos.

– O senhor é que é esperto, sabia? – disse em tom de brincadeira.

– Por favor, pare de me chamar de senhor, se preferir me chame somente de Sieg – Em

seguida, voltou ao assunto. – Todos os meus amigos que se casaram e meus irmãos me falam a mesma coisa – completou ele, com ar de deboche. – Também, com essa vida que levo, não sei se teria alguma mulher para me suportar.

– Você não vê a hora de voltar ao Rio de Janeiro, não é mesmo?

– Acho que depois desse trabalho, não tenho muita certeza se volto.

– É uma pena o que fizeram com o Rio de Janeiro, uma cidade

linda, mas muito violenta.

– É, tem esse problema da violência também, mas São Paulo também não está muito atrás – disse eu sorrindo. – Apesar de eu ser jornalista, minha vontade é escrever romances policiais. Tinha planejado me aposentar e começar a escrever. Teria muitas histórias para contar.

– Se soubesse da minha....

– Deve ser interessante – respondi – –Já deve ter vivido muitas situações que mereceriam ser postas no papel. O que acha?

– Olhe, já vi muita coisa,

quem sabe lhe conto um dia?

– Já se acostumou com a selva? – perguntei.

– Adaptei-me. As circunstâncias da vida me trouxeram para cá. Gosto mesmo é de estar junto ao mar, não tem coisa melhor do que viver em frente à praia – disse sorrindo e prosseguiu: – e trabalhar no seguimento marítimo, na área *offshore*, aquilo sim é que me dá gosto – falou entusiasmado. Em seguida, continuou: – Os problemas aqui são enormes, a logística é problemática,

é tudo de barco ou de avião, não tem jeito. As distâncias são grandes, temos muitas dificuldades em levar os materiais e os homens, se tudo não for bem administrado, vai por água abaixo. Uma das grandes dores de cabeça que temos é contornar os problemas humanos, lidar com pessoas, administrar conflitos pessoais; é tudo muito difícil, é quase igual ao trabalho no mar, na plataforma.

– Já trabalhou no mar muitas vezes? – perguntei.

– Sim, várias vezes –

respondeu.

– Gostou?

– Bem, meu último trabalho embarcado foi péssimo. Fazia manutenção, e das situações ruins também se pode tirar boas lições, mas nada se compara à construção de uma plataforma nova; é outra coisa, é fascinante.

– Mas o que o trouxe aqui? Alto salário? – brinquei.

– Olhe! minha vida daria uma história e tanto, nos últimos dois anos então... Se eu lhe contar você põe no seu livro? – brincou

comigo, evitando dizer o real motivo de estar naquele lugar.

– Claro que sim – disse animado.

A partir dali, comecei a tomar conhecimento do que ocorrera com aquele homem. Tivemos várias conversas e ele foi me contando o que se passou aos poucos. Assim, fui montando o quebra-cabeça, mas a história da vida pessoal dele não era objeto de um de meus documentários, que seria direcionado ao titânico projeto que eles estavam realizando. Apesar



de eu também sempre gostar de focar o lado humano por trás das grandes realizações, o público em geral se interessa em saber da rotina do pessoal que envolve este tipo de tarefa, bem como as reações que tais pessoas têm diante das incertezas e das condições adversas que enfrentam no dia a dia.

O helicóptero que nos levaria até o campo de petróleo estava em manutenção. Foi-nos avisado que ia demorar um pouco mais, era cerca de dez horas quando o piloto apareceu: um peruano simpático e

sorridente, baixinho, moreno, com traços de índio e pouco mais de trinta anos. Sieg se mostrou alegre ao vê-lo. Conversaram animadamente em espanhol; ele me apresentou e depois recomendou que o piloto desse uma olhada no aparelho, o que Diego disse que já tinha feito. Falou que faltava uma peça que chegaria no voo procedente Lima e que ele não ficasse preocupado.

A manhã daquele dia passou. Almoçamos com o pessoal da minha equipe e com alguns funcionários

remanescentes que Sieg estava esperando: um venezuelano e um brasileiro, um negro forte, de cabelos branquinhos e curtos, ambos estavam envolvidos com ele na construção da base. Em torno das duas hora da tarde, partimos em direção ao campo distante de Pucallpa, cerca de 100 km dali. Durante o trajeto, pegamos um pouco de chuva; íamos contornado alguns rios, a paisagem era deslumbrante. Pouco mais de quarenta minutos, avistamos a pista de pouso. Na chegada, o gerente

administrativo da Quest, Euclides, também homem de confiança de Sieg, nos esperava numa *pick-up* Land Rover. Notei que havia um enorme rigor com segurança. A empresa contava com ex-major do SAS britânico como consultor, e muitos ex-militares das Forças Armadas peruanas faziam a segurança da base, pois naquele ano foram registrados alguns ataques a empresas que operavam na selva, que supostamente se atribuíram a grupos remanescente do conhecido Sendero Luminoso, que teriam

voltado a atacar e se juntado a narcotraficantes. Segundo eu soube, tais medidas foram tomadas após o incidente de São Miguel do outro lado da fronteira, embora não tenha nenhuma ligação com os supostos guerrilheiros.

Ao chegar, notei que Sieg era bastante popular entre seus homens. Falava com um, com outro, alguns vinham cumprimentá-lo e vários deles o conheciam de muitos outros lugares, onde estiveram juntos, comungando do mesmo sacrifício de derrotas e vitórias. Participavam

daquele projeto pessoas de várias partes do mundo. Faziam parte de um grupo multinacional, sob responsabilidade dele, que passava a imagem de uma pessoa que fazia tudo aquilo que o dever impunha, era bem-educado, cortês e severo, às vezes. Em um ambiente hostil como aquele, era a têmpera de seu caráter e a sua resistência que inspiravam os demais. Mas notei também que vez por outra ele parecia ter dentro de si certa angústia.

A região amazônica é praticamente um continente,

equivale em área a vários países europeus juntos, porém é pouco povoada, os meios de transporte são precários e tudo se faz pelo ar ou pelo rios, centenas deles, ou quem sabe mais de mil, entre grandes cursos d'água ligados a ramais e córregos, um mar fluvial. Qualquer coisa que se proponha a fazer em um lugar como aquele, o nível de dificuldade será multiplicado por incontáveis vezes.

A jornada de trabalho normal do pessoal da Companhia petrolífera, bem como das empresas

subcontratadas imbuídas pela construção das instalações, iniciava-se às sete horas da manhã e se encerrava às cinco horas da tarde, mas normalmente era estendida até dezenove ou vinte horas. Alguns trabalhos prosseguiam noite adentro. Sieg, ao anoitecer, gostava de fazer caminhadas na pista construída às margens do rio para o pessoal se exercitar. Havia época, conforme ele mesmo me disse, que esse tipo de atividade era impossível, por causa dos insetos, sobretudo para evitar malária, e



pelos temporais que caíam.

Também foi construído um pequeno ginásio, com alguns aparelhos e esteiras, que serviam para aliviar o *stress* diário, conforme ele me disse quando estávamos no aeroporto.

Depois da prática de seus exercícios diários, ele normalmente jantava e se punha a trabalhar novamente, indo até dez ou onze horas da noite.

Aos sábados e domingos também trabalhavam. Logo me juntei a ele nessas caminhadas e, aos poucos, fui descobrindo o que tinha se passado. Normalmente, sempre ao

pôr do sol ele ficava no cais, observando o crepúsculo. Todos os que o conheciam sabiam, de um modo ou de outro, o que lhe acontecera, e não o perturbavam nessa hora. Muitas vezes, ele parecia melancólico. Embora fosse uma pessoa ativa, ficava mudo, calado, como se uma recordação ou uma lembrança o remoesse. Dessa forma, passavam-se os dias, quentes, árduos, em cada amanhecer uma tarefa a ser cumprida. O anoitecer naquelas paragens era digno de uma pintura ou de uma

fotografia de um pôster. O céu e o sol, em combinação com as nuvens, adquiriam os mais variados tons de azul, violeta e vermelho.

Passei, nessa primeira etapa do trabalho que iria desenvolver ali, cerca de cinco dias. Parte do meu pessoal permaneceu por mais tempo. Voltei uma vez mais. Algum tempo depois, encontrei-me com Siegfried na cidade do Rio de Janeiro, apenas para jogar conversa fora e tomar algumas cervejas, pois nos tornamos amigos. Interessei-me em saber qual o tipo de perfil teria

uma pessoa para liderar outras em condições tão adversas e em um lugar tão inóspito. Tive a oportunidade de ver que Sieg era do tipo de tomar decisões rápidas, essencialmente prático, dificilmente deixava algo para depois; geralmente, com ele, tudo era resolvido no dia e na hora, a não ser o que não dependesse dele. As reuniões com seu pessoal geralmente eram de curta duração, exceto se o problema fosse um tanto quanto complexo e merecia alguma discussão mais demorada; nesse

caso, procurava ouvir a opinião de todos os envolvidos. De modo geral, não era de personalidade intempestiva nem de tomar medidas radicais; era bem moderado e conciliador, mas raramente voltava atrás em alguma decisão.

Apresentava também uma grande disposição de absorver problemas e fazer sacrifícios. Não o vi, e também nunca me disseram, que ele repassava aos subordinados os seus problemas de ordem pessoal ou profissional, como muitos que conheci, ou mesmo transferia

responsabilidades e culpas a terceiros, ao contrário, chamava para si até o que não lhe cabia. Os complexos problemas que envolviam um empreendimento daquela envergadura em uma selva daquelas, requeriam pessoas muito bem treinadas e preparadas.

Estavam concluindo um serviço de construção e montagem de equipamentos que permitiriam a extração de petróleo e gás. Quando esses projetos entram na fase de finalização da construção, os serviços se multiplicam e o prazo

parece mais curto.

Por meio de um dos integrantes da equipe de segurança, chamado Pedro Diaz, que conhecia muito bem os rios da região, fiquei conhecendo melhor aquele lugar. Ele me levou até um barco a motor com mais dois homens fortemente armados, ali pude admirar a beleza daquelas paragens. Havia toda uma política da empresa para preservar o meio ambiente local, também isso eu procurei enfatizar no documentário.

Pedro devia ter pouco mais

de cinquenta anos, tinha estatura mediana e era um pouco obeso. Seus traços eram tipicamente indígenas, nascera e se criara naquela região, pertencera às Forças Especiais do Exército daquele país e tinha muita experiência na selva. Contou-me que ajudara a combater a guerrilha na década de 80, e discretamente mencionou uma parte do episódio ocorrido em São Miguel.

No decorrer da semana, conheci o restante do *staff*. Euclides e seu auxiliar mais próximo, João Batista ou “Índio da Faca”, como



gostava de ser chamado, e seu primo Raulino, ou Lino. Cada um deles tinha uma história própria, e tudo se entrelaçava. Tive mais algumas conversas com Siegfried durante aqueles dias. Depois, retornei a São Paulo e voltei uma vez mais ao campo da Quest. Meses depois, encontramos-nos no Rio de Janeiro, onde ele participou de uma reunião de trabalho durante alguns dias. Em uma de suas folgas, convidei-o para tomarmos umas cervejas, embora ele fosse apreciador de vinhos, o que foi bom, porque depois de

algumas taças, ele resolveu abrir seu coração e acabamos por nos tornar amigos. Sua existência parecia ser uma alternância de sucessos e derrotas, ia ao topo para, logo em seguida, ser atirado ao solo. Era uma sucessão de aventuras e situações inusitadas, fatos inesperados que o pegavam de surpresa, mas, no entanto, parecia que desde a infância ele tinha se preparado para ser testado em todos os tipos de provações que podiam ser colocadas diante de uma pessoa, quer num lugar remoto, quer no

mar, que ele tanto gostava. Estava sempre esperando o pior, mas saía sempre superior ao que se apresentava. Pelo que pude perceber naqueles dias, ele vinha submergindo de um longo mergulho nas profundezas.

## **Voltando no Tempo**

Cerca de sete anos atrás, Siegfried estava muito bem empregado no Rio de Janeiro, em uma multinacional de petróleo americana do Texas, com sede em Houston. Era a Ocean, Drilling & Engineering Company.

A empresa atuava em várias partes do mundo na área de

perfuração e exploração, com participação em algumas refinarias mundo afora, bem como em projetos de Engenharia relacionados à indústria de petróleo. Além de atuar nos Estados Unidos, estava presente no Oriente Médio, na Venezuela, no Golfo do México, em alguns países africanos, no Mar do Norte, entre outros. No Brasil, já atuava em perfuração em toda a costa, mas tinha presença significativa na Bacia de Campos já havia algum tempo, com várias plataformas sonda.

Siegfried me contou um pouco de sua experiência e de seu conhecimento nesse segmento, o qual vivera antes de estar ali na selva peruana. A estatal brasileira de petróleo, a Petrobras, promoveu uma licitação internacional de fornecimento total de uma plataforma, incluindo todo o projeto, todos os equipamentos, a construção e posterior produção; a concorrência foi ganha pela Ocean. Tratava-se, neste caso, da conversão de um navio petroleiro de longo curso em uma plataforma.

A embarcação, embora fosse mantida suas características principais, seria totalmente mudada. A casa de máquinas seria retirada e um grande reforço estrutural seria feito para permitir a montagem de milhares de toneladas de equipamentos e tubulações sobre o convés, a fim de permitir sua estabilidade quando em alto-mar, com um mínimo de oscilação. Toda a instalação das acomodações seria modificada; normalmente era chamada de casario, pois em vez de uma tripulação, teria um grupo de

funcionários para operar o complexo. Seriam construídos sala de controle, escritórios, um minicinema, uma sala de TV, de jogos e uma pequena academia de ginástica. Além disso, seriam ampliados o refeitório, a cozinha e as instalações sanitárias. Também teria uma quadra de futebol de salão, enfim, tudo para dotar a unidade com um mínimo de conforto possível àqueles que operariam a planta. Seria como montar uma pequena indústria de refino em cima de um navio, pois o óleo, ao sair do fundo



do mar, vem associado com gás, água salgada e lama. Os equipamentos montados no convés fazem a separação desses elementos e, posteriormente, o petróleo é enviado a outro petroleiro, e dali para algum terminal de armazenamento e posterior refino em terra, ou mesmo para exportação. A esse tipo de plataforma ou unidade se dá o nome de FPSO, uma sigla hoje em dia comum de se ver na imprensa e nos cadernos de economia dos grandes jornais. Em inglês, significa

*floating, production, storage and off loading.* Em português, é o mesmo que dizer flutuação, produção, estocagem e descarga. Todo o casco foi modificado em um estaleiro asiático. Os equipamentos foram montados sobre módulos ou *skids*, e estes foram instalados no *deck* principal, ou convés. A operação de construção dos módulos foi realizada no país. Assim, quando o navio, ou melhor, o casco ficou pronto na Ásia, veio ao Brasil para ser completado. Quando todo o trabalho estivesse terminado, o

navio seria levado ao litoral Norte do estado do Rio de Janeiro e ficaria fixo sobre um campo de petróleo.

O prazo contratual havia sido vencido tinha cerca de seis meses. A Ocean estava pleiteando um novo prazo e tentando renegociar um novo valor adicional ao contrato original, pois ao longo da construção houveram várias modificações no projeto, muitas dessas mudanças foram feitas a pedido do próprio cliente, sendo que o projeto básico foi desenvolvido pela própria empresa, porém

decorre um período de tempo entre a concepção e a efetiva execução da obra. Houveram muitos problemas no projeto de Engenharia, muitas rotas de tubulação e cabos elétricos tiveram de ser refeitos, e alguns trechos por várias vezes. Toneladas de tubos foram montadas, desmontadas e remontadas em outro lugar, tudo isso demanda tempo e gasto de mão de obra adicional.

Quem respondia pelo empreendimento da Ocean no Brasil era um americano do Texas, com jeito de coubói. Seu nome era

Richard Maxwell, um sujeito com quase dois metros de altura, cerca de cinquenta e cinco anos, louro, com bigodes, inseparável de seus óculos escuros, mesmo dentro de recintos fechados. Era um fumante inveterado. Tinha porte atlético, mas estava mais para obeso. Seus cabelos grisalhos eram penteados para trás e ele tinha algumas entradas na testa. Usava cinto de vaqueiro. Era separado e tinha um casal de filhos no Texas. Possuía um bom temperamento e se relacionava amistosamente com seu grupo de

trabalho. Gostava de festas, de patrocinar almoço para a equipe e sair muito à noite no Rio de Janeiro, apesar de já ter sido advertido dos riscos que corria. Arrumou várias namoradas e recebeu muitas propostas de casamento, mas dizia a todos que do Rio de Janeiro só sairia com presentes para os amigos e a bagagem de roupa. Era um tipo a quem todos gostavam, rígido quando necessário e brincalhão. Às vezes, causava risos em todos quando tentava falar algo em português, especialmente gírias e

palavrões, e estava até aprendendo o idioma. Tinham-no como um profissional competente, pois estava no ramo havia vários anos. Este não era seu primeiro projeto do gênero. Richard tinha numerosos gerentes abaixo de si, um em cada setor específico: construção, planejamento, custo, suprimentos de materiais, controle da qualidade, logística, engenharia etc.

Siegfried era um dos poucos brasileiros que ocupava um lugar de destaque, era um dos gerentes de construção, os outros eram

provenientes de vários países. Assim como a Quest, a Ocean era integrada por pessoas das mais variadas partes do mundo. Ele, hierarquicamente, era subordinado direto de Max. Tal estado de coisas fazia com que fosse admirado por uns e invejado por outros. Despertava todo o tipo de despeito de muitos. A Ocean também contratou vários consultores, muitos também brasileiros e com grande experiência, mas não tinham poder de comando. Sieg foi promovido a gerente porque um americano que



ocupava o cargo retornou aos Estados Unidos por motivos familiares; a princípio, ficara como interino, mas com o decorrer do tempo, Richard sentiu confiança nele e o efetivou na posição.

O navio havia chegado ao Rio já fazia cerca de seis meses. Viera incompleto, havia muito a ser feito, mesmo na parte que deveria ter sido executada na Ásia. A Ocean, inicialmente, anunciou que quando da chegada dele, o prazo que o navio ficaria no cais de um estaleiro no Rio de Janeiro para ser completado

seria de seis meses, pois funcionários calcularam que era o tempo suficiente para terminar tudo. No entanto, esse período passou e ainda restava muito a fazer, esgotando o prazo contratual. A embarcação era um monstro de aço com cerca de trezentos e cinquenta metros de comprimento por pouco mais de cinquenta de largura. Sua altura, da linha d'água até o convés principal chegava a cerca de vinte e sete metros. Acima do convés, ficavam os módulos de produção que estavam sendo instalados e

interligados. No topo de alguns módulos sobre o navio podia-se chegar facilmente a cerca de sessenta metros, tomando a linha d'água como referência. Era o mesmo que um edifício de vinte andares. O “grosso” da obra estava pronto, porém, a cada dia, mais e mais serviços e pendências iam aparecendo, e várias modificações ao projeto original. Eram pequenos serviços que totalizando se tornavam um grande trabalho ainda a ser concluído. O tempo escorria e havia muito o que fazer. Muitas

tarefas se desenvolviam em dois turnos. Siegfried estava sem folga já fazia cerca de quarenta dias. Normalmente, sua jornada de trabalho se dava das sete horas da manhã até as dezenove horas da noite, podendo chegar até as vinte e uma horas, dependendo do problema que se encontrava a cada dia.

Em geral, os membros estrangeiros da equipe da Ocean viajavam a seus respectivos países a cada 70, 80 e alguns até 90 dias e ficavam cerca de 7, 10 ou 12 dias. Richard havia viajado e seu retorno

era previsto no prazo de doze dias. Isso não ocorreu e depois de vinte dias de sua ida, chegou a notícia de que sua permanência lá se daria por mais tempo, por causa de problemas de saúde, mais precisamente um princípio de enfarte combinado com uma suspeita de câncer. Durante as viagens de Richard, quem assumia era seu braço direito e veterano de muitos trabalhos: David McQueen, que também era o gerente de planejamento. Foi por meio dele que todos souberam do afastamento prolongado de Richard e o anúncio

de seu substituto temporário:  
Edward Smith.

Se Richard Maxwell era o  
coubói, Edward Smith era o xerife.  
Ele era um alto executivo da Ocean,  
pouco mais velho que Maxwell,  
muito gordo, alto, mas de estatura  
inferior a Richard. Usava óculos de  
grau, era moreno-claro e tinha  
cabelos cortados rentes, à maneira  
dos militares. Era do tipo de falar  
pouco, só o necessário, muito sério,  
rígido, sisudo. Chegou com ares de  
inquisidor, querendo saber de tudo e  
de todos, quem era quem. David o

conhecia, e foi o que salvou um pouco o clima pesado que se instalou.

Ao chegar, Smith estabeleceu uma rotina de reuniões diárias, a exemplo de Richard, com a diferença de que com Richard as reuniões eram rápidas, sem perda de tempo, já com Smith eram mais longas e enfadonhas; eram sempre pela manhã bem cedo, uma ou outra vez a reunião era transferida para a tarde. Ele cobrava medidas, queria saber o porquê de determinado assunto não ter sido resolvido,

queria saber de prazo, do cumprimento deste, por que não fora feito isto e por que daquilo. Suas reuniões eram desgastantes, deixavam todos irritados; o ambiente não era dos melhores, mas não havia como não ser diferente.

Como a permanência de Smith era tida como temporária, a princípio ele pensou em substituir algumas pessoas e trazer pessoal de sua confiança, mas o retorno de Maxwell também era incerto, então resolveu trazer mais gente e manter os que já estavam. Muitos eram



funcionários que estavam disponíveis no exterior.

O ritmo dos serviços estavam acelerados e as cobranças cada vez maiores. Smith era um sujeito duro, Siegfried dava tudo de si, já estava a cerca de cinco fins de semana sem folga alguma e não ganhava hora extra. De Richard, havia a promessa de um prêmio no fim dos serviços, mas, agora, Siegfried duvidava que pudesse chegar ao fim, do jeito que as coisas caminhavam. Ele tinha um bom relacionamento com todos,

principalmente com o pessoal do cliente, pois conhecia muitos que ali estavam de outros empreendimentos do gênero, portanto, para ele tudo se tornava mais fácil, mesmo com os problemas que tinha com Smith. A doença de Richard deixou todos preocupados; rezavam para que ele se recuperasse logo e retornasse. A fiscalização sentiu que o pessoal caiu de produção, mesmo com a pressão crescente. Smith tornou-se um fator complicador e passaram a existir dentro da obra dois grupos rivais. Embora o tratamento entre

eles fosse de forma bem-educada e cordial.

Quem dirigia o projeto pela parte do cliente era um engenheiro muito experiente no ramo: Eugênio Albuquerque de Figueiredo, um funcionário de carreira, velho conhecido de Siegfried, e ambos se davam muito bem. De vez em quando, conversavam sozinhos, e este manifestou sua preocupação sobre o rumo que estava tomando o empreendimento que em nada o agradava. Um dia, depois de uma das reuniões que tiveram, Eugênio

conversou com Sieg:

– Então, como estão as coisas?

– Você está vendo, Eugênio, como estão.

– Sim, mas não me refiro à obra, estou perguntando como estão para você.

– Muito desgastante, não está nada fácil, existem as cobranças de vocês e tem as nossas internas, estamos nos virando entre vocês dois – disse sorrindo Sieg.

– O que me admira em você, é que pode estar tudo caindo, mas

você está sempre sorrindo e calmo. Isso é uma grande virtude, sabia? Nunca se deve desesperar, porque isso torna tudo pior.

– Sei disso, por esse motivo sou assim – sorriu mais uma vez Sieg. – Diga- me diga uma coisa particularmente.

– Sim – respondeu Eugênio.  
– O que é?

– Dizem que o Smith quer substituir algumas pessoas e falam que vocês estão sabendo, é verdade?

– Olhe, houve este “papo” sim, mas eu disse a ele com todas as

letras que ele pode trazer quem quiser e colocar até o dobro do pessoal, afinal, trata-se de um “pacote” que ele vai nos entregar pronto, mas manifestei a ele que não quero que tire ninguém da equipe atual, pois seria um desatino.

– Sêrio?

– Falei sim, e ele ficou caladinho.

– Eugênio, fale uma coisa, esse negócio de você ocupar o cargo de diretor? – perguntou Sieg, quebrando um pouco o clima.

– Sondaram-me, mas só saio

deste navio quando ele estiver no mar produzindo, talvez deixe aqui o Vinicius, mas vou ficar à frente ainda.

– Então o papo é quente mesmo? – questionou Siegfried, abrindo um largo sorriso.

– Mas não espalhe, se não já viu, não vou ter mais sossego. E também é o seguinte: se “pintar”, não deve ser por muito tempo, com toda certeza o presidente da Companhia vai ser substituído, pois vai ter eleições presidenciais e, geralmente, o governo usa a

empresa como barganha política. Se realmente se confirmarem as pesquisas eleitorais que dão como certa a vitória da oposição, a outra diretoria deve entrar e pelo jeito isto aqui vai virar um paraíso dos sindicalistas.

– Mas você acha que vão mexer com o pessoal técnico, do seu nível?

– Realmente não sei, só esperando para ver.

Terminaram a breve conversa com um aperto de mãos.

Os dias foram se passando,



mais trabalho aparecia, o prognóstico de se levar o navio para alto-mar ia se estendendo. A Marinha e o IBAMA, em suas inspeções, exigiram mais mudanças, afinal, mesmo sendo uma plataforma fixa, era ainda um navio, e algumas exigências tinham de ser cumpridas, além de os cuidados com o meio ambiente estarem mais rigorosos.

O número de estrangeiros no projeto cresceu muito. Sieg e outros brasileiros que ali estavam consideravam aquilo um absurdo,

pois muitas das funções que eles ocupavam podiam ser ocupadas por profissionais do país, sem grandes dificuldades e tão competentes quanto os de fora, ou mesmo melhores. Havia não só americanos, como britânicos, europeus de diversas partes e alguns latino-americanos, venezuelanos, equatorianos, mexicanos, em geral pessoas oriundas de países onde a Ocean operava. O número de supervisores e gerentes para os padrões de um projeto daquele porte era enorme, e todo aquele pessoal

custava caro. Estavam no Brasil com despesas inteiramente pagas, se espalhavam por vários flats e apartamentos mobiliados da Barra da Tijuca à Zona Sul do Rio, alguns caríssimos. O resultado era que a empresa se tornava lenta, e naquele estágio se fazia necessário agir com rapidez. Um material que se encontrava na esquina, demorava tanto quanto outro que se comprava em outro estado.

Com o passar do tempo e todo o sacrifício, a fase dos serviços com o navio atracado estava

chegando ao fim. A Ocean deu um prazo de partida e caso não cumprisse seria aplicada uma multa sobre ela e o navio partiria de qualquer jeito, e o que restasse seria terminado no mar, onde tudo se tornaria pior. Em mais ou menos trinta ou quarenta dias o navio seria levado ao campo de petróleo, na costa Norte do estado do Rio de Janeiro, a fim de se cumprir o compromisso firmado. Lá, entraria em nova fase, seria ultimado tudo que fosse necessário para iniciar a produção de petróleo, mas mesmo

assim ainda se dependeria da licença do IBAMA para se iniciar a produção.

Quando Richard estava à frente do empreendimento, confidenciou a Sieg que contava com ele para compor a equipe que embarcaria, pois Sieg estava no projeto desde o início e ninguém melhor do que ele para estar presente naquela fase. Precisariam de um representante da construção, que comandaria a equipe de apoio e o término dos serviços. O comando dos trabalhos no mar ficaria a cargo

de outro gerente, mas ainda assim subordinado a Maxwell, mas este não mais estava presente e Sieg desconhecia o rumo que as coisas tomariam.

Certo dia, Sieg encontrou com Eugênio mais uma vez, e foi este quem lhe deu a notícia que muitos ansiavam:

– Parece que o Richard está de volta!

– Sério! – falou Sieg com entusiasmo

– Você não sabia? – perguntou Eugênio. – O Smith me

disse hoje. Parece que os dois vão ficar.

– Mas que notícia boa! Fico contente em saber, talvez o David saiba de mais algum detalhe.

– Escute uma coisa! – pediu Eugênio.

– Sim? O que é?

– Dê uma passadinha na minha sala que tenho um assunto a tratar com você, uma proposta de trabalho em uma empresa que conheço, se interessar, lhe passo as informações necessárias.

– Tudo bem! – respondeu um

tanto quanto surpreso. – Agradeço-lhe por ter se lembrado de mim.

– Ok, depois conversamos.

Decorridos alguns dias, Siegfried foi conversar com Eugênio sobre a tal oportunidade de emprego que este havia lhe dito.

– Então Siegfried! Este navio sai ou não sai até o fim do mês do cais? – perguntou em tom de brincadeira.

– Vai sair no peito – disse Sieg.

– Bem, é o seguinte, Siegfried, como está sua real



situação? – Vou lhe explicar: conversei com Smith e disse que temos algumas sugestões de nomes que queremos no navio quando ele estiver em preparativos na Baía de Campos. Seu nome consta da nossa lista, afinal, já é a sua terceira obra do mesmo tipo, estou certo?

– Sim.

– O que você acha? Afinal, serão mais cinco ou seis meses pela frente.

– Olhe, Eugênio, vou ser sincero, embarcar não me agrada, mas o salário da Ocean está acima

da média, e embarcado tem os adicionais, financeiramente é interessante. Mas você sabe o quanto é desgastante os serviços que se darão no mar, será só retirada de pendências, testes, acompanhamento de comissionamento, além de as horas não passarem. Aqui, catorze dias em terra voam, mas lá parecem uma eternidade. Temos a impressão de que vivemos pela metade, são 14 dias e 14 noites “ligados”.

– Você vai estar “ferrado”, Sieg, tudo que não der para fazer

aqui, e é muita coisa, vai sobrar para você fazer lá, já pensou?

– Estou sabendo, tenho plena consciência disso! Se aqui já é difícil, imagine lá, onde tudo depende de terceiros, de barcos, de helicópteros...

– O número de vagas a bordo será limitado, então vão ter de levar um número de pessoas igualmente menor.

– Sim. E já pensou quando o pessoal que vai operar o navio começar a exigir mudanças na planta? Mude isto, a válvula está

fora, a passagem está obstruída, esta escada não está boa etc. e tal – riu.

– Praticamente você vai ter outra obra ainda pela frente, Sieg. – Depois completou, interrompendo o rumo da conversa: – O Maxwell, esta semana, volta, não é? – perguntou.

– É o que se comenta – respondeu.

– Pelo que sei ele tinha você nos planos.

– Tinha sim, e me acenou sobre uma possibilidade de um serviço no Golfo do México, ao

término deste. Contudo, lá no Golfo o trabalho está começando agora, não sei se daqui a seis ou sete meses eles vão ter vaga para mim lá. Em todo caso, pode surgir uma outra oportunidade fora, nos Emirados Árabes, no Kuwait, na África, sei lá... e no exterior os salários e as vantagens são bem melhores do que aqui. Mas sem o Richard não há certeza de nada.

– A Ocean pretende se fixar no Brasil para explorar este mercado de construção de plataformas?

– Acho que não, eles não jogam para perder, e, na opinião deles, este contrato atual foi desastroso, eles vão continuar se concentrando na exploração de petróleo, o que já fazem, mas há quem diga que se houver um empreendimento de vulto no país, eles podem se interessar. Mas me diga sobre a oportunidade que comentou.

– Você conhece a Atlas? – perguntou Eugênio.

– Atlas? Este nome não me é estranho.

– É uma grande empreiteira de construção civil, já foram maiores, e atuam em mineração também. Agora, estão entrando no ramo de petróleo, todo mundo quer entrar nisso. Bem, conheci um dos diretores, na verdade, o filho do dono, ele se chama Salomon Armadunian, foi-me apresentado na feira de óleo e gás. Conversamos e ele me convidou para um jantar. Tinha gente graúda no meio, políticos, empresários e até um senador. Ele me disse que está procurando um diretor para

desenvolver a área na empresa deles. Disseram a ele que eu estou me aposentando e ele me ofereceu o posto, mas você sabe que falta ainda algum tempo para eu me aposentar e, sair agora, mesmo com o salário que me ofereceu, não é vantajoso. Além disso, daqui a quinze dias assumo a diretoria de engenharia, portanto, para mim não dá. E você? Aceitaria? Eu acho que você tem bagagem para assumir o cargo.

Siegfried ficou surpreso e atônito. “Um cargo de diretor”, Pensou.



– Vou conversar com o Richard, vou ver se ele tem algo para mim depois deste empreendimento, dependendo do que ele disser, eu volto a falar com você.

– Tudo bem, Sieg, tão logo volte, fale com ele o mais rápido possível, pois eu fiquei de dar retorno ao Salomon sobre um possível nome, e ele tem pressa.

– O Richard chega esta semana. Eu me entendo com ele e no máximo em dez dias volto a falar com você sobre isto. Dá para

esperar?

– Bem, não sei, vou ligar para o Salomon e te digo. Ficamos assim, então.

Apertaram as mãos e se despediram.

Richard não voltou em um semana, embora fosse esperado a qualquer momento.

Decorridos cerca de cinco dias, novas incertezas e corria um boato que Max demoraria um pouco mais. Sieg, então, voltou a falar com Eugênio sobre a oferta que recebera, pois se tivesse de esperar muito,

talvez perderia a oportunidade, era preciso garantir alguma coisa. Eugênio concordou com Sieg e sugeriu que ele conversasse com Salomon, que fizesse uma entrevista, quem sabe? Não custava tentar, e assim foi feito.

Eugênio fez um contato com Salomon, que lhe disse que ainda não tinha escolhido ninguém para o novo cargo, apesar de ter entrevistado muitos candidatos, mas que uma sugestão sua seria muito bem-vinda. Eugênio, então, avisou Sieg e lhe forneceu o telefone de

Salomon. Sieg ligou e foi atendido pela secretária dele, que já estava esperando o contato. A entrevista foi marcada dois dias depois do telefonema, pela manhã.

A sede da Atlas ficava em um edifício empresarial em Botafogo, bem em frente à enseada. Tinham se mudado havia pouco, antes ficavam em um dos vários prédios antigos do centro do Rio de Janeiro, na Avenida Presidente Vargas.

No dia da entrevista, Sieg vestia um elegante e caríssimo terno

na cor negra de uma grife italiana famosa. Conforme os consultores de RH, o candidato devia trajar-se de acordo com o cargo que pretendia ocupar, e ele queria passar uma boa impressão. Foi assim que se apresentou na Atlas, Construções, Mineração e Empreendimentos S/A.

A empresa ocupava os últimos cinco andares do prédio de doze andares. Eram cinco andares completos, pavimentos longos e espaçosos. Os escritórios tinham um ar imponente. Siegfried deduziu que possivelmente estavam gastando

uma “boa grana” na mudança, pois notou que toda a mobília, divisórias etc., estavam cheirando a novo. Podia-se perceber que muitos compartimentos ainda se encontravam em obras, pois aqui e ali se viam operários indo e vindo com materiais. O último andar era ocupado pela presidência da empresa, pelos diretores e alguns gerentes setoriais. Tinha uma grande sala de reuniões, uma sala de videoconferência, tudo decorado com muito bom gosto. “Sem dúvida, impressionante!”, pensou.

Siegfried passou pela recepção do edifício e dali foi enviado ao oitavo andar, na recepção da Atlas. Teve de deixar um documento qualquer, como é de praxe em várias organizações. Chegou ao piso indicado e se dirigiu a uma das recepcionistas uniformizadas. Eram todas bonitas e muito bem-arrumadas. Na parede da recepção, uma grande placa de aço escovado com o nome Atlas e o logotipo. Em volta da sala, alguns posters de algumas de suas realizações: hidrelétricas,

minerações, grandes viadutos, estradas etc. É muito comum ver isso na sede de grandes empresas de Engenharia. Ao chegar foi instruído a se dirigir ao último andar e se apresentar à secretária do dr. Salomon, como era chamado. E assim se deu. A secretária de Salomon era um mulher bonita, demonstrava ter muita classe, não devia ter quarenta anos; era morena-clara, alta, tinha cabelos castanhos-escuros, era charmosa, sem dúvida. Pediu que Siegfried aguardasse, que já seria atendido num instante, o que



levou longos e intermináveis trinta minutos. Finalmente, foi chamado, a secretária o acompanhou, pois estavam numa antessala. O gabinete de Salomon ficava de frente para a enseada de Botafogo, um verdadeiro cartão postal. A sala era muito bem decorada, mobília de primeira qualidade, muito ampla e espaçosa, mas sugeria certa ostentação.

Salomon era filho de Ismail Armadunian, fundador da Atlas e diretor-presidente do Conselho de Administração, e naquela época o maior acionista. Os outros donos

menores eram Ibrahim Muraht, que ocupava o cargo de vice-presidente, também aparentado de Ismail, na verdade, cunhado, pois se casara com a irmã dele, e por fim Paulo César Couto, que se juntou à Atlas não fazia muito tempo, na época das privatizações. O então dr. Couto fora diretor de uma grande estatal de mineração e por meio dele a Atlas ampliou sua atuação nessa área de operação de ferrovias, pois a empresa já operava em mineração antes da entrada dele. Mais tarde, Siegfried descobriria que havia

ainda mais um controlador da Atlas, um senhor ilustre, que quase não aparecia, era o senador J, como era conhecido.

Salomon, na época, tinha cinquenta anos. Era alto, moreno-claro, porte atlético, praticante de tênis, mesmo assim estava um pouco acima do peso. Tinha feições do Oriente Médio, cabelos pouco grisalhos, porque os tingia. Sobre ele, dizia-se que tinha temperamento forte, centralizador e era do tipo autocrático. Era o segundo filho de Ismail, o mais

velho era Leon, médico. Tinha duas irmãs mais novas, Sofia e Maysa, respectivamente com quarenta e dois anos e trinta e cinco anos.

Siegfried se apresentou a Salomon e ambos trocaram cartões de apresentação. Este se desculpou pela demora em atendê-lo. Perguntou se Siegfried trouxera o curriculum, o que lhe foi dado prontamente. Salomon leu, elogiou o histórico profissional, dizendo que dispensava maiores apresentações e se mostrou simpático, mas um tanto quanto arrogante e esnobe, tentando

disfarçar, a princípio. Em uma tentativa de amenizar o clima, Siegfried comentou:

– O senhor é de descendência do Oriente Médio, árabe ou libanês? Pelo seu nome...

– Minha família por parte de pai é de origem russa-armênia e libanesa. Mas seu primeiro nome também é bem diferente, é alemão? – perguntou Salomon.

– Sim, é! – disse Siegfried, sorrindo discretamente. – Meu pai é admirador de óperas, principalmente as de Wagner.

Siegfried é personagem de uma das óperas de Wagner. Meu irmão mais novo também foi batizado com o nome de outro personagem de uma ópera, Parcifal, e o do meio ele homenageou o próprio compositor: Wagner!

– Interessante o seu pai – disse sorrindo discretamente.

– Sim! Muito! Por causa dele passei parte de minha infância e adolescência ouvindo óperas, música barroca de Bach, Haendel, missas de Mozart, sinfonias de Beethoven. Mas, na juventude,

escutei muito rock, mas já por minha conta: Beatles, rock progressivo e alguns outros – riu.

Salomon também sorriu, mas entrou logo no assunto, ao contrário de outras entrevistas em diversas ocasiões, o entrevistador não quis entrar na vida pessoal do entrevistado, notou Siegfried.

– Bom, nossa conversa é apenas um conhecimento inicial e não constitui um compromisso, gostaria de deixar claro – Salomon proferiu a frase a queima-roupa.

– Tudo bem! – disse

Siegfried.

– Diga-me como estão os serviços do navio da Ocean? Dizem que estão bem atrasado, não?

Siegfried explicou o que acontecera num breve relato e fez observações sobre os erros e acertos da Ocean, dando seu parecer sobre o assunto. Notou um grande interesse de Salomon, que deu a impressão de ter se impressionado com a clareza da exposição que lhe fora feita.

– Estou vendo que o senhor possui grande experiência na área *offshore*, e estamos buscando



alguém com o seu perfil. O senhor cai como uma luva para nós. Como está sua disponibilidade de vir para cá?

– Bem, senhor Salomon, no momento estou terminando os serviços de conversão do navio, mas no máximo, daqui a quarenta dias ele seguirá para a Bacia de Campos. Possivelmente eu vá junto, mas sinceramente a ideia de embarcar não me agrada. Meu chefe direto, um americano, está nos Estados Unidos, em um tratamento de saúde, mas seu retorno será daqui a cerca

de dez ou quinze dias. Eu me  
interesso em vir para cá, somar  
esforços com vocês, mas  
exatamente qual é a proposta?

– Como o mercado de  
construção de plataformas está em  
expansão, nosso objetivo é  
participar desse segmento, e talvez  
mais para a frente entrar no ramo de  
prospecção e perfuração de petróleo.  
Nossa empresa sempre se destacou  
no ramo de construção civil pesada,  
sempre trabalhamos para o setor  
público, mas com a falência dos  
estados, os investimentos em

infraestrutura caíram muito, muitas estatais foram privatizadas e praticam uma política de preço extorsiva para baixo. A Petrobras ainda é um grande formento de desenvolvimento e é onde se tem as grandes obras no momento. Estamos pensando não apenas no mercado de plataformas, mas também nas expansões das refinarias e, quem sabe, outros clientes, multinacionais de petróleo que estão se instalando no país.

Siegfried se animou e concordou que era uma boa

estratégia.

Salomon acrescentou:

– Estamos planejando criar uma diretoria de óleo e gás e pretendemos contratar um executivo para ficar à frente.

– Então vocês estão criando uma diretoria nova, e o cargo que me propõe é de diretor?

– Sim, exatamente, mas não neste momento precisamente. Meu pai, que hoje é o presidente, está se afastando da empresa; está muito cansado, esgotado e sua saúde requer cuidados. Pouco aproveitou a

vida, ele tem setenta e seis anos e insiste em trabalhar, ou melhor, ele já não tem condições físicas para atuar, mas ainda assim fica na empresa. Apesar de eu ser o diretor-executivo, tenho de lhe prestar contas, mas num curto espaço de tempo, espero, deverei assumir a presidência da Atlas. Inicialmente, será criada a gerência de óleo e gás, obviamente faremos uma experiência neste ramo e, se tudo der certo, em um prazo de seis meses vamos transformá-la em uma diretoria. Ainda somos uma

empresa familiar e mudanças bruscas são complicadas.

– Compreendo – disse Siegfried.

– Atualmente, estamos com uma única obra neste ramo em que o senhor atua. Trata-se da implantação de uma unidade na refinaria de Betim, nos arredores de Belo Horizonte. Está me dando uma enorme dor de cabeça, temos um coordenador, mas ele não está dando muito certo e estamos finalizando duas termelétricas no nordeste, que não tiveram retorno financeiro

satisfatório. Precisamos de uma pessoa que conheça bem como trabalha a Petrobras e outros clientes do ramo de petróleo para nos ajudar nesses tipos de serviços. Vi no seu curriculum que tem também experiência na área comercial, elaboração de propostas...

– Tenho sim, praticamente já passei por todos os segmentos de um empreendimento industrial, desde a sua concepção, proposta técnica, comercial, negociação, passando por sua construção e

entrega da unidade funcionando.

– É exatamente isso o que buscamos: uma pessoa assim com seu perfil, com domínio de tudo, de todas as áreas, que conheça também o mercado, com contatos, entendeu?

– Claro que sim, nesta área *offshore*, a princípio será necessário se fazer consórcio, buscar parceiros, creio que posso ser muito útil a vocês.

A seguir, a entrevista enveredou para a proposta salarial. Salomon lhe perguntou qual era sua



expectativa. Siegfried sabia bem em quanto girava um salário de diretor na área. Pediu conforme o mercado praticava. Não se sabe se foi apenas um teatro, mas Salomon não reagiu bem. Siegfried então lhe revelou o quanto estava ganhando, o que deixou seu interlocutor surpreso.

– Você está bem acima da média do que ganham os meus gerentes mais antigos – reagiu Salomon.

– Bem, o senhor está me propondo um cargo de diretor, responsabilidades bem acima das de

gerente, e pelo que deduzi vocês estão precisando de uma pessoa que organize todo um setor de sua Companhia, um negócio que vocês não dominam.

A observação não agradou a Salomon, que não esperava uma reação dese tipo de Siegfried, bem diferente dos outros candidatos que até então entrevistara.

– Podemos fazer o seguinte: minha proposta é, como experiência, o senhor vir, a princípio, como gerente de empreendimento, um coordenador

de obras, durante, digamos, um período de três a quatro meses, pois no momento só temos um projeto nessa área que o senhor atua, como lhe disse, e dois estão finalizando; meu pai deve se afastar, e como serei o novo presidente, fica mais fácil para mim criar a diretoria nova. Outros diretores ainda são um pouco resistentes, mas precisamos nos manter no mercado, nos modernizar, e eles ainda não se deram conta disso. Vai depender também do senhor, de trazer mais negócios para cá, estamos

implementando uma política de participação nos lucros, se a sua gerência der resultado, o que vai depender exclusivamente de sua competência, o senhor poderá ganhar muito mais, terá direito a mais salários anuais do que o décimo terceiro dado por lei. O que o senhor acha? Decorrido este prazo, e com a criação da diretoria de óleo e gás, poderemos chegar à sua proposta, adicionada às vantagens de participação nos resultados. Temos também um plano de saúde, seguro de vida...

Parecia uma oferta razoável, mas Siegfried ainda se mostrou preocupado, pois no íntimo percebeu que o plano de diretoria nova só havia na cabeça dele, e ainda dependia da saída do pai.

– Tudo bem, senhor Salomon. Podemos chegar em um acordo, mas dependo ainda da volta do meu gerente na Ocean.

– Mas não há um substituto? Fale com ele.

Siegfried percebeu a irritação e impaciência de Salomon, mas ainda permaneceu impassível.

– É o seguinte, eu tenho para com Richard Maxwell um compromisso, e não gostaria de me afastar da Ocean sem falar com ele, além do que, ele é meu amigo e o considero muito.

– Senhor Siegfried, temos de preencher a vaga urgentemente. Uma semana ou dez dias é o que podemos esperar.

– Compreendo, senhor, suas razões. Fique inteiramente à vontade, no futuro, quem sabe, podemos voltar a conversar.

– Tudo bem, senhor, quanto

tempo precisa?

– Acho que em torno de vinte a trinta dias para me desvencilhar totalmente da Ocean.

– É admirável sua lealdade para com seu chefe. Algo difícil nos dias de hoje. Não sei se podemos esperar tanto. Vamos ver.

Ambos se despediram.

Siegfried teve certeza de que tinha se saído bem com Salomon, mas não acreditava que seria o escolhido, porque a questão salarial ainda permanecia obscura e não tinha certeza também se seria um

bom negócio. “Uma empresa familiar, sem experiência no ramo, cultura de negócio diferente, sei não”, pensou.

O retorno de Richard se deu somente dez dias depois da entrevista de Sieg na Atlas. Estava mais magro, um pouco abatido. Richard chegou na Ocean, cumprimentou a todos com entusiasmo, falou com um, com outro e se enfurnou com Smith no escritório pelo resto do dia e nos dois outros seguintes. A situação permaneceu como estava. Maxwell



se estabeleceu em outra sala, com seu computador pessoal e se pôs a trabalhar no assunto da reivindicação do aumento do preço do contrato e da extensão do prazo. Iria juntar todos os dados que dispunha para a tarefa e montar uma estratégia para não se pagar a multa a que estariam sujeitos

No quinto dia da chegada de Richard, Sieg conseguiu uma brecha para falar com ele. Como sempre, ele se mostrou amigável e falou francamente que depois do término do navio não haveria nada

garantido. Disse ainda que ele seria aproveitado no embarque, o que poderia aumentar sua permanência na empresa por mais seis ou oito meses. E acrescentou que, ele, Richard, estaria se ausentando da Ocean para tratamento de saúde depois da apresentação do trabalho que, por ora, estava envolvido. Disse que se tivesse algo melhor, o mais prudente seria não deixar passar a oportunidade, uma vez que não estando ele mais na Companhia, pouco poderia fazer no sentido de recolocá-lo em outro

empreendimento.

Siegfried não se surpreendeu, já esperava por isso, mas no período que passaria embarcado, muita coisa poderia mudar, embora a ideia de trabalhar no mar não o agradava, mas se não tivesse outro jeito, que assim fosse.

Salomon, por sua vez não tinha muita opção, entrevistara muitos candidatos e até recorrera a uma empresa de recrutamentos de executivos. Em meio a tantos, encontrou somente dois, além de Siegfried, que preenchiam os

requisitos aos quais ele buscava. Um deles tinha sido diretor por muitos anos de uma grande empresa de Engenharia, tratava-se de um engenheiro aposentado e a Companhia à qual estivera à frente fora à falência, embora não houvesse nada que o desabonasse, mas Salomon estava buscando sangue novo. Outro bom candidato era de origem espanhola, mas radicado no Brasil e com passagens pelo Chile e Argentina, também engenheiro, fora apresentado por um lobista que tinha negócios com a

Atlas, seu nome era Urbano Jiménez. Tinha sido funcionário de uma empresa espanhola que vinte anos atrás construía parcialmente uma plataforma para o Brasil. Ele veio com a unidade e ficou por aqui; quem contratou os serviços na Espanha à época foi então uma desconhecida e pequena empresa brasileira do ramo naval, que a partir daí tornou-se famosa, não só pela polêmica de várias concorrências, como também por ter bons relacionamentos no governo da época e por muitas operações

nebulosas. Urbano veio para o país e posteriormente tornou-se o gerente comercial da Companhia. Conhecia todos os meandros de uma concorrência e as técnicas de negociação, mas a empresa na qual ele foi um dos mentores estava praticamente desativada por causa de vários processos na justiça que corriam contra ela, pois em vinte anos houveram várias mudanças políticas no país. Salomom, ao entrevistá-lo, ficou impressionado com o sujeito, com a desenvoltura e articulação, e o achou muito falante,

contador de vantagem, em contraste com Siegfried, que era mais discreto. Ao mesmo tempo, achou que contratar Urbano seria o mesmo que vender a alma ao diabo. Urbano provavelmente transformaria a Atlas numa filial de sua atual empresa, um nome não bem-visto no mercado. Depois da entrevista, Salomon fez algumas sondagens no mercado a respeito de Urbano, e o que apurou não foi muito animador. Urbano poderia ganhar qualquer concorrência, mas entregar no prazo e com o preço de contrato era outro

assunto, diziam sobre ele, embora ele garantisse que seria capaz de conseguir chegar ao valor desejado, mas com a obra em andamento, valendo-se de vários de seus expedientes já tão conhecidos, o que já não era tão fácil assim. Um alto representante do governo consultado chegou a dizer a Salomon que se fosse contratar alguém como Urbano e oriundo daquela empresa cairia em descrédito e a Atlas estaria entrando com o pé esquerdo no ramo.

Diante desse quadro,



Salomon, tornou a fazer um novo contato com Siegfried, vinte dias depois da primeira entrevista.

Siegfried respondeu amistosamente, e então marcaram novo encontro.

Na nova entrevista, quem ficou no ataque foi Siegfried, que disse com toda a franqueza que em uma nova gerência ou futura diretoria, seria necessário ter de contratar pessoal, trazer gente de sua confiança, pessoas com experiência naquele tipo de segmento. Sieg também o fez

entender que geralmente gostava de trabalhar com liberdade de ação, sem dar muita satisfação do que fazia e o porquê. Contudo, adiantou que Salomon deveria cobrar resultados finais, que ele certamente os garantiria, desde que estivesse livre para agir.

Salomon, meio surpreso, concordou com os pontos de vista dele. No geral, até os aceitava, mas Sieg veria mais tarde que não seria bem assim. Continuou argumentando que tendo uma real proposta, negociaria com a Ocean a

sua saída, mas teria de acertar uma data de desligamento. Iria sugerir à chefia da empresa o nome de seu substituto, que no caso, cairia sobre um de seus assessores, pois com o navio indo para o mar, o quadro de funcionários seria reduzido.

Os dois chegaram a um acordo. A princípio, com direito a participação nos lucros, seis meses depois, combinaram que se daria a oferta original que Siegfried propôs, também com participação nos lucros, que sua gerência e futura diretoria pudesse render, e tudo

deitaria dele conforme falara Salomon.

Siegfried conversou sobre sua saída com Richard, e este ficou de falar com Ed Smith. A princípio, ambos concordaram, mas ele teria de pedir demissão, pois segundo Smith, a presença dele ainda era necessária e não fazia sentido demiti-lo. Mas o que que isso significaria? Com Sieg pedindo demissão, ele perdia parte de sua indenização, ou seja, o fundo de garantia por tempo de serviço ficaria bloqueado, e ele não

receberia a multa prevista em lei para empresas que demitem. Isso tudo somado dava uma boa “grana”. E ele tinha escolha, se ficasse mais seis meses, poria a mão no dinheiro, pois ao fim do término do embarque, seria demitido com todos os direitos. Em compensação, se aceitasse o outro emprego, em termos de ganho pouco acima do que estava ganhando, ao fim de seis meses seu salário teria um aumento significativo, acrescido da participação nos lucros, que ainda permanecia um tanto quanto

nebuloso sobre os critérios. Sieg sabia que muitas empresas de porte oferecem bem mais a seus diretores, mas também reconhecia que nunca ocupara tal posto, embora tinha reconhecida competência para tal. Ele esperava em breve reverter a situação a seu favor.

Ainda restava um último obstáculo para efetivar a sua entrada na Atlas. Salomon lhe disse que cargos de gerência e de chefia teriam de passar pelo crivo do pai, Ismail Armadunian. Seria simples formalidade, mas teria de ser

cumprida. Sieg concordou prontamente e até entendeu os motivos. A entrevista se deu decorridos dois dias.

No dia e hora marcados, Siegfried e Salomon foram até o gabinete de Ismail, uma sala enorme, com quadros orientais e tapeçarias. “Ismail tem um bom gosto”, falou para si. Salomon cuidou de fazer a apresentação dele ao pai, um senhor claro, alto, forte. Pai e filho eram muito parecidos fisicamente, cabelos bem grisalhos penteados para trás e feições

européias misturadas com as do Oriente Médio. Também pudera, a Armênia é um país situado entre a Turquia e Rússia. Não parecia ter a idade que tinha, notou ele.

Transmitia muita energia, autoridade e firmeza.

Ismail se apresentou, apertaram as mãos e começaram a conversar:

– O senhor se chama Siegfried?

– Sim, isso mesmo! Bem exótico para um brasileiro – disse sorrindo. – Meu pai adora óperas e é



admirador de Richard Wagner.

– Conheço o compositor.  
Bem, Salomon já lhe disse sobre  
nossos planos. Estamos criando uma  
diretoria de negócios na área de óleo  
e gás, e buscamos, no mercado,  
pessoas para nos ajudar a  
desenvolver este segmento. Nossa  
empresa, tradicional na construção  
civil e mineração, está se vendo  
obrigada a buscar novos desafios,  
pois não podemos ficar restritos  
somente a uma ou duas áreas, o  
senhor me compreende? Os tempos  
são outros, se não mudarmos, vamos

acabar extintos e sairemos do mercado; chegar até aqui não foi brincadeira, criar uma empresa de âmbito nacional como a nossa não foi fácil; manter o negócio nesses dias de aperto está sendo ainda pior que no princípio.

– Sim, senhor Ismail, compreendo perfeitamente. Possuo experiência no ramo que vocês querem desenvolver, já passei por duas plataformas, uma conversão de navio em plataforma, várias petroquímicas, refinarias, já estive também em termelétricas...

– Vi seu curriculum, e pelo que sei foi muito bem recomendado. Pois é, atualmente estamos finalizando nossa participação em duas térmicas a gás no nordeste, mas nossa atuação foi modesta. Foi um consórcio de empresas e ainda ficamos no prejuízo, estamos querendo entrar com maior participação em uma outra, também no nordeste, mas vai depender do governo novo, que ainda não sabemos qual será e qual a política energética que ele adotará. Também estamos em várias concorrências de

usinas hidroelétricas, estamos caminhando...

Conversaram sobre as futuras concorrências que seriam colocadas no mercado e as novas plataformas, em torno de quatro ou cinco. Siegfried conhecia bem o ramo, e descreveu a concepção delas, dando até uma estimativa de preços para cada uma. Ismail se mostrou satisfeito com a conversa, e, não somente isso, mas houve uma empatia mútua.

## **A Saga dos Armadunians**

A entrevista de Siegfried durou muito mais do que o previsto, perdurou pela restante da tarde e acabou virando uma conversa entre dois velhos amigos. Ismail, mesmo sendo avisado por sua secretária a respeito de vários compromissos agendados, pareceu não se importar; mandou servir café, água gelada,

biscoitos. Parecia que os dois já se conheciam haviam anos e estavam ali pondo o assunto em dia. Isso deixou Salomon particularmente intrigado, tanto assim que até se retirou e deixou-os conversando sozinhos. O clima entre ambos foi de tal forma amigável que Ismail se sentiu à vontade para contar como começou a empresa. Vez por outra, não perdia a chance de falar sobre a história de sua família também. Uma verdadeira saga, que tinha todos os elementos para se transformar em um filme épico. Ele

perguntou a Siegfried se já tinha ouvido falar ou se conhecia alguma coisa sobre o genocídio armênio.

– Claro que sim – respondeu.

– Meu pai é professor de História Militar, temos muitos livros sobre a Primeira Guerra Mundial e também sobre a Segunda. Quando garoto e adolescente, eu vivia escutando meu pai contar sobre guerras e batalhas, sendo que o massacre armênio se deu na época da Primeira Guerra Mundial, se não me engano...

– Você sabe que pouca gente com quem tenho a oportunidade de

tocar no assunto conhece esse triste episódio? – comentou para Siegfried. E completou: – Infelizmente, o mundo tenta abafar esse nefasto capítulo da História.

Com vivo entusiasmo, Ismail começou a contar a história de sua família e como iniciou a empresa.

– Meu avô – disse iniciando a narrativa – chamava-se Bedros Armadunian, era um armênio-russo próspero e influente, casado com uma russa de origem nobre chamada Nadejdha, Nádia para os mais próximos, com uma rede de



amizades e contatos que iam da Europa Ocidental até São Petersburg, também cidade natal da minha avó e capital do império russo na época. Pois bem, meu avô mandou os dois filhos mais jovens estudarem em Paris, meu pai, Gregory, estudou Medicina e estava recém-formado quando estourou a Primeira Guerra Mundial, em agosto de 1914. Como o início dos combates se deu entre a França e a Alemanha, meu pai e seu irmão George, já médico formado, retornaram às pressas à Armênia, na

capital Yerevan, onde morava nossa família. O irmão mais velho de ambos chamava-se Emim, era oficial de um regimento de artilharia armênio, que na época era agregado aos turcos. O Império Otomano, que hoje é a Turquia, em outubro do mesmo ano entrou na guerra ao lado da Alemanha, Império Austro-Húngaro e Bulgária, que lutavam contra a chamada Tríplice Entende, formada pela França, Inglaterra e Rússia. Os domínios do império turco se estendiam da atual Turquia até o

Oriente Médio, englobando alguns países europeus como a Albânia e Romênia. Meu pai e meus dois tios acabaram sendo convocados e foram mandados para o Cáucaso, onde acontecia o confronto entre turcos e russos. Em um dos muitos embates entre ambas as forças rivais, os turcos, que já hostilizavam os armênios, mesmo tendo estes ao seu lado, acusaram o regimento onde Emim servia pela falta de empenho em batalha, onde então muitos soldados e oficiais armênios foram presos e depois executados,

inclusive meu tio. Além disso, os russos passaram a apoiar a resistência armênia, que já vinha de anos atrás tornando a situação dos civis armênios mais difícil ainda. Minha família tinha muitos amigos e parentes na Rússia, e eram vistos com desconfiança pelos turcos. Meu avô, sabendo do que acontecera ao filho mais velho, tentou apurar os fatos e resgatar o corpo. Acabou preso e desapareceu nas prisões turcas, não só ele como muitos intelectuais e pessoas de destaque da sociedade armênia da época.

Ismail prosseguiu contando que diante do assassinato do avô, do tio e de outros armênios, sendo que muitos outros também lutavam no Exército da Turquia, os dois irmãos, oficiais médicos, e apesar da grande valia que tinham na guerra, mas com um provável destino idêntico ao pai e ao irmão mais velho, fugiram, deixando para trás tudo que tinham e levando o que puderam.

Segundo Ismail, muitos historiadores e sobreviventes armênios dizem que morreram

milhões de armênios no genocídio. A Turquia nega que tenha existido, mas tudo se deu entre 1914 e 1918, sendo o auge das mortes em 1915. Sabe-se que os primeiros massacres se deram entre 1894 e 1896. A Armênia era um pequeno estado cristão dentro de um outro muito maior de religião muçulmana, a Turquia, com culturas e crenças diferentes. Muitos sobreviventes contam que numerosos armênios do exército turco também foram mortos pelos mais variados motivos. Em julho de 1918, a

Armênia e a Turquia assinaram um tratado de paz, e em 1920 a Turquia invadiu a Armênia. Em novembro do mesmo ano, a Armênia fez um acordo com os comunistas e se tornou uma República Soviética, pondo fim ao suplício infligido pelos turcos. Em agosto de 1990, com o desmantelamento da União Soviética, tornou-se independente dos russos.

Mas voltando a Gregory e George, os dois partiram para o Líbano a exemplo de outros compatriotas. A mãe de ambos,

Nadejdha, morreu prematuramente por causa da saúde frágil, quando eles ainda eram adolescentes. Os primos e outros parentes que saíram da Armênia foram mortos, outros correram para a Rússia e nunca mais ouviram falar deles, pois quando a Armênia se tornou uma República Soviética as comunicações do mundo livre com aquele país se tornou impossível. No Líbano, que também estava sob domínio otomano, eles possuíam alguns contatos com membros de comunidades armênias ali



estabelecidas e chegaram a Beirute a duras penas. Ficaram por alguns meses escondidos, pois eram tidos como oficiais desertores. A situação econômica e social do Líbano à época era péssima, e muitos estavam emigrando para outros países, assim, os dois seguiram com outros armênios e libaneses para a Itália, que se mantinha neutra no conflito, só entrando na guerra ao lado da França e da Inglaterra em maio de 1915. Da Itália, eles foram para a França, que abrigou milhares de armênios fugitivos do genocídio

turco. Na França, onde George e Gregory haviam estudado, eles tinham muitos amigos, mas como o país estava em guerra com os alemães e turcos, os armênios ali residentes não eram bem-vistos. Eles não se sentiam seguros, assim, pegaram um navio para a América do Sul, sem terem ideia de onde ficar. Muitos viajantes, além de armênios, eram sírios–libaneses, e muitos tinham parentes em São Paulo. No trajeto, conheceram Abdel Rahman, entre outros, que os convenceu a ficarem no Brasil e

desembarcaram em Santos.

Dois médicos em um navio sempre são bem-vindos, e os dois acabaram por se tornar muito populares, pois tiveram de atender muita gente, de passageiros a tripulantes. Conseguiram dinheiro e eterna gratidão de quem nada tinha. De Santos, foram se estabelecer na cidade de São Paulo, para onde já tinham emigrado muitos armênios e sírios-libaneses. O navio seguiu viagem para Buenos Aires, onde o restante dos passageiros desembarcaram.

Os irmãos se entrosaram bem na nova comunidade ali formada, afinal, médicos na época, mesmo em São Paulo, não havia muitos e a clientela deles era basicamente imigrantes libaneses, árabes e compatriotas seus. Dessa forma, foi fácil conquistarem a amizade de muitos. Em 1920, George se casou com uma moça nascida no Brasil, mas de família Armênia. Chamava-se Esther. Gregory, no entanto, apaixonou-se por Najla Nasir, nascida no Brasil, mas de família conservadora cristã

libanesa, cujos pais não faziam gosto do romance dela com Gregory, mesmo tendo formação superior, mas totalmente sem dinheiro. Os motivos não eram religiosos, pois a família de Najla, estabelecida no Brasil, já havia algum tempo não era muçulmana, mas cristã Maronita. Gregory também era cristão, mas da Igreja Apostólica Armênia, cujos rituais são semelhantes aos dos cristãos ortodoxos. Na verdade, os pais a tinham prometido desde criança ao filho de um próspero e rico

comerciante, por motivo de amizades e laços familiares entre ambos, e por relações comerciais. Mas nem Gregory, nem Najla se deram por vencidos e acabaram fugindo para o Rio de Janeiro, casando-se escondidos e provocando um escândalo na comunidade. Como o Rio é perto de São Paulo, eles não tiveram sossego da família dela. Pensaram em ir para outro país, onde existisse alguma comunidade armênia, pois havia armênios espalhados em várias partes do mundo, na época sabiam que

havia muitos na Argentina, nos Estados Unidos, em alguns países da Europa, e acabaram por ficar no Brasil. Desembarcaram em Belém do Pará, onde havia uma pequena comunidade de sírios-libaneses. Seguindo a orientação de Abdel, que os mandou procurar por um parente seu. Naquela cidade, tiveram três filhos, Ismail, que nasceu em 1928, Simon, nascido dois anos mais tarde, e Aline, a filha mais nova que viera a se casar anos depois com um engenheiro de origem libanesa, chamado Ibrahim Muraht.

Somente muitos anos depois, já com os filhos adolescentes é que Gregory e Najla se reconciliariam com a família dela, sendo que na época o pai dela estava praticamente à beira da morte.

Os diplomas de médicos de Gregory e George levaram muito tempo para ser reconhecidos pelas entidades médicas brasileiras. Foi somente no fim da década de 30 que conseguiriam oficialmente ter o diploma validado para poder clinicar no Brasil oficialmente, já que anteriormente exerciam suas



profissões de maneira informal. Em Belém, Gregory tinha se estabelecido com uma farmácia, mas dava consultas. Logo ficou muito popular, tornando-se amigo de muita gente influente, inclusive de políticos, como o pai de um futuro senador da República.

A conversa entre Ismail e Siegfried ia longe, o primeiro prosseguiu contando que ao terminar os estudos básicos, e sem muitas perspectivas em Belém, na época, ele foi para o Rio de Janeiro estudar na Escola Militar. A

Segunda Grande Guerra havia terminado e todo aquele clima militarista da época possivelmente tenha influenciado sua decisão de ser militar. A disciplina rígida e a observância de fortes regulamentos não era o forte de Ismail, que gostava de ser independente e não era dado a obedecer ordens sem pestanejar. Assim, no terceiro ano, ele decidiu sair e foi para a Escola Nacional de Engenharia, permanecendo ainda no Rio de Janeiro, optando por esta carreira. Seu irmão, Simon, saiu de Belém

depois e foi para São Paulo estudar Medicina, a exemplo do pai, e se radicou naquela cidade. Se abrigou, a princípio, na casa do tio George, depois, casou-se com um moça da comunidade armênia, Hana. Simon fez carreira brilhante como médico e teve três filhos.

Ismail formou-se em Engenharia, mas ainda quando cursava a Escola Militar, por intermédio de um colega de turma, o Celso, conheceu Olávia, irmã dele, uma carioca da Tijuca, de classe média, filha de um então tenente-

coronel da recém-criada Força Aérea, a antiga Aviação Militar, que, posteriormente, tornou-se brigadeiro. Olávia tinha parentes em quase todos os segmentos das Forças Armadas, além do irmão. Ismail ficou noivo ainda estudando e, ao se formar, casou-se no Rio de Janeiro, levando a esposa consigo para Belém, muito a contragosto da família dela.

De volta a Belém e devido às amizades de seu pai, foi se empregar no setor público, permanecendo cinco anos como

engenheiro do estado. Não se sentia bem, não gostava de emprego público, embora houvesse estabilidade. Acabou pedindo licença do serviço público e montou um construtora com a ajuda do pai. Saiu fazendo serviços pelo Pará, Amazonas, Maranhão e alguns lugares do Nordeste. Eram pequenas estradas, escolas, açudes, sempre obras públicas estaduais e algumas federais. Deu-se bem e desvinculou-se do setor público ao qual ainda estava ligado. Sua empresa, a então Construtora Atlas, cresceu e ele

resolveu se juntar com outro engenheiro, seu cunhado Ibrahim, que também tinha uma empresa de construção de estradas.

Chegou a década de 70, em plena ditadura militar, e o Brasil vivia o “milagre econômico”. Houve muito investimento em infraestrutura e Ismail compreendeu que instalado em Belém ficaria de fora dos grandes empreendimentos, ou pelo menos ficaria mais difícil participar, por esse motivo resolveu se mudar para o Rio de Janeiro, onde acreditava ter mais chances de

crescer. Foi com a empresa, a família e até com a cozinheira, Iracema, que sua mãe treinara muito bem para fazer comida libanesa. Na época, tinha três filhos adolescentes nascidos em Belém: Leon o mais velho, Salomon e Sofia nesta ordem, no Rio ainda nasceria Maysa.

Ismail teve boa acolhida no Rio de Janeiro. Além da família da esposa, que era carioca, fez boas amizades nos tempos de seu curso de Engenharia, encontrou com os colegas estudantes, na época engenheiros, e com muitos outros

amigos, que eram de famílias armênias e descendentes de sírios-libaneses. O próprio futuro senador J, na época deputado, tinha um filho que residia no Rio de Janeiro e iniciou sua vida empresarial no ramo de jornais e rádio.

O que ele não contou para Sieg, mas muitos sabiam, foi que o crescimento de sua empresa se deu graças às amizades do pai e dele com políticos do Norte e Nordeste. Ele até montou um escritório de *lobby* em Brasília, a fim de captar algumas obras. Posteriormente,



instalou alguns escritórios em outras capitais, como São Paulo, Belo Horizonte e Salvador. Ismail contribuiu muito para a eleição de vários políticos, que serviram de apoio ao governo militar, também por causa dos laços familiares de sua esposa. Dessa forma, colhia os dividendos sendo agraciado com diversas obras dos governos estaduais e federal.

A Atlas participou ativamente das muitas obras da década de 70. Ainda instalados em Belém, chegaram a ter uma

sociedade com americanos no Amapá, em uma mina de manganês, graças à família do futuro senador J, então deputado, que também se beneficiou da sociedade. A mina se esgotou no início dos anos 90.

Também tinham participações em uma mina de estanho, em Rondônia. Todas as participações em mineração se deram com a ajuda e também a divisão de lucros com muitos políticos, bem como com associações com outros grupos empresariais.

A Atlas se destacou em obras

públicas, estradas e viadutos no interior e na capital de São Paulo e outros estados. Foram construídas pontes, barragens em diversos lugares, ferrovias, além de pequenos aeroportos, pistas de pousos, construções civil de siderúrgicas estatais, hospitais, minerações na região Norte, enfim, toda a sorte de obras espalhadas pelo país. Chegou a década de 80 e com ela a recessão. Os estados começaram a encolher, os investimentos públicos começaram a secar, muitas obras iniciadas pararam por falta de verba

e as grandes obras de infraestrutura se tornaram escassas. A Atlas também encolheu e ficou muito dinheiro para trás, mas sobreviveu, ao contrário de tantas outras da época que desapareceram.

A partir de 1990, não foi diferente. As dificuldades continuaram, e neste período a Atlas esteve à beira de fechar as portas. Foi salva graças a muita articulação política de Ismail. Também pudera, ele, ao longo de sua vida, conheceu inúmeros ministros de estados, alguns presidentes da República,

militares, governadores e prefeitos, senadores, deputados de oposição e da situação, contribuiu financeiramente para a eleição de vários deles, e toda a sua vasta rede de amizades e contatos acabou por tirá-lo da falência. Nessa época, eles participaram de privatizações de ferrovias, que acabaram não sendo um bom negócio. Antigamente, segundo o próprio Ismail, “tudo se acertava”. O preço final de uma obra facilmente chegava aonde todos queriam; um empreendimento qualquer tinha o seu preço final

acordado conforme a conveniência da empreiteira. Em muitas ocasiões, o valor era duas a três vezes maior do que o contrato inicial. Ninguém perdia dinheiro, e isso também significava distribuir propina para todos. Atualmente, as coisas são diferentes, vieram as privatizações, o preço acordado é mantido, não há “acerto” de forma alguma, ou pelo menos, é menos escandaloso. Ainda assim, em obras do setor público as mesmas práticas ainda continuam, mas de forma mais branda. A infraestrutura do país estava

paralisada, o volume de investimento era muito baixo e a Atlas estava tendo dificuldades de se adaptar ao novos tempos.

Com o advento do ano 2000, o governo resolveu investir em energia, tendo em vista a escassez de oferta de energia que tomou conta do país, o chamado “apagão”. Por essa razão, surgiu o plano de construção de hidrelétricas e térmicas a gás, e a Atlas entrou no ramo. Já havia participado de algumas barragens, mas somente na parte civil, ou seja, o que envolvia

concreto, escavações, terraplenagem etc., mas em termelétricas ainda era novata e queria participar de toda a obra, desde as fundações até o último parafuso da turbina, contudo, isso não se fazia de uma hora para outra. O retorno não foi dos melhores, os preços praticados eram enxutos e a empresa acabou amargando um prejuízo; fez consórcios com vários grupos empresarias, articulou-se para a construção de térmicas e até mesmo para vir a ser dona de uma ou outra para vender energia, mas o custo do



gás e a política energética do governo não ajudaram. Tudo isso foi causado por problemas de má-gestão durante a construção das térmicas, o que fez os sonhos da empresa irem por água abaixo.

A entrevista de Siegfried por Ismail se desenvolveu de forma franca. Ele aprovou a indicação de Sigfried, a despeito de ter outros candidatos que apareceram, além dos outros dois já mencionados, mas o que praticamente definiu a sua contratação foi a resposta que deu a Ismail sobre o que ele considerava

ser o seu ponto mais forte.

Respondeu que era seu caráter, alguns entrevistados responderam que era sua capacidade em fazer a empresa dar lucro, outros de fazer cumprir prazos, e um outro respondeu que era manter as metas que a diretoria estipulava. Mas, no fundo mesmo, o presidente da empresa gostou dele, e foi isso o que mais pesou.

No momento em que Siegfried estava entrando na Atlas, era também o momento em que a Companhia se redirecionava

estrategicamente no mercado. Salomon começou a tomar as rédeas e vislumbrou uma saída para a empresa, que era o setor que mais crescia no país e que mais perspectivas abria, que era o ramo de óleo e gás e tudo que pudesse estar relacionado a isso. Isso incluía a construção de plataformas marítimas, refinarias, petroquímicas etc.

Siegfried ainda não se desvencilhara de imediato da Ocean, embora se visse a pedir demissão, acertou com Richard Maxwell de

ajudá-lo no pleito que fariam. Antes de sair, tentou organizar as equipes que embarcariam no navio quando este estivesse em alto-mar.

Organizou também os serviços que seriam realizados na Bacia de Campos. Decorridos dez dias da entrevista com Ismail, efetivou sua entrada na Atlas, mas por um mês inteiro ainda ajudou Richard.

Durante parte da construção dos módulos do navio, Siegfried compilou todos os desvios que houvera, todas as mudanças, e isso era particularmente útil para se

provar em parte o porquê da extensão do prazo e do preço final terem ficado acima da oferta proposta inicialmente. Geralmente, ficava na Atlas até cinco horas da tarde, em Botafogo, depois ia para o estaleiro, onde ficava até nove ou dez horas da noite. Às vezes, ia para o escritório da Ocean, na avenida Rio Branco, no centro da cidade, pois a empresa concentrava toda a parte administrativa no escritório, e a parte de construção no estaleiro do Rio de Janeiro, no porto.

O primeiro dia de Siegfried

na Atlas foi de apresentações. Conheceu todos os departamentos, alguns gerentes, a administração etc. Instalou-se finalmente na sua sala, que tinha banheiro privativo e uma pequena sala de reunião. Siegfried requisitou um computador, que demorou dois dias para ser instalado. Depois, mandou vir mais um, para sua futura secretária, que ainda não tinha. Pensou em chamar Lúcia, sua secretária na Ocean, pois ela era bem qualificada, formada em Administração de Empresa e Letras.

Falava fluentemente inglês e dominava informática. Sieg, em reunião com Salomon, apresentou o organograma, mostrando como deveria funcionar seu departamento. Ali estava explicado graficamente os cargos e as funções que precisaria. Salomon não se surpreendeu e até concordou com tudo aquilo. Siegfried deixou claro que somente quando entrassem as obras é que todas as funções deveriam ser preenchidas, ou pelo menos parcialmente. No início, precisaria apenas da secretária, pois

começaria a fazer contatos e buscar novos empreendimentos.

Salomon, apesar de concordar, disse a Sieg que a ideia era boa, mas, a princípio, teria de contar com o reaproveitamento do pessoal, o que queria dizer, que a princípio, que Sieg teria de trabalhar com pessoas que já estavam na Companhia e que novas contratações ficariam para uma etapa posterior. Sieg concordou, mas insistiu com a contratação da secretária. Salomon disse que havia uma disponível, caberia a ele



verificar se o atenderia ou não. Muito a contragosto ele resolveu falar com a pessoa que Salomon indicou, pelo menos faria uma entrevista para ver se tinha a qualificação necessária. Tratava-se de uma senhora de cinquenta e três anos de idade, antiga funcionária da Atlas, que ninguém queria.

Dona Zulmira devia ter sido muito bonita quando jovem. Era clara, estatura mediana, magra, mas era uma mulher sofrida, parecia que já havia passado por muitas dificuldades na vida, e que isso

ainda acontecia. Era viúva, mãe de um casal de filhos, Alessandra, de vinte e cinco anos, e Jardel, engenheiro elétrico recém-formado. Dona Zulmira se apresentou. Era muito simpática, vestia-se com elegância e sobriedade e queria agradar, mas se mostrou nervosa, pois sabia que se o novo gerente não gostasse dela ou não a aprovasse, seria demitida. Então foi para o tudo ou nada e abriu o jogo com Sieg. Disse que foi uma das primeiras funcionárias, chegou a secretariar até o doutor Ismail, como o

chamava e só tivera outro emprego antes da Atlas. O marido havia lhe deixado uma parca pensão. A filha era mãe solteira de um menino de um ano e tinha perdido o emprego, embora tivesse formação superior em Ciências da Computação. Sobrevivia fazendo “bicos”; seu filho estava formado havia dois anos e não conseguia arrumar emprego, fazia pós-graduação, paga por ela. Além de tudo isso, sua mãe, idosa e com problemas de saúde, morava em sua residência. Zulmira estava para se aposentar, mas tinha

ainda de permanecer empregada por um ano e meio, que era o tempo que faltava de contribuição.

Evidentemente, uma vez aposentada, seus rendimentos cairiam drasticamente, mas esperava que tanto a filha como o filho pudessem ter um emprego para que algum peso sobre seus ombros pudesse ser retirado.

Sieg se comoveu com a história dela. Perguntou sobre sua experiência, suas habilidades, e ela lhe respondeu que fora boa datilógrafa, ótima arquivista,

organizadora, mas não dominava computadores, que era o que interessava. Sabia digitar documentos, cartas, mas de planilhas não entendia nada, e inglês muito menos, o que ele considerava importante. Explicou que sua filha, à noite, em casa lhe dava aulas, que estava progredindo e que poderia a melhorar seu desempenho.

Siegfried permaneceu pensativo por algum tempo, depois, decidiu ficar com ela assim mesmo. Não seria ele o algoz da pobre senhora. Ele próprio faria o que

tivesse de ser feito com as planilhas de orçamentos e relatórios, até clarear mais a situação e poder contratar aqueles que se fizessem necessários. Ele pensava em Lúcia, sua ex-secretária na Ocean, que, embora já estivesse desligada da antiga empresa, arrumaria emprego sem dificuldades. Era uma pena, ele lamentou, gostaria de tê-la trabalhando com ele, pois era dinâmica e já conhecia o seu modo de trabalhar, não precisava dizer nada. Ela era muito bem-casada com um consultor financeiro, não

tinha filhos, estava com trinta e cinco anos. Sieg sempre brincava com ela que com sua voz, qualquer rádio FM iria empregá-la. E, de fato, tinha um timbre de voz bonito. Lúcia esperava que fosse chamada, pois, na verdade, ele prometera tão breve quanto possível, mas, diante dos fatos, não tinha outro jeito, pelo menos agora; talvez mais tarde, em outra função que não fosse de secretária, pois tinha experiência administrativa.

Zulmira se esforçava ao máximo, fazia tudo com presteza,

ou pelo menos tentava, isso Sieg reconhecia, “pelo menos se esforça”, dizia para si mesmo.

Alguns dias depois, ela levou as fotos da filha, do neto e de Jardel. Alessandra era uma mulher realmente bonita. Sieg se surpreendeu.

– Sua filha devia ser modelo!  
– brincou.

– Ela já fez alguns trabalhos, quando tinha dezessete, dezoito anos. Vou lhe mostrar qualquer dia as fotos – respondeu ela.

– A senhora já tentou indicá-



la aqui na Atlas? O pessoal de informática poderia lhe arrumar uma colocação.

– Ela já trabalhou aqui, mas não deu certo, doutor! E em outro lugar sem uma indicação não tem jeito, o senhor sabe!

– Não precisa me chamar de doutor, dona Zulmira!

– É o costume – disse sorrindo.

Assim que sentiu que podia confiar em Siegfried, ela lhe contou sobre a passagem da filha pela Atlas. Alessandra era estudante

universitária quando foi admitida, estava prestes a concluir o curso, mas tinha prática adquirida em estágios, além de ser bem desenvolvida. Iniciou como recepcionista, e por ser uma moça bonita, foi logo notada e assediada por muitos, de simples funcionários a gerentes, e acabou conseguindo uma vaga no departamento de TI. Apesar de resistir por um tempo aos assédios, não resistiu às investidas de Salomon, célebre por suas amantes e casos extraconjugais, mesmo sendo muito bem casado

com Márcia, de família classe média alta e dona de uma loja de luxo em Ipanema. Atualmente, estava abrindo uma nova filial em um *shopping* destinado à classe média alta.

O envolvimento de Alessandra com Salomon, acabou resultando na gravidez. Salomon despediu Alessandra, fez um acordo com ela e pagava uma pensão para o menino. Para que não abrisse a boca, deu-lhe um pequeno apartamento no Flamengo, onde ela morava com o filho, com a mãe, o

irmão e a avó. Pelo menos escaparam do aluguel que pagavam no bairro do Catete.

Tempos depois, Siegfried soube que Salomon era muito generoso com seus casos amorosos. Distribuía automóveis, abria lojas, apartamentos e muitas vezes ia ao exterior ou para outros estados acompanhado de suas amantes, a pretexto de viagem a trabalho. Às vezes, eram realmente a negócios, mas ele queria que fossem ao mesmo tempo prazerosas. Siegfried pensava no quanto Salomon já devia

ter torrado dinheiro da Atlas nessas suas aventuras.

Decorridos cerca de vinte dias da sua chegada na Atlas, Eugênio, agora, diretor recém-promovido, ligou para Siegfried, pois acabaram não mais se falando após a sua nomeação. Ele queria saber sobre a sua situação. O motivo era que uma empresa italiana, que já estivera no Brasil na década de 80, buscava um representante, tratava-se da Pessagno Maritime, uma grande Companhia de Engenharia especializada em serviços *offshore*

de porte internacional. Lorenzo Conti, um dos diretores da empresa, que já passara longas temporadas no Brasil, buscava um executivo para contratar, de preferência alguém que já conhecia e que estivesse disponível. Siegfried, que o conhecia, lamentou que o convite viera tão tarde, pois já estava na Atlas. Agradeceu pela lembrança e até mesmo se sentiu lisonjeado, mas indicou um amigo com grande vivência na área, que atualmente não estava muito bem profissionalmente. Era Cirilo, a

quem conhecia de longa data. Eugênio também o conhecia e aprovou a indicação.

O tempo passava e Sieg intensificava os contatos comerciais. Corria atrás de licitações, de serviços, e tentava organizar o departamento. Era um homem carismático, e isso fazia com que atraísse a admiração de muitos e o despeito de outros tantos. Não demorou para que conquistasse a afeição de muitos funcionários antigos da Atlas. Praticamente, todos os dias, alguém lhe pedia um

emprego ou uma colocação para um parente ou um amigo, ou um pedido de transferência, talvez motivados pelo fato de Sieg sempre se mostrar solícito e acessível. Muitos amigos, conhecidos, ex-companheiros de antigos trabalhos ligavam ou passavam e-mails perguntando como ele estava, se tinha alguma novidade. Queriam saber a respeito de novos serviços, se teriam oportunidade com ele etc. Zulmira organizava os arquivos e recebia pilhas e pilhas de curriculuns.

Carlão, o chefe da segurança



do prédio, onde a Atlas estava instalada, um negro enorme, com idade em torno de cinquenta e cinco anos, pedia-lhe pelo filho, um rapaz, formado técnico de computadores, que estava desempregado. A moça do café pedia pelo marido, que já fora apontador de obras. Sieg nunca dizia não, pedia para esperarem. Interessou-se, a princípio, pelo filho de Zulmira. Ligou para a área de Recursos Humanos da Atlas e pesquisou sobre uma vaga de engenheiro trainee, mas, apesar de ter sido bem tratado pelo chefe do

RH, obteve como resposta que no momento não havia vaga, mas que receberia o curriculum do rapaz para uma futura oportunidade. Sieg sabia bem o que era isso, afinal, já fora um recém-formado, sem experiência, e já passara por maus bocados. Resolveu ligar para alguns amigos, falou com um, com outro, e seu amigo Edigar, também engenheiro, que estava em uma empresa de automação industrial em Vitória, no Espírito Santo, socorreu-lhe após vinte dias do primeiro telefonema.

Zulmira mal se conteve; quase beijou os pés de Sieg, que recomendou que era melhor Jardel interromper o curso de pós-graduação por enquanto. Depois da consolidação profissional, poderia voltar a estudar, ou mesmo procurar por algo semelhante em Vitória. Tempos depois, conseguiu encaixar o filho do Carlão na empresa que prestava serviços de manutenção de computadores para a própria Atlas. Muitas vezes, era só questão de um telefonema para a pessoa certa e ter boa vontade para resolver, o que

muitos não tinham.

Três meses se passaram e Sieg estava ansioso. Sentia-se desconfortável, a gerência não estava obtendo novos serviços, mas a culpa não era dele. Quando entrou na Atlas, muitas concorrências estavam em andamento, e o gerente comercial e chefe do setor de orçamentos era o Nelson, cunhado de Salomon, casado com uma das irmãs dele, a Sofia, que ostentava o título de diretora comercial. No fundo, o que ela fazia mesmo era *lobby*; a parte técnica e o trabalho

pesado cabia ao marido. Nelson era formado em Engenharia Civil, comentava-se que fora um brilhante aluno na universidade, era tido como muito inteligente e trabalhador, e era dotado de uma personalidade dócil. Nelson se destacava pela submissão à esposa, ao cunhado e ao sogro, e também pelo par de chifres que todos diziam que carregava, pois Sofia era conhecida por ser uma mulher geniosa, dominadora e possuir um apetite sexual de uma loba no cio. Atribuía-se a ela a fama de ter

dormido até com alguns ministros de estado; talvez fosse exagero, mas era o que se comentava. Nelson sabia das escapadas da mulher, mas fingia desconhecer ou se fazia de desentendido, assim sobrevivia na família Armadunian.

Sieg reviu muitos orçamentos que a Atlas tinha entregado e viu que a empresa tinha chances em muitos deles, mas a falta de conhecimentos aliada ao medo de correr riscos, faziam com que não ganhassem nada, somando-se ao fato de que iam mal na

refinaria em Minas Gerais. Muitas licitações duravam um longo processo, de um a seis meses e até mesmo um ano. Havia revisões, mudanças, a conjuntura econômica do momento etc. Sieg queria trazer orçamentistas especializados na área em que fora contratado, mas esbarrava nas limitações impostas por Salomon, principalmente no tocante a salário. O próprio Sieg começou a fazer os orçamentos, já que a equipe de Nelson não tinha muita experiência no ramo. Desdobrava-se de todas as maneiras,

mas ainda assim era impotente para fazer tudo sozinho, dependia, como sempre, do apoio do setor subordinado a Nelson, que era um sujeito bem acomodado.

A sensação de impotência e frustração estava se tornando maior e crescia a cada dia. Sieg se sentia mal, embora sabia que os resultados demorariam a aparecer, estava ciente de que logo viriam as cobranças, que sua contratação teria de se justificar, mas ele não dominava todo o processo, dependia de decisões de diretores e donos,



pois quem corria os riscos eram eles, que quase sempre se mostravam cautelosos, cautelosos demais, segundo sua visão.

Geralmente, a diretoria da Atlas se reunia com os gerentes mensalmente, salvo alguma situação que merecesse uma maior atenção. Sieg levava um relatório de tudo que o fazia, das visitas, dos contatos, das licitações que conseguia amealhar, mas não havia ainda nenhum resultado para mostrar, e isso o deixava bastante constrangido e insatisfeito. Os

diretores ouviam tudo com atenção e pediam mais explicações. Sieg, percebia que eles também não estavam muito satisfeitos.

Diante de um cenário de estagnação, ele resolveu ter uma participação mais ativa na elaboração dos orçamentos para a concorrência. E também resolveu fazer um acompanhamento das concorrências mais de perto. Descobriu que o preço final estava saindo muito superior ao custo, o que significava que as margens de lucro praticadas por Salomon

provavelmente estavam exageradas, fora da realidade do mercado. Mais tarde, descobriu, em conversa com alguns amigos de outras empresas, para surpresa sua, que estava havendo combinação de preço, ou seja, a Atlas, em acordo com outras Companhias, jogava o preço bem para cima para favorecer algum outro concorrente. Normalmente, cada um dos participantes desse “acordo” ganhava uma concorrência, mas isso não estava acontecendo, pelo menos com a Atlas, ou então, alguma empresa

estava “furando” o acordo. Sieg jogou algumas indiretas para Nelson e Salomon, mas nenhum dos dois abriu o “jogo”. Remotamente, ele desconfiou que um dos dois, ou alguém, poderia estar vazando informações, ou que os dois estavam levando dinheiro por “fora”. Pensava que isso não tinha cabimento e tempos depois descobriu que Nelson e Salomon estavam levando dinheiro. Salomon morava em um amplo apartamento na zona Sul, em um dos endereços mais caros do Rio de Janeiro. Tinha

um alto padrão de vida, viajava constantemente para o exterior, quando não era com a esposa, era com uma de suas amantes, e era do tipo que ostentava. Nelson e a esposa Sofia também levavam um padrão de vida bem acima de seus supostos salários. Mas ele não podia provar nada.

Quatro meses se passaram e ele não tinha conseguido ganhar ainda uma única obra sequer. A esperança surgiu durante uma conversa com um ex-colega da Ocean. Por meio dele, soube que

uma empresa americana, coligada à sua ex-empresa, estava se juntando a um grupo brasileiro para instalação de uma petroquímica em Manaus. Siegfried imediatamente localizou Richard Maxwell e conseguiu saber quem chefiaria o projeto de implantação. Era um americano, diretor de Engenharia, chamado Robert Chapman, ou Bob Chapman, como gostava de ser chamado. Siegfried conseguiu uma entrevista com ele depois de ser recomendado por Richard. Ele seguiu para São Paulo, onde a sede

da nova empresa estava localizada. O investimento da instalação estaria na faixa de meio bilhão de dólares. De posse da documentação, Siegfried foi para Manaus e passou três dias fazendo uma visita técnica relativa e levantamento das condições locais de mão de obra, facilidades, transporte etc.

Ao voltar, um tanto quanto cansado, devido ao calor e à longa viagem, logo cedo Salomon o chamou em seu gabinete. Siegfried entrou e o cumprimentou e a mais um homem que estava sentado em

frente à mesa de Salomon.

– Então, Sieg, como foi a visita? Temos chances?

– Bem, é uma obra enorme. Vou me dedicar pessoalmente em ganhar este trabalho.

– Para quando é a entrega da proposta? – perguntou Salomon.

– Daqui a cerca de dois meses. O prazo é muito apertado, pois há muito trabalho a fazer. Talvez tenhamos de pedir um adiamento. A licitação já está em andamento e nós fomos os últimos a entrar, pois não fomos convidados



inicialmente. Será necessário mobilizar gente exclusiva para se dedicar a esta tarefa, talvez eu consiga alguns orçamentistas *freelancer* – respondeu.

Após escutar as explicações de Siegfried, Salomon mudou de assunto.

– Deixe-me apresentar Murilo, filho de meu tio Ibrahim.

– Prazer – disse Sieg, estendendo a mão, e notando que o homem mal o cumprimentou, dando a impressão de que fazia pouco caso para a apresentação. Apertou a mão

de Sieg bem superficialmente.

– Prazer – respondeu, meio que resmungando entre os dentes.

– Bom, Sieg, Murilo estava no consórcio que nós participamos da Ferrovia Centro-Sul e está vindo para cá agora. Gostaria que ele ficasse com você, e como no seu organograma consta um analista de custo, o Murilo seria a pessoa ideal.

Sieg raciocinou por um instante, pensou em falar que seria bom quando tivesse algum empreendimento, o que não era o caso.

– Eu sei – disse Salomon – que você não tem nada agora, mas talvez ele possa ajudá-lo nas propostas.

– Sim, ele pode me ajudar sim. Você tem experiência com propostas? – perguntou virando-se para Murilo.

– Mais ou menos, já participei de algumas tempos atrás com o Nelson.

– Tudo bem, então vamos arrumar um lugar para você se instalar.

– Ele pode ficar na sala perto

da sua, Sieg, onde tem um pessoal do Nelson. Já pedi para desocupar o local. Mais uma coisa, tem também o Luciano, eles trabalham juntos. O Luciano é muito bom com computadores, sistemas e planilhas, vai gostar dele.

– Ok! – disse Sieg sem mais palavras.

Quando Zulmira soube que Murilo Muraht iria para o seu departamento, procurou Sieg e o advertiu sobre ele. Disse-lhe que se tratava de uma pessoa altamente antipática, um criador de caso, e por

esse motivo saíra do consórcio da ferrovia. De fato, conforme Sieg apurou depois, a diretoria da ferrovia pediu a saída de Murilo do empreendimento por indisposição de alguns membros com ele.

Murilo, filho mais velho de Ibrahim, tinha quarenta anos, mas mentalmente se comportava como se tivesse dezessete, quando muito era um “calo” na vida do pai. Moreno, queimado de sol, estatura mediana, com boas entradas na testa, cabelos crespos, castanhos-escuros, vivia de óculos de sol. Era

separado e dizia-se que seu casamento durara apenas seis meses. Também pudera, pelo temperamento que tinha era de se admirar que tivesse encontrado alguém para se casar.

Murilo havia voltado da Austrália a cerca de dois anos. Chegara ao Brasil e fora estudar MBA em logística, embora não concluiu o curso, justamente para poder trabalhar no consórcio da ferrovia. Passou quatro anos entre a Austrália, Nova Zelândia e algumas ilhas da Oceania, como Bali e

Havaí. Tentou ser surfista profissional até os trinta anos. Não se sabe exatamente no que era formado. Ele dizia que fizera Engenharia, mas quem o conhecia tinha dúvidas se chegara a se formar. Após gastar o dinheiro do pai na Austrália, e sem meios de sobreviver, voltou ao Brasil. Tempos atrás já trabalhara na Atlas, mas sempre criava uma confusão qualquer com um ou com outro. Era um tipo arrogante, gostava de usar grifes caras, dos sapatos ao relógio dourado Rolex, apesar de muitos

terem dúvidas se o modelo usado era mesmo legítimo.

O expediente na Atlas começava oito horas da manhã e terminava seis da tarde, mas Murilo dificilmente chegava antes das oito e meia ou nove horas, e raramente era encontrado depois das cinco e meia da tarde. Gostava de noitadas, de mulheres bonitas, transitava em festas acompanhado de modelos iniciantes, tinha bons contatos e sempre descobria onde tinha uma boa festa para ir. Adorava bons restaurantes e gostava de ser visto



bem acompanhado. Alguns diziam que Murilo até pagava para sair com modelos ou mulheres de programa de alto-luxo.

Não havia um só dia que Murilo não passasse uma descompostura em alguém. Seu público-alvo eram as recepcionistas, as secretárias, os manobristas, os seguranças do prédio, as faxineiras, a copeira etc. A apresentação do crachá era obrigatória para ingressar no prédio, pois não era apenas a Atlas que estava instalada ali, havia outras empresas também, mas

Murilo fazia questão de não levar o crachá. Na sua cabeça, os seguranças deviam saber quem era ele; seus problemas com a equipe de segurança do prédio eram constantes. Em dias de sol quente, Murilo sempre dava um jeito de sair mais cedo, o motivo eram os mais variados possíveis: consulta médica, dor de dente, dor de cabeça, súbito mal-estar etc., mas era visto à tarde na praia da Barra da Tijuca ou do Recreio, surfando. Sieg dava algum tipo de trabalho para ele fazer, mas ele usava Luciano para lhe dar

cobertura em suas escapadas.

Sieg viajava muito, vivia visitando clientes em potencial, diretores de empresas petrolíferas, tanto estatal como privada multinacional, petroquímicas do Nordeste, Sul e Sudeste. Fazia propostas, orçamentos, e colocou Murilo e Luciano para trabalhar no orçamento de Manaus. Inicialmente, solicitou que fizessem cotação de preços de materiais e de empresas que poderiam subcontratar. Mostrou-lhes um cadastro de fornecedores e orientou-os a montar

uma planilha de quantitativos, pegando os preços de mercado, pelo menos era o que os dois poderiam fazer naquele momento. Para variar, Murilo fazia a contragosto. Em paralelo, buscava gente especializada em orçamentos para prestação de serviços, onde acenaria com a possibilidade de uma efetivação no projeto se porventura saíssem vitoriosos na disputa.

Em meio a essa concorrência, Sieg recebeu um telefonema de um conhecido de Macaé, Rubens, que trabalhava na

Ocean do Brasil, a filial brasileira da Ocean Drillings, que fazia serviços de perfuração e sondagem no litoral brasileiro. Rubens era o segundo no escalão da empresa no Brasil. Ligou por orientação de Richard Maxwell, que ainda estava no Brasil terminando os serviços do FPSO.

A Ocean do Brasil tinha operando quatro plataformas de perfuração e um navio sonda ao longo do litoral, e pelo menos uma e o navio estavam necessitando de reparos, por causa da longa

permanência no mar. Antes de Siegfried sair da Ocean, explicara a Richard para onde estava indo e o que pretendia fazer. Ia se dedicar a implantar em uma empresa de construção civil um segmento *offshore* e de serviços relativos à indústria de óleo e gás. Assim, Richard deu boas referências dele a Rubens e ao chefe dele.

Siegfried foi para Macaé se inteirar do assunto, e lá Rubens abriu o jogo:

— Estamos buscando uma empresa que possa fazer um grande

reparo e manutenção em uma de nossas plataformas de perfuração e em um navio sonda. Serão feitos um após o outro, mas não é uma reforma completa, entenda bem. Acontece que estamos procurando uma empresa há meses, mas os preços praticados estão muito acima do que podemos pagar. Não sei se eles combinaram os preços entre si, mas o fato é que estão nos espoliando. Não se trata de termos condições de pagar ou não, mas exploração tem limite – explicou Rubens.

Siegfried sabia que os americanos eram extremamente sérios e responsáveis no tocante a gastos com seus próprios recursos. Era óbvio que eles tinham dinheiro, e muito, mas eles tinham a noção exata do valor do que queriam. Além disso, a filial brasileira tinha de prestar contas à matriz americana por qualquer custo a mais e eles sabiam a média de preços praticados no mercado nacional e internacional.

– Tudo bem, Rubens, deixe-me ver os quantitativos de serviços



e de fornecimento – disse Sieg.

– Bem, aqui está toda a documentação necessária para vocês fazerem o orçamento dos reparos, mas tem mais uma coisa, além da proposta de preços vocês terão de me apresentar uma proposta de viabilidade técnica de execução da obra, já que são novos no ramo, embora você tenha sido muito bem recomendado pelo Richard.

– Sem problemas, Rubens. Acho que seria bom também visitar a plataforma e o navio.

– Sim, claro, mas precisamos

da proposta o mais rápido possível.  
Você me entrega em dez dias?

– Bem, vou tentar, mas  
preciso fazer a visita o quanto antes.

Dois dias depois, Sieg  
visitou a plataforma Ocean 08, ou a  
O-08, e em seguida foi até o navio  
sonda, o Pilgrim, como fora  
batizado. Passou um dia em cada  
unidade e retornou ao Rio de  
Janeiro. Como Rubens tinha pressa,  
forneceu a Sieg o limite de preço de  
cada trabalho: 40 milhões de dólares  
para a plataforma e 30 milhões para  
o navio. Bastava que Sieg fizesse os

cálculos de trás para a frente, ou seja, uma vez com o preço final já fechado, estudaria o custo necessário e se era viável fazer por aquele valor.

Ele trabalhou durante dez dias até tarde da noite e chegou à conclusão de que era viável fazer naquele preço. O gerenciamento teria de ser rígido, sem desvios, mas antes ele teria de convencer Salomon de que teria de praticar uma baixa margem de lucro. Além do trabalho que teve em levantamentos e cálculos, ainda fez

contatos com vários profissionais que poderiam ser contratados. Fora uma tarefa árdua, mas por fim conseguiu terminar. Contudo, teve de pedir um adiamento da entrega da proposta, pois Salomon fora para os Estados Unidos com a mulher e a previsão de retorno era em dez dias. De vez em quando ele a acompanhava nas viagens para trazer novidades, ver tendências da moda etc.

Rubens pressionava Siegfried, pois as duas unidades da Ocean não estavam dando bons

resultados, ou melhor, viviam mais paradas no mar em panes constantes do que funcionando. O contrato de perfuração que tinham com a empresa do governo era da ordem de 100.000,00 dólares ao dia, e o prejuízo ia se avolumar, apesar de eles estarem deslocando outra plataforma da Angola para o Brasil para poder cobrir. Diante da pressão, ele resolveu procurar Ibrahim, apesar de ele ser o vice-presidente, não detinha o mesmo poder de decisão de Salomon, que era diretor-executivo e controlava

toda a Atlas. De fato, era ele quem mandava. Sieg explicou tudo ao segundo homem da Organização, pelo menos na teoria. Levou as planilhas de custo e disse que o lucro não deveria ser alto, pois senão ultrapassariam o limite que a Ocean tinha fixado. Explicou que havia a possibilidade de, no decorrer dos serviços, o lucro aumentar, pois poderiam aparecer serviços não previstos, e também poderiam ganhar em produtividade. Mas Ibrahim, um engenheiro de estradas, apesar de ser experiente, não quis

assumir o risco e mandou Nelson checar, o que provocou uma profunda irritação em Siegfried, já que Nelson também não entendia absolutamente nada daquele tipo de serviço. Para completar, Nelson tentou se esquivar, queria esperar a volta do Salomon, que se daria em poucos dias, mas aconteceu que este não voltou no dia marcado nem deu notícias.

Rubens disse a Sieg que só esperaria mais dois dias, caso contrário, fechariam com outra empresa. “Pode ser um blefe dele”,

pensou. Mas decidiu que não ia pagar para ver. Jogou com o que tinha nas mãos, não deixaria passar aquela oportunidade de jeito nenhum, e foi falar com Ismail pessoalmente. Levou todos os dados para que o CEO da Companhia analisasse e pudesse tomar a decisão. Explicou detalhadamente o serviço e expôs as razões pelas quais o estava procurando, uma vez que Ibrahim e Nelson não resolveram, e Salomon estava viajando. Ismail o recebeu bem, embora tenha ficado um tanto



quanto irritado com as atitudes de seu vice-presidente e de Nelson. Siegfried explicou que seria importante para a empresa realizar o trabalho, apesar do valor envolvido não ser significativo, tendo em vista o tamanho da Atlas, mas possivelmente abririam novas portas para a empresa e garantiriam mais um acervo técnico. Ismail concordou e acertou com ele o preço final. Depois, deu uma tremenda bronca no Ibrahim e no Nelson, por terem sido tão displicentes no caso e por não confiarem no gerente

responsável, que fora contratado exatamente para aquele tipo de serviço. Esse fato criou um mal-estar entre os três envolvidos, principalmente em Ibrahim, que a partir daquele dia passou a fazer de tudo para complicar a vida de Siegfried na empresa.

Depois de dez dias, Salomon retornou, sabendo de antemão de tudo que acontecera por intermédio de Nelson.

Salomon mandou chamar Sieg. Parecia aborrecido. Sieg se pôs a explicar tudo de novo, pela

quarta vez, e foi criticado por ter praticado um lucro baixo, já que a política da empresa usualmente não era aquela. Mas o gerente refutou, explicando sobre a relevância do serviço e dizendo que tivera o consentimento do presidente. Salomon demonstrava despeito e parecia incomodado por não ter participado da negociação. Essa era uma das marcas de sua personalidade: ser centralizador e querer sempre estar no centro das atenções. Sieg ainda lhe disse que uma vez com as pessoas certas e da

sua confiança, facilmente chegariam ao lucro esperado, pois ele identificara muitos serviços necessários na visita à empresa, que não foram incluídos na planilha de serviços, o que possibilitaria que esses serviços fossem executados como “extras”. Dessa forma, o valor da obra poderia ser maior.

Salomon calou-se. Ficou pensativo e, decorridos alguns segundos, que pareceram uma eternidade, disse a Sieg que depois lhe falaria.

Rubens, após analisar a

proposta da Atlas, fez vários comentários e pediu várias explicações sobre um ponto ou outro. Tudo foi respondido. Depois de todos os esclarecimentos, Rubens encaminhou a documentação ao chefe, que remeteu à diretoria da Ocean, em Houston. Passados vinte dias, o contrato foi enviado à Atlas para assinatura. Como era de praxe, a área jurídica da empresa analisou em primeira instância e depois seguiu para a assinatura da diretoria.

Siegfried respirou aliviado.

Agora teria um nova missão pela frente, mobilizar os recursos para iniciar os trabalhos e tornar a Atlas mais ágil, uma tarefa difícil.

## **Only Girls Party**

Siegfried começou a mobilização para dar início aos serviços. Assim, fez os contatos com as pessoas que participariam da obra. Fazia cerca de vinte dias que não tomava conhecimento do orçamento de Manaus, que estava até o momento nas mãos do Murilo e Luciano. Tinha de começar a olhar

isso também, pois o prazo de entrega estava chegando e durante aquele período fizera contato apenas com alguns orçamentistas para que integrassem a equipe.

Era uma sexta-feira quando recebeu a ligação de seu amigo, Carlos José, que trabalhava em outra empresa de Engenharia.

– E aí, Sieg, por onde você tem andado?

– Trabalhando muito, Cazé !  
– respondeu.

– O que você vai fazer hoje após o expediente?



– Nada.

– Vamos tomar um chope?

Estou precisando conversar com você sobre um determinado assunto. É algo pessoal, não é nada de trabalho. Pode ser? Meu voo para São Paulo sairá somente nove horas da noite.

– Claro, sem problema nenhum. Onde você quer se encontrar?

– No lugar de sempre, ali no centro, no Sagres. O que você acha?

– Para mim está ótimo.

Combinado então, lá pelas seis e meia? Saio às seis, até chegar lá...

– Ok, nos vemos mais tarde.

No centro do Rio de Janeiro tinha de tudo, de botequins a restaurantes sofisticados. Na sexta-feira à tarde, o “happy hour” fervia. Homens e mulheres de todos os bairros passavam pelo centro. Eram pessoas elegantes, gente comum, executivos, profissionais liberais, e muitos bares e restaurantes colocavam mesinhas e cadeiras nas calçadas. Alguns tocavam música ao vivo; outros eram boates, que

abriam as portas às seis da tarde.

O Sagres era um restaurante especializado em cozinha portuguesa e frutos do mar. À tarde tinha um concorrido “happy hour”, muito bem frequentado. Servia comida brasileira também e era um lugar elegante, ficava apinhado de gente. Situava-se em uma das muitas ruelas do centro. Ambos conheciam os garçons, o gerente e o dono, mais pelos almoços, pois Sieg, quando trabalhou no centro, sempre almoçava ali.

Quando ele chegou, Cazé já

o esperava.

– Vai um chope, Sieg? Já pedi a porção de bolinhos de bacalhau.

– Vou pedir um chope escuro, bacalhau está ótimo! – respondeu.

– Então! O que me conta de novo? – perguntou Cazé.

– Depois de muita luta consegui ganhar alguma coisa, acredita?

– É? O que vocês ganharam?

– Um reparo de uma plataforma e um navio sonda.

– Aonde, em Macaé?  
– Não, aqui em Niterói.  
– Parabéns!  
– Está gostando da nova casa? – perguntou Cazé.

– Mais ou menos. Para falar a verdade, não! O clima lá é pesado, empresa familiar é complicado, muita política...

– Vamos levando, fazer o quê, né? – disse Cazé.

– E você, Cazé? O que traz de novo?

– Cara! Acho que vou me separar.

- É? Mas o que foi?
- Estou gostando de outra.
- Sério?
- Sério!
- Quem é? Eu conheço?
- Não, não conhece, trabalha comigo.
- Cazé! cuidado, não misture trabalho com namoro.
- Não estou misturando, estou gostando mesmo dela.
- Pense bem, Cazé. Vai jogar fora vinte e dois anos de casamento assim?
- Você sabe que nunca me

envolvi com ninguém nesses anos todos, já tive paqueras, mas para dizer a verdade, nunca passou disso, paquera! Nunca traí a Vera. Dessa vez, a coisa é para valer.

– Você e essa moça estão juntos a quanto tempo? Como ela se chama?

– Bem, tem uns dois meses, ela trabalha comigo há três. O nome dela é Silvana.

– Mas você não acha que dois meses de relacionamento é pouco para conhecer uma pessoa e jogar um casamento fora?

– Estou gostando dessa menina de verdade, Sieg.

– Cuidado com paixões assim. Elas não duram, é só fogo momentâneo. Além disso, a Vera segurou muita “onda” com você.

– Sei disso. Eu e a Vera começamos a namorar ainda no colégio. Sei que vai ser difícil para ela, mas não me sinto feliz ao lado dela. Silvana me faz sentir bem, é algo mais instigante, compreende?

– Você se casou bem cedo, não foi? Assim que se formou?

– Sim, mas na época era o



melhor que se tinha a fazer. A Vera tinha uma vida difícil, perdera o pai muito cedo e pelo que eu sabia não tinha mãe. Com a perda do pai, ela foi morar com uma tia, do lado materno, mas o marido, o tio, começou a implicar com ela. Acho até que a assediava, então ela foi morar com a avó, e como esta morreu pouco tempo depois, para não ter de voltar para a casa dos tios, resolvemos nos casar. Foi melhor assim, pelo menos naquele momento, entende?

– Sim, entendo – disse

Siegfried.

– E o pior você não sabe, tempos depois descobri que a mãe dela estava viva, vivia em uma instituição psiquiátrica.

– Mas que coisa! Ela está lá até hoje?

– Ela saiu, e de vez em quando aparece lá em casa. Parece que arrumou um marido. Quer saber? Fiquei chocado, pois sempre acreditei que a Vera não tinha mãe. Levei um tempo para digerir a história.

– Você já disse alguma coisa

para a Vera que está gostando de outra?

– Ainda não, brigamos nesta semana ao telefone. Nossas brigas têm sido frequentes. Dessa semana não passa, vou pôr tudo em pratos limpos.

– Espere mais um pouco, Cazé. Você não está se precipitando?

– Isso está me torturando, Sieg. Vou arrumar um apartamento aqui no Rio de Janeiro e vou morar com a Silvana.

– Mas já está na fase de

morar junto? E ela, o que falou quando você disse que vai se separar?

– Bem, ainda não disse a ela.

– Ela sabe que você é casado?

– Sabe, sim.

– Acho que deveria conhecê-la melhor. Depois, mas bem depois, pensar em separação.

– Ela é formada, Cazé?

– Sim, em Publicidade. Já tem uma pós e está fazendo outra. É uma pessoa muito esforçada, tem vontade de aprender.

– Espero que não se arrependa.

– Você se lembra do Juarez?  
– perguntou Sieg a Cazé.

– Aquele engenheiro de planejamento?

– Sim, ele mesmo.

– O que tem ele? Por onde tem andado?

– Está em uma multinacional de energia. O Juarez é muito bem casado, tem dois meninos, é um marido ideal e pai de uma família exemplar.

– Sim, e daí?

– Ele é um dos caras que conheço que mais mulher pega, sabia?

– Não acredito! Com aquela cara de bom moço?

– Sim, ele mesmo. Acredite ou não, só na “moita”. Ele ainda se relaciona com ex-namoradas desde o tempo de solteiro. Algumas se casaram, se separaram, e estão com ele. Fora outras que ele arruma por aí. Tem até uma que é amiga da própria esposa, e ainda por cima é casada. Ele me diz que joga limpo com todas elas, “sou casado, não

vou me separar e se quiser é assim”. É o que ele me fala. Conhecendo como eu o conheço, ele não está mentindo. Acho que deveria fazer o mesmo. Se o seu casamento está em crise, dê umas voltinhas com a Silvana para conhecê-la bem, já que ela não se importa de você ser comprometido.

– Não sei não, Sieg. Estou gostando mesmo dela, acho que poucas vezes gostei de uma pessoa assim.

– Bem, estou vendo que a coisa é séria – disse Sieg sorrindo. E

acrescentou: – Acho que você realmente está envolvido, desde que chegamos você ainda não fez nenhum gracejo para a Nancy. – Sieg se referia à bonita garçonne que trabalhava no Sagres, pois toda vez que eles iam lá, Cazé fazia piadas com a moça. Nancy com o tempo se acostumou com as cantadas que recebia de gente de todos os tipos.

– Você sabe que eu só brinco, né, Sieg, disso não passa! – respondeu Cazé.

– Tá bom, vou fingir que



acredito – sorriu.

– E você, ainda está com aquela paulista? Não! Não estamos mais juntos, já faz tempo que terminamos. Você sabe que meus últimos seis meses na Ocean foram um inferno. Naquele período, ela rompeu. Depois foi a difícil fase de início na Atlas, que persiste até hoje.

– É, mas só trabalhar, trabalhar, sem pensar em nada mais, você vai acabar adoecendo. Vocês não se davam bem? Deve ter sido a distância, não foi? Mas ela não

estava sempre no Rio?

– Eu a conheci em uma feira de livros. Você sabe que me interesse por esoterismo, filosofia oriental, coisas assim, e ela também. Estávamos na mesma seção e acabamos pegando o mesmo livro. Rimos da situação e ela puxou conversa comigo. Mostrou-se interessada, dali fomos para um café dentro da feira, conversamos e trocamos telefone. A Eliane é formada em Ciências da Computação e Sistemas, é *expert* em TI e dá consultoria e

treinamento. Na época, ela ministrava um treinamento aqui no Rio de Janeiro em uma empresa e vinha sempre dar cursos aqui. Tem parentes no Recreio. A coisa acabou evoluindo e tinha fim de semana que eu ia a São Paulo, em outros ela vinha, já que nem sempre ela dava treinamento na cidade. Era meio que esporádico, depois foi ficando difícil eu ir a São Paulo, pois o serviço ficou mais apertado, mas mesmo assim o motivo do término não foi esse.

– Mas vocês terminaram por

quê então ? – perguntou Cazé.

– A empresa de São Paulo, que ela dava consultoria, ganhou uma concorrência de implantação de sistemas em um órgão público do governo em Brasília e ela, por ser uma pessoa muito capaz, foi convidada para gerenciar o projeto. Teria de passar cerca de oito a dez meses em Brasília. Sendo ela ainda nova, pois tem vinte e sete anos, era uma chance e tanto, assim resolveu aceitar. Lógico, eu não me opus, não vou ser contra o crescimento profissional de uma pessoa. Então,

para não atrapalhar a carreira profissional, ela achou melhor romper, não queria nenhum tipo de vínculo ou qualquer compromisso que não fosse o trabalho. Queria mergulhar de cabeça no projeto. Foi a visão dela.

– Por quanto tempo ficaram juntos?

– Quatro meses. Quer saber mais? Dei graças a Deus por ela ter ido embora. Ela é uma mulher muito complicada, embora fosse culta, atualizada e ambos termos gostos parecidos, cinema,

esoterismo...

– Mas em que ela era complicada? – perguntou Cazé.

– Eliane, antes de ficar comigo, estava sozinha já fazia um ano. Chegou a ficar noiva e ia morar com outra pessoa. Parece que tinham comprado tudo para viverem juntos: mobília, eletrodomésticos e tudo mais, até que nas vésperas da união, se bem que ela me disse que eles viveriam juntos sem ainda se casarem formalmente na igreja, ela ficou sabendo que o noivo tinha engravidado uma outra mulher. Aí a

vida emocional dela desabou. Ela custou a se refazer. Depois, não se apegou a mais ninguém. Não sei bem se foi por causa disso ou algo bem anterior, ela tinha certos bloqueios. Tinha uma vida sexual sofrível, não conseguia ter orgasmo de jeito nenhum. Segundo ela, submeteu-se a vários tratamentos sem sucesso.

– Mas que coisa! – disse Cazé.

– Quando rompeu comigo, faltavam ainda dois meses para ela embarcar para Brasília. Nunca mais

tive notícias dela. Deve estar muito bem profissionalmente, suponho.

Carlos José mudou de assunto.

– Você sabe que aqueles safados estão cortando a minha passagem semanal de avião? – disse Cazé. – Só vou ter uma por mês. Terei de ir de ônibus para casa, mas tem um leito que saí, se não me engano, às onze da noite, aí amanhã lá.

– Você devia ter se mudado para cá, isso sim. Bem, mas se agora for ficar mesmo com a sua



namorada vai viajar pouco para lá, não é?

– Bem, é ! Não vai fazer diferença. Mas não tinha como me mudar para cá. Meus filhos estão na faculdade. Lá não pago aluguel e Santos é bem mais tranquilo que o Rio de Janeiro.

– Mas você fica aqui a semana toda, não desfruta da tranquilidade de Santos, além do que, mora em Copacabana, que é bem tumultuada. E agora, onde pretende se instalar com a moça?

– Ainda não tenho ideia,

talvez fique em Copacabana mesmo.

– Aonde ela mora?

– No mesmo bairro, com mais duas amigas.

– A família dela mora fora da cidade?

– Ela é do Rio de Janeiro e a família também. Os pais moram em Campo Grande, na zona Oeste. Para ficar perto do curso e do trabalho, ela passa a semana em Copa.

– Entendi – respondeu Sieg.

Decorridas meia-hora, Silvana entrou no Sagres acompanhada de outra mulher, que

se apresentou como Cecília. Silvana era morena-jambo, tinha os cabelos encaracolados e os usava presos em um “rabo de cavalo”. Tinha um boa estatura, devia ter entre 1,68 e 1,70 , corpo benfeito e possuía traços finos, dentes muitos brancos e um bonito sorriso. Tão logo Sieg pôs os olhos nela, pensou “não é à toa que Cazé caiu por ela”. Sem dúvida, tinha uma bela presença e chamava a atenção. Cecília trabalhava na mesma empresa de Cazé e Silvana, era morena-clara, simpática e um pouco mais baixa do que Silvana.

Ambas estavam muito bem-trajadas.

Cazé fez as devidas apresentações e pediu mais bebidas e uma porção de salgadinhos. Conversaram sobre amenidades, até se aproximar a hora de Cazé partir, pois já passava das oito horas da noite.

Siegfried se prontificou em deixar Cazé no Aeroporto. Silvana perguntou para onde Sieg ia, e ele lhe disse que se dirigiria à Barra da Tijuca. Ela estava indo para Copacabana, então, decidiu deixá-la

em casa, pois poderia ir do Aeroporto Santos Dumont até a Barra passando por Copacabana. Cecília morava em Botafogo e achou melhor ir de metrô, pois era mais prático e mais rápido.

No trajeto para Copacabana, Silvana perguntou se Sieg conhecia Cazé havia muito tempo.

– Sim, nos conhecemos há mais de vinte anos, foi logo que comecei a trabalhar, começamos juntos. O Cazé é uma ótima pessoa, além de ser um excelente profissional – respondeu.

– Estou aprendendo muito com ele – disse Silvana.

– Você se formou mesmo em quê?

– Em Publicidade, na época parecia ter muito campo, mas não consegui oportunidade na minha área, trabalhei em outras coisas, até me pós-graduei em Marketing, mas nem assim consegui. Estou fazendo MBA em Administração.

– Estudar sempre é bom.

– E você, mora na Barra há muito tempo?

– Tem um tempinho.

– Morar na Barra é para quem pode – disse ela sorrindo.

– Você sabe que na Zona Sul, é mais caro que na Barra? – perguntou.

– É? não sabia!

– Em Ipanema, Leblon, Lagoa, Gávea, Jardim Botânico, o aluguel de um apartamento ou flat é bem mais caro. Se quiser comprar, o valor de um imóvel na Barra é inferior aos da Zona Sul, mas também não são assim tão acessíveis. O problema da Barra é que tem de ter carro para fazer tudo,

as distâncias são enormes. Mas, particularmente, acho a Barra um pouco mais tranquilo.

– Sim, a Barra nem parece o Rio de Janeiro – respondeu.

– Em minha opinião, Copacabana já foi um bairro bom, hoje é muito tumultuado, muito cheio...

– Não deixa de ter razão – respondeu Silvana. Sua família é grande?

– Onde? Aqui no Rio?

– Sim, você não tem família?

– Meus pais e irmãos moram



no interior do estado, eu moro sozinho no Rio.

– Como? Você não é casado?  
Deve ser separado, então!

– Não, sou solteiríssimo!

– Mas como pode?

– O quê? Eu não ter me casado?

– Sim, não quer se prender a ninguém? Prefere a liberdade?

– Não encontrei a pessoa certa, questão de destino – sorriu Sieg.

– Você deve ser do tipo de pegar todas, aqueles que gostam de

menininhas – falou rindo muito.

– Nada disso. Não sou desse tipo, não. Até estava falando com o Cazé, já tem um bom tempo que estou sozinho.

– Mas deve estar sozinho porque quer, ou deve escolher muito...

– E você? – perguntou Sieg, com o intuito de provocá-la. Está com alguém? Pensa em se casar?

– Eu tenho algumas paqueras, uns rolinhos, nada sério. Os homens hoje não querem nada. Ninguém pensa mais em

compromisso.

Sieg ficou estupefato.

Pensou: “e o Cazé como fica?”.

– Mas isso de compromisso, não são somente os homens, não. Tem muita mulher que pensa do mesmo jeito, somente quer ficar. Mas você pensa em ficar com alguém sério, casar-se? – perguntou Sieg.

– Claro! Assim que achar um homem sério.

– E o Cazé?

– O Carlos José é um amigo muito especial.

Ela pediu a Sieg que seguisse pela avenida Atlântica, parece que estavam perto do local onde ficaria.

– O que você vai fazer neste fim de semana? – perguntou Silvana a Sieg.

– Bem, amanhã pela manhã vou ter de trabalhar, estou com muita coisa acumulada, e ainda vou ter de levar trabalho para casa.

– E à noite você não sai?

– Saio, sim, fico pela Barra mesmo, no máximo vou até o Leblon.

– Anote meu telefone – disse

ela –, podemos sair você, eu e minhas amigas.

– Tá bom, se eu sair te aviso, ok?

Silvana desceu do carro e Sieg mal pôde acreditar, “Cazé, está entrando numa fria”, pensou. Tudo indicava que o que ela sentia por ele não era tão intenso quanto o que ele sentia por ela. Iria avisá-lo sem demora, antes que ele provocasse uma tempestade em sua casa.

Eram quase dez horas quando Sieg entrou em seu apartamento e ligou para Carlos

José, em Santos, sabia que ele não tinha chegado, mas iria pedir para Vera, que o avisasse, assim que ele chegasse, para ligar para ele, pois tinha um assunto muito importante para tratar.

Naquela noite, em São Paulo, desabou um temporal. A viagem dele atrasou, houve alagamentos por toda a parte e quando Cazé conseguiu chegar em Santos já era alta madrugada. Vera estava dormindo. Pela manhã bem cedo, Cazé foi até a residência dos pais, o que fazia sempre, todos os fins de

semana que estava em casa. Vera não conseguiu dar o recado de Sieg.

No sábado, pela manhã, Sieg levantou-se cedo, fez uma breve caminhada pela orla e, em seguida, foi para Botafogo, no escritório da Atlas. Ia prosseguir na tarefa de mobilização dos serviços da plataforma O-8 e pegar o orçamento da obra de Manaus para ver como estava o andamento, já que havia deixado alguma coisa para ser feita por Luciano e Murilo. Constatou que havia muito ainda por fazer. Reuniu toda a documentação, alguns

desenhos e levou tudo para casa, onde se debruçaria sobre o material no domingo. Chegou na Atlas por volta das nove horas da manhã.

Ligou para Santos, para a casa do amigo, e falou com Vera, mas soube que Cazé tinha saído e não levara o celular. Sieg deixou novo recado.

Somente no domingo à tarde é que Cazé retornou a ligação.

– O que aconteceu, Sieg?

– Olhe, Cazé, acho melhor repensar o seu caso com Silvana.

– O que foi ? Ela te falou alguma coisa?



– Bem, temos de nos falar pessoalmente. Acho que você está bem mais entusiasmando do que ela, embora ela não tenha dito nada diretamente. Você falou alguma coisa com a Vera? Contou que tem outra?

– Não, ainda não. Falamos em nos separar, mas não disse que o motivo principal seria outra mulher.

– Então não toque mais no assunto. Amanhã, depois do expediente, encontramos-nos no centro e nos falamos, ok?

– Tudo bem, de dia te ligo e

combinamos.

Após o telefonema, Sieg pensava em um modo de dizer a ele que possivelmente ele estava embarcando em uma barca furada, mas tinha de medir as palavras, pois podia criar um problema ainda maior entre ele, Cazé e Silvana.

Depois de examinar detalhadamente a documentação da concorrência de Manaus, Sieg chegou à conclusão de que seriam necessários pelo menos três orçamentistas experientes para fazer o levantamento, bem como do

dimensionamento de recursos, pois restava pouco tempo para preparar tudo. Resolveu procurar Salomon para que ele autorizasse a contratação dos tais profissionais, pelo menos temporariamente, talvez por quinze ou vinte dias, para dar cabo da tarefa.

Na segunda-feira à tarde Cazé ligou para Sieg, dizendo que o diretor Linhares o estava mandando para a refinaria de Canoas, na grande Porto Alegre, a fim de que ele resolvesse algumas coisas que estavam acontecendo por lá. A

justificativa da viagem era que o cliente estava se queixando do desempenho da empresa. Cázé retornaria na quinta à tarde ou na sexta pela manhã. Combinaram de se falar no sábado, pois ele resolveu passar o fim de semana no Rio, uma vez que passaria a semana fora sem ver Silvana, assim, ficaria com ela durante todo o fim de semana, pelo menos era o que ele tinha em mente.

Aquela semana foi atribulada. Sieg se dividiu entre dar a partida aos serviços da reforma da

plataforma e o orçamento da petroquímica. Tentava arrumar um gerente administrativo para dar início à contratação de pessoal. Em paralelo, fazia contatos com supervisores de montagem e com o pessoal do pequeno estaleiro de Niterói onde a plataforma ocuparia uma doca.

Depois de muita conversa, conseguiu convencer Salomon da necessidade dos três orçamentistas, pelo menos por duas semanas. Vez por outra, ainda orientava Murilo e Luciano sobre a tarefa de recolher

preços de fornecimento no mercado local. A semana transcorreu assim, muito corrida.

Na quinta-feira à noite Cazé ligou no celular de Sieg.

– E aí, cara?

– Então, Cazé? Está vindo para o Rio de Janeiro hoje ou amanhã?

– Você sabe que o Linhares agora quer que eu vá para Camaçari, lá na Bahia?

– Mas o que aconteceu?

– E eu sei? Ele está me dizendo que está tendo um problema

e quer que eu esteja lá amanhã. Vou ter de ficar o fim de semana todinho naquele lugar. Mas o que está me preocupando é que tenho achado Silvana meio esquisita. O que foi que vocês conversaram aquele dia?

– Nada de mais, Cazé, mas ela está esquisita como?

– Está estranha, diferente, quase não atende o celular e me disse que o Linhares fez umas mudanças.

– Vai ver ela está com medo de ser dispensada – respondeu Sieg.

– Não sei, não, ela está muito

diferente comigo.

– Olhe, Cazé! Naquele dia não falamos nada de mais, apenas fiquei com a impressão de que você está mais envolvido com ela do que ela com você, só isso.

– Tudo bem, talvez seja só impressão minha. Estou pegando um voo cedo amanhã para Salvador para ver o que está havendo por lá e, talvez, volte na terça ou quarta-feira da próxima semana.

– Tudo bem, Cazé, me ligue quando chegar.

Ambos se despediram e Sieg



voltou ao trabalho. Tinha muito o que fazer, pois a Atlas se movimentava como um velho mastodonte. Tudo era difícil, havia ferramentas a serem adquiridas, uniformes dos operários, equipamentos de proteção individual, containers, e tudo mais. Era uma corrida contra o tempo, a Ocean queria iniciar os serviços em vinte dias e se preparava para trazer a plataforma do litoral Norte do Rio para a Baía de Guanabara.

Em uma manhã, Siegfried recebeu um chamado de Salomon.

– Siegfried, bom dia! Acabei de passar por um sujeito bem mal-encarado, na faixa de quarenta anos. Ele disse, na recepção, que o estava esperando. Ele é alto, magro, barbudo, está com os cabelos crespos despenteados. É bem moreno e veste uma camisa aberta até quase o umbigo. Quem é ele?

– Bom dia, Salomon! Com toda certeza você deve ter visto o Artur.

– Você o conhece?

– Claro! Fui eu quem o chamou. Ele trabalhava comigo na

Ocean, é um dos melhores técnicos de planejamento que conheço.

Temos sorte de ele estar disponível.

– Mas ele é um técnico?

Você deve estar brincando!

– Salomon, não se deixe levar pelas aparências. Artur é altamente competente, domina informática e programas de gerenciamento, tem anos de prática no ramo. Ele nos será de grande valia.

– Tudo bem! Mas peça para ele quando vier ao nosso escritório, pelo menos se traje de forma

conveniente, ok?

– Tudo bem, Salomon, vou dar-lhe o recado.

Sieg explicou a Artur do que se tratava o serviço e lhe deu o contrato para que ele lesse. Até que as instalações de Niterói ficassem prontas, Artur ficaria ali na sede da Atlas. Sieg usou de toda a diplomacia que conhecia para que o mesmo se vestisse da melhor forma possível enquanto estivesse ali.

No fim de semana, Cazé ligou para Sieg falando que sua estada no polo petroquímico de

Camaçari se daria por mais alguns dias. Em vez de voltar na terça ou quarta-feira, como havia pensado, retornaria na sexta-feira. Linhares inventou de ele visitar futuros ou potenciais clientes naquele lugar, o que o deixou bastante irritado, uma vez que tal função pertencia ao setor comercial, e não a ele. Além disso, aquilo o mantinha afastado de sua amada Silvana.

Mas o que o afligia mais naquele momento, era preponderantemente o comportamento da namorada, que,

segundo ele, estava totalmente mudado em relação a ele. Sieg sentiu o amigo aflito.

Na sexta-feira, Cazé finalmente chegou ao Rio de Janeiro. Depois de duas semanas fora, logo compreenderia por que Linhares o tinha mantido afastado e a razão da mudança de comportamento de Silvana em relação a ele.

Ao chegar, deparou com uma situação de mudança em seu setor de trabalho. Silvana fora transferida, por ordem do diretor. Agora estava

na área administrativa da empresa. Linhares criara um departamento de relações públicas, e Silvana agora seria a responsável pela nova área. E não era somente isso, para tristeza de Cazé ela já estava havia algum tempo flertando com Linhares, um tipo meio cínico, que gostava de se meter com funcionárias subalternas, já tivera inúmeros romances por onde passara, era um sujeito competente no que fazia, mas sua vida pessoal não era das mais recomendadas. Era casado e tinha filhos. Ferdinando de Azevedo

Linhares, ou simplesmente Linhares, como era mais conhecido, era baixo, magro, costumava pintar os cabelos, tinha duas grandes olheiras e aparentava ser mais velho do que a idade que tinha.

Fisicamente, não era atraente, tinha boa conversa e era mais do que óbvio que um relacionamento entre Silvana e ele só poderia ser movido por interesse financeiro.

Possivelmente, ele a conquistou com a promessa de melhoria na empresa. Também pudera, com o novo cargo, ela triplicou a faixa



salarial, e ele ainda lhe prometeu algo melhor futuramente.

Cazé foi para Santos na sexta-feira à noite e retornou na segunda-feira. Depois do expediente, os amigos combinaram de se falar no Sagres, no centro da cidade.

Sieg achou o amigo visivelmente abatido, cabisbaixo e um pouco deprimido. Poucas vezes, pelo que ele se lembrava, o vira com aquela expressão, nem em momentos difíceis pelos quais passara. E ele já havia passado por

poucas e boas nessa vida. Era de família humilde, formara-se com bastante sacrifício. Quando terminou a faculdade de Engenharia não arrumou emprego facilmente e trabalhou até como mecânico em uma refinaria, até conseguir uma vaga como auxiliar técnico. Um ano depois, arrumou um emprego de engenheiro júnior na empresa em que o pai trabalhara como mestre de obras. Era o tipo de pessoa conhecida por não ter papas na língua, o que já lhe tinha custado vários empregos e promoções. Era

um sujeito muito verdadeiro, e por esse motivo ele e Sieg se davam tão bem; ambos eram muito parecidos.

– Você sabe que só hoje consegui falar com aquela bandida?

– disse Cazé. – Na sexta-feira, quando cheguei, ela saiu mais cedo e durante o fim de semana inteirinho não atendeu o celular. Mas hoje ela não teve como escapar.

– Então? – O que ela lhe disse?

– Ela teve a cara de pau de me dizer que ia romper comigo por eu ser casado, que, após refletir

muito, achou que não deveria ser a responsável pela separação de um casal. Olha só que cínica! – disse com ar de revolta.

– Cazé! Vou ser sincero, no dia em que eu e ela conversamos, não senti que ela estava assim tão envolvida quanto você. Ela chegou a me dizer que o tinha como um amigo especial, por essa razão lhe pedi calma e que não tomasse nenhuma decisão precipitada em relação a Vera. Não senti firmeza. O que ela estava querendo mesmo era se manter no emprego, por pura

insegurança profissional. Usou-o, claro, pois quer subir na vida, não importa o método.

– E o pior é que todos na seção ficaram cochichando nas minhas costas. Estou com fama de chifrudo.

– E o diretor? O tal Linhares.

– Aquele safado nem falou comigo hoje. Mandou dizer que estava muito ocupado.

– É melhor tomar cuidado, Cazé, ele pode persegui-lo e demiti-lo. Melhor virar a página. Sei que não é fácil, mas é o que tem a fazer.

Namorar no ambiente de trabalho dá nisso: fofocas e intrigas. Não acho legal, não.

– Uma vez me aconteceu algo parecido, mas não foi no trabalho. Já fui trocado por outro exclusivamente com vistas à melhoria financeira. Hoje agradeço a Deus pelo namoro não ter ido para a frente.

– Mas isso não vai ficar assim não, Siegfried!

– Cazé, sei que pode parecer difícil, mas quanto mais você mexer, mais vai feder. Nessas horas

temos de sair de forma digna, sem alardes, sem escândalos, se não ela se valoriza ainda mais e ainda vai tripudiar de você, entendeu?

– O meu problema foi ter me apaixonado – disse ele.

Resolveram mudar de assunto.

– Estou precisando de pessoal de supervisão com urgência, Cazé, tem alguém para me indicar? Todos que eu conheço estão empregados.

– Não me lembro de ninguém no momento, por que você

não pergunta ao Franco? Ele tem um banco de dados com gente de todo o tipo.

– O Franco com certeza pode arrumar, mas você o conhece! Ele vai querer que o cara entre terceirizado por meio da empresa dele, e que eu o pague com todas as taxas inclusas. Com o orçamento apertado, não sei se vai dar. Além disso, o Gianfranco paga mal, e quando o funcionário dele conseguir outro emprego melhor, vai se mandar!

– Isso você tem razão.



– Parece que o Franco não morre tão cedo! Olhe quem está entrando! –disse Cazé.

Era o próprio Franco com um amigo de ambos, o Cirilo. Acenaram para eles e a dupla seguiu em direção à mesa.

– Se combinássemos, tenho certeza de que não íamos nos encontrar – disse Cirilo.

– Mas já na segunda-feira tomando uma? – perguntou Franco.

– Estamos afogando as mágoas – respondeu Cazé.

– Mas então, o que vocês

dois fazem por aqui? – perguntou Sieg a Franco e Cirilo.

– Eu vim para um reunião com um cliente e encontrei com o Cirilo perdido – disse Franco rindo.

– Você está perdido, Cirilo? – perguntou Cazé sorrindo.

– Rapaz! Eu tinha um encontro e a cachorra acabou me dando o bolo.

Todos riram.

– Conte-nos – pediu Sieg.

– Conheci uma mulher maravilhosa pela internet três dias atrás. Ela me mandou as fotos dela,

trocamos o telefone, ficou me ligando sem parar e marcamos um encontro hoje, cinco da tarde, mas a danada nem sequer atende o telefone.

– Mas pela internet, Cirilo? – perguntou Franco.

– O quê? Sim! Pela internet, sim senhor! Já peguei umas três que conheci pela internet.

– Mas e aí, como foi, quem é essa mulher? – perguntou Sieg.

– Ela me disse que se chama Débora, é funcionária pública, tem trinta e oito anos. É casada e

trabalha em uma repartição pública aqui no centro.

– Ainda por cima casada! – falou Cazé.

– Olhe, essas mulheres estão ficando doidas. Estão loucas para trair o marido – disse Cirilo com um largo sorriso.

– Ela é bonita? – perguntou Franco.

– Se ela é bonita? Maravilhosa! – disse entusiasmado.

Todos riram muito daquela situação.

– Pelo menos na foto, né,

Cirilo ? – comentou Cazé.

Cirilo tinha quarenta e oito anos. Tinha boa postura, era metido a galã; casado, pai de dois filhos já na faculdade, alto, magro, mas transparecia a famosa barriga de chope. Tinha voz e aparência de apresentador de telejornal. Era claro e tinha cabelos castanhos-claros, quase loiros e abundantes. Usava óculos. Era um sujeito charmoso, fazia muito sucesso com as mulheres. À primeira vista, Cirilo parecia um tanto quanto antipático, mas logo essa impressão

desaparecia. Ele possuía uma característica peculiar, quando queria impressionar empregava um português só compreensível para poucos; assemelhava-se a um diplomata, mas quando se aborrecia, de cada dez palavras, onze eram palavrões. Era exatamente esses termos que usava na conversa entre os quatro naquele momento, por causa do “bolo” que havia levado da tal Débora.

Os quatro ali presentes já haviam trabalhado na mesma empresa muitos anos atrás. Uma

grande empresa de Engenharia que fora à falência entre o governo Collor e Itamar, não só por causa da política econômica da época, mas também por causa da improbidade de alguns diretores.

Entre uma rodada e outra de chope, Cirilo tentava ligar para a tal mulher. Como o telefone só caía na caixa postal, soltava seus palavrões. Todos estavam às gargalhadas com ele, que cada vez se enfurecia mais. “A julgar pela ira do Cirilo, a tal mulher deve ser um ‘monumento’, pensou Siegfried.

De repente, o celular de Cirilo tocou. Todos pensaram que, finalmente, a tal de Débora estava retornando às ligações, mas não era ela, e sim a esposa dele. Cirilo tentou ser o mais natural possível, mas acabou discutindo com a mulher, que era conhecida pelo extremo ciúme. O casal vivia às turras, já tinha se separados várias vezes. Cirilo saía de casa, mas sempre voltava. A vizinhança deles conhecia as famosas brigas do casal, sendo que algumas vezes as roupas do Cirilo já foram atiradas pela



janela e, em outras ocasiões, houveram várias louças quebradas e outros objetos.

Diante daquele quadro, Cirilo resolveu ir embora, antes que a mulher aprontasse outro escândalo. Todos fizeram o mesmo. Despediram-se e Siegfried levou Cazé para Copacabana.

O amigo notou que durante todo o tempo em que estiveram no restaurante, Sieg olhava insistentemente para o relógio. Continuava a fazer, parecia que tinha um encontro ou um

compromisso. Acabou por perguntar:

– Por que você olha tanto para o relógio, hein, Sieg? Tem alguém o esperando? – perguntou rindo.

– Não é nada, vou ver se consigo ir à academia ainda hoje.

– Vou dar uma caminhada no calçadão da praia, não tenho muita paciência para academia.

– Academia é legal, o ambiente é bom, combate o *stress* e tem mais, estou de olho em uma loira– disse sorrindo.

– Ha é? – emendou Cazé. – E como ela é?

– Uma belezura. Deve estar na faixa dos trinta anos, tem cabelos longos, boa altura, é loira, bronzeada de praia, tem olhos azulados e é curvilínea. É uma das professoras, chama-se Beth, de Elizabeth – disse sorrindo. – Mas tem um problema!

– Qual? – perguntou Cazé, emendando em seguida: – Você é muito exigente, por esse motivo vive sozinho.

– É que me deixaram com a

pulga atrás da orelha.

– O que foi? – perguntou o amigo com extrema curiosidade.

– Disseram-me que ela gosta da mesma coisa que eu e você.

– Tem certeza? – perguntou e, em seguida, soltou uma gargalhada.

– Não tenho! Por que, afinal, ela me lançaria tantos olhares?

– Mas como é que você soube? – perguntou o amigo.

– Boatos. Alguém me disse que ela tem um caso com outra professora. Dizem que foram vistas

entrando em uma festinha de garotas.

– Uma boate de lésbicas? – perguntou Cazé, extremamente interessado no assunto. – A pessoa que lhe contou é gente de confiança? Ou é dessas que saem falando sem medir consequências?

– O cara que me falou é professor também. Conhece-a desde a faculdade. Acho que até já a assediou, sem sucesso. Ele me deve um favor, arrumei emprego para o irmão dele, um projetista, nos tempos da Ocean, em Niterói, e, de

vez em quando conversamos, parece ser um bom sujeito. Um dia estávamos tomando um lanche na cantina da academia e a Beth passou e disse um oi para ele, que notou meu interesse e insinuou que ela gostava de meninas. Não acreditei, afinal, é uma mulher extremamente feminina. Foi quando ele me disse que o casinho dela seria com Denise, outra professora, que eu também conheço de vista lá da academia.

– E aí? – perguntou Cazé. – Pode ser invenção, ou quem sabe ele

tentou, não levou e fica dizendo bobagens?

– Bem, é o seguinte: segundo ele, as duas foram vistas em um festa privé somente para garotas. Parece que é algum tipo de modismo. Tais encontros acontecem em diferentes pontos da cidade, uma ou duas vezes por mês. A festa chama-se “only girls party”. Quem lhe contou foi outra garota, também do mesmo time de “entendidas”. Fiquei pasmo, mas, juntando um fato aqui e outro ali, faz sentido. Denise é um mulherão, tipo

musculosa, tem coxas de um jogador de futebol e seios de uma coelhinha da Playboy – disse rindo.

– Minha nossa! – exclamou Cazé, soltando uma risada.

– O corpo daquela garota é 100% músculos e zero gordura. Ela usa os cabelos sempre presos para trás. Nunca a vi sorrindo, parece muito séria e lembra as feições das ginastas russas que a gente vê nas Olimpíadas... Pois bem, a academia vez por outra faz algum tipo de festa em boates, eventos e mais uma série de coisas. Todas as vezes em que



fui, Beth e Denise não se desgrudaram.

– Você viu as duas abraçadas? – perguntou Cazé.

– Não, claro que não.

Ficaram andando juntas de um lado para outro. Aonde ia uma, a outra seguia atrás. Vou lhe dizer, que colírio ver aquelas duas, ambas estavam de vestidas de preto.

– Fico excitado só de imaginar – disse Cazé, soltando uma estrondosa gargalhada.

– O instrutor me disse que Beth seria uma “sapatilha” – disse

rindo – ou seja, a lésbica feminina, e a outra seria o “macho”. De fato, Beth me parece bem mais delicada, do tipo meiga; esbanja simpatia, vive sorrindo, ao contrário de Denise, mais fechada.

– Você tem cada uma! – exclamou Cazé sorrindo. – E o que pretende fazer? Chegue junto e veja qual é!

– Vou dar tempo ao tempo. Depois que soube disso, confesso que fiquei meio pasmo, mas ao mesmo tempo me parece que ela tem algum interesse em mim. Estou

em uma encruzilhada, mas pode ser apenas uma suspeita ou, quem sabe, apenas uma curiosidade dela ou vontade de experimentar algo novo, sei lá...

– E se ela for bissexual? De repente, você pode até ficar com as duas – disse Cazé brincando.

– Hipótese difícil. Sabe que estou ficando cansado de relacionamentos passageiros? Algo desse tipo não duraria mais do que um ou dois encontros, e tem mais, se uma for realmente o “macho”, homem não tem espaço em um

relacionamento assim, o “macho-fêmea”, não deixa – riu.

– Você já tentou entrar na internet para conhecer alguém? – perguntou Cazé.

– Entrei várias vezes na internet e conversei com muita gente.

– Chegou a conhecer alguém pessoalmente?

– Nos chats de bate-papo, na hora nos empolgamos, mas, quando desligamos o computador, acordamos. Conheci uma garota de São Paulo, separada. Chegamos a

trocar telefone, ela me ligou várias vezes, mas não cheguei a encontrá-la. A coisa foi esfriando e, por fim, nunca mais nos falamos. Outra era daqui do Rio de Janeiro. Era médica pediatra, tinha trinta e dois anos, era casada com um médico e nos correspondíamos por e-mail. Por fim, ela me ligou umas duas ou três vezes, mas, de repente, acho que acordou e viu o que estava fazendo. Nunca mais respondeu aos meus e-mails. Eu também nunca liguei para ela e ficou assim, deixei para lá. Acho que não valeria a pena ter uma

aventura desse tipo. Sempre estaríamos preocupados se alguém nos visse... Não sei se me sentiria bem, não me sinto à vontade sendo o outro, muito menos sendo o pivô de uma suposta separação. Para mim, relacionamentos desse tipo não servem.

Sieg deixou Cazé no apart-hotel, em Copacabana, e seguiu para a academia. Chegou tarde. Quando entrava, Beth saía, apenas trocaram olhares rapidamente.

## **Surge o Primeiro Desafio**

Aquela semana foi uma das muitas semanas atribuladas que viriam. A mobilização dos serviços da plataforma O-08 consumia todo o tempo de Sieg, que era obrigado a se deslocar constantemente para a cidade de Niterói. Em paralelo, tentava terminar o orçamento gigantesco referente à petroquímica

de Manaus. Franco e Cirilo, a pedido de Siegfried, mandaram curriculuns de supervisores e engenheiros.

Em meio àquela correria, as coisas foram se normalizando e, apesar de o começo ser sempre difícil e complicado, acabaram por acertar o passo e os trabalhos ganharam um bom ritmo. Um supervisor que Sieg conhecia e que fora contratado, já tinha uma equipe montada. Foi fácil fazê-los entrar em ação. Também foi contratado um engenheiro responsável, pois



precisava de alguém para fazer o meio de campo com a Ocean, uma vez que ele não poderia ficar o tempo todo lá. Tinha muito o que fazer no escritório.

Um mês se passou. Os serviços na plataforma estavam tendo um ótimo desempenho, pois foram contratadas as pessoas certas para os lugares certos. O rendimento estava acima do previsto, o custo mantinha-se dentro da expectativa e o faturamento estava bom.

Apareceram muitos serviços não previstos no contrato inicial,

conforme Siegfried tinha vislumbrado, mas que eram absolutamente necessários, o que levou a empresa a faturar mais; a obra estava nos “eixos”.

Siegfried conseguira juntar um grupo de técnicos especializados em orçamentos em plantas industriais, que, depois de trabalharem duramente, entregaram a proposta da petroquímica. Decorrido um mês, foram chamados para negociar preços e a possibilidade de uma redução da oferta, apresentar documentação,

currículo dos principais envolvidos etc. A Atlas tinha saído vencedora por uma margem mínima do segundo colocado, mas os donos do negócio estavam chamando as três empresas que se mostraram mais competitivas para tentar baixar ainda mais o valor da obra. A Atlas se saiu melhor na segunda rodada de negociações, mas não levou. Depois de semanas esperando para a formalização do contrato, Bob Chapman comunicou que estava havendo alguns entraves com o governo estadual e com os órgãos

ambientais, portanto, a concorrência seria suspensa por um tempo, o que significava que talvez depois de alguns meses, após algumas modificações no escopo original ou não, a licitação seria posta novamente na praça. Quando a diretoria soube da vitória, comemoraram com entusiasmo, apesar de o empreendimento ter sofrido um adiamento. O êxito mostrava que estavam no caminho certo. Siegfried foi parabenizado e chegaram a ventilar que todos os orçamentos referentes à área de óleo

e gás passariam para a sua responsabilidade. Assim, seu prestígio foi aumentando na empresa, e ele ganhava a admiração de uns e aversão de outros. Com o passar do tempo, Ismail passou a consultá-lo para os mais diversos assuntos, mesmo que diretamente não tivesse nada a ver com ele, o que irritava muita gente, inclusive Salomon.

No decorrer do segundo mês, ou seja, após 45 dias de início da obra da plataforma O-08, e tendo em vista que o cronograma estava

adiantado, a Ocean propôs um bônus de oito por cento sobre o valor do contrato caso a Atlas conseguisse adiantar a obra em um mês, ou seja, se conseguissem fazer todo o serviço em noventa dias, uma vez que o prazo total para a execução dos trabalhos era cento e vinte dias. Sieg contrapropôs cinco por cento se conseguissem adiantar vinte dias, e aceitou os oito por cento para trinta dias de antecipação, embora soubesse que dificilmente conseguiriam adiantar um mês, mas em todo caso, cinco por cento para

vinte dias de adiantamento estaria de bom tamanho. Sieg prometeu horas e prêmios para os trabalhadores e três salários de bônus para a supervisão e chefia da obra, o que animou a todos. Os serviços ganharam novo ritmo. Ele respirava mais aliviado, e tentava obter mais algumas obras, mas a calma reinante sempre é prenúncio de tempestades.

Corria o boato nos corredores da Atlas que os serviços que se desenvolviam em Betim, Minas Gerais, iam de mal a pior, e

que a empresa a qualquer momento poderia jogar a “toalha”, ou seja, possivelmente ia largar a obra ou ser posta para fora da refinaria pelo “cliente”. Isso não está cheirando bem”, pensou Siegfried. De fato, o grande “abacaxi” foi parar em suas mãos.

A Atlas estava acumulando vários prejuízos em Minas Gerais, e sendo multada sistematicamente pela fiscalização. Era multa por ter de refazer serviços, multa por atraso de documentação, penalidade por atraso de entregas parciais do



empreendimento e por aí ia. E o projeto estava longe de terminar. Dizia-se que o ambiente lá era péssimo, o desempenho pior ainda, e o cliente reclamava muito. Possivelmente, ia pedir a retirada da empresa por incompetência e atraso no prazo de entrega, que vinha aumentando de forma significativa. Dois gerentes de obra da Atlas naquele local já tinham sido “decapitados”. Agora, queriam a cabeça do atual, João Ercílio. O Humberto, que estava acima do responsável direto pelos serviços,

não ficava o tempo todo em Minas Gerais, pois também coordenava outras duas obras.

Em uma terça-feira pela manhã, ao chegar ao escritório, Salomon convocou Siegfried para uma reunião em sua sala. Quando lá chegou, ele encontrou além do próprio também mais uma pessoa, Humberto.

Siegfried o conhecia superficialmente, tiveram pouco contato. Ele viajava muito, era originário de Belo Horizonte, tinha muita experiência em hidroelétricas,

pouca vivência em obras petroquímicas ou de refinarias, mas seu curriculum tinha sido aceito para gerente de contrato pelo pessoal da refinaria. Era moreno, estatura mediana, e estava chegando à faixa dos cinquenta anos. À época, estava na Companhia havia sete anos, tinha credibilidade dentro da empresa, mesmo o desempenho ruim naquele serviço não o desacreditava. Parecia ser uma pessoa ponderada e de temperamento calmo.

Salomon relatou

rapidamente a Siegfried a situação, mas, do seu modo, obviamente. Explicou que houve um desgaste entre a Atlas e a fiscalização da refinaria e ele, Siegfried, como tinha vasta experiência nesse campo de serviço, estaria substituindo Humberto como gerente de contrato naquela unidade. Ao término da explanação de Salomon, seguiu o discurso do Humberto, que inicialmente explicou a forma como o projeto estava organizado. Em linhas gerais expôs basicamente que se tratava de uma ampliação da

refinaria. Depois, prosseguiu se desdobrando em justificativas a seu favor e expôs brevemente um panorama do que Siegfried encontraria; este, apesar de apreensivo, de um modo ou de outro, já esperava por tudo aquilo, pois sabia que era do interesse de alguns que ele provasse ao que viera, ou melhor, sabiam que o projeto estava indo de mal a pior e o colocariam lá para que ele se “queimasse”, uma vez que seu prestígio repentino começava a incomodar.

Finalizada a reunião com Salomon e Humberto, Siegfried foi avisado pelo primeiro que Ismail queria falar-lhe antes que viajasse. Além disso, várias coisas ainda teriam de ser acertadas antes de ele embarcar para Minas Gerais. Ele saiu da sala e se dirigiu para o escritório do presidente. Foi anunciado pela secretária, que lhe pediu que aguardasse por alguns minutos, pois o doutor Ismail estava com um de seus filhos e uma de suas netas. No caso, referia-se a Leon, o filho mais velho de Ismail,

e à neta Roxane, filha caçula dele.

Leon era médico, casado com Laura, uma psicóloga, e tinha três filhos: Leon Júnior, Daniel e a mais nova, Roxane. Tinha pouca participação na vida da empresa da família, apesar de ter assento no Conselho de Administração. Era médico sanitarista, especialista em saúde pública e membro ativo da comunidade médica. Tinha participação no Conselho Regional de Medicina e no Conselho Federal, e tinha aspirações políticas. Organizava simpósios, conferências,

viajava muito, era sócio de uma clínica na Zona Sul e em um grande hospital privado, por tudo isso era um homem muito ocupado. Mas era também conhecido pelo intenso ciúme que sentia por sua esposa e por sua filha. Laura tinha cinquenta anos, era dois anos mais nova que o marido. Muito vaidosa, era tida como uma mulher muito bonita, não aparentava a idade que tinha. Ela e Leon se conheceram na universidade e se casaram logo depois da formatura dele. Formavam um belo casal. Laura



sabia administrar o ciúme do marido. Além do que, mesmo sendo muito ciumento, Leon também não era santo, a exemplo do irmão.

Sieg ficou esperando na recepção e aproveitou para dar uma olhada em sua agenda. Tentava achar o telefone de um amigo que morava em Belo Horizonte, o Bruno, um engenheiro especialista em controle da qualidade e soldagem, pois, segundo Humberto, eles estavam tendo grande problemas de solda na refinaria. Localizou o número e tentou ligar

para Bruno por várias vezes, mas foi infrutífero. Em seguida, ligou para dona Zulmira e pediu a ela que fizesse reserva no voo de quarta-feira pela manhã para Belo Horizonte e que ligasse para o chefe da obra em Betim para que ele providenciasse uma condução para pegá-lo no aeroporto da cidade. Também deu instruções para a reserva de hotel e da sua entrada na refinaria. Terminadas as instruções, fez uma nova tentativa para falar com o amigo, que por fim o atendeu. Siegfried estava em pé e se

esforçava para conversar com Bruno, pois a ligação não estava boa. Quando Ismail abriu a porta de sua sala, Sieg apenas olhou os três de relance, não chegou a fitá-los e se virou para tentar se posicionar melhor para ouvir Bruno, enquanto Ismail acompanhava o filho e a neta. Leon se despediu do pai e resolveu dar uma passada na sala de Salomon com a filha, que, naquele momento, despedia-se do avô e notou a presença de Siegfried, embora este apenas a viu de soslaio e rapidamente. No entanto, ela o

mirou de cima a baixo. Ismail entrou e fez sinal para que Sieg o acompanhasse. Ele desligou o telefone e entrou, fechando a porta. Roxane foi com o pai até a sala do tio, mas não entrou, voltou para falar com a secretária do avô rapidamente. Ela costumava ir à empresa para visitar Ismail, pois eram muito ligados, embora não o fazia com a mesma frequência de outros tempos, o motivo foi um *affair* com um ex-gerente da Atlas, que repercutiu mal e acabou com o sujeito demitido. Segundo a história

da própria Roxane, tudo não passou de um mal-entendido, pois na versão dela, o tal funcionário graduado teria compreendido mal uma troca de olhares entre ambos e acabou exagerando na abordagem. Bem, isso era o que ela dizia, já o outro tinha versão diferente do fato.

A atual secretária da presidência era uma funcionária antiga e substituiu Zulmira. Roxane a conhecia e retornou para, digamos, jogar conversa fora e, sobretudo, saber quem era aquele homem que acabara de entrar.

– É o novo gerente da recém-criada gerência de óleo e gás. É novo aqui, se quiser saber mais detalhes – disse sorrindo –, pergunte para Zulmira, ele é chefe dela.

– Não quero saber detalhes – respondeu a sempre sorridente Roxane.

– Ah! Claro! Imagine! Não quer saber detalhe algum! – exclamou rindo muito. – Então não sei de sua “quedinha” por um grisalho!

Roxane desconversou e desceu mais um andar para falar

com Zulmira, contando que Siegfried, ao terminar a conversa com o avô, se dirigisse para lá.

A reunião entre Sieg e Ismail durou cerca de vinte minutos, e a conversa girou em torno da obra da refinaria. Ismail estava muito preocupado e temia pelo pior; fez mil recomendações. Siegfried se despediu e não foi para sua sala, dirigiu-se imediatamente para o departamento de Recursos Humanos. Ficou ali conhecendo a nova responsável pelo departamento, a Vanessa, uma

psicóloga com pouco mais de quarenta anos, que substituíra o ex-gerente. Ele foi muito bem recebido e logo se estabeleceu uma empatia entre os dois. Vanessa era alta, elegante, de pele clara, corpo proporcional. Sieg notou que pela maneira de falar, ela não era do Rio de Janeiro. Tinha um leve sotaque do Nordeste, mas dispunha de pouco tempo para uma conversa mais demorada. Ambos tomaram um cafezinho e Sieg pediu a Vanessa que o ajudasse na seleção de inspetores de qualidade, pois era um



dos problemas que estava havendo na refinaria. Vanessa se prontificou imediatamente. Ela o deixou impressionado, e parece que foi algo mútuo. Sieg lamentou que estivesse de viagem marcada, pois gostaria de conhecê-la melhor.

\*\*\*

Roxane, mesmo sendo neta do presidente da empresa, era uma moça simples, não bancava de “importante” como seus dois irmãos mais velhos Leon Jr., que já era

médico-residente, e Daniel, que tinha se formado em Engenharia Civil e cursava pós-graduação e seus primos, os filhos de Salomon, Mateus e Samara. Era uma pessoa acessível, simpática, e por tudo isso era admirada por muitos.

Participava, com certa frequência, das confraternizações dos empregados do avô e era muito popular entre eles. Conhecia Zulmira desde que era criança, e já que estava ali e sabendo que esta era a secretária de uma pessoa por quem subitamente se interessara, nada

mais natural do que uma pequena visita.

Roxane chegou e foi recebida com um franco sorriso de Zulmira.

– Estou sabendo que está de chefe novo! Fiquei muito contente que não tenha saído da empresa.

– Veja você, minha menina, fui salva na hora “h”. Deus escutou as minhas preces – disse sorrindo.

– Então, está gostando? – perguntou Roxane.

– Sim, muito. Meu chefe é uma ótima pessoa, se estivesse aqui

eu o apresentaria. E ainda lhe digo mais, se a Alessandra não estivesse de namorado firme, ia apresentá-la a ele. Ele é o genro que toda sogra quer – riu.

– Ele é casado, separado?  
Que idade tem?

– Não, imagine! Solteirão, um milagre! Acredita? Tem quarenta e cinco anos.

– Meu número! – riu. – Solteiro? Deve ter alguma coisa errada nele – completou Roxane dando gargalhadas. – Será que é gay ou tem problemas psicológicos? –

falou rindo muito.

– Olhe, se for, deve ser bem discreto, pois não leva jeito, não – riu Zulmira.

– E o seu netinho? Como vai? E Jardel? – perguntou Roxane, tentando disfarçar o interesse.

– Estão muito bem. Jardel, por fim, conseguiu um emprego e foi o doutor Siegfried que arrumou.

– Como ele se chama mesmo?

– Siegfried.

– Mas que nome esquisito! – riu Roxane. – Quer dizer que, além

de ser seu chefe é um anjo de guarda! Fico feliz por Jardel.

– Ele está muito contente em Vitória.

Nesse instante, o celular de Roxane tocou. Era o pai que a estava chamando para ir embora. Ela se despediu de Zulmira dizendo que voltaria com um pouco mais de calma, lógico, ela tinha interesse em voltar.

Na quarta-feira, Siegfried viajou para Belo Horizonte, mas acabou se hospedando em Betim, pois achava que sua estada seria

curta. Betim era uma cidade bem grande, muito espalhada, com várias indústrias instaladas, e fazia parte da grande Belo Horizonte, juntamente com Contagem.

No dia seguinte, apresentou-se à fiscalização. Os diretores de Engenharia responsáveis pela execução do empreendimento na refinaria receberam uma carta da diretoria da Atlas, cujo teor era que o engenheiro Siegfried Magalhães estaria substituindo o engenheiro José Humberto na gerência do contrato daquela unidade. O

documento foi encaminhado ao chefe local da fiscalização, o engenheiro Arnaldo Monteiro.

Na reunião com os fiscais, Siegfried apresentou seu curriculum a Arnaldo, um sujeito tido como mesquinho, que possuía longa experiência no ramo. Ele era de estatura baixa, magro, tinha cabelos bem brancos, era moreno-claro, usava óculos e tinha pouco mais de cinquenta anos. Sua fama era de ser um sujeito duro e exigente, mas, ao mesmo tempo, comentava-se que gostava de um “agrado”. Somente



em um requisito a Atlas e as outras duas empresas que formavam o consórcio deixava o Arnaldo satisfeito, as funcionárias , o sujeito vivia assediando as moças de todos os níveis que trabalhavam no empreendimento, inclusive , se comentava que ele chegava até ser grosseiro, mas até o momento nenhuma ainda tivera a coragem suficiente de processa-lo por este tipo de comportamento.

A Atlas saiu vencedora na licitação, na verdade um consórcio, juntamente com uma empresa de

Minas Gerais, antiga no ramo e que tinha um bom acervo técnico na área de óleo e gás, que outrora fora grande, mas que na época se encontrava às portas da falência. As empresas se juntaram, a fim de ganhar sobrevida a mais outra Companhia de projetos de Engenharia, que também possuía domínio nas áreas de suprimento e gerenciamento. Eram, portanto, três empresas com distintas experiências e diferentes interesses. Ao que tudo indicava, conciliar aquele trio de organizações em um objetivo único

parecia uma tarefa hercúlea, como ele verificaria mais tarde. A Atlas tinha participação majoritária em detrimentos das outras duas Companhias. Diziam as más línguas que Arnaldo não gostou nada do resultado da licitação, pois a segunda colocada na concorrência era sua preferida, pois tinha amigos lá e não conhecia a Atlas como uma empresa com experiência na área de obras em refinarias. Assim sendo, ele, de antemão, já antevia dificuldades no decorrer dos serviços, e seu temor cada vez mais

se confirmava. Ele e sua equipe resolveram complicar a situação do consórcio o quanto puderam. Tornaram a vida dos envolvidos naquele projeto o mais difícil possível. Posteriormente, Sieg ficaria sabendo que a antipatia de Arnaldo pela Atlas, tornou-se ainda pior na primeira reunião de apresentação, em que estavam presentes Salomon, Humberto e o chefe de obra da época. Salomon não se conteve diante das farpas de Arnaldo, devolvendo-as no mesmo tom. Desde aquela época, as coisas

se complicaram.

Na ocasião em que Siegfried assumiu o contrato da refinaria, Arnaldo preparava um relatório para a diretoria, cujo teor era que ele provava com evidências concretas que o consórcio da Atlas era incapaz tecnicamente de prosseguir com os trabalhos. Apesar da mudança do gerente de contrato, ele queria colocar a empresa para fora. E todos os seus esforços seriam feitos nesse sentido.

O clima na reunião de apresentação de Siegfried com a

fiscalização, em que estavam presentes João Ercílio com seu grupo de um lado e Arnaldo e sua equipe do outro, foi marcada por ironias, chacotas, deboches e comentários maldosos, uma vez que a Atlas tinha perdido a credibilidade e os gerentes anteriores tinham sido todos postos para fora pelos mais variados motivos. O primeiro chefe de obra que a Atlas colocou ali era conhecido por ter pavio curto. Em uma das reuniões semanais entre ele e o grupo que gerenciava o empreendimento por parte do

cliente, ele perdeu a paciência com Arnaldo e o mandou para aquele “lugar”. O outro, não conseguiu manter a obra dentro do prazo. Era desorganizado e tecnicamente fraco, segundo o que se comentava. Suas desculpas não convenciam ninguém, nem o cliente, nem a diretoria da Atlas, por essa razão acabou demitido depois que Arnaldo pediu sua saída. O atual chefe, João Ercílio, seguia pelo mesmo caminho de seu antecessor: não reunia experiência necessária para ser um gerente e ganhou o cargo por ser

apadrinhado de Humberto. Siegfried constataria mais tarde que era um sujeito ridículo e sem princípios. Além do fator humano que era um complicador, ou seja, dois gerentes fracos e um temperamental, a Atlas, como empresa, deixava a desejar. Tinha uma estrutura pouco ágil e lenta, desconhecia a cultura do segmento de petróleo, um cliente superexigente, em resumo, estava despreparada para a tarefa que se propunha a executar. Siegfried logo compreendeu que foi jogado no meio de um “incêndio” de grandes



proporções.

João Ercílio era engenheiro eletricista, amigo pessoal de Humberto, seu gerente de contrato. Era do interior de Minas Gerais, de uma minúscula cidade do Norte do estado, próximo a Montes Claros, e passara profissionalmente a vida toda em hidroelétricas e subestações de energia elétrica. Tinha pouca ou nenhuma vivência na área industrial. Siegfried notou que Ercílio conhecia bem a sua profissão, ou seja, eletricidade, mas a obra em que atuava naquele

momento era bem mais complexa, exigia conhecimentos técnicos, os quais ele não tinha a menor intimidade, mas bastava ter bom senso, capacidade gerencial e se cercar por auxiliares que fossem competentes no assunto, pois havia técnicos e supervisores para cuidar da parte mais específica do trabalho. Mas se João Ercílio, mesmo sendo engenheiro eletricista, tivesse um pouco mais de vivência na área, com certeza o desempenho da empresa seria melhor, exemplos disso Siegfried citou vários. No

entanto, o sujeito que estava lá, por ser um homem limitado, costumava pôr a culpa de tudo nos subordinados. Durante sua gestão, já havia posto para fora dois engenheiros de campo, e, possivelmente, poria outros mais. Contudo, agora, quem queria a sua saída era o cliente.

A reunião prosseguiu com Siegfried comentando rapidamente sua experiência, o que provocou um comentário irônico de Arnaldo, que disse que “se tudo que ali estava em seu curriculum fosse verdade, a

Atlas estaria bem servida”, disse rindo com deboche. Sieg preferiu não retrucar, “melhor me calar”, pensou. “Mas não vai ficar sem resposta”. Naquela ocasião, ele pouco falou, limitou-se a escutar e observar os que estavam presentes.

Arnaldo prosseguiu fazendo uma explanação dos problemas que estavam acontecendo e o que esperava de Siegfried, que compreendeu literalmente que estava em maus lençóis. Havia muito ainda por fazer, e era necessário, antes de mais nada,

arrumar a casa.

Ao sair da reunião com Arnaldo, Sieg fez uma reunião interna com todos os funcionários da supervisão e da chefia do consórcio. Foi apenas um encontro informal para saber quem era quem e também para fazer as devidas apresentações. Ao ver o organograma, ele levou um susto, pois apresentava dimensões “galácticas”. O número de gerentes era assustador, e havia também aqueles que pertenciam à chamada “direção”. A absurda hierarquia se

compunha de um escalão superior, um intermediário e outro um pouco mais abaixo. Havia gerentes subordinados a outros com igual título “muito prazer, dizia um, gerente de custos, subordinado ao gerente de planejamento”. Outro: “muito prazer, sou ‘Fulano de Tal’, gerente de área e subordinado ao gerente-geral de construção. Prazer, seja bem-vindo, sou gerente de riscos; sou gerente de Segurança e Meio Ambiente; gerente de logística, gerente administrativo e financeiro, gerente de Engenharia;

sou outro gerente de Engenharia; ou gerente de campo; sou “Sicrano” e faço administração contratual; prazer, gerente de manutenção; gerente de TI”.

A organização era tão inchada quanto uma estatal do governo. Sieg teve vontade de pegar o primeiro voo para o Rio de Janeiro e procurar Ismail, não Salomon, para perguntar se ele sabia de tamanho disparate. O *staff* daquela organização estava dimensionada para alguma coisa três ou quatro vezes maior.

Com o passar dos dias, convenceu-se de que fora instalado ali um sistema de castas. A obra era compartilhada por três empresas e se assemelhava a uma ação entre amigos ou uma fraternidade; todos tinham um parente ou conhecido nos níveis superiores de suas respectivas organizações. Para sua surpresa, onde havia gente mais competente e apta era na Companhia de menor porte, que tinha igualmente uma participação reduzida na sociedade, mas eles ocupavam posições nos escalões



inferiores. Apesar de terem capacidade e experiência, nunca eram ouvidos e influíam muito pouco no desenrolar do empreendimento. Os salários daquela turma eram considerados bem acima da média. O pior é que Siegfried verificou que grande parte daquela elite não tinha a qualificação necessária para ocupar tal posto. Vários estavam instalados em posições de chefia pela primeira vez; moravam em *flats* na região nobre de Belo Horizonte, tinham passagens aéreas pagas no fins de

semana a seus locais de origem e todos tinham carros alugados pagos pelo projeto. Cada vez mais ele se convencia de que aquilo tudo era um total descalabro.

Depois das apresentações, Sieg foi ao campo com Ercílio para conhecer a obra. Passou o resto do dia examinando o contrato. À tarde, saiu da refinaria e foi para o hotel. Pelos planos iniciais que fizera, colocaria a obra no rumo, deixaria o cliente mais confiante em que Atlas pudesse cumprir o contrato, e retornaria ao Rio de Janeiro em

vinte ou trinta dias. Planejava voltar pelo menos a cada semana, mas logo verificaria que estava redondamente enganado no tocante ao tempo de permanência naquele local.

Com o passar dos dias, foi se convencendo de que estavam no caminho certo para ir direto ao desastre. Se tivesse tempo, com os dados colhidos naquele local, escreveria um tratado ou uma tese de como se evitar que determinado empreendimento ou projeto, seja qual fosse a sua natureza, seguisse

rumo ao abismo, pois as más práticas que estavam sendo adotadas podiam fazer parte de qualquer atividade do conhecimento humano, fosse no campo da Engenharia ou outro qualquer. Em sua análise, e baseando-se no que estava presenciando, a primeira coisa que se devia fazer para que algo desse errado era colocar na liderança do empreendimento alguém inepto, com capacidade duvidosa para realizá-lo; não que tivessem de pôr um *expert* em montagem de refinarias, mas bastava um

indivíduo com algum talento para liderar ou mesmo conduzir pessoas e usar o bom senso. O segundo componente da receita do insucesso seguido naquele projeto era o de ter uma equipe com egos inflados, com ambição desmedida para chegar ao topo, e totalmente descompromissada com os resultados. Ele observou que praticamente todos ali apenas queriam salvar o salário do mês, e era cada um por si. O terceiro fator seria abrigar dentro de um castelo imaginário com sua pequena corte,

ou seja, manter-se isolado com seu pequeno séquito e negligenciar de forma sistemática a comunicação com a chamada “casta” inferior, se valer apenas dos amigos para se aconselhar ou dos adúladores, que só dão notícias boas. Havia exemplos ainda mais numerosos, que, segundo ele, daria outro livro.

O restante da semana Sieg passou lendo tudo que podia, os diários de obra, as correspondências que o cliente enviou, as cartas emitidas pela Atlas e tudo mais que permitisse se inteirar do que estava

ocorrendo. Levou serviço para ler no hotel, à noite, e passou o sábado trancafiado com pilhas e pilhas de papelada, relatórios etc. No domingo, foi almoçar com Bruno em Belo Horizonte e ficou de conversar com mais calma com ele, visando a uma futura contratação tão logo estivesse totalmente a par da real situação da obra. Dormiu pouco naqueles dias. Sempre estranhava uma cama nova, além do que, o montante de providências a tomar eram tantas que não sabia nem onde começar. Isso lhe tirava o

sono; mas quem não saía da sua cabeça era Beth, a loura da academia. Pensava se quando voltasse, ela ainda estaria lá. Também havia simpatizado com Vanessa. Seus planos amorosos, pelo menos por enquanto, estavam adiados.

\*\*\*

Naquele fim de semana do mês de agosto, fez um belo sol, e Roxane despertou cedo no domingo. Não saiu no sábado à noite, preferiu



alugar um filme e ficar assistindo com a mãe, pois não era muito de sair para baladas. Programou de passar o domingo em casa estudando, tinha provas e entrega de trabalho na faculdade naquela semana. Cursava Medicina, estava no terceiro ano e tinha vinte e um anos. Nas horas vagas, trabalhava como voluntária em uma ONG ligada ao meio ambiente. Era uma moça bonita, embora não se achasse, mas quando queria se tornava irresistível. Tinha a pele clara, os olhos negros profundos,

meio puxados, como as orientais. Puxara os traços fisionômicos do lado paterno. Carregava as feições da descendência russo-armênia e sírio-libanesa, ao contrário dos irmãos, que saíram mais à mãe. Sua altura devia estar em torno de 1,70 a 1,72 m. Tinha um belo corpo, com curvas generosas e peso proporcional à altura, embora sempre se achasse acima do peso. Vivia metida em dietas, tinha os quadris largos, seios médios, mas os achava pequenos; seus cabelos eram claros, cacheados e longos. Passava

horas a fio os escovando, em intermináveis tardes de sábado em salões de beleza. Embora muito vaidosa, não era tão exagerada quanto a tia Sofia e a prima Samara, esta um ano mais velha que Roxane. Ambas tinham implantes de silicone nos seios e a tia viajava praticamente o mundo inteiro em busca de algum SPA exótico em que pudesse fazer algum tipo de tratamento de rejuvenescimento. Naquele sábado, sua casa ficara cheia de gente. Seu pai já fora candidato às eleições passadas, mas

não conseguira se eleger. Mudara de partido e agora era filiado a outro, que era base aliada do atual governo federal. Muitos políticos estavam lá. Roxane, diferentemente das moças de sua idade, não era de ir à praia, quando queria pegar um bronzado, tomava sol na piscina de sua casa, uma bela mansão, em um condomínio fechado, com segurança 24 horas, que ficava em São Conrado.

Tinha por hábito fazer caminhadas na praia aos domingos pela manhã e retornar ao seu quarto,

decorado com grandes posters de dois de seus ídolos preferidos: Jim Morrison, do The Doors, e Janis Joplin. Sua estante, além de muitos livros era repleta de CDs, que iam de Elvis a Red Hot Chili Peppers, passando por cantores dos anos 60 e 70. Seus preferidos eram os Beatles, sucessos antigos dos Rolling Stones, Bob Dylan, Cat Stevens, Carole King, James Taylor, Jimmy Hendrix, Joe Cocker, Pink Floyd e alguns ídolos pop mais atuais. Gostava de literatura, lia de tudo, de *best sellers* a clássicos da literatura brasileira e

mundial. Adorava poesia: Vinicius de Moraes, Drumond, Fernando Pessoa, Garcia Lorca, Charles Bukowski, entre outros. Seus irmãos, primos e alguns amigos mais próximos a viam como uma pessoa um tanto quanto diferente, meio que excêntrica, uma vez que seu modo de ser e sua forma de pensar não se enquadravam à sua faixa etária. Por influência de um antigo relacionamento que tivera, com um homem bem mais velho, ela se identificava muito com a década de 60. Na verdade, tinha

verdadeiro fascínio por aquela época, pelo movimento *hippie*, pelo pacifismo e pela revolução sexual, que só conhecia via música, revistas, livros e conversas com pessoas de idade superior à sua, o que adorava. Possuía coletâneas de discos de vinil, que comprava em sebos e feiras de antiguidades, ou mesmo encomendava em lojas de discos virtuais. Gostava também da boa música MPB e de bossa-nova.

No domingo, tão logo trocou de roupa, pondo algo mais à vontade, pôs para tocar um CD de

Marisa Monte e ligou o computador para checar seus e-mails. Havia nada mais, nada menos do que cinco mensagens de Marcelo, enviadas em dois dias. Marcelo era um dentista de vinte e oito anos, que morava no Leme. Ela o conhecera havia duas semanas em uma sala de bate-papo de sexo virtual. No mesmo dia em que conversou com Marcelo, ela se encontrou com ele. Ambos foram para um motel. Depois daquele encontro, encontraram-se mais uma vez. O dentista tinha se tornado inconveniente, pois não entendeu



que ela queria somente sexo, sexo e nada mais, sem maiores envolvimento. Roxane tinha grande atração por homens maduros e Marcelo estava longe do que ela gostava. Assim, resolveu apagar as mensagens dele. “Por sorte”, pensou, “ele não tem meu telefone nem sabe meu nome verdadeiro” Ela até o achou legal, bom papo, educado, mas não o queria para namorado, fora apenas um “casinho”, como ela comumente dizia em situações semelhantes. No dia em que conversou com Marcelo,

identificou-se como Rejane. Normalmente, entrava nas salas de chat com o nick de “odalisca”. Ligou para ele de um telefone público e marcou o encontro. Era uma noite de lua cheia, e noites assim tinham um significado especial para ela, eram nessas noites que agia inteiramente movida por uma força quase incontrollável, que a fazia ter atitudes que mais tarde se arrependia.

Marcelo não foi a primeira pessoa que conhecera via net, antes dele havia conhecido mais alguns.

Com os que se identificava mais, ela pedia o telefone e, dependendo da conversa, marcava um encontro, sempre em um lugar público e durante o dia, uma vez que agia sempre com muita discrição. Dos muitos com quem conversara, o dentista foi o terceiro com quem chegou a se encontrar pessoalmente e o segundo com quem chegou a fazer sexo. Teve um que ela desistiu depois de conhecer pessoalmente em uma praça de alimentação de um *shopping*. “Não rolou química” ela disse. Achou o cara meio esquisito.

Foi com um *personal trainer* de uma academia que ela fez sua estreia em encontros desse tipo. Encontraram-se em um *shopping*. Ela deixou seu carro no estacionamento, um Mercedes Classe A, que ganhara do pai quando passou no vestibular, e dali foram no carro dele para um restaurante em Pedra de Guaratiba, pois tinha de ser um local bem longe. Passaram a tarde toda conversando e bebendo. O homem se chamava Jaime e tinha trinta e oito anos. Era bem ao seu gosto. Ele

tinha dito inicialmente que era separado, mas no decorrer da conversa revelou que era casado. Anoitecia quando resolveram dar uma volta na praia e, como ela era impulsiva e ardente, não resistiu ao convite dele para transarem ali mesmo, dentro d'água. Embora ela tenha dito que fora uma experiência inesquecível, não chegou a repetir a dose. Roxane, sempre depois desses encontros, dizia para si mesmo que não mais agiria daquela forma, pois achava perigoso e muito arriscado, mas dias depois voltava a repetir.

Houve também um empresário casado, cinquentão, de Mato Grosso que propôs pagar a passagem dela até o Pantanal, na cidade de Bonito, onde teriam um encontro romântico, mas ela não aceitou. Todas essas aventuras não eram do conhecimento de ninguém, nem mesmo suas amigas íntimas sabiam, ou, quando sabiam, era somente uma fração do que realmente havia acontecido.

Depois de ler as mensagens de Marcelo e apagá-las, leu as outras. Muitas eram de amigos

virtuais, que conhecera no chat, outras de colegas da faculdade. Não havia nada de especial, desligou o micro e, em seguida, seu celular tocou. Era Maria Alice, sua prima, dois anos mais velha do que ela, filha de sua tia Odete, irmã mais velha de sua mãe. Ela e a prima eram muito unidas, companheiras quase inseparáveis. Maria Alice era formada em Pedagogia, trabalhava em uma creche e cursava Direito no período noturno. Morava com a mãe em Jacarepaguá, que era viúva. Era a filha mais nova e tinha ainda mais

dois irmãos, Luiz, o mais velho e casado, e Helena, a irmã do meio, que trabalhava com publicidade e morava em São Paulo.

Roxane atendeu o telefone de Maria Alice.

– Oi, vamos à praia hoje ou vai ficar na piscina? Está um dia lindo! – perguntou Maria Alice.

– Vou ficar por aqui mesmo. Tenho de estudar, mas se quiser vir, venha, podemos ficar na piscina, eu fico lendo enquanto pego um sol.

– Vocês vão almoçar na casa do seu avô?



– Não, vovô foi para Itaipava. Vamos ficar por aqui mesmo.

– Tudo bem, já chego aí.  
Despediram-se.

Ismail tinha duas paixões na vida: a empresa e a criação de cavalos. Adorava cavalos de raça, e era no seu haras, em Itaipava, região serrana fluminense, que os mantinha. Praticamente era sagrado quando passava os fins de semana no Rio de Janeiro que a família toda fosse almoçar com ele e Olávia, aos

domingos, em sua mansão, no Jardim Botânico. Ou então, ele reunia todos no haras

\*\*\*

Todas as segundas-feiras, às nove da manhã havia uma reunião entre o consórcio e a fiscalização dos serviços da refinaria, ou seja, entre João Ercílio e seu *staff* pela Atlas, e Arnaldo e sua respectiva comitiva representando o cliente. Siegfried sempre estava presente.

Era uma reunião de verificação do progresso da obra da semana anterior, ou seja, uma reunião de “checagem” de como a obra se desenvolvera, quanto conseguiram fazer no período, e de tomadas de providências ou para sanar algum problema pendente, que eram muitos.

Na hora marcada, os participantes tomaram assento em seus devidos lugares e teve início a reunião. O pessoal da Atlas levava os relatórios e as programações das tarefas da semana anterior e da

próxima que se iniciava. Assim era possível se verificar o que fora feito, quais serviços teriam prosseguimento e quais se iniciariam. Para variar, muito do que fora programado não fora executado nem sequer iniciado, ou então fora feito parcialmente, o que gerava fortes críticas de Arnaldo, embasado por seus auxiliares, que criticavam a falta de iniciativa dos engenheiros e supervisores do chamado consórcio, e a falta de estrutura, de recursos e outros fatores que contribuía para aquele

estado de crise. Siegfried mais ouvia do que falava, ou então, intervinha pedindo explicação a João Ercílio, que até então respondia pelo empreendimento e que, por sua vez, gaguejava, pigarreava, tossia, e por muitas vezes não conseguia se fazer compreender, pois as frases que dizia dificilmente alguém conseguia entender, o que era motivo de riso entre os participantes. Talvez ele não fosse o tipo de pessoa que suportasse pressão. Tentava explicar o que em muitas situações não tinha

explicação ou então punha a culpa em alguém, no caso, um ou outro subordinado, o que fazia sem a menor cerimônia. Isso irritava ainda mais Arnaldo, pois a culpa, em geral não era do subordinado de Ercílio, e sim dele próprio. Siegfried anotava as críticas de Arnaldo e de sua equipe, pois pretendia fazer uma reunião interna para tentar estancar a sangria em que se transformara a obra. Era patente que Ercílio não tinha condição alguma de chefiar um projeto daquele porte. Talvez, ou quem sabe, algo de envergadura

mais modesta. Muita coisa de errado não era somente culpa dele e da equipe, havia constantes revisões de projetos, o que fazia com que muitos serviços fossem refeitos. Havia falta de material, tanto da Atlas e do consórcio, quanto da parte do cliente, que também era responsável por fornecer alguns equipamentos, em geral os mais custosos e vindos do exterior, mas João Ercílio parecia não ter coragem de contra-atacar. Quando o fazia, reagia timidamente, mas era patente que havia muita improdutividade

por parte da mão de obra da Atlas, e a responsabilidade disso cabia somente à organização da empresa. Siegfried observou bem isso. A reunião foi uma tortura de três horas, com Arnaldo massacrando e chamando a atenção de Siegfried, perguntando teatralmente: “até quando teremos de aguentar isso?” Siegfried, impassível, remoía-se por dentro, mas transmitia calma. Estava quase explodindo, controlou-se e saiu dali sem apetite. Durante a reunião, o cliente exigiu que fosse feito um plano de recuperação de



prazo, pois a obra estava atrasada quase dois meses e apontava para uma projeção de atraso ainda maior. Depois do almoço, Siegfried chamou João e sua equipe para tomarem medidas rápidas para que algumas críticas feitas pela fiscalização fossem sanadas o quanto antes e não fossem motivo de chacota na reunião seguinte.

Mais tarde, Arnaldo pediu para falar em particular com Sieg e disse que não queria mais João Ercílio como chefe de obra. Não era nada pessoal, mas ele estava muito

desgastado e não reunia condições para permanecer no cargo.

Siegfried tentou ponderar, dizendo que agora viera para tentar resolver os problemas, que a retirada do gerente local somente iria piorar as coisas. Arnaldo contra-argumentou que contratualmente ele poderia pedir a saída de quem quer que fosse, conforme suas conveniências. Havia uma cláusula no contrato que previa esse dispositivo. Siegfried, então, pediu por escrito as razões da substituição do chefe da obra, e assim foi feito, a carta foi enviada.

Mais tarde, ele verificaria que realmente João Ercílio não tinha gabarito algum para chefiar um empreendimento daquele porte, e teria até dúvida se ele era capaz de estar à frente do quer que fosse. A fim de amenizar a situação, deixou-o como engenheiro de campo, já que os serviços de elétrica e instrumentação não tardariam a começar. Sieg acumularia a função de gerente de contrato e de chefe da obra pelo menos por um período, até achar outro. “Entrei com o pé esquerdo” pensou.

Depois dessa reunião, ele se reuniu com sua equipe; era uma tentativa de ter somente uma conversa rápida, de dar algumas diretrizes, e cada um fazer o que devia ser feito, pois tinha estado em reunião praticamente a manhã toda, mas o resultado foi que os participantes quase se engalfinharam. O clima era tenso e havia rivalidades entre as três organizações, vaidades por todos os lados. Siegfried dispensou todos e, na manhã seguinte, convocou um a um, setor por setor, para tentar

resolver os impasses. Chamou o grupo responsável pelo planejamento, chefiado pelo jovem engenheiro chamado Roderik, que ostentava o título de gerente. Seu braço direito era José Luís, ou Zé Luís, um técnico sênior. Era ele quem arregaçava as mangas e punha a mão na massa. Deu ordens expressas aos dois para que trabalhassem duro na revisão geral do cronograma, a fim de satisfazer o cliente e tentar reverter aquele quadro.

Siegfried comunicou a

Ercílio que ele não mais seria o chefe da obra, que a fiscalização pedira sua substituição. Na verdade, o próprio já esperava por isso e respirou aliviado, com o peso que saía de seus ombros. Nem se importou.

À noite, no hotel, Siegfried prosseguiu lendo os relatórios. Viu que o resultado da obra era muito ruim, o custo mensal superava o faturamento, estavam no vermelho havia um bom tempo. Tinham muitos pontos duvidosos no relatório, e desconfiava que o rombo

podia ser ainda maior. O número de trabalhadores naquele estágio era bem maior do que o planejado e a tendência era crescer ainda mais, muitas horas extras, parecia que faziam por fazer, sem o menor controle, trabalhavam praticamente todos os fins de semana, a título de recuperar o prazo, e isso tinha um alto impacto no custo. Sieg avaliou por cima que o valor justo para se executar aquele empreendimento estaria em torno de 800 a 1 bilhão de reais, e o consórcio da Atlas ganhara a obra por 650 milhões, os

outros concorrentes tinham ficado na faixa de preço que variava de 700 a 1,2 bilhões. “E agora?”, ele pensou, “o que fazer?” Siegfried concluiu que talvez fosse uma estratégia que eles usaram de entrar com preço bem baixo e, no decorrer da obra, tentar chegar ao valor justo. Mas esse tipo de esquema era arriscado, talvez estivessem contando com uma ajuda do senador J. Ele também viu que parte do atraso do empreendimento se devia ao cliente, que não entregara certos equipamentos dentro do prazo. Isso



não contribuiu de forma significativa, mas servia para algum tipo de reivindicação.

Olhando a estimativa, cálculos que davam base para se montar a proposta, Sieg verificou que os índices de produtividade praticados pelos orçamentistas da Atlas talvez só no Japão seriam aplicáveis, ou seja, só com mão de obra supertreinada e qualificada se poderia se chegar a uma produtividade daquela. Ele fez uma rápida projeção e viu que se nada fosse feito e ele deixasse correr

como estava, a obra sairia por 900.000 ou 1 bilhão. A falta de controle era total, era quase 50% do que fora ofertado, e essa cifra absurda poderia deixar a empresa em sérias dificuldades financeiras. O pior era que havia outros serviços em que a Atlas estava metida, também com o mesmo tipo de problema, talvez em escala menor, mas juntando tudo, o resultado poderia ser desastroso. Uma das soluções seria entregar o contrato, assim minimizaria o prejuízo, mas era o pior caminho, pois teriam de

arcar com as consequências. Seriam excluídos do cadastro e impedidos de entrar em novas concorrências no setor por, talvez, cinco anos, jogando por terra os planos estratégicos da empresa e fazendo com que a sua credibilidade no mercado ficasse abalada. Isso poderia criar um efeito dominó e dificuldades para a empresa conseguir novos contratos, mesmo em outros segmentos.

Outra solução, mas que em nada a tiraria a empresa do buraco, mas que poderia minimizar o

rombo, seria tentar uma administração superaustera, ou seja, substituir muita gente e cortar cargos, além de conter todo o tipo de gastos possíveis. Seria um meio de chegar a um prejuízo aceitável, talvez suportável.

Por fim, ele analisou, teria de mostrar os números à diretoria da Atlas, “ela que tome a decisão mais conveniente”, disse para si mesmo.

Ainda naquela semana, ocorreu outro percalço, a comida tida como muito ruim por todos, chegou estragada. Como resultado,

quase houve um quebra-quebra. Desde o início da obra, fora a quinta vez que ocorreu tal fato. Setecentos homens pararam durante meio expediente. Siegfried chamou o gerente administrativo, Isaque, que lhe explicou que foi o gerente de compras e suprimento da Atlas do Rio de Janeiro quem fez a escolha da fornecedora de refeição. Sieg ligou para o sujeito e solicitou que ele rescindisse o contrato. Ele se derramou em desculpas e prometeu que o fato não mais ocorreria, que entraria em entendimentos com o

responsável pela empresa. Sieg lhe disse que mandaria a conta de setecentos homens parados sem produzir para a fornecedora de refeição pagar. O homem não gostou. Os problemas com esse indivíduo seriam uma constante, além das refeições havia o transporte do pessoal, as compras de materiais etc. Tudo levava crer que ele estava ganhado dinheiro por fora e, possivelmente, Isaque também fazia parte do esquema; este último, pelo que Siegfried apurou, era um dos homens de confiança de

Salomon.

A semana passou voando. Na segunda-feira, na reunião com a fiscalização, houve novo bate-boca. Apesar dos problemas, parece ter havido uma ligeira melhora na produção da obra, mas ainda deixava a desejar. Foi apresentado o tal plano de recuperação de prazo, o qual Arnaldo criticou com bastante pouco caso, o que gerou protesto por parte de Zé Luís, que foi quem realizou o trabalho. Os dois começaram a discutir com certa veemência e, por pouco, não

descambou para ofensas pessoais. Arnaldo solicitou uma revisão do plano para dois dias mais tarde.

Zé Luis era um profissional experiente, fora para a Atlas pelas mãos de Salomon. Isso lhe garantia alguns privilégios, que outros funcionários na mesma função não tinham, como um salário melhor, passagens aéreas semanais para ver a família na Bahia, entre outras coisas. Era baiano de Salvador, tinha quarenta anos, mas aparentava bem menos. Era mulato, de estatura baixa, apesar de magro, era



barrigudo. Muito falante, vangloriava-se de seus feitos, sobretudo com as mulheres. Era descontraído, namorador, festeiro, mas, ao mesmo tempo, genioso e temperamental. Dava chiliques e gritinhos em momentos de tensão e havia quem dizia que ele era um gay enrustido, por causa de seu comportamento controverso.

Durante a época em que João Ercílio era o chefe da obra, este não tinha qualquer domínio sobre ele. Aliás, eles até moravam juntos, os dois eram fumantes inveterados e

companheiros de copo. Os programas diários dos dois consistia em sair da obra bem depois de terminado o expediente normal, por volta das sete horas da noite para se enfiarem em um botequim de quinta categoria em Betim, encher a cara de cerveja e jogar sinuca até tarde com alguns supervisores. No dia seguinte, a aparência de ambos era lamentável. Quando não iam para o bar beber, faziam churrasco na casa alugada pela Atlas, que servia de república para o pessoal de nível técnico. Além deles, ainda tinha

Isaque, que era de São Paulo, e mais dois supervisores de campo, amigos pessoais de Ercílio, que ele abrigava lá, pois não se sentia muito à vontade morando sozinho num *flat*. Arrumavam mulheres, não se sabem onde, e faziam festinhas. Às vezes, recebiam outros funcionários da obra. Por causa do efeito da bebida, de vez em quando o churrasco acabava em troca de ofensas e insultos, logo esquecidos no dia seguinte. Essa era a vida social do grupo.

À quem deram a

incumbência de liderar o setor de planejamento era muito jovem para tal tarefa. O motivo Siegfried descobriu logo, ele era afilhado de um diretor da Atlas e noivo da filha de um engenheiro antigo da empresa. O rapaz exibia o título de MBA em gerência de projetos, conseguido no Project Management Institute, e outros tantos cursos de extensão e pós-graduação, mas lhe faltava muita experiência, e igualmente um pouco de modéstia. Disseram-lhe que em breve lhe dariam a chefia de um

empreendimento. A chegada de Siegfried na refinaria não o agradou, porque até então ninguém lhe fazia qualquer cobrança, gostava do cargo, mas não gostava das atribuições e responsabilidades que tal posição lhe conferiam.

Todos os dias, pela manhã, Siegfried dava uma volta na obra para ver o andamento. Notava que praticamente pouca coisa andava. Tinha muita gente zanzando de um lado para outro, apenas passando o tempo, o que significaria, que, na reunião de segunda-feira, haveria

mais pancadaria. Resolveu convocar João Ercílio, que estava no campo com outro, que também respondia pela produção. Antes que tomasse qualquer atitude, era ético que os dois principais responsáveis fossem avisados a respeito.

– Senhores, li nos últimos dias os relatórios preparados pelo pessoal do planejamento e vi que estamos em um enorme atoleiro. Realizamos pouco menos que 20% dos trabalhos até a presente data, quando, na verdade, teríamos de ter feito 40%, ou seja, estamos

defasados no dobro, o mínimo aceitável seria pelo menos 30 a 35 %, para essa fase. Bem, eu vi que parte do atraso se deve ao fato de que o cliente atrasou alguma entrega de equipamento, isso conta a nosso favor, mas não muito. Alguns atrasos se deram por causa da liberação de obras civis, que não é responsabilidade nossa, e não vi nada cobrando o cliente sobre isso, mas boa parte é culpa nossa, sobretudo a baixa produtividade.

Ercílio e o outro ficaram em silêncio, sendo que o primeiro

apenas pigarreou.

Siegfried continuou com a explanação:

– Só conseguimos faturar 10%, pelos mais variados motivos, falta de comprovações, relatórios, falhas de medição de serviços etc. Sentiram o tamanho do pepino? – ele perguntou.

Siegfried continuou falando claramente e, sem mais delongas, deu exemplos claros, como por exemplo as longas filas que se formavam na porta do refeitório meia hora antes do almoço, e antes



de o expediente da tarde terminar já havia filas para bater o ponto, formadas com bastante antecedência. Serviços que começavam na segunda-feira estavam do mesmo jeito na quarta-feira. Da forma que estavam indo, provavelmente não cumpririam a programação semanal mais uma vez, e a tendência era o atraso da obra ir se acumulando, até que o cliente os retirasse dali. O outro engenheiro de campo se justificou dizendo que quando chegou, parte da supervisão já estava lá. Haviam

sido trazidos pelos seus antecessores ou pelo próprio João Ercílio, que, uma semana antes queria colocar a cabeça dele a prêmio, como fizera com os outros. Ele se justificava como podia, sempre jogando a culpa em alguém ou em alguma circunstância atribuída talvez a forças misteriosas que haviam se formado contra ele. Inclusive, sem o menor pudor, chegava a culpar os companheiros com quem prazerosamente bebia depois do expediente. Siegfried lhes disse que não estava ali para apurar

os atrasos, mas sim para resolver o problema da baixa produção. Se a solução era substituir os supervisores, encarregados e operários, que o fizessem. Ele ainda lhes deu ordens para que reduzissem as horas extras, que fossem mais seletivos ao escalar o pessoal, que analisassem a real necessidade com antecedência, cobrou mais comprometimento, e pediu que externassem aos respectivos subordinados as novas diretrizes.

Um dos argumentos usado para justificar o baixo rendimento

foi que os operários formados por mecânicos, soldadores, eletricitas, encanadores e demais funções, mais os encarregados e alguns supervisores, tinham os salários inferiores ao que as outras empresas da região pagavam. Como consequência, os piores funcionários, os que tinham pouca experiência ou até mesmo os que não conseguiam colocação em lugar nenhum, iam para a Atlas. Este era um fato inegável, que tinha um impacto grande sobre a produtividade. Siegfried franziu a

testa, pois sabia que os encarregados eram a espinha dorsal de qualquer obra, bons ou maus encarregados faziam a diferença. João Ercílio, como ex-chefe, alegou que fora uma estratégia usada por Humberto para tentar manter o custo em níveis razoáveis, já que propuseram um preço muito baixo para ganhar a obra. A ideia parecia boa, mas o resultado foi nefasto. O retrato da situação era o seguinte: a cúpula, ou a casta superior, ganhava muito bem e tinha várias vantagens, já os operários e encarregados, ou a casta

inferior, amargavam poucos rendimentos.

Siegfried sabia que mais cedo ou mais tarde teria de resolver essa equação dos salários, mas naquele momento apenas lhes cobrou mais empenho e dedicação. Em paralelo, começou a fazer contatos com supervisores e encarregados que conhecia, pois sabia que com aquele pessoal ali a obra ia por água abaixo.

Alguns dias mais tarde, João Ercílio pediu para sair da obra, ele não tinha mais clima para ficar,

além disso, Humberto, seu amigo, arrumou uma “boquinha” para ele em outro lugar, mais condizente com sua capacidade.

## **As Paixões Proibidas de Odalisca**

Muitos se perguntavam como uma jovem de vinte e um anos, bonita, culta, educada, pertencente a uma rica e próspera família, inteligente, estava sempre sozinha, ou pelo que se sabia nunca tivera um namorado. Estamos falando de Roxane, que por tudo isso e muito mais vivia assediada e



cortejada por colegas de curso, amigos dos irmãos, conhecidos e outros mais. Sua vida sentimental era um completo mistério. O que gerava muita especulação a seu respeito. Alguns diziam que tinha um romance secreto, outros falavam que vivia zozinha devido a alguma decepção amorosa do passado. Nunca fora vista com ninguém publicamente, jamais levou um namorado para casa, tudo isso causava estranheza não só em sua família, mas também em muita gente. Ela não se dava conta desses

comentários, respondia simplesmente que não encontrara a pessoa ideal, ou que um namoro com compromisso comprometeria seus projetos pessoais. Roxane planejava terminar o curso de Medicina e se dedicar à Psiquiatria. Em seus planos, queira viver e estudar nos Estados Unidos, mais precisamente em Nova Iorque, cidade que conheceu ao passar no vestibular. Seus pais, na ocasião, passavam por uma crise conjugal e Leon amargava uma derrota em uma frustrada candidatura a deputado

federal. Assim, os pais partiram para uma segunda lua de mel em um viagem a Nova Iorque e Washington, levando a filha com eles como prêmio pela aprovação no exame e pela superação de um trauma em sua vida pessoal.

Roxane e os irmãos conheceram a Disney na infância. Ela tinha nove anos, e em sua segunda viagem à América do Norte, apaixonou-se pela cidade de Nova Iorque perdidamente. A partir daí, não pensava em outra coisa, mas, no fundo, a ideia de ir para os

Estados Unidos estudar era uma maneira de fugir do rígido controle da família. Seus pais, irmãos e avós viviam de olho nela e aquilo a sufocava. Portanto, quanto mais longe pudesse estar, melhor, menos freio teria em sua vida pessoal. Outro fator que também pesava de querer ir para a América, era que em um passado recente, um grande amor de sua vida estava morando nos Estados Unidos. Ela tinha um tipo de personalidade de que quando queria algo, não desistia, vencida pelo cansaço. Os pais não eram

muito favoráveis à sua ideia, mas ela vinha incessantemente batendo na mesma tecla.

Roxane não era de badalação noturna, saía pouco à noite, não tinha turma. Sua vida social girava em torno de jantares com os pais em bons restaurantes do Rio, ou na companhia de seus irmãos com as respectivas namoradas, ou com Maria Alice, em convenções e congressos que o pai organizava, afinal, dizia ela: “existe lugar melhor para se conhecer homens maduros e interessantes do que em

congressos?”. Ia a galerias de arte e exposições, antiquários, lojas de discos, livrarias e cinemas. Aos domingos, ia para a casa dos avós. Frequentava festas de aniversário na casa dos tios, participava de cavalgadas com o avô em alguns fins de semana e feriados em Itaipava, pois montava e praticava equitação desde os treze anos. Ia a praia, às vezes, mas preferia caminhar e ir ao shopping com a mãe. Laura tinha horror a dirigir, e a família de Leon até tinha um motorista, o sr. Irineu, mas ela

preferia sair com Roxane, que a levava para todos os lados. Ao sr. Irineu restava ir às compras com as empregadas ou levar os carros à oficina. De vez em quando, servia Ismail na Atlas ou Leon. Era Roxane quem ia para a fila do banco pagar as contas da casa. Ia ao Detran e ao supermercado com mãe. Tinha coisas que Laura gostava de escolher pessoalmente. Ia ao centro da cidade resolver algum problema do pai e dos irmãos, era uma filha dedicada, amorosa, enfim, teoricamente sem defeitos e sem

problemas. Era alegre, risonha, parecia estar eternamente de bem com o mundo e de alto-astral. Politicamente, era simpatizante da esquerda e se dizia socialista; não usava a camiseta e a carteirinha do Partido dos Trabalhadores, influência de um “coroa”, com o qual teve um tórrido romance, para não desagradar o avô e a família da avó, isso antes desse mesmo partido chegar ao poder, porque depois se desencantou, como tantos outros.

Por outro lado, Roxane era uma menina mimada e cheia de



vontades, embora negasse. Seus pais normalmente lhe atendiam os desejos, mas também a mantinham sob rédeas curtas, pois era uma pessoa intensa e impulsiva, o que lhe causava sérios problemas.

Ela não escondia de ninguém que tinha predileção por homens maduros, do tipo intelectuais, mas, ao mesmo tempo, dizia que não era uma regra. Isso fazia que constantemente se via em acalorada discussões com os pais e irmãos por causa de seu gosto, pois eles discordavam frontalmente. Leon

tivera uma educação rígida e tradicional, sua mãe era de família de militares e durante a infância e adolescência passou mais ao lado dela e dos avós paternos. Por influência do pai de Ismail, Gregory, resolveu estudar Medicina. Ismail na época, vivia em viagens de negócios e lutava para se estabelecer no mercado com sua empresa recém-criada. Dispunha de pouco tempo com a família. Laura também compartilhava do pensamento do marido. A ideia de que Roxane um dia entrasse porta

adentro, de mãos dadas com um sujeito de sua idade ou mais velho, provavelmente separado e com filhos o fazia estremecer, porém, com os filhos Leon Júnior e Daniel, ele era liberal, não se importava que suas respectivas namoradas dormissem na casa deles ou mesmo que eles viajassem sozinhos para algum lugar com elas.

A prima Samara, filha de Salomon, era seu oposto. Um ano mais velha, fisicamente pareciam irmãs, exceto pelo cabelo liso desta. Samara podia ser rotulada como

uma “patricinha” típica. Vivia vestida com roupas de grife, tinha centenas de pares de sapatos e acessórios. Enquanto Roxane fazia o tipo discreto, elegante, e até mesma reservada, Samara era mais espalhafatosa, com tendência para “perua”. Tentara ser modelo aos quinze anos e, por influência da mãe, até posara para alguns catálogos de moda, mas não passou disso. Estava sempre em turma, badalava nos chamados “points” da cidade, gostava de vida noturna, frequentava praia nos locais onde as

“patricinhas” e os “mauricinhos” se reuniam, sempre em frente ao Country. Só namorava rapazes de seu grupo. Se fosse algum “forasteiro”, tinha de saber de quem era filho, a qual família pertencia, onde morava, se era da Zona Sul, o que vestia, qual a marca do carro, de quem era amigo... basicamente estas eram as suas exigências. Ela até ficava com algum bonitão sarado que acabara de conhecer em alguma casa noturna da moda, mas o máximo que permitia era uma troca de beijos e uns “amassos”,

difícilmente ela atenderia o telefonema dele no dia seguinte, salvo se ele atendesse aos requisitos citados.

Samara tinha prestado vestibular para Medicina duas vezes, depois foi fazer Direito e abandonou o curso no segundo ano. Por fim, cursava Relações Internacionais. Quando não estava fazendo compras, estava na academia de ginástica, nas aulas de *spinnig*, ou alongamento, ou mesmo na ginástica localizada. Tinha um belo corpo, diga-se de passagem. Já

Roxane, frequentava a academia esporadicamente. Montava a cavalo muito bem e era exímia dançarina do ventre.

As duas eram rivais de longa data, desde a infância. Roxane, mais suave e doce, não levava tão a sério a disputa, já Samara, não perdia uma oportunidade de se fazer superior à prima. Quando o avô Ismail levou Roxane para um *tour* pelo Chile e Argentina, a fim de escolher cavalos de raça para comprar, Samara chorou dias seguidos, não perdoaria o avô pelo

descaso que julgou sofrer, mas o avô não agira por mal, ele sabia que Samara detestava cavalos. Essa fora a sua pior derrota na guerra particular entre as duas, mas Samara também, às vezes, levava a melhor. Já tinham disputado o mesmo namorado no tempo do colégio, um campeão de natação local chamado Rodrigo. E ela não perdia a chance de ridicularizar Roxane por ter perdido esse “duelo”.

Havia algum tempo elas estavam mantendo uma convivência mais pacífica, de modo mais



civilizado; vinham se tolerando.

Roxane tinha um lado que poucos conheciam. Era extremamente sedutora e sutil, e usava essas armas com rara destreza. Seu esporte predileto não era a equitação ou a dança do ventre, mas a caça, agia como um felina faminta e dificilmente deixava de alcançar seu objetivo. As aparências, muitas vezes enganam, embora ela era vista sempre solitária ou em companhia de amigas ou de Maria Alice, sua confidente, ela dificilmente estava

sozinha, mas isso ninguém ficava sabendo. Roxane se sentia atraída por paixões fortes, proibidas, intensas. A sensação do perigo e o friozinho na barriga lhe faziam companhia constante.

Samara se gabava ter tido vários namorados, entre os quais alguns filhos de empresários, executivos bem-sucedidos, filho de banqueiro e até o filho de um ex-ministro, amigo de seu avô. Enquanto Roxane, segundo se sabia, nunca tivera ninguém. Samara nem em sonhos podia imaginar o quanto

estava enganada.

Uma semana depois da sua estada na Atlas, a pretexto de ver o avô que andava meio doente, Roxane voltou, mas o real objetivo era ser apresentada a Siegfried. Depois de ver Ismail, foi falar com Zulmira, aquele tipo de visita rápida, sem maiores pretensões. Usando como desculpa que tinha ido ali na empresa para ver o avô, ficou sabendo que Siegfried viajara e não tinha data certa para voltar. Roxane não era de se dar por vencida facilmente, e também não tinha

pressa, podia esperar, além do que seu celular tocava com frequência, não lhe faltavam pretendentes.

\*\*\*

Zé Luís trabalhou duro na revisão do cronograma, entregou-o com dois dias de atraso. Arnaldo protestou, como de costume, e pediu tempo para analisar e comentar. Entraram na semana seguinte. Os resultados foram ligeiramente melhores depois da reunião entre Siegfried e os engenheiros de

campo, mas isso não evitou que Arnaldo os atacasse por outros motivos. Ele sempre descobria algum meio de pisotear o empreiteiro; às vezes, por causas banais, fazia um carnaval.

Uma semana depois do problema da comida estragada na obra, aproveitando que a direção do projeto tinha mudado, ou seja, Siegfried tinha tomado o lugar de Humberto e João Ercílio fora destituído como chefe de obra, o pessoal resolveu fazer greve. O motivo era o que todos já sabiam,

mais cedo ou mais tarde iria acontecer. Siegfried já antevia problemas, os operários tinham salário abaixo do piso. Para se fazer uma greve, conforme a lei, é necessário se adotar uma série de procedimentos legais, previstas na CLT, na consolidação das leis do trabalho, e o pessoal parou sem qualquer aviso e sem qualquer tipo de contato com o sindicato da categoria. Tal fato era passivo de demissão por justa causa. Demissão por justa causa, mesmo que o empregador tenha razão, é sempre

evitada, é o pior caminho a seguir, e Sieg tinha plena consciência disso.

Siegfried agiu rápido. Era isso que ele precisava para promover uma redução de efetivo. E assim o fez, demitiu de cara 10%, com todos os direitos pagos, inclusive os cabeças do movimento, que, via de regra, são sempre os que menos trabalham. Por incrível que possa parecer, a produção semanal da obra não foi afetada, sinal de que muitos estavam ali apenas para fazer número. Nas semanas seguintes, fez nova redução, algo

em torno de mais 10%. Os que ficaram receberam aumento.

Siegfried equalizou os salários com o praticado pelo mercado local e, dessa forma, esperava atrair profissionais mais qualificados. Era necessário fazer uma ampla “arrumação da casa”. Contratou Bruno, um engenheiro de controle da qualidade, sendo necessário fazer uma realocação de verbas a fim de manter a obra dentro do custo, que vinha se mantendo alto e ultrapassava o faturamento. Contratou pessoas com salário de



mercado, o que não estava previsto na concorrência, mas, em contrapartida, teve de demitir em outros setores. O resultado, naquele mês, não foi bom. O custo aumentou ainda mais. Ele sabia disso, mas no mês seguinte esperava ter um resultado melhor. A mão de obra restante, ou seja, os oitenta por cento que ficaram, nos meses que se seguiram, pelo menos quarenta por cento fora substituída.

Arnaldo, quando ficou sabendo das demissões, ficou uma fera, pois argumentou que já

estando a obra atrasada, não fazia sentido uma redução de efetivo. Este era o seu raciocínio, só que nem sempre uma obra abarrotada de pessoal era sinal de que todos estavam trabalhando produtivamente. Às vezes, gente de mais atrapalha.

Siegfried se desdobrou em explicações. Discutiram asperamente, pois refutou que a responsabilidade era dele e cabia a ele administrar da melhor forma possível. Para Arnaldo, o que importava era o cumprimento de

prazo. Óbvio, era a função dele cobrar, mas ele pouco se importava se a empresa viesse a quebrar.

Chegou a virada do mês e a Atlas estava atravessando uma má fase, estava tendo problemas de caixa, o que resultou em atraso de pagamento. Os principais atingidos foram os funcionários que trabalhavam na sede da empresa no Rio de Janeiro e em funções administrativas em outros estados, onde a empresa tinha escritórios. Tiveram problemas em outras obras, pois os operários foram pagos, mas

o supervisores não. Isso gerou um enorme mal-estar. Siegfried, os engenheiros e os supervisores, só foram pagos 10 dias depois. Os operários que trabalhavam na O-08, em Niterói no Rio de Janeiro foram pagos, mas as horas extras não, o que gerou protestos. Ainda teve funcionários que não receberam seus pagamentos integrais. O gerente da obra local ligou para Siegfried e deu-lhe ciência do fato. Além disso, problemas com o pagamento das horas extras estavam acontecendo com certa frequência e

o pessoal estava ficando inquieto. Sieg comunicou-se de imediato com o diretor financeiro, Rui Vilela, para saber o que estava acontecendo. O chamado doutor Vilela, prometeu arrumar a situação no adiantamento do pessoal, que acontecia geralmente no dia 15 de cada mês. O sistema da Atlas funcionava da seguinte maneira: o pessoal lotado nas obras recebia 40% por cento de seus vencimentos todo dia 15, e o restante, inclusive as horas extras, no fim do mês. Siegfried avisou a todos que a situação seria resolvida

até o meio do mês, e a calma voltou a reinar. Ele, a partir dali, ficou com a pulga atrás da orelha.

A esposa de Salomon, Márcia, estava para inaugurar uma nova loja de grifes femininas num elegante *shopping*. Roxane mal podia esperar, pois haveria um coquetel de inauguração, e quem assinava a decoração da loja era Gisele Shiraz, uma renomada decoradora de interiores, muito conhecida no “high society” da cidade. Mas o que a deixava entusiasmada, e até mesmo

excitada, não era a decoração da loja ou a festa de inauguração, mas a provável presença de um médico: Altair Shiraz, um bem-sucedido cirurgião plástico, presença constante nas colunas sociais, com algumas aparições em revistas de celebridades, e até mesmo em programas de TV por assinatura. Era casado justamente com Gisele. O doutor Shiraz já era conhecido de suas duas tias, Sofia e Maysa, ambas já tinham passado pelo seu bisturi e por sua clínica de rejuvenescimento. Aliás, quase

todas as *socialites* haviam passado por ali, inclusive Samara, que fizera um implante nos seios. Ele era o perfeito galã de novela, bonito, rico e famoso, e, por consequência, muito assediado por mulheres de todo o tipo. Já tinha feito cinquenta anos, era alto, magro, moreno-claro, jogava golfe e era um perfeito gentleman. Gisele e Altair eram amigos da família Armadunian. Embora não fossem íntimos, tinham relações de amizade com eles. Roxane sentia-se atraída por ele desde os dezessete anos, quando o



conheceu pessoalmente e ficou com a impressão de que ele também tinha uma atração por ela. Toda vez que se encontravam, os olhos de ambos faiscavam. Um encontro entre os dois era só uma questão de oportunidade. Maria Alice havia percebido que entre Roxane e Altair havia uma atração mútua, “rolava um clima entre os dois”, como ela mesmo dizia. Já presenciara vários olhares de Altair dirigidos a Roxane, e ela até incentivava a prima a ter um envolvimento com ele. Mas esta refutava, achava que

por ele ser casado, não seria bom ter um relacionamento com ele, pois seria sem futuro ou que poderia se tornar um escândalo, caso fossem descobertos; além disso, conhecia Gisele. Mas isso, no fundo, era apenas uma desculpa. Em seu íntimo, pensava que Altair queria apenas uma mera aventura sexual, pois outra coisa não podia ser, já que era muito bem casado. Mas uma “saída” com ele era algo que mexia com sua cabeça “por que não?”, pensava. O fato de Altair ser casado não era impeditivo para ela, pois já

tivera um relacionamento com um homem casado e ninguém soube, pois não gostaria que pensassem que ela era capaz de ter uma aventura com um homem casado, mesmo que fosse Maria Alice.

A prima sabia praticamente tudo a respeito de seus envolvimento amorosos, quase tudo, mas não tudo. Depois, vinha a tia Sílvia, irmã mais nova de sua mãe Laura. Ela era como se fosse uma irmã mais velha de Roxane. Tinha trinta e três anos, era casada com Orestes, biólogo e professor

universitário. Era médica e tinha uma filha de cinco anos, Tatiana. Geralmente, era para Sílvia que Roxane recorria para algum conselho, mas também não dizia tudo à tia. Por último, havia Camila e Rafaela, suas amigas desde os tempos de colégio e cursinho. A primeira estudava Medicina com Roxane e a segunda fazia Sociologia na mesma universidade. Camila sabia apenas de algumas coisas sobre a vida íntima de sua amiga.

Roxane tivera um ano antes um envolvimento de dois meses

com um homem casado, seu nome era João Paulo. Era um empresário cuja fonte principal de renda era o *lobby*, a intermediação de negócios, que lhe rendiam gordas comissões. Na época tinha cinquenta e cinco anos , era amigo do avô e tinha relações comerciais com a Atlas. Também criava cavalos de raça e foi por esse motivo que ele e Ismail se tornaram amigos. A amizade entre João Paulo e a família Armadunian se tornou ainda mais próxima quando ele vendeu ao seu pai, Leon, uma belíssima mansão em Búzios ,

no bairro de Geribá , um dos endereços mais caros daquele balneário. João Paulo e sua família, Marta, a esposa, seu filho mais velho, André, e suas filhas, Letícia e Cíntia, passaram a frequentar o haras de Ismail em Itaipava e os churrascos aos sábados na casa de Leon.

Letícia e Roxane já se conheciam de vista, pois estudavam na mesma universidade e faziam o mesmo curso, só que em turmas diferentes. Não demorou muito, ficaram amigas. Roxane começou

frequentar a casa de João Paulo, uma cobertura na Lagoa, um dos bairros mais nobres do Rio de Janeiro. Começaram a sair juntas Roxane, Letícia e Cíntia. André cada vez mais se interessava por ela. As duas famílias começaram a fazer uma verdadeira torcida para que André e Roxane iniciassem um namoro. Todos faziam gosto, mas ela se fazia de desentendida. André tinha vinte e cinco anos e trabalhava no escritório de representações do pai.

João Paulo era um sujeito

educado, de certa forma refinado, magro, alto e calvo quase por completo . Não se podia dizer que era um homem bonito, tinha lá seu charme, era do tipo discreto, mas meio cafajeste. Era uma pessoa que gostava de fazer charme e flertar com as amigas das filhas, na tentativa de alguma conquista, pois tinha predileção por mulheres mais jovens, mas também já tivera casos com amigas de sua mulher. Não era dotado de escrúpulos nesse sentido. Em muitas ocasiões, saía com a família para jantar fora e, sem o



menor pudor, flertava com alguma mulher que estivesse próxima. Com Roxane, ele manteve um certo distanciamento, pois pensava que ela estivesse interessada no filho e também por consideração a Ismail e a Leon.

Roxane e João Paulo passavam muito tempo conversando sobre livros, vinhos, cavalos, música e bossa-nova. A jovem lhe causava admiração, pois sendo tão jovem, tinha extremo bom gosto. Às vezes, o grupo passava horas a fio jogando baralho ou vendo algum

filme alugado. Roxane ainda levou Letícia e Cíntia para participarem da ONG onde ela desenvolvia um trabalho voluntário.

Letícia, vendo que Roxane não se tocava a respeito do interesse de André por ela, bancou o cupido e lhe disse que seu irmão estava interessado em conhecê-la melhor, pois a admirava muito. A resposta foi evasiva, ela respondeu que seu objetivo era se formar e ir para os Estados Unidos, que não estava em seus planos um namoro firme, e que, além disso, gostava de homens

mais velhos, apesar de achar o André um “gato”. Assim, acabou por se afastar um pouco da família de João Paulo, ou melhor, passou a ir à casa dele somente nas horas em que André não estava.

Dias depois, durante um jantar em família, João Paulo, notando que Roxane não ia mais à casa deles com tanta frequência, perguntou a André como estava indo sua paquera com Roxane. André respondeu que ela estava mais interessada em estudar e concluir seu curso. Mas foi Letícia quem

disse algo que João Paulo adorou ouvir:

– Ela gosta de homens mais velhos, pai.

– Sêrio? – perguntou perplexo.

– Foi o que ela me disse. Na faculdade falam isso também.

Nunca a vi com ninguém, e ela diz para todo mundo que prefere homens maduros.

– Nem uma “ficadinha” de leve? – perguntou André.

– Eu nunca vi! E posso lhe dizer que tem muita gente a fim

dela, mas que eu saiba ela está sozinha.

Cíntia, que cursava o segundo ano de Economia na mesma universidade, completou que havia um boato que ela já tinha se envolvido com um professor.

– Que idade ele tinha? – perguntou João Paulo muito interessado.

– Parece que tinha entre trinta e cinco e trinta e oito anos – respondeu Cíntia. – Mas o povo fala de todo mundo, vai ver inventaram. Tem muito carinha que quando não

consegue uma menina, fica espalhando coisas por aí.

Imediatamente, na cabeça de João Paulo, acendeu uma luz verde. “De repente, vale a pena dar uma investida”, ele pensou. Recordou-se da cena em que ele havia conhecido Roxane. Tinha sido no haras de Ismail, fora fazer uma visita rápida, pois eram vizinhos. Ismail e Roxane estavam retornando de uma cavalgada e ele os encontrou ainda no estábulo. Ismail o convidou para entrar e se dirigiram juntamente com Olávia, ao “home theater” do

grande casarão, em Itaipava. A maneira como Roxane pegou o copo de uísque e lhe entregou com aquele olhar, nunca mais ele esqueceu. Parecia dizer: “quero você para mim”. Aquele cena ficaria gravada na sua memória para sempre. Ele viu que Roxane não era uma mulher para um jovem qualquer, a Lolita escondia muita coisa.

Alguns dias depois, Marta, a esposa de João Paulo, foi internada por causa de uma crise renal, sendo submetida a uma operação de emergência nos rins. Roxane soube

e foi visitá-la, acompanhada de sua mãe e de seu pai. Retornou seguidas vezes durante sua convalescença, levava sempre um agrado ou algum prato interessante que ela pedia para a cozinheira preparar. Em uma dessas visitas, encontrou somente o casal, os filhos não estavam. Ela ligou para Letícia, que lhe respondeu que já estava a caminho e que a esperasse. André tinha viajado. Marta estava dormindo, enquanto aguardava a chegada de Letícia, João Paulo a convidou para irem para a biblioteca, a pretexto de



lhe mostrar um novo disco de bossa-nova que encomendara. Entre uma conversa e outra e sabendo que Roxane, além de um bom vinho, admirava um legítimo Scotch, abriu uma garrafa de um Blue Label. Roxane aprendera a apreciar desde cedo bebidas finas destiladas, graças à influência do avô e do pai, que mantinham respectivamente uma adega especial muito bem surtida. João Paulo, mais do que depressa preparou um clima romântico para dar o bote. Ao som de um trompete de Miles Davis, como música de

fundo, e entre uma dose e outra de uísque, ele arriscou um beijo, no que foi prontamente correspondido. Não fizeram sexo ali mesmo, por causa da presença dos empregados e da súbita chegada de Letícia.

Durante dois meses, Roxane frequentou o *flat* que João Paulo mantinha na Barra da Tijuca exatamente para esse propósito, seus encontros amorosos. Sua amante atual era uma garota de programa de luxo. A desenvoltura que Roxane mostrou na cama com João Paulo o surpreendeu, pois ele

esperava encontrar uma menina com pouca experiência sexual, uma vez que Roxane era bem jovem, foi a mais nova mulher com quem tinha tido um caso até então. Antes do primeiro encontro, ele pensou que ela era virgem, ou pelo menos tinha pouquíssima experiência, pois comentavam que ela era uma menina pacata, tímida, que sua vida se limitava da universidade para casa e vice-versa, que vivia sozinha, sem ninguém e, ainda por cima, pertencia a uma família conservadora cheia de tradições. Ele

pensou que encontraria uma menina travada, cheia de preconceitos, e ingênua, e isso o excitou. Ele estava com a ilusão de que ela nunca tivera um homem de verdade, e isso seria um verdadeiro triunfo, poder mostrar como se fazia. No entanto, o que ele encontrou foi uma mulher com uma performance superior a LÍlian, que era a amante que ele pagava. Roxane se permitia tudo, era de uma ousadia surpreendente e usava *lingeries* compradas em sex shop. Não tinha pudores e ainda gostava. João Paulo achou que tinha

ganhado um verdadeiro presente dos deuses; os encontros com a tal garota de programa de luxo eram somente dinheiro por sexo, algo mecânico, mas com Roxane não, eles conversavam, riam; ela o fazia feliz. Ele tinha muito mais do que sexo, havia arrumado uma namorada. Diante disso, ele resolveu refazer a decoração do *flat*. Era um apartamento pequeno, com sala e quarto, cozinha americana funcional e mobiliado precariamente. Ele contratou um escritório de decoração e mandou

pôr tudo do bom e do melhor: móveis luxuosos, roupas de cama e banho de primeira qualidade, som, DVD, televisão de tela plana etc. Queria transformar os encontros com Roxane em algo muito especial. Mandou fazer cópias das chaves e lhe entregou.

Apesar de todo o entusiasmo, encontrar com ela exigia um malabarismo e tanto, assemelhando-se a uma operação de espionagem e conspiração. Era como se encontrar com uma mulher casada, pois Roxane, além do pai e da mãe, tinha

os irmãos nos calcanhares. Seus encontros se davam sempre de dia, às vezes ela se ausentava das aulas; não era do tipo de dormir fora de casa ou viajar sozinha. João Paulo tentou convencê-la a ir para um *resort* na Bahia, em um fim de semana. Ele diria à mulher que faria uma viagem de negócios para fechar algum contrato. Logicamente, iriam em voos separados para não levantar suspeitas. Contudo, ela respondeu que não existia chance. Ela acenou com uma possibilidade de um encontro em Porto Alegre, onde

aconteceria um seminário de tratamento de depressão, um assunto que ela se interessava, uma vez que queria se especializar em Psiquiatria. Mas o pai “melou” a viagem, “muito nova para ir sozinha”, Leon falou.

Todo aquele clima proporcionado por encontros secretos, e a sensação de perigo, lhe descarregava altas doses de adrenalina. Tudo aquilo lhe trazia à mente uma pessoa que tivera uma participação marcante em sua vida, e João Paulo, de certa forma, lhe



fazia lembrar daquele homem. Eles eram parecidos, ambos tinham o sangue de cafajeste correndo nas veias, coisa que tanto a atraía.

João Paulo, com o desenrolar de seu romance, começou a mudar seu modo de se vestir, em vez das tradicionais calças sociais, agora vestia jeans de grifes de luxo importadas. Mudou o visual e consultou um cirurgião plástico. Trocou o golfe pela musculação, e seu velho e clássico Volvo por um modelo esportivo mais novo. Roxane o fazia sentir-se jovem.

Tudo isso não passou despercebido pela família. Marta e as filhas desconfiaram de que alguma coisa estava acontecendo. André também não entendia o porquê das saídas do pai em horário de expediente. Ele só retornava ao escritório, no centro da cidade, bem depois das seis horas da tarde.

Marta começou a desconfiar que a mudança de comportamento do marido só podia ser por causa de mulher. Começou sistematicamente a monitorar a vida dele e, sem que ele percebesse, revistava seus

bolsos, revirava sua pasta, olhava no celular os números chamados, sua agenda etc. Dizem que um homem apaixonado fica bobo e sem atenção. Um dia, ela pegou o extrato do cartão de crédito e viu uma quantia substancial gasta em uma joalheira famosa, algo em torno de 7.000 reais e mais 800 reais gastos em uma loja de lingerie sofisticada de Ipanema. Com a ajuda de uma amiga sua, dona de uma boutique, elas rastrearam as compras de posse do extrato e descobriram, entre outras coisas, que o marido havia

comprado um par de brincos e uma gargantilha na joalheria, e a compra fora feita em uma das lojas da rede, no centro da cidade, próximo ao escritório. Como ela não recebera presente algum, outra mulher recebera. A lingerie era a prova de que só podia ser uma amante. Ele poderia dar a desculpa de que as compras na joalheria eram um agrado para algum cliente, mas sendo um par de brincos e uma gargantilha, parecia óbvio que era para uma amante.

A gargantilha e o par de

brincos eram em ouro branco, ornados com pequenos brilhantes, eram extremamente elegantes e discretos, bem ao gosto de Roxane. Esta, por sua vez, quase não usava joias, salvo uma ou outra bijuteria. Normalmente, em algum evento especial pegava emprestado as joias da mãe, que era uma mulher muito vaidosa. Roxane se encantou com o mimo, sabia que tinham alto valor, mas não sabia quanto. Observou o logotipo da joalheria, ela conhecia aquela marca, seu colar de brilhantes, que recebera de presente

aos quinze anos, era da mesma grife, e sua mãe tinha sido presenteada por seu pai inúmeras vezes com joias daquela rede de lojas. Pensou que seria prudente guardá-las bem, para que ninguém ficasse sabendo.

No dia em que Marta descobriu que o marido a estava traindo, na verdade, não fora a primeira vez que isso acontecera, Letícia e Cíntia, ao chegarem à casa, vindas da universidade, pegaram a mãe aos prantos e se solidarizaram com ela, tentando imaginar quem

poderia ser a nova amante do pai. Naquela noite, houve muita discussão entre Marta e João Paulo que, como sempre, negou tudo. Essa era a principal regra dos cínicos e calhordas quando pegos no flagra: negar sempre! Ele arrumou as desculpas mais esfarrapadas que podia e manteve até o fim que fora tudo um mal-entendido.

Com o passar do tempo, João Paulo foi ficando possessivo, começou a ter crises de ciúmes e a tomar conta da vida de Roxane, que era bem atribulada. Ele queria saber

com quem ela estava, aonde tinha ido, o que fizera, a hora, que reunião era aquela que ela fazia de vez em quando com um grupo de amigos misteriosos... Quem era o pessoal da ONG. Trata-se das mesmas pessoas? Isso começou a incomodá-la, pois ela não admitia nenhuma ingerência em sua vida, ela separava bem as coisas. João Paulo era apenas um amante, uma pessoa com quem se encontrava para fazer sexo. Até gostava dele como amigo, mas era só. Ela não exigia exclusividade e não lhe cobrava nada, era um



relacionamento momentâneo, sem nada em troca, era disso que ela gostava. Mas nem sempre fora desse jeito, houve alguns que ela queria ser a única.

\*\*\*

Os pais de Roxane ofereceram uma recepção na casa de São Conrado. Era aniversário de Laura. Havia muitos convidados entre os quais João Paulo e a família. Roxane disfarçou o quanto pôde qualquer suspeita que poderia

pairar sobre ambos e procurava dar atenção a todos os convidados, mas João Paulo, no entanto, a seguiu a noite toda, por onde quer que ela ia. E isso não passou despercebido. No fim da festa, Maria Alice, sem meias palavras, disparou:

– O que está rolando entre você e aquele coroa careca? – disse, apontando para ele.

– De quem você está falando?

– Ora, aquele ali, o amigo de seu avô, João Paulo, não é esse o nome dele?

– Não está rolando nada, você tem cada uma!

– Então você deve ser cega, porque ele não tirou os olhos de você a noite toda. Aonde você ia, ele a acompanhava.

Roxane, ficou sem graça e tratou de mudar o rumo da conversa, mas não foi apenas Maria Alice que notou, Cíntia e Letícia também perceberam, bem como Mateus, seu primo, filho de Salomon.

A situação começou a incomodá-la. Ela se afastou da casa e da família de João Paulo, e isso

lhes pareceu estranho. Roxane evitava Cíntia e Letícia, e esta, um tanto quanto cismada, procurou por ela na universidade e perguntou por qual motivo ela deixara de frequentar a casa deles. Escutou como justificativa falta de tempo, estudo, trabalhos na ONG e outras coisas mais. Evidentemente, esses motivos não foram suficientes, porque Letícia fazia o mesmo curso que ela e também pertencia à mesma ONG com a irmã. Foi então que Letícia, com o intuito de provocar uma “saia justa”, disse:

– Olhe, Ro! O clima lá em casa não está nada bom. Meu pai arrumou uma amante e minha mãe está arrasada!

Roxane, apesar de jovem, estava acostumada a dissimular muito bem situações desse tipo, mas foi pega de surpresa e, apesar de disfarçar, não conseguiu evitar que sua face ficasse vermelha. Letícia notou a súbita mudança em sua fisionomia e a desconfiança com relação a Roxane aumentou.

\*\*\*

Em um domingo pela manhã, o tempo estava meio nublado e Roxane resolveu passar a manhã com sua pequena prima de cinco anos, filha de Sílvia. Naquele dia não havia nenhuma atividade programada na ONG da qual fazia parte. Normalmente, nos fins de semana, o pessoal da ONG tinha alguma campanha em algum lugar. Seus tios pais da pequena Tatiana moravam no Recreio, um bairro próximo à Barra da Tijuca, e na

noite anterior ela não havia dormido bem. Tinha sonhado a noite toda com crianças brincando em sua casa e em seu quarto. Isso particularmente a deixou perturbada. Roxane passou a manhã toda com a pequena menina no *playground* do condomínio. Ficou observando Tatiana “como cresceu”, pensou. A menininha tinha os cabelos cacheados como os dela, e ambas tinham a mesma tonalidade de pele. De repente, uma melancolia começou a tomar conta dela. Bateu fundo aquela dor que de vez em

quando sentia, embora já tivesse feito de tudo para espantar esse fantasma, inevitavelmente, ele teimava em voltar. Naquele momento, observando Tatiana brincando com outras crianças, veio à sua mente uma indagação: “se ela estivesse viva, estaria aqui comigo e Tati brincando, como seria ela? Será que se pareceria comigo? Ou teria saído ao pai?”. A criança corria de um lado para outro rindo, e lágrimas escorreram pelas faces de Roxane.

No mesmo dia à tarde, dizendo à família que ia ao cinema e



prometendo que ao sair passaria na casa dos avós, foi se encontrar com João Paulo no *flat*. Não era um bom dia para um encontro, estava se sentindo mal, um pouco deprimida, e foi nesse encontro que João Paulo falou algo que teve um efeito devastador sobre ela:

– Acho que estou me apaixonando por você.

Ela compreendeu que era hora de dar o fora. Ele tinha dito uma palavra maldita:

“apaixonando”. Esse sentimento, o amor e tudo o mais que estivesse

relacionado com ele, incomodava-a.

A partir desse dia, ela resolveu se afastar dele. Eles não brigaram, Roxane alegou que os motivos eram a família dele, que não conseguia encarar mais as filhas e Marta, que Letícia estava desconfiada, que tinham uma relação de amizade, etc. Mas acenou com uma possibilidade de uma possível reconciliação futura, “é somente um tempo”, ela disse. De fato, ela nunca rompia um relacionamento de forma brusca,

sempre acenava com um novo e possível reatamento. Geralmente, deixava uma porta aberta, algum tipo de vínculo com a pessoa. Era uma forma de minimizar o drama e, além disso, não descartava a hipótese de que um dia pudesse vir a precisar dele, “quem sabe um dia nós podemos voltar”, ela dizia. João Paulo, apesar de transtornado, aceitou as explicações e se conformou diante de um possível reatamento.

Eles ainda passaram um tempo se falando e mantendo

relações amistosas. Um mês depois do rompimento, João Paulo já estava de olho em Maria Alice.

Uma semana antes da inauguração da nova loja de Márcia, Laura, Roxane e Maria Alice saíram para comprar roupas para aquela especial ocasião. Roxane, de modo geral se vestia de maneira muito sóbria e discreta. Não era fã de grifes famosas, vestia-se com simplicidade. Geralmente, usava floridos discretos ou se trajava com cores escuras: preto, azul-marinho, cinza e, vez por outra, branco. Ela

era cliente de lojinhas de Ipanema, gostava de frequentar bazares ou feiras *hippies*. Laura gostava de cores vivas: vermelho, azul-turquesa e amarelo. Era cliente de lojas de estilistas conhecidos. Quando as duas estavam juntas, era ela quem chamava mais a atenção. Laura era uma mulher bonita, madura, cuidava-se muito bem, o que provocava muito ciúmes em Leon. No entanto, havia dias, ou melhor, noites em que Roxane queria ser notada. Aí, realmente ela sabia fazer a coisa certa, ficava

irresistível. Maria Alice era uma moça bonita quando se produzia, dois anos mais velha que Roxane, embora de origem mais modesta, de modo geral se trajava bem, não era do tipo de chamar muito a atenção dos homens. Tinha estatura alta, era morena-clara, tinha os cabelos castanhos-escuros até os ombros, os olhos grandes, castanhos e amendoados. O formato de sua boca era muito bonito, do tipo carnudo, e seus dentes eram perfeitos e muito brancos.

Na noite da inauguração, a

loja estava cheia de convidados. Ali estava reunida boa parte da nata da sociedade carioca, além de jornalistas e fotógrafos, que faziam uma ampla cobertura. Houve um desfile de modas, com roupas que podiam ser adquiridas na loja, mas todos os olhos convergiam para dois ilustres convidados: o casal Shiraz. Altair estava sempre cercado por um grupo de *socialites*, tentando algum tipo de conselho a respeito do mais adequado tipo de tratamento de rejuvenescimento. O ambiente estava muito cheio, mas ele e

Roxane não perderam a oportunidade de trocarem olhares.

– Você viu como ele a olhou? – perguntou Maria Alice para Roxane.

– Será que era para mim? – questionou incrédula.

– Quer parar com isso? Está a um palmo do seu nariz e você não percebe?

– Você já reparou como tem mulher dando em cima dele?

– Vá à luta, Ro! Quem me dera se ele me olhasse desse jeito! Vamos tentar uma aproximação? Se



quiser lhe dou cobertura e posso até passar seu telefone para ele.

– Você ficou louca? Não vê que está todo mundo grudado nele?

– Não custa tentar.

Maria Alice gostava de ver a prima metida nesse tipo de rolo, talvez até se realizasse por meio de Roxane. Ela mesmo não era bem-sucedida em matéria de namorado. Tinha vocação para gostar do homem errado. Normalmente, gostava de quem já estava comprometido, mas não tinha fixação por homens maduros como

a prima, era apaixonada pelo jovem professor de Direito Processual, Fabrício, de trinta e cinco anos, noivo e com casamento marcado. Além de dar aulas, era defensor público.

Em seu íntimo, Roxane ria para si mesmo, ela não tinha dúvida. Shiraz sentia atração por ela, sabia que um dia a oportunidade apareceria. Sem dúvida, ela pensava “era um desafio e tanto, um homem bonito, bem-sucedido, bem casado e assediado por tantas mulheres seria uma belíssima conquista”. No seu

inconsciente, quanto mais complicado e difícil fosse o objeto de desejo mais satisfação sentia. O Shiraz seria o seu supremo triunfo. A conquista em si era o que interessava, o que viria depois ou a continuação do provável romance, pouco interesse lhe despertava.

Ainda naquela noite, Márcia convidou Maria Alice para ser uma das suas vendedoras, com a possibilidade de vir a ser subgerente. Maria Alice aceitou na hora, o que ganhava na creche era uma miséria. Agora teria um salário

fixo, comissões e também a chance de ampliar seus horizontes, fazer novas amizades, uma vez que a clientela de Márcia era bem seletiva. “Quem sabe dali eu poderei conhecer gente interessante?”, disse para Roxane.

\*\*\*

A jornada de trabalho de Siegfried na refinaria se iniciava às sete e meia da manhã e ia normalmente até as dezenove horas. Resolvía um número infinito de

problemas por dia. Não havia rotina, um dia nunca era igual ao outro. Ia desde problemas técnicos, administrativos, até casos pessoais, conflitos e vaidades, tinha de ter paciência, autocontrole, engolir “sapos” e trabalhar sob pressão. Murros na mesa faziam parte da sua rotina de trabalho. Para quem não era do ramo, uma semana naquele ambiente seria suficiente para causar um enfarto, ou uma crise de hipertensão, ou talvez até vir a sofrer de síndrome do pânico. Ele notou que o relatório de custo, bem

como o acompanhamento, estava deixando muito a desejar. Também pudera, era a parte mais sensível de qualquer organização e estava entregue a Roderik, que não tinha domínio do assunto. Dessa forma, planejou levar alguém mais experiente para chefiar o setor, uma vez que o cliente o tempo todo reclamava do planejamento e havia uma vasta correspondência enviada por eles tratando desse fato.

O bombardeio de Arnaldo sobre a Atlas prosseguia nas reuniões semanais. Fora isso, o

próprio chamava Siegfried com bastante frequência para esclarecer uma ou outra coisa. Dizia: “por que não começou isso? Qual o motivo daquele grupo estar parado? Cadê aquele material ‘x’ e aquele ‘y’?”. Isso acontecia também aos sábados e, às vezes, aos domingos. Ele gostava de fazer reuniões relâmpagos. Se Siegfried não estava, ele o chamava pelo celular, o que o obrigava a estar na obra, inclusive nos fins de semanas e feriados.

## O Coven

Em toda mudança de mês era preparado um relatório em forma de caderno, demonstrando o andamento da obra. Eram gráficos de progresso, demonstrativos do efetivo da obra, a situação financeira e tudo o mais que refletia o estado atual do empreendimento. O relatório era editado em várias cópias e enviado à



diretoria das três empresas que formavam o consórcio e ao cliente.

O resultado do relatório daquele mês, a exemplo dos demais, não fora bom, parecia que a situação piorara ainda mais. Siegfried sabia que as mudanças que fizera somente teriam efeito no mês que se iniciava; no entanto, esperava um resultado melhor do que no período anterior. Olhou com um pouco mais de cautela os relatórios anteriores e verificou que os resultados eram bem piores do que estavam ali impressos. Chamou Roderik para

explicar o que havia acontecido, já que era ele o responsável pela sua elaboração. Este se defendeu, dizendo que cumprira ordens de Humberto e de João Ercílio e que Isaque também tinha participado. Siegfried lhe questionou que a impressão que ele estava tendo era de que os resultados eram “maquiados”, ou seja, o resultado real era um, mas aparecia outro. O jovem gerente respondeu que pelos comentários de Humberto, Salomon sabia de tudo. Possivelmente, a estratégia de Humberto e de

Salomon era manter oculto o mau resultado da obra da diretoria e do conselho de administração do grupo, “mas esconder até quando?”, pensou Sieg. O rapaz disse que se ele quisesse, poderia produzir outro, cujo resultado não fosse tão ruim. Era apenas questão de manipulação.

– Roderik, já vi muita gente boa ser despedida por causa desse tipo de atitude – falou duramente com ele.

– Mas eu fiz seguindo ordens! – respondeu exaltado.

– Não estou falando que a

culpa é sua. Quero um relatório com a real situação. Se quiserem que eu explique, eu explico.

Os relatórios eram enviados primeiro ao escritório do Rio de Janeiro; depois que a diretoria analisava e dava o aval, era enviado ao cliente. Quem recebeu os relatórios foi ninguém menos do que o Murilo Kathami, o engenheiro de custo da Atlas, e ele deveria passar inicialmente ao diretor financeiro que, após sua análise, repassaria a Salomon, que estava viajando na época. Então, ele

resolveu entregar diretamente nas mãos de Ismail, com a finalidade exclusiva de tentar “fritar”

Siegfried, comentando maliciosamente com o tio que a obra nas mãos de Siegfried tinha piorado.

Imediatamente, Siegfried foi convocado para ir à sede da empresa no Rio de Janeiro para se explicar.

Já era esperado que isso ia acontecer. Ele se preparou para a sabatina que se daria por três dias seguidos.

O clima da reunião foi

pesado. Participaram Ismail, Ibrahim, Vilela e dois diretores das outras empresas que formavam o consórcio. Salomon ainda permanecia fora. Iniciaram pedindo explicações sobre o aumento de salários. Siegfried explicou e mostrou com dados, ou seja, com números, que a produtividade antes disso era péssima, que a qualidade da mão de obra era a pior possível, que bons funcionários tão logo arrumavam emprego em outra empresa com salários melhores se demitiam ou faltavam em excesso

para provocar a própria demissão. Além disso, o aumento de salário foi seguido de uma redução de efetivo e ficou elas por elas. Ele prosseguiu fazendo uma ampla explanação, começando pelo valor que o consórcio vendeu a obra, muito abaixo, em sua opinião, pelo volume de serviços que tinham de realizar. Nesse ponto houve um mal-estar na sala de reunião. Foi quando Ismail explicou que houve um cartel de empresas que queriam superfaturar a obra, e todos estabeleceram um valor bem acima

do preço justo. Uma empresa cobriria o preço da outra, e uma delas sairia vencedora. Assim, eles fariam um rodízio, cada uma venceria uma licitação em cada lugar, depois seria no Sul, outra no Rio de Janeiro, e assim por diante, e que a Atlas estava fora desse cartel. Valendo-se de informações privilegiadas de pessoas bem posicionadas, eles souberam do valor que o cliente tinha para fazer o empreendimento e a Atlas cobrou o preço dentro de acordo com esse parâmetro. Sieg reagiu dizendo que



até podia existir o tal cartel, mas pelo preço que a Atlas ofertara era praticamente impossível executar a obra. E, como sempre, suas afirmações eram seguidas por demonstrações numéricas. Ele dissecou todo o orçamento e mostrou aos participantes item a item, começando com a produtividade que os orçamentistas usaram, que era irreal, talvez só na Coreia ou Japão, dois países reconhecidamente com boa mão de obra, seria possível uma produtividade daquelas. Comparou a

produtividade real apurada na obra e a estimada, mostrou os dados de outras obras que ele participara e fez as comparações. Prosseguiu mostrando os problemas da compra de material e da falta deste, que era algo crônico. O que mais irritou Ismail foi o fato de que os relatórios anteriores, que tinham uma visão mais otimista, foram “maquiados”. Não fosse Salomon filho dele, seria demitido.

Durante todo o tempo, os diretores da Atlas tentavam colocar Sieg contra a parede e, pior ainda,

reagiam mal aos comentários. Pelo rumo que a reunião tomava, ele até pensou que seria demitido. Foi assim por um dia inteiro. Siegfried, no entanto, jogou o abacaxi nas mãos da diretoria e lhe deu dois caminhos: “ou entregamos a obra e minimizamos as perdas, enfrentando as consequências, ou levamos a obra adiante e tentamos ao máximo diminuir o prejuízo”.

No dia seguinte, Salomon retornou e pediu a Siegfried todas as explicações que este já dera aos outros diretores e ao pai. Ficou

furioso com Murilo, pelo fato de ele ter passado o relatório direto para Ismail. Depois disso, Salomon e o pai se reuniram sozinhos e saíram de lá com uma solução. Iriam prosseguir com a obra e contratariam uma empresa de auditoria para se certificar da veracidade das afirmações que Siegfried fizera, que foram graves. Ele, por sua vez, reagiu mal à decisão da diretoria, afinal de contas era como se estivessem duvidando dele, mas entendeu o ponto de vista deles, o que ele expusera não era

algo fácil de se digerir. Eles queriam uma posição de alguém neutro, de fora da empresa. Ismail, a portas fechadas com Salomom, inquiriu-o seriamente e o fez recordar que na época, ele o teria questionado se era possível fazer a obra por aquele preço, pois o que a Atlas ofertara estava muito longe do segundo colocado, e que ele, Salomom e Humberto afirmaram que era exequível fazer por aquele valor. Depois da reunião entre os dois principais dirigentes, Ismail chamou Siegfried e lhe deu ordens

para fazer o que tinha de ser feito, sem medo. Siegfried entendeu o recado e respondeu:

– Ok! Deixe comigo.

Siegfried aproveitou o tempo que permaneceu ali para ver Vanessa, que como sempre se mostrou de bem com a vida e com alto-astal. Tudo levava a crer que ela também tinha se interessado por ele. Siegfried a convidou para almoçar, pois possivelmente à noite viajaria para Minas, porém ela alegou um compromisso. Sieg ligou para o amigo Carlos José e ambos

combinaram um almoço no centro da cidade.

– Então, até quando você fica em Minas – perguntou Cazé.

– Sinceramente, não sei. Se você soubesse no que me meteram. Não estou encontrando ninguém que possa colocar lá, talvez eu coloque o gerente que atualmente está em Niterói, porque não terei lugar para ele quando acabar a plataforma e o navio. Nesse caso, vou ter de ficar por lá mais dois ou três meses, até os serviços de Niteroi acabarem. Como o efetivo sofrerá um

acrécimo, vou levar alguns encarregados e supervisores também, é um pessoal mais treinado.

– Mas a coisa está mesmo enrolada?

– Muito! É como tirar água de rocha.

– Bem, mas você já encontrou a situação ruim, não foi o causador.

– Claro! Mas nesses três dias de reunião, a impressão que eles me deram, é que tudo começou do zero agora; não querem saber do passado,



parece que tudo de ruim se deve a mim. Pode um negócio desse? Ainda não sei como fazer, mas nos próximos meses a obra terá de praticamente dobrar de efetivo. Serão necessários pelo menos 1.300 homens, mas estou sentindo que talvez sejam necessários 2.000 ou mais. Contudo, só tenho verba para pouco mais de 1.000. Já viu o tamanho do abacaxi? Vai ser um aperto só, tudo terá de ser medido, contado, não há espaço para manobras ou erros. Vou ter de espremer a supervisão, todo mundo

vai ter de trabalhar sob pressão. E, ainda tem mais, estamos com praticamente com pouco mais de 90 dias de atraso , inicialmente parecia que o atraso era de dois meses , mas após uma análise profunda , descobri que na verdade são três e a fiscalização está pressionando para colocar um segundo turno. E você sabe que outro turno é complicado, o custo sobe e nem sempre dá certo.

– Mas o atraso todo deve ter uma causa.

– Há sim! Problemas de projeto, muita revisão, acréscimo de

serviços não previstos, atraso na entrega de material, mão de obra ruim, culpa nossa e do cliente também.

– Bom, nesse caso tem como apelar.

– Sim, tem sim. Vou ter de pôr alguém para trabalhar em cima desses fatores e tentar ganhar vantagem. Terei de preparar um *claimer*. Na verdade, eles até começaram a fazer um, mas esse tipo de solicitação, tanto de aditivo de preço, como de extensão de prazo, terá de ser decidido entre as

duas diretorias, a nossa e a do cliente. Ismail tem um forte laço de amizade com um senador que pode influir junto ao alto escalão do governo.

– Você tem gente para fazer esse levantamento adicional de custo e prazo ?

– Lá não! O pessoal do planejamento não possui esse tipo de experiência, tenho de arrumar outra pessoa. Conhece alguém?

– O Alfredo se aposentou e está parado, ele é bom em cobrar serviços extras, extensão de prazos,

procurar brechas no contrato...

– Passe-me o telefone dele, talvez possa fazer um contrato com ele por algum tempo, mas vou ter de aguardar a tal auditoria que eles vão contratar. Só depois é que vou saber o que vamos fazer.

– E aquela sua vaga para diretoria?

– Eles nem tocam no assunto, acho que tudo foi somente conversa do Salomon. O pai não pensa em se afastar da empresa, está em plena atividade, tem saúde, disposição, e, em minha opinião, o

velho é que salva aquela Companhia . Nas mãos do filho, num instantinho ela vai para o brejo. Eu, sinceramente, acho que se criarem uma diretoria nova, será daqui a alguns anos, e quem vai ocupar o lugar será o filho dele, Mateus, ou o outro neto de Ismail, Daniel.

– Mas os caras não estão estudando ainda?

– Sim, estão fazendo pós-graduação e depois deverão fazer um curso de MBA qualquer. Ficarão um ano ou dois nos Estados Unidos e quando voltarem assumirão o

posto. É assim que as coisas funcionam hoje em dia. Você se lembra daquele “carinha” que nós tivemos o desprazer de ser subordinados naquele projeto da usina de gás há sete anos?

– Aquele italianinho? Ele tinha experiência em alguma coisa?  
– riu.

– Ele mesmo! Aquele rapazinho era filho de um diretor de uma indústria química que conhecia os diretores daquela empresa em que nós trabalhávamos. Na época tinha vinte e sete anos e nós

beirávamos os quarenta. Ele se formou em Engenharia Mecatrônica, fez MBA em não sei o que, foi para os Estados Unidos aperfeiçoar o inglês e, quando voltou, o pai por meio da influência e troca de favores lhe arrumou um emprego, e ele caiu de paraquedas sobre nossas cabeças.

– Aquele sujeitinho era um inútil, adorava ser chamado de *project manager*, mas apenas sabia fazer fluxo de caixa e gráficos. Na hora H, sobrava para mim ou para você. Lembra que nas reuniões com



o cliente ele nem abria a boca?

– Isso mesmo! Pegava até mal, ele simplesmente não sabia o que dizer, muito menos tomar decisões, faltava-lhe experiência de vida, bagagem profissional – disse Siegfried.

– Lembro-me de que passamos o Ano-Novo e o Carnaval atolados até o pescoço enquanto ele estava em Maresias andando de lancha.

– A vida é assim, Cazé. Hoje em dia as multinacionais e muitos conglomerados brasileiros agem

desse jeito, pegam um rapaz recém-formado e quase sempre bem-nascido, ele faz MBA e alguns cursos de extensão e já entra como gerente *trainee*. Não passa pela etapa que passamos, ou seja, ele não rala! Passado pouco tempo, ele deixa de ser um iniciante e vai para outra etapa, e dependendo das relações de amizade e de conhecer pessoas certas, talvez chegue a ser diretor antes dos trinta e cinco ou quarenta anos! Como tem de mostrar alguma competência, quase não se expõem, como aconteceu

com o italianinho, que deixava tudo por nossa conta. Quando ele chegar na faixa dos 45, 50 anos, será dispensado, pois terá chegado ao topo e não terá mais para onde ir. Então, ele se torna um consultor – riram.

– Você sabe que a Silvana me procurou?

– Jura? E aí?

– Cara! Nem te conto! Ela teve um baita aumento de salário e começou a se achar importante. Isso deixou muita gente despeitada e com raiva, pessoas antigas, que

mereciam, foram postas de lado e o resultado foi que fizeram um boicote contra ela. Deram-lhe um gelo e ela achou que fui eu quem orquestrou tudo.

– E você? O que disse a ela?

– Bem, disse que não tinha nada a ver com aquilo.

– Então ela me propôs voltar comigo escondido do Linhares. E eu não sei o que faço.

– Cazé! Não estou aqui para julgar ninguém, mas acho essa proposta uma grande furada. Você vai topar? Vai aceitar dividi-la com

o diretor? Será alguma coisa do tipo sexo casual? Vocês se encontram, transam, e cada um vai para o seu lado?

– Sinceramente, estou meio perdido.

– Você gosta dela ainda, não é?

– Pior que gosto mesmo! Sou um babaca, sabia? Um grande babaca!

– Se não tivesse se envolvido emocionalmente seria mais fácil, ela é um mulherão, vocês fariam sexo, se divertiriam e pronto! Mas

como você gosta dela, lidar com isso é bem mais difícil. Agora, Cazé, parece-me que ela está apenas manobrando com você e Linhares. Desculpe, mas tenho de lhe ser franco, isso tudo me parece uma grande roubada! De repente, você se entrega, ela conhece um carinha em uma balada ou em um “happy hour” e você dança de novo.

– Você tem razão.

– Nada impede que você se divirta um pouco, mas tente se desligar um pouco dos sentimentos. Se você se apaixonar, “fodeu”! Mas

agora já era né, Cazé? Você se apaixonou.

O amigo ficou quieto por um instante. Nisso o celular de Siegfried tocou. Era Arnaldo.

– Oi, Arnaldo! Algum problema?

– Quando é que você volta? Foi só você sair que o marasmo tomou conta da obra de novo.

– Amanhã retorno, fique tranquilo – falou e desligou. – Está vendo, Cazé?

– Mas que chato esse cara, hein?

– Chato? Se ele fosse só chato me daria por satisfeito!

– Você sabe que o Linhares também não sai mais do meu pé? Desde que começou esse rolo com a Silvana, ele vem me perseguindo.

– E você?

– Deixo rolar, tento fazer tudo certinho para não dar motivo; ele me manda viajar para todo o lado. Não quer me ver por perto, sinto que ele quer que eu peça a “conta”, mas isso eu não farei! Não vou jogar seis anos de empresa fora, tenho muita grana para receber de



indenização, ele vai ter de me demitir.

– Mas que calhorda!

– Semana passada, num voo para São Paulo, encontrei com o Meireles, lembra dele? – perguntou Cazé a Siegfried.

– O Cláudio Meireles?

Parece que agora virou representante de uma empresa de equipamentos de petróleo, não é?

– Sim, ele mesmo. Vende brocas, tubos, equipamentos...

– E como ele está?

– Aparentemente está bem.

Você sabe que ele não se casou, né?

– Eu sei que ele estava para se casar, mas tem mais de um ano e meio, não é? Ele não se casou?

– Não! Desmanchou às vésperas do casamento.

– Mas o que aconteceu?

– Você não ficou sabendo?

– Não!

– Você sabe que hoje tem muita mulher fazendo despedida de solteira, não sabe?

– Sei sim, e daí?

– Pois é, as amigas da noiva organizaram uma festa de despedida

de solteira, e a moda agora é contratar garçons bonitões e sarados – riu.

– Conte logo!

– Passado alguns dias depois da festa, e faltando cerca de quinze dias para a cerimônia, ele estava na casa da noiva vendo um filme na TV quando o celular dela tocou. Era uma mensagem de texto, mas o Cláudio percebeu que a fisionomia dela mudou na hora. Ele desconfiou de alguma coisa, perguntou e ela disfarçou, ele ficou cismado, mas ficou quieto. Depois de alguns

instantes, o telefone fixo da casa dela tocou e ela foi atender em outro aposento. Parecia que escondia algo. Aproveitando que ela não estava ali, ele pegou o celular e viu a mensagem. Era um torpedo de um sujeito, e a mensagem falava alguma coisa sobre um encontro dos dois. Ele ficou curioso e começou a “fuçar” o celular da noiva. Havia uma penca de mensagens trocadas entre ela e o carinha.

– Quem era o carinha?

– Parece que era um dos garçons, ou um *stripper*, porque na

festinha “rolou” esse tipo de show masculino.

– Tá brincando!

– Não estou, cara!

– Mas que merda!

– Cláudio foi atrás e

confirmou que a noiva estava de rolinho com um dos garçons, ou com o *stripper*, sei lá. Ele deu uma prensa nela e ela acabou contando que não “rolou” envolvimento emocional, fora apenas umaaventurazinha sem maiores consequências.

– Veja só! – disse Siegfried.

Cazé, as mulheres estão se comportando como os homens, de tanto nos criticarem, acabaram nos imitando no que temos de pior. Estão agindo assim, sexo é uma coisa, amor é outra. O que sempre escutamos, que as mulheres só fazem sexo quando estão envolvidas emocionalmente, hoje em dia caiu por terra. Se elas estão a fim de um homem, elas correm atrás e pronto! – riu.

– Fiquei com pena do Cláudio, ele é um cara legal. O que mais ia falar sobre ele?

– Ele me contou um história interessante, para você ver como o mundo está virado. Mora em São Paulo, mas está sempre viajando para Macaé, ou para o Nordeste. Onde tem petróleo, o Cláudio está lá. Em um voo do Rio de Janeiro para São Paulo, sentou-se ao lado dele uma ruiva maravilhosa, uma arquiteta e paisagista, segundo ele, na faixa dos trinta, mais ou menos.

– E o que aconteceu com o Cláudio desta vez?

– Bem, eles conversaram, trocaram cartões, e ele no dia

seguinte ligou para ela e a convidou para jantar. Correu tudo às mil maravilhas. A mulher era educada, culta, bonita, elegante, era tudo o que ele queria. No dia seguinte, foi ela quem o convidou para jantar, e na casa dela. Ele disse que a ruiva cozinhava divinamente bem, pratos sofisticados e tudo o mais. Dali, foram para cama, a mulher era um espetáculo. Ele saiu e logo pela manhã lhe mandou flores . No dia seguinte ligou para ela. Não conseguiu falar, tentou o escritório e disseram que ela tinha ido para



Ribeirão Preto para ver um novo projeto. No celular, também não conseguia contato. Deixou mensagens, passou e-mail, mas a mulher sumiu. Dez dias depois, ela lhe passou um e-mail dizendo que o achava um cara muito legal, mas os compromissos profissionais dela não permitiam um envolvimento maior.

– Está tudo mudado, Cazé, você tem sorte de ter encontrado uma boa esposa que o aguenta – disse, soltando uma gargalhada.

– Nos dias atuais, o pessoal

fica por dez, quinze dias, antes de decidirem se vão namorar ou não. Eles ficam, transam, e só depois decidem. Em muitos casos, no meio desse período, até conhecem outras pessoas, experimentam e então resolvem se terão ou não algum tipo de compromisso, ou até mesmo se tornam amantes casuais, sem vínculo. Tem muita gente assim, pessoal de 20, 30, e até de quarenta anos, não é só coisa de adolescente, não. É cada uma! – disse sorrindo Cazé. – Meu casamento é uma piada, eu e Vera estamos

desgastados, não dá mais, não adianta! Você que é feliz por estar solteiro. Se fosse casado, ia só ver como é.

Quando Carlos José falou essa frase, veio à memória de Siegfried a lembrança de Beatrice. Poderia estar casado e possivelmente com filhos, não fosse pelo aneurisma cerebral que a matara uma semana antes de eles ficarem noivos, quando ele tinha vinte e nove anos, portanto, dezesseis anos atrás.

– Mas, Cazé, uma coisa é

você se separar por causa da relação que se esgotou, e outra, muito diferente, é largar a Vera por causa da Silvana.

Nisso, Cazé mudou de assunto, pois sempre que o nome da Silvana vinha à baila, ele se sentia desconfortável.

– Então, meu amigo, está pegando muita mulher lá em Minas? Dizem que lá tem mulher para caramba!

– Não estou pegando ninguém, Cazé! E tempo para isso? Além do que, Betim não tem lá

muita opção de vida noturna.

Mesmo assim, acho que não estou mais nessa de ficar saindo a noite para arrumar mulher.

– E por que não se muda para BH?

– Eu pensava em ficar pouco tempo lá na refinaria, mas como minha estada vai se prolongar, acho que vou mesmo me mudar para BH. Vou começar a ver um apartamento ou um *flat*, porque morar em quartinho de hotel é um saco! Ainda hoje passo em Niterói e de noite me mando para Minas.

– E a psicóloga do RH da sua empresa que você estava a fim?

– Toda vez que eu a encontro, ela se mostra interessada, mas quando eu chego junto ela se afasta. Acho que ela tem alguém.

– Mas você já a viu com alguém? Soube de alguma coisa?

– Não, ninguém me disse nada e eu nunca vi nada, mas é um palpite, parece que ela esconde algo. É difícil eu me enganar!

\*\*\*

Muitos astrólogos, além de fazerem previsões, usam os astros como forma de estudar o comportamento das pessoas. Alguns dizem que a presença das diversas fases da lua ou do sol sobre uma pessoa seriam capazes de influenciar o seu modo de agir ou até mesmo o seu modo de ser. Quase toda vez que entrava a lua cheia, Roxane se sentia carente e sozinha. Sua libido se alterava, mas não era apenas isso, naquela época, em particular, alguma coisa dentro dela se manifestava, algo que ela

não compreende muito bem, uma coisa maior que ela se fazia presente. Nesse período específico, ela se ressentia da falta de uma pessoa a seu lado, mas como não tinha namorado fixo, quase sempre apelava para um de seus amigos especiais, aqueles que estavam sempre disponíveis para quebrar a sua solidão, pelo menos momentaneamente. Um deles se chamava Tarcísio, era amigo de seu irmão mais velho Leon Júnior. Os dois estudaram juntos e faziam residência médica. Tarcísio era



apaixonado por Roxane desde quando a viu pela primeira vez, quando Júnior os apresentou, mas não era correspondido e escondia sua paixão. Ele tentou se aproximar dela com o intuito de namorá-la, de ter um compromisso sério, até entrou na ONG em que ela trabalhava como voluntária para estar ao seu lado. Eles flertaram durante algum tempo e acabaram por ter um caso secreto. Ela até gostava dele, achava-o legal, uma boa pessoa, mas firmar compromisso não era com ela. Além

disso, sendo ele de uma classe social diferente da sua, o irmão e os pais não iriam ver o relacionamento com bons olhos. Os Armadunians tinham dessas coisas ainda, mas isso era apenas um detalhe das infundáveis razões que Roxane dava para não se envolver seriamente com quem quer que fosse. Ele, por sua vez, não namorava ninguém na esperança de que um dia Roxane pudesse lhe corresponder; tivera alguns casos rápidos somente. Ele tentou se afastar dela, esquecê-la, pois se sentia usado, mas bastava

ela estalar os dedos, que lá estava ele, sempre à disposição. Ela o tinha simplesmente como um amigo e sabia dos verdadeiros sentimentos que ele tinha para com ela. Nessas horas de carência, na falta de alguém melhor, ela chamava Tarcísio, sendo que a condição básica era que ele teria de manter o mais absoluto silêncio sobre o assunto.

Roxane já o magoara sem que tivesse se dado conta. Foi em uma segunda-feira. Ela, Camila e Rafaela saíram à tarde da

universidade e foram para os barzinhos do Baixo Gávea. Camila estava a fim de um rapaz do curso de Engenharia que frequentava o lugar, e Rafaela, que vivia brigando com o namorado Marcos, ao ficar sabendo que ele estava saindo com outra garota, quis se vingar tentando arrumar alguém para que ele soubesse. Assim, as três foram até lá. Era Camila que estava de carro nesse dia. Ao chegar, deram de cara com Tarcísio e um amigo, Eduardo, que trabalhava em uma clínica próximo ao Jardim Botânico.

Roxane, ao pôr os olhos em Eduardo ficou logo interessada, embora estivesse de casinho com Tarcísio. Não demorou muito e Camila se ajeitou com o estudante de Engenharia. Rafaela ficou de papo com um amigo dele e para ela sobrou Tarcísio e Eduardo. Tarcísio simulou uma ida ao banheiro e chamou Eduardo. Disse-lhe que estava a fim de Roxane. Eduardo então se mancou e quis ir embora, mas Roxane não deixou. Eduardo era psicólogo e fazia pós-graduação. Psicologia era um assunto pelo qual

ela se interessava, tinha até planos de cursar Psicologia quando terminasse sua futura especialização em Psiquiatria. Os três continuaram conversando e bebendo. Eduardo tinha bastante charme e foi entrando com sua marca registrada, o “papo-cabeça”, que nunca falhava. Era exatamente o tipo de conversa que Roxane apreciava, para desespero de Tarcísio, que não via a hora de Eduardo cair fora. Já estava ficando tarde e Camila chamou Roxane e Rafaela para irem embora. Rafaela concordou, deu o telefone para o

rapaz que ela conversava e acompanhou Camila. Tarcísio estava de carro e se prontificou a levar Roxane, caso ela quisesse ficar mais. A real intenção era levá-la para um motel quando fossem embora, já que Roxane visivelmente estava “alta” e muito alegre. Assim, ela preferiu ficar mais um pouco, estava superinteressada em Eduardo. As amigas se foram e Roxane, a pretexto de terminar o papo com os dois, ficou mais um pouco. Os três já estavam sob efeito da bebida e lá pelas tantas ela disse

que sexo a três era uma fantasia que a excitava muito, para a estupefação dos dois. Conversa vai, conversa vem, Eduardo, percebendo que aquilo fora muito mais do que uma simples observação, sugeriu em tom de brincadeira, mas falando sério: “por que não realizar sua fantasia?”. Tarcísio, pego de surpresa, tentou desviar o assunto. Estava a fim de transar com Roxane, não passava pela sua cabeça dividi-la com alguém, muito menos com o amigo, mas, sem perder tempo, ela topou na hora. Como tinha hora para chegar



em casa, ligou para a mãe dizendo que estava na casa de algumas amigas fazendo trabalho e que demoraria mais um pouquinho. Assim, os três se foram, já bem alegres sob efeito da bebida. Nesse estado, Roxane ria por qualquer coisa. Os três entraram no carro de Tarcísio e seguiram em direção ao motel mais próximo. Ainda no estacionamento, os três já deram início aos amassos, sem qualquer preocupação de que poderiam estar sendo observados, e estavam, havia uma pessoa ali que conhecia pelo

menos dois dos três protagonistas, e não entendeu nada quando viu a cena no carro. Movida por curiosidade, resolveu ir atrás para ver até onde aquilo ia dar, tratava-se de Andreia, uma fisioterapeuta que trabalhava na mesma clínica de Eduardo e que conhecia Roxane desde os tempos do colégio, onde tiveram um atrito. Eduardo não era tão discreto quanto Tarcísio.

No trajeto para o motel, Roxane pulou para o banco de trás onde estava o Eduardo e começou a fazer sexo oral nele. Tarcísio ficou

conhecendo uma mulher que ele jamais poderia supor que existisse. Para ele, Roxane era um moça recatada, que nunca tivera um namorado. No entanto, o que se viu foi um garota extremamente ousada, praticamente parecia uma daquelas putas de casas de massagem que ele de vez em quando ia. Eduardo também se viu surpreso. Roxane satisfez os dois igualmente e, pela primeira vez, quis experimentar uma sensação que havia muito ouvira falar. Não via a hora de fazer a dupla penetração. Pediu aos dois

que a penetrassem pela frente e por trás ao mesmo tempo. Mais tarde, ela diria que fora uma experiência inesquecível.

Tarcísio conseguiu seu objetivo, pelo qual esperava havia muito tempo, mas ficou um tanto quanto desapontado, teve de dividi-la com o amigo. Apesar de ter sido satisfeito, ao mesmo tempo se decepcionou, não pensou que Roxane fosse daquele jeito. Ele era apaixonado por ela, e agora ela estava ali com ele e com Eduardo, como se fosse uma garota de

programa.

Os três nunca mais se reuniram. Eduardo sabia que Tarcísio gostava de Roxane e tentou localizá-la para um novo encontro, mas sem a presença do amigo. Eduardo não era do tipo discreto, gostava de se gabar de suas conquistas amorosas. No dia seguinte ao encontro com Roxane, chegou feliz da vida na clínica, dando demonstrações claras de que alguma coisa muito boa se passara na noite anterior, e fez questão de que Andreia soubesse. Ela era uma

mulher muito bonita, mas era convencida. Estudara com Roxane, ela e a irmã Adriana. As duas, na época, juntamente com Samara, divertiam-se em conquistar os rapazes mais “boa-pinta”, com o único objetivo de provocar despeito nas demais. Foram eleitas as musas do colégio, da praia e da universidade em que se formaram. Eduardo, um don Juan de segunda categoria já tinha feito o possível e o impossível para sair com Andreia, mas até o momento suas investidas foram inúteis.

– Você não tem noção como foi minha noite ontem – foi logo dizendo para Andreia.

– Ah, é? Foi boa mesmo? Até desconfio. – Andreia, que presenciara a cena no estacionamento, pretendia jogar verde para colher maduro, mas não foi preciso. Eduardo deu todo o serviço, a fim de contar vantagem, e disse que não estava jogando conversa fora.

– Foi uma experiência maravilhosa!

– Eu posso saber com quem

foi?

– Acho que você não conhece, amiga de um amigo meu, coitado. Ele está apaixonado por ela e a garota é uma devassa – disse rindo. ´

– Devassa? Quem? Roxane?

– Você a conhece? É ela mesmo, como você sabe?

– Vi vocês três no Baixo Gávea ontem. Fiquei surpresa!

– Surpresa por quê?

– Estudei no mesmo colégio que ela. Era uma mosca morta. Nunca foi de ficar com ninguém;



para falar a verdade, teve um tempo que ela estava a fim de um ex-meio, o Rodrigo, mas logo tirei ele dela de novo, que atrevimento! – riu. – Mas quem diria, uma “patricinha” daquela, filhinha de papai, se metendo num “ménage”!

Eduardo, nos dias seguintes, tentou de tudo para localizar Roxane, sem que Tarcísio soubesse, pois ficara muito claro que ela tinha ficado interessada nele. Alguns dias depois, após exaustiva busca, conseguiu o telefone dela.

Eduardo poderia ter se

transformado em um dos amantes fixos de Roxane, não fosse sua total inépcia. Ele ligou para ela e foi logo entrando no assunto.

– Então? Está a fim de repetir a dose? Eu poderia levar outro amigo meu, o Tarcísio ficou meio sem jeito, melhor fazermos sem ele.

Roxane, apesar de meio surpresa, tratou-o com educação, não disse nem sim, nem não.

– Vamos ver, qualquer hora combinamos.

– Se você quiser, podemos

organizar uma festinha e levar mais dois ou três casais. Sei de uma mansão no Itanhangá que seria ótima. O que você acha? Ou você gostaria de ir a uma casa de *swing*? Já foi em alguma?

A ideia de ir a uma casa de *swing* a excitava. Já tinha fantasiado a respeito, mas Eduardo estava sendo muito explícito. “Esse cara está pensando o que de mim?”, pensou por um instante. “Será que está me tomando por uma vagabunda?” Roxane terminou a conversa com ele alegando que

alguém a chamava e desligou. Passados dois dias, Eduardo tornou a ligar falando no mesmo assunto. Ela, por fim, decidiu trocar de número de telefone e nunca mais falou com ele. Depois desse episódio, decidiu agir com mais discrição. Gostava de sexo, mas não era uma pessoa vulgar. Era como se existissem duas pessoas em um mesmo corpo: uma era reservada, estudiosa, caseira, recatada, a outra era a própria encarnação da luxúria. As duas se alternavam e, muitas vezes, uma não tinha controle sobre

a outra.

Com a chegada da lua cheia, era também quando se encontrava com alguns amigos que sempre se reuniam nesse período; eles formavam um grupo que se denominava “Coven”. Ela poderia perfeitamente esperar o dia do encontro para satisfazer suas necessidades sexuais, porque em muitas ocasiões as reuniões do grupo acabavam em sexo entre os participantes, mas ela se sentia ansiosa, faminta, não queria esperar. Estava ficando cansada daquele

peçoal.

Roxane entrara no Coven pelas mãos de sua amiga íntima Camila e de seu então professor de História e Geografia da época de cursinho pré-vestibular, Armando, ou Armand, como ele assinava e gostava de ser chamado, segundo seus estudos de numerologia. Na época, ela tinha dezessete anos.

Tradicionalmente, entende-se como Coven, um grupo de pessoas ou uma assembleia, que se dedica ao estudo e à prática das tradições da cultura religiosa dos

antigos pagãos europeus, notadamente originários dos países que formam a Grã-Bretanha: Irlanda, Escócia, Inglaterra e outras regiões próximas, ou até mesmo de outros lugares da Europa Ocidental. A essa tradição, atualmente, se dá o nome de Wicca. Outrora, os praticantes de Wicca ou wiccanianos eram chamados de bruxos ou feiticeiros.

Os adeptos dessa espécie de seita, em geral, dedicam-se ao culto da Deusa, representada pelas forças da natureza, incluindo os ditos

espíritos elementais, fadas, gnomos, duendes, entidades das águas, dos bosques, florestas, lagos, do fogo (salamandras), ou às deidades pagãs da mitologia celta ou druidas.

Alguns grupos, além de cultuarem essas forças, também reverenciam deuses e deusas da mitologia greco-romana, como Pan, Dionísio, Diana ou Ártemis, ou fazem correlação entre eles, como o deus celta Cernunnos, normalmente representado com chifres, como o Pan dos antigos gregos. Ambos representam a força masculina da



natureza, símbolo da vida, da sexualidade, êxtase. Ao longo dos séculos, o culto a Pan, ou ao deus bretão, foi confundido com o culto a Satã, o que é enfaticamente negado pelos seguidores da Wicca, pois, para eles, essa entidade malévola pertence à tradição judaica cristã. Eles não acreditam em demônios. Daí, o mito surgido na Idade Média de que as bruxas são adoradoras do diabo, e por causa disso tanta gente indiscriminadamente foi levada à fogueira. Mas nada impede que determinados grupos ou covens se

enveredem por caminhos distorcidos e venham a praticar determinados cultos com intuitos obscuros e valendo-se de forças que nem sempre se têm o pleno conhecimento ou domínio.

Normalmente, os covens são formados por treze membros, mas alguns podem ter mais ou até menos participantes.

As reuniões dos covens ou cerimônias se dão em determinadas épocas do ano, conforme a mudança das estações, que eles chamam de Sabbats, e também com as fases da

lua, denominadas Esbats. São oito Sabbats solares e de 12 a 13 Esbats lunares, que ocorrem no primeiro dia da lua cheia do mês.

Os covens nem sempre se reúnem com o intuito de práticas cerimoniais ou magia. Roxane resolveu participar, não porque fosse mística ou gostasse de esoterismo como a amiga Camila, mas por pura diversão e prazer. Armand, a princípio, tentou se aproximar de Roxane, mas não encontrou uma forma de fazê-lo, então usou Camila para ser a

intermediária. Além disso, valeu-se dela para que lhe contasse tudo o que sabia sobre Roxane, do que ela gostava, seus hábitos, se tinha algum namorado etc. Ele se sentia atraído por ela, dizia que a conhecera em outra encarnação. Camila lhe contou o que sabia. Ambas eram amigas desde o tempo do colégio. Disse-lhe que nunca vira Roxane com alguém e sabia que ela já tinha se interessado por um ou outro, mas nada sério, e até acreditava que fosse ainda virgem e também que ela se sentia atraída por

homens mais velhos. Ao ouvir isso, Armand teve um frisson: “é bom demais para ser verdade”, pensou. Assim, seu interesse redobrou, já até se imaginava sendo o primeiro homem dela, e fantasiava desvirginá-la em um ritual de Sabbat, mas, em seguida, recebeu um balde de água fria, Camila lhe disse que estava desconfiada de que Roxane andava de caso secreto com alguém do cursinho. A desconfiança tinha razão de ser, ela estava realmente envolvida com um homem mais velho do que ela trinta

anos. Era Frederico que, além de dar aulas de Literatura e Língua Portuguesa, era também um dos donos do curso.

Armand tinha na época quarenta anos, era solteiro e namorava Ângela, uma fisioterapeuta de trinta e oito anos, mas isso não o impedia de se envolver com outras pessoas; ele gostava de se relacionar com mulheres jovens e adolescentes, além disso, tinha propensão ao exibicionismo e *voyeur*. Ele era um sujeito carismático, muito

comunicativo, esperto, adorado pelos alunos, mas havia quem dizia que ele era esquisito e excêntrico. Sempre que possível, abordava em suas aulas temas polêmicos como o continente perdido de Atlântida, o Triângulo das Bermudas, as terras submersas de Lemúria e Mu, a construção das pirâmides do Egito, a presença de extra-terrestres, os OVNIS, mitologia de todos os tipos, parapsicologia, tudo isso fazia com que Armand fosse muito popular no cursinho. Muitas vezes, os debates se davam fora da sala de aula, uma

vez que tais temas não faziam parte do objeto do programa escolar. Os alunos curiosos sempre o procuravam para tratar de um desses temas, portanto, era fácil para ele ter acesso às meninas. Ele tinha tido caso com várias delas, mas todos os seus envolvimento eram mantidos em sigilo, porque, se fosse descoberto, seria demitido sumariamente. A direção do curso não aprovava envolvimento entre professores e alunos. Camila era uma menina que adorava esoterismo, cristais, incensos e já



tinha até feito curso de tarô. Tinha verdadeira veneração por Armand, mas ele estava a fim de Roxane.

Armand era magro, claro, tinha estatura mediana, usava óculos, era calvo e não tinha nenhum atrativo físico que pudesse chamar a atenção de uma mulher, porém era dotado de alto poder de convencimento. Dominava bem as técnicas de oratória e se autointitulava um mago, dizendo-se entendido em cristais, cromoterapia, Cabala, magia e xamanismo. Frequentara seitas como Santo

Daime e conhecia os mais diversos tipos de oráculos. Dava consultas nas horas vagas e fazia mapas astrais e análise de numerologia, usando programas de computador. Quando o Coven se reunia, era Armand, na maioria das vezes, quem presidia a cerimônia. Seu grupo era integrado por treze pessoas; no entanto, dois dos componentes estavam de saída e ele pretendia colocar no lugar Camila e Roxane. A aproximação de Armand com Roxane se deu aos poucos. Seguindo as dicas dadas por Camila,

ele foi chegando sutilmente. Sabia pelo que Roxane se interessava e um dia descobriu um meio de chegar até ela, usou o “lado escuro da força”. Roxane tinha fascínio por coisas ocultas, pelo lado obscuro das pessoas, sentia-se atraída por lendas e histórias envolvendo demônios, crenças orientais, distúrbios da mente etc. Ela própria dizia que não acreditava em nada disso, mas no fundo aquilo tudo a fascinava.

Um dia, Armand ofereceu-se para jogar tarô para Roxane. Ele era um homem sagaz, inteligente, e se

valendo de seus conhecimentos do baralho e das informações que Camila lhe fornecera, ele fez uma análise completa da personalidade dela, o que a deixou boquiaberta. Segundo alguns entendidos, o tarô não só serve para fins de adivinhação, como também para o estudo da personalidade; ele ainda gostava de usar frases de efeito, que deixavam seus consulentes geralmente impressionados. Para ela, disse:

– Eu a vejo com uma grande sacerdotisa, provavelmente em uma

vida passada você tenha sido uma poderosa mulher, que lidava com tremendas forças desconhecidas; são as forças astrais que a estão escolhendo. Não é para qualquer um participar de um grupo mágico, geralmente estes são escolhidos.

Roxane acabou se deixando levar pela conversa de Armand e aceitou fazer parte do Coven.

\*\*\*

Siegfried terminou o almoço com Cazé e foi até Niterói, na base

de apoio aos serviços da plataforma que eles mantinham em um pequeno estaleiro. Os serviços estavam chegando ao fim e eles conseguiram adiantar o prazo. Conforme o combinado, a Ocean pagaria um bônus e o pessoal receberia um prêmio, fora o problema das horas extras que sempre vinham faltando, parecia que ali corria tudo às mil maravilhas. Sieg gostou do que ouviu e viu, e deu ordens para que o gerente organizasse um churrasco para o pessoal comemorando o feito. Os empregados da obra

adoravam esse tipo evento, e era comum no fim da obra ou na conclusão de algum marco importante, que houvesse uma celebração. Mas havia um problema: dinheiro. Naquele obra, dinheiro era contadinho, tostão por tostão. Assim, Siegfried deu um cheque pessoal dele e pediu que o gerente pegasse notas fiscais de tudo, para que ele pudesse ser ressarcido no futuro. Bem, isso era o que ele esperava que acontecesse, mas, naquele caso, ele iria esperar sentado pelo reembolso.

No dia seguinte, bem cedo, ele tomou o primeiro avião para Belo Horizonte. Ao chegar, uma enxurrada de reclamações o esperavam. A semana transcorreu com Siegfried tentando apagar os incêndios que haviam. Guindaste e caminhões quebrados, falta de ferramentas, outras danificadas, material faltante etc. Havia toneladas e toneladas de tubos de aço para montar, que transformando em metros, daria algumas dezenas de quilômetros. Todas as manhãs, Siegfried passava uma parte de seu



tempo no campo, para fazer as coisas andarem. À tarde, dedicava-se à administração, e no fim do expediente dava uma nova passada pela obra. Seria assim até o pessoal de Niterói terminar os serviços do navio, quando, então, seriam levados para a refinaria. Dentro daquele mesmo período, e após entender bem o recado que recebera do presidente da empresa, ele implementou uma série de medidas que atingiu a “casta” em cheio, e o fez com agradável satisfação. “Já não era a hora”, pensou; reduziu a

cúpula da obra quase a zero, fundiu setores, extinguiu outros, acabou com a farra de passagens semanais e outro tanto de supérfluos. Em paralelo, cancelou o contrato com a fornecedora de alimentação, substituiu por outra melhor, desembolsou um pouco mais, mas ganhou em produtividade. Unificou os tipos de comida, antes o pessoal comia mal enquanto a elite tinha uma refeição diferenciada. A partir daquele momento, todos comiam a mesma coisa e a refeição dos trabalhadores teve uma melhora

qualitativa significativa. Os operários, em contrapartida, receberam a novidade com satisfação, e o rendimento melhorou consideravelmente. Óbvio que a repercussão no alto nível das três empresas não foi das melhores, pois vários protegidos foram postos para fora e com essas ações, ele conseguiu um numeroso grupo de inimigos.

## **Odalisca se Apaixona à Primeira Vista**

Antes da reunião das segundas-feiras com a equipe do cliente, Siegfried se reunia internamente com os principais funcionários, ou seja, com aqueles que sobraram, a fim de que falassem a mesma linguagem e se preparassem para as possíveis

justificativas que, porventura, se fizessem necessárias. Estavam reunidos o chefe do planejamento Roderick, que ainda permanecera, o coordenador Zé Luís, o engenheiro coordenador de campo e mais alguns supervisores que trabalhavam com ele, para que explicassem algumas tarefas que não foram executadas, ou mesmo se havia acontecido algum tipo de impedimento. Zé Luís, como de costume, adorava ser o centro das atenções. Tinha talento para ser um “showman” e, sempre quando tinha

chance, gostava de desmerecer alguém ou diminuir a importância da pessoa, a fim de promover-se. Comumente, nas reuniões internas, ele e o chefe de campo, quando o gerente era João Ercílio, engalfinhavam-se, mas desta vez parece que escolhera a pessoa errada, Etevaldo, um supervisor de campo, com pouco mais de cinquenta anos e com disposição de um garoto. Ele era moreno-claro, tinha fartos bigodes, era natural de Sergipe, tinha estatura mediana, era robusto e tinha músculos definidos,

apesar de não praticar nenhum esporte. Seu aspecto forte se dava, sobretudo, pela lida diária com o trabalho. Possuía bíceps de um fisiculturista. Etevaldo começara a vida profissional como ajudante de mecânico, aos treze anos, em uma oficina de tornearia. Ao atingir a maioridade, foi ser peão de obra na área de montagem mecânica e nunca mais saiu dessa vida; passou por diversas empreiteiras e trabalhou de Norte a Sul do país, chegando à função de supervisor, conquistada arduamente. Tinha o ensino

fundamental, mas tecnicamente era muito bom. Era tido como o braço direito por muitos engenheiros com quem trabalhara.

As empreiteiras, ou empresas de Engenharia, são o tipo de Organização que se o sujeito mostrar serviço, mesmo que não tenha escolaridade ou padrinhos, permite que ele suba. Esse era o caso de Etevaldo. Ele ganhava um salário razoável, graças somente ao seu próprio esforço.

Naquela manhã, Zé Luís falou na presença do próprio e dos



demais, que tinham sido convocados por Siegfried, que os serviços poderiam ter tido um melhor desempenho na semana anterior, “não fosse a inércia de Etevaldo, que não ligava para nada”.

– Zé Luís! – respondeu Etevaldo. – Tenho quase quarenta anos de profissão, não admito que um veado safado como você, falte com respeito comigo!

Siegfried imediatamente viu que o “tempo ia esquentar”, como se diz na gíria. Tentou pôr panos quentes, mas em vão.

– Etevaldo! – disse Zé Luís aos berros. – Estamos falando da obra, não confunda as coisas, se você quiser vamos lá para fora e resolvemos isso!

– Comigo é agora! E partiu para cima do outro ali mesmo dentro da sala. E precisou de pelo menos quatro homens para contê-lo.

Bebida alcoólica, sedentarismo e cigarro formavam uma perigosa combinação, que fazia de Zé Luís e de mais alguns outros, prováveis vítimas de um enfarto ou derrame. Acrescido àquela

confusão, que ele próprio fora o causador, acabou tendo uma crise de hipertensão. Por fim, depois de muito deixa disso, os ânimos se acalmaram e eles prosseguiram a reunião , desta vez com o Arnaldo. Zé Luís, apesar de dizer que estava bem, não estava. Foi à reunião meio alterado. Parecia que havia uma conspiração naquela segunda-feira, e Arnaldo, particularmente, não devia estar em um dia bom, com certeza alguma funcionária deve ter rechaçado algumas de suas investidas. Seu mau humor estava

mais aflorado do que em outros dias. Parecia incomodado com alguma coisa, e começou a reunião olhando rapidamente os relatórios que Zé Luís preparara com o progresso da semana anterior, que não estava ruim. Havia alguns problemas, mas o desempenho, de modo geral, havia sido razoável. Contudo, para ele, nada parecia bom. Foi logo metendo o “pau” no planejamento, na programação dos serviços, dizendo que a Atlas estava visando apenas o faturamento, que estava se concentrando nos serviços

mais rentáveis, que tinha certeza de que mais dia menos dia, ao atingirem o valor do contrato, iriam abandonar a obra e deixar para trás um monte de coisas por fazer. Além disso, fez mais uma série de comentários desagradáveis e constrangedores.

Siegfried preparava o troco à altura, quando Zé Luís se precipitou e começou a gritar com Arnaldo, tendo um dos seus famosos chiliques. Dessa vez, a pressão arterial dele subiu ainda mais e ele começou a arfar, sentir falta de ar e

passar mal. Acabou sendo levado para o hospital. A reunião foi interrompida e remarcada para o dia seguinte.

No período vespertino, logo após o almoço, Siegfried recebeu uma carta da fiscalização. Arnaldo, sentindo-se ofendido pelos ataques de Zé Luís, solicitou formalmente a retirada dele da obra. O contrato lhe dava poder para tal. Siegfried pretendia argumentar, mas quando foi visitar Zé Luís no hospital, no fim do dia, ele mesmo manifestou a vontade de sair da refinaria. Sentiu

que não havia mais clima para trabalhar ali. Foram dois incidentes no mesmo dia. Siegfried aceitou, e a fim de tentar preencher a vaga rapidamente, ligou para Alfredo, aquele que Cazé havia lhe indicado.

O incidente envolvendo os dois funcionários ainda renderia mais um pouco. No dia seguinte, logo cedo, Salomon ligou para Siegfried indignado com o ocorrido e pediu a demissão de Etevaldo. Zé Luís era protegido dele e este queria prestigiá-lo, pedindo a cabeça do seu agressor. Siegfried ficou

admirado com a velocidade com que as notícias corriam e se certificou de que certas pessoas mantinham a direção da Atlas sempre informada sobre tudo o que acontecia na obra. Não era a primeira vez que tal fato acontecia. Salomon estava sempre ligando e pedindo explicações sobre determinados fatos que aconteciam no dia a dia na refinaria, mas, ironicamente, nas ocasiões em que houve atraso nos pagamentos dos operários, ninguém conseguiu achá-lo. Nessas horas, Salomon não avisava o que estava por vir nem se



justificava em relação aos atrasos.

Siegfried argumentou que seria inútil uma punição a Etevaldo, pois ninguém ganharia. Além disso, tratava-se de um excelente técnico, fora trazido pelo Humberto e uma substituição àquela altura só traria mais prejuízos ao andamento dos serviços. A conversa entre eles foi áspera. Siegfried, entre outras coisas, argumentou que um fato daquela natureza era algo interno da obra, e que não lhe dera ciência por entender que o diretor da empresa tinha assuntos mais urgentes para

tratar. Contudo, Salomon se mantinha firme na demissão. Diante da insistência dele, Siegfried por fim cedeu, e alegou que sendo ele o diretor tinha autoridade para tirar quem quisesse, mas era uma medida inócua, uma vez que naquela mesma manhã houvera outro incidente envolvendo o coordenador de planejamento e a fiscalização, e que a retirada dele fora pedida e o próprio também apelou que não mais queria permanecer. Salomon foi pego de surpresa, com certeza a pessoa que tinha ligado para ele não

sabia de tudo ou lhe deu a notícia pela metade. Siegfried, para terminar, ainda disparou uma farpa, pediu a Salomon que não se valesse de terceiros para saber sobre o que acontecia na obra, que falasse diretamente com ele, pois, sendo ele o gerente, as informações seriam mais fidedignas. Ao terminar a conversa, mandou escanear a carta de Arnaldo pedindo a saída de Zé Luís e enviou por e-mail.

Nos dias posteriores à saída de Zé Luís, não se comentava outra coisa entre os peões, diziam que

Etevaldo tinha enfiado a mão na cara dele e que fora por isso que ele estava hospitalizado e queria sair da obra. “O Etevaldo é foda!”, dizia um. E ele começou a posar de valente desde então. Alguns dias depois, Siegfried soube que o real motivo daquela confusão que Zé Luís armara com Etevaldo fora por causa de uma mulher que morava próximo a eles e que ambos estavam interessados.

Passada a tempestade, logo no começo da semana, Sieg pediu a Bruno que o ajudasse a procurar um

apartamento em Belo Horizonte, já que não conhecia nada lá, uma vez que sua permanência se daria por bem mais tempo que o planejado e ele não aguentava ficar mais em Betim.

Inicialmente, procuraram em anúncios de jornal e marcaram a visita à tarde. Sieg acabou optando por um *flat* confortável, perto de um *shopping*. Era bem aconchegante, quarto e sala mobiliados e decorados finamente. A princípio lhe pareceu bom, o preço era razoável, bem abaixo do que se

pagava por um similar no Rio de Janeiro, incluindo as taxas de condomínio. Praticamente, até então, Siegfried não estava tendo vida social alguma e, às vezes, saía com Bruno e a esposa para conhecer algum restaurante novo. Bruno adorava uma boa mesa, conhecia Belo Horizonte como a palma da mão. Sabia onde estava o que havia de melhor em matéria de degustação. Frequentava bares e botecos, onde havia o melhor tiragosto, a melhor cachaça... De vez em quando, saíam da refinaria

na sexta-feira depois do serviço, e iam até o Mercado Municipal de Belo Horizonte, no centro da cidade, para tomar “umas cachaças”, conforme diziam, acompanhados de mais alguns. Um deles era *expert* em contar piadas sem graça, mas todos riam, não das piadas, mas dele mesmo. Nada como jogar conversa fora rodeado de amigos, era quase um ritual. Falavam muito de futebol. Bruno era atleticano convicto e o tal piadista torcia para o Cruzeiro. Nessa conversa, Sieg não se metia, pois torcia para o

Flamengo. Quando o assunto não era jogo, era sobre obra, mas Siegfried pedia pelo amor de Deus que não falassem de trabalho. Aos poucos, foi se ambientando naquela agradável cidade, como ele mesmo definia, e passou a frequentar alguns barzinhos noturnos indicados por Bruno. Vez por outra, aos domingos à noite, pegava um cinema.

Siegfried começou a frequentar uma academia situada próximo de onde estava morando. Lá, conheceu Lídia. Foi ela quem se aproximou dele. Lídia tinha vinte e



oito anos, era clara, tinha os cabelos lisos, aloirados e até os ombros. Suas curvas eram generosas, tinha a cintura fina, o quadril largo e as coxas grossas. Era verdadeiramente um “mulherão”. Por outro lado, não era o que se podia chamar de uma mulher de rosto bonito, em contrapartida, esbanjava simpatia. Seu maior atrativo era a sensualidade. A moça chamava muito a atenção dos homens por seus atributos físicos. Lídia já estava observando Siegfried havia algum tempo. Um dia, ambos se

puseram a conversar e, coincidentemente, a moça era formada em Engenharia Civil, mas até aquele momento não exercia a profissão. Não tivera sorte em conseguir um emprego na área. Ela trabalhava como professora de Matemática. Ao concluir o primeiro curso, com mais um ano e meio haveria a possibilidade de poder dar aulas, desde que fizesse a faculdade de Matemática, e foi o que ela fez. Dava aulas alguns dias no período noturno em escolas do estado e em outros dias ministrava diurnamente

em escolas particulares, o que fazia com que nem sempre os dois se vissem durante a semana. Sempre que se encontravam, a conversa fluía de forma natural. Parecia que se conheciam havia anos. Ela notou, pelo sotaque, que Siegfried não era mineiro, o que rendia muito papo entre os dois. A princípio, falavam sobre mercado de trabalho, Belo Horizonte, Rio; enfim, era uma conversa agradável sobre assuntos diversos. Ele pensou que ela se aproximara dele com algum intuito de namoro, pois a troca de olhares

entre ambos já estava acontecendo antes de se aproximarem, mas depois, ele achou que talvez ela quisesse alguma oportunidade de trabalho, já que a conversa entre ambos versava sempre sobre assunto. Ela era uma pessoa discreta e dissimulava muito bem, estava ficando difícil decifrá-la. Até que em uma ocasião, ela se propôs a levá-lo para conhecer alguns bons lugares na cidade. Siegfried ficou animado, talvez em outro ambiente mais romântico teriam a chance de se conhecerem melhor e, quem sabe,

até iniciar um namoro. Lídia não parecia ser uma mulher de relacionamentos casuais ou aventuras inconsequentes, e naquela altura, Beth já era uma vaga lembrança. Seu retorno ao Rio de Janeiro, pelo menos naquele momento, estava descartado. O jeito era se ambientar à cidade e desfrutar do que a vida lhe oferecia.

Combinaram de sair na sexta-feira à noite. Lídia ficou de buscá-lo no *flat*. No dia e hora marcados, ela apareceu com a prima e uma amiga, para surpresa dele. O efeito foi o

mesmo que um balde de água fria, porque quando Lídia combinou a saída, tudo levava a crer que desfrutaria uma noite apenas com ela , “mas tudo bem!”, pensou, “pelo menos fico conhecendo mais pessoas”. Parecia claro que ao levar mais companhia, estava descartada qualquer possibilidade de se iniciar algum tipo de relacionamento, pelo menos naquela oportunidade. O grupo dirigiu-se a um bar, do tipo “lounge”, bem agradável, com ótima frequência e música ao vivo. Durante a conversa, Lídia revelou

que havia terminado um longo noivado havia pouco menos de cinco meses. Conhecera o ex-noivo na faculdade de Engenharia, estudaram e se formaram juntos. Ficaram noivos ainda quando estudavam. Segundo Lídia, foi ele que forçou o compromisso, pois temia ficar sozinho, pois tinha apenas uma irmã mais velha e casada, que morava em uma pequena cidade do interior de onde viera. Os pais dele haviam morrido prematuramente. Lídia, moça de classe média, foi o apoio dele

durante toda a faculdade, uma vez que ele não tinha ninguém na cidade. Segundo ela, o motivo do término foram as intermináveis brigas entre ambos, terminaram e reataram várias vezes. Naquela mesma noite, apareceu naquele bar outra amiga de Lídia acompanhada do namorado. Seu nome era Cecília, estudaram juntas. Ela era amiga do rapaz com quem Lídia tivera o relacionamento, e foi por meio da amiga que soube que ele estava morando com uma outra mulher já faziam três meses. A notícia acabou



com a noite de Lília, que até então estava bem à vontade e alegre.

Visivelmente, ela ficou transtornada. Ainda por cima, ele estava com uma mulher mais velha, divorciada e com um filho, foi o que Cecília disse. Depois de saber da novidade, um mal-estar tomou conta da noite. Lília não esperava receber aquela notícia, e foi Siegfried, com a desculpa de que tinha de acordar bem cedo pela manhã, que sugeriu irem embora. Eles combinaram de se falar mais vezes, e ele tentaria ver algum serviço para ela na área

de Engenharia. Faria alguns contatos e conversaria com amigos. Pouco depois, já em seu apartamento, Siegfried recordou a fisionomia de Lídia quando soube que o ex-noivo tinha outra, e como se aborreceu. “Será que ela ainda gosta do cara?”, pensou, “será que vale a pena insistir? Muitas pessoas, mesmo após o término do relacionamento, ao saber que seu ex ou sua ex já está em ‘outra’, não recebe bem esse tipo de notícia. Por que será que ela levou a prima e as amigas? Talvez para me avaliarem e

darem a opinião delas a meu respeito. Muitas mulheres são assim, só depois da opinião das amigas é que decidem se vale a pena ou não namorar o sujeito”.

Siegfried adormeceu de imediato e, no dia seguinte, sábado, foi para a refinaria, onde muitos problemas o aguardavam. No domingo, teve de voltar.

Na semana seguinte, Siegfried e Lídia se encontraram na academia. Siegfried simpatizara com ela, e independente do que pudesse vir a acontecer entre eles,

estudava um meio de tentar ajudá-la a conseguir uma colocação. Pensou em um modo de colocá-la na Atlas, na refinaria, talvez na área de planejamento, mas por outro lado havia um orçamento apertado que tinha de seguir. A fiscalização tinha por hábito indicar pessoas e ele tinha acumulado desde que chegara quase uma centena de currícula, fora os que a Atlas lhe enviava, de pessoas amigas a diretores. Não passava uma semana sequer que não recebesse um pedido de emprego para algum conhecido. Caso

empregasse Lídia, não poderia lhe oferecer um bom salário, mas também ela não possuía experiência nenhuma. Esse dilema o martelou por algum tempo, em paralelo, tentaria falar com algumas pessoas que conhecia, “talvez em um golpe de sorte eu possa conseguir alguma coisa para ela”, pensou.

Nos dias que se seguiram, Siegfried ficou sabendo que alguns funcionários do departamento de compras da Atlas, no Rio de Janeiro, foram demitidos. Na última reunião que tivera com a diretoria, ele se

queixou de que havia muita falta de material, as compras demoravam a acontecer e parte dos materiais eram rejeitados por falta do certificado de qualidade exigido pelo cliente.

Ismail mandou apurar os fatos e o que se viu foi que alguns compradores estavam recebendo propina de certos fornecedores e, ainda, estavam comprando por um preço mais alto. Parte das demissões ainda se estenderam pelo departamento de suprimento, onde eram adquiridas as ferramentas e os equipamentos.

Conforme combinado na última reunião de diretoria, realizada na sede da Atlas, chegou o pessoal que faria a auditoria na obra. O grupo era chefiado por um dos donos da empresa de consultoria, que já prestara o mesmo tipo de serviço à Atlas em outras ocasiões. Ele fora um antigo funcionário de uma estatal de mineração e trabalhara com um dos atuais controladores da Atlas, Paulo César Couto. "Com toda certeza o doutor Couto deve estar levando algum por fora", pensou. Ele estava

certo em sua avaliação. Durante quinze dias, essa pessoa e mais três funcionários ficaram na obra, revirando documentos, papelada etc.

No meio do mês, dia 15, teria de ser pago o adiantamento do pagamento e, mais uma vez, ele atrasou. Quase houve uma grande paralisação, tanto em Minas, quanto em Niterói. Foi preciso muita conversa de Sieg com os supervisores e encarregados para que fizessem os operários voltarem ao trabalho. Eles voltaram, mas com



má vontade. A situação se normalizou cinco dias depois. Não fora apenas os serviços que estavam sob a chefia de Siegfried que tiveram problemas de pagamentos. Em outras localidades onde a Atlas operava, o fato se repetiu. E isso preocupava todos, era sinal de que alguma “tempestade” se avizinhava.

A auditoria terminou no fim do mês, quando Sieg foi convocado para uma nova reunião no Rio de Janeiro. Não só ele, mas todos os gerentes de contratos onde a Atlas

atuava também foram chamados. A diretoria pretendia fazer uma pressão sobre eles, a fim de que eles conseguissem aumentar a rentabilidade de seus respectivos empreendimentos.

Naquele mês, o faturamento da Atlas na refinaria foi bom, superando o custo pela primeira vez em meses. As medidas tomadas no mês anterior surtiram efeito, havia muita coisas presas, que eram liberadas tardiamente. Pelo menos, naquele momento, Siegfried pôde respirar sossegado. Isso foi o que

ele pensou. No fim daquele mês, novamente houve problemas de pagamento. Normalmente, só recebia hora extra a mão de obra direta, ou seja, de ajudantes até encarregados, os supervisores, embora as fizessem, não recebiam. O mesmo acontecia com os engenheiros. Somente os que recorressem à Justiça, talvez recebessem um dia, uma vez que conseguissem provar que fizeram hora extra. A Atlas estava apresentando problemas crônicos de caixa.

Siegfried viajou na quarta-feira à noite para o Rio de Janeiro. No dia seguinte, pela manhã, foi convocado por Rubens, o gerente da Ocean para uma reunião sobre os serviços do navio sonda Pilgrim. Rubens era bem mais educado do que Arnaldo, mas aprendera com os americanos a falar duro e a pressionar sem baixar o nível. Siegfried conhecia bem o que era isso. O clima que Sieg encontrou em Niterói não foi dos melhores. Basicamente, os problemas eram financeiros: horas extras não pagas

ou pagas em atraso e com valores errados, sempre abaixo do que deveria ser, atrasos no pagamento de salários, e a promessa do prêmio devido à entrega da O-08 antes do prazo contratual que ainda não fora acertado com o pessoal. Tudo isso estava se refletindo agora, os funcionários não estavam se empenhando mais e muitos queriam ir embora. A reunião com Rubens não durou mais do que uma hora, bem ao estilo da Ocean.

Normalmente, os americanos estabelecem a duração de uma

reunião, acima de uma hora, já se começa a perder o objetivo, bem diferente de algumas empresas como a Atlas e tantas outras pelas quais passou, onde uma reunião do mesmo tipo duraria algumas horas e não se chegaria à conclusão alguma. Rubens estava preocupado, seus assessores tinham-lhe advertido que do jeito que estava o andamento dos serviços, provavelmente haveria atraso na entrega do navio, muitas atividades não estavam sendo cumpridas, outras, que deveriam ter terminado, estavam se arrastando.

Rubens ameaçou assumir os serviços com gente dele ou alguma outra empresa de mão de obra e debitar a conta na Atlas; tudo isso foi devidamente registrado em ata e assinado por todos os participantes, não era só uma mera advertência verbal. Depois de terminar com Rubens, Siegfried tratou de conversar com o gerente e os principais cabeças daquele serviço, a fim de tentar resolver a questão, mas os problemas financeiros não estavam nas mãos dele, assim, instruiu aos três que transmitissem

aos operários que permanecessem trabalhando, que à tarde estaria na sede da empresa com os diretores responsáveis para tratar do assunto. Como era um serviço com orçamento enxuto, a administração da obra ficara centrada no Rio de Janeiro. Em Niterói eram mantidos apenas um encarregado administrativo e alguns auxiliares. A folha de pagamento era feita na sede da Atlas, portanto, o problema de atraso e erros nos salários dos operários era responsabilidade da gerência da sede administrativa da



Companhia.

Às duas horas da tarde daquele dia na sede da Organização, foi marcado um encontro que teria com os diretores e o pessoal da auditoria. A reunião com os outros gerentes também aconteceria naquele dia, mas em horários diferentes. No entanto, por causa dos afazeres de Salomon e Ismail e da reunião com os demais, ele só foi chamado às quatro e meia da tarde. A reunião se estendeu até as oito horas da noite. Antes do início, Siegfried foi falar com o diretor

financeiro da Atlas, Rui Vilela, a fim de se conseguir uma solução para o que estava ocorrendo. Vilela, como era mais conhecido, explicou-lhe que nada podia fazer, que cumpria ordens do Salomon, que a Atlas estava passando por problemas de caixa por conta da paralisação de algumas obras públicas, duas termelétricas a gás, tendo prejuízo e amargando déficit pelos quais não estava recebendo um tostão; tinha uma dívida com um banco do governo por causa da privatização de uma ferrovia que

eles se envolveram e ainda outros problemas. Disse que o prêmio dos funcionários de Niterói não fora pago porque a Ocean não repassou a verba do bônus prometido. Siegfried tentou imediatamente falar com Rubens para saber se fora efetuado ou não o pagamento ou pelo menos quando seria. Depois de algumas tentativas pelo celular conseguiu falar. Rubens se mostrou surpreso com o fato, pois mandara pagar a fatura do bônus. Resolveu enviar um fax para Siegfried com o comprovante do depósito. Ele achou

que o pessoal da sede da empresa estava a fim de brincar com ele, sentiu-se um idiota, e já bastante irritado “esfregou” na cara de Vilela o fax que Rubens lhe enviou. O diretor financeiro, totalmente constrangido, disse que seria melhor procurar por Salomon, que apenas seguia ordens.

Siegfried, bastante alterado, entrou na reunião com os demais. O teor do assunto tratado o deixou ainda mais irritado, pois o tal auditor-chefe e dono da consultora contratada, fez uma ampla

exposição de como estava indo o empreendimento, sendo que tudo já havia sido exposto por ele próprio da mesma maneira, sem tirar nem pôr. Três horas e meia depois, resolveram encerrar a primeira parte, deixando o que restava para o dia seguinte. Ismail percebeu que tudo o que o sujeito expôs, ele já tinha ouvido de Siegfried no mês anterior. Notou que este se mostrava bem irritado com toda aquela encenação, que lhe parecia inútil, tudo já tinha sido discutido, e a empresa de auditoria contratada não

estava acrescentando nada de novo. No dia seguinte, o homem prosseguiu apresentando sugestões de como se devia gerenciar um empreendimento. Em meio às explicações, Siegfried sugeriu com ironia, mas sem levantar a voz:

– O melhor seria contratá-lo, coloco-me à disposição para sair de lá.

A reação de Salomon foi desafiadora:

– Siegfried! Quero um plano de recuperação da obra em um semana!

Ismail, sentindo que a situação ia desandar, interveio pedindo que isso fosse objeto de discussão posterior. Ele mesmo estava se mostrando impaciente. Notou que toda aquela situação era bem constrangedora para Siegfried, por esse motivo, resolveu temporizar, pediu calma a ele, que, por pouco, não pediu demissão na frente de todos. Fizeram um intervalo no meio da manhã, depois prosseguiram até a hora do almoço. Siegfried, à tarde, antes da segunda parte ter início, procurou Salomon

para tratar do assunto do prêmio do pessoal da O-08, que não fora pago. Salomon, no maior cinismo, alegou o mesmo motivo que Vilela dera. Siegfried, que mal se continha, mostrou-lhe o comprovante e ambos começaram a discutir.

– Salomon! Se for desse jeito, acho melhor me dispensar. Vocês estão brincando comigo, nossa reputação com eles está ruim, e minha carreira também está indo do mesmo jeito. Tenho um nome a zelar perante meu pessoal e as pessoas para quem prestamos



serviços.

Antes que Salomon respondesse, Ismail irrompeu na sala providencialmente.

– O que foi, Siegfried? Você parece tenso, o que há? Pode me dizer, acho que tenho o direito de saber o que se passa com meus gerentes, estou aqui para isto mesmo.

– Doutor Ismail, eu estava tratando com o Salomon da minha provável saída da Atlas.

– Mas por quê?

– Estamos com problemas no

navio, a Ocean está querendo tirar nosso pessoal e possivelmente vai colocar gente dela ou de outra empresa e pedir ressarcimento. O motivo é que nossos funcionários não estão sendo pagos como combinado.

– Como assim?

– Bem, o senhor sabe que conseguimos adiantar a obra e que havia um prêmio a ser pago por conta disso.

– Sim, sei. Conversei no mês passado com o representante americano da Ocean no Brasil, o

chefe do Rubens, e ele me disse que estava muito satisfeito com a nossa equipe, que talvez possamos até fazer uma parceria com eles em outros serviços. Quando você voltar de vez de Belo Horizonte, vamos tratar disso.

– Pois bem, eles depositaram o valor combinado e nós, até o momento, ou seja, um mês depois de finalizarmos os serviços, ainda não pagamos o nosso pessoal. Aliado a isso, estamos atrasando os pagamentos deles, e as horas extras quando vêm, estão com valores

menores. Parte dos funcionários está querendo ir embora e não estão mais se importando com a obra. Aqui está a cópia da ata de reunião com o Rubens e a cópia do fax de depósito. O senhor Vilela me diz que não pagou porque a Ocean não cumpriu o que combinou.

– Siegfried! Estamos atravessando um período difícil, que logo vai passar. Vou dar ordens a Vilela para que na segunda-feira faça os depósitos do prêmio. E, de agora em diante, lhe dou minha palavra que não mais haverá atrasos

de pagamento, nem erros nas horas extras. Não é hora de ficarmos brigando.

– Tudo bem, doutor Ismail – respondeu bem mais calmo

Salomon respirou aliviado pela intervenção do pai e se manteve em silêncio.

Ismail, também mais tranquilo, retornou à conversa. Em seguida, disse:

– Eu o estava procurando porque hoje vou dar uma pequena recepção na minha casa para um velho amigo e gostaria que você

fosse. Não é nada de mais, será bem informal, mas vai estar lá uma pessoa que eu vou lhe apresentar. Ele tem alguns contatos com um grupo coreano interessado em fazer negócios de construção naval no Brasil. Parece que o pessoal da empresa chegará neste fim de semana. Você pretende voltar quando para Belo Horizonte?

– Bom, neste fim de semana, terei de ir ao interior do estado para ver meus pais. No domingo à tarde, pretendia retornar a Belo Horizonte.

– O nome da pessoa que lhe

falei é João Paulo. Vamos ver o que ele tem a dizer, depois você marca a sua volta. Ele está tentando ver se agenda um encontro entre os coreanos e nós na segunda-feira. Seria importante você estar presente. Nesta semana, Salomon terá de ir ao Nordeste para tentar resolver o problema da térmica.

– Para mim não tem problema, não – disse Siegfried.

– Fale com a minha secretária, ela vai lhe dar o endereço certinho de onde eu moro. É no Jardim Botânico, vou pôr seu nome

na lista, é uma exigência da segurança. Vamos começar a receber os convidados por voltas das oito horas da noite.

– Tudo bem, estarei lá, obrigado.

Ainda naquela semana Siegfried recebera um telefonema de um de seus irmãos, Wagner. Quando ele ligava, boa coisa não era, ou era problema de dinheiro ou algo grave teria acontecido. Ele era do tipo que nunca dava notícias, e quando o fazia, algum evento desagradável tinha acontecido. O



irmão dissera que queria falar com ele pessoalmente, que estava meio enrolado e que não dava para falar por telefone. Este era o motivo por que Siegfried teria de ir ao interior do estado.

A reunião prosseguiu durante toda a tarde. Salomon tinha um compromisso com os outros gerentes e não mais apareceu na sala em que era tratado o assunto da refinaria. O encontro de Salomon com os demais gestores da Atlas era em tom de muita adulação. Parecia que muitos ocupavam os seus altos

postos dentro da empresa pela amizade com ele e Ismail, ou porque haviam sido indicados por alguém influente. Comentava-se que Salomon dizia a eles o que lhe vinha a cabeça, pedia que explicassem o porquê de a receita ser baixa e dava-lhes ordens expressas para que arrancassem dinheiro como fosse possível, sem desculpas para o não cumprimento da meta imposta. Eles, no entanto, reagiam “puxando o saco” de Salomon. Concordavam com tudo, como vacas de presépio, na esperança de serem mantidos em

seus respectivos cargos.

À noite, como combinado, Siegfried foi até à casa de Ismail no Jardim Botânico. Era uma imensa mansão de dois andares, com um ampla piscina, um enorme gramado, cães de guarda e várias seguranças. Siegfried chegou pouco depois das oito e meia da noite. Foi de táxi para evitar problemas com estacionamento. Ismail o recepcionou e lhe apresentou a esposa, Olávia. Havia chegado poucas pessoas, quase todas familiares de Ismail. Lá também

estavam suas duas filhas, Sofia e Maysa, acompanhadas de seus respectivos esposos, Nelson e Thomaz. Maysa e o marido eram arquitetos, e Ismail criou uma diretoria dentro da empresa para a filha e o genro: a Atlas Edificações, que construía edifícios residenciais de alto padrão no Rio de Janeiro, em São Paulo e mais um ou outro estado.

Maysa era tida como a filha rebelde de Ismail. Por ser a mais nova, foi a mais mimada, protegida, e sempre fazia o que queria. A

família Armadunian era de temperamento forte e ego exaltado. Maysa, para provar que podia vencer sem usar a força do sobrenome, tentou uma carreira fora da empresa, pois não se submetia a Salomon. Pouco tempo depois, casou-se com Thomaz, meio a contragosto do pai. Thomaz era quase dez anos mais velho que ela. Era um homem tipo bonitão, que não tivera muita sorte na vida profissional, mas bem aquinhado na vida sentimental. Era de classe média baixa e viu sua vida mudar de

rumo ao se casar com Maysa, que era a sorte que até então lhe faltara. Ismail e Salomon não tiveram referências muito boas a seu respeito; dizia-se ser um sujeito meio acomodado, do tipo esperto, que tinha facilidades de ganhar clientes graças à boa conversa, mas, ao mesmo tempo, os perdia, devido à falta de comprometimento. Era do tipo que largava tudo por um jogo de futebol com os amigos. Assíduo frequentador do Maracanã, era torcedor fanático do Fluminense e adorava noitadas em bares, na zona

boêmia do Rio de Janeiro, onde tomava chope e tentava pegar alguma desavisada. Ele, porém, justificava o seu suposto insucesso profissional pela falta de mercado para arquitetos e problemas de política econômica do país.

Atendendo aos apelos de Olávia, Ismail ofereceu um posto para Thomaz na Atlas, mas ele não combinou em nada com Salomon, que jogava duro com o cunhado, e optou por sair, sendo que Maysa resolveu acompanhá-lo. A fim de consertar a situação, Ismail criou a

diretoria de edificações em que Maysa era a diretora formal, mas quem dava as ordens era Thomaz. Ismail, a princípio, deu todo o apoio ao novo segmento da Atlas, e tudo indicava que fizera o certo, pois a filha mais nova e o genro estavam se saindo bem. Contudo, a vida conjugal de ambos não seguia do mesmo modo. Maysa, por ter um temperamento forte, era do tipo controladora e ciumenta, e os dois viviam às turras. Mas Thomaz era suficientemente inteligente para entender que uma vez separado dela,



sua vida profissional e pessoal seguiria ladeira abaixo. Dessa forma, ele ia contornando a situação como podia, com altos e baixos, e dava suas escapadas extraconjugais.

De Sofia, Siegfried já ouvira falar. De fato, ela fazia jus à fama que carregava. Naquele momento, na recepção na casa do pai, ela era o centro das atenções. Formada em Administração, e com passagens por instituições de ensino nos Estados Unidos, onde em vez de trazer algum diploma ou certificados de cursos colecionou

namorados e aventuras. Apesar de já ter passado dos quarenta anos, aparentava menos idade. Era uma mulher bonita, alta, de pele clara, elegante, com feições árabes e usava vestidos justos para deixar bem à mostra o seu belo corpo, esculpido em bisturis, implantes de silicone, botox, SPAs de diversas partes do mundo e academias de ginástica. Exercia o cargo de diretora comercial da empresa. Era uma *socialite* bem relacionada. Vivía de buscar informações privilegiadas e repassar à empresa do pai, além de

ocupar um posto na diretoria, era também uma espécie de relações públicas, com fácil acesso a vários órgãos do governo. Aliada ao irmão Leon, o mais velho, vivia em companhia de políticos das mais variadas vertentes. Sofia era um mulher inteligente, mas não fora feita para o trabalho pesado. Essa parte cabia ao marido, Nelson, ela apenas ditava as diretrizes, tinha uma desmedida ambição por dinheiro e, a exemplo do irmão Salomon, lançava mão do que fosse possível para tirar algum tipo de

vantagem, mas sempre que podia estava metida em alguma clínica de rejuvenescimento, fosse no Rio de Janeiro, em São Paulo, na Califórnia ou na Europa.

Naquela noite, Sofia estava com um vestido justíssimo, bem decotado, com os seios quase saltando. Estavam presentes também Leon e a esposa, os outros controladores minoritários da Atlas: Kathami e Paulo César Couto e mais dois diretores de outros segmentos em que a empresa atuava, e um membro do Conselho de

Administração, que inclusive fora ministro de governo no tempo dos militares. Parecia uma reunião do Conselho da empresa. Ismail, aproveitando que havia ainda pouca gente, chamou Siegfried para uma conversa na biblioteca.

– Bem, Siegfried, tem uma coisa que preciso lhe dizer, parece que estamos melhorando na refinaria. Eu estava com medo dessa obra, poderia ser o nosso túmulo.

– Doutor Ismail, a melhora é apenas parcial, desculpe a franqueza, mas vou insistir no que

disse antes, nossos preços são baixos, a obra foi pega com preço muito inferior ao que é praticado pelo mercado. Aquela combinação de preço de que vocês participaram, em minha opinião foi uma armação para a Atlas se dar mal. Vamos passar um bom aperto em mais alguns meses, mas estou estudando uma forma de conseguir mais dinheiro, com várias reivindicações e serviços fora de escopo que têm aparecido aos montes. Vou contratar um engenheiro experiente especificamente para cuidar disso, a

fim de que possamos minimizar o problema. Estão para acontecer mais algumas concorrências na refinaria e, como nós estamos instalados, temos grandes chances de ganhar. Dessa forma, poderemos diminuir ou até mesmo compensar o que estamos perdendo na obra maior.

– Eu confio em você, Siegfried, sei que é um profissional capaz e não vejo a hora de trazê-lo para cá para podermos dar passos maiores. É de gente como você, qualificada, que precisamos.

Podemos pensar na criação de uma diretoria para você.

Siegfried ficou surpreso e quase sem fala.

– Bem, doutor Ismail, lhe agradeço por sua confiança, vamos ver...

– Sei que você está apertado na refinaria, mas seria de vital importância para nós que participasse da concorrência de Manaus. Tive informações de que eles vão fazer uma nova tomada de preços. O que me diz? Você tem condição?



– Bem, vai me apertar, mas vou dar um jeito. Vamos fazer o seguinte, assim que o pessoal da petroquímica chamar para negociar ou refazer a proposta, me informe. Vou precisar que mandem aquele grupo de orçamentistas que eu indiquei da outra vez. Faço a estimativa de custos por lá e o Nelson fica por conta da edição da proposta, documentação e tudo o mais. Vamos manter as mesmas margens de lucro praticadas da outra vez, Ok?

– Perfeito, Siegfried!

Fechado! – disse sorrindo.

Salomon abriu a porta de supetão e entrou, um tanto quanto admirado por ver Siegfried ali sozinho com seu pai. Falaram para ele que o pai estava reunido com alguém, mas nunca pensou que fosse com Sieg. Chamou o pai, dizendo que um dos convidados importantes havia chegado. Tratava-se de um certo deputado cujo sobrenome era Simões.

– O deputado Simões chegou? – perguntou Ismail, pedindo a Siegfried que esperasse

por João Paulo e que ficasse à vontade. Em seguida, saiu da biblioteca e foi recepcionar o político.

Siegfried saiu logo atrás. Muitos convidados haviam chegado. Ele se sentia deslocado, uma vez que não conhecia ninguém, estava ali para ser apresentado a uma pessoa que ainda não havia chegado. Ficou no salão. Não demorou, quem começou a olhá-lo com certa insistência foi Sofia. Ela discorria para um grupo de pessoas sobre as maravilhas de um determinado SPA

que estivera em Provença, Sul da França, pouco tempo atrás. Nelson abordou Siegfried para falar do orçamento da petroquímica de Manaus, combinaram alguns detalhes enquanto Sofia o observava. Além de seu belo visual, ela também era conhecida pelos chifres que colocava no marido. Diziam que ele sabia de tudo e se fazia de morto. Siegfried notou os olhares de Sofia e, para não procurar encrenca, disfarçou. A salvação foi a chegada de Vanessa, que estava lindíssima, muito bem produzida.

“Quem sabe agora consigo alguma coisa com ela?”, pensou Siegfried.

Depois de tantos desencontros entre os dois, enfim chegara a oportunidade de conversarem melhor.

– Olá! Que surpresa agradável! – disse Siegfried.

– Oi! – exclamou. – Para mim também! O Salomon me convidou, ele já chegou?

– Sim, já está aqui. Acho que foi com pai recepcionar um certo deputado Simões que acabou de chegar.

Por um breve momento, passou pela mente de Siegfried que talvez houvesse algum envolvimento entre Salomon e Vanessa. Foi uma impressão rápida, embora não tivesse lógica alguma. Os dois se puseram a conversar e Vanessa contou a Siegfried como fora parar na Atlas.

Siegfried não se enganara com o sotaque dela, ela era de Fortaleza, onde se formou. Foi para São Paulo se especializar logo após a conclusão do curso de Psicologia. Lá se casou e quatro anos depois se

separou. Ela trabalhava no setor de Recursos Humanos de uma indústria química multinacional, com sede na América Latina, em São Paulo.

Mesmo trabalhando, prosseguiu nos estudos. Vanessa acabou demitida da multinacional quase na mesma época de sua separação. Preparava-se para voltar para o Ceará, onde pretendia abrir uma clínica com o apoio da família. Foi em um voo de São Paulo para Fortaleza que sua vida deu uma guinada. O avião fez escala no Rio de Janeiro e, naquele dia, Salomon viajava para o Ceará a

fim de visitar uma obra. Por um desses arranjos do destino, sentou-se ao lado dela na viagem. Tomado pela beleza de Vanessa, começou a puxar conversa. Trocaram cartões de apresentação e telefones.

Marcaram um encontro em Fortaleza e Salomon, bastante interessado nela, lhe fez um convite de reorganizar o departamento de RH da Atlas. Vanessa pediu um tempo para pensar e achou que seria bom, pois poderia continuar com seu mestrado e doutorado iniciado em São Paulo no Rio de Janeiro. A



ideia de montar a clínica ficaria para outra ocasião. Uma semana depois, Vanessa respondeu que aceitaria o convite.

Os dois prosseguiram conversando quando Salomon se aproximou e, naquele momento, a fisionomia de Vanessa se transformou. Ela ficou tensa. Salomon estava sozinho. Sua esposa, Márcia, estava viajando em São Paulo e não chegara a tempo.

– Então? O João Paulo já chegou? – perguntou Siegfried a Salomon.

- Até agora não.
- Deve estar chegando.
- Vanessa, vamos até ali?

Preciso tratar de um assunto com você. Você nos dá licença, Siegfried?

- Claro, à vontade.

De novo Siegfried ficou sozinho. Viu Vanessa e Salomon se afastarem para, em seguida, sumirem das vistas de todos. Um garçom apareceu com uma bandeja de bebida e Siegfried se serviu. Estava se sentindo desconfortável, até que por fim João Paulo chegou,

acompanhado da esposa Marta. Ismail tratou de fazer as devidas apresentações e os dois ficaram conversando a respeito do grupo coreano que chegaria no Rio de Janeiro no próximo domingo. Em seguida, o grande convidado da noite chegou: o senador J, juntamente com o filho empresário que morava no Rio de Janeiro, Leopoldo, e mais dois assessores. Todos os diretores da Atlas foram cumprimentá-lo, e mais os outros convidados, inclusive João Paulo. Alguns minutos depois, o senador e

sua comitiva foram se reunir com Ismail e o filho Leon a portas fechadas, no gabinete que ele tinha em sua residência. Siegfried não simpatizou com João Paulo. Em poucos minutos de conversa “sacou” que se tratava de um mercenário, um lobista e intermediador de negócios, que vendia seus serviços e informações a quem pagasse mais. “Será que Ismail confia nesse sujeito?”, pensou. Logo, terminaram o assunto e combinaram de se falar no domingo à noite, porque João Paulo ainda não sabia onde os

coreanos se hospedariam, ainda tinha de se comunicar com o representante do grupo no Brasil para marcar uma reunião entre eles.

Siegfried tentou procurar Vanessa, mas não a achou. Desconfiou e com razão que ela estava envolvida com Salomon. Sofia não desistia de lançar olhares na direção dele e começou a chamar a atenção. Algumas pessoas já haviam notado e ele, para não dar motivos, saiu do recinto e foi até o jardim, onde ficava a piscina. A paisagem vista dali era

deslumbrante, mesmo à noite. Podia se ver a Lagoa Rodrigo de Freitas e o Cristo Redentor todo iluminado. O céu não estava estrelado e as nuvens que circundavam o Corcovado refletiam a iluminação dos holofotes. Era uma noite de agosto, a temperatura estava um pouco baixa, mas no Rio de Janeiro dificilmente fazia frio. “É uma visão bonita”, pensou Siegfried, que por um tempo ficou absorto em seus problemas. “Wagner!”, disse para si mesmo, “o que pode ser desta vez?”. De repente, sua atenção se voltou

para as palavras que Ismail lhe dissera na biblioteca. Por um lado, parecia que ele simpatizava com ele, por outro, tinha um enorme desgaste com Salomon, que possivelmente o via com uma ameaça à sua posição. O que não tinha qualquer razão, por que afinal, ele era o herdeiro e um dia seria o presidente. Achava que Salomon ia bloquear sua subida para diretor, apesar de ter lhe prometido isso no início. O que mais o preocupava, no entanto, era a possibilidade de Ismail faltar com a palavra. Se o

prêmio não fosse pago e o pessoal em Niterói mantivesse o comportamento que estava mantendo, Rubens ia acabar retaliando eles teriam problemas.

Siegfried voltou seus pensamentos para Vanessa, ficara um tanto quanto desapontado com ela “será que está tendo um caso com Salomon?”, pensou. “O melhor seria me afastar”. Ele só voltou ao mundo exterior quando escutou uma gargalhada. Havia um grupo sentado à beira da piscina, em volta de uma mesa. Eram todos jovens e pareciam



estar se divertindo muito. Estavam um pouco distantes, e ele somente conseguiu reconhecer Mateus e Daniel, que estava abraçado a uma moça. Havia mais algumas jovens que não conhecia. Estavam no local, além dos já citados, Roxane, seu irmão Leon Júnior com a namorada, Mateus e a namorada, Samara e Maria Alice.

Mateus e Daniel viram Siegfried de longe e o reconheceram. Foram falar com ele.

– Oi, Siegfried! Você por aqui? – disse Mateus.

– Oi, tudo bem? – respondeu para os dois. – Seu avô me pediu para vir, a fim de tratarmos de algumas coisas.

– Estávamos querendo dar um pulo em Niterói para dar uma olhada na obra. Você pode nos arranjar isso? – perguntou Mateus.

– Claro! Segunda pela manhã eu peço para a dona Zulmira falar com o nosso gerente e vocês combinam.

– Tudo bem, então! – e se afastaram.

Roxane reconheceu Sieg e

perguntou para Daniel se ele o conhecia.

– Claro! É o nosso gerente da área de óleo e gás, ele se chama Siegfried!

– Roxane, disfarçando, deu uma risada. Mas que nome mais engraçado! – no que foi acompanhada por Maria Alice.

Siegfried, não tendo mais o que fazer ali, entrou. Foi informado de que Ismail e Salomon estavam reunidos com o senador J .

Roxane o seguiu com os olhos. Tão logo viu Siegfried entrar

na casa, disse que ia ao banheiro e foi atrás dele. Tentaria forçar alguma “barra” para conhecê-lo pessoalmente. Não deixaria passar a oportunidade que se apresentava.

Tarde demais. Ao entrar, foi puxada pela avó, Olávia, que queria porque queria saber das novidades, se ela já tinha um namorado, e outros assuntos com que se ocupam as avós. Só deu tempo de ver Siegfried sair pela porta. Desvencilhou-se da avó dizendo que ia ao toalete. Correu para o corredor que dava para um *hall* e este para a

porta da frente. Em vão, Siegfried se foi.

Seu celular tocou. Ela olhou no visor, conhecia aquele número e atendeu. Conversou por segundos e se dirigiu à saída da casa.

Chegando lá, Mateus a chamou. Ele a seguiu. Segurou-a pelos braços e a empurrou para o lavabo perto do *hall*, tentando beijá-la.

– Pare com isso, Mateus!  
Quer que o pessoal veja?

– Ninguém vai ver nada –  
disse sorrindo, tentando de novo lhe

dar um beijo. – Tenho saudades.

– Quer me largar, Mateus?  
Você não vê que não tem nada a  
ver! Está me machucando!

– Quero me encontrar com  
você de novo, sinto sua falta!

– Você só quer saber de sexo  
comigo!

– Mas não é disso que você  
gosta? Agora quer romance? – falou  
com ar debochado.

Mateus sempre que tinha  
uma chance, tentava tirar uma  
“casquinha” com a prima. Fora  
rejeitado algumas vezes, mas outras

obtivera sucesso, principalmente quando ela era adolescente. Roxane, aos doze anos, era muito bela e aparentava um corpo de uma menina de dezesseis. Era uma rosa desabrochando, desenvolveu-se precocemente. Desde essa época, Mateus e outros primos e amigos dos irmãos dela a assediavam.

Depois de se desvencilhar do primo, ela saiu. Abriu a porta do lavabo, atravessou o *hall*, passou pelos seguranças e saiu da residência. Lá fora, viu um enorme automóvel de luxo negro se

aproximando. Era um modelo Mercedes Benz de uma série que somente poucos possuíam, dado o alto valor. Ela fez sinal e caminhou alguns metros à frente para não ser vista. O carro estacionou, o condutor do veículo abaixou o vidro do lado direito e acendeu a luz. Quem conduzia era um senhor na faixa dos sessenta anos. Ele fez sinal para que ela entrasse no carro, no que foi atendido. Dentro do veículo, ela o beijou na face. Conversaram rapidamente, em seguida, ela saiu e retornou à



recepção do avô. Siegfried, que saíra poucos instantes antes, buscava por um táxi e acabou observando a cena, mas não achou nada de mais, talvez, pensou, tratava-se de algum pai recomendando à filha ou que viera buscá-la. Não tinha a menor noção do que havia por trás daquele encontro rápido, com ares de ser algo meramente comum.

No dia seguinte, bem cedo, Siegfried viajou ao interior do estado para a casa dos pais, onde novos problemas o aguardavam.

Agora, com sua família.

Sua mãe estava doente, de cama, e seu irmão Wagner com uma dívida com um agiota em torno de 50.000 reais. Pelo menos foi o que disse inicialmente. Ele tinha uma agência de carros e vivia endividado. Siegfried o encontrou usando uma versão civil do Hummer, zero km. Ele adorava participar de rally, encontros de jeeps e pick ups, corridas, trilhas, patrocinava competições e eventos automobilísticos na cidade, e todo o seu dinheiro ia pelo ralo. Fora

proprietário de choperia, bares temáticos, ganhara muito dinheiro e perdera também. A vida dele era um sobe e desce. Era separado, tinha dois filhos adolescentes e vivia às turras com a ex-mulher e com pagamento de pensões sempre atrasado. Estava prestes a ser despejado, perder a própria agência e devia de tudo: água, luz, agiota, oficinas, lojas de autopeças etc. Siegfried e Wagner discutiram violentamente, como pode dever aquela quantia toda se estava andando com um Hummer novinho

em folha? Wagner era do tipo que gostava de ostentação, podia estar na pior, mas não perdia a pose.

Siegfried queria uma explicação, já que era para ele que o irmão estava pedindo dinheiro emprestado.

Wagner se justificou dizendo que tinha gente devendo a ele também, mas ninguém o pagava. Recebera vários cheques sem fundo de vendas que havia feito, e não estava conseguindo vender carros a tempo de pagar as dívidas. Tinha feito compras de veículos para movimentar os negócios, mas estava

encontrando dificuldades para revender, além de outras desculpas mais. Os credores não estavam mais querendo esperar. Sobre o Hummer, ele argumentara que não comprara à vista, mas dera uma entrada e o restante havia financiado. Siegfried quase não se continha mais, lhe perguntava como era possível ele dever tanto e ainda conseguir pagar as prestações do carro.

– Você é louco! – disse Siegfried.

Ele havia pagado duas prestações, estava com várias

atrasadas, e logo o oficial de justiça iria pegar o veículo. Siegfried resolveu levantar o dinheiro, muito a contragosto, após prementes apelos da mãe, que lhe disse que o filho e o netos estavam sendo ameaçados de sequestro. O pior é que não era a primeira vez que ficara endividado. Seu outro irmão Parcifal, o mais novo, era arquiteto e o que ganhava com projetos mal dava para ele, a esposa e o filho recém-nascido, mas prometeu arrumar 3.000 reais. Siegfried teria de bancar os outros 47.000. O

dinheiro que ganhara na Ocean, dera entrada em um apartamento na Barra da Tijuca de frente para o mar, um sonho de nove entre dez pessoas. Estava economizando para tentar abater ainda mais a dívida, as tais parcelas intermediárias, e o que pagava mensalmente era bem salgado, mas como era um homem solteiro, sem grandes despesas, estava pagando sem problemas, mas agora teria de negociar com a incorporadora algum tipo de adiamento, ou encontrar alguma forma de pagar mais tarde, já que o

agiota a quem o irmão devia o estava ameaçando de morte. Sabia que o sujeito não era flor que se cheirasse, o tal homem chamava-se Fausto e arrumava grandes somas facilmente, mas os juroos eram absurdos. Ele era um intermediário de bicheiros e de um traficante local. Era a pessoa que lavava o dinheiro ilegal. Seu irmão já havia pago algo em torno de 20.000 reais somente de juroos. E agora ele queria o montante principal de volta. De imediato, Siegfried disponibilizou 5.000 reais em cheque. Voltaria ao



Rio de Janeiro para raspar o fundo do cofre na segunda-feira, com a condição de que Wagner vendesse o Hummer e saudasse o empréstimo com ele.

No sábado à noite, Siegfried recebeu um telefonema de João Paulo, dizendo que os coreanos chegariam ao Rio de Janeiro no domingo pela manhã. Estava marcada uma reunião entre eles e a Atlas logo pela manhã de segunda-feira, às nove horas da manhã, no hotel onde eles ficariam, na Zona Sul. João Paulo ainda disse que

conversara com o representante deles no Brasil e que eles queriam visitar as instalações da Atlas, alguma obra na área *offshore*, possíveis locais onde eles poderiam se instalar etc. Siegfried, mesmo de cabeça “cheia”, manteve-se calmo e respondeu que tomaria todas as providências para atender aos visitantes. Assim que terminou com ele, ligou para dona Zulmira e pediu a ela que bem cedo alugasse uma van, que ligasse para o gerente em Niterói, para que o mesmo providenciasse a visita dos coreanos

ao navio. Pediu também que fizesse uma reserva em uma churrascaria de primeira linha para que o grupo almoçasse. Ele, pessoalmente, iria se encarregar de agendar uma visita a um estaleiro de Angra e outro do Caju, na zona portuária do Rio de Janeiro e talvez em algumas áreas de Itaguaí, na região do porto, onde possíveis empreendimentos poderiam ser instalados, mas isso somente seria possível resolver na segunda-feira. No domingo à noite, Siegfried voltou ao Rio de Janeiro. Teria pela frente uma semana bem

agitada.

## **Um E-Mail de uma Misteriosa Odalisca**

Segunda-feira bem cedo quem madrugou na Atlas foi Roxane. Com a desculpa de ver o avô, pois soubera que Ismail se sentira mal no domingo. Encontrou somente dona Zulmira, que tentava alugar uma van para os coreanos e ligar para o gerente em Niterói para

marcar a visita deles.

– O que a traz tão cedo aqui, minha menina?

– Vim ver vovô, ele sempre chega cedinho, soube que passou mal à noite.

– O que foi? É sério? – perguntou a secretária.

– Não sei! Quero falar com ele. E a senhora? Sempre chega a esta hora?

– Um pouquinho mais tarde, mas hoje meu chefe está no Rio de Janeiro e tem uma reunião com representantes de uma empresa da

Coreia do Sul.

– A reunião é aqui na empresa?

– Não, vai ser em um hotel na Zona Sul.

– Seu chefe vem aqui antes?

– Ele vai direto, me ligou ontem à noite. Estou achando que ele nem vem aqui hoje; do hotel vão almoçar, depois seguirão para Niterói para ver os serviços do navio. Parece que amanhã vão para Angra.

– Você sabe em qual hotel eles vão se reunir?

– Creio que estão em Ipanema, no Caesar. Mas o que você me conta de novo?

– Nada de novo – disse sorrindo. – Vou fazer o seguinte, estou achando que vovô vai demorar, vou dar uma passada rápida na casa dele – despediu-se e saiu correndo em direção a Ipanema.

Siegfried passara o fim de semana praticamente às claras por causa de tanto aborrecimento. Como se não bastasse Arnaldo ficar ligando para ele resolver os



problemas da refinaria a distância, tinha agora um “baita” abacaxi do irmão para descascar. De domingo para segunda-feira, somente conseguiu adormecer por volta das quatro horas da manhã. Quando acordou sobressaltado, já passava um pouco das sete horas. Como seu apartamento ficava na Barra, naquela hora da manhã ia pegar um fluxo de trânsito intenso até Ipanema. Quando trabalhava em Niterói, saía em torno de seis da manhã de sua casa e seis e quarenta, no máximo, já estava lá. Lavou-se e

se trocou rapidamente. Saiu correndo. Quando chegou ao hotel, ainda faltavam dez minutos para as nove horas. Conseguiu uma vaga em um estacionamento próximo e seguiu para o Caesar a pé. Entrou, ao passar pelo *hall* viu João Paulo conversando com uma moça. Naquele momento, ele segurava as mãos dela, como se fossem amigos íntimos, ou quem sabe, tivessem um relacionamento especial. A fisionomia dela lhe pareceu familiar, mas não sabia onde a tinha visto antes. João Paulo o viu e

fingiu que não viu. Abaixou a cabeça. Siegfried percebeu que ele não queria ser visto ali com aquela garota, possivelmente era algo comprometedor, e também o ignorou, dirigindo-se à recepção do hotel, onde se apresentou e disse que tinha uma reunião com um grupo de executivos de uma Companhia coreana. A recepcionista indicou o local onde eles o aguardavam e ele foi para lá.

Roxane tinha saído às pressas da Atlas, rumando para Ipanema, onde ficava o hotel Caesar

Park. Estava à caça, tal e qual uma predadora. Fazia tempo que não se sentia tão excitada daquela forma; tinha seus casinhos, como ela mesmo definia e seus encontros via net, mas agora era diferente, quando se interessava por uma pessoa ela movia céus e terra para atingir seu objetivo. Foi até o hotel para forçar algum tipo de encontro com Siegfried. Não tinha nada planejado, “mas na hora sai alguma coisa”, pensou. Mas, para sua surpresa, ao chegar na frente do hotel deu de cara com João Paulo, que, admirado,

perguntou-lhe o que fazia ali. Ela disfarçou, contou que um grupo de amigos de seus familiares de São Paulo estava se hospedando num hotel, mas ela não tinha muita certeza se eles iriam para o Caesar. Foi o melhor que pôde arrumar para justificar sua presença. João Paulo não perdeu a oportunidade de tentar algum tipo de encontro com ela:

– Vamos nos ver de novo mais tarde no *flat*? O que você acha?

Nisso, Siegfried entrou e ela ficou pálida. João Paulo notou a

mudança na fisionomia dela e pensou que os dois se conheciam da Atlas. Percebeu a situação constrangedora e, ao mesmo tempo, viu que sem querer podia ter caído em uma cilada. Siegfried passara pelos dois, que tentaram disfarçar. Quando ele se dirigiu à recepção, João Paulo perguntou a ela, em tom de voz bem baixo, se conhecia aquele homem, mas pediu discrição. Roxane, muito sem graça, disse que não.

— De quem se trata? —  
perguntou.

– Ele trabalha na empresa de seu avô. Ele e eu vamos nos reunir com os coreanos. Você não o conhece?

– Não, nunca o vi!

– Ele estava na casa do seu avô na sexta à noite.

– Eu fiquei o tempo todo na beira da piscina, quase não entrei – disse ela.

– Ainda bem! Se ele a conhecesse, estaríamos fritos! – Meu benzinho – disse ele –, ligue-me para podermos conversar melhor. Pense em meu convite, eu

tenho de ir.

– Tudo bem – ela respondeu  
–, vou pensar. – E saiu  
extremamente irritada com o azar  
que dera encontrando com João  
Paulo.

Mas não se deu por vencida,  
ligou para Maria Alice...

– Oi! O que foi?

– Preciso de um favor seu.

Ligue para a empresa do meu avô e  
peça para falar com uma secretária  
chamada Zulmira.

– Sim, e daí, vou falar o quê?

– Calma! Diga a ela que você



é de uma empresa e que precisa passar uma mensagem para um engenheiro chamado Siegfried, peça o celular dele. Ela conhece minha voz, se eu ligar ela vai saber quem é, entendeu?

– Quem? Como é o nome?

– Siegfried! Vou soletrar: “s” de soldado, “i” de Israel...

– Mas quem é esse cara? É aquele que estava na casa do seu avô na sexta-feira?

– É! Mas não faça perguntas agora – disse rindo. – Depois eu lhe explico

– Hii! Já vi tudo! Lá vem  
encrenca – encerrou Maria Alice.

O representante dos coreanos no Brasil era nada mais, nada menos do que o espanhol Urbano Jiménez, a mesma pessoa que tempos atrás esteve cotado para ocupar o lugar que Siegfried ocupava na Atlas. Urbano era um sujeito bem relacionado, não havia dúvida. Na reunião, ele falava muito, tentava se sobressair ao máximo, mas nem todos os coreanos presentes falavam inglês. Os que tinham o domínio do idioma traduziam para os demais.

Eles estavam em oito, e ele falava fluente assim como Siegfried.

Urbano questionava muito Siegfried sobre a real capacidade da Atlas em fazer parceria com os coreanos.

Siegfried percebeu bem as intenções dele, que tentava por todos os meios encurralá-lo. Os visitantes perceberam a agressividade de Urbano, e o líder deles foi mais brando e tomou a rédea da reunião, pedindo explicações sobre o mercado brasileiro, a mão de obra local etc. João Paulo permaneceu quieto quase o tempo todo. Logo ao

entrar na sala de reunião pareceu um pouco tenso. O motivo era que ele temia que Siegfried pudesse ter reconhecido Roxane. Seu comportamento não passou despercebido a Siegfried, que possuía um “feeling” aprimorado e especulou para si, se não teria alguma correlação com a jovem que acabara de ver com ele no *hall* do hotel. Contudo, naquele momento, Roxane era uma total desconhecida para ele e aquilo não fazia sentido, pelo menos naquele momento. Ao meio-dia eles saíram para almoçar

em uma conhecida e conceituada churrascaria do Rio de Janeiro. Encantaram-se com a fartura e a qualidade da carne. À tarde, foram para Niterói conhecer os serviços que a Atlas desenvolvia no navio sonda Pilgrin. Depois, foram para as instalações portuárias do Rio de Janeiro, ao Cajú, onde existia um estaleiro e área para construção naval. No dia seguinte, seguiram viagem para Angra. Siegfried os convidou para uma visita à sede da Atlas, mas eles, alegando falta de espaço na agenda, disseram que

ficaria para uma próxima visita. Na viagem para aquela cidade no litoral Sul do estado, Siegfried recebeu um telefonema de Salomon, dizendo que Arnaldo estava espumando pela boca. A obra estava abandonada e nada lá funcionava, pedia que entrasse em contato com ele imediatamente, a fim de aplacar o seu surto nervoso. Siegfried o fez, e Arnaldo despejou tudo o que tinha direito em seus ouvidos.

Siegfried, na manhã de quarta-feira, foi até a Atlas relatar a Ismail como fora o encontro com o

coreanos, pois passara os dois dias anteriores ciceroneando os asiáticos. Ficara sabendo que o dinheiro prometido do prêmio e as horas extras relativas aos serviços de Niterói foram pagas, para seu alívio, “um problema a menos”, pensou. Salomon ainda permanecia no Nordeste. Siegfried, à tarde, tratou de arrumar o dinheiro para saldar a dívida do irmão com o agiota. Tirou o dinheiro da poupança destinado a pagar o apartamento e lá se foram mais 20.000 reais. Ainda tinha de arrumar mais 22.000 reais. O único

jeito era vender o carro e pegar um de menor valor ou não comprar nenhum, já que em BH ele andava em um carro funcional alugado pela empresa. Mas volta e meia o carro servia para fazer serviços de rua por Isaque, uma vez que tinha de conter custos de todas as maneiras possíveis.

Ainda na segunda-feira, Maria Alice ligou para dona Zulmira, dizendo ser de uma empresa de Engenharia e pedindo o celular do engenheiro Siegfried, pois precisava falar com ele.



– De que empresa a senhora é? – perguntou dona Zulmira. – A senhora quer deixar o seu nome e o seu número? Ele não está na empresa.

Vendo que não iria conseguir muita coisa com dona Zulmira, ela pediu o e-mail dele. Dona Zulmira acabou passando.

Na mesma hora, Maria Alice ligou para Roxane e contou que não foi possível obter o celular, mas que tinha o e-mail, e o repassou para ela.

Na quarta-feira à noite,

Siegfried foi para Belo Horizonte de carro, um Audi A-3 de segunda mão. Tentaria vendê-lo naquela cidade. Chegou de madrugada e dormiu melhor. Foi um sono curto, mas profundo, o primeiro desde a sexta-feira passada. Normalmente, ele dormia bem, tão logo se deitava, adormecia.

No dia seguinte, bem cedo, retornou ao trabalho. No entanto, o problema do irmão não lhe saía da cabeça. Lá pelas três horas da tarde, chamou Bruno, que conhecia bem Belo Horizonte e ambos foram a

algumas agências de carros, a fim de vender o Audi. Nesse mesmo dia, acabou por não resolver nada. Se vendesse às pressas, ia perder dinheiro, mas não havia tempo para esperar outra oportunidade. Voltou para a refinaria à noite e foi checar os e-mails. Havia em torno de 100. Começou a ver um a um. Eram quase todos referentes à fiscalização, alguns outros da obra de Niterói com assuntos diversos. Muitos dos problemas já tinham sido discutidos na reunião da manhã. Ele foi deletando aqueles

cujo tema já tinha sido tratado. De repente, deparou com uma mensagem inusitada, proveniente de uma tal **Odalisca**. Fora enviado na segunda-feira quando ainda estava no Rio de Janeiro com os coreanos. A princípio, pensou que se tratava de algum engano e quase o apagou, mas resolveu ler. O conteúdo dizia o seguinte: “logo que pus meus olhos em você, meu coração disparou, e vinha um poema de Vinicius de Moraes junto. “Será que é para mim mesmo?”, pensou, mas suas dúvidas se dissiparam porque ela pôs na

mensagem: “**para Siegfried**”.

Achou que possivelmente tinha alguém de brincadeira com ele e deletou a mensagem. Na sexta-feira pela manhã, antes de ir para o trabalho, combinou com Bruno de passarem em outras agências. Por fim, vendeu o carro que estava avaliado por volta de 37.000 ou 36.000 reais. Talvez conseguisse vendê-lo por 35.000 reais. Por causa da pressa, só conseguiu 30.000 reais. Portanto, lhe sobraram 8.000 reais. Com isso completaria o que estava faltando. Na sexta-feira,

durante o dia, Lídia ligou para ele dizendo que tinha enviado seu curriculum conforme combinado. Ele checkou a caixa postal e confirmou o recebimento. Por um momento, pensou que poderia ter sido Lídia a tal odalisca, e quase tocou no assunto, mas preferiu se calar. Lídia o convidou para sair à noite, mas ele respondeu que teria de viajar para resolver um problema familiar e que na próxima semana combinariam. Depois do expediente, saiu de Belo Horizonte com destino ao interior do estado do Rio de

Janeiro, a fim de entregar o dinheiro ao agiota. O irmão ainda não tinha conseguido vender o Hummer, mas dizia que havia muita gente interessada, que tivesse paciência, que tudo aquilo iria passar, mas ele tinha uma boa lábia, com certeza o venderia, mas dificilmente Siegfried veria a cor daquele dinheiro.

No domingo à tarde, ele saiu da casa dos pais e rumou para Minas. Na segunda-feira pela manhã havia a reunião com o cliente. Siegfried havia se preparado pouco

ou nada, sabia do andamento dos serviços, devido à reunião, mas não verificou os e-mails. Só o fez posteriormente, quando já tinha almoçado. De novo havia uma nova mensagem da tal odalisca com outro poema. Era um cartão virtual, muito bonito, “pelo menos ela tem bom gosto”, disse para si mesmo. Siegfried riu e ficou tentando adivinhar quem poderia ser aquela engraçadinha e se pôs a fazer conjecturas de todo os tipos. Remoeu a memória em busca de quem poderia ser. “Não é possível



que possa ser a Sofia?”, pensou. Por fim, concluiu que só podia ser Vanessa. “Isso parece ser típico dela, ela é muito risonha, brincalhona, e deve estar com a cara no chão depois do papelão que fez na casa de Ismail, trancando-se com Salomon em algum quarto.” Siegfried resolveu entrar na brincadeira, acreditando se tratar de Vanessa, e respondeu a mensagem, disse que gostaria que ela se identificasse e falasse de onde o conhecia.

No dia seguinte, ela

respondeu, dizendo que o tinha visto na Atlas, que o achara muito simpático e que gostaria de conhecê-lo melhor. A semana transcorreu com trocas de mensagens de um para o outro, além de cartões virtuais com as mais românticas mensagens. Siegfried pediu uma foto, e ela disse que iria providenciar. Pediu para ela se descrever e ela o fez.

Coincidentemente, Vanessa e Roxane eram semelhantes. Siegfried se convencia cada vez mais que Vanessa estava em um joguinho

com ele. Ele aceitou, a princípio, a brincadeira, queria ver onde aquilo ia acabar. Na sexta-feira pela manhã, na mensagem da odalisca, ela o convidou para conversar em uma sala de bate-papo num site. Siegfried topou. Naquele tempo ainda não havia o menseger. Eles não tinham o antigo ICQ. Ela marcou para às dez horas da noite. Naquele mesmo dia, Lídia ligou, convidando-o para sair. Ele deu uma desculpa qualquer, pois a brincadeira com a odalisca parecia mais excitante, o que foi seu grande

erro, pois se arrependeria muito de ter trocado uma pela outra.

Siegfried julgou que Lídia possivelmente ainda gostasse do ex-noivo e talvez o estivesse usando para esquecê-lo, “quem me garante que de repente eles não reatam?”, pensou. “E eu estou de joguete dela na história para provocá-lo? Ou mesmo para servir de instrumento de desforra contra ele, que já até arrumou outra?”. Tudo isso lhe veio à mente.

Na verdade, Lídia gostou de Siegfried. Talvez, contasse para

algumas amigas que conhecera um homem educado, elegante, de bom nível, boa aparência, bem melhor do que o antigo noivo. No entanto, ela acabou achando que Siegfried não gostou dela e, assim como o elogiava, em sua cabeça passava a ideia de que ele fosse um daqueles solteirões convictos, que talvez só pensasse em ter algumas noites de sexo com ela e depois fosse deixá-la na rua da amargura.

Houve uma série de desencontros entre Lídia e Siegfried naquelas dias. O fato de ela ter

levado as amigas ao primeiro encontro com ele, e o jeito que ela ficou quando soube que o ex-noivo tinha arrumado outra, fizeram com que ele acreditasse que ela deveria gostar do tal sujeito ainda e que, possivelmente, vira nele uma válvula de escape, ou uma oportunidade de arrumar um emprego para ela, ou ambas as coisas.

Na sexta-feira, por volta das dez horas, conforme combinado, Siegfried entrou na sala de bate-papo que Roxane sugeriu, era uma

sala vazia. Assim, começaram a conversar. Siegfried lhe perguntou mais uma vez de onde ela o conhecia, ela respondeu que o tinha visto na Atlas e na casa de Ismail, em uma sexta-feira à noite.

Siegfried confirmou sua suspeita e achou que deveria ser Vanessa, mas “e se fosse Sofia?”, pensou.

Impaciente, perguntou por que ela não dizia que era Vanessa? Ela disse que não sabia quem era Vanessa. A conversa continuou, ele lhe perguntou a idade.

“Vinte e um”, digitou.

“O quê?”, ele questionou.

“Vinte e um”, ela repetiu.

“Diga a verdade, vai”.

“Estou falando a verdade, tenho vinte e um, você tem preconceito?”

“Claro que não!”, digitou.

“Você parece desapontado, queria que fosse Vanessa?”

“Foi apenas um palpite”, ele respondeu. “Você trabalha na Atlas do Rio? Não me lembro de ter visto uma moça de vinte e um anos na casa de Ismail”

“Eu não trabalho na Atlas,



sou amiga de uma das netas dele e um dia fui com ela até o escritório e o vi sem que você percebesse, mas você não me viu. A outra vez que o vi eu estava na piscina da casa dele naquela noite.”

Siegfried comentou que viu um grupo de jovens na piscina, mas como estava escuro não tinha visto muito bem. Em seguida, ele perguntou de quais das netas ela era amiga.

”De Samara?”

Na verdade conhecia apenas ela. Ele se lembrou vagamente que

Leon, o filho mais velho de Ismail, tinha uma filha, mas não sabia quem era. Ela disse que era amiga de Roxane, que estudavam juntas, e se identificou como Rosana.

A conversa foi até as duas da manhã. Se Siegfried não tivesse de ir trabalhar cedo, provavelmente amanheceriam conversando. Das primeiras perguntas de reconhecimento, passaram para os comentários sobre o que gostavam, quais músicas, filmes etc. Ele ficou surpreso, pois tinham muito em comum. Gostavam das mesmas

coisas, e Siegfried duvidou que ela realmente tivesse somente vinte e um anos, pois possuía um conhecimento cultural raro em alguém com aquela idade. Na verdade, ambos se adoraram mutuamente, ainda mais porque ela lhe disse que se “amarrava” em homens mais velhos, grisalhos etc. Combinaram um novo encontro na sala de bate-papo no domingo. Siegfried sugeriu três horas da tarde, porque ele tinha de ir pela manhã na obra e à tarde descansaria um pouco. Ela pediu que fosse um

pouco mais cedo, a uma hora, porque alegou ter um compromisso de família mais tarde. Não disse que eram os almoços de domingo na casa de Ismail, onde todo mundo se encontrava para saborear a deliciosa comida preparada pela avó Olávia e suas auxiliares.

No domingo, os dois estavam cada um em frente à tela de seu respectivo computador. Começaram a “teclar” a uma hora em ponto e foram até às cinco horas. Ela até largou o almoço na casa do avô. Enquanto ia digitando, ela

preparou um lanche rápido e perdeu a vontade de almoçar. Naquele mesmo dia, Siegfried lhe forneceu o telefone do *flat* e de seu celular. Então, desligaram o computador e ela telefonou em seguida. Foram mais umas duas horas de papo e muitas risadas juntas.

A primeira impressão que ela causou em Siegfried, é que se tratava de um verdadeiro achado, “difícil de acreditar que uma menina de vinte e um anos da Zona Sul do Rio, pois ela mencionou que morava na Gávea, fosse quem dizia

ser, pensava ele. Não era de frequentar a noite, dizia que não gostava de badalação noturna, era fã de Janis Joplin, Jim Morrison, Lenon, Pink Floyd, U2, conhecia a vida de Bob Dylan em detalhes, tinha uma bagagem cultural e intelectual respeitável. O estranho que ela não contou muito sobre a família, só disse que era filha de médico. “Vai ver, deve ser mimada e cheia de vontades”, pensou. No entanto, mostrou-se extremamente agradável, bem diferente de outras garotas de sua idade,

“possivelmente”, pensou Siegfried, “vinha de alguma família excêntrica de classe média alta.” Ela lhe contou que sempre namorou homens maduros, que não tinha queda por meninos mais novos, padrão “mauricinhos”. Em parte ele tinha razão, em parte não. Siegfried se lembrou de um amigo de colégio que foi estudar no Rio de Janeiro, em uma conceituada universidade particular carioca.

Coincidentemente, a mesma em que Roxane estudava. Lá, conheceu uma estonteante herdeira de uma família

poderosa, que adorava chocar os pais. Seus namorados sempre geravam polêmica, ou velhos demais para ela, ou de outro nível social bem mais baixo, como era o caso do seu amigo. A família sabendo do gosto peculiar da moça, não a contrariavam, era pior, eles diziam, ela poderia aprontar. “Talvez fosse a mesma coisa”, pensou, “ela deve gostar de afrontar os pais namorando homens mais velhos”. Mas o que ela não disse é que todos os seus romances eram escondidos da família e dos amigos,



todos mantidos em segredo. Houve apenas dois casos que não ficaram encobertos.

Segunda-feira pela manhã, Siegfried parecia mais animado, embora a situação da obra estivesse naquele momento um tanto quanto ruim. À noite, Roxane ligou, eram dez horas. Ela ligava sempre tarde porque chegava do curso avançado de inglês que fazia e também para aproveitar os descontos do interurbano. Conversaram até uma hora da manhã. Siegfried contava os problemas ocorridos durante o dia,

como era dirigir uma obra que já atingia um contingente de quase 2.000 homens, suas andanças pelo mundo e suas experiências. Roxane o acalmava, conversavam sobre política, os planos de ela se tornar psiquiatra, sua paixão por cavalos, as competições de salto hípico que participara, os livros, a TV, a ONG de meio ambiente e lhe contava sobre os episódios preferidos de “Friends”. Sieg também gostava da série, mas dizia que preferia o “Seinfeld”, o comico americano e seus amigos esquisitos; riam muito.

Ambos adoravam cinema, ela tinha preferência por comédias românticas com Meg Ryan, Tom Hanks, viu várias vezes “Outono em Nova York”, com Richard Gere e Wynona Ryder, onde, segundo ela, encharcou um lençol inteiro de tanto chorar. Gostava também de dramas densos e trillers, viu várias vezes “Uma mente Brilhante”, “Perfume de Mulher” e o “Silêncio dos Inocentes”. Disse que adoraria encontrar um paciente que tivesse a mente do personagem Hannibal Lector, do filme citado. Seus atores

favoritos eram Al Pacino, Anthony Hopkins, Clint Eastwood, Sean Connery e outros grisalhos charmosos, como ela própria dizia. Siegfried relacionava seus filmes preferidos também, tinha predileção por clássicos do cinema antigo, filmes de John Ford, Frank Capra, John Houston e outros, mas não dispensava nenhum filme de Spielberg ou de Ridley Scott. Viu várias vezes Blade Runner, seu favorito. Eles tinham assunto que não acabava mais: música internacional, MPB... os ídolos

nacionais dela: Caetano Veloso, Chico Buarque, as letras de Vinicius, a voz do Tim Maia, da Marisa Monte, da Marina, do Legião Urbana, do Paralamas etc.

A semana transcorreu assim, se falavam todos os dias à noite. Ela, não se contendo, começou a ligar de dia, no celular, mas era rápida.

– Olhe, estou ligando para te mandar um beijo!

Siegfried mal cabia dentro de si, ou então, dizia que estava ligando para ouvir um pouco a voz

dele, pois estava com saudades. Ela tinha se transformado em uma terapia para ele. Somente com ela ele encontrava um pouco de paz. Era um momento de tranquilidade, que o fazia esquecer o que se passava durante o dia.

Ele lhe pedia uma foto, porém ela dizia que estava vendo, que ia tirar, mas nunca mandava. Duas semanas haviam se passado e ele ainda não sabia com quem exatamente estava falando. Ela se descrevia pelo telefone:

“Sou clara, cabelos

cacheados e aloirados. Minha altura é assim etc.”

Siegfried ficava intrigado, uma jovem de vinte e um anos, estudante de Medicina de uma conceituada universidade, com boa cultura, família possivelmente bem posicionada, educada, inteligente; pelo que dizia, não era feia. Como podia não ter namorado? Ele perguntava para ela, e ela respondia o de sempre:

“Apenas me interesse por homens mais velhos, porque eles sabem o que querem e não falam

tantas besteiras. Não gosto de meninos”.

Nisso residia sua dificuldade de ter alguém, se justificava; dizia que não despertava atenção em homens assim, maduros, e ainda por cima disse que, em sua maioria, os homens com mais idade eram separados ou casados, daí ela explicava o fato de estar sozinha: “Com homens casados eu quero distância e os separados, na minha opinião, são complicados, tem ex-esposa, filhos etc., além da oposição de sua família. De fato, a família



dela nunca aceitaria que se relacionasse com um homem divorciado, mas isso era apenas mera desculpa. Ela, quando queria alguém, pouco se importava com estado civil de quem quer que fosse.

Siegfried quase ligou para dona Zulmira para saber se ela conhecia uma amiga íntima da neta de Ismail, já que Zulmira era uma funcionária dos primórdios da Atlas e conhecia bem as netas do velho patriarca. “Certamente, deve conhecer a moça”, pensou. Mas, em

seguida abandonou a ideia, “melhor deixar dona Zulmira fora disso, o que ela pode pensar de mim?”.

Na semana seguinte, depois de passarem todos os dias se falando, ela o chamou no celular. Era segunda-feira. Disse-lhe que tinha algo para lhe contar, seria uma longa conversa.

– Tudo bem, você pode adiantar o assunto?

– Na hora você verá – disse ela rindo, mas um tanto quanto constrangida.

Siegfried estranhou seu tom

de voz. Perguntava a si mesmo o que poderia ser. Mil coisas passaram por sua cabeça, entre as quais que tudo que ouvira até então deveria ser uma enorme mentira, que ela não era quem dizia ser, que não tinha somente vinte e um anos, que era casada, com filhos, e outras coisas mais que se encontra na internet. “Ontem conversamos até tarde e parecia tudo bem, o que terá acontecido?”

Eram dez e meia da noite aproximadamente quando ela ligou. Ela dizia que para não despertar

curiosidade na família, ele deveria esperar pelo telefonema dela. Pedia encarecidamente que ele não lhe telefonasse. Sieg perguntava por que, e ela repondia que o pai e os irmãos viviam fazendo conjecturas a seu respeito, que iriam perguntar de quem se tratava, e isso lhe causaria um enorme transtorno. Siegfried resolveu acatar o pedido. Dessa forma, sempre na hora marcada, ele esperava pelo seu chamado. Siegfried brincava que parecia que ela era uma mulher casada, que tudo tinha de ser

escondido, e ela dizia que era mais ou menos assim e ria.

Ele atendeu o telefone e lhe disse em tom de brincadeira que havia ficado assustado quando ela disse que tinha de ter uma longa conversa com ele.

– Eu não sei como você vai receber a notícia que vou lhe dar.

– Fale! Arrumou outro?

– Outro? De jeito nenhum! Imagine! Onde eu arrumaria outro como você? Um quarentão solteiro! Isso é raridade – riu.

– Então, o que é? Deixe-me

ver, você não é quem diz ser,  
acertei?

– Mais ou menos, nem tanto.

– Diga então! Você é casada?

Tem filhos?

– Nada disso!

Ela parecia não ter coragem  
de dizer.

– Fale, moça! Vamos! Diga à  
queima-roupa! – riu.

– Bom, em primeiro lugar,  
não sou amiga de uma das netas de  
Ismail. Sou uma das netas dele, meu  
nome não é Rosana, é Roxane, sou  
filha do Leon.

– Você está falando sério?  
Roxane? Sabe que até gosto desse  
nome? É uma das minhas músicas  
preferidas do The Police, conhece?  
– disse debochando.

– Claro que conheço! É uma  
das minhas preferidas também.  
Estou falando sério, meu nome  
verdadeiro é Roxane!

Siegfried ficou em silêncio  
por alguns instantes.

– Fale alguma coisa, por  
favor! – pediu ela.

– Estou pensando.

– Pensando no quê?

– Como vai ficar agora –  
respondeu. Ele ficou quieto por  
mais um tempo, e em seguida falou:  
– Acho que teremos de dar um  
tempo.

“O que, em outras palavras,  
quer dizer: melhor eu sumir, antes  
que isso acabe mal”, pensou.

– Eu já esperava por isso –  
ela disse.

– Por que não me disse  
antes?

– Se eu falasse, você  
certamente cairia fora, já me  
aconteceu antes, quando sabem de



quem sou neta e filha, somem.

Com relação a isso, ela se referia a Rodolfo, um advogado tributarista, cinquentão, amigo do avô e do pai e consultor da Atlas, que tão logo se divorciou, Roxane revelou ao próprio que era apaixonada por ele desde que o vira, e isso se deu havia cerca de três anos. Rodolfo, na época, era casado, e Roxane tinha dezoito anos. Ele, polidamente, a rejeitou, alegando que certamente perderia a amizade da família caso consumasse qualquer tipo de relacionamento

com ela. Com isso, ela diria a Siegfried que devido aos laços familiares ela teve de sufocar uma paixão, mas não mencionou que era Rodolfo, nem Siegfried quis saber quem era. Mas ela também não lhe disse que muitos se aproximaram dela exatamente por esse motivo, por ela pertencer a uma família rica e poderosa.

– Será mesmo? – perguntou ele. – Não deve faltar pretendentes para você, e, certamente, não sou o tipo de pessoa que sua família aceitaria.

Surpreendentemente, ela respondeu que não passava pela cabeça dela algum tipo de compromisso, e algo como apresentá-lo à família, era uma ideia totalmente fora de questão.

– Então, por que vou querer ter alguma coisa com você? Você é do tipo que gosta de aventuras, não é? Gostar de “ficar”, de ter relacionamentos casuais, é isso? – Siegfried perguntou.

– Já tive relacionamentos casuais, sim, mas primeiro tenho de conhecer bem a pessoa e avaliar se

vale a pena ter um futuro em comum. Depois sim, posso apresentar à minha família.

Quem a conhecia bem, sabia que tal afirmação era uma mentira.

– Se quer mesmo dar um tempo, vou aceitar. Não posso fazer nada – ela disse.

– Eu acho que seria melhor para nós dois. Estamos nos envolvendo, e no início fica bem mais fácil terminar do que depois. Neste momento, as sequelas serão menores do que mais tarde. Veja bem, sou um simples funcionário da

empresa de sua família, e eles, se um dia souberem do meu envolvimento com você, não vão gostar nadinha. Conheço a forma de eles agirem e pensarem, no mínimo, vão achar que quero dar um golpe, ainda mais sendo eu um quarentão e você praticamente uma menina.

Roxane, àquela altura, já estava com os olhos lacrimejando. Antes que começasse a dar vexame pelo telefone, resolveu se despedir, dizendo que o melhor seria não se falarem mais, que aquilo tudo fora só um momento de impulsividade,

um desatino. Aliás, Siegfried descobriria mais tarde que esses desatinos eram algo típico dela.

Ao desligar, Siegfried ficou aturdido. Nunca, nem em sonhos, poderia supor que fosse uma das netas de Ismail, sobrinha de Salomon e filha do doutor Leon, que, segundo o boato que corria, estava cotado para ser ministro ou candidato a deputado ou senador com a ajuda do senador J.

Naquela noite, ele ficou às claras. Pensava em Roxane, nos problemas da obra, e pedia a Deus

para que o irmão adquirisse um pouco de juízo, mas era ela que dominava seu pensamento.

Amanheceu e ele se sentia moído, saiu do *flat* e, como sempre fazia todas as manhã, pegou Bruno e outro colega. Naquele dia, permaneceu em silêncio durante quase toda a viagem para a refinaria. Por mais que tentasse disfarçar, seus dois companheiros notaram que algo estava acontecendo, mas como na obra havia problemas sem fim, pensaram que fosse algo relativo ao trabalho.

Ao chegar no escritório do canteiro de obras com seu computador pessoal, checou a caixa postal de e-mails que, em geral, vivia lotada de pessoas que lhe enviavam currícula, mensagens de amigos, fiscais, conhecidos, funcionários da Atlas, do departamento de RH e outros mais. Uma das mensagens com as quais deparou era dela. Tratava-se um longo texto, em que, entre outras coisas, dizia que a perdoasse, que poderiam ser bons amigos e que se definia com uma romântica incurável, capaz de cometer



loucuras por uma paixão etc.

Siegfried respondeu com uma breve mensagem, disse que não gostava de mentiras, que poderia ter dito logo, mas no fim concordou que poderiam se tornar bons amigos. À noite, foi para a academia, pretendia encontrar Lídia e tirar Roxane da cabeça. O mais incrível era que ele a vira apenas de relance, e nem sequer se lembrava como ela era exatamente. No entanto, estava gostando dela. Uma semana de conversa e se sentia totalmente envolvido, ele mesmo me disse que,

àquela altura dos acontecimentos, a aparência dela era o que menos importava. A procura por Lídia foi infrutífera, parece que ela mudara de horário. Passou e-mails para ela, mas não obteve resposta imediata. “O que terá acontecido com Lídia?”, questionou-se.

A terça-feira passou com Siegfried totalmente voltado para o trabalho, mas ainda estava com Roxane na cabeça. Tentava resolver os problemas que apareciam e “tourear” a fiscalização, que exigia que fosse implantado um turno

noturno. Siegfried tentava equacionar o custo adicional que isso acarretaria.

Eram cinco e meia da manhã de quarta-feira quando o telefone tocou. Siegfried acordava cedo, mas ainda dormia e acordou sobressaltado. Pensou que fosse algo com sua mãe, que estava com a saúde debilitada. Para sua surpresa, era Roxane, que, segundo ela, não tinha conseguido dormir por duas noites.

– É você? Mas que susto! Pensei que tivesse acontecido algo

com minha mãe.

– Você não disse que acordava cedo? Pensei que já estivesse acordado. Desculpe.

– Bem, fiquei surpreso.

– Olhe, mandei minha foto para o seu e-mail, quando você abrir vai ver quem eu sou.

– Ah, mandou? Vou ver. Vou matar minha curiosidade.

– Estou te ligando para te dizer que podemos ser bons amigos, não precisamos deixar de nos falar.

– Sim, sem problemas.

Podemos nos tornar amigos, claro!

A conversa prosseguiu por mais vinte minutos. Siegfried se despediu dizendo que tinha de se arrumar e sair para pegar mais dois colegas.

Ao chegar na empresa, foi para sua sala e ligou o computador. Como de costume, havia dezenas de mensagens, mas viu o da **odalisca** com os anexos de suas fotos, totalizando cinco fotografias. “Uma moça bonita, melhor até do que pensei”. No entanto, parecia que já a tinha visto em algum lugar. “Onde?”, perguntou-se intrigado.

“Parece-me alguém familiar. É estranho, uma moça culta, ótima aparência, conectada com o seu tempo, capaz de sustentar qualquer tipo de conversa, e, no entanto, não tem ninguém, nenhum namorado!”

Roxane, por sua vez, no dia em que enviara suas fotos por e-mail, mal se continha, a ansiedade a matava, ficou nervosa o dia todo, trancou-se no quarto, saiu, voltou, não foi à aula, brigou com os irmãos, discutiu com a mãe, ligou para Maria Alice e contou tudo que estava se passando; ficou mais de

hora no telefone com ela. Todo mundo se perguntava o que estaria acontecendo com Roxane; e todos foram unânimes, só podia ser algum namorado. A especulação somente complicou ainda mais sua vida naquele dia e nos que se sucederam, pois a notícia chegou aos ouvidos de Leon, que queria saber se ela tinha alguém e quem era. Sua cabeça girava a mil por hora: “E se ele me achar feia? Se não gostar? O que eu faço agora?”.

À noite, cerca de onze horas, ela ligou de novo, queria saber se

ele vira a foto, e o que achara. Perguntou primeiramente em tom de brincadeira, mas pensando seriamente, se ele havia levado um susto quando abrira o e-mail.

– Evidente que não – respondeu ele.

Conversaram por uma hora. Siegfried, disse-lhe que gostou de suas fotos, mas que tinha a impressão de tê-la visto em algum lugar. Ela gelou, porque certamente ele poderia se lembrar dela e de João Paulo no *hall* do hotel, mas ela desconversou e também



desconhecia que ele a vira do lado de fora da casa dos avós quando entrou em uma Mercedes Benz negra.

Siegfried confessou estar admirado, por ser ela uma moça tão bonita, culta, interessante, e, no entanto, estar sozinha.

– Você deve ser muito seletiva? Não é? – perguntou ele.

– De certa forma sim. Um cara para me impressionar tem de ter certa bagagem cultural, tem de ser educado. Não precisa nem ser bonito, tem de saber tratar uma

mulher, se não não dá – disse rindo. Prosseguiu: – E, homens assim, só se encontra na faixa de trinta e cinco para cima. Até fiz algumas tentativas com alguns mais jovens, mas foi uma decepção.

– Há quanto tempo está sozinha?

– Acho que faz cerca de seis meses.

Roxane lhe disse que o último namorado foi um professor chamado Ernesto, que fora embora para Campinas. Ela contou brevemente, mas sem os principais

detalhes, o que se passara entre ela e o tal professor. Ela falou que tinha terminado o namoro com ele, e que, desde aquela época, permanecera sozinha, sem ninguém. Obviamente, omitiu os vários casos que tivera via internet, João Paulo e os encontros relâmpagos com Tarcísio, além dos flertes com o cirurgião plástico Altair e com um professor chamado Haroldo, que dava aulas de Farmacologia. Ainda alimentava no fundo uma pequena esperança que um dia Rodolfo pudesse lhe dar uma chance, sem falar em vários outros

casos. Roxane e Ernesto, mesmo longe um do outro, ainda mantinham contato, mas fazia quatro meses que não se falavam. Não houve um término formal de namoro, simplesmente foram se afastando um do outro por causa da distância e das circunstâncias.

A história que ela contou foi que, ao entrar no curso de Medicina, foi acometida por uma paixão fulminante por ele, um professor de bioquímica bonito de São Paulo, de quarenta e dois anos, que fazia muito sucesso entre as alunas.

Roxane tinha queda por intelectuais e amores platônicos. Tipos assim a perseguiam desde a adolescência. De modo geral, homens difíceis, às vezes comprometidos ou que possivelmente se constituiriam em um desafio eram o que a movia. Para ela, quanto mais difícil, melhor. Usando artimanhas diversas, foi ela quem levou a melhor sobre as demais, mas só se declarou às vésperas de ele se transferir em definitivo para outra cidade, isso porque ele recebeu um convite irrecusável para lecionar em

uma universidade de Campinas, mas ainda daria aulas em outra instituição de ensino superior na cidade de São Paulo. Como ele e a família eram de Campinas, achou melhor voltar, para desespero de Roxane. Encontraram-se poucos dias antes de ele viajar. Fizeram sexo e ele prometeu que voltaria para um novo encontro, assim aconteceu. O romance deles foi mantido em segredo, somente Maria Alice e a tia Sílvia sabiam da história. Em primeira instância, ela omitiu de Siegfried que Ernesto a

convidara para se transferir para lá. Ele arrumaria tudo e ainda propôs de morarem juntos, o que a fez tremer na base. Na época, ela ainda iria fazer vinte anos e não passava por sua mente qualquer tipo de compromisso assim, muito menos se juntar a alguém. Em seus planos, ela não consumaria união alguma antes de pôr a mão em um título de doutorado nos Estados Unidos. Ela argumentou que a família nunca aceitaria ela morar com alguém, que eles eram bem conservadores; ele então sugeriu que ela podia morar

com outras alunas que ele conhecia. Ou então, ele poderia pagar um apartamento apenas para ela; ele permaneceria no dele, a fim de não criar problemas para ela e a família. Se quisesse, podia conseguir uma transferência para a Faculdade onde ele dava aulas na cidade de São Paulo, já que ela possuía numerosos parentes naquela cidade. Ela pediu um tempo para pensar. Ernesto concordou, mas iria lhe cobrar uma posição. A cada vinte dias, às vezes um mês, ele ia ao Rio para se encontrar com ela. O semestre



terminou e ele insistiu para ela ir embora estudar em Campinas ou São Paulo. Estava tudo certo, faltava somente ela se decidir, porém ela nunca resolvia, tinha medo. Na verdade, Roxane só mantinha o interesse por alguém até o momento de sua completa conquista sobre a pessoa. Estando esta pessoa apaixonada por ela, o interesse dela diminuía, por esse motivo estava protelando sua decisão indefinidamente, até que um dia, cansado de tanta indecisão, ele terminou tudo. Passaram-se alguns

dias e ela começou a ligar para ele desesperadamente. Ele lhe cobrou uma decisão, e ela, já sem controle, fez as malas e foi para a Rodoviária. A família descobriu em cima da hora que Roxane estava fugindo e a trouxe de volta. Leon quis saber quem era o tal homem. Ela lhe contou tudo e ele achou que a filha havia sido seduzida por um homem mais velho, que queria se aproveitar dela etc. Em um primeiro momento, pensou em mandar matá-lo, porque ele tinha em mente que sua filha era inocente e havia sido abusada e

enganada por um espertalhão que queria levar algum tipo de vantagem. Laura, a muito custo, demoveu-o dessa intenção. No fundo, dificilmente Roxane consumaria algum tipo de compromisso longo com Ernesto, porque seu prazer era a conquista; quanto mais difícil a pessoa, mais esforço ela fazia para conseguir seu intento, que uma vez alcançado, a fazia perder o interesse e ela rompia o relacionamento.

Siegfried na época, como não estava totalmente envolvido

com ela, apenas ouviu o que ela lhe contou. Processou as informações e tirou suas conclusões; acreditou que houvera um rompimento do namoro, mas o nome de Ernesto sempre viria à tona nas futuras conversas em que teriam, e seria tema de inúmeras brigas entre eles. Siegfried concluiria, mais tarde, que o tal professor um dia poderia voltar.

E, durante o restante da semana, todos as noites eles conversaram. Da mesma forma que Siegfried lhe perguntava o porquê de ela estar sozinha, sendo uma pessoa

tão interessante, ela lhe devolvia as mesmas perguntas:

– Você nunca se casou?

Nunca morou junto? Por quê? Está sozinho há quanto tempo? Está paquerando alguém em BH?

Siegfried lhe respondia que nunca se casara, falava vagamente de seus relacionamentos anteriores, porque ela queria saber. Ela sentia ciúmes, e ele dizia que era solitário por obra do destino, falta de sorte, coisas assim, mas não mencionou Beatrice. Por sua vez, ela lhe contou que só tivera em toda sua vida três

namorados e quatro paixões. Não forneceu detalhes ou nomes, o único mencionado foi Ernesto. Disse ter namorado outro homem quarentão, mas não quis lhe dar detalhes. O outro, foi um rapaz, filho de uma influente família sírio-libanesa chamado Michel. Os pais faziam muito gosto que desse certo, mas ela acabou se interessando pelo tio dele. Disse que sofreu muito por um colega de colégio chamado Rodrigo, que o perdeu para a prima Samara, e depois esta o repassaria para uma das irmãs “fatais” da escola, a

Adriana. Siegfried, a princípio, deu pouca importância àquelas histórias, apenas as ouvia.

A conversa diária entre eles somente teve uma pausa no sábado, quando ele foi visitar a mãe no interior do Rio de Janeiro. No domingo, quando já havia retornado a Belo Horizonte, lá estavam de novo ao telefone. Ela não descansava, fora os e-mails que todo dia lhe mandava, eram mensagens das mais variadas.

## O Destino Conspira

Sabendo que com Roxane não ia ter futuro algum, pois, em sua opinião, naquela época, ele se convenceu de que estava diante de uma “maluca”, tentou localizar Lídia. O ex-noivo desta terminou seu relacionamento com a tal desquitada e arrumou um emprego fixo em Palmas, a capital do novo



estado de Tocantins, uma vez que em Belo Horizonte vivia de serviços temporários. Como ele era um tipo de pessoa que não suportava a ideia de ficar sozinho, nem que fosse por pouco tempo, tentou voltar para Lídia e retomar seu noivado com ela, com pretensões sérias de casamento. O pedido a deixou balançada, pois passava por sua mente que não queria ficar para “titia”. Além disso, ele prometeu arrumar um emprego para ela na área de Engenharia, que era o seu sonho, uma vez que Palmas era uma

cidade que crescia muito – “uma nova Brasília”, ele dizia, “onde tudo ainda estava por fazer”.

A opinião que Lídia desenvolveu sobre Siegfried era de que ele era um solteirão convicto, ou talvez tivesse uma namorada no Rio de Janeiro e procurava algum “passatempo” em Belo Horizonte, ou mesmo, que não tinha gostado dela e que, possivelmente, depois que passasse bons “momentos” com ela, envolvendo sexo, iria deixá-la; suspeitava que estaria escondendo sua vida sentimental, que não era

possível um homem daqueles estar sozinho.

A verdade era que Siegfried não escondia nada, ele não tinha compromisso com ninguém, muito menos com alguém no Rio de Janeiro. Ela se sentiu atraída por ele, pois era um homem charmoso, bem posicionado, mas achava que, provavelmente, casamento não devia estar em seus planos. Então, não teve dúvidas, mais valia um pássaro na mão do que dois voando. Assim, reatou seu noivado às pressas com seu antigo namorado e

viajou com ele para Palmas, a fim de escolher sua futura morada.

Na semana seguinte, Siegfried, não encontrando Lídia na academia, ligou para o celular dela. Deu fora de área. Então, ele ligou para a casa dela e a mãe atendeu e lhe disse que a filha havia viajado, sem revelar, no entanto, para onde tinha ido. Disse que talvez voltasse em uma semana. Siegfried deixou recado e a mãe, uma senhora discreta, não revelou que Lídia tinha reatado o noivado e que estava em Palmas com o noivo.

Parecia que o destino conspirava contra ele, pois se tivesse tido a sorte de ficar com Lídia, sua vida seguiria por outro rumo.

Como de costume, a semana de Siegfried transcorreu de forma rápida. O ritmo da obra era intenso e ele mal tinha tempo para respirar; andava no campo pela manhã a fim de agilizar os trabalhos, pois era só ele aparecer, que todos os operários corriam de um lado para outro. Ele andava pelas principais frentes, chamava os supervisores e

engenheiros e questionava por determinada tarefa, quando ficaria pronta, como estava isto e aquilo, e assim por diante. Sempre escutava queixas e reclamações, de todos os tipos, e tentava resolver tudo de imediato. Muitos chefes, normalmente, ouvem pouco os subordinados, mas isso não acontecia com ele, que lhes dava atenção e lhes dizia bom dia! Pequenos gestos como estes eram capazes de realizar prodígios com os trabalhadores comuns, que davam grande valor a esse tipo de

tratamento. Em paralelo com o andamento dos serviços, ele ainda cuidava a distância da obra de Niterói e pensava em como ganhar a concorrência da construção de uma petroquímica em Manaus. Havia ainda a possibilidade de expandir os negócios na refinaria, pois em breve mais três concorrências seriam anunciadas, o que beneficiaria a Atlas, uma vez que eles já estavam instalados, e com isso entrariam com certa vantagem sobre muitos concorrentes. Dessa forma, esperava fechar o ano com a gerência dando

lucro e assim obter um ou mais salários de prêmio ao fim daquele ano, conforme acordo que fizera com Salomon ao entrar na empresa. Tinha esperança de compensar o que gastara com a dívida do irmão, pois este nem sequer tocava mais no assunto de lhe devolver o dinheiro que tomara emprestado.

Como sempre acontecia, à noite Roxane ligava para ele religiosamente. Siegfried ficava impressionado com a erudição dela, discutia qualquer assunto, numa noite era sobre os filmes de Wood



Allen, noutra ela discorria sobre cavalos de raça, e falava do sonho que o avô tivera em vê-la um dia na Seleção Olímpica de Equitação, mas dizia que montava por prazer, não para competir. Uma noite, contou a Siegfried que ela “fantasiava” uma viagem dos dois juntos para Buenos Aires, cidade que gostou muito. Ambos dançariam tango, tal e qual Al Paccino, no filme “Perfume de Mulher”. Ela disse ser apaixonada por esse tipo de música portenha e também pelo ator. Naquela noite, conversaram longamente sobre o

filme e outros em que Al Pacino estrelou; eles tinham assunto que não tinha mais fim.

Siegfried, aos poucos foi se envolvendo. Confessou-me, mais tarde, que ela acabou por fasciná-lo. No entanto, apesar de haver muitos pontos em comum entre ambos, havia também algumas divergências. Conversa vai, conversa vem, acabaram por falar de sexo. Roxane lhe contaria com todas as palavras, que, ao contrário do que muitas mulheres apregoavam, ela poderia fazer sexo

sem envolvimento emocional, “prazer pelo prazer”, dizia. Isso, a princípio, causou-lhe estranheza, porque era algo meio incomum para uma mulher admitir. Na verdade, apesar de conhecer alguns casos reais, nunca tinha ouvido de ninguém esse tipo de confissão. Quando Siegfried tentou entrar mais a fundo e obter detalhes, ela desconversou, dizendo que era em tese, ou seja, ela pensava assim, mas não agia dessa forma. Bem, isso foi o que ela disse, mas a situação real era bem outra, pensava e agia assim.

Mesmo depois de tentar minimizar o que disse, Siegfried ficou bem desconfiado que talvez ela pudesse ter alguma espécie de amante secreto, ou, talvez, mais de um, ou até mesmo que ela não inspirava confiança.

De fato, muitos homens mesmo nos dias atuais, jovens ou maduros, não veem com bons olhos uma mulher que sabidamente tenha tido vários amantes. Existem até tratados, teses e livros que versam sobre esse tema. “Uma mulher com um pretenso ‘passado’ seria

confiável? Será que não serei apenas mais um? Quem será o próximo da fila?”, pensou. Isso, de certa forma, o inquietava. Ela disse ter namorado cerca de quatro homens, mas, no entanto, transparecia ter sido bem mais.

Sua suspeita tinha razão de ser. Ela tivera vários amantes, mas naquela época, ou naquele período em que ela se interessou por ele, não teve ninguém. Outro ponto em que não combinavam era que Siegfried procurava um relacionamento fixo, já ela, compromisso nem passava

por sua mente. Apesar de saberem disso, ambos estavam em um processo de enamoramento. “Será que ela mudará de ideia”, perguntava-se. E ela se torturava com a falta de controle que se abateu sobre si mesma, pois odiava se apaixonar, pelo menos naquele momento, porque seu plano principal era se formar, fazer especialização no exterior e passar um tempo lá, ou, quem sabe, fazer a sua vida no estrangeiro. Era o jeito que encontrou de se ver livre das amarras dos pais.

Siegfried acabou se deixando levar para ver no que podia dar. No fundo, sabia que não daria em coisa alguma, mas preferiu fechar os olhos. Ignorou seu instinto que lá no fundo dizia que o melhor era sair fora. Pensou em dar um basta, mas relutou, tal era o número de vezes que ela ligava. Ele ficou com medo que ela fizesse algum tipo de besteira, caso ele a mandasse tomar outro rumo.

Da mesma forma que ela chamava várias vezes ao dia, ele fazia o mesmo, pois nem sempre

atendia o telefone na hora em que ela chamava, pois, às vezes, estava em reunião com o cliente ou com seu próprio pessoal. Numa das ocasiões que ele ligou, sua tia Sílvia e Maria Alice estavam com ela. Roxane não conseguiu esconder seu semblante quando falava com ele e, ao ser interpelada pelas duas, acabou confessando que estava gostando de alguém. Maria Alice desconfiara, pois até tivera uma participação naquilo, mas Sílvia, ao saber que se tratava de um homem bem mais velho e que morava em



outra cidade, desaprovou e a aconselhou que procurasse alguém mais condizente com ela, de sua idade ou próxima. Roxane lhes pediu segredo. Não contou tudo sobre Siegfried, não revelou seu nome, nem que era funcionário da empresa da família. Somente Maria Alice ficou sabendo de tudo.

O mês de setembro de aproximava, ainda restava um pouquinho do inverno. Belo Horizonte tem um clima bem ameno, não é tão quente quanto o Rio de Janeiro no verão, mas é um

pouco frio no inverno para os desacostumados, o que lhe confere um charme bem especial. Siegfried, apesar de estar gostando de BH como os mineiros a chamam, sentia falta do Rio de Janeiro, do alto-astrol que a vista do oceano lhe causava. Um dia exaustivo era recompensado logo ao chegar à Barra da Tijuca. “A praia está me fazendo falta”, pensou. Sentia falta das caminhadas à beira-mar, da brisa marinha, de sua casa e de seu estilo de vida de outrora. No início do mês, teria de ir ao Rio de Janeiro

para pagar as contas, verificar se tudo estava em ordem no apartamento, visitar os pais no interior, tentar renegociar as parcelas intermediárias com o incorporador, pois não tinha restado um só tostão para o pagamento e agora tinha aparecido mais um motivo: Roxane. Também havia as reuniões de apresentação de custos da Atlas. Ele mandaria um representante, o Isaque. Checou os relatórios, que pareciam estar em ordem, mas sempre desconfiava dele, e não via a hora de contratar

alguém específico e de confiança para fazer o custo da obra e cuidar do caixa. Dessa forma, esperava conseguir um pouco mais de tempo para lidar com seus problemas pessoais, e finalmente teria a oportunidade de conhecer Roxane. Ela, porém, não estava muito disposta a encontrá-lo. Estava travando uma luta consigo mesma, inconscientemente gostava dele, mas conscientemente o rejeitava. Uma hora achava que a grande diferença de idade entre eles era um empecilho, paradoxalmente só se

interessava por homens mais velhos ou por homens cuja conquista fosse algo que poderia se constituir em um desafio. O que fazer?

perguntava-se para si, tentava se aconselhar com Maria Alice, que também não ajudava em nada. A tia Sívia lhe dizia que o tirasse da cabeça, “Aquilo tudo era mais uma empolgação”.

Nas conversas diárias entre ambos, Siegfried lhe disse que no início do mês estaria no Rio de Janeiro. Era no próximo fim de semana, poderiam se conhecer e ele

matar a curiosidade, já que ela o viu pessoalmente, e ele a conhecia somente por fotografias. Roxane concordou, mas em seu íntimo já pensava em um meio do tal encontro malograr. Siegfried, uma pessoa treinada e experiente, sentiu pelo tom de voz dela, que alguma coisa havia de errado. Insistiu, perguntando se ela estava com problemas. Ela dissimulou, dando como desculpa que estava em provas, muitos trabalhos para serem apresentados e que a ONG em que ela prestava serviços voluntários

estava programando uma campanha beneficente naquele fim de semana. E de fato estava, mas ela não era obrigada a ir, apenas respondeu secamente que daria um jeito de encontrá-lo.

– Eu estava planejando almoçarmos juntos ou jantarmos – disse ele.

– Pois é, eu estou tão atarefada, mas vou dar um jeito de vê-lo. Não sei se desta vez vai ser possível um jantar ou um almoço, mas vamos nos ver, sim – respondeu sem muita convicção.

Depois de desligarem o telefone, Siegfried achou que ela não apareceria.

Roxane estava atônita, o que ia fazer? “Com esse é diferente, se fosse apenas sexo não teria problema algum, mas estou gostando dele”, pensou. E isso a deixava incomodada. Suas duas paixões anteriores acabaram mal, e a sombra desses romances malsucedidos ainda pairavam no ar.

Na noite de quinta-feira daquela semana, Siegfried tomou o avião rumo ao Rio de Janeiro.



Esperava tirar a sexta-feira para resolver seus problemas pessoais e programava se encontrar com Roxane à noite ou no sábado. Escolheria um restaurante apropriado, discreto e romântico, para que não fossem vistos, uma vez que essa era condição que ela tinha exigido para o encontro. Teria de ser em um local distante. Pensou em ir para a serra, talvez Teresópolis, ou Friburgo, ou Penedo, no Sul do estado a pouco mais de duas horas do Rio de Janeiro, próximo à Serra da

Mantiqueira; ou em um lugar na Zona Oeste da cidade. Não podia ser em nenhum lugar badalado nem muito movimentado, porque ela não queria ser vista, obviamente, Siegfried também não, porque se descobrissem que ele estava de caso com a neta do dono da empresa em que trabalhava, certamente seu emprego correria perigo e isso também martelava sua cabeça.

Na sexta-feira durante o dia, ele estranhou que ela não ligou para ele nenhuma vez, e todas as tentativas que fizera foram em vão.

“Tem alguma coisa esquisita no ar”, pensou. Siegfried aproveitou sua curta estada para tentar pôr o papo em dia com seu amigo Carlos José, o Cazé, que estava às voltas com as perseguições de Linhares, que tentava transferi-lo para o interior da Bahia, na construção de uma fábrica de papel a fim de afastá-lo do escritório e de Silvana. Cazé resistia, mas lhe deram um ultimato: Ou vai, ou rua. Ele acabou indo, mas o que pesou em sua decisão foi que Silvana arrumou outro homem, saiu da empresa e deu

um fora em definitivo nele, e, posteriormente, em Linhares. Siegfried ainda tentaria salvar Cazé do “exílio”. Tinha um plano já acalentado havia tempos de contratar um gerente de planejamento para dividir com ele a tarefa que se mostrava imensa. Pensava em ter o amigo ao seu lado para fazer os orçamentos de novas concorrências que estavam acontecendo, já que Nelson não estava dando conta, e caso ganhassem a obra, Cazé faria o planejamento inicial. Dessa forma,

começariam com o pé direito, e o amigo também o ajudaria na tarefa de gerir novos empreendimentos que estavam aparecendo no canteiro de Niterói e que ele não estava conseguindo dar atenção por estar em Belo Horizonte. Mas a tentativa de Siegfried esbarrou em Salomon, que foi contra, argumentando que antes teria de “pôr mais obra para dentro”, e “aí sim, se pensaria em um gerente de planejamento”. Mas como ele arruamria mais obras, se não tinha tempo de sair para buscar novos projetos, uma vez que a

refinaria o consumia totalmente?  
Não teve jeito, Cazé foi para a  
Bahia.

Somente à noite, Roxane atendeu o telefone se dizendo exausta de tanto estudar, que tinha prova no dia seguinte e que teria de virar a noite estudando, ela e mais um grupo. Siegfried mal se conteve de ira. Ela falou que faria um esforço para um encontro durante o dia no sábado quando saísse da universidade, talvez à tarde ou à noitinha. Apesar de ficar irritado, ele acabou por aceitar as

explicações dela. Esperou por ela no sábado, e nada. Ligou inúmeras vezes sem sucesso; por fim, resolveu ligar para a casa dela e uma das empregadas atendeu, dizendo que todos haviam saído e não poderia dar mais informações. Siegfried passou o dia e a noite de sábado sozinho. No domingo bem cedo foi visitar os pais no interior e planejou retornar à tarde para pegar o avião de volta a Belo Horizonte. Passava do meio-dia quando ela ligou para ele, pedindo desculpas. Ele quis saber o que tinha

acontecido, embora sua vontade era esculhambar com ela e terminar tudo, mas se conteve, “vamos ver o que ela tem a dizer”, pensou. Ela explicou que Ismail, na sexta à noite, teve uma crise de hipertensão e foi internado com urgência, sendo submetido a uma angioplastia no sábado. Suas veias estavam entupidas e ele corria risco sério de morte. Toda a família correu ao hospital. De fato, ela tinha falado a verdade, e foi o álibi perfeito que o acaso arrumou para justificar sua ausência, porque, de qualquer



forma, ela não apareceria para se encontrar com ele. Apesar do motivo de sua ausência até se justificar, ela respirou aliviada ao se ver livre do tal encontro e, ao mesmo tempo, culpando o destino pelo ocorrido.

Siegfried, apesar de ficar surpreso ao saber do problema de Ismail, não era homem de se deixar enganar facilmente e entendeu que Roxane tinha algum tipo de fobia, algo bem superior a ela, que a impedia de se entregar a qualquer tipo de relação. Ele notou todos os

sinais claramente e concluiu que dificilmente Roxane se encontraria com ele naquele fim de semana. Duvidou até que um dia iriam se encontrar.

Completamente frustrado, ele voltou a Minas Gerais, onde atribulações de todos os tipos o esperavam. Não fez mais planos de um novo encontro e decidiu que na segunda-feira terminaria com tudo, mesmo ela tendo a justificativa da doença súbita do avô.

Durante o dia, ainda bem cedo, Roxane ligou. Siegfried se

dirigia ao trabalho, estava no carro com os dois companheiros de serviço. Não foi a primeira vez que eles presenciaram as ligações dela, sabiam mais ou menos que Siegfried tinha alguém no Rio de Janeiro, mas desconheciam quem poderia ser. Ele nunca lhes forneceu qualquer detalhe sobre a pessoa, apesar da curiosidade dos dois. Siegfried atendeu secamente e respondeu que queria ter uma conversa séria com ela à noite. Em seguida, desligou. Roxane ficou apreensiva. Começou a ficar

nervosa e procurar mais desculpas a respeito de sua esquiva em não ter aparecido para se encontrar com ele. Às onze horas da noite, Siegfried ligou para ela e, sem mais delongas, disse-lhe que tinha ficado muito frustrado por ela não ter aparecido e que achava melhor que terminassem com o namoro virtual e por telefone. Roxane já esperava por isso e se desdobrou em explicações. Apesar de jovem, ela, quando queria, conseguia convencer. Argumentos não lhe faltavam e Siegfried lhe respondia que eram somente

desculpas que ela estava arrumando. Ela pedia provas concretas sobre as suspeitas dele, e ele disse que não as tinha, mas que não era idiota; sua experiência de vida e sua intuição não deixavam dúvidas. Roxane chorou ao telefone, e a conversa deles se prolongou até as duas da madrugada, com Siegfried voltando atrás em sua decisão. Ela propôs se encontrarem em Fortaleza, em outubro, portanto, um mês depois, pois haveria um congresso de Psiquiatria na cidade e poderiam passar um fim de semana inteiro

sem interferência, ou, quem sabe, até mais dias. Siegfried duvidou muito que os pais dela concordariam em deixá-la viajar sozinha para tão longe para participar de um congresso, pois ela frisava bem nas conversas que o pai e a mãe estavam sempre nos seus calcanhares.

Naquela semana, Roxane experimentaria um verdadeiro inferno astral. Quando a conta de telefone da casa dela e de seu celular chegaram, o valor era absurdo. A mãe, que sempre lhe

dava dinheiro, quando soube quis saber o porquê daquilo tudo. A conta do celular dela normalmente girava em torno de 200 a 300 reais, mas aquela era de 1.000 reais. A da residência chegou em 2.000 reais, quatro vezes o valor que costumeiramente pagavam. Laura quis saber o motivo, pois desconfiou que a filha escondia algo. Falou duro com ela que, pressionada, confessou para a mãe que estava falando com um homem que morava em Belo Horizonte. Laura quis saber detalhes, quem era e o que fazia.

Roxane disse que era um engenheiro, de quarenta e cinco anos, que conhecera pela internet.

“Pela internet?”, perguntou Laura indignada com a filha. “Você ficou louca? Então não sabe que na internet só tem louco? Não vê o que aparece nos jornais todos os dias? Quantas pessoas desaparecem depois de marcar encontros via internet.”

Laura exigiu o fim daquele pretenso romance de imediato, sob pena de lhe tirar o carro, a mesada e mais o que tivesse de regalias.



Laura se recordou dos dois últimos envolvimentos sentimentais “conhecidos” de Roxane, que ainda a assombravam e deixaram marcas profundas em sua filha e na família. Não queria de modo algum que aquilo se repetisse, temia que uma nova aventura fizesse sua filha se perder e atirar o nome dos Armadunians na lama.

Uma das assombrações fora Ernesto e a outra, a mais marcante, fora Frederico.

## **As Aventuras e Desventuras de Odalisca**

Frederico Lanuse foi o verdadeiro homem da vida de Roxane. Ernesto e Siegfried teriam sido meras tentativas de substituição da presença forte que este causara em sua vida, pois eles apenas estavam distante um do outro, nunca de fato romperam. Fora

com ele que ela se realizou plenamente, segundo confienciava, e ele foi seu primeiro homem. Pode-se considerar que ela, ao conhecer Frederico, era tecnicamente virgem, ou seja, ainda não tivera o seu hímen rompido, mas já tinha uma vida sexual ativa naquela época. Roxane iniciou suas primeiras experiências sexuais aos treze anos, com o primo Mateus, um ou outro primo de São Paulo que, às vezes, iam visitá-los e um rapazinho de quinze anos, que morava no mesmo prédio que a família dela. Antes de

eles irem para São Conrado, Leon e a família moravam em um apartamento em Ipanema; alguns anos depois, voltaram a ocupar um duplex na Lagoa, por conta de uma ampla reforma que fizeram na atual residência em São Conrado. Aos quinze anos, Roxane se desabrochava, tinha já um belo corpo. Foi quando conheceu Carlos, o instrutor de equitação que tinha cerca de trinta anos e uma namorada. Foi com ele que começou a ter um maior contato com sexo, com os anteriores eram meras

brincadeiras. Com seu instrutor, experimentou algo mais real. Ela consentia que o sexo entre eles incluísse todas variações possíveis, exceto perder a virgindade. Era do tipo romântica e ansiava perder a virgindade com uma pessoa especial, alguém que amasse. Um dos possíveis candidatos teria sido Rodrigo, que escolheu sua prima Samara. Apesar dos inúmeros pedidos de Carlos, ela não cedeu, além do que, temia ficar grávida, assim era preferível não arriscar.

Com dezesseis para

dezessete anos, Roxane largou as aulas de equitação com Carlos, porque ele já estava ficando “pegajoso”, conforme dizia; já até falava em terminar o namoro para ficar com ela, sendo que ela ainda tinha o Michel no seu pé. Depois disso, foi fazer dança do ventre e mudou de colégio, pois ia se preparar para o vestibular. Foi estudar em outro estabelecimento que tinha a fama de ser o campeão das aprovações na área de Biomédicas. A clientela do lugar era formada em sua maioria por filhos

de famílias da classe alta e média alta. Lá, ela encontraria a prima Samara que não havia passado no exame do ano anterior e tornava a repetir o curso. Roxane, a princípio, ficou em dúvida se faria Medicina ou Veterinária. Frederico, ou Fred, como era mais conhecido entre os alunos, era o professor de Português e Literatura, e também um dos donos do curso. A diferença de idade entre ambos era de trinta anos. Ele era separado, tinha duas filhas; a mais velha tinha um ano a mais que Roxane e fazia faculdade; a outra

tinha catorze anos. Ela teria se apaixonado por ele à primeira vista, no início, manteve-se discreta, mas logo se dedicou a uma arte que já estava entranhada em seu sangue, a sedução. Mesmo bem jovem, ela tinha pleno domínio dessa técnica. Descobriu tudo o que podia a respeito da vida íntima dele, o que fazia fora de aula, qual local costumava frequentar, o que mais gostava de fazer etc.

Frederico era do tipo boa-pinta, bonitão, alto e magro, com barriga discreta, não era dado a



atividades físicas, tinha a pele clara, os cabelos um pouco longos e levemente grisalhos. Usava óculos, o que lhe conferia um ar sério e intelectual. Fazia o tipo despojado, meio largado, usava tênis, jeans, camisas tamanho grande para fora da calça, soltas, quase não se barbeava, gostava de uma roda de cerveja com amigos e vida noturna. Às vezes, amanhecia em botequins, era amante de um bom uísque escocês e de cigarros. Costumava ir à Lapa, agora que o antigo bairro da boêmia carioca passara por uma

restauração e oferecia boas atrações noturnas. Costumava frequentar lugares que deixariam as mães de seus alunos de cabelos em pé, mas isso era um segredo que ele matinha bem guardado. Não era nascido na cidade do Rio de Janeiro, mas adotara o estilo carioca. Nascera no Paraná, em Curitiba, e foi com seus pais e um irmão mais velho para o Rio de Janeiro na década de 60, ainda adolescente. Seu pai fora jornalista e passara maus momentos na época da ditadura, inclusive depois de uma ou duas detenções

nas celas do DOPS, o órgão de repressão política da época, ficou por um período fora do país. Fred, sua mãe e seu irmão ficaram.

Depois de a situação se acalmar, o pai retornou e voltou ao trabalho. Ele, a exemplo do pai, também foi trabalhar em um jornal, como escrevia muito bem cursou Letras, chegando a fazer mestrado; posteriormente, estudou Jornalismo. O irmão se formou em Direito e foi advogar para os sindicatos ligados a movimentos de esquerda. Fred também frequentava reuniões dos

sindicatos de professores e começou a se ligar ao Partido dos Trabalhadores, mas era daqueles tipos muito conhecidos, que pregava o socialismo, mas adorava tudo que o capitalismo podia oferecer, “uma boquinha no serviço público com um bom salário não faz mal a ninguém”, dizia. A família era muito politizada e intelectual. Fred adorava teatro, gostava de escrever peças, ensaios e contos. Planejava um dia publicá-los. Como ganhava pouco no jornal, foi dar aulas e se tornou professor universitário.

Depois, estendeu suas aulas para os cursinhos, onde o rendimento era bem maior. Com um grupo de professores talentosos montou o curso que se tornou bem-conceituado, e, em decorrência desse fato, igualmente caro, cujo acesso era para os poucos que podiam pagar uma mensalidade “salgada”. Mas ele achava fundamental o contato com a universidade, apesar de estar bem financeiramente no curso, ainda ministrava aulas em oficinas literárias naquelas instituições.

A exemplo de Armand, o professor místico de História e Geografia, Frederico era um tipo carismático e bem popular entre os alunos, principalmente entre as alunas. Seu apartamento era visitado por várias delas e por universitárias e algumas professoras, mas quando se tornou um dos donos do curso, adotou um comportamento mais contido e compenetrado, evitando contatos maiores com as estudantes, que em sua maioria eram menores de idade, mas muito bem-nascidas. Após desfazer o casamento, porque

a mulher não aguentava mais tanta infidelidade nem a vida boêmia que ele levava, Frederico teve várias namoradas e amantes, mas foi com Simone que ele tentou refazer sua vida conjugal, sendo que a união durou não mais que um ano. Fred e Simone resolveram viver um relacionamento do tipo amizade colorida, cada um vivia para seu lado e ao mesmo tempo se mantinham unidos. Simone tinha trinta e cinco anos, era separada e não tinha filhos. Era professora universitária e, ao ser aprovada em

um concurso público para um órgão do governo federal, foi transferida para Brasília. De quando em quando ia ao Rio ver Frederico e visitar os pais.

Roxane se tornou uma das melhores alunas do curso, especialmente em Português e Literatura. Escrevia muito bem e suas notas em redação eram as melhores. Acabou chamando a atenção de Frederico. Ela era aluna assídua, e chegava até a assistir as mesmas aulas dadas por ele em várias turmas diferentes. Isso não



lhe passou despercebido. Era parte de um plano de aproximação; por várias vezes, conversava e tirava dúvidas fora do ambiente de aula. Começou a fazer parte do grupo de pessoas que desfrutava da amizade dele. Além das aulas comuns do curso, passou a frequentar as oficinas literárias que Fred mantinha, e não perdia a chance de se insinuar para ele. Um fator que precipitou o romance dos dois foi que Fred pertencia ao grupo de magia de Armand. A descoberta foi uma agradável surpresa e ela teve

certeza de que o universo conspirava a favor daquela união.

Frederico percebeu as intenções dela, mas se fazia de desentendido. Resistiu o quanto pode. Somente uma pessoa dotada de resistência fora do comum ou muito escrupulosa poderia resistir a Roxane; e ele não tinha nem uma coisa, nem outra.

De fato, ela não deu trégua até o dia em que Frederico a levou para a cama. Dali em diante, eles teriam um tórrido caso durante oito meses.

O segredo para que o romance entre ambos durasse esse tempo foi que o professor não se entregou a ela; ele não se apaixonou; não lhe foi fiel. Disse a ela com todas as letras que não esperasse dele muito mais do que estava tendo, ou seja, sexo. Esse tipo de atitude foi o que manteve a chama dela acesa. O medo que ela tinha de perdê-lo a qualquer momento, fazia com que ficasse cada vez mais dependente dele. Da parte dela, teve início uma paixão doentia. Frederico, sempre que

podia, deixava bem claro que o relacionamento deles não tinha futuro algum, que viveriam o “agora”, desfrutariam aquele momento sem grandes expectativas futuras, que aquela convivência entre ambos um dia acabaria e ela deveria estar preparada. E assim foram vivendo. Ela era possessiva e logo começou a demonstrar publicamente seu ciúme. De vez em quando era vista no banheiro da escola aos prantos e fazia cenas quando via Frederico acompanhado de alguma mulher. As amigas a

questionavam, porém ela se recusava a dizer o motivo, mas logo começou a boataria que Roxane e Frederico estavam de caso, e quem estava atenta a tudo era Samara.

Frederico parecia ter a chave que abriu certas portas para algumas novas percepções de Roxane; havia coisas em seu íntimo que nem ela mesmo conhecia. Aos poucos, ele foi desenvolvendo um certo carinho por ela, porque, apesar de tudo, Roxane era uma menina inteligente e até bem superior intelectualmente a muitas mulheres que ele

conhecera. Apesar disso, ele não deixou de ver Simone, nem qualquer outra mulher que ocasionalmente lhe caía nas mãos. Para Roxane, ele dizia que Simone era uma antiga amiga da família, e, para Simone, que ela era filha de amigos, que provinha de uma importante família do Rio de Janeiro e que tinha uma amizade especial por ela. Simone obviamente não engolia, mas fazia vista grossa. Houve até ocasiões em que Roxane pegou o carro da família com o motorista Irineu, porque na época ela ainda não tinha

carteira, apesar de saber dirigir, para levar Simone para fazer compras e ir ao salão de beleza, na maior inocência.

Com o decorrer do tempo, Frederico foi cedendo e passou a tratar Roxane com mais atenção. A convivência deles, antes pautada somente pela força do sexo, passou a ter outro tipo de contexto. Frederico, professor, culto, experiente, intelectual, transmitia à sua então aprendiz, todo o seu modo de vida, sua cultura e seus valores. Roxane, uma excelente aluna, logo

estava falando e pensando como seu mestre. Começou a admirar os músicos dos anos 60, poesia, o movimento *hippie*, literatura clássica, filosofia, bossa-nova, MPB e tudo mais que ele também gostava, inclusive a simpatia pelos partidos de esquerda. A família de Roxane percebeu que alguma coisa se passava com ela, mas nada descobriam nem tentaram. Era ano de eleições e Leon se lançava como deputado federal, era a sua primeira tentativa e todos na casa e na família, direta ou indiretamente,



envolveram-se com a campanha. Ela acabou tirando proveito daquela liberdade provisória para se esbaldar com Frederico. Algum tempo depois, Roxane já possuía a chave do apartamento dele no Arpoador, e, em vez de ir para as aulas de inglês, ia para lá, escutava as músicas dele, lia os livros de sua biblioteca, alugava filmes e preparava pratos árabes que aprendia a fazer com a avó aos domingos. Aos poucos, ela foi ocupando o seu espaço na vida dele.

Certa vez, ela estava com

Frederico no apartamento durante a tarde, quando ambos receberam a visita de um misterioso senhor, que aparentava cerca de sessenta anos. Ele era baixo, um pouco obeso, com cabelos bem brancos e ralos, tinha duas entradas acentuadas na testa. Era bem claro, usava cavanhaque e bigode, brancos também, e portava uma bengala, que lhe servia de apoio, pois puxava de uma perna. Frederico tinha dado uma rápida saída para comprar bebida e não levou a chave. Roxane ficou sozinha, minutos depois, o interfone

tocou e ela pensou ser ele, mas não era. O homem pediu para subir e ela disse que Frederico tinha dado uma rápida saída. Ele insistiu dizendo que levava uma encomenda para ele. Ela cedeu e o recebeu. Ao vê-la, ele se admirou com a juventude dela e com sua beleza. Usando de vários argumentos, ele pediu para entrar e assim ganhar tempo para esperar por Frederico, que, por fim, chegou depois de vinte minutos de sua saída. Frederico ficou surpreso e, ao mesmo tempo descontente, porque sabia do que seu “amigo” era capaz.

Normalmente, quando Roxane estava em sua casa, ele não recebia ninguém e dificilmente atendia o telefone. O homem estava retornando de uma viagem à Europa, onde costumava ir de uma a três vezes ao ano. Enquanto eles conversavam na sala, Roxane ficou em um dos quartos do apartamento. O visitante perguntou de quem se tratava, e ele respondeu que era uma namoradinha. Roxane ouviu e não gostou. Depois da saída dele, interpelou-o:

“Então é isso o que eu sou?

Uma namoradinha?”

Frederico não fez por menos e respondeu:

“O que queria que eu dissesse? Nós temos como assumir publicamente um relacionamento?”

Ela se calou. O homem levou um livro e uma garrafa de licor italiano para ele. O livro, dias depois, ela desfolhou. Estava escrito em latim e parecia muito antigo, provavelmente havia adquirido em algum antiquário. Tratava de algo relativo a satanismo, aliás, havia muitos livros de esoterismo e magia

na casa de Frederico. Depois da visita do homem misterioso, Frederico comentou que “ali estava um mago verdadeiro, um homem de poder, e não um enganador como Armand”, disse ele, que o personagem se chamava Hidalgo Javier e era desembargador. A partir daquele primeiro encontro, o desembargador seria um sombra na vida dela, nunca mais ele a deixaria.

Frederico, quando estava com Roxane, realizava todos os tipos de fantasia sexual que lhe

vinha à cabeça. A menina era permissiva e submissa. Fazia de bom grado o que muitas mulheres não se permitiam fazer, e gostava. Comprava lingerie em *sex shop*, com a finalidade de incendiar ainda mais a relação dos dois. Frederico ensinou-lhe que fosse uma puta na cama e uma lady na sociedade, lição que foi prontamente aprendida. Segundo ela, se um dia viesse a se casar, o marido não teria de buscar na rua o que não tinha em casa, como acontece com muitos homens que buscam amantes, porque suas

respectivas esposas não fazem isso ou aquilo.

Ambos adoravam o perigo, correr riscos, encontros fortuitos etc. Muitas vezes, ele ligava para ela de madrugada. Ela, quando ia dormir, passava a chave na porta do seu quarto, seus pais e irmãos também dormiam de porta fechada e ar condicionado ligado. Roxane, saía de mansinho, fechava a porta e descia para se encontrar com ele. Frederico estacionava o carro próximo à portaria do prédio, em uma esquina da rua transversal,



onde ela morava; de forma que os porteiros do edifício não podiam ver. Ele, ao telefone, já lhe tinha dado instruções para que fosse de vestido, sem nenhuma roupa por baixo. Ela entrava no carro e Frederico arrancava o veículo, davam várias voltas em torno da Lagoa, com ela lhe oferecendo a boca para excitá-lo enquanto ele dirigia. Em outras vezes, ela pegava ao volante enquanto Frederico acariciava suas partes íntimas. Aquilo produzia um efeito que a levava ao total descontrole,

chegando ao orgasmo facilmente, várias vezes. Houve uma vez em que Leon foi a Brasília e Laura o acompanhou. Eles voltariam no mesmo dia, mas por um contratempo permaneceram na cidade por uma noite a mais. Laura pediu a Sílvia que fosse ver a filha e a levasse para sua casa, mas já era tarde. Roxane se desvencilhou dizendo que ia estudar com Camila, mas, na verdade, ela tinha programado sair com Frederico para uma verdadeira aventura. Ele a carregou para a Praça Mauá, um

lugar de várias casas noturnas frequentadas por marinheiros, estivadores e mulheres de programa. Frederico, de vez em quando, ia àqueles lugares e até fez amizades com os funcionários da casa e com o proprietário. Naquele dia, ele se sentou com Roxane no canto escuro da boate e chamou um menina de programa para se sentar com eles. Era uma morena-jambo, embora não fosse bonita de rosto, tinha um belo corpo. Depois de beberem algumas doses de uísque, Frederico a convenceu a ir para um pequeno

quarto nos fundos do bar com a tal garota. Ali ele se divertiu assistindo Roxane e a morena se tocando e se esfregando uma na outra. Ela ainda dizia que fazia qualquer coisa para ver seu homem se excitar, nem que tivesse de fazer sexo com outra mulher, o que de certa forma a excitava também. Eles repetiram a mesma dose no apartamento dele, com outra garota de programa. Tempos depois, em outra oportunidade que se apresentou, eles retornaram à Praça Mauá, mas ele lhe fez um pedido diferente,

Frederico consumiu alguns cigarros de ópio. Roxane fumou um pouquinho, e entre um show de *strippers* e outro, ele pediu que queria ver “**ela**”, referia-se a personagem Lussin, apelido que ela usava no Coven. Roxane parecia que às vezes abria um espécie de portal dentro de si, onde outra pessoa aparecia, ou outra personalidade vinha à tona. Talvez fosse ela própria em estado puro, quem sabe fosse sua deusa interior? Ela lhe disse que não gostava de tal “pessoa”, mas ele insistiu e Lussin

apareceu, como sempre, chegou com estrondosas gargalhadas e depois de copos e mais copos de uísque, dançou, subiu ao palco e fez o seu show de *stripper* também. Repeliu os apelos de Frederico para que fizesse sexo com ele, algo que ele desejava muito, fazer sexo com um ser que ele acreditava ser de outra dimensão ou sobrenatural. Depois, ela se sentou à mesa e adormeceu. Roxane despertou em seguida, completamente exausta e somente com uma leve noção do que acontecera.

A primeira aparição de Lussin se deu quando Roxane tinha recém-ingressado no grupo de magia, pelas mãos de Armand e Camila. Na época, estava iniciando o relacionamento com Frederico. As duas, antes de formalmente serem aceitas, passariam por uma cerimônia de iniciação e assistiram a dois encontros ritualísticos. O grupo frequentemente se reunia em locais ermos, distantes, muitas vezes em sítios na Zona Oeste do Rio ou em uma propriedade rural na região serrana do estado, entre

Itaipava e Teresópolis, portanto, próximo ao haras de Ismail. O tal sítio pertencia ao desembargador Hidalgo, cujas aparições nos rituais eram raras.

Em uma noite de lua cheia, em um sábado, eles se reuniram. Seria a primeira vez que Roxane e Camila fariam parte de um ritual, ambas foram como convidadas. Armand e seus auxiliares mais próximos organizaram tudo com antecedência. Sabedor das limitações de Roxane, programou o encontro no sítio do desembargador



Hidalgo, pois dessa forma ficaria mais fácil para as duas participarem. Naquele fim de semana, Ismail e sua esposa Olávia subiram a serra. Roxane foi com eles, levando Camila junto. Ao chegarem, Armand mandou uma de suas auxiliares ir até o haras de Ismail e Roxane apresentou a moça aos avós como uma amiga do Rio de Janeiro, cuja família tinha casa ali perto. Combinaram de sair para comer uma pizza e talvez esticar a noite em algum *point* da Serra, apesar das recomendações dos avós,

elas saíram e foram para o lugar determinado para o encontro.

Pegaram uma pequena estrada que saía daquela localidade e seguiram em direção a Teresópolis. Era um caminho estreito, íngreme e sinuoso, onde, em alguns pontos, dois veículos passavam um pelo outro com dificuldade. A estrada era asfaltada e, em determinado ponto, a moça enviada por Armand pegou um desvio. Depois de vinte minutos entre as montanhas, chegaram a um imenso portão de ferro, onde um

homem estava postado à frente. Ela abaixou o vidro do carro e disse algumas palavras ao homem, uma senha. Ao ouvir, o moço permitiu que entrassem. O homem que estava de vigia era o fiel caseiro de Hidalgo, empregado dele havia muitos anos. Após ultrapassarem o portão, ainda dentro do carro, seguiram por mais alguns minutos até chegarem a um pátio, que servia de estacionamento e era iluminado por lamparinas à querosene. Quando desceram do carro, foi fornecido a Roxane e Camila dois mantos

negros com capuz. Caminharam mais um pouco e chegaram a outro local em que se podia ver um pequeno lago. Às margens dele, uma imensa árvore que eles chamavam de figueira sagrada. De acordo com a tradição druida, eles tinham o costume de fazer seus cultos ao pé de árvores consagradas. O lugar transpirava o irreal; havia várias tochas de fogo acesas, que serviam para iluminar o lugar, uma vez que as lâmpadas elétricas eram mantidas apagadas. O casarão de Hidalgo estava profundamente mergulhado

na escuridão. Além das tochas espalhadas pelo pátio, havia uma enorme mesa que servia de altar, com uma toalha vermelha. Sobre ela, castiçais em formas de lua, um longo punhal com dois cumes postado a Leste, um bastão ou cajado ao Sul, um enorme cálice a Oeste, um enorme pentagrama metálico ao Norte e um caldeirão no Centro. Eram os instrumentos do mago ou do sacerdote. Havia também uma outra mesa menor em que se viam cestas de pães, bolos, garrafas de vinho, cerveja caseira,

biscoitos, travessas com frangos assados e peixes, tudo decorado com guirlandas de flores e castiçais. As duas se fascinaram com aquilo, parecia que estavam em um sonho; aliás, por diversas ocasiões Roxane se via em lugares assim, “quem sabe eram premonições?”, pensou. Havia também alguns instrumentos musicais, tais como tambor, flauta de Pan, triângulos e um pequeno sino.

Muitos dos participantes já haviam chegado. Estavam todos vestidos com túnicas negras com

capuzes, que cobriam desde a cabeça até os pés, e sem nenhuma outra roupa por baixo, pois acreditavam que assim estavam mais propícios a receber os bons fluídos da natureza. O uso do manto negro era um antigo costume herdado da Idade Média, onde os praticantes de magia, paganismo, bruxaria ou outro nome que tivesse, mantinham-se ocultos para dificultar sua identificação, caso houvesse entre eles algum espião ou informante infiltrado, uma vez que, naquela época, quem fosse pego

nesse tipo de prática poderia ser queimado vivo, ou ser enforcado, ou morrer sob tortura.

Algumas das normas do grupo era de que nenhum membro do Coven poderia revelar o nome verdadeiro e o endereço de nenhum de seus componentes, nem poderiam revelar a ninguém o que era falado, visto ou sentido dentro do círculo mágico. Assim, os participantes do ritual tinham um outro nome, que chamavam de nome mágico. Eram eles que os escolhiam, de acordo com intuições ou um motivo



qualquer, que só dizia respeito a eles próprios, segundo as tradições da mitologia grega, romana, nórdica, celta, britânica etc. ou algum personagem mágico ou lendário. Roxane e Camila, ao chegarem, foram apresentadas ao grupo: Quíron, era um jovem médico, que apropriadamente escolheu o nome do lendário centauro da mitologia grega que curava feridas; a auxiliar que as conduziu era Titânia, a rainha das fadas da peça de Shakespeare e o antigo nome da deusa da lua;

Ângela, a namorada de Armand na época e sacerdotisa, se apresentou como Arduína, a deusa da floresta da mitologia céltica. Armand era Prometeu, um dos titãs da mitologia grega. Virgílio, um ex-padre e amigo íntimo de Armand, era Arddhu, o deus dos bosques galês, também conhecido como “o sombrio” ou “o escuro”. Um outro se intitulava Odisseu, também personagem da mitologia grega.; Frederico era Dylan, o deus das águas dos celtas, e também homenageava seu ídolo musical:

Bob Dylan. Uma bonita jovem se apresentou como Donella, cujo nome significa a elfa dos longos cabelos negros. Uma professora de Matemática, tinha o nome de Urânia, a musa grega da Astronomia. Uma mulher loira era Hilda, uma das valquírias da mitologia nórdica. Havia também Uma, em referência a uma divindade feminina hindu, e Brígida, cujo nome deriva de Brigit, uma deidade celta e muito celebrada na Wicca. Contando com Roxane e Camila, o grupo chegava a treze

peessoas naquela noite. Hidalgo, que usava o nome de Velho Nick, que segundo os entendidos, era um dos muitos nomes pelos quais o diabo era conhecido, e também um nome derivado do deus pagão saxônico Wodden, posteriormente tomado pelos primeiros cristãos como o próprio diabo, não estava lá. Havia mais mulheres do que homens no Coven. Isso era proposital. Hidalgo raramente aparecia, praticamente não pertencia ao grupo, ou melhor, servia-se do grupo para suas práticas obscuras.

Feitas as apresentações, o grupo se posicionou em círculo e todos se deram as mãos. Ângela, que era a alta sacerdotisa, liderou a cerimônia. Armand e Virgílio, com incensórios nas mãos, espalhavam incensos esfumaçados por todo o local; segundo as explicações deles, era para expulsar espíritos malignos e atrair os bons. Uma brisa noturna baixou sobre o lugar, tornando ainda mais fantástica a cena. A alta sacerdotisa invocou os espíritos da natureza e todos começaram a invocar para que estes se

manifestassem. Além da neblina, começou a ventar, o que Armand traduziu como sinal dos elementais, duendes e fadas que, supostamente, se faziam presentes. Um ou outro membro começou a entrar em transe. Quíron pegou o tambor para tocar, Donella pegou a flauta, Odisseu tocou o sino e uma espécie de *frenesi* tomou conta do grupo e acabou contagiando Roxane, que iniciou seu espetáculo com fortes risadas e dançando sem parar ao redor da fogueira, dizendo-se ser a senhora da noite e da lua. As

expressões faciais dela se transformaram. De repente, pareceu ter bem mais do que dezessete anos. Nesse instante, Armand gritou, dizendo que a deusa estava presente no corpo de Roxane:

“É a deusa! É a deusa!

Alguns começaram a bater palmas, outros riram, pularam de alegria e festejaram.

Depois de algum tempo, a situação foi se normalizando. Roxane voltou ao seu estado normal, sendo amparada por Camila, que estava maravilhada

com tudo aquilo. Disse que estava exausta e com muito sono, que se lembrava vagamente do que tinha acontecido, que parecia estar levitando quando tudo aconteceu.

Em muitos desses rituais, dependendo da época do ano em que era realizado, ao terminarem as invocações e orações, o grupo fazia uma verdadeira festa; e onde tem vinho, dança e mulheres, a coisa pode acabar em orgia, e era o que normalmente acontecia. Segundo eles, era uma manifestação do deus grego Pan. As luzes das tochas e



velas eram apagadas e, na total escuridão, eles faziam sexo uns com os outros. Daí a razão de sempre ter mais mulheres do que homens no Coven de Armand.

Ao terminar, as duas foram conduzidas de volta e Roxane dormiu pesadamente durante todo o trajeto. Estava sem forças, pareceu-lhe que ao entrar em transe, todas as suas energias foram sugadas pela estranha personagem que se manifestara naquela noite. Roxane, de um modo ou de outro, sabia que aquela personagem existia, só não

sabia quando ela apareceria.

\*\*\*

Por causa das eleições que estavam próximas, Leon e os demais membros de sua família redobravam os esforços para que ele fosse eleito deputado federal. Ismail considerava de importância vital que um membro de sua família se tornasse um político, assim não teria de ficar nas mãos de um entranho, sempre a lhe pedir dinheiro por um ou outro favor. Em

decorrência desse fato, Roxane se viu com as rédeas mais livres. Como o passar do tempo, Frederico e ela estavam ficando cada vez menos precavidos. Ele deixou de usar preservativos como no início daquele *affair*. Ela continuou a tomar as pílulas anticoncepcionais, mas o inevitável acabou acontecendo. Roxane, muito ligada a Sílvia, que praticamente era como se fosse uma irmã mais velha, estava passando o fim de semana com ela. Frederico havia arrumado um pretexto para se desvencilhar

dela naquele período. Simone estava no Rio. No sábado, Roxane e Sílvia estavam se preparando para almoçar em um shopping no bairro da Gávea, quando ela começou a se sentir mal sem nenhum motivo aparente, ainda não tinha nem tocado em alimento algum. Por sorte, estavam próximas a uma das clínicas onde Sílvia atendia durante a semana e ela resolveu levá-la para lá. Feitos alguns exames rápidos, sua suspeita inicial se confirmou. Ao terminarem, Sílvia a levou para casa.

– Você não me disse que estava namorando – disse a tia.

– Eu? namorando? Claro que não! Não ia esconder uma coisa dessas de você.

– É? Então me diga, quem é o pai do bebê?

– Que bebê? Não sei do que você está falando.

– Roxane, ainda não lhe caiu a ficha?

Ela caiu em si, ficou transtornada por uns instantes, começou a chorar, parecia que o mundo tinha desabado, ou pior.

Sílvia já tinha deparado com situações assim, ou seja, gravidez indesejada, mas com amigas e pacientes, não com alguém tão próximo. E agora! fazer o quê?

Depois de muita conversa e choro entre as duas, Sílvia convenceu Roxane que Laura tinha de saber. Teriam de achar uma solução.

Roxane contou a Sílvia que tomava pílulas, que não sabe como foi acontecer, no entanto, sua tia lhe fez mais algumas perguntas a respeito de quais medicamentos ela

estaria usando, além das tais pílulas, e logo chegou a uma provável resposta: Roxane tivera, tempos atrás, uma forte inflamação na garganta e fizera uso de antibióticos. A tia deduziu que o efeito deles havia anulado a eficácia do anticoncepcional.

Laura, quando soube, desabou, mas reuniu forças suficientes para não deixar transparecer nada. Exigiu de Roxane o nome de quem fizera aquilo. Quando soube, mal pôde acreditar, ficou muito revoltada e partiu para o

curso. Exigiria a demissão do calhorda e processaria a escola caso Frederico continuasse lá. Os demais membros da diretoria do curso e donos, ao mesmo tempo que ficaram surpresos e revoltados com Frederico, sentiram-se traídos com um escândalo daqueles, envolvendo uma família poderosa como os Armadunians. Aquilo poderia até causar o fechamento do curso. Frederico, quando soube, não sabia o que dizer. Somente naquele momento viu a “cagada” em que se metera. Os sócios se ofereceram



para comprar a parte dele, sem direito a negociação e exigiram que se retirasse do curso o quanto antes. Sem escolha, Frederico cedeu, aceitou a oferta e saiu. Apesar de toda a transação permanecer em sigilo, acabou vazando para os alunos que Frederico tinha fugido às pressas da cidade porque tinha engravidado uma mulher. Houve muita especulação de quem teria sido, e uma delas era que se tratava de Roxane, que ficou ausente do curso por alguns dias, o que fez com que aumentasse ainda mais a

boataria. Diziam até que os dois tinham fugido.

Aproveitando as constantes ausências de Leon, até então totalmente mergulhado na sua campanha, e dos filhos Daniel e Leon Júnior, que estavam ajudando o pai, Laura e Sílvia resolveram agir rápido, antes que algum membro da família pudesse se dar conta do que estava acontecendo. Leon não deveria saber de nada, pelo menos naquele instante. Nem ele, nem ninguém da família iria saber, além do que, caso a notícia da gravidez

viesses a ser descoberta, possivelmente Leon partiria para uma ação mais violenta contra o causador daquele “mal”. Sílvia sabia da existência de uma clínica de aborto em São Paulo; em outra cidade seria mais conveniente. Assim, com a desculpa de que Roxane a acompanharia em um seminário inventado, as duas partiram para São Paulo depois que conseguiram levantar o dinheiro para a operação. Isso tudo se passou em um espaço de tempo de dois dias. Até mesmo ao marido de

Sílvia foi omitido sobre o que estava acontecendo. Dois dias depois, elas estavam de volta, com Roxane abatida e deprimida. Esta, ainda antes de viajar, tentou localizar Frederico, pois, se ele assumisse a criança, ela sairia de casa, fosse qual fosse as consequências, e iria embora com ele, mas Frederico sumira. Ele ainda permaneceu no Rio de Janeiro por alguns dias. Contou o ocorrido para Hidalgo, que o aconselhou a fugir até que a poeira se assentasse e ofereceu a sua residência em Lisboa

para que ele pasasse um tempo. A oferta foi aceita.

Contando o período da descoberta da gravidez e da viagem para se fazer o aborto, Roxane ficou fora da aula por uma semana. O boato que ela e o professor teriam fugido foi parar nos ouvidos de Samara. Camila, que sabia do envolvimento dos dois, mas guardava segredo, procurou Roxane, que já retornara de São Paulo e se encontrava em convalescença, e lhe disse o que estava acontecendo. Era preciso que ela voltasse às aulas

rapidamente para desfazer as fofocas. Samara foi contar ao pai sobre a suspeita que havia sobre a prima. Salomon localizou Leon e, usando de muito tato, perguntou inicialmente se a filha havia adoecido, pois Samara estava notando a ausência dela já por quase uma semana. Ele se disse surpreso com a notícia e interpelou Laura sobre o assunto. Àquela altura, Roxane já estava em casa. A desculpa com que Laura se saiu combinando com Sílvia que confirmasse, foi que a filha viajara

com a irmã e lá se intoxicara, mas não fora nada de mais; tal fato, no entanto, deixou-o furioso por não ter sido avisado. Ele quis levar a filha para fazer exames, mas Sílvia interveio a tempo, dizendo que a sobrinha já estava fora de perigo e medicada. Leon ficou bem desconfiado. Os irmãos souberam do comentário sobre a irmã, mas não houve confirmação. Falaram com o pai secretamente, que talvez Roxane se envolvera com um professor, e que ele tinha sido demitido exatamente por isso. Leon

preferiu não tirar a limpo, porque no fundo temia que fosse realidade. Ficou bastante abalado e preferiu se calar, pois, caso ouvisse a verdade, não saberia como agir. Assim, fez de conta que não tinha acontecido nada. A partir dali, seguiria todos os passos da filha, e, ao mesmo tempo, contatou alguns amigos que tinham conexão com policiais e os pôs no encalço de Frederico, que naquele momento estava a salvo em outro país.

Os dias que se seguiram ao aborto de Roxane foram momentos



de difícil superação para ela. O trauma pela perda do filho ela nem se deu conta naquele primeiro momento, porque a rapidez com que a mãe e a tia agiram não lhe deram tempo para pensar no assunto, difícil foi a separação de Frederico. Roxane caiu em profunda depressão, e tentava a todo custo demonstrar que não havia acontecido nada.

## O Mago Sombrio

Hidalgo era um homem misterioso e quem o conhecia o temia. Sabia-se que ele nascera em uma rica família de exportadores e proprietários de uma antiga Companhia de navegação, que abrisse falência ainda na década de 50. Mesmo com esse revés, ainda permaneceu rico. Tinha somente

uma irmã mais velha, Elisa, que se casara com um próspero empresário português e morava em Portugal havia muitos anos. Hidalgo sempre se interessou por esoterismo e ciências ocultas. Entre outras coisas, comentava-se que pertencia a uma misteriosa loja maçônica europeia, que talvez pudesse ser de um grupo dissidente desta ou de uma facção maçônica dentro de outra; possivelmente era uma entidade se passando por outra, ou era de alguma seita praticante de magia negra, ou ritos secretos que, para

não levantar maiores suspeitas, dizia-se maçom. Tudo indicava que havia alguns partidários de sua ordem secreta infiltrados nessa organização. Ele e mais alguns de seus seguidores se infiltravam na maçonaria e em organizações da Rosacruz, a fim de arregimentar seguidores para sua irmandade. Foi nessa última organização que ele conheceu Armand e posteriormente Frederico no Coven. Na verdade, Hidalgo se servia deles para seus intentos ocultos e obscuros, e estes até diziam que o desembargador

tinha um pacto com o Demo. Tempos depois, os três acabaram expulsos por práticas incompatíveis com a filosofia dessa secular organização.

Desde que era juiz de Direito, ele sempre estava metido em casos polêmicos. Entre outras coisas, fora acusado de vender sentenças, desviar verbas, lavar dinheiro, manter contas clandestinas no exterior, envolver-se com políticos corruptos e beneficiá-los com penas brandas ou mesmo absolvê-los e com isso enriquecer

ilicitamente. Seus vereditos sempre causavam discussões e investigações por parte de promotores e corregedores, no entanto, ele sempre se livrava. O que mais intrigava era que geralmente seus acusadores eram assolados por alguma tragédia, ou adoeciam gravemente, ou se envolviam em acidentes misteriosos. Houve até um caso de um corregedor que fora vítima de um violento assalto na sua residência, e ficou por muito tempo respirando por meio de aparelhos na

UTI de um hospital. Apesar de a polícia posteriormente ter pego os marginais, uma vez que o caso tivera grande repercussão na imprensa, não se comprovou nenhum envolvimento ou alguma relação visível com o desembargador. Mas era sempre assim, nunca se conseguia provar nada contra ele, porque todos os que cruzassem o seu caminho com o intuito de levá-lo às barras dos tribunais ou mesmo criar algum tipo de dificuldade para ele, eram “demovidos” de seus intentos de um

jeito ou de outro. Dizia-se que uma “mão” invisível descia sobre os algozes do doutor Hidalgo Javier. Em muitos processos, as provas desapareciam como por encanto. Muitos casos foram arquivados por falta de provas ou mesmo pelo sumiço destas. Assim, era prudente se manter distante do tal homem ou tentar ser seu amigo, diziam todos os que o conheciam.

Contudo, nem sempre Hidalgo levou a melhor, a vida lhe tinha reservado alguns bons dissabores. Ele se casou aos vinte e



cinco anos e aos trinta ficou viúvo com um filho de três anos, Stéfano. Este fora um grande revés em sua vida, que o transformaria para sempre. Abalado pela perda da mulher, ele se dedicou com obstinação a tentar fazer contatos mediúnicos com o espírito da falecida esposa, rodou o Brasil e o exterior, passando pela Índia, atrás de médiuns, videntes e feiticeiros, que lhe trouxessem notícias de sua amada do mundo dos mortos. E, parece que não era só isso, buscava também uma reposta para a

existência terrena, se havia vida após a morte. Gastou muito dinheiro nessas peregrinações. Mesmo o bom salário de juiz, não era suficiente para ele manter seu alto padrão de vida e sua busca, além disso, era viciado em pôquer e apostas em corridas de cavalos. Ganhava e perdia grandes somas de dinheiro. Nem com todo o conhecimento de numerologia que dizia ter, não se livrava de algumas perdas, e a saída era buscar “alternativas” de rendimentos.

Não se sabe se ele obteve

sucesso em sua empreitada, mas o resultado foi que ele acabou tomando conhecimento e se envolvendo com diversos grupos de ocultismo, esoterismo, centros espíritas de tendências diversas, seitas desconhecidas e cultos dos mais variados, assim como se vira vítima de vários charlatões.

Sua irmã, que residia em Portugal, arranhou-lhe uma governanta para cuidar da casa e da educação do pequeno Stéfano, que era regamente paga por seus serviços. Chamava-se Clemência e

era dez anos mais velha que Hidalgo. Tinha uma ótima educação e cuidou bem do filho dele até ele completar dezesseis anos, quando então Hidalgo resolveu levá-lo para estudar na Suíça. Também não era para menos, Stéfano e seus colegas de escola volta e meia viam o nome do pai metido em algum escândalo. Apesar de o rapaz ter ido para a Suíça, a governanta permaneceu no Brasil servindo a Hidalgo, cuidando da casa, dos afazeres do dia a dia, das contas domésticas e de alguns pequenos serviços que ele a

encarregava de fazer. Stéfano se formou em Economia e depois da graduação permaneceu naquele país, estabelecendo-se em Genebra, onde tempos depois foi trabalhar em um organismo da ONU. Ele nunca aprovou a conduta do pai, e uma vez fora do país, poupava-se de saber das negociatas e escândalos pelos quais o pai vivia envolvido. Quando passava férias no Rio de Janeiro, não foram poucas as vezes que presenciou conversas de Hidalgo com pessoas de moral bem duvidosa. Isso acabou o

distanciando de seu único filho. Pelo menos três vezes ao ano, ele ia à Europa vê-lo, assim como a irmã, o cunhado e os sobrinhos; mas os encontros entre pai e filho eram marcados por discussões e conflitos. Ele também aproveitava a ocasião para visitar os amigos da seita oculta a qual pertencia.

Depois do falecimento da mulher, Hidalgo se manteve distante de relacionamentos amorosos por algum tempo, embora não se mantivesse longe das mulheres. Geralmente, era visto em

companhia de belas jovens que algum amigo ou conhecido lhe apresentava, sempre pensando em algum favor em troca, ou recorria aos serviços de uma certa senhora chamada dona Ivani, que agenciava acompanhantes. De tanto andar por seitas esotéricas, primeiramente em busca de explicações de notícias da falecida esposa e depois movido por adquirir algum tipo de saber e poder, o que o levou a percorrer lugares inusitados e estranhos, aos quarenta anos ele acreditou ter encontrado a mulher de sua vida.

Ela era do meio que ele frequentava, uma espécie de bruxa, que levava a vida de forma bem duvidosa.

Tratava-se de Sabine, então com vinte e oito anos. Dizia-se que era possuidora de uma extraordinária beleza, e era terrivelmente sedutora. Possivelmente, o nome verdadeiro dela não era Sabine e pouco se sabia de sua vida íntima ou de sua origem. Ela entrou e saiu de forma misteriosa da vida do desembargador. Hidalgo havia ouvido falar de uma certa paranormal, a qual eram atribuídas



faculdades de ver as possíveis vidas passadas de seus consulentes.

Movido pela curiosidade e pela fama da beleza dela, ele a procurou.

A própria Sabine dizia incorporar uma entidade feminina que havia nascido no tempo do antigo Egito e que fora uma sacerdotisa. A história fascinou Hidalgo, que imediatamente se apaixonou por ela. Sabine, quando consultada, entrava em uma espécie de transe e começava a narrar as cenas que estava vendo. Podia ser uma ou mais vidas de seus consulentes, ou

mesmo algum evento da atual existência retirado do passado que tivesse algum significado marcante. No primeiro encontro entre os dois, Sabine lhe perguntou se ele teria perdido um ente muito querido. Hidalgo confirmou, mas isso não o impressionou, porque podia ser que ela tivesse pego alguma informação sobre ele previamente. Em seguida, ela lhe relatou que o estava vendo vestido de vermelho, numa grande prisão, onde deduziu que Hidalgo deveria ser um cardeal ou juiz, mas, em seguida, completou: “um grande

príncipe da igreja”. Ela o viu interrogando presos em um tribunal, possivelmente deveria ser no tempo da Inquisição. Ainda lhe disse que ele estava em um país, e tudo indicava se tratar da Espanha. Ele era muito temido e tinha fama de ser cruel. Diante dessa afirmação, um calafrio percorreu-lhe toda a espinha dele; isso porque coincidia com uma consulta que fizera anos atrás quando estivera na Índia. Naquela ocasião, dois videntes indianos lhe disseram a mesma coisa, os indianos ainda lhe

contaram que sobre ele e sua família pesava uma grande dívida, e a razão era que um ancestral de Hidalgo havia sido um mercador de escravos africanos, e eles acreditavam que o próprio, em uma vida passada, fora também um. A revelação o deixou estupefato na época, ele diria mais tarde a alguns amigos, e o que mais o impressionara era que os dois homens nunca o tinham visto, nem ele os dois. No entanto, os homens lhe contaram toda a sua vida atual. Hidalgo, que então já era um homem com bastante experiência

nesse tipo de assunto, e não mais se deixava enganar facilmente, acabou por se convencer que Sabine não estava trapaceando. Além disso, ela não cobrava por suas consultas paranormais, ela o fazia por *hobby*, dizia que era um dom natural que recebera, e não via como ganhar dinheiro com aquilo. Ela até confessara que fazia aquele tipo de consulta apenas para amigos e pessoas conhecidas. Hidalgo também se recordou de que os dois indianos previram que uma mulher jovem entraria em sua vida, e ele

deduziu que era Sabine.

A moça era alta, magra, e tinha um belíssimo corpo. Era morena-clara e tinha os olhos verdes, tremendamente enigmáticos. É provável que ela fosse possuidora de um incrível magnetismo pessoal, porque Hidalgo não fora o único a cair na teia dela. Pelo que se sabe, na época, Sabine estava envolvida com um chefe do jogo do bicho em ascensão. E esse relacionamento não a estava agradando nem um pouco. O homem era um sujeito violento, ciumento e possessivo, capaz de

mandar matar seus desafetos. Era casado, com filhos, e a queria como amante. Sentia-se dono dela, como se ela fosse uma propriedade.

Sabine viu em Hidalgo uma possível saída para a situação complicada em que se metera com o tal bicheiro, embora tivesse maus pressentimentos com relação a ele. Seu instinto nunca a enganara, mas, até então, ninguém se atrevia a enfrentar o bicheiro. Parecia não haver outra saída que não fosse o juiz, pelo menos naquele momento.

Hidalgo descobriu quem

eram os policiais que davam cobertura ao bicheiro e mediante uma boa soma de dinheiro e cobrança de favores antigos que dois delegados lhe deviam, uma vez que Hidalgo fora o responsável pelo arquivamento de um processo de envolvimento em grupos de extermínio do qual os dois haviam se metido, ele os pôs no encalço do bicheiro e acionou a corregedoria de polícia para que afastasse os policiais envolvidos com o contraventor. Em paralelo, os dois delegados avisaram aos demais



bicheiros que não se tratava de guerra da polícia contra o jogo de bicho, mas sim uma questão pessoal. Em seguida, muitos dos pontos de jogos do tal bicheiro foram “estourados” e isso aumentou a sanha de seus rivais contra ele. Com todos esses fatores reunidos, o bicheiro viu a ruína bater à sua porta. Hidalgo mandou seus amigos delegados intermediarem um acordo, ele deveria abrir mão de Sabine e, em troca, continuaria tocando seu negócio sem nenhum problema, mas caso quisesse

permanecer perturbando a moça, a coisa poderia piorar. Sem nenhuma escolha, o homem aceitou a oferta. Dois meses depois, o bicheiro faleceu vítima de um desastre de carro; ele e mais dois seguranças.

Na época em que Hidalgo conheceu Sabine, ela morava em um pequeno apartamento no subúrbio do Rio de Janeiro. Vivia sozinha, mas recebia muitas visitas. Hidalgo a levou para um dos seus imóveis na Zona Sul. Ele tinha muitos, e, alguns meses depois, abrigou-a em seu luxuoso apartamento à beira-

mar em Ipanema.

Sabine, no entanto, não percebeu que pulara do fogo para a frigideira. Anteriormente, era cativa de um gangster, agora estava nas mãos de outro. Talvez ainda pior. A sua tão sonhada liberdade, ainda lhe custaria um pouco mais para obter.

A fim de baixar a poeira do episódio da disputa com o contraventor, Hidalgo levou Sabine à Europa, licenciou-se do cargo por dois meses e ambos viajaram. Ele diria aos amigos que seria um dos melhores momentos de sua vida

desde que a esposa morrera.

Clemência não simpatizou com ela, e com razão, pois, decorridos dois meses depois da chegada do casal do exterior, Sabine desapareceu em companhia de um italiano, levando \$ 10.000 dólares e uma coleção de pantáculos, uma espécie de amuletos e talismãs em formas de medalhão metálico e símbolos cabalísticos, inscrições com supostas palavras mágicas, que Hidalgo ganhara de um Rabino, mestre em Cabala que conhecera na Suíça e que tinha sido confeccionado

por um ourives austríaco e fora muito bem pago. Hidalgo passou um ano na perseguição, acionou seus chamados “irmãos” da seita a qual pertencia na Europa, que, por sua vez puseram uma empresa privada de investigação europeia e conseguiram chegar até o italiano. Àquela altura, Sabine não estava mais com ele. Hidalgo queria recuperar pelo menos os pantáculos e saber por onde a traidora andava. Por meio do homem, que pagou caro por tê-la ajudado, ele soube que ela tinha ido para os Estados Unidos,

para Nova Iorque. Incansável, Hidalgo partiu para a cidade. Naquele país, onde havia uma ramificação de sua seita, eles o ajudaram na contratação de uma empresa de investigadores particulares. Em seguida, ele retornou ao Brasil, onde, depois de cerca de vinte dias, recebeu uma encomenda pelo correio despachada da cidade de Nova Orleans. Para sua surpresa, eram os pantáculos e uma carta de Sabine, pedindo perdão e se justificando, dizendo, entre outras coisas, que tudo que ela queria era

viver em liberdade, sem dar satisfação a ninguém. Dizia que assim que pudesse, devolveria o dinheiro. A quantia que ela levaria servia tão somente para financiar sua fuga. Segundo ela, não restava mais nada. Ela ainda o lembrou de que havia no cofre algo em torno de \$ 100.000 dólares, que ela deixara intacto. A gana por vingança de Hidalgo arrefeceu, mas ele manteve o contrato com os investigadores americanos, e decorrido um ano foi levado a um túmulo na cidade de São Francisco, na Califórnia, onde

supostamente estava enterrada uma mulher chamada Marina Hernández. A notícia que ele recebera, era que se tratava de Sabine, que morrera em um acidente de carro. Hidalgo desconfiou, mandou apurar, mas não houve mais nenhuma informação a seu respeito. Sabine era terrivelmente sagaz. Quem a conhecia, não acreditava que ela tinha morrido. “Será mesmo?”, perguntavam incrédulos. Quem sabe? O fato é que dois anos depois de ele ter sido informado da morte dela, ele recebeu, em seu



apartamento, uma encomenda deixada na portaria do prédio, que fora entregue por uma pessoa desconhecida e endereçada a ele. Ao abrir, para sua surpresa, havia \$ 10.000 dólares. Atônito, ele tentou saber quem entregara, mas o porteiro não soube lhe dizer. Falou apenas que um menino desses, que ficam em sinal de trânsito vendendo balas, deixara a encomenda.

Hidalgo meditou muito sobre o que acontecera. Ele avaliou mal Sabine, não sabia que ela o tinha como um senhor tem sua escrava.

Ele pensou: “eu poderia ter dado tudo a ela, tudo! No entanto, ela fugiu para ter liberdade”. Este fora outro episódio marcante em sua vida. Dali em diante, ele ficaria decepcionado com o amor e resistiria muito a se entregar a outra mulher, e jamais se poria novamente como um proprietário.

Dois anos depois, Hidalgo se envolveu com uma quarentona e *socialite* carioca. Ela era separada, e depois de dilapidar o patrimônio do ex-marido, também faliu. Tratava-se de outra espertalhona, pronta a

lhe aplicar o golpe, mas desta vez ele se desvencilhou a tempo, sem maiores traumas.

Várias mulheres passaram por sua vida, sempre de forma rápida e meteórica. Hidalgo era um homem requintado, com alguma sofisticação. Os anos foram se passando e ele ficou sozinho e desiludido. Começou pôr a magia que aprendera a seu serviço, para arrumar uma companheira ideal, que nunca o traísse. Ele acreditava que somente um ser astral que ele criaria por meio de suas operações

mágicas, poderia ser assim. Os magistas acreditam que uma vez se concentrando em um certo tipo de pensamento, e fazendo as operações adequadas, essa energia formada pode adquirir vida no plano astral e vir de alguma forma a surtir efeito no mundo material. Foi assim que, ao ver Roxane pela primeira vez e mais tarde ao se encontrar com ela no Coven, convenceu-se de que ela era a resposta à sua tão sonhada procura, e que talvez fosse a pessoa que os indianos viram anos atrás.

Apesar de Hidalgo

frequentar esporadicamente o Coven de Armand, ele não era adepto da Wicca. Raramente aparecia nas reuniões, até o dia em que viu Roxane. Quando fazia suas aparições, as fazia de forma quase fantasmagórica. Ele introduzia um pouco mais de espetáculo sinistro e insólito ao ritual, e sempre levava consigo o seu violino.

Normalmente, ele não era visto quando chegava, quando davam por si, ele estava ali, parecendo que sempre estivera presente; e desaparecia sem ser notado.

Com a saída de duas mulheres do grupo, Armand convenceu Roxane e Camila a participarem dos rituais ocultos a que Hidalgo se dedicava e que ele era um aprendiz. Hidalgo e seu grupo secreto se dedicavam a um tipo de ocultismo em que eram realizados ritos envolvendo prática sexuais com a finalidade de se atingir algum objetivo peculiar. É algo que poucos dominam e restrito a grupos fechadíssimos; talvez, por essa razão, pouco utilizado e

praticamente desconhecido pelas pessoas em geral.

Quando Hidalgo realizava esse rito, ele o fazia em recinto fechado, normalmente em um porão especialmente feito para esse propósito, em sua enorme mansão, situada entre as cidades de Itaipava e Teresópolis, no alto da Serra Fluminense, que ele construía de acordo com um projeto de um palacete britânico, em estilo vitoriano, que lhe conferia um aspecto imponente e, ao mesmo tempo, fantasmagórico. Tudo fora

minuciosamente estudado. De vez em quando, os tais ritos também aconteciam em outra casa que ele mantinha fechada próximo ao Joá, entre São Conrado e a Barra da Tijuca, no alto de uma colina; um lugar bem reservado, que servia para o encontro dos membros de sua seita. Quem conhecia essa última casa, dizia que não possuía quartos, ou melhor, havia restado dois quartos, onde os participantes podiam se trocar. O restante, no total de cinco, havia sido demolido, ficando apenas um grande salão



com os banheiros adjacentes, uma ampla cozinha e a área de serviço. A enorme sala era especialmente decorada com pinturas simbólicas, igualmente sinistras, para essas ocasiões especiais.

Depois da saída de Ângela e Valéria, Armand convidou Camila, que era sua mais fiel seguidora, e, posteriormente, com a ajuda de Frederico, Roxane também participou da cerimônia algumas vezes, separadamente uma da outra. Camila foi levada para dentro do quarto depois de tomar um pouco de

vinho e um tipo de droga leve para se manter calma, já que se mantinha tensa. Na hora H, podia pôr tudo a perder, porque a mulher usada como forma de excitação tinha de se manter assim, bem calma. Ela foi instruída a se vestir de forma o mais sensual possível, com roupas íntimas do tipo que se encontra em *sex shop*. Esse vestuário era necessário para que ela pudesse estimular o máximo possível a libido do mago que estivesse realizando o cerimonial. Naquela noite, ela usava um conjunto de

calcinha fio dental negro e uma cinta liga, tudo combinando com um minúsculo sutiã, que deixava praticamente os seios de fora. Usava também um sapato de salto alto de bico fino e uma camisola transparente por cima, também na cor negra. Estava maquiada, batom e unhas pintadas de vermelho, cabelos soltos caídos nos ombros e uma máscara negra, que lhe tampava os olhos e parte do rosto. Ela se deitou em uma espécie de cavalete, em posição de ser penetrada por alguém. A iluminação

do quarto era exclusivamente composta por candelabros com velas vermelhas e negras. Hidalgo, Armand e também em algumas ocasiões Frederico, entravam seminus, cobertos por uma capa negra e portando um longo tridente. O mago tanto podia se autoexcitar quanto ser excitado pela mulher que estivesse presente, ou, dependendo da vontade dele, consumir o ato sexual com ela, mas evitando ejacular dentro da moça. Quando Camila participou pela primeira vez, Armand preferiu se autoexcitar

enquanto invocava as entidades espirituais, embalado por sons hipnóticos e aromas de incensos, que levavam o participante a entrar em transe ou ficar fora de si. Eles acreditavam que mediante um longo treinamento, seria possível se atingir qualquer objetivo que se desejasse. Em uma das ocasiões em que Roxane participou, foi Frederico que liderou o ritual, para desgosto de Armand e Hidalgo, que não viam a hora de possuí-la. Naquela noite, Frederico, bastante excitado pelo sexo oral que Roxane

lhe proporcionou, dirigiu toda a energia do clímax gritando e vociferando bem alto um de seus desejos, que ele julgava lograr sucesso através deste meio.

Roxane participou de alguns desses ritos. Embora tivesse medo, toda aquela cena a deixava maravilhada, aquilo tudo criava nela um grau de excitação, tal que em algumas ocasiões ela chegou a ficar em estado de transe, seguido por orgasmos múltiplos. Mas, passado aquele momento, quando ela deixava a casa, batia-lhe um

sentimento de arrependimento, o que fazia com que no dia seguinte procurasse a igreja mais próxima para assistir a uma missa, na esperança que assim pudesse se redimir de algum pecado que cometera. Algumas vezes, ela chegou a adoecer e a passar mal depois da participação nesse tipo de cerimônia, talvez por seu profundo remorso ou, quem sabe, pelas tremendas forças negativas às quais ficava exposta, ou mesmo ambas as coisas. Uma parte de Roxane se realizava naqueles rituais; outra,

abominava-a. Ela vivia quase todo o tempo assim, dividida em duas facções: uma negra, luxuriante, sexual, e outra, comedida, reservada, contida e comportada.

Depois que Frederico se foi, após a descoberta da sua gravidez, Hidalgo aproveitou a ausência dele para se aproximar dela, fazendo-se de amigo e querendo ser como um elo entre os dois; mas, no fundo, o que Hidalgo queria era manter Frederico longe dela. Foi com ele que Roxane aprendeu a jogar pôquer e se tornou mestra no assunto. Ele



também entendia e gostava de cavalos, afinal, era um viciado em apostas no jockey. Aos poucos, ganhou sua confiança e se tornou cava vez mais próximo.

Dois meses depois do aborto, ela prestou o vestibular para Medicina. Abalada com o que acontecera, foi reprovada. Enquanto isso, Laura e Leon entraram em crise conjugal. Ele acusava a esposa de negligência para com a educação da filha, evidentemente, não era por causa do vestibular, mas pelo envolvimento com Frederico. Por

pouco, não se separaram. Roxane mergulhou nos estudos pelos seis meses seguintes e viveu quase como uma reclusa. Afastou-se do Coven momentaneamente. Somente Camila tinha contato com ela, Armand e Hidalgo também mantinham algum tipo de vínculo. Na metade do ano seguinte, ela prestou novo vestibular e desta vez obteve êxito. A fim de superar a crise e comemorar a aprovação dela, Leon, Laura e Roxane foram para os Estados Unidos. Desde então, Roxane ficou com a ideia fixa de ir

morar e estudar naquele país.

Frederico, por sua vez, ao sair da Europa, onde partiu em fuga com o apoio de Hidalgo, voltou ao Brasil e se instalou em Curitiba, provisoriamente. Depois, usando as conexões de Hidalgo, mudou-se para os Estados Unidos. Sofreu bastante para se recuperar. Com o dinheiro que recebeu pela venda de sua parte do curso, ele refez a vida, mas acabou sobrando pouco e ele vivia modestamente. A princípio, passou oito meses sem voltar ao Rio de Janeiro, onde estavam as duas

filhas, a ex-esposa e Simone, sua amante preferida. Uma vez se sentindo seguro, Frederico voltou sem alarde e sem que ninguém de suas relações soubesse, com exceção das filhas, da ex-esposa e de Hidalgo, além de Simone que, apesar de tudo, perdoou-o pelo envolvimento que tivera com sua aluna. Estando no Rio de Janeiro, ele procurou Camila para saber de Roxane, que, naquela época, já estava na universidade. Houve uma tentativa de encontro dos dois por intermédio da amiga, mas Roxane

ainda era vigiada de perto pela mãe e por Leon, que arrumou uma viagem de última hora para toda a família; ainda não seria daquela vez que eles se reencontrariam.

Dias depois, já nos Estados Unidos, Frederico tomou coragem e ligou para Roxane. Temia ser rejeitado por ela que, embora surpresa, não o repeliu, muito pelo contrário, prometeram mutuamente de não perder o contato um com o outro e se ver em breve. Roxane até acenou com a possibilidade de virem a ficar juntos futuramente,

quem sabe nos Estados Unidos, depois da sua formatura. Ele, ao contrário das outras vezes, que não lhe dava qualquer esperança, deu a entender que talvez fosse possível, “o futuro a Deus pertence”, respondeu. “Em outro país pode ser que dê certo”, ele pensou. Mas aquilo era um sonho distante, que Roxane acalentava e que Frederico duvidava que um dia fosse acontecer.

A jovem passou a se aconselhar com Armand e Hidalgo, e, aos poucos, retornou ao Coven,

uma vez que o primeiro era dotado de um bom poder de convencimento. Os dois tinham interesse nela e sempre que possível tentavam fazer com que esquecesse Frederico.

Ao entrar na universidade, ela foi bastante assediada por alunos veteranos de Medicina e de outros cursos, bem como por colegas de turma. Contudo, foi um professor chamado Ernesto que mudou o pensamento que ela tinha de que jamais se apaixonaria de novo. Conforme já relatado, o desfecho

dessa sua nova paixão foi frustrante.

Os magistas dizem que todos os que se envolvem com forças negativas dificilmente saem impunes. Em escala maior ou menor, acaba-se pagando um preço, é a lei do retorno, dizem. O que se faz aqui, aqui se paga. A força liberada, positiva ou negativa vai até o plano astral e volta, às vezes com efeito multiplicado. Assim como Frederico teve sua vida despencada por causa de seu envolvimento com Roxane e sua



gravidez, Hidalgo, no mesmo período, foi afastado da magistratura pelo Superior Tribunal de Justiça, por causa da tenacidade de um corregedor teimoso, que ele não conseguiu atingir, e perdeu seguidas vezes em apostas de cavalos. O processo que o corregedor moveu contra ele, obrigou-o a levar um estilo de vida mais comedido. Ele passaria os meses seguintes empenhado em sua defesa, o que incluía esconder provas, iludir os outros desembargadores e demais ardis que

ele empregava com maestria. Depois da saída de Frederico do curso, foi a vez de Armand, que foi demitido por ter ligações com Frederico e suspeita de envolvimento sexual com alunas, embora a direção do curso não tenha encontrado provas concretas que pudessem lhe imputar. Camila não passou no vestibular e, a princípio, fora poupada de maiores males.

## **Um Encontro de Pistoleiros no Paraguai**

O mês de outubro de 2002 começou. Roxane estava sob pressão da mãe para que se afastasse de um possível namorado indesejado que morava em Belo Horizonte. Até então, ela não sabia do real envolvimento com Siegfried. Pensava que era apenas mais uma

das maluquices da filha, que não devia ser nada de mais, mas que antes que ela aprontasse mais uma, mataria o mal pela raiz, já antevendo que ele poderia vir a se transformar em um monstro, como ocorrera com Frederico e em grau menor com Ernesto. No entanto, a família estava às voltas com a política, Leon estava como suplente de senador de um dos filhos do senador J. Roxane ficou entre a cruz e a espada e imaginou várias formas de dizer a Siegfried que já estava na hora de cessar o romance, que ainda

naquele momento era apenas virtual e por telefone, mas ambos estavam muito unidos. Ela se torturava em seu íntimo e ensaiou para si mesma vários diálogos; conversou sobre o assunto com Maria Alice, mas a incerteza que a invadia era enorme. Acabou ligando para Siegfried com o intuito de terminar, mas na hora H não saiu nada e o máximo que conseguiu foi dizer que a mãe descobrira que ela tinha alguém. O motivo da descoberta teria sido o alto valor das contas telefônicas, com várias ligações para Belo

Horizonte. Ela disse que manteve segredo sobre a identidade dele e que a mãe não sabia de quem se tratava, mas exigiu que ela se afastasse, porém ela fez questão de frisar para Siegfried que não o faria. Ele escutou com paciência.

Interiormente, ao iniciar a conversa com ela, já se preparava para levar um fora, mas isso não ocorreu.

Assim, ele disse, “deixe que eu vou te ligar todos os dias, já que você está impedida”. Mas foi somente por uma semana que Roxane deixou de ligar. Ele sempre a chamava à

noite, por volta das onze horas, horário que os pais dela já dormiam. Dessa forma, evitavam levantar suspeitas. Na semana seguinte, ela não se conteve e voltou a ligar durante o dia, como sempre fazia. Eram ligações relâmpagos, a fim de evitar que a conta viesse alta de novo.

A imagem que Siegfried construiu inicialmente a respeito dela, era que se tratava de uma moça caseira, diferentemente da maioria das moças de sua idade, pouco afeita à vida noturna e às

badalações, muito apegada à família, aos avós, prestativa, de certa forma cheia de vontades e mimada. Estava sempre risonha e parecia não ter problemas. Mostrava-se eternamente de bem com vida. Era estudiosa, tinha uma cultura bem superior à média das mulheres que ele até então conhecera e, de certa forma, era sofisticada. Roxane sempre dizia a ele que apenas saía com os pais para acompanhá-los a restaurantes finos, a seminários e congressos que o pai organizava; frequentava os almoços



de domingo na casa dos avós, ia ao haras de Ismail ou às campanhas beneficentes da ONG. Era uma jovem que costumeiramente se dizia que era para casar. Essa era a imagem que ele fazia dela, o que de certa forma era verdadeira, mas não refletia Roxane totalmente. Aquilo era apenas o que ela queria que ele soubesse, mas havia uma outra Roxane, que vivia em uma espécie de penumbra que poucos conheciam. Nem em sonho ele poderia imaginar que aos vinte e um anos ela tinha vivenciado muito

mais coisas que a maioria das mulheres com o dobro de sua idade. Eles conversavam muito. Não demorou para que ele começasse a perceber várias contradições nas conversas que tinham. Alguns assuntos que ela já contara eram ditos de outro modo. Siegfried começou a juntar o quebra-cabeça. Uma frase solta aqui, outra ali, e, aos poucos, foi percebendo que a imagem que ele fizera dela não era exatamente daquela moça caseira e reservada. Descobriu que ela era avessa a compromissos amorosos,

não mencionava ter tido um relacionamento sério com ninguém, dizia que havia se apaixonado verdadeiramente por, no máximo, dois homens, e tivera um caso superficial, no entanto, sempre deixava escapar acidentalmente ter vivenciado bem mais do que isso. Siegfried já contabilizara quase o dobro dos dois ou três homens mencionados anteriormente.

Por outro lado, ele já não agia movido pela razão, estava totalmente envolvido e não se deu conta disso a tempo. Aos poucos, foi

percebendo que por trás daquela adorável moça, havia uma outra, um tanto quanto sombria, obcecada por sexo, por paixões proibidas inconsequentes e por conquistas movidas por puro capricho. Siegfried achava que tinha pleno controle da situação, que no momento em que quisesse, a deixaria, assim como ela fez com tantos outros. Praticamente cego, ele estava indo direto para o covil do lobo, ou melhor, da loba.

Por alguma motivo que ele desconhecia, Roxane tentava se

esquivar de encontrá-lo, ou melhor, tinha proposto um encontro em outro estado, apesar de Siegfried saber que, naquele momento, um encontro entre ambos tinha de ser meticulosamente planejado, uma vez que ele era funcionário graduado da empresa da família e gozava da confiança do dono, e que caso viessem a descobrir aquele namoro, sua situação se tornaria desastrosa. Diante desses fatos, ele relevava.

Contudo, havia um fato que o estava incomodando: a presença

do gerente administrativo da obra da refinaria, Isaque, que mais parecia um espião do que um funcionário. Isaque era antigo na empresa, homem de confiança de Salomon, mas Siegfried por várias razões o tinha como um incompetente para as funções. Ele era limitado e “chegado” a um suborno, principalmente das empresas que prestavam serviços para a Atlas. O empreendimento em breve chegaria a mais de dois mil homens, praticamente uma outra empresa dentro da Atlas, com muitos

problemas decorrentes desse elevado número de empregados. No entanto, Isaque transparecia não se dar conta do tamanho do “pepino” que tinha em mãos. Siegfried fazia ele próprio parte do serviço de Isaque, porque este não tinha competência para tal. Além disso, tudo o que se passava na obra, Salomon ficava sabendo, não por ele, mas por Isaque. Também desconfiava de Roderik, que contava os fatos a seu modo e quase sempre distorcidos. Tudo isso o deixava bem irritado.

Siegfried conhecia um excelente técnico de custo. Seu nome era Euclides, dez anos mais velho que ele. Ambos se conheceram muitos anos atrás, quando Siegfried era ainda recém-formado. Ele era um sujeito ético, muito requisitado, não apenas por sua competência, mas também por sua honestidade. Morava na cidade em que residiam os pais de Siegfried. Para dizer a verdade, sua mulher e seu casal de filhos é que moravam lá, pois Euclides, mesmo aposentado, ainda trabalhava no



ramo de construção e Engenharia.

Siegfried ligou para a residência dele, sabia que ele estava trabalhando, mas não sabia onde.

Quem atendeu foi a esposa, que lhe disse que o marido estava em Mato Grosso do Sul, em um dos trechos do gasoduto Brasil-Bolívia. Ela lhe forneceu o telefone da obra.

Euclides, naquela ocasião, não era mais um simples técnico de custo, era gerente administrativo, embora não possuísse curso superior. Sua experiência, seu caráter e postura o fizeram chegar a um alto posto

dentro de um empreendimento de Engenharia. Siegfried ligou para ele, conversaram rapidamente, pois Euclides estava em apuros, o sobrinho que trabalhava com ele e um dos motoristas da obra haviam desaparecido. Siegfried, em um primeiro momento, pensou em colocar Euclides no lugar de Isaque, mas bateria de frente com Salomon. Seria uma questão difícil, embora ele estivesse precisando de um técnico de custo, porque mal ou bem tinha um administrativo. Euclides, no entanto, alegou que não podia

abandonar o gasoduto naquele momento, já que desfrutava da confiança da direção da empresa, uma Companhia de São Paulo. Não tinha como largar o pessoal na mão, pois “pegaria mal”. Quando terminasse a obra, ele faria contato, mas isso talvez fosse acontecer somente dali a seis meses ou mais. De fato, Siegfried sabia disso, uma vez assumido um compromisso, Euclides dificilmente seria capaz de abandonar a empreitada, nem que cobrissem a oferta salarial, palavra era palavra, dizia ele. E, naquela

ocasião, enfrentava uma emergência.

Impossibilitado de ir trabalhar com Siegfried naquele momento, ele indicou um antigo auxiliar que morava na região de Niterói e São Gonçalo. Estava empregado, mas ganhava pouco. Além disso, na refinaria de Minas havia um acréscimo de trinta por cento de periculosidade sobre o salário-base, o que o atraiu. Siegfried, depois de várias tentativas, conseguiu localizá-lo. Ambos chegaram a um acordo e ele

foi contratado. “Um problema a menos”, pensou.

Mas quem perdia noites de sono, era Euclides. O que diria a irmã, a respeito do paradeiro do sobrinho desaparecido havia uma semana?

Euclides era magro, alto e calvo, usava óculos, era moreno-claro e uma pessoa de fácil convívio. Tinha um bom temperamento, era trabalhador incansável, do tipo que não media esforços para ultrapassar um obstáculo. Por tudo isso, vivia

requisitado. Já fizera inúmeras tentativas de parar de fumar, mas naqueles dias, com o desaparecimento dos funcionários, fumava um cigarro atrás do outro. Sofria de úlcera, que ele pensava ter se curado, mas que voltara a doer.

O gerente da obra em que Euclides trabalhava já tinha feito de tudo pelos caminhos formais para tentar achar os dois desaparecidos, uma vez que a Toyota, veículo próprio para se trabalhar em gasodutos, a locadora mandaria outra. Estava no seguro. Antes desse

episódio, dois veículos da obra haviam sido roubados, uma outra camionete e um automóvel Gol, mas até então não acontecera nada com nenhum de seus empregados. A polícia local prometeu empenho, mas até o momento não achara nada. Nenhum indício; tudo levava a crer que o carro já estava no Paraguai, como centenas e centenas de carros roubados no Brasil. Do ponto em que estavam, eram poucas horas até a fronteira daquele país. Mas não existia nenhum vestígio dos dois. Ele acionou a diretoria da

empresa em São Paulo, que entrou em contato com os mais diversos meios e contatou a chefia da Polícia Federal em Brasília. Esta delegou as diligências à delegacia federal, em Ponta Porã, que era próximo da pequena cidade onde estava instalada a base da empresa.

Os policiaes federais entraram em ação, mas as investigações esbarraram na fronteira. Daquele lado do país, não tinham como atuar, a não ser se contassem com a boa vontade da polícia local. Uma quadrilha no Brasil, com conexões



no Paraguai, roubava carros e trocava por drogas e armas. Os paraguaios legalizavam os carros e, posteriormente, muitos iam para a Argentina e para o Uruguai.

Três semanas haviam se passado e Euclides não tinha mais esperança de encontrar o sobrinho e o motorista vivos. Não recebera nenhum pedido de resgate, mas ao mesmo tempo não havia certeza de nada. Euclides soube que um fazendeiro da região, com o qual a empresa deles tinha boas relações, afinal eles alugaram algumas casas

para servir de alojamento para os funcionários, havia passado pelo mesmo problema, mas sem vítimas. Tratava-se de José Francisco Meireles, também chamado de Chicão, por conta de sua elevada estatura. O fazendeiro tivera um dos seus carros roubado, uma camionete BMW, zero km, que nem seguro tinha na ocasião do furto e cuja avaliação do veículo girava em torno de 400.000 reais. Ele a recuperou com seus próprios meios no Paraguai, graças também a amizades influentes que possuía

naquele país.

Euclides se dava muito bem com ele, pois foi com o próprio que tratou sobre os aluguéis das casas. Era comum o fazendeiro oferecer churrascos nos fins de semana ao pessoal da obra. Era em um de seus campos de futebol que os peões e operários que trabalhavam no gasoduto jogavam. Euclides foi falar com José Francisco para saber se era possível obter ajuda no Paraguai e para tentar saber o que acontecera, ou, em última instância, resgatar os corpos e dar um

sepultamento digno aos dois infelizes.

O fazendeiro era um homem com 1,90 m de altura. Na época, tinha setenta e dois anos, porte atlético, cabelos brancos caídos, abundantes e quase sempre despenteados por conta do hábito de usar chapéu. Usava fartos bigodes, também brancos, e adorava fumar cigarro de palha, que ele mesmo preparava. Andava com um canivete na cintura e estava sempre de botas para se prevenir de picadas de cobras, pois já fora vítima algumas

vezes. Ele tinha nascido em São Paulo e adolescente fora com os pais e com mais dois irmãos mais velhos para a região de Presidente Prudente, onde a família se estabeleceu, comprando terras e criando bois. Posteriormente, montou seu negócio em Mato Grosso do Sul. Com o aval de seu gerente, Euclides foi conversar com Chicão para saber se ele tinha como ajudá-los, pois soubera que ele também passara por problema semelhante e conhecia pessoas no lado paraguaio que talvez pudessem

dar uma luz sobre aquele triste episódio. De fato, o fazendeiro confirmou a história passada cerca de um ano atrás.

Por influência das filhas e da mulher, ele resolveu comprar um carro que combinasse o conforto de um carro de luxo com a funcionalidade e resistência de uma camionete, para fazer o longo trajeto de São Paulo a Mato Grosso do Sul, já que ele detestava viajar de avião. Sua escolha recaiu sobre um BMW X 5 – 4.4/V8, utilitária, que a esposa ajudou a escolher e adorou

quando viu na loja. Dessa forma, ela poderia, com alguma comodidade, visitar os familiares em Presidente Prudente quando estivesse em São Paulo. Era uma viagem longa e cansativa. Chicão, a princípio, abandonou o plano de levar o BMW para a fazenda em Mato Grosso do Sul, pois lá ele tinha um Jeep e suas camionetes, mais apropriadas ao local, mas quem sabe um dia? Ele constantemente estava em São Paulo para ver as filhas e os netos e a mulher volta e meia se submetia a exames médicos, porque, ao

contrário dele, não gozava de boa saúde, era comum passar longas temporadas em São Paulo sob cuidados médicos. Por esses motivos, mantinha um ótimo apartamento em Higienópolis, pois detestava ficar hospedado com as filhas. Contratou um motorista e uma enfermeira de confiança que a levavam para onde quer que ela quisesse, já que as duas filhas tinham vidas independentes. Em uma de suas passagens por São Paulo, Chicão passou pelo dissabor de ser assaltado, não uma, mas três



vezes, duas delas ao sair do Aeroporto de Congonhas vindo de Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul, e a outra em um sinal de trânsito. Como a cidade era campeã de sequestros, ele resolveu mandar blindar o carro. Ao sair da concessionária, a caminho da empresa que faria a blindagem, onde ele faria o seguro do carro, o fazendeiro resolveu passar no apartamento para falar com a esposa e mostrar o carro novo que ela havia escolhido. Estava com o motorista e, ao sair, passaram por um posto

próximo para abastecer a fim de seguirem para a empresa onde fariam o serviço. Ali se deu o assalto a mão armada.

Posteriormente, apurou-se que alguns empregados do prédio deram todo o serviço aos ladrões, uma vez que Chicão comentou pelos corredores e na portaria que estava comprando um carro importado para poder viajar melhor.

Imediatamente, ele acionou todos os amigos, conhecidos e a família que tinha na cidade para que achasse o seu carro, já que ele não

estava disposto a amargar um prejuízo de 400.000 reais assim facilmente. A polícia da capital agiu rápido, graças a muita influência e promessas de recompensa financeira. Chicão prometeu até um prêmio por fora, para que o BMW aparecesse. No entanto, o que se descobriu três dias depois, era que o carro já estava longe, fora visto atravessando a fronteira sem nenhum problema. Ele chorou de raiva. Como tinha negócios com paraguaios, resolveu fazer contato com um deles, tratava-se de um

homem poderoso em Assunção, conhecido por “El Embajador”. Pouco se sabia se o homem era embaixador mesmo ou apenas um título fictício. No dia seguinte ao primeiro contato, El Embajador, que era uma pessoa influente, retornou a ligação e confirmou que o carro estava no Paraguai, nos arredores da capital, e lhe deu o endereço onde estava, dizendo que ele mandasse alguém buscar, mas não deveria envolver nenhuma autoridade oficial daquele país ou do Brasil, que o fizesse por seus próprios

meios, pois ele, El Embajador, comprometeu-se a dar cobertura, mas não poderia se envolver diretamente, uma vez que conhecia a pessoa que estava por trás daquele “negócio”, e um envolvimento dele com o tal negociante podia gerar um confronto entre eles.

Diante da notícia, Chicão telefonou para o administrador da fazenda, Lourival, e determinou que ele armasse alguns homens e que estes se dirigissem a Assunção para o resgate do veículo, no endereço indicado por seu suposto amigo

paraguaio.

Lourival era um antigo funcionário da fazenda, tinha cinquenta e cinco anos, e era muito dedicado ao patrão. Para a missão, ele designou seu capataz principal, Germano, um homem rude, durão, criado entre bois e vaqueiros, daqueles dispostos a dar a vida por seus chefes. Tinha quarenta e cinco anos, era mulato, tinha um corpo avantajado, um tanto quanto gordo, e era tido como valentão, um tipo que gostava de contar seus feitos sempre que encontrava alguma

plateia. Lourival também escalou outro homem, mais jovem, João Batista Cipriano, conhecido como “Índio” ou “Índio da faca”, porque tinha enorme habilidade em manusear armas brancas, que ele mesmo confeccionava para seu uso. Além disso, conhecia a região e o caminho até Assunção. Outro escalado para a missão foi Valfredo, o Fredo, um vaqueiro com fama de bom de briga. Tinha estatura mediana, porte atlético, músculos adquiridos na lida com o rebanho e no duro dia a dia do campo. Tanto

Fredo como Índio já haviam sido requisitados como seguranças em ocasiões anteriores, uma vez que parte da fazenda já sofrera ameaças de invasões por grupos de Sem Terra.

A “tropa” se preparava para partir por terra numa Chevrolet Blazer da fazenda. Chicão pediu que o esperassem, pois queria ele próprio dar as instruções finais pessoalmente. E assim foi feito.

Ele contou resumidamente para Euclides que o velho teve a ajuda de um influente amigo no



Paraguai, mas um dos protagonistas principias no resgate do veículo teria sido um de seus empregados, o Índio, pois fora ele que contatou um primo, que também conhecia gente “influente”, e assim foi possível trazer o seu BMW de volta.

– De toda forma – disse Chicão – antes de apelar para os conhecidos do Índio, pois é o tipo de gente que se deve evitar, vou falar com o meu amigo paraguaio, o tal El Embajador.

Três dias depois da conversa, Chicão procurou Euclides e lhe

comunicou que não tinha a resposta esperada. El Embajador lhe disse que não obtivera nenhuma notícia da tal Toyota em solo paraguaio, muito menos dos dois ocupantes desaparecidos.

– É bem provável que possam ter ido para a Bolívia – completou.

Euclides ficou desconsolado. O fazendeiro, vendo o estado de depressão que se abatera sobre Euclides, tirou o chapéu, coçou a cabeça e tentou achar uma solução para aquele drama. Pensou que o

caminho pudesse ser o Índio, que conhecia um sujeito com trânsito no submundo do crime, Emiliano Gonzalez. Talvez este pudesse ajudar. Seria a última e desesperada tentativa. Euclides pediu permissão para falar com Índio, o que foi prontamente atendido pelo fazendeiro, que mandou chamá-lo.

A pedido do patrão, João Batista se apresentou a Euclides e foi informado do que tinha acontecido. Ele já sabia, todos na região sabiam. E não fora um fato isolado, naqueles tempos estavam

acontecendo muitas ocorrências de roubos e assassinatos. Uma ou duas quadrilhas estavam operando na região, a fim de trocar carros roubados por armas e drogas. Como fora Chicão que o indicou, João prometeu tentar ajudar na busca pelos dois desaparecidos, e o canal era seu primo Lino, que sabia como chegar até Emiliano Gonzalez.

Euclides, curioso, quis saber como foi a ação em solo paraguaio para a recuperação do carro do fazendeiro. Índio lhe contou em detalhes o episódio do resgate, e

aproveitou para falar um pouquinho dele também.

João Batista Cipriano fora parar na fazenda quase por acaso. Conheceu Fredo em Dourados quando trabalhava em um circo que estava se desfazendo e soube que o fazendeiro José Francisco estava recrutando gente para trabalhar, mas o serviço era de segurança da fazenda, que corria risco iminente de invasão por grupos de Sem Terra. No circo, João aprendeu a dirigir caminhão, camionetes, fazia limpeza nas jaulas dos animais,

armar e desarmar o circo, consertar o que estava quebrado... era do tipo “pau para toda a obra”. Além disso, ainda fazia parte do show como atirador de facas. Todas as suas habilidades acabaram ajudando-o. Na fazenda, ele também fazia de tudo, e isso agradou ao fazendeiro. Os dias passaram e ele acabou ficando. Já estava ali havia meses.

João contou que Chicão lhes deu ordens para irem para Assunção buscar o veículo. Ele, no entanto, desconfiou que não seria assim tão fácil. Na verdade, tivera um de seus

famosos pressentimentos. Alguma coisa lá no fundo dizia que correria sério risco de vida, não apenas ele, mas os demais também. Quando o patrão chegou, encontrou-o bem contrariado com aquilo tudo. Ele não se dava muito bem com parte da equipe, tinha apenas um laço de amizade com Fredo. Lourival e Germano o detestavam. O trio por várias vezes quase chegou às vias de fato. Um dos motivos era a neta do fazendeiro, que volta e meia passava férias com os avós, e tinha um carinho especial por João. Por causa

disso, despertava ciúme em muita gente.

Ao chegar de viagem, depois de um dia e meio do ocorrido, Chicão conversou com Lourival e lhe deu o dinheiro para cobrir as despesas de viagem. Este arrumou uma escopeta e os demais iriam armados com revólveres, um calibre 22 e três calibre 38. Ele reuniu o grupo e os colocou a par da missão, oferecendo uma quantia em dinheiro para cada membro: 5.000 reais. João e Fredo cresceram o olho, pois ganhavam apenas 600,00 reais, sem



carteira assinada, acrescido de café, duas refeições diárias e alojamento. Possivelmente, Lourival e Germano ganhariam mais do que isso pela tarefa. Ele tinha plena convicção de que tudo sairia bem, pois acreditava que o tal Embajador daria cobertura ao seu pessoal. Por sua cabeça passava que seus homens fariam um passeio em Assunção. Todos estavam convictos de que seria somente uma viagem para pegar um carro, e, com sorte, talvez até pegassem algumas mulheres pelo caminho, exceto João Batista

Cipriano.

Até então, a impressão que todos tinham sobre João era que se tratava de um “cara” divertido e esperto, artista de circo, com muitas habilidades incluindo o manuseio de facas e arte de confecção em metais. Era um sujeito bom de briga, porque oportunidade não faltou para demonstrar, não foram poucos os peões que o desafiaram para uma briga e ele se saiu melhor. À primeira vista, João parecia inofensivo, magro, baixo, media 1,60. À época com vinte e seis anos,

tinha feições orientais, herdadas da mãe, que descendia de índios paraguaios, seus cabelos eram negros e lisos, mas quando tirava a camisa, a impressão era bem outra, tinha várias cicatrizes oriundas do trato com animais selvagens dos circos em que trabalhara e músculos definidos. Eles não faziam a menor ideia do que aquele “baixinho” era capaz, muito menos do que já tinha se passado com ele, além do mais, herdara da avó, uma curandeira, certo dom: possuía uma sensibilidade que por vezes lhe

avisava de que algo mal se aproximava, o que incluía até mesmo a visão de alguma cena futura.

Ao ser questionado por Chicão, pois parecia contrariado, João fez várias ponderações, entre as quais se mostrou preocupado em atravessar a fronteira com armas, porque se a polícia daquele país ou do Brasil os pegassem para revista rotineira e as descobrissem, eles estariam encrencados seriamente até mesmo se pegassem estradas secundárias. Por causa das

atividades criminosas na região, poderiam topar com alguma patrulha e a situação ficaria complicada. Ainda mais que era uma viagem até Assunção, cujo trajeto era consideravelmente longo. João ainda perguntou o que encontrariam. Contra quem possivelmente lutariam. Se não havia risco. Será que aquelas armas bastariam? E com quantos homens no Paraguai poderiam contar? Essas e outras dúvidas, ninguém se dera conta. Lourival e Germano simplesmente se puseram a

obedecer as ordens do patrão.

Chicão respondeu-lhe que não tinha aquelas respostas, e perguntou a ele:

– Você quer levar mais gente? Mais uma camionete com mais três ou quatro?

– Levar mais gente vai chamar ainda mais a atenção, patrão.

O grupo estava no escritório da fazenda, e, naquele momento, se fez silêncio. Possivelmente Lourival, Germano e Fredo caíram em si a respeito do que podiam esperar. Dessa vez, não era somente

se armar e assustar pobres e humildes lavradores Sem Terra dando tiros para o alto. Iriam para outro país, um lugar possivelmente hostil, buscar um carro que estava nas mãos de ladrões. Quem quebrou o silêncio foi o Fredo.

– Índio tem razão, não é só ir lá e buscar o carro, não. O buraco é bem mais embaixo!

– O que sugere então, Índio? Diga! – falou o velho fazendeiro visivelmente contrariado, enquanto Lourival e Germano permaneciam calados e apreensivos.

– Patrão, preciso pensar, estou com umas ideias aqui.

– Fale, homem! Diga logo! Estamos perdendo tempo!

– Vamos ter cobertura em Assunção? Vai ter mais gente para ajudar? Nesse caso, é melhor viajar desarmado e pegar as armas lá, na hora, antes de fazer o serviço. O que o senhor acha?

– Vou ligar para uma pessoa lá e lhe digo já.

Ele pensava no seu conhecido El Embajador, e ligou, mas não obteve êxito, não o



encontrou. O nervosismo tomou conta de Chicão, e, por conseguinte, Lourival e Germano já pensavam em um modo de desistir sem que parecesse covardia, porque uma coisa é dar tiros para o alto para assustar, outra muito diferente é viajar cerca de 700 km armado para resgatar um carro sabe-se lá como, e fazer o trajeto de volta são e salvo, os dois mal se aguentavam. Chicão voltou com a resposta de que não conseguira falar com o amigo e perguntou a João qual era o plano dele, se é que tinha algum.

– Patrão! Posso ligar para o meu primo em São Paulo?

– Para quê?

– Meu primo, o Lino, conhece um pessoal que pode ajudar-nos.

Lino era o apelido de Raulino, filho da irmã da mãe de João.

– E o que seu primo faz? Ele trabalha em quê?

– Ele é policial militar em São Paulo. Conhece muita gente, pessoas que devem favor a ele, deixe-me tentar.

– Ok, Índio. Ligue, o telefone está bem ali, vamos ver o que você tem para nos apresentar.

João Batista Cipriano ligou para o celular do primo e deu caixa postal. Tentou várias vezes e nada. Resolveu ligar para a namorada de Lino, Janaína. Ela atendeu e João falou que estava com uma emergência e precisava falar com ele de qualquer jeito. Ela pediu para ele esperar que tentaria localizá-lo. João forneceu o número onde estava e disse que ela poderia ligar a cobrar. Decorridas duas horas, Lino

retornou a ligação. João lhe contou o problema e Lino disse que tinha de consultar uma pessoa. Tratava-se de Emiliano Gonzalez, um traficante de armas boliviano que transitava pela fronteira entre o Paraguai, a Bolívia e o Brasil. Passaram-se quatro horas e a situação permanecia inalterada. Chicão estava a ponto de enfartar, a ansiedade o matava, mas não tinha o que fazer, uma decisão errada podia pôr em risco a vida de quatro pessoas e mais 400.000 reais do carro. Finalmente, Lino ligou e

disse que Emiliano ajudaria mediante uma quantia em dinheiro em dólar. O fazendeiro pediu mais explicações, qual era o plano e quanto ia custar. João explicou que Emiliano lhe dissera que ele forneceria o pessoal de cobertura armado. Não era conveniente viajar com armas do Brasil, pois não era uma viagem curta e seria arriscado portar armas. Dois homens dele fariam contato assim que eles chegassem em Assunção. Pediu que fosse fornecido previamente o endereço de onde estaria o carro.

Eles fariam o reconhecimento antes, e, se fosse o caso, poderiam tomar parte na ação. O apoio sairia por \$ 15.000 dólares, já incluindo o armamento que não foi especificado qual seria. Chicão, conhecido por sua sovinagem, ficou uma fera e não concordou. Julgou estar sendo espoliado por um vigarista que queria se aproveitar de seu infortúnio para ganhar dinheiro fácil. Aceitou pagar um terço. João ligou de volta para Lino e expôs os pontos de vista do patrão. Lino disse que tornaria a falar com Emiliano e

assim que tivesse a resposta iria comunicá-lo.

Emiliano não aceitou a contraproposta, ou era o que pediu, ou nada feito, eles que se virassem sozinhos então. Chicão era o tipo de homem que não aceitava desaforos, por essa razão mandou os homens irem assim mesmo, não faria acordo algum com Gonzalez, e planejou que no decorrer da viagem faria contato novamente com El Embajador e resolveria a questão. Ele concordou que o grupo não deveria ir com armas; esperava que

ao contatar seu conhecido paraguaio, iria convencê-lo a lhe dar maior ajuda naquela empreitada, que no início parecera simples, mas agora estava ficando complicada.

Combinaram que sairiam na madrugada de quarta-feira. Provavelmente chegariam em Assunção perto do meio-dia ou pouco depois. Calcularam cerca de oito horas de viagem. Se possível, pegariam o carro no mesmo dia e, se tudo desse certo, na madrugada de quinta-feira a BMW estaria de volta.



Cristina, a neta de Chicão, viera de São Paulo para fazer companhia aos avós naqueles dias. Como tinha uma amizade especial por João, pois fora ele que lhe dera o seu adorado animal de estimação, um cão pastor alemão manto negro, ele foi se despedir dela. Ele a tinha cativado, passara uma parte de sua vida em circos, e no início de sua vida circense fora admitido como tratador de animais, assim, desenvolveu uma habilidade para lidar com bichos. Anos depois de trabalho árduo e muito treinamento,

passou a fazer parte do show. Seu número no espetáculo era o atirador de facas, aquele em que se coloca uma pessoa em pé encostada em uma antepara de madeira e se atira várias facas ou punhais em torno desta a uma determinada distância. Como ele passou por inúmeros circos, grandes e pequenos, aprendeu alguns truques de mágica, malabarismo e acrobacia, entre outros, mas sua especialidade mesmo eram as facas. Estas suas habilidades lhe garantiam enorme popularidade por onde passava. As

crianças, filhas dos vaqueiros da fazenda o adoravam, assim como muitos peões e pessoas da pequena cidade onde a fazenda se situava. Volta e meia, ele e Fredo iam a Dourados se divertir. Fizeram muitos amigos por lá, pois estar com Índio era sinal garantido de diversão. Naquele mesmo dia, depois de se despedir da neta do fazendeiro, ele foi até a igreja da cidade rezar e pedir proteção.

O grupo saiu às três horas da madrugada. Foram arrumados aparelhos de comunicação a

distância para todos. Lourival tinha o endereço onde o carro estava e fora designado como chefe do grupo. Seu imediato seria Germano. João levava consigo duas facas afiadas presas nas botas com a calça jeans por cima. Fredo carregava uma pequena pistola calibre 22, também escondida. Se a polícia aparecesse ele se livraria dela; os dois eram tidos como meros coadjuvantes para dar apoio, pelo menos era o que Chicão pensava.

Ao atravessaram a fronteira em Pedro Juan Caballero, Lourival,

dirigindo a Blazer, disse estar com frio. Naquela madrugada, a temperatura estava amena e ninguém ligou para o que ele disse. Pouco mais de meia hora, ele pediu a Germano que dirigisse, alegando que não estava bem. Possivelmente era alguma indisposição. Fredo dormia como criança, e Índio cochilava e acordava. Sentia que algo desagradável estava por vir. Enquanto isso, Lourival e Germano olhavam para todos os lados da estrada, o nervosismo deles era algo evidente.

Amanhecia quando Lourival pediu para parar o carro. Ele desceu e começou a vomitar. Todos ficaram surpresos. Logo adiante, pararam para tomar café e ele foi para o banheiro, reclamando que além de estar com uma indisposição estomacal estava também com diarreia. Ao ver Lourival naquele estado, Germano pensou em voltar e ligou para o patrão, mas este lhe deu ordens para que fossem até uma cidade próxima e tentassem comprar algum medicamento. Caso ele não melhorasse, procurassem

um médico e permanecessem em um hotel até ele ver o que faria, pois até aquele momento não conseguira fazer contato com El Embajador

A meio caminho de Assunção, chegaram a uma pequena cidade chamada San Pedro. Foram até a farmácia e um homem de meia-idade, que atendia no balcão, deu-lhe um remédio. Mas Lourival possivelmente levaria um tempo para se recuperar e não podia ser deixado sozinho. Assim, todos se dirigiram a um pequeno hotel. João Batista tomou as rédeas da tarefa e

resolveu deixar os dois e seguir viagem com Fredo, já que Germano também dava mostras de que não estava bem, ou melhor, o medo já estava fazendo efeito, presumia ele que o patrão conseguiria apoio do tal amigo influente em Assunção.

Quarta-feira à tarde a dupla chegou ao destino, estavam exaustos. O plano de voltar no mesmo dia já fora abandonado. Hospedaram-se em um pequeno e discreto hotel nos arredores da capital paraguaia. João Batista perguntou ao homem da recepção se



ele sabia onde era o lugar que eles estavam procurando, mostrou-lhe o endereço e ele respondeu que devia ser fora da cidade. Em um mapa colado na parede, mostrou onde provavelmente seria. Índio, que entendia espanhol por causa da avó e por ter passado com circos pelo Paraguai, conversou um pouco com o recepcionista e identificou que poderia se tratar de um rancho distante.

Os dois subiram para o quarto. Ligaram para Chicão dando notícias, e este lhes disse que havia

conseguido falar com El Embajador, que passaria a ele o hotel onde eles estavam e que logo pela manhã apareceria uma pessoa da confiança dele para ajudar e levá-los até o local e buscar o veículo. Depois de terminar com o patrão, ligou para Lourival, que, naquele momento, parecia estar bem. Fredo ouviu a conversa e logo que João terminou de falar, comentou que o que acontecera a Lourival foi que ele tinha “amarelado”. Tudo aquilo era medo! João ficou em dúvida, mas também notou que ao sair da

fazenda, não só Lourival, mas também Germano, pareciam diferentes. Conversaram um pouco mais e foram tentar dormir, pois estavam tensos pelo que estava por vir.

Tanto João quanto Fredo mal conseguiram dormir; estavam em uma espelunca, com pouco conforto e camas duras. Levantaram-se bem cedo e foram para o salão tomar o café da manhã, que foi bem simples. Fredo parecia estar com mais fome e reclamou muito do jejum do hotel. Ambos

resolveram sair para fazer um lanche melhor, já que não sabiam quando voltariam a comer novamente. Sairam e deixaram um aviso na recepção que se caso alguém fosse procurá-los, deveria ser avisado que não demorariam. Voltaram, mas ninguém havia aparecido. A espera os deixou tensos, mas não havia outro jeito, tinham de aguardar.

Eram onze horas da manhã de quinta-feira quando apareceu um homem chamado Izidro. Ele era claro, alto e gordo, tinha os olhos

puxados, cabelos lisos e bem negro. Usava bigodes e um fino cavanhaque. João avaliou que ele deveria ter cerca de quarenta e cinco anos. Izidro carregava uma maleta. Ao chegar à recepção do hotel mandou chamá-los, dizendo que vinha a mando de El Embajador. Pediu para conversarem no quarto. Chegando lá, ele abriu a valise, onde havia quatro armas, dois revólveres calibre 38, uma pistola 7,65 e outra 45 mm, mais usada nas forças armadas. Índio e ele se entenderam em espanhol, mas ele pediu a Izidro

que repetisse as frases ditas mais rápidas. Fredo tentava acompanhar. Izidro perguntou pelos outros dois, porque a informação que ele tinha era que viriam quatro homens do Brasil para buscar o veículo. João lhe explicou o que acontecera aos outros, e que estavam somente em dois. Izidro perguntou se eles sabiam usar as armas, João disse que sim e perguntou a Fredo se ele sabia usar. Fredo, até então, tinha usado apenas espingardas e só dera tiros esporadicamente em revólver calibre 38 em latas vazias e velhas.

Nunca usara uma pistola daquelas. Para sua surpresa, João, começou a manuseá-la como se tivesse grande experiência no assunto, e tinha. Fredo, admirado, perguntou onde ele aprendera a usar aquele tipo de arma, porque até então para ele, Índio era um atirador de facas. Ele respondeu que fora com o primo policial, um perito. João começou a examinar a pistola atentamente. Olhou, fez mira, examinou o pente de projéteis e perguntou a Izidro se somente aquelas armas seriam suficientes, e se viria mais alguém

para ajudá-los. O homem respondeu que não, não viria mais ninguém, pois pensava que quatro homens seriam suficientes. Ele estava ali somente para levá-los até o local onde o carro estava, porque, segundo El Embajador, já estava tudo combinado com o outro homem que estava com o carro. Índio interpôs que não seria necessário o uso das armas, já que estava tudo acertado. Izidro lhe respondeu que era somente uma precaução, nada de mais. João aceitou a resposta, mas ficou um



tanto quanto desconfiado. Meia hora depois, os três saíram do quarto com as malas prontas, pagaram a conta e deixaram o hotel indo em direção ao local onde o veículo supostamente estava. Izidro pediu para dirigir porque assim ganhariam tempo, já que ele conhecia bem a cidade.

Decorrido um espaço de tempo de uma hora, após a saída do hotel, eles foram conduzidos para fora da cidade até uma estrada vicinal de terra batida. No fim dela, encontraram um portão de madeira. Não havia ninguém de guarda, a

porteira estava apenas encostada e um cadeado com correntes enlaçava a porteira a um caibro. Bastava apenas suspender a corrente para abrir o portão. Assim o fizeram, retornando para a Blazer. Os inquilinos, com certeza, não temiam ser incomodados, e possivelmente nem deveriam ser. Entraram na pequena fazenda e mais dez minutos chegaram a um pátio, onde tinha uma casa enorme. Ao lado dela, dois grandes galpões serviam de oficina e garagem. João e os outros viram nada mais, nada menos, do que

cerca de quinze carros importados de luxo: Mercedes, BMWs, inclusive a do patrão, e diversas camionetes de fabricação japonesa. Todos estavam sendo devidamente preparados para serem legalizados e dali levados para a Argentina, Uruguai, Bolívia e mais algum outro país da região Sul da América. Possivelmente, a maioria dos veículos era oriundo do Brasil.

Além dos carros, deveria ter cerca de oito homens naquela local. Aqueles que estavam no pátio, tão logo viram a Blazer chegar, pararam

o que estavam fazendo para observar os visitantes. Índio ficou de olho para ver se via alguém armado. Fredo estava tenso e Izidro, que até então parecia calmo, começou a tremer, mas desceu do veículo e disse gaguejando que queria falar com um homem chamado El Capitan, que ele estava ali por ordem de Don Domingos, mais conhecido por El Embajador. Contudo, quem apareceu foi um sujeito enorme, que devia pesar cerca de 150 kg. Ele veio em direção ao grupo tal qual um

gigantesco rinoceronte. Apresentou-se como Juanito. Ele era moreno-claro e tinha feições indígenas, seus cabelos eram lisos e repartidos ao meio. Tinha um bigode bem fino e usava suspensórios. À primeira vista, quem olhasse para Juanito tinha vontade de rir, tamanha era a figura bizarra que se via.

Índio pouco compreendeu o diálogo rápido travado entre Izidro e o tal Juanito, pois o primeiro gaguejava muito e o outro falava tão rápido que parecia uma metralhadora. Mas uma coisa ele

compreendeu: não sairiam com carro algum. Índio, ao ver Izidro se virar e dizer que iriam embora, tentou falar com Juanito, mas este, por sua vez, tratou-o com extrema grosseria, ameaçando-o com gestos obscenos e ríspidos. Os três saíram e Fredo perguntou para Índio o que havia acontecido.

– Não era só pegar o carro?  
Não estava tudo combinado?

– Não tem nada combinado,  
Fredo, nada!

O três pegaram a Blazer e saíram rapidamente. Izidro saiu

esbravejando e xingando em espanhol. Pegou o celular e tentou ligar para El Embajador. Seu nervosismo era tanto, que cada hora discava um número diferente. Quando conseguiu, ninguém atendeu. Izidro perguntou aos dois o que fariam, se iriam embora ou voltariam ao hotel. Índio mandou parar o carro, estava tentando ligar para Chicão, mas não conseguia. A recepção estava ruim. Pararam e ele ligou de novo para saber o que deveriam fazer. Ao tomar ciência do ocorrido, o fazendeiro quase passou

mal. Falou todos os palavrões que conhecia. Ao terminar de ouvir, Índio perguntou se o amigo dele era realmente uma pessoa influente e por que não davam queixa na delegacia local para a própria polícia recuperar o carro? Chicão disse que isso foi a primeira coisa que conversou com El Embajador, que o desanconselhou a agir daquela maneira. Foi então que João voltou a sugerir que ele aceitasse a oferta de Gonzalez. Com toda certeza eles sairiam do Paraguai com o carro. Chicão, por fim, deu-se por vencido



e concordou. Índio lhe forneceu o telefone do primo, o Lino, que era quem conhecia o boliviano. Enquanto Chicão tomava as providências, Índio pediu a Izidro que os levasse ao centro da cidade. Ali, escolheriam outro hotel barato. Preventivamente, ele não quis que Izidro soubesse onde eles ficariam, afinal, era prudente não confiar em ninguém em uma situação como aquela. Mas quem estava a ponto de explodir e “chutar o balde” era Fredo, que pensou que faria um passeio em Assunção. Contudo, a

realidade foi bem outra. Ele começou a temer ser morto ou preso e estava a fim de ir embora de ônibus sozinho. Foi preciso muita paciência e persuasão para que Índio o convencesse a ficar.

Tão logo se instalaram em outro hotel, ele ligou para o patrão para avisar onde estavam e lhe dar o telefone de onde poderiam ser encontrados. Souberam que o contato com Lino ainda não tinha sido possível, nem com a namorada dele, Janaína. O jeito era esperar. Índio ainda tinha de segurar Fredo,

que volta e meia dizia que ia embora. Em torno das três horas da tarde, João e Fredo saíram para almoçar. Apenas João transparecia certa calma, Fredo olhava para todos os lados, temendo estar sendo seguido. Pouco comeu de tanto nervosismo. Retornaram ao hotel e esperaram. Por volta das seis horas da tarde, Chicão ligou dizendo que estava tudo combinado. Ele aceitou pagar a quantia que Gonzalez pediu e a instrução era que, o mais tardar no dia seguinte, gente da confiança dele iria procurá-los para ver como

fariam para recuperar o carro. Índio respirou aliviado, se tudo que o primo dissera dele fosse verdade, certamente a ação tomaria outro rumo, com grande possibilidade de sucesso. Apesar de estar sob tensão, seu “radar” interior o avisou que momentaneamente eles estavam fora de perigo, o que o deixou mais calmo. Assim passaram todo o dia de sexta-feira, à espera.

Sábado pela manhã, ainda bem cedo, apareceu no hotel um homem chamado Ramirez, dizendo que vinha a mando de Emiliano

Gonzalez e que já estava a par de tudo. Chegou com mais um: Esteban. Ambos pareciam irmãos, mas lembravam aqueles integrantes latinos de gangues de Maras da América Central que se vê em filmes. Eram mal-encarados, tinham feições indígenas, cabelos lisos, idade em torno dos trinta anos e usavam bigodes. Ramirez se distinguia pelo uso de uma pequena penugem de cabelo no queixo, um minicavanhaque. Eram magros e baixos, da estatura de João.

Índio lhes contou o que

acontecera e eles discutiram sobre o que fazer. Ramirez perguntou onde ficava e como era o lugar, se tinha cães, quis saber de todos os detalhes. Índio lhe contou tudo que pode se lembrar durante os poucos minutos em que lá estivera e perguntou a Fredo se lembrava de algum detalhe a mais que pudesse ajudar. Completou dizendo que Izidro, ao chegar, procurara por um tal de El Capitan. Depois de escutar a narrativa e saber o nome do proprietário, Ramirez disse que a estância pertencia ao capitan

Vasquez, um ex-oficial do Exército e integrante da polícia local, uma pessoa influente. Disse que eles estavam lidando com gente poderosa, por esse motivo teriam de tomar todas as precauções, pois, se fossem pegos, não sairiam vivos para contar a história, seria morte certa, o que deixou Fredo pasmo.

Combinaram que o melhor seria deixar o serviço para aquele dia à noite. Achavam que nesse horário, teria somente os vigias e seria mais fácil agir. Ramirez pegou o celular e falou com Gonzalez,

forneendo as informações que Índio lhe passara. Gonzalez resolveu pôr um terceiro elemento, que Índio nunca veria nem saberia quem foi, para ficar de guarda próximo à estância e vigiar o movimento de saída e entrada a fim de saber se o carro ainda permanecia no local.

A pedido de Ramirez, Índio, que lidava bem com animais, pois foi uma das coisas que aprendeu no circo, foi a uma loja de rações e comprou ossos e comida para cães. Para se precaver, conseguiu uma peça de couro para proteger os



braços, em caso de um possível ataque de cães ferozes, caso houvesse.

Eram quase dez horas da noite quando Ramirez e Esteban chegaram. João e Fredo já haviam pago a conta do hotel, que só venceria no dia seguinte, no domingo. Os quatro pegaram a Blazer e seguiram para o destino. Ramirez levou uma mochila e foi bem preparado. Tinha quatro pistolas automáticas, três 7,65 mm e uma 45, com silenciadores, além de farta munição. Parecia que ele não

brincava em serviço. Não era só isso, tinha também mais duas granadas de mão. Ramirez contou que pôs alguém de guarda próximo para monitorar o movimento da área e soube que provavelmente haveriam duas ou três pessoas de guarda. O carro ainda estava lá. Naquele dia, ainda chegaram mais dois carros importados oriundos do Brasil.

No trajeto, distribuiu as pistolas entre eles. Fredo pegou, mas não sabia usar. Índio lhe deu algumas instruções: como destravar

e travar, recarregar etc. Fredo se admirou com a intimidade dele com armas e munições. Nem sequer imaginava que João tinha intimidade com armas de fogo, muito menos com pistolas automáticas, pensava que era somente com facas e machadinhas de circo. Isso começou a intrigá-lo. “Índio parece ser uma pessoa, mas na verdade é outra”, pensou.

Ao chegarem à estância, a porteira estava fechada com correntes e cadeado. Esteban tirou de sua mochila um grande alicate de

corte e a partiu sem dificuldade.

Abriu o portão e entraram.

Chegando ao pátio, ouviram o latido dos cães. Ramirez armou a pistola com silenciadores, não queria perder tempo. Índio o impediu, saltou do carro já devidamente protegido com as peças de couro e jogou os ossos e a comida para os cães, que não eram adestrados para atacar e se entretiveram com o alimento. Pelo que se percebeu, com toda certeza o proprietário do local tinha o seu negócio de receptação de veículos roubados sem grandes

problemas. Ele devia ter boas conexões com as autoridades locais, que, sem dúvida, faziam vista grossa às suas atividades escusas, assim não havia grande aparato de vigilância. Dois vigias armados, ao perceberem o barulho do carro e o latido dos cachorros, saíram da casa. Um deles, que morava ali e trabalhava durante o dia na oficina, reconheceu João e Fredo. Ramirez e Esteban saíram da Blazer como flechas disparadas sobre seus alvos, com as armas em punho e devidamente engatilhadas. O

primeiro voou em cima de um e o abateu com o cabo da pistola. Sem tempo para reação, o outro levou um chute no estômago aplicado por Estebam, vindo a cair gritando de dor. Em seguida, ficaram sob a mira das pistolas de Ramirez e Estebam, enquanto João e Fredo abriram o portão da garagem, que também era a oficina mecânica e não estava trancado. Entraram, reviraram o pequeno escritório em busca da chave do carro, e encontraram-na em um painel na parede. Depois, puseram-se a procurar pelo

documento e não o acharam. Lembrarm-se de um detalhe que Chicão contara, no momento do roubo em São Paulo a documentação estava no porta-luvas. Ele recomendou que a pegassem. Índio recordou-se do que seu patrão disse e abriu o carro, achando o documento original. Agora era ir embora, mas tinham de se certificar que não seriam perseguidos, por essa razão teriam de imobilizar os dois homens encontrados, que estavam sob a mira de Ramirez e Esteban. Índio e

Fredo olharam em todo lugar para ver se achavam alguma corda. O plano era prender os dois para que não dessem o alarme do que havia ocorrido. Tinham de agir rápido, pois Ramirez queria liquidar os dois. João o convenceu a não fazê-lo, porque, segundo seus argumentos, somente no dia seguinte ou mesmo na segunda-feira, os chefes tomariam conhecimento do que acontecera, e eles já estariam no Brasil. Por fim, encontraram um arame e o usaram. Um dos homens foi levado para um



pequeno banheiro, dentro da sala do escritório, amarrado e deixado totalmente imobilizado, pelo menos julgaram assim. O outro foi levado para um pequeno compartimento que servia de depósito e também ficou ali amarrado. Em seguida, saíram rapidamente. A operação não levou mais do que trinta minutos, uma eternidade, segundo Ramirez, que disse que não deveriam levar mais do que metade do tempo, mas sua estratégia era eliminar os obstáculos a tiros.

Aproveitaram a madrugada

para se evadirem. Tomaram a estrada e seguiram em direção a San Pedro para pegar Lourival e Germano, e dali seguirem para Mato Grosso do Sul. Contudo, na fuga, acabaram cometendo um erro, comentaram que tinham de agir rápido para pegar os outros dois naquela cidade paraguaia. Essa pequena confidência foi ouvida por uns dos vigias imobilizados.

Um dos guardas do sítio, aproximadamente pouco mais de uma hora depois do ocorrido, conseguiu se desvencilhar das

amarras, pois em uma ação rápida como aquela nem tudo sai como deveria. Ele não foi bem amarrado e se desprende. Procurou o companheiro e o libertou. Ligou para Juanito contando o que houvera, e este de imediato se comunicou com o chefe, El Capitan. Juanito soube por um dos vigias subjugado que pelo menos dois homens que os prenderam e levaram o carro eram os mesmos que haviam ido lá na quinta-feira, só não estava o homem claro e gordo, disse-lhe o vigia, ele se referia a Izidro. Disse

também que o grupo partira em direção a San Pedro para pegar outros dois. El Capitam deu ordens expressas para que recuperassem o carro, porque já o havia vendido a um empresário uruguaio.

Juanito, na madrugada de sábado, levou algum tempo para mobilizar seu grupo. Reuniu dois bandos e saíram em direção a Pedro Juan Caballero, porque quando Izidro e os demais estiveram no local, Juanito falou com El Capitan e soube que a BMW-X5 era de um fazendeiro de Mato Grosso do Sul,

da região de Dourados, amigo de don Domingos, para o qual o patrão devia alguns favores, mas El Capitan não gostava de ser lembrado disto, e, ao ser interpelado por El Embajador, após o incidente com Izidro, disse espertamente que não havia sido avisado de nada, e, de forma cínica, culpou seu homem de confiança, Juanito, pelo descuido, atribuindo-lhe vários adjetivos, que caso este viesse a saber era ele quem fugiria com os carros do chefe.

Índio pegou a direção do

BMW, Ramirez e Esteban pegaram a Blazer e seguiram na frente, pois conheciam bem o caminho.

Atravessaram Assunção e foram pela estrada que os levaria a San Pedro para pegar Lourival e Germano, depois, seguiriam em direção a Pedro Juan Caballero.

Era mais ou menos cerca de três horas da madrugada quando chegaram a San Pedro. João Batista e Fredo, durante o trajeto, tentaram ligar para Lourival e Germano várias vezes, sem sucesso. Depois, souberam que as baterias

descarregaram porque eles se esqueceram de levar os carregadores. Tentaram a recepção do hotel, que depois de muito tempo atendeu. No quarto deles não havia telefone, somente na recepção. Depois de muita conversa com o recepcionista, que não ficava na recepção, mas dormindo em um colchonete no escritório, este foi chamar Lourival, que dormia como um pedra. Germano, por sua vez, tinha saído para beber em um bar qualquer e tentar pegar umas “chicas”, como ele mesmo diria

mais tarde. Ao chegarem ao hotel, Lourival estava pronto para partir, mas tinham de encontrar Germano. Lourival parece que recobrou a pose rápido, e perguntou

– Quem eram aqueles dois que os acompanhavam?

A pergunta não agradou a Ramirez, pelo tom de desprezo que usou, mas Índio não tinha tempo para explicações e eles saíram à procura de Germano. Percorreram vários bares que estavam ainda abertos e acabaram em um prostíbulo, na periferia da cidade.



Ao chegar ao bordel, João e Ramirez foram falar com o gerente do estabelecimento, havia seguranças na porta, que revistavam a todos que entravam, e que também submeteram Índio e Ramirez à revista. O primeiro descreveu ao gerente o homem que estavam procurando, e este lhe disse que havia alguém ali parecido com aquelas descrições. Quis saber se havia algo de errado, João deu uma desculpa e, sem mais conversa, saiu rápido batendo de porta em porta nos quartos à procura de Germano.

O gerente não gostou porque estava incomodando seus clientes e chamou seus seguranças para pôr João e Ramirez para fora. Começou a se formar um tumulto e João pedia calma. Ramirez estava nervoso. Fredo e Esteban entraram com as armas porque os seguranças da portaria foram para dentro do bordel tentar conter Índio e Ramirez. Algumas mulheres começaram a gritar e correr. Alguns poucos clientes aproveitaram a confusão para saírem correndo sem pagar a conta. Nisso, um segurança deu um

soco em Ramirez, que gritava muito. Esteban sacou a pistola e apontou para os seguranças. O gerente se abaixou atrás do balcão, temendo o tiroteio que estava por vir. Fredo repetiu o gesto de Esteban e apontou a arma que estava em seu poder, enchendo o peito. Embora não soubesse usá-la, fez pose de quem sabia. Em meio aquele impasse, Índio saiu correndo e abriu mais duas portas que faltavam. Em uma delas, encontrou Germano seminu e bêbado e o arrastou à força, provocando gritos

de pavor da mulher que estava ao seu lado. A confusão reinava no salão do bordel. Índio arrastou Germano, Fredo o ajudou, e o grupo saiu com armas em punho. Jogaram Germano no banco traseiro da BMW e sumiram em direção à estrada.

A vantagem que eles tinham sobre Juanito diminuiu, pois o tempo que demoraram para pegar Lourival e procurar por Germano tinha sido crucial. O ideal era terem deixado os dois para trás, porque até então a existência de Lourival e

Germano ainda não fora notada, os dois poderiam ir depois de ônibus sem serem molestados. Meia hora depois, chegaram à cidade duas camionetes Pajero Mitsubishi, com quatro homens em cada uma, devidamente armados. Eles percorreram as ruas da cidade vazia, passaram por bares e hotéis e perguntaram por dois veículos: um BMW camionete e um Chevrolet Blazer. Uma pessoa que presenciou tudo no prostíbulo, lhes forneceu uma pista dizendo que eles saíram em direção à estrada. Juanito saiu

no encalço.

Logo depois, o grupo de Índio parou em um posto de gasolina na saída da cidade para abastecer. Ao sair de Assunção em desabalada correria, ninguém se preocupou em colocar gasolina. Embora algumas luzes estivessem acesas, o posto estava fechado, só havia um vigia, e mesmo assim dormia escondido. O grupo parou os carros. Todos saíram à procura de algum frentista ou de alguém que pudesse atendê-los. Acordaram o vigia a muito custo e, este, depois

de muita conversa e algum dinheiro, resolveu abrir o escritório e pegar a chave de uma das bombas para abastecer os dois veículos. E lá se foram mais vinte minutos. Juanito já estava próximo.

A viagem prosseguiu. Passaram pela cidade de Belen e rumaram para Pedro Juan Caballero, onde atravessariam a fronteira e deixariam Ramirez e Esteban.

Amanhecia quando resolveram parar para tomar café em um restaurante da estrada. Desceram tranquilamente e

entraram. Naquela hora, não havia movimento. Índio estava apreensivo, alguma coisa o incomodava, ele temia estarem sendo seguidos, e não era só ele, Ramirez passava pelo mesmo processo, pressentia perigo imediato, enquanto os demais entraram, ele ficou na porta, de olho na estrada. Lourival, Germano, Fredo, João e Estebam foram ao banheiro, saíram e se dirigiram para o balcão. O café começava a ser servido quando duas Pajeros, uma prata e outra negra, passaram



zunindo pela estrada em frente ao posto. O coração de Ramirez disparou. Em seguida, todos ouviram uma forte freada seguida de derrapagem. Os carros, por pouco, não colidiram entre si. Ramirez percebeu o que era e gritou por Esteban e João, que correram para ver o que se passava. As Pajeros manobravam e vinham entrando no pátio do restaurante. Todos correram para os veículos e tomaram posição de tiro, a fim de se protegerem, porque nenhum deles, por sorte, se desfez das armas. As

duas Pajeros entraram a toda velocidade no pátio e frearam. Na camionete de cor negra, a porta da frente se abriu e Juanito, com feição irada, desceu com a arma em punho. Seu peso era tanto que o veículo se inclinou na direção em que ele saiu. Os comparsas o seguiram, parecia que só davam um passo se Juanito o fizesse primeiro. Os outros que estavam na Pajero prata fizeram o mesmo. Ramirez o tinha sob a mira de sua pistola e gritou em espanhol para que permanecesse onde estava ou o liquidaria ali mesmo, mas ele

não se intimidou e seguiu avançando com mais outros sete homens, também de armas nas mãos. Ramirez deu mais um berro, o grupo parou e também apontou as armas. A princípio, eram três contra oito, e foi exatamente isso que Juaninto argumentou, mandando Ramirez, Esteban e João se renderem. Ramirez tirou dos bolsos uma das granadas que levara e a mostrou ao bando rival. Juaninto amarelou ao vê-la e engoliu em seco. Dentro do restaurante, Lourival, Germano e Fredo

acompanhavam tudo, já tremendo. João lembrou o que Chicão dissera a ele, que houvera um acerto entre El Capitan e El Embajador a seu pedido, e que estava tudo combinado para levarem o BMW, e que El Capitan cinicamente dissera que fora Juanito que, provavelmente, não fizera a coisa certa. Ele usou esse argumento para detê-lo. Ambos discutiram aos berros e João tentou falar com Juanito em espanhol, mas acabou por se complicar. Muito nervoso, não conseguia achar as palavras

certas. Ele gritava para Ramirez em português misturado com espanhol e este gritava para Juanito, que respondia não saber de nada daquilo que estavam falando. Naquele momento, estavam num impasse, onze homens armados com pistolas automáticas se apontando mutuamente. João gritou para Lourival e pediu para ele ligar para Chicão, solicitando que este ligasse para El Embajador. Depois de algumas tentativas, Chicão atendeu e ficou sabendo da situação. Em seguida, ele ligou para El

Embajador. Enquanto isso, a situação ficou tensa. Ramirez começou a fazer planos de tiro. Por sorte, ele, Esteban e João estavam abrigados atrás da Blazer. Fredo tomou coragem e ficou em posição de tiro na enorme janela do restaurante, matinha-se seguro, mas, com a arma em punho. A turma de Juanito estava no meio do pátio, embora em maior número, estava desprotegida. Em uma troca de tiros, possivelmente em um primeiro momento levariam a pior. Todos temiam pelo estrago que a

granada podia fazer entre eles, portanto, era preferível manter prudência de ambos os lados.

Decorridos cerca de dez minutos, que pareceram ter a duração de um dia, o celular de Juanito tocou. Era El Capitan que o chamava, dizendo que estava tudo certo, que retornassem à Assunção. Recomendou que pedisse desculpas pelo ocorrido. Assim ele o fez. O grupo abaixou as armas e todos retornaram aos seus carros, pegando a estrada de volta.

Eles respiraram aliviados e

seguiram caminho até a fronteira, onde deixaram Ramirez e Esteban. Em seguida, pegaram uma estrada vicinal para evitar novas surpresas. Atravessaram para o lado brasileiro e seguiram até Dourados.

Duas semanas depois, Chicão viajou no BMW com seu motorista até Presidente Prudente e depois rumaram para São Paulo. Estranhamente, foi parado em quase todas as barreiras policias, “será que quando o carro fez a viagem inversa rumo ao Paraguai ele foi parado alguma vez?”, perguntou-se.



Euclides escutou admirado a façanha que João narrou. E este, ao terminar, prontificou-se a fazer contato com o primo. Euclides, antes, quis saber quanto custaria o “serviço”. Índio, no entanto, surpreendeu-o, fazendo-lhe uma contraproposta.

– Doutor Euclides, eu vejo tudo para o senhor e, se der, até vou fazer justiça com esses bandidos, mas não vamos falar em dinheiro. O senhor me paga de outro jeito.

– Por favor, João! Não me chame de doutor! Eu sei que vai dar

trabalho, você tem de me dizer quanto ficará, que outro jeito será esse? E se eu não puder atendê-lo?

– Eu não pediria ao senhor alguma coisa que não pudesse me atender.

– Então, vamos lá! Diga-me o que quer.

– Bem, é o seguinte, estou precisando arrumar outro serviço, um emprego de verdade, não quero ficar mais aqui na fazenda. Meu irmão Dimas também está precisando trabalhar e eu queria que o senhor me desse uma

oportunidade. Talvez ocupar a vaga deixada por seu sobrinho e pelo motorista. O Dimas dirige bem, ele poderia ficar como motorista, pode confiar. Eu sei ler e escrever, faço de tudo, não tenho preguiça, trabalho dia e noite se for preciso, e duvido que depois que eu entrar na empresa do senhor, se vai haver assalto. O seu Chicão falou que vocês já sofreram três assaltos e que o último foi o pior.

– Sim, foi – respondeu Euclides, pensativo. Enquanto Índio falava, ele foi fazendo planos na sua

cabeça. De repente, poderia dar certo. Índio talvez pudesse trabalhar de encarregado de serviços gerais, que era o que fazia o sobrinho, mas temia que o fazendeiro se aborrecesse. – Mas, Índio, você quer sair por quê? O Chicão parece que tem grande estima por você. Ele não vai gostar de você sair e ir trabalhar comigo. Posso ficar mal nessa história.

– Olhe, seu Euclides, nunca trabalhei com carteira assinada. Está certo que o patrão nos dá três refeições por dia e paga direitinho,

tenho lugar para ficar, mas a empresa do senhor registra e também dá comida, não dá? Cansei dessa vida de fazenda, não nasci para isso.

– Sei – disse Euclides. – Você veio do circo, não veio? É de lá que você gosta, e agora os circos estão acabando.

– Também é isso. Mas esse não é o principal motivo. Foi no circo que aprendi a fazer de tudo um pouco. Dirijo qualquer carro e caminhão, lido com qualquer animal, sei fazer comida, limpeza e

muitas coisas, já trabalhei em  
marcenaria com meu pai e também  
sou serralheiro. Um dia eu lhe conto  
minha vida.

– É! Sei que você faz de tudo  
– disse Euclides sorrindo pela  
primeira vez em semanas. –

Inclusive atira facas, faz mágicas,  
malabarismos, é equilibrista... – riu.

– Mas, Índio, se for só por causa da  
carteira assinada, quem sabe se eu  
falar com o Chicão ele dá um jeito?

– Seu Euclides, não sei se  
falaram para o senhor, mas seu  
Lourival e o Germano, o capataz,

não gostam de mim. Depois que viemos do Paraguai, a coisa ficou ainda pior, eles só estorvaram a viagem, “amarelaram”, e quando chegamos a turma soube de tudo porque o Fredo contou. Eles ficaram com mais raiva ainda de mim, além disso, tem a neta do seu Chicão, que está sempre me chamando para ajudá-la com os animais. O patrão não gosta de me ver com ela, ele vai até agradecer quando eu sair. Acho que ele não me mandou embora por causa da Cristina que não deixa. O Fredo, de tanto contar vantagem, foi

demitido pelo Lourival. Ele já estava incomodando.

– Vou lhe falar uma coisa, mas não se chateie, ouvi dizer que você e a menina tem um casinho – disse Euclides rindo.

– Eu? Quem me dera! Já viu rico gostar de pobre? A Cristina é legal, mas nunca ia se interessar por mim, sou um coitado. Ela tem um namorado em São Paulo e outro aqui. Eu estava com elas várias vezes quando eles ligaram.

– Vamos fazer o seguinte, então – falou Euclides –, vou falar



com o Chicão e com o meu chefe e, independente de você descobrir o paradeiro do meu sobrinho e do motorista, vou tentar encaixá-lo na obra. Vou precisar de um novo encarregado de serviços gerais e de um motorista. Como você conhece bem a região ficará mais fácil. Ficamos assim, então?

– Ficamos! – respondeu João sorrindo. – Vou começar a correr atrás do que o senhor quer. Vamos ver se descobrimos.

– Tudo bem, Índio. Eu lhe agradeço.

Ele não quis dizer, mas pressentia que as notícias não seriam boas.

O que movia João a procurar outro emprego e sair da fazenda, no fundo, o verdadeiro motivo, era a neta do patrão. Ele tinha desenvolvido um amor platônico por ela, que o estava devorando por dentro. Depois de muito pensar, o melhor a fazer era se afastar. Na fazenda e no vilarejo corria o boato de que estava havendo um relacionamento entre os dois. Na verdade, não estava, mas as fofocas

davam conta que sim. Ele negava com veemência, mas de pouco adiantava suas negativas. No fundo, até gostaria que estivesse, quem não queria para si uma moça daquelas? Qualquer um!! Mas João sabia bem onde era o seu lugar. Cristina jamais se envolveria com ele, apesar de ela não ter ninguém fixo. João sempre estava por perto quando muitos e muitos rapazes ligavam para ela, tanto de São Paulo, onde morava com os pais, quanto de Dourados. Ela era de fazer amizade fácil, do tipo que ficava com um e com outro

sem se fixar com ninguém.  
Promovia festas na fazenda do avô, onde a juventude de Dourados e região comparecia em peso. João se ressentia de nunca ter sido convidado para as festinhas dela, e era até motivo de chacota dos outros peões, que diziam que ele era somente um instrumento de manobra da mocinha, alguém que ela usava para seu divertimento durante o dia, para quebrar o tédio da fazenda, porque andar com Índio era sinônimo de diversão, mas ele não participava da vida íntima dela.

Em uma dessas festas, João a viu trocando beijos e intimidades com o filho de outro fazendeiro ilustre do lugar. Cristina era uma jovem moderna e liberal, além disso, Chicão não gostava de vê-la na companhia de Índio. O único empregado que frequentava a casa do fazendeiro era Lourival. João sentia algo por ela, mas tentava a todo custo reprimir seus sentimentos. Volta e meia até se escondia em um rancho mais afastado que o patrão possuía a fim de se manter longe. Em outras

ocasiões, Lourival e Germano o punham para fazer serviços bem pesados, visto que os dois não toleravam a amizade entre a neta do patrão e um “bugre” paraguaio, como se referiam a ele; porém ela sempre aparecia para salvá-lo das garras dos dois, o que os deixava com mais ódio ainda.

João estava ficando cansado daquilo tudo, da perseguição que era movido contra ele, da chacota dos demais companheiros de trabalho por causa da garota, mas o principal motivo era mesmo o

comportamento dúbio dela, ora amorosa, ora indiferente. Quando precisava dele, corria atrás, quando dava festas, fingia que ele não existia.

Agora estava determinado, iria embora, “a salvação é o seu Euclides”, pensou.

No mesmo dia, João fez contato com o primo Lino, pedindo ajuda para o caso. Explicou-lhe que se tratava de um favor, tinha de pagar uma dívida com um amigo, no caso, Euclides, que não haveria dinheiro envolvido. Lino prometeu

ver o que podia fazer por meio de Emiliano Gonzalez, mas isso, talvez, demandasse tempo, pelas circunstâncias expostas.

Passaram-se dez dias. Euclides convenceu o chefe a contratar João e seu irmão. Depois, acertou-se com o fazendeiro sobre a ida de Índio para a empresa que construía o gasoduto. De fato, ele não se opôs. A boataria de que Cristina e João estavam de caso já havia chegado aos seus ouvidos, e ele deu graças a Deus que Índio tinha arrumado outro lugar.



Também não se sentiria bem em mandá-lo embora, afinal, devia a ele a recuperação de seu carro. Nos dias que se seguiram à saída de João Cipriano da fazenda de Chicão e sua entrada na empresa que construía o gasoduto, João aproveitou o tempo disponível para tirar a tão sonhada carteira de trabalho. Enquanto isso, fez novo contato com o primo, cabo da Polícia Militar, que morava em São Paulo, para que ele o ajudasse a resolver a questão do desaparecimento do sobrinho do Euclides e do motorista, que já dava

como certo que estivessem mortos. Euclides e a empresa tentavam pelo menos saber dos corpos para devolvê-los às respectivas famílias. João aproveitaria a ligação que o primo tinha com o misterioso homem chamado Emiliano Gonzalez, e que por causa das suas conexões, poderia, quem sabe, obter pistas sobre os dois desaparecidos. Os laços de amizade entre Lino e Emiliano remontavam havia cerca de três anos. Eles se conheceram por causa de um incidente em que o boliviano se envolvera em uma de

suas vindas ao Brasil.

A irmã de Gonzalez e o marido, ambos bolivianos, foram para São Paulo em busca de uma vida melhor, mas acabaram como tantos outros oriundos deste país, explorados. Quem os estava espoliando era outro compatriota ligado a confecções clandestinas, que praticamente os mantinham como escravos. Além disso, o dono da confecção era metido com pessoas de uma máfia chinesa envolvida com artigos piratas e contrabando que estava em guerra

com outra facção. O cunhado de Emiliano, querendo fugir da vida miserável que estava levando, tentou um golpe contra seu empregador e se juntou ao bando rival, passando informação sigilosa a eles. O resultado foi que o grupo ao qual pertencia o patrão perdeu todo um carregamento que vinha do exterior e que entraria de forma clandestina no país. Não tardou a descobrir quem fora o informante. Como castigo, sequestrou a filha adolescente do casal até que o dinheiro referente à carga perdida

lhe fosse restituído. Temendo contar o caso à polícia, pois estavam ilegalmente no Brasil, apelaram a Gonzalez, que tinha numerosa conexão na cidade, entre os quais um informante da polícia que servia a ambos os lados, à lei e aos criminosos, conhecido por Alcântara. Por meio dele, o cabo Raulino de Castro, ou simplesmente Lino, tomou conhecimento do drama pelo qual a família boliviana estava passando, e sabia que o caso teria de ser resolvido por outras vias.

O primo de João Batista pertencia a uma tropa com fama de ser implacável com a bandidagem, a Rota. Ele, no entanto, era partidário de se fazer justiça com as próprias mãos, e as razões serão expostas mais adiante. Ele era um sujeito prático, “se o estado não dá jeito, eu dou”, dizia. Quando soube da situação em que estava envolvida a família boliviana, e sem saber com quem os dois tinham ligação, ele entrou na briga, a fim de livrar a menina das mãos dos mafiosos. Com a ajuda de um experiente

inspetor de polícia, que também tinha os mesmos princípios, descobriram quem fez o serviço sujo e estouraram com o bando. Depois desse episódio, ele ficou sabendo a quem tinha ajudado, mas teve a eterna gratidão do traficante.

Vinte dias depois, chegou a notícia por meio de João, que fora comunicado por seu primo. Durante o roubo do veículo, os dois ocupantes foram mortos. Também foi dada a localização dos corpos. De fato, tratava-se de uma quadrilha que estava atuando na região e

roubava carros para trocar por drogas. A empresa de Euclides acionou as autoridades para tomar as providências necessárias para que os corpos fossem resgatados, mas não ficou somente nisso, Emiliano forneceu informações precisas onde os criminosos poderiam ser encontrados e a Polícia Federal foi acionada e os desbaratou. Pelo menos, trabalhariam em paz a partir daquele dia, pois outros furtos estavam sendo planejados.

Euclides ficou grato pela informação e, ao mesmo tempo



abatido, pois ainda nutria  
esperanças de encontrar os dois  
vivos.

## **Cazé se vê às Voltas com uma Nova Paixão**

Siegfried procurava ir ao Rio de Janeiro a cada início de mês, embora nem sempre era possível por causa dos compromissos profissionais e da vida atribulada que estava tendo nos últimos tempos. Nessas viagens, quando aconteciam, ele tentava pôr as

contas em dia e visitar seu apartamento na Barra da Tijuca. Em algumas ocasiões, ia visitar os pais no interior, apesar de fazer contatos telefônicos com eles semanalmente. Sempre tinha as tais reuniões na Atlas para prestação de contas e apresentação de relatórios gerenciais, mas como as contas do empreendimentos da refinaria estavam em dia ele não se preocupava e mandava Isaque e Roderik para fazerem a apresentação do andamento da obra.

Reolveu que faria viagens mais curtas, pois não dispunha de muito tempo, uma vez que os serviços na refinaria entrariam no “peak”, ou seja, no ponto máximo da curva de progresso, o que significava que o efetivo da obra estimado em 2.500 pessoas seria atingido, e o volume de equipamentos montados e ligados eletricamente chegaria ao ápice.

Nos próximos dias, ele teria de ir a São Paulo. Ismail o informara que a multinacional de Manaus voltara a dar notícias e

poriam novamente a concorrência no mercado. Como se saíram vitoriosos na primeira vez, tentariam repetir a proeza. Caberia a Siegfried tentar reproduzir este feito anterior, o problema era que os concorrentes também tentariam ganhar, já que se apresentou uma segunda chance.

Ele viajou ao Rio de Janeiro em uma quarta-feira cedo. Foi direto para Niterói para ver como estava o serviço por lá. Apesar de os relatórios apresentarem um panorama positivo, sempre havia

problemas, por essa razão ele foi pessoalmente conferir algumas coisas. Era bom estar presente na obra, os operários e supervisores gostavam disso. Siegfried aproveitou e almoçou com a turma. Tirou o resto da tarde para resolver seus problemas pessoais. Ao contrário das vezes anteriores, que ele ia na quinta-feira à noite, e na sexta-feira resolvia os problemas ou ia na sexta-feira e ficava o fim de semana, aproveitando a segunda-feira.

A reunião em São Paulo foi

marcada para sexta-feira. Salomon e talvez Nelson iriam também. Então, ele teria parte da quarta e da quinta-feira pela manhã para pôr seus assuntos pessoais em dia, isso porque Salomon queria falar com ele antes de irem para a tal reunião. Portanto, à tarde ele tinha de ir à Atlas e, possivelmente, na noite de quinta-feira seguiria para a capital paulista, dormiria lá e logo cedo faria a reunião com o pessoal da multinacional.

Era uma manhã ensolarada de primavera, uma quinta-feira de

outubro, e o encontro com Salomon e Ismail estava marcado para às duas horas da tarde. Ele pretendia estar com Cirilo e almoçar com ele no centro. Era uma chance de pôr as novidades em dia, visto que o amigo sempre sabia o que estava acontecendo no mercado e, possivelmente, saberia quem estava no páreo na petroquímica. Siegfried pretendia voltar na sexta-feira para Belo Horizonte. A fase em que estava a obra merecia cuidado especial. Em torno de onze horas da manhã ele saiu para pegar um táxi e



foi em direção ao centro. Naquele horário, o trânsito era menos intenso.

Quando o celular tocou, ele identificou pelo visor que se tratava de Roxane. Ele tinha estranhado que até aquele momento ela ainda não havia ligado para ele, se falaram apenas na noite do dia anterior.

Roxane parecia muito alegre. Ria muito, dizendo que tinha uma surpresa para ele. A surpresa, no caso, era que ela estava, naquele momento, bem em frente ao apartamento dele, na praia. O

objetivo era surpreendê-lo. Siegfried já tinha perdido as esperanças de vir um dia a encontrá-la, tamanha foram as inúmeras desculpas que arrumava para se esquivar, embora, paradoxalmente, não lhe desse sossego. Porém, no momento em que ela o chamou, ele já estava longe, dentro do táxi.

– Mas que droga! – disse. – Por que não me avisou que viria? Acabei de sair e estou num táxi, a caminho do centro da cidade. Vou almoçar com um velho amigo. Mas que milagre é esse, você na praia em

plena quinta-feira? Só para me ver?  
– disse sorrindo Siegfried.

– Poxa! – disse ela. – Queria tanto te ver – falou lamentando. – Meu guru me disse que hoje é um bom dia para tomar banho de mar e recarregar as forças – respondeu Roxane sorrindo.

– Guru? Você nunca me disse que tinha um guru! Você agora deu para ser mística?

– Bem, Armand não é bem um guru, mas um mago – disse com ar de deboche.

– Olhe, estou cada vez mais

admirado! Um mago! Mas quem é Armand? Um vidente? Estou curioso para saber melhor sobre esse mago. Afinal, tenho de lhe agradecer por você ter vindo, embora mais uma vez a sorte não tenha ajudado.

– Querido! Nenhum mago gosta de ser descoberto, eles se mantêm em segredo. Eu podia ter ido a outra praia, mas quis vir aqui para vê-lo, para provar-lhe que não há nenhuma intenção minha de não conhecê-lo, como você pensa.

Ele pensou em voltar, mas

naquele momento estava preso dentro do túnel da Rocinha, que liga São Conrado ao bairro da Gávea e Lagoa. Um acidente retinha os veículos e tornava o retorno impossível. Caso o fizesse, talvez lá pelas quatro horas poderia estar no centro novamente, outra oportunidade perdida.

\*\*\*

Cirilo, ao ver Siegfried no restaurante, onde já o esperava, notou algo estranho nele. Não teve

dúvida, era o efeito de alguma mulher.

– Sua cara melhorou muito desde a última vez – brincou. – Será o clima de Minas? Alguma mineira? – soltou uma risada.

– Bem, você acertou em parte, é uma mulher, mas não é mineira.

– Há é? E quem é a coitada?

– Você não a conhece! Deixa para lá.

– Nada como uma paixão! – completou sarcasticamente Cirilo. – Você já quer pedir o almoço?

– Sim, vamos pedir. Tenho de ir à Atlas. Mais tarde vou a São Paulo e amanhã tenho uma reunião com aquela empresa que vai construir a petroquímica em Manaus. Você sabe quem participará da concorrência?

– Cara, não sei! Estou muito voltado para aquela disputa dos dutos submarinos, que está me deixando com a pressão alterada. O pessoal da nossa matriz italiana toda hora muda o escopo e nossos fornecedores não estão conseguindo dar preço a tempo.

– E as novas plataformas?  
Quando vão sair?

– Pelo que sei, duas neste fim de ano ou no início do próximo. Acho mesmo que vai ser só ano que vem.

– Vamos esperar, então!  
Talvez façamos uma parceria. O que você acha?

– Você sabe que eu não decido sobre isso, mas posso levar o assunto ao Lorenzo. Você o conhece, vai ser até mais fácil.

– Quem eu encontrei outro dia foi o Otávio, que trabalhou com



você. Ele está saindo da Ocean, parece que o trabalho daquele navio que você começou por fim terminou. Ele estava embarcado.

– Rapaz, que notícia boa! Estou precisando dele! Necessito de um cara como ele lá em Betim. Você tem o telefone dele atualizado?

– Vou ver aqui na agenda – e passou o número.

Em seguida, Cirilo perguntou:

– Você tem tido notícias do Cazé?

– Pelo que sei está na Bahia, tenho mandado e-mail para ele, mas não me reponde. Talvez não tenha internet lá e o celular dele só dá caixa postal.

Já passava das duas horas da tarde quando eles acabaram de almoçar. Despediram-se e cada um tomou seu rumo.

\*\*\*

Cazé, amigos de ambos, passava por maus momentos no interior da Bahia, onde estava

implantando uma fábrica de papel e celulose. Tratava-se de um empreendimento de vulto e havia muitas empresas e milhares de trabalhadores vindos de várias partes do país, mas a maioria era proveniente do Nordeste. O lugar era um lugarejo de escassos recursos. Ele morava em um alojamento para engenheiros. Ainda assim, deixava muito a desejar. O telefone celular mal pegava e ele se sentia o último dos homens; suspirava pelo seu cruel destino. De gerente geral de planejamento, na

sede da empresa no Rio de Janeiro, agora tinha sido reduzido a um mero engenheiro subordinado a um gerente de obra a quem pouco tempo atrás ele dava ordens. Suas viagens agora só se dariam a cada sessenta dias. O cenário com o qual Cazé deparou era similar ao que Siegfried encontrou na refinaria em Minas Gerais, com a diferença de que ele não tinha o comando na mão e não cabia a ele tomar qualquer atitude para sanar a situação, praticamente discordava de tudo que o gerente da obra fazia e o clima

entre os dois era tenso. Ele tinha muito mais experiência que a pessoa que chefiava e era muito mais capaz. Já que o mandaram para lá, o correto seria que ele fosse chefiar o empreendimento, uma vez que reunia mais condições do que quem estava no comando. Em um lugar como aquele, onde tudo era difícil, fazer uma obra não era tarefa fácil. Os problemas de logística, de recursos locais e a mão de obra disponíveis eram quase intransponíveis. Havia tanto problema de quem conduzia, quanto

de quem coordenava. Como de praxe, a obra registrava atrasos consideráveis e o cliente não estava nem um pouco satisfeito. Cazé atribuía tudo de ruim a quem chefiava, sem dúvida, o gerente responsável tinha sua parcela de culpa por aquele desarcerto, mas não era apenas culpa dele.

Sem ter o que fazer depois do trabalho, e sem opção de lazer, a não ser jogar conversa fora no alojamento, ou assistir à TV coletiva, ou jogar baralho e dominó, ele ia ocasionalmente para a

minúscula cidade, onde, de vez em quando, encontrava algum conhecido, que como ele se queixava daquela triste sina. Foi em uma dessas ocasiões que ele encontrou alguns amigos antigos, que, na verdade, foram seus subordinados tempos atrás. Assim, resolveram ir a um restaurante caseiro, onde se dizia ter uma comida de primeira. E lá foi ele tomar algumas cervejas, aliás, Cazé era um dos poucos que trabalhavam nesse ramo que não bebia, mas lá, naquele fim de mundo, resolveu

jogar suas convicções fora e beber com os amigos para recordar os velhos tempos.

Chegou ao pequeno bar e restaurante, e em companhia dos outros dois, que agora trabalhavam em duas outras empresas, sentaram-se e logo foram atendidos pela dona do estabelecimento, Eva, que angariou a fama de cozinhar divinamente e com a família montou um pequeno restaurante para aproveitar o movimento de operários que iam trabalhar na instalação da fábrica. Não demorou



muito, o movimento praticamente triplicou, ela mal tinha tempo de respirar, tamanha era a clientela, e não era só isso, suas dores de cabeça com os frequentadores também dobraram, até que resolveu parar de vender bebida alcoólica, como cachaça, conhaque e afins. Apenas servia refeições, cerveja, refrigerantes e sucos. Dessa forma, passou a selecionar naturalmente sua freguesia. Ela tinha três filhos, dois rapazes adolescentes de quinze e treze anos e uma menina de dez anos. Fora abandonada pelo marido

fazia pouco mais de um ano e teve de se virar sozinha.

Mas há males que vem para o bem. Com a fuga dele, ela começou a ganhar algum dinheiro que o vigarista do marido levava embora. Era a primeira vez que conseguia guardar alguma coisa, se bem que sobrava pouco. Ela era uma mulher batalhadora e bonita, com seus trinta e seis anos, mas maltratada pela vida. Quando se arrumava aos domingos, e somente aos domingos, chamava a atenção e não faltavam convites para sair ou

casar, feitos tanto por alguns peões, que frequentavam seu estabelecimento, quanto por encarregados de obra, supervisores e outros. Ela tinha sido abençoada por seus atributos físicos. Exibia um belo corpo, sem nenhum tipo de artifício. Era morena, queimada de sol, sua estatura era mediana, tinha os quadris largos, os cabelos longos, cacheados e castanhos-escuros. O restaurante aquela noite estava cheio, praticamente toda a sua clientela era masculina. Os homens eram atraídos não só pela qualidade

da comida, mas também por ela e sua irmã dois anos mais velha. E foi com os olhos de Cazé que ela cruzou. E ali nasceu ali uma paixão entre os dois. Quem a ajudava no preparo das refeições e nos serviços era sua irmã mais velha, sua mãe, suas sobrinhas e sobrinhos; era do restaurante que elas tiravam o sustento, e ela já se preocupava, o que seria delas quando as obras terminassem? Seu restaurante sustentava cerca de onze pessoas, que até pouco tempo atrás mal tinham o que comer.

Cazé, a princípio, não sabia o que fazer direito. Ele começou a frequentar o restaurante praticamente todos os dias, ou melhor, ele jantava lá todas as noites. Foi Eva, que em uma dessas ocasiões em que ele lá esteve, tomou a iniciativa de puxar conversa com ele. E foi assim que tudo começou. Em um mês, Cazé saiu do alojamento da empresa, alugou uma pequena casa na minúscula cidade e foi morar lá. Assim, ficava mais próximo dela. Depois de quinze dias de sua

mudança, ela foi morar com ele.

A presença de Eva na vida de Cazé, de um modo ou de outro acabou por ajudá-lo. Suas implicâncias com o gerente diminuíram. Antes, nervoso e irascível, agora estava totalmente “zen”. Muitos dos que trabalhavam com ele perceberam sua mudança de comportamento. Antes, ele e o gerente mal se falavam, depois que conheceu Eva, ele passou a tratá-lo mais cordialmente. Cazé brigava por qualquer coisa, era do tipo de pegar o touro a unha. O cliente

também era motivo de críticas por parte dele e, sem meias palavras, ele dizia na cara do fiscal, doesse ou não. Na verdade, ele estava buscando a um meio de sair dali, ou o chefe do empreendimento o punha para fora ou a fiscalização pedia a sua retirada, mas isso foi antes de conhecer Eva. Agora, ele somente fazia o seu trabalho.

\*\*\*

Depois do almoço com

Cirilo, Siegfried se dirigiu para a sede da Atlas. No caminho, fez contato com Otávio, que estava em casa naquele momento, e lhe pediu que enviasse um curriculum o mais rápido possível, pois ele o apresentaria à direção da Atlas, e, se tudo desse certo, em no máximo uma semana ele estaria em Betim, na refinaria, com ele. O plano era colocá-lo como chefe da obra local. Siegfried passaria pelo menos um mês com ele, e, aos poucos, se afastaria, mas pelo menos a cada 15 ou 20 dias estaria lá.



Ao chegar à empresa, foi para sua sala, que dona Zulmira matinha com esmero.

Cumprimentou todos, abriu seu laptop, conectou à internet e abriu sua caixa postal. Viu que o curriculum de Otávio já estava ali na caixa de mensagens. Em seguida, imprimiu-o e aguardou a hora de ser recebido por Salomon e Ismail. Mas Roxane não saía de sua cabeça.

Eram três horas da tarde quando Ismail o chamou. Salomon já estava na sala. Ao entrar, ele os cumprimentou e foi questionado

sobre o andamento da obra da refinaria e sobre o navio sonda de Niterói. O presidente estava de posse dos relatórios; observou que a fiscalização da refinaria não havia mais mandado e-mails e cartas protestando sobre o andamento da obra. Isso era um ótimo sinal; perguntou de alguns detalhes sobre Arnaldo e o rigor da fiscalização.

Siegfried explicou, em primeiro lugar, sobre o navio sonda:

– Estamos indo bem, e vai gerar bons frutos. É provável que sejamos consultados para mais

serviços ali. Temos de correr com isso, pois temos de manter a equipe e as instalações, se bem que o pequeno estaleiro está sinalizando que vai querer um reajuste por suas instalações ou uma parcela maior de participação no caso de novo consórcio. Preciso checar outras áreas disponíveis perto do mar, como Angra ou Vitória.

Em seguida, falou resumidamente sobre a situação da refinaria, que era positiva naquele momento, mas disse que era como andar no fio da navalha. Salomon

quis saber se o claimer tinha feito progresso, uma vez que havia um engenheiro de planejamento, Alfredo, exclusivamente por conta disso.

Salomon não tinha engolido muito bem a contratação dele para chefiar aquele setor da obra pelo simples fato de Roderik, ao ser avisado que tinha alguém para chefiá-lo, ter ficado bem descontente e se sentindo injustiçado. Provavelmente, o tal rapaz era desprovido de qualquer senso de autocrítica e não tinha a

menor noção do que era liderar um departamento. Dessa forma, a ambição dele em se tornar de fato um gerente de projeto tardaria mais um pouco. Então, ele tomou um avião e foi se queixar pessoalmente ao padrinho que tinha na empresa e este foi ter com Salomon que, por conseguinte, pediu explicações a Siegfried, que entre outras evidências enviou um punhado de cartas scaneadas por e-mail, onde o cliente reclamava que o setor de planejamento da Atlas era inoperante. “Não há argumentos

contra fatos concretos”, respondeu. A partir daí, Siegfried arrumou mais dois desafetos dentro da empresa cuja lista já estava ficando extensa.

Continuando com a explanação, ele explicou que, devido a inúmeros fatores, acreditava que o prazo ia expirar.

– Como não consegue terminar no prazo? – esbravejou Salomon teatralmente.

– Como? Já mencionei em centenas de relatórios que existem mudanças de quantitativos a todo instante. O projeto muda, várias

exigências extracontratuais feitas pela fiscalização foram atendidas e o cliente é responsável por isso! Ou você acha que isso não influi em nada? – perguntou Siegfried irritado com o rompante de Salomon.

– Claro que influi, Salomon – respondeu Ismail.

– E o que você pretende fazer? – perguntou Salomon a Siegfried.

– Mandeí registrar tudo e estamos contabilizando os custos adicionais. O objetivo é fazer com que essas mudanças cubram o

rombo do baixíssimo preço de venda – alfinetou, pois o assunto deixava Salomon irritado.

– Siegfried! – disse Ismail.

– Você lá é absoluto! Faça o que tem de ser feito!

– Vou contratar uma pessoa para ficar à frente da obra, conforme nosso plano original, assim fico mais livre para buscar novos empreendimentos, mas vou ficar lá por enquanto até passar a fase crítica.

– Você já tem alguém em mente? – perguntou Ismail.



– Sim! Tenho! Aqui está o curriculum. Ele trabalhou comigo – passou o documento para as mãos de Ismail, que leu e entregou para Salomon, que o leu também.

– Ótimo, então! Alguma objeção, Salomon? – perguntou Ismail.

– Não, nenhuma! Você vai para São Paulo ainda hoje, Siegfried? – perguntou Salomon.

– Sim, vou! E você?

– Se eu for, vou amanhã, eu te ligo e combinamos.

– Tudo bem! Combinamos.

Então, doutor Ismail, posso mandar o rapaz se apresentar?

– Pode, mande-o procurar o RH e falar com Vanessa. Boa viagem, Siegfried! Mantenha-me informado sobre a reunião.

– Obrigado, doutor, eu vou mantê-lo informado – Em seguida, despediu-se e saiu.

Siegfried se dirigiu à sua sala, pegou rapidamente suas coisas e se despediu de dona Zulmira. Passou no RH, encontrou com Vanessa e falou sobre a contratação de Otávio. O encontro foi cordial. O

entusiasmo que ele mostrava quando estava com ela antes, quando a conheceu, agora estava diferente. Ela notou que ele mudara . Intimamente, até pensou em ter algo mais com ele na época, “não fosse por Salomon que podia pôr tudo a perder”, ela pensou. Ele conversou com ela rapidamente e, a convite dela, tomou um café. Ela quis saber como estava a obra. Soubera da complexidade do empreendimento e queria mais detalhes. Siegfried a convidou para visitar o canteiro de obras. Ela

agradeceu e ficou de marcar a data. Ele perguntou para si se ela ainda estava com Salomon, o que na época foi motivo de decepção para ele, agora, com o envolvimento com Roxane, isso não tinha mais a menor importância.

O voo para São Paulo foi tranquilo. Siegfried não parava de pensar em Roxane um só instante sequer. Ainda no aeroporto, eles se falaram pelo celular. Mas havia outra coisa que o estava incomodando: a impressão que ele já a tinha visto, “aquelas fotos me

lembram alguém”, pensava E não era um “dèjà vu”.

Foi dentro do avião que a lâmpada acendeu em sua cabeça. Um frio percorreu-lhe a barriga e lhe veio à mente duas cenas, a do hotel Caesar em Ipanema, “sim! Foi ali! Ela estava com João Paulo no *hall* do hotel. Ele a acariciava!” Depois, lembrou de quando fora na recepção na casa dos Armadunians e a viu do lado de fora da casa, entrando num Mercedes Bens negro. Aquele senhor não era supostamente o pai daquela jovem, conforme ele

pensou inicialmente. E até aquele momento, ao que saiba, também não pertencia à família dela. Siegfried ficou bastante agitado, mil coisas passaram por sua cabeça. Ele se lembrou que João Paulo tentou ignorá-lo e, ao mesmo tempo, ficou um tanto quanto nervoso quando encontrou com ele na reunião com os coreanos, “por que será? O que Roxane e ele escondem?”

Ao chegar a São Paulo, Siegfried se instalou em um hotel na região dos Jardins, uma vez que a reunião se daria em um escritório

próximo, na avenida Paulista. Ele sempre que ia àquela cidade, hospedava-se ali. O hotel não era um cinco estrelas de luxo, nem devia ter quatro, era simples e confortável. A diária a que ele tinha direito em viagens não dava para “luxar”, além disso, Siegfried levava uma vida espartana, não vivia mal, mas também não era luxuosa, muito menos gostava de ostentar. Tão logo se hospedou, ligou o computador portátil. Sempre que abria a caixa postal, deparava com uma mensagem dela. Às vezes,

eram poemas, outras, frases inspiradoras ou cartões virtuais, que ela levava horas escolhendo em sites do mundo inteiro. Siegfried leu o poema, mas naquele momento estava com a pulga atrás da orelha. A cena dela com João Paulo no *hall* do hotel não lhe saía da mente. Ele pensou, e pensou se deveria falar com ela. Pensou seriamente em terminar tudo, “acho que já foi muito longe”, disse para si mesmo. “Talvez seja melhor terminar agora, enquanto é tempo”.

Devia ser umas nove horas



da noite quando ela ligou para ele. Perguntou como tinha sido a viagem e ambos se puseram a conversar. Como sempre, tinham assunto que não acabava mais. Ela notou algo estranho nele e perguntou o que era. Em fração de segundos ele pensou se falava o motivo de sua aflição, mas justificou que se tratava de cansaço e que pela manhã teria uma reunião desgastante e teria de retornar no mesmo dia para BH. Continuaram conversando e foi mencionado de novo o tal mago, e que o mesmo a tinha aconselhado se

energizar com um banho de mar. Siegfried, que nem se lembrava mais disso, uma vez que tinha cismado que já a tinha visto em companhia de João Paulo, e estava fixado nesse pensamento, perguntou-lhe sobre a identidade desse personagem misterioso.

– Meu amor, é algo que não posso lhe dizer, você tem de respeitar minha privacidade – ela respondeu docemente.

– Mas por que tem de ser algo secreto? Eu gostaria de conversar com ele, também me

interesse por esse assunto. Qual a corrente de estudo que ele segue?

– Amorzinho, não insista, não posso lhe dar detalhes.

– Como você o conheceu?

– Nós não escolhemos, somos escolhidos.

– Já escutei esse papo antes. Seria Paulo Coelho o mago misterioso? – disse ele rindo.

– Claro que não – falou soltando uma gargalhada.

A conversa tomou outro rumo. Como as eleições presidenciais daquele ano se

aproximavam, começaram a falar de política e acabaram discutindo, porque ela era simpatizante do PT e Siegfried não. A fim de não aprofundar as discussões entre ambos, pois começou com política e de um momento para outro poderia resvalar para outro assunto polêmico, Siegfried quis se despedir, alegando que no dia seguinte teria um dia cheio. Ela compreendeu e, em seguida, ambos se despediram. Siegfried sempre adormecia rápido, tão logo deitava na cama, mas, naquela noite,

demorou a dormir. Tinha dúvidas com relação a ela e se questionava se aquele envolvimento com Roxane teria algum futuro. “Caso tivesse, o que lhe aguardava? Como seria o relacionamento dele com a família dela? Será que eles iriam aceitá-lo? É óbvio que teria de deixar a empresa”, ele conjecturava.

Roxane, por sua vez, nunca adormecia rápido. Ficou pensando no diálogo que tivera com ele poucos minutos atrás e se lembrou de que não poderia de forma alguma revelar a identidade de Armand. O

juramento de iniciação que fizera ao entrar no Covem proibia qualquer tipo de quebra dos segredos que eram compartilhados. Veio-lhe à mente a cerimônia de iniciação pelo qual ela e Camila, sua amiga, passaram. A data escolhida foi o Sabbat realizado em junho, a festa de Yule, onde eles comemoram o solstício de inverno, celebrado pelos seguidores da Wicca no hemisfério Sul. Ela e Camila foram conduzidas nuas e de olhos vendados e mãos atadas às costas no círculo mágico. Ângela, na época, ainda era a alta

sacerdotisa e proferiu várias invocações. Em seguida, elas receberam cinco beijos: nos pés, nos joelhos, na genitália, nos seios e nos lábios. Depois, foram aplicados quarenta golpes de chicote, mas nada que machucasse, onde elas prestaram o juramento de lealdade, que mantém o segredo deles. Terminada essa fase, foram apresentados às duas os instrumentos mágicos e lhes foi explicado o uso de cada um. Ângela fez mais algumas invocações, bençãos e pedidos, depois elas

saíram do círculo mágico e participaram de um banquete, com bolos, vinhos, cerveja, carnes. Lá, puseram-se a dançar e cantar. As tochas e velas foram apagadas e, na escuridão, deu-se início à orgia entre o grupo.

\*\*\*

No dia seguinte, às nove horas em ponto Siegfried se apresentou no escritório da Companhia petroquímica. Nelson apareceu de última hora, uma vez



que era o gerente comercial da Atlas e responsável pela área de propostas da empresa. Disse que Salomon não poderia comparecer, pois tivera de apagar um "incêndio" de última hora que o reteve no Rio. Durante a reunião, que se deu novamente com Bob Chapman, este apresentou a documentação para a concorrência. Eles tinham um prazo de vinte dias para reapresentar a nova proposta, o que se daria no fim do mês de outubro. Siegfried voltou no mesmo dia à tarde para Belo Horizonte, e Nelson para o Rio. No sábado pela

manhã, ele foi para a refinaria.

## **Dançando com o Diabo em uma Noite de Lua Cheia**

Siegfried, depois de retornar da viagem a São Paulo, já em Minas Gerais, no sábado pela manhã, ele foi ao trabalho, não havia tréguas. À noite, ele e Roxane ficaram um bom tempo ao telefone, algo em torno de quarenta minutos. O normal era cerca de uma hora ou mais, mas

Siegfried não tirava do pensamento a cena que presenciara no hotel no Rio de Janeiro entre ela e João Paulo. Tentou ensaiar várias vezes como contar a ela o que viu ou o que pensou ter visto, tinha dúvidas se era ela ou alguma outra moça muito parecida, mas não houve chance e a conversa tomou outros rumos. Por esse motivo, ele não estava com muita disposição para conversar. Ela notou, perguntou se havia algo, ele alegou cansaço da viagem, trabalho e problemas. E ela engoliu suas desculpas. Naquela noite, ele

custou a pegar no sono.

Cumprindo um ritual que se repetia quase todos os fins de semana, Siegfried foi à refinaria no domingo pela manhã. Sentia-se exausto e não via a hora de Otávio chegar para dividir as tarefas com ele, assim, ficaria mais livre para cuidar de outros negócios e também para ficar mais perto de sua família, que morava no interior, e, quem sabe ficar de vez com Roxane. Pelo menos era o que ele planejava. Logo cedo, antes de sair, ela ligou e eles conversaram rapidamente. Ela disse

que estava indo para a casa da tia Sílvia ficar um pouco com Tatiana, sua afilhada e prima, e que à noite se falariam melhor, pois à tarde, como sempre acontecia aos domingos, iria à casa dos avós no tradicional almoço em família.

Apesar de todos os problemas profissionais que tinha, Roxane era uma presença constante em seus pensamentos, ora desconfiado por um suposto envolvimento com João Paulo, ora ele mesmo fazia planos de encontrá-la para ficar de uma vez por todas

com ela e jogar sua carreira na Atlas para o alto. O que mais o incomodava no tocante a um suposto envolvimento com João Paulo era o fato de ele ser casado, e bem mais velho que ela: uma diferença de mais de trinta anos, perguntava-se, “o que será que ela viu nele? Hoje é comum as mulheres mais jovens se envolverem com homens casados? Afinal, esse sujeito não é nenhum galã, na verdade, é destituído de qualquer atributo físico que possa atrair uma jovem bonita e culta”.

Essas questões não lhe davam paz.

O domingo passou com Siegfried examinando em detalhes a documentação que o pessoal da petroquímica lhe entregou. Em torno das 10 horas da noite daquele mesmo dia, ele recebeu uma ligação de sua amada, àquela altura, ele adormecera vendo TV. Ele ainda não tinha pegado no sono pesado, e acordou com o telefone ao lado de sua cama tocando. Evidentemente, naquela hora, só poderia se tratar dela. Por isso, não se admirou pelo chamado.



– Então, está tudo bem como você? – perguntou ela.

– Apesar do cansaço, estou bem. E você?

– Como foi o seu dia?

Aquele homem chato ainda está pegando no seu pé? – referiu-se a Arnaldo, que Siegfried várias vezes já tinha mencionado.

– Aquela sarna jamais vai deixar de pegar no meu pé. É a função dele, mas ele exagera, e se torna ainda pior quando alguma de nossas funcionárias não lhe dão bola, porque o sujeitinho é duro de

aturar , ele não se enxerga , no dia que alguma tiver coragem vamos reunir provas e coloca-lo para fora da refinaria por assédio .

– Mas que horror ! Muito bem, tive um domingo ótimo, passei a manhã com minha afilhada e à tarde nos reunimos na casa de vovô. Depois, aproveitei para pegar um cineminha com Maria Alice, no *shopping*.

– E seu avô, como está?

– Vovô se preocupa muito com a empresa, ele está meio stressado. Nunca tira férias, acha

que com ele fora, a empresa vai para o buraco – disse rindo.

– Sabe que estou para lhe perguntar uma coisa?

– Sim, o que é?

– Por acaso você conhece um advogado amigo de seu avô, e lobista, chamado João Paulo?

– Quem? – ela gelou, mas disfarçou.

– João Paulo, um homem magro, alto, calvo .

– Não! acho que não! – respondeu nervosa.

– Tem certeza? Ele frequenta

a casa de seu avô – insistiu.

– Ah! Sei! Acho que conheço sim!

– Conhece ou não?

– Mas por que pergunta? Ele falou alguma coisa a meu respeito para você? – naquele momento, ela mal se continha de nervosismo. Siegfried percebeu, mesmo estando ao telefone.

– Para falar a verdade, eu mal conheço esse homem, estive com ele por duas vezes.

– Mas então, qual o motivo da pergunta? – ela ainda permanecia

visivelmente tensa.

– Em uma das vezes em que estive com ele no Rio de Janeiro, ou melhor, a última vez em que me encontrei com ele, foi no hotel Caesar, em uma reunião que tivemos com um grupo empresarial coreano. Eu o vi no *hall* do hotel com uma moça, e essa moça era muito parecida com você.

– Comigo? Tem certeza?

– Bem, pelo menos tinha muita semelhança com sua foto.

– Bem, deve ser uma coincidência, pois jamais me

encontrei com esse homem, muito menos nesse hotel – riu, tentando disfarçar. – Mas duas pessoas conversando num *hall* de hotel tem algo de mais?

– Duas pessoas conversando num *hall* de hotel, não tem nada de mais, mas não parecia somente uma conversa. Eles pareciam íntimos, entende?

– Íntimos? Como assim?

– Pelo jeito como ele a tratava parecia que não eram simples amigos. Além disso, João Paulo, ao me ver, ficou um tanto

quanto desconcertado, visivelmente me pareceu sem jeito. É isso! Mas se está me dizendo que não era você, ok! Tudo bem!

– E se fosse?

– Ele é um cara casado, acha normal?

– Olhe, se o cara me interessa, pouco me importa o estado civil dele –completou, visivelmente alterada e pensando seriamente em abrir o jogo e dizer que foi lá para encontrá-lo e nem imaginava dar de cara com João Paulo.

– Você não se importa se o sujeito é casado ou não?

– Se eu gostar do cara, vou à luta!

– Tudo bem ir à luta, mas um sujeito casado é diferente, a não ser que fosse um envolvimento verdadeiro, profundo, onde o cara vai largar tudo e assumir a relação.

Em seguida, ela disparou à queima-roupa:

– E você? Se gostasse de uma mulher, não iria lutar por ela?

– Veja bem, lutar pelo amor de uma pessoa é uma coisa, mas se



ela for casada, para mim, muda tudo. Não dormiria em paz sabendo que estou separando um casal e causando infelicidade a uma família. Existem tantas mulheres solteiras no mundo, para que me envolveria com uma mulher casada? Francamente, isso não é para mim. Você já pensou nisso, que pode estar causando a infelicidade de outra pessoa? No caso dos filhos e da esposa? Olhe, não sou do tipo que julga as pessoas, quem sou eu para julgar alguém? Mas homem nenhum que conheço, incluindo a mim

mesmo, não se sentiria bem em saber que sua atual namorada foi caso de um sujeito casado. Você pode me chamar de conservador, antiquado, machista ou o que quiser, mas é meu modo de ver.

– Esqueci que você é politicamente correto – ironizou ela.

– Você chama isso de politicamente correto? Eu chamo de valores – e completou: – Como acha que um homem reage ao saber que sua namorada teve um caso com um homem casado? Eu disse “um

caso"! Porque entre uma mulher solteira e um homem casado, não existe namoro, mas caso! Ou não concorda?

– Há momentos em que não conseguimos nos conter, nem sempre temos o domínio do coração. Conheço muitas mulheres que se envolvem com homens errados. É o tipo de coisa que não dá para evitar, simplesmente acontece.

– Concordo que possam existir situações de paixões à primeira vista, ou algum tipo de envolvimento que acontece, no qual

simplesmente perdemos o controle em um primeiro momento, mas cabe a nós avaliarmos as consequências e enfrentarmos. Há mulheres que até preferem ser a outra, o mundo está cheio delas. E há outras que vivem na eterna ilusão de que um dia o amante vai largar a família por ela. Acho que ao se envolver com um homem casado, não se vive a relação por inteiro, sempre tem de dividir a pessoa amada com a outra. Existem pessoas que têm atração por esse tipo de relação, coisas complicadas,

difíceis... e há mulheres que sistematicamente se envolvem com homens errados, exemplos não faltam. Não é questão de moralismo, Roxane, mas de modo de vida, evidentemente, nem sempre a razão e a ética vencem.

Roxane calou-se por um instante.

– Bem, é o seguinte, acho melhor deixá-lo dormir em paz. Amanhã você vai ter um dia cheio, não é?

– Sim, o dia vai ser daqueles! Boa noite! – disse

Siegfried secamente, desligando o telefone.

Antes de tentar dormir, ficou pensando no assunto. Lembrou-se de Cazé e Cirilo, ambos casados e que já passaram por esse tipo de experiência, relacionamentos com mulheres solteiras. Cazé se apaixonou por Silvana, quase se separou por causa dela, e não contava que fosse uma aproveitadora. Ele quase foi demitido. Cirilo tinha uma extensa folha corrida com aventuras fora do casamento, não só ele, mas muitos

que conhecia. “O que pode uma mulher jovem querer com um homem mais velho e casado?”, pensou. Era o tipo de relação que geralmente não levava a nada e só causava sofrimento aos outros. No entanto, ele avaliou que embora ela não tenha admitido nem que sim, nem que não, pelas entrelinhas deixou claro que podia ter havido um envolvimento amoroso com o sujeito. Isso o deixou perturbado.

Ambos não tiveram uma boa-noite de sono. Depois da discussão, ele se convenceu de que

realmente se tratava de Roxane com João Paulo. Pensou várias vezes em ligar na mesma noite ainda e dar um fim naquilo tudo, antes que se arrependesse tardiamente. Mas o coração falava mais alto que a razão. Rememorou várias vezes o diálogo que tivera com ela e se perguntou se ele próprio também não tinha atração por mulheres complicadas. Roxane provava isso.

Ela e Siegfried tinham códigos de ética totalmente opostos. Ela era movida por paixões, principalmente da “carne”. Não



tinha nenhum pudor em se envolver com quem fosse. O proibido a atraía, era mais forte do que ela. Quanto mais difícil a conquista, mais esforço fazia para alcançar o objetivo. Roxane mexia com os sentimentos alheios sem se preocupar com as consequências; tirava vantagens pessoais com seu jogo de sedução; jogava com um e com outro, e com alguns mantinha um ar de mistério e acenava com um possível envolvimento. Era assim que mantinha sempre por perto Hidalgo, Tarcísio e outros. Se

Siegfried naquela época estivesse no Rio, possivelmente a paixão dela por ele, não durasse mais do que uma quinzena. O fato de ele estar longe, de ser empregado da empresa do avô, que de certa forma eram restrições ao livre relacionamento deles, eram os obstáculos que moviam o interesse de Roxane por ele. Seu subconsciente funcionava assim: paixão tem de ser difícil!

Siegfried acordou cedo com a cabeça inchada pela conversa da noite anterior. Dormira pouco e muitos problemas o aguardavam,

inclusive a famigerada reunião que prometia ser quente. Munido da companhia dos engenheiros de campo e da equipe de planejamento, ele foi à reunião em que, costumeiramente, Arnaldo despejava todo o tipo de reclamações. Siegfried as anotava, respondia e, posteriormente, deliberava, sem *stress*, pois em uma hora como aquela, manter o autocontrole era fundamental. A reunião terminou quase na hora do almoço.

À noite, Roxane não ligou,

nem ele para ela.

Na manhã seguinte, Isaque o surpreendeu solicitando que assinasse alguns papéis de permissão de entrada na refinaria e hospedagem em hotel para dois ilustres personagens: Murilo Kathami e Luciano. Siegfried ficou sem entender o que eles iriam fazer ali e recebeu a informação de Isaque que eles estavam indo por ordens de Nelson. Siegfried ligou para ele imediatamente e teve como resposta que era para ajudar na elaboração do orçamento da petroquímica de

Manaus.

– Mas você não me disse que precisava somente atualizar os preços e de alguém com conhecimento em Excel? – perguntou Nelson a Siegfried. E prosseguiu: – Ninguém melhor do que o Luciano para trabalhar com planilhas – respondeu Nelson.

– Ok! O Luciano tudo bem, mas e o Murilo?

– Atualizar preços o Murilo faz, eu não tenho ninguém mais para mandar.

– Tudo bem, Nelson, vou ver

o que faço com os dois.

O fato era que ninguém queria Murilo por perto, pois ele estragava Luciano, que sofria forte influência dele.

Para variar, Murilo queria um carro somente para ele, não aceitou ficar em um hotel em Betim, e ir de van da obra, com horário marcado, queria ficar em Belo Horizonte. O hotel de Betim, embora não fosse de luxo, não era uma espelunca. Siegfried negou, alegando falta de verba, pois sairia do custo da obra. Começou a pensar

no plano “B”: devolver os dois e assumir a tarefa do jeito que desse, não era nem questão de verba, mas a presença daqueles dois era altamente desconfortável. Apelou a Nelson, que concordou em assumir o custo do carro alugado e as diárias de um *flat* em Belo Horizonte. Assim, o custo dos dois passou a ser assumido pelo departamento comercial da Atlas.

Siegfried tentou apressar a vinda de Otávio, para que ele ficasse mais livre para cuidar de assuntos mais importantes, como novas

concorrências no segmento que se mostrava altamente promissor, o de óleo e gás, pois fora para isto que tinha sido contratado. O departamento de Nelson tinha de ser adaptado às novas exigências de mercado e isso não estava ocorrendo. Siegfried planejava montar seu próprio departamento de orçamento, mas teria pela frente uma queda de braço interna com algumas áreas antigas da Atlas. Com isso, era a própria empresa que se prejudicava, pois vinha perdendo mercado e oportunidades. Otávio



pediu mais dez dias para arrumar a sua vida no Rio e se mudar para Belo Horizonte. Enquanto não chegava, Siegfried se desdobrava como podia para gerenciar a obra da refinaria, que era o que mais o desgastava, o navio de Niterói e fazer o orçamento da petroquímica.

A semana passava de forma rápida, com Siegfried agindo de todas as formas para recuperar o tempo perdido, agilizar o ritmo dos serviços, fazer reuniões internas de trabalho com um olho no novo empreendimento. Como não poderia

deixar de ser, as conversas noturnas com Roxane voltaram a acontecer e o assunto João Paulo voltou à baila.

– Afinal – disse Siegfried a Roxane: –, você ainda não me disse se conhece ou não o cara?

– Sim, Conheço-o, mas nunca estive com ele no tal hotel que mencionou. E lhe digo mais: minha família e a dele forçaram a maior barra para que eu namorasse o filho dele, o André.

– Vou lhe falar uma coisa, encontrei-me duas vezes com João Paulo, mas não gostei dele.

– Por quê?

– Ele me pareceu um aproveitador, um lobista, que vende seus serviços para quem pagar mais. A impressão que tenho é que ele não tem um pingão de ética. Seu avô e Salomon deveriam desconfiar, ele não me parece um sujeito honesto.

Roxane se limitou a escutar. Siegfried prosseguiu:

– E por que não deu certo seu namoro com o filho dele?

– Ele é muito novo para o meu gosto. Você sabe que gosto de homens maduros.

– Muito intrigante – replicou Siegfried.

– Como assim?

– Gosta de homens maduros, mas pelo que me contou nunca teve um relacionamento sério com alguém, ou estou enganado?

– Está enganado – disse ela com ar aborrecido. – Quando estou com uma pessoa, estou somente com ela, e isso é sério para mim!

– Não foi o que eu disse – respondeu ele.

– Explique melhor – pediu ela.

– Quis dizer pelo que você conta, nunca me disse que levou alguém para seus pais conhecerem. Seus romances são secretos, estou certo ou errado?

– Acontece que minha família, em especial meus irmãos e meu pai, implicam com minha vida particular. Querem aprovar meus namorados e isso eu não permito. Ninguém tem de dizer para mim que fulano presta e sicrano não presta, por esse motivo prefiro manter meus namorados fora dessa discussão. Talvez um dia, quando

eles se mancarem, eu apresento alguém para eles.

Na verdade, nunca houve um sequer que fosse apresentado à família. Ela tivera inúmeras discussões com os pais e irmãos a respeito de se sentir atraída por homens mais velhos, o que não era aprovado por eles. Leon disse claramente que não se sentiria bem em ter em sua casa alguém da idade dele namorando sua filha. O argumento principal do pai era que um relacionamento com muita diferença de idade tinha tudo para

dar errado. “Homens mais velhos já carregam uma família atrás de si, com todos os tipos de problemas, ex-mulher, filhos, cachorro e passarinho”, dizia ele. Os irmãos caçoavam dela e faziam chacota, isso a deixava muito aborrecida.

Siegfried deduziu que esse “alguém”, que ela mencionou, não deveria ser ele, e que, possivelmente, era só uma questão de tempo e tudo entre eles estaria terminado. Ela emitia sinais, embora não muito claros para Siegfried, que ele era o cara do

momento, não tardaria em ser substituído por outro. No fundo, ele sabia disso, mas preferia ignorar.

– Você é uma pessoa inteligente, interessante, bonita, temos assunto para um dia inteiro e, mesmo assim, ainda fica faltando coisa para falar. Sinto-me muito à vontade com você. É jovem e madura, ao mesmo tempo, nem parece que tem apenas vinte e um anos. Fico admirado que esteja sozinha. E seus ex- namorados? Eles não a procuram? Nunca houve reatamento?



– Meu ego está lá em cima agora! – disse, soltando uma gargalhada. – Sim! Alguns me procuraram, mas somos apenas amigos, nunca reatei namoro. Como prefiro os que têm mais idade, os desempedidos não são fáceis de se encontrar, ou são separados com filhos, ou casados em busca de aventura. Você é um tipo raro que encontrei e não quero largá-lo nunca – riu. – Mas não gostou que eu estava sozinha? Queria que estivesse com outro?

Siegfried também riu.

– Não se trata disso, graças a Deus que estava sozinha. Mas, conte-me, além do tal professor que mencionou, você teve algum outro da minha idade? Ninguém da sua faculdade?

– Mas quanta curiosidade! Interessei-me por alguns da sua idade, mas pelos motivos que lhe disse, desisti. Eram casados ou separados que carregavam filhos e minha família não aceitaria eu namorar um homem separado. Eles são ainda conservadores com esse tipo de assunto. Eu conheço

algumas mulheres que se casaram com homens separados, é uma barra! A ex e os filhos nunca dão sossego, principalmente quando a ex é largada e não arruma outro. Mas, voltando ao que perguntou, tive mais alguns, até mais jovens, mas nada foi para a frente. Na faculdade, não há ninguém que me interessa.

Obviamente, quem a conhecia bem, sabia que ela mentia naquele momento. Teve vários amantes, é verdade, mas nunca se interessou seriamente por algum colega de turma, já flertara com um

ou outro, mas suspirou por vários professores. Siegfried escutou o que ela dizia, iludido.

Ela prosseguiu:

– Mas nem sempre fui bem-sucedida, já teve vezes em que fui rejeitada; em minha adolescência tive uma paixão não correspondida, acho que já lhe contei isso, não? – Ela se referia a Rodrigo. – E também teve um amigo do pessoal lá de casa por quem me apaixonei e que achou por bem não ter nada comigo – esse caso em especial fora com Rodolfo, amigo dos

Armadunians.

– Esse amigo tinha qual idade?

– Era bem mais velho, era separado, mas ele preferiu não se envolver comigo.

Rodolfo apareceu na vida dela depois da tempestade da gravidez, do aborto e da fuga de Frederico. Foi uma época em que se sentiu desamparada e sozinha. O tal amigo da família era separado e pai de dois filhos adolescentes, prestava serviços esporádicos como consultor para a Atlas e era amigo

próximo de Ismail. Era gentil e viviam conversando nas vezes em que ele visitava o avô em Itaipava. O interesse dela por Rodolfo não passou despercebido por Laura e Leon, que, por meio de algumas indiretas a Rodolfo, deixaram claro que se houvesse qualquer coisa entre eles, Rodolfo jamais seria bem-vindo à casa dos Armadunians. Este, entre uma amizade e uma suposta paixão, preferiu a primeira.

– Então, parece que eu preencho todos os seus requisitos – disse ele rindo.

– Não fosse empregado da empresa de vovô...

– Se não fosse isso, iria me levar para conhecer seus pais?

– Creio que sim – soltando uma risada em seguida.

O que não era verdade, ela jamais levaria Siegfried na casa dos pais, mesmo que ele não trabalhasse para a família.

– E se eu sair da empresa? O que me diz?

– Sair? você tem uma carreira pela frente! Meu avô fala muito bem de você. Em breve, será

diretor, espere mais um pouco e vai alcançar o cargo que tanto quer. Jogaria sua carreira fora por minha causa?

– Eu não disse que iria ficar desempregado, faria carreira em outro lugar, sairia e arrumaria outra coisa, assim ficaríamos juntos, não haveria mais obstáculos, se não, vão achar que quero dar o golpe do baú.

– Meu querido! Não brinque com coisa séria! Vamos dar tempo ao tempo, certo?

– Claro! Vamos dar tempo ao tempo!



Depois dessa frase, eles se despediram e desligaram o telefone.

Siegfried passou ainda um bom tempo pensando na conversa que acabara de ter com ela. Ficara um tanto quanto desapontado e esperava que ela fosse mais decisiva, que dissesse: “Certo! saía já da empresa! Vamos ficar juntos e pronto!”. Além disso, ela sempre enfatizava que ao terminar seu curso de Medicina tinha a firme intenção de se especializar nos Estados Unidos. Ela não abria mão disso. E Siegfried ficava especulando se ele

conseguiria fazer com que mudasse de ideia.

Depois de muito tempo, Siegfried teve notícias de um de seus melhores amigos, Cazé, que até então não havia respondido um único e-mail sequer, alegando que a obra dispunha de poucos recursos de comunicação e que não havia internet, que a cidade era um lugarejo e não havia lan house, apenas tinha telefone e, mesmo assim, era uma dificuldade falar com ele, sempre dava ocupado. Cazé contou-lhe que, finalmente, já

dispunha de internet e mandou o seu e-mail.

As mensagens de Cazé eram sempre muito curtas, era o resumo do resumo. Ele contou apenas que a obra estava uma merda, que queria cair fora, que estava subordinado a um gerente incompetente, que não sabia como um sujeito daqueles conseguira um cargo de gerente etc. E que não largava tudo porque tinha se apaixonado por uma certa pessoa na cidade, e não deu mais detalhes. Siegfried, por sua vez, respondeu que ele também estava com sérias

dificuldades profissionais, que seu trabalho basicamente era matar um leão por dia . Fez um resumo da situação e ficou curioso com o fato de o amigo estar novamente envolvido com outra pessoa.

Cazé, por estar sempre mergulhado de cabeça no trabalho, raramente respondia às mensagens de Siegfried de imediato. Alguns dias depois, ele responderia, dizendo ainda que os recursos de que dispunha no serviço eram escassos e mais adiante respondeu de forma lacônica às perguntas de

Siegfried sobre sua nova paixão, praticamente não acrescentou nada à primeira mensagem, dizia que se apaixonara por uma mulher local, que se tratava de uma pessoa batalhadora e esforçada que com sua família possuía um restaurante na pequena cidade, e não acrescentou mais nada.

Siegfried respondeu que também estava envolvido com uma mulher muito jovem e que não estava vendo muito futuro naquilo, e também não deu mais esclarecimentos.

Quem estava preocupado com Siegfried era o amigo e colega de trabalho, Bruno.

– Se continuar levando a vida desse jeito, vai acabar doente – disse.

– Como assim? – perguntou.  
– Seja mais claro, fale!

– Você é fanático pelo trabalho, não faz mais nada. BH está cheio de mulher, arrume uma namorada pelo menos.

– Siegfried preferiu se calar.  
“Mais essa agora!”, pensou.

– É por causa daquela outra

do Rio de Janeiro? A misteriosa que te liga o dia inteiro?

– Digamos que sim!

– Mas onde está essa mulher? Você não saí da obra, ela não vem aqui, que raio de namoro é esse?

– Nós vamos nos acertar, o Otávio chegando, vou ter mais tempo para minha vida pessoal.

– Você acha que o Arnaldo vai deixá-lo sair daqui? Duvido! – e deu uma gargalhada. Prosseguiu: – Esqueça, meu camarada!

– Bem, não vou sair de vez,

vai ser aos poucos.

– E por que ela não vem até BH? Não é tão longe do Rio de Janeiro.

– Cansei de chamá-la, já ofereci enviar as passagens, mas ela alega que os pais não deixam.

– Os pais não deixam?

– Quantos anos ela tem?

– Vinte e cinco – mentiu Siegfried.

– Vinte e cinco? E ainda precisa de permissão dos pais?

– Eles são do tipo conservadores – disse Siegfried



totalmente sem graça.

– Se a minha cunhada, apesar de ser uma gata, não fosse tão chata e fútil, eu iria apresentá-la a você, pois o considero muito – riu.

– Muito chata?

– Se fosse chata seria até bom, é um nojo!

– Estou fora! – disse rindo.

– Vou lhe apresentar algumas amigas solteiras da minha mulher. O que acha? BH tem muitas solteironas à procura de namorado. Vamos sair hoje à noite na cidade ? Um jantarzinho, descobri um

restaurante de peixe de água doce que é um verdadeiro achado, o próprio dono passa a semana pescando na região de Três Marias e traz os peixes frescos. O que me diz?

– Tudo bem! – respondeu Siegfried. – Adoro peixe!

Eles ainda conversavam sobre os detalhes do encontro para o jantar, quando o celular de Siegfried tocou. Ele olhou no visor e viu que era Roxane; já era a terceira vez que ela ligava, ora era para mandar um beijo, ora para dizer que estava com

saudades, ora para escutar a voz dele, e por aí ia...

– Você não morre tão cedo!  
– atendeu Siegfried rindo. E completou: – Adivinhe de quem eu e Bruno estávamos falando?

– Não vai me dizer que era de mim, vai?

– Exatamente – respondeu ele, dando uma risada.

– E eu posso saber do que se tratava?

– O Bruno me dizia que você era um pessoa misteriosa, que ninguém conhece, que eu fico aqui

sozinho, e o porquê de não vir até aqui.

Roxane riu um tanto quanto desconcertada e respondeu que ele desse mais um tempo para ela, que em breve tudo se resolveria, assim se despediram, combinando de se falarem mais à noite.

Cada fim de mês era dramático, pois havia a dúvida de que a Atlas não pagasse os salários dos funcionários, pois estava atravessando um período de forte turbulência financeira. Essa era mais uma das preocupações de

Siegfried, pois caso não houvesse pagamento, o pessoal de Niterói e de Betim poderiam parar.

No início da semana, no domingo, Ismail foi internado com problemas de pressão alta e taquicardia, mas sairia três dias depois, dizendo somente que fora um susto. Possivelmente, a causa de tudo tinha sido a situação da empresa que dava sinais de crise de liquidez.

Em fins de outubro, Siegfried foi ao Rio de Janeiro. A reunião para o fechamento da

proposta da petroquímica seria pela manhã, a entrega em São Paulo da concorrência seria no início da semana seguinte, portanto, novembro. Para alívio dele e de todos que trabalhavam sob sua responsabilidade, o pagamento foi feito no último dia do mês. No entanto, algumas obras da Atlas em outros lugares não tiveram a mesma sorte.

Ainda naquele período, Siegfried notou que Roxane estava diferente com ele; pelas conversas que tinham ao telefone toda noite

não sabia exatamente o que era, mas ela não parecia ser a mesma, alegava que era preocupação com as provas de fim de ano e por causa do avô, que não estava muito bem de saúde. Podia até ser, mas também havia outro componente: dia 31 de outubro, era Halloween, o Dia das Bruxas ou o Dia de Beltane, a cerimônia onde o deus e a deusa se uniam. Camila, uma de suas melhores amigas, lhe falara que Armand e Hidalgo queriam a presença dela no Coven, já que ela não comparecera ao Sabbat de

primavera, conhecido entre os praticantes como Ostara, que acontecia no primeiro dia dessa estação do ano, no hemisfério Sul, nos últimos dez dias de setembro, geralmente em conjunção com a lua. Naquele Sabbat de outubro, conhecido como Beltane, Hidalgo e Armand preparavam uma grande cerimônia e contariam com outro grupo de magia; a festa seria na casa de campo do desembargador, um lugar que ela conhecia bem. Roxane e Siegfried tinham combinado de se encontrar naquele fim de semana,



mas uma outra Roxane, Lussin, rondava por perto e ela praticamente já percebia que a “outra” se aproximava. Isso a deixava preocupada e, ao mesmo tempo, excitada.

Na sexta-feira, pela manhã, Siegfried chegou à Atlas, levando consigo a estimativa de custo da concorrência. Carregava também o relatório gerencial mensal da obra da refinaria, que mostrava que a receita superara o custo por pouca diferença. Houve uma reunião rápida sobre o andamento da obra,

pois todos estavam preocupados com a licitação da petroquímica. Para surpresa de todos, e contra todas as recomendações médicas, Ismail, recém-saído do hospital, apareceu na Atlas porque queria tratar pessoalmente do assunto. Levou Roxane, que desde que ele tinha saído do hospital, fazia-lhe companhia constantemente.

Durante um intervalo das reuniões, Siegfried foi até à sua sala, onde ligou seu computador pessoal para responder aos e-mails que chegavam às dezenas. Contou

cerca de setenta, e pensou: “tudo agora é administrado por e-mails, antes as pessoas se falavam, telefonavam, as providências eram imediatas, agora é tudo por e-mail, nada se faz sem isso”. Verificou que das setenta e tantas mensagens que recebera, cinco eram de **odalisca**. Ela enviava dois a três e-mails diários. Eram cartões virtuais, muitos dos quais com motivos picantes, poemas, ou alguma frase ou texto em que reforçava a paixão por ele. Ao terminar, pois checou apenas os mais urgentes, saiu da

sala e deu de cara com Ismail, caminhando devagar no corredor com Roxane, de braço dado com ele. Assim, ambos foram apresentados. Depois, Siegfried retornou ao escritório e caiu na gargalhada, pois Roxane, ao ser apresentada formalmente a ele, ficou tão vermelha que parecia que ia pegar fogo. Ficara quase sem voz pela surpresa do encontro e ele mal se continha de tanto rir da situação inusitada. Minutos depois, Roxane voltou à sala de Siegfried, mas deu de cara com Zulmira. Sobressaltada

e surpresa por ver Zulmira, encarou Siegfried com um olhar profundo, como quem diz: “sempre tem alguém no caminho”, e saiu rapidamente. Zulmira percebeu que tinha “algo” no ar, mas ficou quieta, pensando. Siegfried disfarçou e a secretária percebeu o desassossego dele, confirmando sua suspeita.

A reunião se estendeu por todo o período da tarde com Siegfried explicando em detalhes as premissas que adotara para formular o custo do empreendimento. O dia passou e ainda havia trabalho a ser

feito, principalmente pelo Nelson, que era o gerente comercial e responsável pela elaboração da proposta consolidada. Ainda fariam várias simulações de preços, análises de juros, impostos e muitos outros fatores. Ficaram então de voltar no sábado para desagrado de Siegfried, e para sua frustração. Ismail resolveu ir descansar no seu haras em Itaipava, levando consigo sua enfermeira pessoal, Olávia e Roxane. O encontro que ele havia programado com ela mais uma vez não haveria. Ambos se falaram ao

celular e Siegfried mal se continha de raiva. Roxane tentava apaziguar, dizendo que não havia como não acompanhar o avô. Ele perguntou se havia somente ela na família, e ela respondeu que o avô a escolhera, que não tinha como recusar.

Sábado, pela manhã, ele combinou com Nelson e Salomon que passaria em Niterói para ver como estava o serviço do navio. Depois do almoço com o pessoal da obra no mercado de peixe, no centro daquela cidade, ele retornaria à Atlas para o fechamento. E assim

foi feito. No sábado à tarde, Nelson e alguns funcionários estavam trabalhando, entre eles Zulmira. Todos se reuniram para o fechamento de preço. Sabiam que mesmo depois da entrega da proposta ainda haveriam os desdobramentos, as reuniões de esclarecimentos, os pedidos de descontos etc. A coisa ainda ia render. Eram seis horas da tarde de sábado quando resolveram encerrar os trabalhos, mas ainda ficaram questões a serem resolvidas, por essa razão, voltariam no domingo.



Completamente exausto, e bastante frustrado por não ter um encontro com Roxane mais uma vez, Siegfried saiu da Atlas, no bairro de Botafogo, e foi para o seu apartamento, na Barra da Tijuca, onde passaria a noite. Pela manhã, voltaria à Atlas “e se Deus ajudar”, pensou ele, “à tarde vou até o interior do estado ver meus pais e retorno na segunda-feira para BH. Na terça, tudo recomeça”. Nelson viajaria para São Paulo e entregaria a proposta.

Por volta das oito horas da

noite daquele sábado, Siegfried ligou para Roxane. Ela atendeu e ele mal conseguiu reconhecer a voz que estava do outro lado. Na verdade, Lussin já se fazia presente. Durante toda a semana, Roxane sentiu a presença dela e, naquele momento, ela começava a dominar a situação. Siegfried perguntou se estava acontecendo alguma coisa e ela respondeu que não. Ele disse que a voz dela estava diferente, que parecia outra pessoa. A resposta foi uma estrondosa gargalhada. Ele ficou sem entender nada, perguntou

várias vezes quem estava falando. Do outro lado da linha, uma pessoa ria e ria cada vez mais. Em seguida, ele desligou o telefone e ficou visivelmente intrigado. Resolveu ligar para Maria Alice. Por várias vezes em que ele e ela conversaram por telefone, Maria Alice estava perto. Outras tantas vezes, Roxane passava o telefone para que eles conversassem um pouco. Siegfried sempre dizia para Maria Alice que arrastasse a prima até Belo Horizonte para conhecer a cidade e se encontrarem. Maria Alice

adorava a ideia, mas esbarrava na alegação de que os pais de sua prima não deixariam etc. Com o decorrer do tempo, Maria Alice e Siegfried se tornaram amigos.

– Oi, Maria Alice, tudo bem?

– Oi, tudo bem! Quanto tempo! Está em BH?

– Não, no Rio.

– Legal! Veio ver Roxane?

– Faça uma pergunta mais fácil – respondeu ele, rindo.

– Por quê?

– Ela foi com o avô para Itaipava, não sabia?

– Sério? Não sabia! Só sei que ele esteve adoentado.

– Pois é! Ele foi para lá e a levou com ele.

– Por que não vai até lá?

– É uma boa ideia, mas amanhã terei de estar aqui. Estamos acabando um trabalho de uma concorrência. Mas, escute, tentei falar com ela agora, e me pareceu muito estranha, outra pessoa.

– Deve estar preocupada com o avô, eu acho.

– O avô? Ela não parava de dar risada! Na verdade, eram

gargalhadas; você sabe me explicar o que acontece?

– Não! Não sei o que pode ser.

Os dois se falaram mais um pouco e se despediram sem que Siegfried pudesse desvendar o enigma. Maria Alice sabia bem o que era, para ela, Roxane era médiun. A moça era espírita e, no seu modo de ver, Roxane recebia uma entidade. Ela já a teria aconselhado a procurar um Centro Espírita para se tratar, o que ela recusou terminantemente.

Depois de falar com a jovem, Siegfried saiu para comer alguma coisa e desanuviar a cabeça. Foi a um shopping próximo e, em seguida, pegou um cinema. Voltou e dormiu pesadamente, pois no dia seguinte havia trabalho a ser feito.

No domingo, pela manhã, oito e meia em ponto, Siegfried chegou à Atlas. Foi um dos primeiros a chegar. Na verdade, o segundo, pois dona Zulmira chegara antes e já preparava um saboroso café na copa do escritório. Os outros ainda estavam por vir, o que deixou

Siegfried impaciente, porque queria acabar logo com aquilo, um problema a menos para se lidar.

Aproveitando que estavam sozinhos, dona Zulmira tomou a iniciativa de uma conversa reservada com ele. Ela sempre se referia a ele como doutor.

– Doutor Siegfried, preciso ter uma palavrinha com o senhor.

– Não precisa me chamar de doutor– respondeu ele sorrindo.

– Por favor, não me interprete mal.

– O que foi, dona Zulmira,



não está gostando mais de trabalhar no setor do Nelson? Essa situação não vai perdurar por muito tempo, com o Otávio na refinaria, eu espero em dezembro passar mais tempo aqui no Rio.

– Que bom que o senhor vai voltar! Mas não é bem sobre isso que quero falar com o senhor.

– Alguma coisa grave? Estou ficando preocupado, pode me dizer sem medo. O que é?

– Não quero que o senhor pense que estou me intrometendo na sua vida particular, mas... – Zulmira

estava visivelmente constrangida em abordar o assunto com Siegfried.

– Fale, dona Zulmira! Não precisa ficar temerosa por minha causa, diga abertamente o que a está incomodando.

– Tudo bem! Vou falar! O senhor conhece a neta do doutor Ismail, Roxane?

Siegfried gelou, mas tentou se manter sereno.

– Bem, fui apresentado a ela ontem pelo senhor Ismail, mas o que tem isso?

– Desculpe, mas vi bem

como ela olhou o senhor e conheço bem aquele olhar.

– A senhora está querendo dizer que a neta dele pode estar querendo alguma coisa comigo? É isso?

– Sim! Mas não é somente isso! Gosto dela, ela é diferente do resto da família, é muito dada, não é metida como os outros netos e netas, mas por outro lado...

– O que, diga-me!

– Vou lhe contar o que aconteceu há pouco mais de um ano. Houve um envolvimento dela com

um funcionário que trabalhava aqui. Ele era gerente no departamento jurídico e estava se separando da esposa. O caso dele com Roxane foi descoberto, pois ele não era uma pessoa discreta, era do tipo de alardear as suas conquistas amorosas. Comentou que estava saindo com a neta do dono da empresa, e o senhor sabe o que quer dizer saindo, não é? Não preciso ser mais clara.

Siegfried compreendeu bem, “ela está querendo dizer que o tal advogado espalhou que estava

comendo Roxane”, pensou.

– Mas o que aconteceu?

– O boato falso ou não chegou aos ouvidos do diretor administrativo, com quem essa pessoa trabalhava. O doutor Thomaz também ficou sabendo, porque o advogado estava dando algum suporte jurídico a um empreendimento em que o Thomaz estava à frente, o rumor se espalhou até que o doutor Salomon soube. Ele foi sumariamente demitido e levou muito tempo para se recolocar no mercado de novo. Teve até de

mudar de estado, por causa de uma campanha difamatória que moveram contra ele. Sairam dizendo que não era competente e, ainda por cima, era desonesto. O coitado perdeu também a esposa.

– Também, o idiota foi dizer para todo mundo, deu no que deu – falou Siegfried para dona Zulmira.

– Mesmo o senhor sendo solteiro, diferente do outro que era casado, ou estava se separando, não sei bem, o senhor deve tomar cuidado. Os Armadunians não vão poupá-lo.

– Dona Zulmira, pelo tempo que a senhora conhece a família, seria possível eles armarem uma represália contra mim, caso eu supostamente venha a ter um envolvimento com essa moça? É apenas especulação.

– Eu vi como ela o olhou, não estou enganada.

– Os Armadunians não suportam a hipótese de que empregado da empresa possa se envolver com um deles, é isso?

– É, o senhor é uma pessoa culta, educada, tem formação, e pelo

que sei é bem mais preparado do que muitos deles, mas me perdoe pelo que vou lhe dizer: eles ambicionam um casamento de princesa para ela, com um político ou algum herdeiro de alguma fortuna...

– Entendi! Não sou da mesma camada social deles.

– Sim! É isso que quero dizer! Não basta ser honesto e ter formação superior, eles dão valor para o dinheiro. Acho que quem fugiu a essa regra foi o doutor Thomaz, mas eles o tem atravessado



e fazem campanha para dona Maysa se separar, mas ela é tihosa e gosta dele, por esse motivo não se separaram ainda.

Siegfried franziu a testa, compreendeu que um futuro em comum com Roxane seria praticamente impossível. “Pelo menos, dona Zulmira apenas tirou uma conclusão baseada no olhar de Roxane. Ela ainda não sabe de nada”, pensou.

Mas o que dona Zulmira não disse, mas por pouco não deixou escapar, foi que ela tinha

conhecimento e ninguém mais sabia disso, que Roxane já se envolvera com Thomaz. Em uma tarde, no fim do expediente, havia dois anos, ela, sem querer, flagrou Roxane e Thomaz no escritório se beijando. Era tamanha a sede entre ambos que a presença dela não foi percebida. Se dona Zulmira tivesse contado a Siegfried o que sabia, a reação dele seria cortar qualquer contato com Roxane imediatamente, mas, até então, tudo o que ela queria era alertá-lo para que se precavesse para não serem descobertos.

Era sabido que Maysa era tremendamente ciumenta, dominadora e cheia de vontades. Thomaz e ela viviam brigando, ele já saíra de casa algumas vezes, mas ela implorava e ele voltava. Em uma das reuniões de família, na casa de Ismail, Maysa e Thomaz discutiram. Ele saiu irritado e Roxane, que tinha por hábito apaziguar a situação e ser a conciliadora da família sempre que alguém brigava, foi consolar e pôr panos quentes. Na ocasião, na tentativa de acalmar Thomaz, saiu com ele para uma conversa. Ele, um

tanto quanto nervoso e irritado, pediu que ela o levasse para casa, pois deixaria o carro com a esposa. Roxane se prontificou a fazê-lo e, no trajeto, conversa vai, conversa vem, Thomaz a beijou. Já havia um “clima” entre eles fazia algum tempo. Dali para o motel foi um pulo. Houve mais alguns encontros entre eles, e Thomaz e Maysa iam levando a vida entre uma briga e outra. Roxane, movida por outras paixões momentâneas e crise de consciência, afastou-se dele, mas mesmo assim ainda havia algo que

os unia. A demissão do ex-gerente que se envolvera com ela e sua consequente difamação, deu-se em parte por ciúmes de Thomaz.

– Tudo bem, dona Zulmira! Vou tomar os cuidados necessários para me manter longe dela.

– Melhor assim, doutor.

No entanto, um mau pressentimento invadiu dona Zulmira. Ela, no fundo, percebeu que algo já havia se instalado no coração do chefe, e seria inútil dizer mais alguma coisa. Contar-lhe a verdade, seria muito perigoso, temia

pelas consequências que podiam se virar contra ela.

Siegfried e dona Zulmira estavam terminando a conversa quando Nelson e outros membros da equipe chegaram. Todos começaram a trabalhar, pondo fim à conversa entre eles.

Logo, eles conseguiram terminar a proposta. Ligaram para Salomon, que estava em companhia do pai em Itaipava, e comunicaram a ambos que a missão foi cumprida. Siegfried se despediu, pegou o carro que alugara, e rumou para o interior

do estado para visitar a família.

Por volta de dez horas da manhã, Siegfried ligou para Roxane, mas ela não atendeu. Ele estranhou, já que ela sempre falava que acordava cedo e vivia com o celular ligado. Ao meio-dia, ele tornou a ligar e nada de ela atender. Uma hora depois, pouco antes de pegar a estrada, nova tentativa, e mais uma vez ela não atendeu. Ele ficou apreensivo.

À tarde já estava na casa dos pais. Roxane ligou no celular dele e ele atendeu.

– Oi! O que aconteceu?

Liguei várias vezes hoje e você não atendeu!

– Não estou bem – disse ela.

– Quando te liguei ontem, você não parava de rir!

– O quê?

– Ontem, quando te liguei à noite, você ria sem parar nem falou comigo.

– Ah, sei!

– Explique-me! Você viajou para acompanhar seu avô doente e, no entanto, quando liguei você não parava de rir. Ou a piada era muito



boa, ou algo de muito bom estava acontecendo.

– Vou lhe explicar: à tarde, papai e mamãe chegaram, vovô estava muito bem. Meu pai começou a tomar vinho. Meu avô tem uma adega de primeiríssima qualidade no haras, sabe? Pois bem, antes do jantar, eu o acompanhei no vinho e minha mãe também tomou. Acabei me excedendo... e foi quando me ligou.

– Durante toda a semana a achei muito esquisita. Não parecia ser a mesma pessoa que eu conheço.

– Meu bem! Meu avô internado, as provas na faculdade, a semana toda de exames de fim de ano, tive de virar duas noites estudando e ver vovô no hospital. Como você queria que eu ficasse?

– Mas parece que agora está tudo bem, não é?

– Acho que a bebida me atacou o fígado. Estou com uma tremenda enxaqueca. Mas vai passar, papai já me medicou. E você? Quando volta para BH?

– Amanhã à tarde. E você, quando retorna ao Rio de Janeiro?

– Amanhã, à noitinha. Vovô quer estar na empresa na terça-feira cedo. Ele tinha de ficar aqui pelo menos uma semana, mas é teimoso, não atende ninguém.

A conversa entre eles continuou por mais alguns minutos, depois, desligaram. Siegfried estava um tanto quanto incrédulo sobre a história da bebida, mas, por outro lado, não via explicação plausível, muito menos imaginava o motivo verdadeiro.

A real situação que se deu foi que no sábado que ela passou em

Itaipava, em torno das oito horas da noite, preparava-se para sair rumo ao ritual Wicca, que seria na casa de campo de Hidalgo. Ela mal se continha, foi quando Siegfried ligou. Naquele momento, ela estava sob os efeitos de Lussin, e não do vinho que alegara ter bebido. Ela disse aos avós e aos pais que os amigos haviam chegado do Rio de Janeiro e que ela tinha uma “inocente” festinha de Halloween para ir em algum barzinho da região. Iria levar Camila. Em seguida, as duas saíram. Nessa época, muitas

casas noturnas promoviam esse tipo de festa temática. Havia anúncios por toda a parte na região Serrana das festas, em Petrópolis, Teresópolis, Itaipava e adjacências. Os pais e avós não questionaram, somente fizeram as recomendações de sempre:

– Cuidado com bebida! Não dirija depois de beber, volte logo! Não aceite nada de desconhecidos...

Mal sabiam eles que a filha iria não a uma simples festinha de Halloween de barzinho, mas em um verdadeiro Sabbat das feiticeiras.

No Sabbat de Beltane que Hidalgo e Armand organizaram, eles reuniram em torno de vinte pessoas. Era um grupo de Coven com alguns convidados, entre eles, dois amigos espanhóis de Hidalgo que estavam no Brasil à convite dele. Eram membros de sua irmandade secreta e empresários do ramo de entretenimento. Vieram abrir um negócio no Brasil, que seria o futuro Café Sheherezade em associação com o desembargador, onde, na semana seguinte eles se reuniriam em mais um ritual secreto

envolvendo magia sexual. Naquela noite, Hidalgo aproveitou os poucos momentos de lucidez de Roxane para convidá-la para participar da cerimônia que fariam no Rio de Janeiro, no seu solar secreto. Ela ficou de ver, não disse nem sim, nem não.

Nas ocasiões em que Lussin supostamente se manifestava, ao término do ritual, Roxane mal ficava de pé. Precisava ser amparada por alguém, tamanho era o seu estado de exaustão. Naquela noite houve uma cerimônia seguida

de uma celebração em grande estilo. Todos os participantes se vestiram da mesma forma, com mantos negros e capuz, totalmente nus por baixo de suas vestes. O local fora devidamente preparado para um verdadeiro Sabbat. Havia lanternas e velas decorativas por toda a parte. Vários turíbulo com incensos enfumaçados e uma imensa fogueira acesa transformavam o lugar em uma espécie de cenário mágico. Os participantes, ao entrarem no sítio, eram questionados por um suposto guardião, e cada um respondia com



uma contrassenha; estando tudo correto, eram admitidos. A cerimônia teve início com invocações à deusa da floresta e demais entidades supostamente presentes no ambiente. Houve bênçãos, orações e pedidos aos elementais, às fadas e aos demais seres do culto Wicca para que satisfizessem os desejos daqueles que estavam presentes. Assim aconteceu por um bom tempo. O ritual se encerrou com uma grande festa regada a vinhos, champanhe, bolos, carnes e comidas diversas,

próprias para a ocasião. Hidalgo, conhecido no Coven como Velho Nick, estava à caráter, vestia uma capa preta, um chapéu com uma pena negra de galo e carregava seu violino. Ele encarnava a figura de uma entidade misteriosa e sombria, que povoava as lendas, envolvendo cultos de magia negra. Ao tocar, parecia entrar em transe. Roxane, transfigurada em Lussin, dançava com ele freneticamente. Ela bebeu, fez previsões para um ou outro e seduziu a muitos. Foi uma festa típica de um Sabbat, mas à moda

deles, com muitas orgias sexuais.

Pela manhã, ao chegar na casa do avô, Roxane sentia-se exausta, mal se lembrava do que houvera até Lussin aparecer. Apesar de ter bebido muito enquanto a suposta entidade se incorporou, não havia qualquer efeito do álcool em seu corpo ou em seu comportamento. Aqueles que estavam presentes no ritual não entendiam como que alguém podia beber tanto e não ficar embriagada. No entanto, ela estava totalmente sem forças. Dormiu pesadamente

até às duas horas da tarde. Apenas beliscou a comida, caindo novamente no sono. Despertou às cinco horas, quando ligou para Siegfried. Ao deligar, debruçou-se sobre a mesa e comeu com uma voracidade quase sem limites, ainda estava sob os efeitos de Lussin.

Naquela primeira semana de novembro, Hidalgo e Armand insistiram muito para que Roxane estivesse presente na cerimônia secreta que fariam na mansão do Joá, situada no topo de um penhasco. O bairro se localizava em

uma área montanhosa, com vista para o mar e um visual deslumbrante. Dali se via toda a orla marítima do bairro de São Conrado e parte da Barra da Tijuca. As propriedades naquele lugar custam uma fortuna. O acesso ao palacete se dava por ruas estreitas, com pouco movimento, com câmeras de TV instaladas nos arredores para prevenir possíveis curiosos, ou intrusos, ou mesmo assaltantes. Ao redor da casa havia muitos arvoredos que, de certa forma, faziam com que o lugar se

mantivesse discreto. Os muros altos garantiam a privacidade necessária ao propósito do dono. Aquilo mexia com ela. Uma parte de seu ser queria estar lá, outra não. A atração que aquele tipo de evento causava em seu íntimo era tanta, que ela sonhava acordada pensando na possibilidade de estar presente. O ritual foi marcado para acontecer na noite de sexta-feira, e a decisão sobre a sua participação não lhe deixava em paz. Roxane se questionava quando Siegfried viesse em definitivo para o Rio de Janeiro

se seria possível continuar com aquela vida dupla. Mais dia, menos dia ele retornaria à cidade e planejava estar de volta em dezembro, quando seu substituto estivesse dominando a situação por lá. O que ela faria?

Na quarta-feira, durante o dia, ela ligou para ele com a voz um tanto quanto diferente. Disse-lhe que eles tinham de conversar. Siegfried lhe perguntou se estava acontecendo alguma coisa. Ela disse que não, que não era nada, mas precisava ter uma longa conversa

sobre a relação deles. O recado foi bem compreendido, provavelmente ela ia querer terminar. O restante do dia se passou com ele correndo atrás das inúmeras providências que tinham de ser tomadas. Suas atividades não o deixavam respirar, e não havia como se concentrar em outra coisa a não ser em seu trabalho.

Por volta das dez horas, ela telefonou novamente. Ele já estava à espera, ansioso. Ela iniciou a conversa dizendo que ele era um bom sujeito e que merecia alguém



melhor. Era uma daquelas conversas  
sonsas de quando alguém quer  
terminar um relacionamento e não  
sabe o que dizer. Siegfried abreviou  
o papo:

– Você quer terminar? É  
isso?

Ela mudou a voz, pigarreou...  
não sabia bem o que dizer, mas  
confirmou.

Ele questionou:

– Mas conversamos ainda  
ontem; parecia tudo normal. O que  
aconteceu? Tem outro na jogada?

– Não! Não é nada disso!

Não sou a pessoa ideal para você;  
tenho refletido muito sobre a nossa  
relação...

A conversa durou mais  
alguns minutos, sem que fosse  
possível compreender direito o que  
estava se passando com ela. Em um  
dia, estava tudo bem, no outro,  
queria terminar. Ela ainda lhe disse  
estar pensando no término havia  
algum tempo! “Como pode ser  
possível?”, ele e questionou.

Bastante aborrecido, ele  
resolveu não prolongar o assunto.

– Ok, tudo bem!

Disse ainda que ela devia agir conforme achasse melhor e desligou abruptamente. Em seguida, ligou para a recepção do *flat* e determinou que se ela ligasse não lhe repassasse a ligação, pois em ocasiões anteriores houveram muitas discussões entre eles que logo depois de desligarem, ela voltava a ligar para dizer que este ou aquele ponto não tinha ficado claro, e assim por diante.

As noites seguintes Roxane praticamente passaria em claro. Por um lado queria ligar para ele e

retomar o que havia rompido, por outro, o ritual de Hidalgo a deixava excitada. Ela travava dentro de si uma batalha a respeito do que deveria fazer. A fim de persuadi-la, Armand usava de todos os argumentos que conhecia. Ela, por sua vez, lutava contra algo maior do que ela: sua sexualidade, que dava vazão naqueles cerimoniais secretos.

Depois de muita luta interna, ela decidiu ir à casa de Hidalgo. Mas impôs a condição de que não seria possível passar a noite toda lá.

Ela inventou para a família que iria a um aniversário de uma amiga com um grupo em um casa noturna da Barra da Tijuca, mas não mencionou onde para evitar possíveis questionamentos futuros. Como sempre, o álibi era Camila, que confirmava as histórias dela, além de outra jovem, recrutada por Armand para o evento. Com essa desculpa, conseguiu se desvencilhar dos pais até cerca de duas horas da madrugada, quando deveria estar de volta.

Estavam presentes, além de

Armand, Hidalgo, Roxane, Camila e a outra jovem, dois casais anônimos, que pertenciam à irmandade do desembargador, os dois espanhóis e uma mulher madura de nacionalidade portuguesa, que chegara dois dias antes. Foi ela quem cuidou de todos os preparativos para a cerimônia. Era uma mulher alta, corpo proporcional, com um porte dominador, clara, bonita, cabelos longos, castanhos-claros, idade em torno de quarenta anos e muito bem cuidada. O ritual seria diferente dos

outros que usualmente eles realizavam. A mulher portuguesa se intitulava uma dominatrix, liderava uma espécie de prática sadomasoquista chamada bondage, em que um ou mais participantes ficavam imobilizados pelos mais diversos meios: cordas, correntes etc. Os praticantes usavam dos mais diversos artifícios para buscar prazer: venda nos olhos, roupas de couro, chicotes, fantasias diversas e, por vezes, se submetiam a torturas físicas. Eles iriam combinar essa prática de dor e prazer com o rito de

magia sexual a qual Hidalgo frequentemente fazia uso.

Antes de iniciar a cerimônia, a dupla de espanhóis foi apresentada aos demais membros do grupo.

Depois das devidas apresentações, o grupo fez uma refeição leve à base de peixes grelhados, legumes e temperos picantes, ervas e especiarias, e vinhos. Em seguida, usaram alguns alucinógenos. O jantar teve um toque exótico da Índia e Tailândia, o que combinava com a ornamentação do ambiente de cunho asiático. Tudo servia para



introduzir um clima de excitação ao grupo. O toque exótico ficou por conta dos vários castiçais com velas aromáticas acesas, incensos e instrumentos orientais, como pequenos gongos tibetanos para estimular os mais sensíveis a entrar em transe. Os dois espanhóis usaram haxixe, no que foram seguidos por Armand. A atmosfera criada era algo que deixava todos com grande ansiedade. Tudo era absolutamente excitante e, ao mesmo tempo, hipnótico e atemorizante. Roxane diria mais

tarde que parecia ter sido transportada para algum cenário das 1.001 noites, ou alguma dimensão secreta extraída de algum livro fantástico. Ela, Camila e a outra jovem sentaram-se confortavelmente em um imenso tapete persa. Serviram-se de vinho em companhia do anfitrião, que convidou o grupo a se deitar, oferecendo às tres uma pequena aspirada de ópio em um narguilé que ele possuía e fazia uso em ocasiões especiais. As três aceitaram e pediram mais, mas

foram contidas por ele, que disse ser apenas uma pequena dose para o grande momento. Assim, elas ficaram desinibidas. Depois da etapa inicial do jantar, bebidas e pequenas doses de drogas, os participantes foram para os quartos para se trocar. As roupas apropriadas para a ocasião já haviam sido previamente preparadas.

O ritual demorou algum tempo para ter início por causa do atraso da dominatrix, que não participou do jantar. A ela caberia o

papel de grande sacerdotisa. Quando o grupo já estava pronto, ela chegou e se vestiu secretamente. Assim, ninguém dos presentes conseguiu ver suas feições, uma vez que ela usava uma máscara que lhe encobria parte do rosto. Ela se vestia de forma bem provocante, estava com um manto na cor vinho, que lhe encobria o corpo e a cabeça. Suas vestes não estavam fechadas, mas abertas, deixando à mostra parte de seu belo corpo. Por alguns instantes, ela se manteve anônima e se comportando de forma discreta.

Alguns outros membros que participariam do ritual também preferiram o anonimato e não participaram do jantar. Eram três mulheres e um homem. De modo geral, Hidalgo sempre cuidava para que o número de participantes femininas superasse os masculinos. Eles entraram anonimamente e em um determinado aposento da casa se trocaram e colocaram suas máscaras para se manterem ocultos e preservarem suas respectivas identidades.

O aposento no qual se daria a

cerimônia era pouco iluminado com candelabros e velas acesas. O local fora preparado dessa forma propositadamente, pois vários objetos e até alguns artefatos que seria usados ao longo do ritual foram devidamente ocultados. No decorrer da noite, seriam pouco a pouco descobertos. Tão logo a cerimônia se iniciou com as invocações, incensórios pelo salão, podia-se ver ainda parcialmente as vestimentas da dominatrix. Ela usava meias negras com cinta-liga presa à cintura e botas de couro da

mesma cor, de salto alto, que iam até o joelho; um espartilho de couro também preto, deixava seus belos e fartos seios à mostra. Com um movimento brusco, descobriu a cabeça, mas o que se viu foi seu rosto encoberto por uma máscara e uma tiara prateada nos longos cabelos, que desciam pelos seios. Uma sumária lingerie completava o conjunto. Suas pernas eram longas e muito bem torneadas; suas coxas grossas era um sinal de que se cuidava muito bem. Sua cintura era fina. As outras participantes vestiam

roupas íntimas também bastante apelativas. Eram conjuntos de lingerie bem minúsculos, e elas estavam envoltas em mantos de seda desabotoados. Todas tinham as faces encobertas por máscaras, a exemplo da grande sacerdotisa, e também usavam cintas-ligas, de forma a estimular o máximo possível a libido dos participantes masculinos.

Os dois espanhóis foram amarrados e açoitados pelos dois homens que vieram com outras duas mulheres e se mantinham anônimos.



Estavam encobertos pelos mantos com capuz e, às vezes davam lugar ao castigo a dominatrix, que dirigia a cerimônia. Os dois se compraziam de prazer, sentindo dor. Durante as chibatadas, gritavam frases desconexas e mantras para alcançar alguma coisa em especial. A mulher dominadora, por sua vez, durante o espancamento, usava um chicote e proferia frases que para os leigos não tinham qualquer lógica. Tratava-se de palavras ocultas, que apenas tinham algum significado para os iniciados. Com essas

palavras, proferidas com a entonação certa e a energia apropriada, esperava-se alcançar algum objetivo concreto. Depois do término do suposto suplício dos dois “coitados”, ela se dirigiu à Roxane e à jovem que viera com ela e ordenou que as duas a satisfizessem. Ela se deixou amarrar e, enquanto uma usava um chicote, a outra lhe fazia sexo. As três se revezaram na tarefa, dando continuidade ao evento.

Roxane, depois de se desvencilhar da mulher que

conduzia o ritual foi colocada de joelhos em um banco encostado a uma enorme mesa de madeira. Dessa forma, ficou com metade do corpo estendido sobre a mesa, da cintura para cima, e teve as mãos imobilizadas por correntes, que a mantiveram estendida e de certa forma retesada. Suas nádegas ficaram levantadas, e foi assim que Armand, Hidalgo e mais outro a sodomizaram, enquanto ela fazia felação em outros que revezavam em cima da mesa. Suas duas companheiras estavam imobilizadas

e suspensas por cordas presas em ganchos, que foram instalados no teto daquele recinto. Ambas foram colocadas com as pernas levantadas para que pudessem ser penetradas, enquanto faziam sexo oral em outros que também se alternavam. A dominatrix sentou-se em um espécie de balanço preso por cordas no teto. Com isso, alguns dos participantes lhe faziam sexo oral enquanto ela também fazia o mesmo em quem se apresentasse. Roxane, depois de sair da imobilização da mesa, foi conduzida por Hidalgo a um canto

do salão, que até então encontrava-se encoberto por uma cortina. Ao ser aberta, deram em uma pequena sala. Lá dentro havia um cavalo de madeira, semelhante a um brinquedo de criança, exceto pelo tamanho, pois o modelo fora feito em uma escala maior. Nos pés do cavalo havia madeiras curvadas para que o objeto pudesse fazer o movimento de vaivém, oscilando para cima e para baixo lentamente ou conforme a vontade de quem o usasse. Roxane subiu naquele inusitado aparelho de prazer e foi

orientada a deitar-se sobre ele. Em seguida, seus pés e mãos foram imobilizados por cordas com proteção para que não lhe deixassem marcas ou que a ferissem. Hidalgo lhe deu um pouco mais de ópio, uma dosagem leve que ela inspirou pelo narguilé. Em seguida, pôs-lhe uma venda sobre a máscara que usava, tapando-lhe os olhos. Ela estava imóvel sobre o cavalo de madeira e totalmente nua e exposta. A dominatrix se aproximou e a beijou profundamente. Ainda sob o efeito da droga, Roxane apenas se deixou

levar pelos acontecimentos. Depois do beijo, a mulher continuou acariciando o corpo dela e introduziu os dedos na vagina de Roxane, que se excitou ainda mais. Ela levou consigo um cordão com cinco pequenas bolas de plásticos, envoltas em um preservativo e devidamente lubrificadas com um anel na ponta e se colocou atrás do cavalo de madeira junto às nádegas de Roxane, onde fora colocada uma pequena escada com apenas três degraus, o suficiente para se subir no cavalo. Sendo a dominadora uma

mulher alta, apenas se posicionou no primeiro degrau para que tivesse acesso às partes íntimas de seu objeto de prazer. Ela se inclinou e iniciou o sexo oral em Roxane. Durante o ato, introduziu no ânus delas as bolas, uma a uma, deixando o anel de fora, com o qual ela manipulava o objeto dentro da jovem; a mulher manuseava o artefato com grande habilidade, levando-a a múltiplos e intensos orgasmos. Terminada a seção com Roxane, as outras mulheres que estavam presentes se revezaram



deitando sobre o cavalo de madeira. Ao se posicionarem sobre o brinquedo foram imobilizadas e possuídas por um ou mais homens, que aproveitavam todas as possibilidades de sexo que a situação criada permitia. Durante a orgia, o grupo invocava supostas forças do astral em seu auxílio, pedindo favores terrenos, como dinheiro e poder e rogando pragas em seus desafetos.

Durante a cerimônia, Roxane notou que havia algo em comum entre ela, Camila, a outra convidada

e a dominatrix, duas tatuagens: uma era situada próxima à virilha esquerda e a vagina, e era uma meia lua ou o quarto crescente; a outra, também uma meia lua com uma estrela, no seio esquerdo, que no caso dela foram feitas a pedido de Frederico. Era um sinal que todos do grupo faziam na iniciação da irmandade, da qual faziam parte Hidalgo e Frederico. Roxane atendeu a exigência quando foi convidada a participar daquela sociedade secreta. As tatuagens eram exclusivas das mulheres que

faziam parte do grupo. No entanto, a participação dela e de Camila, à época, faziam-na se ater somente aos rituais secretos envolvendo sexo. Ela ignorava completamente o que envolvia aquela tipo de cerimônia, o que era bem diferente do Coven Wicca que as duas participavam eventualmente.

Em torno das três horas da madrugada, Roxane já estava em casa. Passada a euforia do ritual, sua consciência pesava e sua cabeça girava, por causa do ópio, da bebida e do sexo. Não fosse tão tarde, sua

vontade era ligar para Siegfried, pois ele trazia uma espécie de paz a seu espírito inquieto. Tão logo acordou no sábado pela manhã, em torno de dez horas, as cenas do ritual em que tomara parte na noite anterior ainda estavam vivas em sua mente. Não tivera um sono tranquilo; mesmo dormindo, as imagens da cerimônia lhe assombraram durante toda a noite. Ao sair da cama, tomou um banho rápido, depois foi até a cozinha tomar um café e foi direto para uma igreja católica mais próxima; pediu

perdão pelos supostos pecados que sua consciência teimava em perturbá-la.

No domingo, Siegfried não foi à refinaria. Tinha estado lá no sábado. Aquela vida de viagens constantes do Rio de Janeiro para BH e São Paulo, aliada ao serviço estressante, ao qual estava sendo submetido, e aos frequentes confrontos com o cliente estavam o deixando cansado. Sem dizer dos embates com Salomon, que em geral era sempre rude, talvez porque a Atlas parecia andar mal das

pernas, ele imaginava.

Quando o trabalho deixa de ser um prazer, a tarefa passa ser enfadonha e pesada demais, e era o que estava acontecendo. A obra da refinaria tinha se tornado uma corrida com obstáculos de longo percurso. Todo mês era uma luta manter o custo abaixo do faturamento e tentar recuperar prazo. A empresa estava dando sinais de que financeiramente as coisas iam mal. Siegfried se perguntava se não era hora de dar o fora, antes que ela falisse. Roxane

não lhe saía da cabeça, perguntava o porquê de uma pessoa parecer tão madura, e logo em seguida tão infantil, terminar um namoro de forma tão inexplicável, se é que se podia dizer que aquilo era um namoro.

Era um domingo ensolarado, um pouco quente, mas não tão quente quanto o Rio de Janeiro. Ele fez uma caminhada pela manhã, almoçou em uma padaria de pães finos, que também era um restaurante, no Belvedere, o bairro em que morava cuja comida

Siegfried classificava como de primeiríssima qualidade. Em seguida, foi ao BH *Shopping* pegar um cinema. Durante a tarde, Roxane fez inúmeras tentativas de ligar para ele. Ligou tanto no celular quanto para o *flat*. No *apart hotel* avisaram-na que ele tinha saído, o fato foi que ele esqueceu o celular no apartamento. Após sair do cinema, o *shopping* estava cheio de pessoas, que tinham ali seu local de lazer. Foi até uma livraria e ficou olhando um livro e outro. Tomou um café e retornou ao apartamento quando já



era noite Ao chegar, foi avisado pela recepção que Roxane havia ligado. Ele disse que se caso ela ligasse de novo, repassasse a chamada.

Era cerca de nove horas da noite quando ela ligou. Rodeou, rodeou e pediu desculpas pelo que fizera. Falou sobre os mais variados motivos que a levaram a tomar a decisão que tomou. Foram quase duas horas de conversa, finalizada com os dois voltando às boas, pelo menos até a próxima crise existencial dela.

Dez dias depois de Nelson ter entregado a proposta da petroquímica, os donos do empreendimento chamaram a Atlas para uma reunião de esclarecimentos e possível redução de preços. Rumaram para lá, Siegfried e Nelson. Foram quatro dias de exaustivas reuniões, onde o cliente deu uma semana à Atlas para reavaliar o preço e fornecer uma proposta final.

## **A Curiosa História de Índio da Faca e de Shaolin, o “Olho de Falcão”**

Em algum ponto do estado do Mato Grosso do Sul, um dos trechos do gasoduto que vinha da Bolívia com destino a São Paulo, em um alojamento de uma construtora, escutava-se de longe uma algazarra. Eram nove horas da

noite; o pessoal normalmente se recolhia cedo, pois o expediente se iniciava às sete horas da manhã na frente do serviço, mas para que isso acontecesse era necessário que os operários levantassem às cinco e meia, pois o local onde a tubulação de gás estava sendo assentada se situava há pouco mais de uma hora de carro, por estradas de chão, de onde estava localizado o acampamento, sendo que este, por razões de logística, ficava instalado próximo a uma pequena cidade da região que servia de base de apoio à

obra. Euclides, um ex-funcionário com quem Siegfried havia trabalhado, e que atualmente ocupava o cargo de gerente administrativo da empresa, terminou seus afazeres já bem depois de encerrada a jornada de trabalho e ficou curioso com a bagunça. Foi até o alojamento verificar o que estava acontecendo. Para sua surpresa, tratava-se de mais uma encenação de seu então recém-contratado encarregado de serviços gerais: João Batista Cipriano, conhecido pelos operários

como “Índio”, o atirador de facas. Naquela noite, ele exagerou, além de se exhibir com as facas, como habitual, ainda fez números de equilibrista, contorcionismo e mágica barata, que aprendera em alguns circos em que trabalhou. A “peãozada” o adorava. Euclides acabou assistindo parte do show, já que naquele lugar não havia muito o que fazer, a não ser jogar conversa fora e assistir à TV com imagem embaçada e, vez por outra, jogar uma partida de baralho ou dominó.

Terminada a “apresentação”

do Índio e de seu irmão Dimas, para tristeza do pessoal que o assistia, Euclides foi ter com ele.

– Sente falta do circo, João? Pensa em voltar um dia? Você leva jeito para a coisa – disse Euclides com um largo sorriso.

– Doutor Euclides, falta do circo eu sinto, mas o circo está morrendo.

– João, eu já lhe disse que não sou nenhum doutor!

– É o costume, seu Euclides.

– Sua família também é do circo?

– Seu Euclides, se eu lhe contar como fui parar lá, o senhor não vai acreditar.

– É mesmo? Estou sem sono hoje, vamos lá, conte-me.

– Vou contar tudo, bem do começo.

Índio iniciou contando que o pai Joaquim era originário do Paraná e pertencia a uma numerosa família de agricultores. Como sobreviver do campo estava difícil, ele resolveu deixar a vida de privações pela qual estava passando desde a infância e se aventurar no



mundo. Teve uma oportunidade na construção civil.

Em meados da década de setenta, precisamente em 1975, então com vinte e oito anos, ele soube por meio de um amigo que saíra da cidade havia seis meses, que uma grande barragem estava sendo construída na divisa com o Paraguai, em Foz do Iguaçu, no Paraná. Era Itaipú, diziam que seria a maior hidroelétrica do mundo, que havia grande oferta de trabalho em grandes construtoras e que se ganhava muito dinheiro.

Apesar dos protestos dos pais já idosos e dos irmãos, ele partiu com outros dois amigos, que como ele iriam tentar a sorte. Os três novatos chegaram e mal acreditaram no que viram. Eram milhares e milhares de operários envolvidos em uma obra gigantesca. Contudo, a vida ali era igualmente dura e ele pensou em desistir, mas outros que conhecia e que também estavam chegando, incentivaram-no a ficar. Um deles foi Raulino de Castro, um amazonense veterano da construção civil, que fora pulando

de lugar para lugar, de obra em obra até chegar a Foz, e que trabalhava com armação, ou seja, com as ferragens que compõem as vigas, pilastras e lajes de concreto armado.

Os laços de amizade entre Joaquim e Raulino foram se tornando mais fortes. Embora possuíssem personalidades distintas, tanto um quanto o outro mal tinham passado da quarta série do ensino fundamental. Joaquim era mais centrado na sua profissão, mas não queria permanecer eternamente como ajudante de carpinteiro.

Ambicionava se tornar encarregado e até mesmo mestre de obras, uma figura de prestígio dentro de uma construtora. Ele observava seus superiores e via que alguns mestres tinham o mesmo valor de um engenheiro ou até mais. Eles eram tratados com enorme reverência e muitos tinham praticamente os mesmos privilégios que outros profissionais com nível superior. Os mestres são as figuras de ponta em qualquer construção, e são eles que ditam o ritmo de uma obra. Dessa forma, Joaquim procurou voltar aos

estudos para completar o ensino básico e conhecer melhor suas tarefas diárias, como estudo e interpretação de desenhos das plantas de formas, sua principal função. Notou que tinha de saber mais a fundo Matemática, cálculo de áreas, volumes, geometria etc. Raulino gostava de uma bebida depois do trabalho, era um trabalhador duro, mas tinha poucas ambições; frequentava prostíbulos, botequins e, normalmente nos fins de semana, ia às biroscas nos arredores da vila operária para beber

e jogar sinuca.

Foz de Iguaçu foi crescendo e, por conseguinte, Ciudad del Este. Foi nessa época que o contrabando começou. Os sacoleiros começaram a ir ao Paraguai buscar bugingangas e os peões de obra constituíam a principal clientela, embora o comércio naqueles dias ainda era muito pequeno se comparado ao que acontece atualmente.

Raulino acabou sendo promovido antes de Joaquim. De líder de equipe passou para encarregado, em nível iniciante. Seu

salário teve apenas uma ligeira melhora; até atingir os ganhos de um encarregado veterano, ainda teria muito “chão” pela frente. Ele foi chefiar uma das muitas oficinas de armação de ferragem e começou a trabalhar dobrado, sofrendo muita pressão por parte de seus superiores. Com sua costumeira dedicação, Joaquim, em pouco mais de seis meses, passou de ajudante a oficial de carpintaria. Três meses depois, passou a feitor, que era uma posição abaixo de encarregado, uma espécie de líder de equipe.

O tempo foi passando e Raulino começou a ter insônia e azia no estômago. Mal conseguia dormir. Aquilo o estava incomodando muito. Foi preciso muito empenho de Joaquim para convencê-lo a ir ao médico. Fez exames, tomou medicamentos e o mandaram fazer uma dieta e se afastar da bebida. Durante algum tempo ele seguiu tudo que o médico mandou, mas suas escapulidas a bares e locais de meretrício serviam como válvulas de escape para a distância da família e a pressão do



dia a dia. Nos dias de hoje, o diagnóstico que ele receberia seria estresse. Naquela época, mal se ouvia falar nisso.

Pouco mais de um mês, ele sentiu alguma melhora, a não ser pela falta de sono que ainda persistia. O médico temia receitar medicamentos para dormir, pois o efeito seria temporário. Raulino se ressentia da falta de sono, sua produção caíra e seu temperamento piorara. Ele viu que a situação estava ficando insuportável e ele pouco podia fazer. Suas azias

voltaram a perturbá-lo, e aconteciam principalmente de madrugada.

Joaquim havia ouvido falar que havia uma benzedeira e curandeira nos arredores de Foz de Iguaçu, conhecida como Vó Índia, ou Vó Anita, que, além de benzer e rezar, receitava ervas que resolviam problemas que muitos médicos não conseguiam. Raulino, temeroso de ir ao médico de novo, e que este o afastasse da obra para tratamento, resolveu ir com Joaquim até a tal velha índia paraguaia, como ele se

referiu a ela pela primeira vez.

Em um sábado de folga, com o estômago doendo e sem ter dormido à noite, os dois levantaram bem cedo, pois queriam ser os primeiros a ser atendidos. Pegando uma informação aqui e outra lá, chegaram até a casa de Vó Anita. Depois de saber o que estava se passando com ele, ela fez algumas orações, deu-lhe conselhos e mandou uma das filhas colher algumas ervas no seu quintal para fazer um chá; também lhe pediu para retornar, pois iria fazer um

remédio para ele. Depois do atendimento, Raulino confessaria que sentia ter tirado um peso de si, estava se sentindo muito bem. E assim passou a semana, ele recobrou parte do sono e deixou de frequentar os botequins que normalmente ia depois de sair do trabalho.

Na semana seguinte, a dupla retornou à casa de Vó Anita. O remédio de Raulino estava pronto, chovia torrencialmente. Ao chegarem, viram que Madalena e Amparo, as duas filhas da senhora, estavam às voltas com numerosas

goteiras no telhado da casa. Os dois, vendo aquela situação, arregaçaram as mangas e foram à luta, ajudando-as. Raulino, embora fosse encarregado de armação de ferragens, passara toda a sua vida em obras de construção civil e já fizera de tudo um pouco, fora servente, pedreiro, pintor, bombeiro hidráulico e contava com a ajuda de Joaquim, que era um exímio carpinteiro. Quem trabalha em obra acaba aprendendo e assimilando as demais profissões.

Nos dois meses seguintes,

nos fins de semana, Raulino e Joaquim iam até a casa de Vó Anita para trabalhar no reparo da casa. Acabaram por dar uma reforma geral, pintaram a casa por dentro e externamente, usando sobras de material da obra, que conseguiram com o chefe, que também se queixava de dores nas costas e acabou sendo atendido por Vó Anita. Os dois, e agora também com uma “mão” do mestre de obras, que vez por outra aparecia para ajudar, reformaram parte da estrutura do telhado, trocaram as telhas,

pintaram e reformaram o quartinho onde ela fazia atendimento, arrumaram janelas e parte do encanamento. Dessa forma, foram se aproximando de Amparo e Madalena, e a amizade virou namoro.

Raulino deixou de apresentar os problemas de saúde, largou os prostíbulos e botequins e não mais bebia; levava uma vida regrada. Depois de seis meses, ambos os casais ficaram noivos, e após outros dois, casaram-se em uma cerimônia conjunta. Foi quando Joaquim foi

promovido a encarregado de carpintaria.

No ano seguinte, em 1977, nasceriam Raulino, que recebeu o mesmo nome do pai, e João Batista. O primeiro nasceu em abril, o segundo no dia 24 de junho, dia de São João, daí a origem de seu nome.

Amparo, que se casara com Raulino, por ser um mulher que já contava com quase quarenta anos, enfrentou dificuldades durante a gravidez. Na segunda tentativa acabou perdendo a criança. Houve mais uma tentativa e novamente o



problema se repetiu e por pouco ela não perdeu a vida. Assim, Raulino Filho, ou o Lino, permaneceu como filho único. Parte de sua infância ele esteve ao lado de João, eram como irmãos. Joaquim e Madalena tiveram mais quatro filhos. Ainda em Foz de Iguaçu nasceriam Benedito e Dimas. Depois, viriam duas meninas, que nasceram em outra cidade: Rosária e a caçula Soledad. Por conta do destino, João e esta última receberam parte da herança mediúnica de Vó Anita. Ambos eram médiuns sensitivos.

Em meados da década de oitenta, as obras de Itaipú estavam finalizando, foi quando Raulino, Amparo e o pequeno Lino foram para São Paulo em busca de novas oportunidades. Na época, o país passava por uma recessão intensa, e muitos empreendimentos foram paralisados, outros cancelados, e alguns poucos prosseguiram, mas Raulino havia sido indicado para uma vaga de mestre de obras em uma das linhas do metrô de São Paulo, que não fora paralisada. Era uma oportunidade de ascensão

profissional que ele não podia deixar passar. Já Joaquim, com a mulher e os filhos, seguiram para o interior do estado de São Paulo, próximo ao estado de Mato Grosso do Sul e Paraná, vizinho à sua cidade natal. Foi ali que nasceram as duas filhas mais novas. A exemplo de Raulino, ele fora atraído por uma oferta trabalho na construção de uma hidrelétrica que estava sendo construída na região. Ele seria um dos mestres de obra. A família de João Batista permaneceu na região até meados de 1989.

Depois, Joaquim, com nova oferta de emprego, transferiu-se com a família para Cuiabá para dar início à construção de uma nova barragem chamada Manso.

A narrativa de João Batista contando sua vida e de sua família a Euclides prosseguiu. Este último insistia para que João contasse como fora parar no circo.

– Bem, seu Euclides, o senhor nem vai acreditar, mas o motivo que me levou ao circo foi uma garota. Eu, quando criança, gostei de uma menina que

trabalhava com o pai em um circo.  
Ele era o dono.

– E como se deu isso? –  
perguntou Euclides, aflito para  
saber o restante.

– Quando eu tinha cerca de  
treze para catorze anos, morávamos  
na região de Cuiabá, onde meus pais  
e irmãos moram até hoje.

Ele contou que, na época,  
Lino e sua mãe estavam passando  
uma temporada com a família de  
João Batista, pois uma tragédia  
havia acontecido.

Os pais de Lino e ele, quando

saíram de Foz de Iguaçu se estabeleceram na grande São Paulo. Mudaram algumas vezes de casa, mas naquela ocasião moravam em Diadema, na região conhecida como ABC.

Em meados dos anos 80, Diadema registrava alto índice de violência, principalmente na periferia da cidade. No bairro onde Raulino, a mulher e o filho moravam não era diferente. Exercendo a função de mestre de obras, ele ganhava um salário razoável para os padrões da

vizinhança. Não era grande coisa, pois a inflação, na época, corroía os salários. Mesmo assim, ele era visto pelos vizinhos como bem de vida, pois tinha televisão colorida, geladeira, fogão e vivia em uma moradia de dois cômodos alugada. Raulino fazia planos de comprar sua casa própria; estava juntando dinheiro em uma caderneta de poupança a fim de dar uma boa entrada e minimizar as prestações. Possuíam também um automóvel, uma Brasília, da Volks, adquirida via financiamento; o carro era um

bem que muitos vizinhos não tinham; possivelmente, o salário dele era um dos maiores das cercanias, sem contar alguns metalúrgicos que trabalhavam nas indústrias automobilísticas do ABC, grande parte oriunda da região Nordeste do país. Eles formavam uma comunidade unida e, aos poucos, Amparo foi se entrosando e fazendo amizades na vizinhança, uma vez que seus conhecimentos de ervas e raízes a tornaram conhecida. Lino, filho único, praticamente adorava viver na rua jogando bola



ou brincando como um adolescente comum. Tinha fama de briguento e a mãe, que tivera rígida criação, mantinha-o dentro de certas regras. Raulino era um pai amoroso, mas vivia ausente. Sempre fazia as vontades do filho e punha panos quentes a respeito das queixas de Amparo. Ele adorava futebol e fazia de tudo para que o filho se tornasse jogador, mas, Lino, mesmo adorando jogar, não tinha talento suficiente para se tornar um futuro profissional. Até se destacava nos jogos de rua e da escola, mas faltava

muito para se tornar um jogador. Raulino tentava com alguns conhecidos do Santos, um teste para Lino começar a treinar no juvenil, que era a base do profissional, mas eram apenas tentativas.

Pai e filho praticamente iam aos estádios da cidade de São Paulo todos os fins de semana. Lino ansiava pela chegada do domingo, pois era quando eles saíam cedo de casa. O pai pegava o carro e eles andavam pela cidade de São Paulo rumo ao Morumbi, Pacaembu, ao estádio da Portuguesa ou à Baixada

Santista. Raulino torcia pelo Santos e, muitas vezes, eles desciam a serra para assistir aos jogos na Vila Belmiro. A educação de Lino ficava por conta de Amparo. Praticamente, ele só via o pai aos sábados à noite e aos domingos. Raulino saía cedo para trabalhar e chegava tarde, quando não era o trânsito, era o botequim, onde parava para tomar cachaça. Amparo até começou a desconfiar de que o marido arrumara uma amante, pois ele praticamente não a procurava mais. O dinheiro que ele ganhava

começou a escassear. Amparo notou que volta e meia esse tipo de situação se repetia. Ela, no entanto, preferia sofrer calada o desinteresse do marido e vivia infeliz, praticamente sua vida era dedicada apenas ao filho.

Coincidentemente, em uma sexta-feira, dia do seu pagamento quinzenal de fim de mês, ele saía do trabalho às quatro horas da tarde. Nesse dia, saiu um pouco antes do horário normal para passar no banco e sacar o dinheiro, pois havia marcado um encontro com sua atual

amante. Já havia algum tempo que estava saudando dívidas que ela estava contraindo. Tratava-se de uma mulher bem mais jovem do que Amparo. A desculpa que ele sempre arrumava para chegar em casa tarde, era que ficara trabalhando até depois do horário, ou que tinha pego muito trânsito no caminho de volta, ou outra justificativa qualquer. Em torno das dez horas da noite, depois de ter estado com a amante, quando já estava perto de casa, a tentação o fez entrar no bar da esquina, onde havia uma mesa de sinuca, que ele

adorava. Viu alguns conhecidos e colegas de profissão que moravam nas redondezas e não resistiu ao convite para tomar “umas”, afinal, era sexta-feira. No sábado não haveria expediente. Já passava das onze horas quando um jovem, que estava atemorizando a região, acompanhado de mais três comparsas em um carro roubado, apareceram. Ninguém dos presentes os conhecia. Pensaram que se tratava somente de jovens que queriam tomar algumas cervejas antes de ir para a balada. Apesar de

ter dezoito anos, o líder do bando aparentava bem mais. Um dos que o acompanhava era menor de idade. O dono do bar pouco se importava de servir bebidas alcoólicas a menores, muito menos proibir a presença de quem quer que fosse em seu estabelecimento, menor ou não.

Algumas testemunhas, posteriormente ao evento que se seguiu, narraram à polícia os seguintes acontecimentos: o bar estava cheio. Raulino e alguns amigos e colegas de profissão, que moravam próximos, bem como

outras pessoas da região, bebiam animados. Muitos tinham recebido o salário do fim do mês e, como ocorre costumeiramente na construção civil, muitas empresas pagavam seus funcionários no canteiro de obras, uma vez que nem todos possuíam contas bancárias. Raulino possuía conta e recebia pelo banco. Naquele dia, sacou parte do salário. Ele e os demais que ali estavam, em meio ao entusiasmo do fim de semana e em parte por causa do efeito da bebida, não escondiam de ninguém que estavam com



dinheiro.

O marginal que estava no local era conhecido como Dinho. Ele ficou observando a clientela com um de seus companheiros enquanto os outros dois faziam o reconhecimento da área próxima ao bar para se certificarem de que não havia polícia para estragar os planos deles. Dinho logo percebeu que o pessoal estava com dinheiro. Seu alvo principal seria o caixa do bar, mas naquele momento passou a “mirar” a freguesia. A fim de dissimular suas reais intenções,

demonstrou algum tipo de interesse no jogo de sinuca. Dava palpites e torcia, fazendo piadas e comentários do tipo:

– Ah, essa eu não perdia!  
Mas que cara ruim! – disse, referindo-se a Raulino, a quem passou a pegar no “pé” e a fazer chacotas.

Raulino, irritado e sob efeito da bebida, começou a retrucar. O clima passou a ficar tenso. Propositadamente, Dinho tinha a intenção de provocar um tumulto inicial para criar condições para o

assalto. A situação foi ficando crítica, até que Raulino, farto das brincadeiras de mau gosto de Dinho, empurrou-o. Isso foi o estopim que ele esperava. O delinquente caiu e um de seus comparsas, chamado Isaías, mais conhecido como “o Isa”, na época com dezessete anos de idade, sacou a arma e anunciou o assalto, mandando Raulino passar tudo. Os outros dois companheiros de Dinho, que estavam na rua, entraram armados com dois canivetes automáticos. Em seguida, Dinho se levantou e também

anunciou o assalto, saindo em direção ao caixa e mandando o dono do bar passar o dinheiro. Este se abaixou atrás do balcão, temendo algum disparo. Dinho interpretou como se ele fosse pegar alguma arma, e então, nervoso, não pensou duas vezes, disparou dois tiros na direção dele e seguiu para pegar o dinheiro do caixa. Dos dois disparos, somente um acertou o alvo, pegando o braço esquerdo do homem. Com a confusão reinante, Raulino tentou escapar, pois boa parte de seu pagamento estava no

seu bolso. Na tentativa de fuga, encontrou os outros dois comparsas armados de canivetes. Houve uma luta corporal rápida entre eles e alguns frequentadores tomaram parte na luta, mas Raulino acabou esfaqueado. Mesmo assim, correu com os demais. O Isa começou a disparar a esmo e feriu três pessoas, sem gravidade. Quem caía, sofria uma “limpa” nos bolsos. Ele pegava a carteira dos pobres coitados. Os outros dois elementos da gangue de Dinho, começaram a pegar o dinheiro do restante da clientela

que, assustada, não correu, temendo ser atingida pelas armas. Raulino, ferido, correu pela rua. Quando Isa saiu na calçada, diparou a arma e o atingiu nas costas. Ele cambaleou. Depois que Dinho tirou o dinheiro do caixa, o bando pegou o carro e saiu em disparada. Ao passar por Raulino, que mal se aguentava e sangrava muito, Dinho mandou parar o carro, desceu e disparou à queima-roupa, tirando toda a quantia que ele levava nos bolsos. Em seguida, sumiram. A polícia foi chamada, mas só apareceu quinze

minutos depois. Logo chegam os veículos de resgate, que levaram Raulino, que ainda agonizava com vida, o dono do bar ferido e mais três outros homens. Minutos depois da tragédia, Raulino faleceu, ainda a caminho do hospital. O dono do bar e os demais conseguiram sobreviver.

Ele não tinha seguro de vida pessoal. Tinha apenas um seguro que a empresa em que trabalhava tinha feito para casos de acidente de trabalho; contudo, o valor era baixo. A quantia paga permitiu a Amparo e

ao filho viver por pouco tempo, sem que necessitassem de algum dinheiro extra. Ela também herdou uma pensão de viúva e a empresa em que ele trabalhava cuidou das despesas do sepultamento. A caderneta de poupança que Raulino dizia ter, não passava da mais outra mentira. Ele até tinha, mas restava muito pouco. Foi quando a esposa teve certeza de que Raulino tivera inúmeras amantes, que rasparam o cofre que ele tinha, ainda em vida. Amparo, sozinha com o filho adolescente, viu-se solitária e



pensou em retornar a Foz de Iguaçu para viver com as irmãs que tinham ficado, pois sua mãe havia falecido havia dois anos; porém, as irmãs viviam em uma dificuldade ainda maior do que a dela. Mas ela tinha outra preocupação, seu filho Lino, que poderia fazer alguma besteira.

Lino, passado alguns dias da morte do pai, com alguns amigos mais próximos, andavam pelo bairro para saber quem matara o pai e onde se escondiam. Acabou por descobrir quem foi. Dinho já era conhecido, os outros ele soube quem eram

depois. Isaías soube que o filho do homem que morrera estava dizendo para todo mundo que pegaria o assassino de seu pai. Decidiu que não iria esperar para ver. Foi atrás de Lino e esperava o momento para “acabar o serviço”, como ele mesmo dizia.

A noite em que Raulino foi assassinado, e nos dias posteriores, segundo as palavras do próprio Lino, foram os piores momentos de sua vida. A partir daquela noite, ele se tornaria um pessoa sombria, triste, cuja personalidade seria

marcada para sempre por esse evento. Toda a sua vida futura sofreria a influência desse trágico episódio. Apesar de ser ainda um adolescente, e totalmente impotente diante dos fatos, a primeira reação dele foi querer encontrar e matar os assassinos. Ele não poupou esforços para saber de todos os detalhes. Seu rendimento escolar caiu, ele se tornou um rebelde, seu comportamento passou a ser muito mais agressivo e eram frequentes as discussões com Amparo e com todos os demais com quem tinha

algum tipo de relacionamento. As idas aos estádios de futebol não mais aconteceriam, e o sonho de jogar no Santos caíram por terra.

Raulino possuía uma arma em casa por precaução, caso um dia sua residência fosse assaltada. Ele não andava armado, era somente para uma pretensa segurança, pois nem sequer sabia usar a arma direito. Ele a adquiriu de um vigia da obra em que ele trabalhava. Era um revólver calibre 38. Lino sabia bem onde o pai a guardava. Em um momento de distração da mãe, Lino

pegou a arma e a escondeu em sua mochila escolar. Passou a ir todos os dias para escola armado. O que passava por sua cabeça era que se caso encontrasse com os assassinos do pai, iria matá-los.

Decorridos cerca de dez dias da morte de Raulino, a polícia encontrou dois deles: Dinho e um outro, que na época tinha dezesseis anos. Restavam ainda Isa e o quarto bandido, que tinha dezenove anos. Isa era morador do bairro, gostava de jogar pelada na vizinhança. Era um sujeito briguento, delinquente,

conhecido por ser o companheiro de Dinho. Até o episódio da morte de Raulino, pesavam sobre ele vários delitos e envolvimento com tráfico de maconha e roubos de automóveis, e agora era acusado de cumplicidade em um assalto e morte de um homem. Lino o conhecia, já tinham participado de jogos no bairro, e, como muitos de seus colegas, não gostava de Isa. Lino sabia onde ele morava e os locais por onde andava. De posse da arma do pai, vivia espreitando vários lugares, na esperança de

topar com ele e matá-lo.

Os amigos de Lino contaram aos respectivos pais o que estaria prestes a acontecer: um confronto entre Lino e Isa, onde a chance de algum tipo de sucesso de Lino era praticamente nula. Amparo soube por intermédio dos vizinhos e amigos que de uma hora para outra, uma nova tragédia se abateria sobre ela. Ela revirou a casa à procura da arma de Raulino e não a encontrou. Achou que só poderia estar com o filho. Esperou que ele chegasse, rezando para que nada acontecesse.

Lino chegou em casa são e salvo, para alívio da mãe. Amparo exigiu que ele lhe entregasse a arma e, após muita discussão, ele resolveu entregá-la. No dia seguinte, Amparo fez as malas e ambos partiram em direção à casa de Madalena e Joaquim, em Cuiabá, Mato Grosso. Deixaria o filho lá até que conseguisse um novo lugar para morar e arrumasse sua vida, pois estava resolvida a deixar Diadema; convenceu-se de que ali, mais dia menos dia, algo pior iria acontecer.

Depois de contar a tragédia



pela qual o primo havia passado, João retomou a narrativa onde se daria seu envolvimento com o mundo do circo.

O Grande Circo de Sevilha estava fazendo uma turnê pela região onde João e a família morava. Joaquim resolveu levar os filhos e Lino, as meninas, ainda muito pequenas, ficaram em casa com Madalena. A atração principal do circo, que constituía o grande chamariz do público, era uma pequena domadora de feras chamada Diana. Seu nome

verdadeiro era Marisol, ela era filha do dono do circo, um espanhol chamado Manuel Leal, Manolo, que também era domador de leões, seu nome artístico era Hércules. O povo todo queria ver a pequena princesa das selvas como dizia a propaganda: “a ninfa que veio do Monte Olimpo”. Ela era corajosa, destemida e linda, e enfrentava os animais selvagens na jaula.

João nunca mais se esqueceria do primeiro dia em que entrou no circo. Foi o dia em que se apaixonou pela primeira vez, como

ele mesmo dizia, mas foi um amor platônico, pela pequena deusa, uma fada igual às que a avó dizia habitar as florestas e os lagos. Ele a viu entrar em uma jaula com vários leões e enfrentá-los.

O tal circo não podia ser considerado de porte grande, era de tamanho médio, e tinha muitas atrações tradicionais: palhaços, equilibristas, trapezistas e um mágico chamado Aladim. O número mais aguardado era sempre o último, fazia mais sucesso do que o globo da morte, onde dois

motociclistas corriam no interior de uma esfera de grades, cruzando-se entre si. Hércules entrava na jaula com o chicote, vestia-se como uma calça típica de cavaleiros: folgadas e presas a botas de couro, que iam até os joelhos. Usava camisa de mangas longas iguais aos espadachins que costumeiramente se veem em filmes antigos. No picadeiro, fazia os animais pularem de um lado para o outro. O fim da apresentação era coroado pela entrada da princesa Diana, que usava uma fantasia inspirada em um

traje grego: um curto saíote branco com detalhes dourados combinados com a máscara dourada e as sandálias cujas tiras eram trançadas nos tornozelos. A blusa tinha um dos ombros descobertos. Ela acompanhava o pai na encenação, arrancando aplausos entusiásticos da plateia. Vez por outra, ela mudava o traje de apresentação, provavelmente inspirada na personagem dos filmes de Batman: a Mulher Gato. Usava uma roupa preta, de couro, colanda ao corpo. Os homens que assistiam ao

espetáculo simplesmente ficavam extasiados. As mulheres, que também presenciavam a cena, ficavam mortas de inveja diante daquele corpo perfeito. Outra atração chamou a atenção de João Batista, o atirador de facas. Era um homem fantasiado de índio apache, chamado pelo mestre de cerimônias de grande chefe “Águia Vermelha”, que jogava facas em volta de uma mulher, tendo como fundo um painel de madeira. Além de atirar as facas, o homem se apresentava também com chicotes, era uma

atração de muito sucesso. Aquilo tudo fascinou João, e, a partir daquele momento, ele voltaria toda a sua vida para trabalhar em um circo.

Nas semanas seguintes, João e Lino juntaram mais alguns trocados e voltaram ao circo para ver a musa e o atirador de facas. Ele próprio pegou as facas de cozinha da mãe e começou a jogar em uma tábua de madeira no quintal de casa, o que lhe valeu uma boas palmadas por estragar as facas. Não contente, ele passou a conseguir facas

danificadas e ponteiros de aço em ferros velhos e lixeiras. Sem nenhum dinheiro, João e Lino começaram a entrar no circo, sempre à noite, escondidos. Iam pelos fundos, rastejavam e, por fim, trepavam na arquibancada e assistiam ao espetáculo. João sonhava dia e noite com sua amada. Na escola, não tinha outro assunto que não fosse a sua adorada Diana. Quebrava a cabeça para compreender o que significava a palavra ninfa, como anunciava a propaganda, e até perguntou à sua



então professora, dona Íris, o que era ninfa e onde ficava o Monte Olimpo. Depois de muitas gargalhadas da professora e dos colegas, ele soube do que se tratava. Ela chegou até a lhe emprestar um livro sobre mitologia grega, onde ele leu que tudo não passava de uma lenda.

João Batista era um adolescente que não se apertava com nada. Dinheiro, na sua casa, era algo escasso. O pai tinha um salário que mal dava para manter a família de forma modesta. Nada de

estravagâncias, todos estudavam em escolas públicas, mesada, nem pensar. Assim, João, ao chegar da escola, ia para a rua, ou engraxava sapatos, ou entregava compras de supermercados, ou lavava carros, era assim que conseguia algum dinheiro para comprar suas facas. Posteriormente, passou a colecionar machadinhas.

Passado um tempo, Amparo retornou à casa da irmã para pegar Lino. Já fazia dois meses que ele estava lá. Os dois marginais que estavam soltos, haviam sido presos

e ela respirou aliviada. A polícia, ao pegar Dinho, acabou por localizar os outros. Amparo conseguiu alugar um quarto e sala no bairro da Liberdade e se mudou de Diadema. Arrumou emprego como diarista em casas e apartamentos próximos e conseguiu que uma escola na região aceitasse o filho. Não era uma escola pública, pois não havia vagas disponíveis, era uma instituição de ensino particular. Com o dinheiro da pensão de sua viuvez e o que ganhava nas faxinas, era possível manter Lino estudando em uma boa

escola. Ela não pouparia esforços para dar ao filho uma boa educação. Acreditava que assim o manteria longe da tentação do crime, pois ele não pensava em outra coisa a não ser em ir à forra pela morte do pai.

O Grande Circo de Sevilha saiu de Cuiabá rumo à outra cidade. João, no sábado, foi até lá. Passadas duas semanas, o circo se mudou de novo. Desta vez, foi para mais longe: cerca de 300 km de Cuiabá, Rondonópolis. João saiu cedo no domingo, pegou o primeiro ônibus e viajou por cerca de cinco horas, pois

o transporte parava em todo lugar. Chegou quase na hora do almoço e se manteve com sanduiches, café e refrigerante, para única e exclusivamente ver Diana.

João Batista retornou tarde da noite para casa. A mãe e o pai o aguardavam apreensivos. Souberam pelos filhos Benedito e Dimas que João tinha ido ver a garota que trabalhava no circo. Joaquim achou uma loucura, Madalena também, mas no fundo até acabaram achando engraçado que o filho fosse tão longe por causa de uma menina.

Contudo, quando souberam dos detalhes, ou seja, o que ela fazia e a idade que tinha, convenceram-se de que o filho enlouquecera.

Marisol, filha de Manolo, tinha na época dezesete anos, era três anos mais velha do que João. Tinha um corpo de porte médio e era ao mesmo tempo esguia. Tivera aulas de postura com o pai e a mãe e se exercitava em trapézios. Equilibrava-se em cordas e cabos; tinha o corpo de uma atleta e o rosto de uma modelo. Seus cabelos eram cacheados, longos e loiros; seus

olhos eram verdes e sua pele era clara; ela nem sequer desconfiava que João existia. Ele, por sua vez, tentava por todos os meios conhecer alguém do circo. Até pediu emprego lá. Obviamente, foi recusado. A paixão platônica de João por Marisol praticamente o consumia.

O estado de Mato Grosso era uma região extensa e pouco povoada, as cidades, além de escassas, eram distantes entre si e ligadas por estradas precárias. Dessa forma, era impossível para João seguir os passos da amada.

A construção da hidrelétrica de Manso foi concluída em meados da década de 90, e Joaquim, pai de João, resolveu se estabelecer em Cuiabá depois do término da barragem. Assim, cessariam as mudanças de cidade e as frequentes adaptações pelas quais vinha mantendo a família. Ele montou um negócio próprio, uma marcenaria. Inicialmente, colocou João e Benedito para ajudá-lo. Os dois detestavam o serviço. João vivia pensando em ser artista de circo e adorava trabalhar com metais.



Benedito adorava automóveis e motos, e tinha uma aptidão natural para lidar com motores. Por tudo isso, a relação dos filhos com Joaquim era difícil. A duras penas, a marcenaria prosperou. Joaquim contratou alguns funcionários, pois viu que com os dois filhos mais velhos o negócio dificilmente iria para a frente. Uma vez fora da marcenaria, Joaquim ordenou que os filhos arrumassem um emprego. Benedito conseguiu entrar como ajudante em uma oficina mecânica. O dono era conhecido de Joaquim,

que também trabalhou na barragem com ele. João foi ser ajudante em uma serralheria, bem ao seu gosto. Às escondidas, confeccionava suas facas e nas horas vagas treinava horas a fio a arte de arremessá-las, até que dominou completamente a técnica. A passagem de João pela marcenaria do pai, bem como pela oficina, mais tarde lhe seria muito útil. Na serralheria ele aprendeu a soldar, cortar com o uso de maçarico, usar esmeril, lixadeiras e tudo relacionado ao manuseio de metais.

Alguns circos passaram pela cidade depois do Grande Circo de Sevilha. Praticamente, a cada seis ou sete meses, aparecia um, pequeno, médio ou grande. João era o espectador mais assíduo, sempre procurava manter algum tipo de contato com alguém de dentro do circo para saber notícias do Grande Circo de Sevilha. Em um deles, o Circo Sul Americano, ele fez amizade com alguns artistas e funcionários. Serviu de guia e anfitrião e reconheceu o trio de palhaços oriundos do Sevilha. Foi

um deles, José Arimateia, cujo nome artístico era Bentevi, um senhor já na casa dos sessenta anos, que lhe deu a pior notícia até então: o Grande Circo de Sevilha se desfizera e sua amada Marisol se casara com o filho de um fazendeiro de Mato Grosso. Na época, ela tinha somente dezoito anos.

Foi no circo Sul Americano que João fez sua estreia com o número do “atirador de facas”. Depois de alguns testes, ele foi aceito e apresentado pelo mestre de cerimônias como um “legítimo

índio da tribo Guarani: “Pequeno Tigre” foi a alcunha que recebeu. O pessoal do circo lhe arrumou uma fantasia estilizada de um índio apache, como se vê no cinema. As facas eram suas. Conseguiram uma mulher para ser sua parceira de palco, que também trabalhava auxiliando o mágico. Ele se apresentou inicialmente às escondidas dos pais. Decorridos cerca de quinze dias, eles souberam da nova atividade do filho. Os irmãos adoraram e, entusiasmados, foram vê-lo. Ele foi tratado pela

vizinhança como uma verdadeira  
celebridade e adorou a fama  
repentina, ficando meio surpreso. O  
pai de João mal pôde acreditar  
quando lhe disseram e, por todos os  
meios, tentou tirar da cabeça do  
filho aquela ideia estapafúrdia, a seu  
modo de ver. Por sua vez,  
Madalena, a mãe, achou que era  
apenas uma aventura do filho, que  
não ia longe.

Apesar de saborear uma  
fama súbita no bairro em que  
morava, onde ficou conhecido como  
o “Índio da Faca”, seu coração

estava em pedaços por conta do casamento de sua amada Marisol e por saber que o circo tinha acabado. Seu sonho era trabalhar naquele circo e poder vê-la todos os dias; mesmo que ela fosse casada e gostasse de outro, ele não se importaria, o importante era estar ao lado dela.

O circo Sul Americano foi embora. Seguiram rumo a Rondônia, com destino a Porto Velho. Apresentavam-se nas diversas cidades que encontravam pelo caminho. João não os

acompanhou, voltou à sua vida de serralheiro, embora de vez em quando davas seus “shows” pela vizinhança, em aniversários de crianças de pessoas próximas à sua família. Sempre pediam para que ele se apresentasse.

Pouco mais de um ano, João, com dezessete anos, a pretexto de se alistar no Exército com o primo Lino, em São Paulo, foi passar alguns dias na casa da tia Amparo. O plano dos dois era servirem juntos. Ele havia sido despedido da serralheria em que trabalhava, pois,



apesar de talentoso, não se adaptava bem à rotina do serviço. Não era aquilo que ele queria fazer, e também gostava de São Paulo, uma cidade bem maior do que Cuiabá, onde, por diversas vezes, passou alguns dias ao lado de Lino e da tia. Além disso, João e seu pai não se davam bem; as discussões entre eles eram frequentes. Portanto, o Exército seria uma escapatória, era a chance que ele tinha de sair de casa e ficar bem longe, como era seu desejo.

Lino e João se alistaram, e

este último ficou mais um tempo naquela cidade em companhia do primo, uma vez que depois do alistamento decorre um período para a apresentação dos convocados para os exames de saúde.

Amparo havia conhecido uma família de orientais onde prestava serviços de limpeza, já que morava na Liberdade, um tradicional bairro de São Paulo conhecido por abrigar um grande números de asiáticos de diversas origens. A família possuía um restaurante e lhe ofereceu um

emprego na cozinha. Os demais membros da família tinham uma academia de ginástica e artes marciais. Amparo pediu aos patrões que também a ajudassem com o filho, já que ela trabalhava durante o dia e parte da noite, e o filho ficava sozinho. Assim, Lino, àquela altura, um adolescente sempre metido em brigas, foi estudar à noite e durante o dia trabalhava na academia, como auxiliar, limpava os aparelhos, arrumava os pesos e, no tempo livre, praticava artes marciais. Contudo, a condição que lhe impuseram para

treinar seria se manter longe de confusões, em caso contrário, ele estaria fora. O argumento funcionou por um tempo. Com a chegada de João, Lino o levou para a academia também. Ele ficava de dia e João de noite, sendo que durante o dia, João também aproveitava o tempo vago para treinar, como uma forma de pagamento pelos serviços que fazia, e também, a exemplo do primo, recebia uma parte em dinheiro. Dessa forma, não ficava totalmente dependente da tia, uma vez que seu pai não lhe mandaria nenhum

tostão. A passagem de João pela academia lhe serviu para que aprimorasse ainda mais sua técnica no manuseio de facas.

Decorrido o período de alistamento e exames de saúde para servirem o Exército, o resultado foi que Lino foi convocado, enquanto João entrou no excesso de contingente. Portanto, foi dispensado. Com o resultado adverso, João tinha duas saídas, voltar para a casa do pai em Cuiabá ou tentar arrumar um emprego e ficar em São Paulo. Naquela

ocasião, havia um circo de grande porte instalado em um dos lados da Marginal Tietê. Tratava-se do Grande Circo de Roma, que fazia apresentações grandiosas se comparado ao Sevilha. Ele possuía um elenco enorme de artistas, grandes números e variados tipos de animais: elefantes, cavalos, leões e tigres, cães adestrados etc.

João soube do circo e foi tentar oferecer o número com as facas que ele fazia, o que foi rechaçado pela direção do lugar, uma vez que o show estava

completo, não havia disponibilidade de introduzir mais um número.

Mesmo com a negativa, João insistiu em trabalhar lá. Não estava disposto a amargar mais uma derrota e ter de voltar para Cuiabá. Diante de tanta persistência, onde ele argumentou que fazia de tudo um pouco, arrumaram-lhe um trabalho: tratar dos animais. Apesar de não ser bem o que almejava, ele aceitou, pois era pegar ou largar.

O Circo de Roma se apresentava apenas em capitais e cidades grandes. Nos dois anos

seguintes, João conheceu praticamente toda a região Sul do país. Posteriormente, seguiram para Assunção, no Paraguai. Inicialmente contratado como tratador de animais, João se tornou uma figura popular no circo. Ajudava o domador no trato com os leões e tigres, soldava peças, consertava jaulas, dirigia veículos de todos os tipos, arrumava as arquibancadas e tudo o mais que precisassem. Ele aprendeu a andar na corda bamba, equilibrar-se em fios e cabos, fazer acrobacia, pular na cama elástica,



malabarismo e também alguns truques de mágica. Não demorou muito, já participava de um ou outro número como auxiliar do artista principal.

Por outro lado, a vida de Lino seguiria por um caminho que o destino havia traçado para ele quando ele tinha treze anos. O que ele mais ansiava era vingar a morte do pai assassinado, e sua passagem pelo Exército seria o primeiro passo em direção ao seu objetivo.

Por ter olhos puxados e cabelos negros e lisos, por causa de

sua origem indígena do lado materno, e possivelmente pela linhagem do pai, que era amazonense, e também por ter vindo do bairro da Liberdade e ser praticante de artes marciais, Lino, no Exército, ganhou dois apelidos: Shaolin, em alusão aos filmes chineses de artes marciais, e “China”, como os companheiros mais próximos o chamavam.

Tão logo começaram as instruções de tiro, Lino destacou-se por acertar no alvo uma média muito superior aos demais. Ele tinha

um visão privilegiada, um “olho de falcão”, como foi chamado inicialmente pelos superiores, assim, passou a integrar a equipe esportiva de tiro do batalhão em que servia. A partir daí, começou a ser protegido pelos oficiais e largou as funções de recruta comum para ser armeiro, ou seja, aquele que cuida das armas, limpa, armazena, dá manutenção etc. Demonstrava uma aptidão incomum para lidar com armas de fogo de infantaria: pistolas, fuzis, metralhadoras e sub-metralhadoras. Desmontava,

limpava, remontava, consertava as que tinham algum tipo de problema, parecia ter nascido para isso. Foi nas competições de tiro que Lino fez amizades com oficiais da Polícia Militar, e como ele não tinha interesse em ficar no Exército, onde o salário era menor, a menos que fizesse vários concursos para galgar postos superiores, por influência dos atiradores da PM, ele entrou para aquela instituição, e esses acontecimentos iam ao encontro do que ele mais ansiava: caçar marginais e fazer justiça com as

próprias mãos. Lino, a princípio, foi designado para o pelotão de atiradores de elite. Não tardou, pediu transferência para a Ronda Ostensiva, ou seja, para as patrulhas de rua. Ele se fascinava em sair com as sirenes ligadas a toda velocidade, abrindo caminho pelo trânsito e correndo atrás de facínoras. Esse tipo de ação estava entranhado nele.

Em pouco tempo de serviço, Lino foi promovido a cabo por bravura em ação. Sua postura frente a situações de risco, a perícia no uso de armas, fazia com que muitos

componentes da sua Corporação quisessem fazer parte da sua equipe. Ele se ariscava mais do que qualquer um. Era algo que ele não controlava, para alguns, era visto como doido, por outro lado, muitos queriam se manter longe dele, tamanha era a disposição que tinha em se meter em conflitos. Quem buscava sossego, deveria sair de perto dele. Além das medalhas por bravura, Lino colecionava advertências e inquéritos por exagero em ação, uma vez que era o que mais atingia e disparava armas.

Fazia poucas prisões, mas era causador de muitas baixas nas fileiras do crime. Lino vasculhava becos e ruelas em cortiços da periferia, subia em telhados, pulava feito um gato, o que o fazia colecionar cicatrizes e fraturas, por causa de quedas e troca de tiros com marginais.

Com o passar do tempo, Lino fez amizades com agentes da Polícia Civil. Com a ajuda de investigadores, localizou os assassinos do pai. Todos cumpriam penas em presídios, pois, depois de

terem matado Raulino, o grupo foi pego. Isaías, por ser menor de idade, assumiu toda a responsabilidade pelo assassinato de Raulino, livrando Dinho, que fora o principal assassino, de uma pena maior. Outro que estava com eles naquela sexta-feira trágica, era maior de idade e acabou pagando pela participação no assalto e pelos ferimentos causados aos frequentadores do bar. O outro comparsa também se beneficiou por ser menor de idade.

No julgamento do bando, as testemunhas se contradisseram.



Aqueles que estavam no bar no momento da confusão viram Isaías atirar nas costas de Raulino quando ele tentou fugir. Contudo, havia contradições nos depoimentos no tocante à execução do pai de Lino. Quando ele se pôs em fuga na rua, alguns diziam que foi Dinho quem o executou, outros que foi Isaías, sendo que este último, para livrar o comparsa de uma pena maior, assumiu ter sido ele quem realmente matou Raulino na rua. Muitas testemunhas, por medo, simplesmente disseram que não

tinham certeza de quem teria feito os disparos fatais. Dinho pegou dez anos de cadeia, o outro oito, e o restante seria solto depois de completarem a maioria.

Decorridos cerca de seis anos, e com a ajuda dos benefícios do sistema prisional, Dinho pegou regime semi-aberto e depois condicional. Em três anos, os outros já estavam nas ruas de novo e voltaram a cometer crimes. Pouco mais de um ano depois da liberdade, foram presos e retornaram aos presídios. Desta vez, Dinho estava

envolvido com sequestros relâmpagos e tráfico de cocaína, crack e maconha. Lino acompanhava o processo do bando. Dois estavam presos na capital e os outros dois no interior. Ele sabia quando a pena acabaria e aí, sairia na captura deles. Na primeira oportunidade, sua vingança seria feita.

João Batista seguiu com o Circo de Roma por mais dois anos. Contudo, por causa de várias crises, o circo se dividiu em dois. Eram muitas desavenças entre os

proprietários. Mais tarde, ambos os circos acabaram encolhendo ainda mais até acabarem. João saiu e encontrou outro circo, onde havia alguns remanescentes do Grande Circo de Sevilha. Por intermédio deles, conseguiu se apresentar como “Pequeno Tigre”, o atirador de facas. Foi quando lhe disseram que Marisol, a domadora de leões, havia se separado do marido. Segundo soube, estaria morando na região de Dourados, onde o pai havia comprado um sítio com o dinheiro que sobrara do circo. Índio foi

trabalhar em um pequeno circo mambembe, sabendo que o mesmo seguiria para aquele local. Mas tudo não passara de boato, conforme ele apurou. Realmente Marisol se separara, mas nada indicava que ela estivesse na região onde ele estava, ou que Manolo havia se instalado por aquelas paragens. Foi outra tentativa frustrante, apenas diziam que um espanhol andara por lá, tentando comprar terras e fazendo negócios, e que o acompanhavam a esposa e a filha, que era muito linda. Foi apenas o que soube.

A narrativa de João foi concluída com ele contando que, estando este último circo se desfazendo e sem um tostão no bolso, ele foi trabalhar na fazenda de Chicão, a convite de Fredo, que conhecera em Dourados, pois o fazendeiro estava arregimentando gente para trabalhar em sua propriedade, uma vez que estava tendo problemas de invasões e assaltos. Assim, inicialmente ele fora trabalhar de segurança, já que sabia atirar, pois seu professor era um especialista no assunto: Lino.

Já passava da uma hora da madrugada quando João terminou de contar resumidamente parte da história de sua vida para Euclides, que ouviu tudo com enorme interesse. Tanto que ele o manteve sem sono até tarde da noite. Em poucas horas, ambos estariam de pé para cuidar de mais uma jornada de trabalho.

## O Sucesso Incomoda Muita Gente

Siegfried passou alguns dias em São Paulo participando das negociações do projeto da instalação da planta industrial. Retornou ao Rio de Janeiro na sede da Atlas para dar o seu parecer quanto ao assunto. Em reunião com a cúpula, depois de verificar várias possibilidades de redução de preço, a formulação do



valor final estaria nas mãos da alta direção da empresa e o veredito caberia a Ismail, por causa do expressivo valor envolvido. Este, inclusive, estava presente à discussão em que Siegfried expôs seus argumentos, e onde foi bastante inquirido sobre as premissas que adotara. Como sempre se dava, ele era muito seguro e transmitia firmeza em suas exposições.

No mesmo dia à noite, ele viajou para a capital mineira. Roxane ficou de dar uma passada no aeroporto para um breve encontro,

mas não foi, alegando os mais variados motivos. Ele não se importou tanto, pois sabia que seria sempre assim.

No dia seguinte, ao chegar, havia problemas aos montes. Várias decisões a serem tomadas, que só caberiam a ele e não a Otávio, embora muitas já estavam bem encaminhadas, mas a responsabilidade final era dele.

O mês de novembro foi passando com Siegfried se desdobrando na refinaria, atendendo as ligações telefônicas diárias de

Roxane e verificando novos negócios que foram aparecendo.

Depois de muitos e-mails enviados ao departamento de compras e contratação de fornecedores da Atlas, onde se tinha a impressão de que eles se movimentavam tão rápido quanto um hipopótamo dentro de um lago de lodo, ele passou a copiar Salomon nos e-mails. Pelo que soube, ele estava em mais uma de suas viagens a Miami. Ao retornar, viu o tamanho do problema, e depois de alguns gritos e murros na

mesa, o setor responsável da Atlas saiu do imobilismo e fez as devidas contratações. Àquela altura, os prazos das atividades já começavam a expirar, o que dava a Siegfried um enorme desgaste com o cliente.

Todos os aborrecimentos do dia a dia ficavam para trás quando ele conversava com sua amada Roxane. Ela servia como uma espécie de válvula de escape, seu espírito encontrava repouso ao ouvir a voz dela.

Duas semanas depois, a Atlas foi chamada a São Paulo,

eram as negociações finais.

Todos rumaram para a cidade: Salomon, Sofia, Nelson e o próprio Ismail, este último durante as semanas em que a Atlas fora convidada para as primeiras rodadas de negociações, que envolvia a redução de preço, fez um pesado jogo de bastidores, colocando seu velho amigo, o senador J, para que fizesse o devido lobby, afinal, o projeto seria instalado em um das regiões sob a esfera do senador, que conhecia o governador do estado e montou uma rede de influência para

que a Atlas e outras empresas de seu interesse participassem do empreendimento, assim como ofereceu facilidades de créditos de bancos de investimento do governo federal. Contudo, apenas o conhecimento do senador J não garantiria que a empresa de Ismail saísse vitoriosa. Teriam de atender o preço que o grupo petroquímico dispunha para bancar a empreitada. A ação do político era uma forma de mantê-la no páreo com a preferência das negociações.

Na reunião final, os donos do

negócio mudaram o escopo original e ofereceram 60% da obra. Como havia rumores no mercado que a Atlas enfrentava problemas de liquidez, preferiram não arriscar em deixar uma obra daquele porte nas mãos de apenas uma Companhia. Sinalizaram que: “a Atlas se mostrou uma empresa competitiva, mas apresenta preços ainda fora do que estamos dispostos a pagar”, e ainda abriram que havia preços melhores, “mas, por causa da “influência” da empresa na região, eles estavam abertos a receber a

oferta final”.

A reunião se prolongou por um dia e meio. Foi um verdadeiro leilão para baixo. Ismail cedeu um desconto final, e dessa forma, a Atlas ficou dentro do que os representantes da petroquímica esperavam. As negociações, praticamente, foram encerradas. Ismail e os demais retornaram ao Rio de Janeiro e formalizaram o preço final e o escopo do contrato a ser firmado. Por causa disso, uma gorda comissão iria para a conta bancária do senador, além do



compromisso de subcontratar algumas empresas que ele indicaria.

Quando Siegfried soube que a Atlas cedera a um desconto expressivo no preço da obra e que teria havido uma redução no volume de trabalho ele ficou admirado e surpreso, era muito risco a ser assumido. “Parece que eles não aprendem!”, desabafou com Otávio. Fez mentalmente alguns cálculos, pois conhecia a fundo o orçamento, e concluiu que o preço final ofertado era bem menor do que a fatia correspondente que caberia a

ela executar. E tomou como exemplo o sufoco que ele estava passando na refinaria.

Enquanto a petroquímica preparava a carta de intenção até que o contrato ficasse pronto e fosse posteriormente assinado, Ismail soube que os trabalhos em Betim entrariam em nova fase e quis ver pessoalmente. Seguiu para lá, em um sábado de sol quente, acompanhado por Sofia, pelo vice-presidente e cunhado, Ibrahim Kathami, e por mais um engenheiro, José Raimundo, e mais uma

comitiva de adúladores.

A visita de Ismail à refinaria em Betim estava programada para acontecer no sábado pela manhã. Ele foi na véspera e dormiu em Belo Horizonte. Na noite de sexta-feira, foi oferecido um jantar para os engenheiros e gerentes a princípio , atendendo à sugestão de Sofia e alguns assessores de Ismail , mas por ordem expressa de Siegfried foi incluído também os supervisores, que não concordou em deixa-los de fora , “afinal é este grupo que dá o sangue “, disse-me ele , em um

restaurante típico de comida mineira em Belo Horizonte. O jantar foi muito animado e o CEO da Atlas parecia muito bem-disposto. O contrato da petroquímica lhe trouxera muito ânimo. Ainda naquele encontro, ele próprio confessou que fazia muitos anos que não ia pessoalmente a uma obra da Atlas, chegou a ir apenas a algumas inaugurações. Na mesma ocasião, fez um discurso e, entre outros assuntos, elogiou e agradeceu o empenho e dedicação da supervisão para entregar a obra dentro do

prazo, e disse que confiava que o resultado final seria positivo.

Durante o jantar, o assunto da petroquímica veio à tona. Ismail e Sofia justificaram o desconto tido como expressivo por ser empreendimento de vital importância para a Companhia. Tratava-se de uma parceria estratégica, pois a obra de Manaus renderia muitos frutos. O grupo industrial responsável, durante o período de negociação, acenou com a possibilidade de a empresa se tornar parceira preferencial para

outros empreendimentos que haveriam dentro e fora do Brasil, que muitas plantas industriais estavam sendo estudadas, uma em Paulínia, próximo a Campinas, em São Paulo, outra na Venezuela e mais uma unidade no Nordeste. Dessa forma, com a instalação da planta de Manaus, a Atlas se tornaria qualificada a participar de outras obras similares. Ismail queria ir mais longe, com a participação de mais um ou outro empreendimento desse tipo. Desejava colocar a Atlas como sócia acionária, assim, a

empresa entraria para um seletor grupo, cuja atividade somente tenderia a se tornar mais forte.

No mesmo jantar, Siegfried colocou que a obra da refinaria estava ganhando ritmo e mais gente seria necessária, disse que naquele estágio, a exemplo de outros empreendimentos semelhantes, o perigo de ocorrência do aumento de acidentes de trabalho sempre pairava no ar. Até aquele momento, estava sendo registrado um aumento de incidentes, o que poderia levar de uma hora para a outra, a alguma

coisa mais séria. Isso o estava incomodando muito. O cliente estava agindo de modo implacável com relação a esse tipo de ocorrência, inclusive afastando funcionários da Atlas flagrados em atitudes que levavam a algum tipo de acontecimento que pudesse causar um evento nefasto. Siegfried expôs alguns planos, tais como: premiar as equipes que tivessem mais produtividade, assiduidade ao trabalho e pró-atividade em segurança. Sabia que era comum muitas empresas adotarem esse



procedimento, que sempre tinha resultados benéficos. Ismail ouviu e aprovou a ideia. Todos os presentes acharam muito boa a proposição, que seria estendida a outras operações da Atlas pelo Brasil afora.

Quando Ismail chegou à refinaria no dia seguinte, no sábado, por volta de nove horas da manhã, admirou os enormes guindastes montados e prontos para o levantamento de grandes equipamentos. Havia mais de dois mil homens trabalhando com o

uniforme da empresa. Ele andou por toda a obra, falou com um e com outro, tal qual um velho general em inspeção às frentes de batalha. Sua presença transmitia confiança, apertava a mão de um, com outro falava alguma coisa, sempre com o intuito de entusiasmar as pessoas. Sofia, por sua vez, sempre ao lado do pai, atraía os olhares de todos. Vestia-se com discrição, mas elegante e de forma sensual. Usava uma calça jeans bem justa e uma camisa masculina de manga comprida arregaçada na altura dos

cotovelos, verde-claro, e, muito a contragosto, colocou botas de obra, assim como o pai e os demais.

Todos portavam o típico capacete usado nas construções. Naquele dia, Ismail se emocionou ao ver a grandiosidade da obra, ainda inédita na Atlas, uma vez que a empresa ainda não havia participado de nada semelhante. Em conjunção com o forte calor que fazia naquela manhã ele chegou a se sentir ligeiramente mal. Foi algo passageiro e ele foi atendido no ambulatório instalado no canteiro, logo se restabeleceu.

Havia muita especulação sobre o estado de saúde dele e o mal-estar que sentiu, contribuiu ainda mais para aumentar os boatos. O expediente se encerrou ao meio-dia. Normalmente, aos sábados, domingos e feriados quando havia serviço, eles paravam às dezesseis horas. O fato inédito se deu por causa de um churrasco que Ismail mandou fazer na obra como forma de motivar os funcionários e promover uma confraternização. A festa havia sido preparada previamente por Siegfried e por

Isaque, seguindo a orientação transmitida por Sofia no decorrer da semana que se encerrava. O custo, obviamente, ficou por conta da obra. Ismail fez questão de participar do churrasco com os operários, assim sendo, toda a chefia da obra e os que o acompanhavam na visita fizeram o mesmo.

A visita do presidente e da comitiva às instalações da refinaria em Betim e seu gesto de andar pela obra “para conhecer o meu povo”, como disse, e de almoçar com os funcionários, falando com vários

deles, todos anônimos, acabou gerando um efeito positivo sobre o ambiente de trabalho. Ismail se mostrou simpático, acessível, com ótimo humor. Siegfried notou que na segunda-feira as pessoas comentavam sobre a ida do “velho”. Aqueles que não o conheciam pessoalmente e apenas ouviam falar dele ficaram com uma boa impressão. A presença física do chefe, do líder ou dono do negócio sempre produz bons efeitos. Ismail sabia disso e Siegfried também era adepto dessa prática. Os resultados

logo apareceram e o entusiasmo para “pôr a obra para andar” contagiou todos naquela semana. Técnicos, engenheiros, encarregados e operários pareciam energizados e transmitiriam a seus comandados e colegas de profissão aquele estado de espírito.

Naquele dia de visita, todos caminharam pela obra. Siegfried e Otávio eram os anfitriões e se desdobravam para responder às perguntas de Ismail, pois ele queria saber detalhes, não como um inquisidor, mas apenas por

curiosidade e para tentar entender como se desenvolvia os serviços de montagem industrial. Contudo, um dos que estava na comitiva, no entanto, já se fazia notar, era José Raimundo, que se comportava como uma sombra, às vezes ao lado de Ismail, outras ao lado de Ibrahim. Ele tentava demonstrar com gestos e palavras que possuía um grau de intimidade com os dois, que ia além da convivência profissional. Tal atitude começou a se mostrar incômoda e não passou despercebida pelos demais.



Também nem tudo correu às mil maravilhas. Na pausa para o almoço, Ibrahim, que foi com José Raimundo, se viu no direito de questionar várias coisas. Uma vez que Siegfried sempre acenava com um possível resultado negativo naquele empreendimento, resolveu chamá-lo e Otávio para uma conversa à parte. Fez uma verdadeira sabatina, o que lhe foi respondido com toda a paciência do mundo, embora já comprovado com farta documentação, mas mesmo assim Sieg respondeu.

A postura de José Raimundo, no entanto, deixou Siegfried profundamente irritado. Algumas coisas que esse indivíduo dizia era o óbvio, outras tantas eram ditas sem conhecimento de causa. Sempre que podia, ele dava exemplos do que ele já havia feito e o que tinha acontecido em outras obras: “Lá em Goiás eu fiz isso e aquilo, lembra doutor Ibrahim? E aquela vez na terméletrica do Nordeste que eu mandei fazer assim e assado e em um instante resolvi o problema, *né* doutor Ibrahim?” Ele apenas

assentia com a cabeça. E o outro continuava “Lembra daquela rombo que havia naquela barragem no Sul? Em pouco tempo fiz dar lucro! Sabe como fiz, não?” E Ibrahim concordava calado. José Raimundo estava ali somente para se autopromover e provocar Siegfried. Em todos os exemplos que ele citava, exaltava sua eficiência e terminava pedindo a concordância de Ibrahim Kathami. Foram várias as situações em que ele dizia ter levado a melhor.

Por fim, às três horas da

tarde, Ismail se deu por satisfeito; reuniu os demais para seguirem para o aeroporto e dali para o Rio de Janeiro.

O estado de espírito de José Raimundo ficaria desconfortável durante a viagem de volta de Betim no trajeto da refinaria ao aeroporto e depois ao Rio de Janeiro. Ismail e Sofia teceram os mais variados elogios a Siegfried, para desagrado de Ibrahim e de José Raimundo. O sucesso de Siegfried começou a incomodar a muitos, entre os quais os dois. No entanto, todos notaram

que alguma coisa estava preocupando Ismail, ele parecia pensativo e ninguém sabia o que era.

Na segunda-feira pela manhã, Siegfried procurou saber com alguns poucos funcionários antigos da empresa, quem de fato era José Raimundo. Disseram-lhe que se tratava de um profissional eficiente, contador de vantagens, que sempre se dava bem, cumpria o seu dever, mas também era tido como uma pessoa truculenta, sem tato e com o ego nas alturas.

Pejorativamente, diziam que em um elevador ou em uma sala onde ele estivesse, era difícil caber mais alguém, pois, além dele, o ego ocupava todo o espaço disponível. Por outro lado, diziam que já tivera o mérito de virar o resultado financeiro de várias obras no “vermelho”, mas também já fora culpado de alguns prejuízos, como uma recente térmica a gás que a Atlas construiu. O desempenho da empresa teria sido um verdadeiro fiasco, mas ele, no entanto, não assumiu a responsabilidade pelo

fato. Ele tinha seus admiradores como Ibrahim Kathami e alguns adversários notórios como Nelson, que lhe pôs o apelido de “Lambão”, pois, segundo o que se comentava, José Raimundo terminava as obras sempre dentro do prazo, mas eram tantas pendências e reclamações do cliente, que a credibilidade da empresa ficava seriamente comprometida. Qualidade não era o seu forte, comentava-se. No entanto, na opinião do José Raimundo tratava-se de “excesso de preciosismo, “enchecção de saco,

detalhes bestas, implicância da fiscalização ou prazo apertado”, ou dizia que cumprira o que estava no contrato etc. Argumentos não lhe faltavam. Nelson e José Raimundo eram como cão e gato, toda vez que alguma coisa dava errado em uma obra sob sua responsabilidade, José Raimundo jogava a culpa no orçamento malfeito, e assim se justificava. Uma das habilidades que também exercia com maestria era o seu poder de adulação, tanto com diretores da Atlas quanto com os fiscais de obras. Ele sempre dava



presentes e outros mimos, e falava-se até em distribuição de dinheiro. Pesava sobre ele a suspeita de que parte dos “presentes” dados à fiscalização ele embolsava, pois seria difícil comprovar a origem do destino. Contudo, no cômputo geral, o conceito que se tinha dele dentro da empresa era positivo. Naquele presente momento, José Raimundo era coordenador de obras, assim como Siegfried. Possuía o mesmo *status*, gerenciava mais de um empreendimento e costurava com Ibrahim Katahmi uma promoção a

diretor de uma provável criação da diretoria de serviços de infraestrutura, que englobaria: estradas, portos, viadutos etc. A resposta que Siegfried buscava à visita de José Raimundo à sua obra ele teria nas semanas seguintes.

No fim do mês de novembro, a direção da Atlas foi chamada para receber uma carta de intenção, um documento preliminar à assinatura do contrato da construção e instalação da unidade industrial. No período das negociações finais, Siegfried acreditou piamente que a

Atlas ganharia a concorrência; todos os sinais emitidos pelo cliente levavam a essa certeza, porém ele não esperava que a redução de preço fosse tão expressiva, por essa razão, redobrou os esforços para achar a pessoa certa para chefiar a obra. O profissional a ser escolhido teria de possuir um curriculum igual ou superior ao dele, alguém que tivesse o seu nível. Achar uma pessoa assim no mercado, com disponibilidade, não seria tarefa fácil, o fator distância também influenciaria. Manaus, situada na região Norte do

país, com clima muito quente, era um fator que pesava quando alguém era convidado a trabalhar naquela cidade. Uma das alternativas seria recorrer a empresas de *head hunter* ou anunciar em jornais de grande circulação, porém, em ambos os casos, a Atlas teria de ser comunicada. Nesse ponto residia o problema, se soubessem que ele não tinha ninguém, algum diretor da Atlas tiraria alguém do bolso e empurraria para Manaus, “sabe Deus quem eles vão querer colocar”, pensou. Ele queria evitar que o que

aconteceu em Betim se repetisse.

Um dos nomes que Siegfried pensara foi o do amigo Carlos José, o Cazé, que, segundo se sabia, estava muito insatisfeito no Sul da Bahia. A trégua entre ele o gerente local, com o qual vivia em eterna guerra, estava por se romper. Apenas por causa de Eva ele aturava o sujeito. Depois de muitas tentativas, ele conseguiu contatar Carlos José, que não se mostrou muito disposto a ir para Manaus por causa da namorada Eva, a não ser que ela o seguisse. Porém, ela, com

seus compromissos e muito ligada à família, resistiu em largar tudo e segui-lo. Siegfried ainda lhe ofereceu um salário superior ao que ele ganhava na ocasião, mas nem assim ele quis deixá-la. Por sua vez, ela intimamente sabia que em um belo dia ele iria embora. Duvidava muito se ele seria capaz de largar a família e assumi-la com seus filhos, portanto, era melhor ficar naquele lugarejo e manter o seu sustento do que partir com um homem para um lugar distante e começar tudo de novo. Não sabia se haveria algum

futuro entre eles.

Com a recusa de Cazé, Siegfried telefonou para amigos atrás de alguma indicação. Sem resultado algum. Os que se interessavam, pediam uma exorbitância de salário. O impasse permanecia, até que em uma determinada noite, ele resolveu falar com Cirilo, que sempre sabia de tudo: quem ganhara tal obra, quem perdera, quem estava no páreo, quem dera propina... Muito provavelmente saberia onde encontrar gente disposta a encarar a

petroquímica em Manaus.

Sempre que Cirilo atendia o telefone, impostava a voz ainda mais. Já lhe tinham dito que ele possuía um timbre de locutor de rádio FM ou de apresentador de telejornal. Ao atender, ele engrossava a voz para se impor mais ainda. Dependendo de quem estivesse do outro lado, ele voltava ao normal.

– Diga, Siegfried! Quanto tempo, hein! – disse Cirilo em tom animado.

– Muito trabalho, meu velho!



Estou precisando de sua ajuda – respondeu. E completou: – Você sabe que estamos em vias de levar aquela petroquímica de Manaus, pois bem, estou precisando de um gerente de obra para ir para lá. Você conhece alguém que esteja disponível?

– Bom, disponível? Tenho de ver, mas talvez fosse caso de tirar alguém de alguma empresa, dependendo do salário...

– Não quer encarar? – disse Siegfried, dando uma gargalhada.

– Manaus? Nem pensar, quer

que eu morra de enfarte? Lá é muito quente – disse sorrindo. – Estou muito bem aqui! Rapaz, vou pensar em alguém, mas preciso sair, tenho um encontro. Estou atrasado!

– Há é? E quem é a vítima desta vez? – perguntou.

– Nem te conto! Ela é simplesmente maravilhosa! Você não conhece, depois nos falamos.

– Ok! Veja se me ajuda!

– Ligo ainda esta semana – disse Cirilo.

Ambos se despediram.  
Siegfried ficou pensando na vida

que Cirilo levava, sem grandes preocupações, sempre às voltas com encontros secretos, geralmente com mulheres comprometidas.

O mês de dezembro se iniciou com boas perspectivas para Siegfried, com vistas a seu objetivo de transformar seu setor em uma diretoria. Estava em curso um novo contrato de reforma de uma plataforma de perfuração para outro cliente, mais abrangente do que o que estava sendo realizado em Niterói. Os serviços seriam desenvolvidos em um estaleiro em

Angra dos Reis, Sul do estado do Rio de Janeiro, e o projeto como um todo teria a duração de dezoito meses. A Atlas também havia sido convidada por uma grande empresa de projetos a entrar em outro empreendimento que se daria na Refinaria Duque de Caxias, a Reduc. Tudo indicava que a sociedade daria muitos bons dividendos, além disso, disputando inúmeras obras dentro das diversas refinarias do país, mais cedo ou mais tarde novos empreendimentos entrariam em carteira sob a gerência de Siegfried,

que via seu prestígio dentro da empresa crescer por conta de os recentes contratos pertencerem à sua gerência. Contudo, havia muita gente disposta a tentar ofuscar o seu aparente brilho.

Com os boatos que corriam pelos corredores da Atlas, de que seria criada uma diretoria de óleo e gás, José Raimundo não se conformou, afinal, ele era um dos mais antigos engenheiros da empresa. Muitos haviam saído em busca de melhores chances e outros demitidos, mas ele permanecera

firme como uma rocha. Sua revolta aumentou ainda mais ao saber que o provável futuro diretor se tratava de um recém-admitido na Companhia. Diante desses fatos, ele começou a esboçar uma reação no sentido de reverter a situação que vinha se delineando, a sua perda de prestígio. Ele estava tentando influenciar Ibrahim e o diretor Paulo César Couto para que a empresa criasse outra nova diretoria. Com o aquecimento do mercado de obras o assunto voltou à tona, pois era um plano antigo da empresa expandir

seu *staff* no sentido de tornar a organização mais agressiva no segmento de infraestrutura com o objetivo de captar mais negócios. No entanto, a Atlas ainda não tinha um número expressivo de obras naquele período nessa área específica que justificasse a criação de nova diretoria.

## **A Discórdia Semeada entre os Armadunians**

No dia seguinte que Ismail retornou da viagem a Minas Gerais, no domingo, como de costume seus familiares se reuniram em sua casa. O clima, em geral descontraído, deu lugar a uma discussão acirrada entre os membros da família que anteciparia os acontecimentos que



se dariam na Atlas naquela semana que se iniciava.

Durante o encontro familiar, Ismail, em dado momento, revelou que proporia ao conselho de administração da empresa a contratação de um diretor financeiro, o que causou surpresa. A reação negativa de Salomon, uma vez que o atual diretor administrativo e financeiro, Rui Vilela, era quem respondia pelas duas áreas e era uma pessoa muito ligada a ele. O diretor era antigo na Atlas e tinha sido gerente

administrativo antes de ser promovido; substituíra um outro, que fora demitido devido a ocorrências de desfalques atribuídos ao próprio. Ismail justificou a contratação de um novo diretor de finanças por estar havendo muitos problemas na área.

– Não é nada pessoal contra Rui, muito menos alguma suspeita. Rui ficará responsável somente pelo setor administrativo, que englobará o Departamento Pessoal e as rotinas administrativas.

Na verdade, ele suspeitava

de que estariam havendo desvios de dinheiro. Contrataria alguém de sua estrita confiança e de fora da empresa, sem nenhum tipo de laço de amizade com quem quer que fosse, para se encarregar de mover uma auditoria de forma secreta, sem levantar suspeitas. O escolhido era um economista de São Paulo, com um curriculum exemplar, com passagens por grandes empresas privadas, também de descendência armênia, que ele conhecia já havia algum tempo. Era bem recomendado, chamava-se Lázaro

Arkassian. O presidente da empresa tinha fortes indícios de que Rui Vilela, a exemplo de seu antecessor, estava agindo da mesma forma, mas o pesadelo pior que pairava era que o diretor não devia estar sozinho. Para dissimular suas suspeitas, Ismail o manteria, mas ele ficaria afastado das finanças da empresa. Seu *status* como diretor seria mantido. Dessa forma, esperava que os prováveis envolvidos se mantivessem de guarda baixa. Diante da reação de Salomon, que alegou não ver motivos para a

contratação de um novo diretor, cujos argumentos entre outros, era de que a Atlas deveria apertar os cintos, que uma nova diretoria naquele momento custaria caro à empresa, Ismail, já bastante irritado, reagiu dizendo que não via ninguém dentro da empresa apertando cinto algum, e para elevar mais o tom, ainda acrescentou:

– Pelo contrário, Salomon! Muitos de nossos colaboradores, que nem da família são, estão fazendo a sua parte, ao passo que nós, da família (referindo-se

claramente aos filhos que ocupavam cargos na empresa), não estamos com a mesma preocupação.

O efeito foi bombástico.

Sofia e Maysa sentiram-se atingidas, o que levou os três irmãos e Ismail a uma troca de acusações mútuas de desperdício de dinheiro e ostentação. Em meio à balbúrdia, Leon tentou acalmar os ânimos. A confusão acabou por abalar o patriarca dos Armadunians, que se retirou do almoço visivelmente transtornado. O resultado foi que na noite de domingo foi preciso

interná-lo por causa de uma crise de hipertensão. Com a internação do chefe maior da organização, a Atlas ficou acéfala, uma vez que a discussão entre os irmãos passou a ser quem fora o culpado por colocar o pai internado. Sofia e Maysa se uniram contra Salomon, que por ser autoritário e genioso reagia muito mal a críticas. Apesar do aspecto preocupante, Ismail, mesmo no hospital, orientou que Ibrahim cuidasse das primeiras medidas a serem tomadas na condução do empreendimento da petroquímica. A

preocupação dele era evitar um novo confronto entre Sofia e Salomon, no tocante à condução dos negócios, pois o ego de ambos era de natureza tal que poderiam pôr tudo a perder.

Naquela semana, a diretoria da petroquímica convocou a Atlas para uma reunião em São Paulo, onde seriam discutidos o plano de trabalho, planejamento e mobilização da obra. A nomeação provisória de Ibrahim para participar das primeiras reuniões de entendimento por pouco não se



mostrou desastrosa.

Estava em curso dentro da Atlas um movimento para colocar como responsável José Raimundo na chefia do empreendimento de Manaus. Essa ação tinha como mentor principal Ibrahim Kathami, que achava Siegfried um carreirista e novato. Tal ideia ainda não havia sido apresentada a Ismail, somente a Salomon, que ficou um tanto quanto dividido, pois não tinha tanta confiança assim no novo candidato que ficaria à frente do empreendimento como um todo.

Talvez dividisse o comando, mas o cliente queria tratar somente com um interlocutor e não com dois, pois não fazia sentido uma única empresa com dois chefes.

Siegfried, ao longo da elaboração da proposta e das diversas negociações posteriores, havia preparado com sua equipe um plano de trabalho, também chamado de plano de projeto, que seria apresentado ao cliente. Uma vez aprovado, seria posto em prática. Assim que soube por Nelson que a Atlas havia recebido a carta de

intenção e o valor que fora fechado, Siegfried se pôs a trabalhar rapidamente na revisão do orçamento, bem como no detalhamento do planejamento, ainda que preliminar, pois ambos foram informados de que haveria uma reunião em São Paulo para se discutir as ações iniciais. Em paralelo, Siegfried procurava um futuro gerente do empreendimento, que ficaria alocado em Manaus, enquanto ele, a princípio, ficaria no Rio de Janeiro, na sede da empresa, de onde cuidaria de dar todo o

suporte ao projeto. Além disso, novos negócios estavam aparecendo e sua presença na matriz estava se tornando imperativa. Ainda tinha o abacaxi da refinaria, que não havia sido descascado por inteiro.

Na noite em que Ismail fora internado, portanto, ainda no domingo, Roxane contara a Siegfried o que havia acontecido com o avô; em um primeiro instante parecia não ser mais do que uma crise de hipertensão. Roxane, que presenciara toda a discussão, contou o motivo de tudo, e disse que o avô

contrataria um novo diretor para a área financeira. Siegfried questionou se ela soube o porquê dessa nova posição, porém ela apenas deu a versão que ouviu do avô em discussão com o tio, sem fornecer mais detalhes. Ele escutou e conversou por mais alguns minutos com ela, que se mostrou tensa e preocupada com o estado de saúde de se ente querido.

Depois de terminar a conversa com Roxane, Siegfried, intrigado, se pôs a pensar sobre o motivo de um novo diretor,

enquanto a situação dele permanecia inalterada, apesar de ter havido um compromisso da direção da empresa desde sua contratação de que ele ficaria à frente de uma diretoria. Por um instante, Siegfried se sentiu desanimado e pensou em pedir demissão, “afinal, estou me desgastando como nunca e nem reconhecido sou!”, pensou. Em seguida, começou a fazer planos sobre a quem procurar para se relocar no mercado e poder efetivamente sair da Atlas com um outro emprego na mão.

No dia seguinte à noite,  
Roxane ligou para ele novamente .  
Parecia mais calma, fez um breve  
relato de como Ismail estava. O  
quadro era estável. Depois, começou  
a falar do temperamento de seus tios  
e da família, que, de modo geral  
todos tinham sangue quente, até  
mesmo o pai, quase sempre de  
natureza conciliadora, tinha seus  
momentos de explosão. Depois, a  
conversa tomou outro rumo. Ele lhe  
disse que em breve esperava voltar  
de vez para o Rio de Janeiro e assim  
poderia passar mais tempo ao lado

dela. Ela, por sua vez, lhe disse que não via a hora de passar uma noite de amor com ele, tomando-lhe as próprias palavras:

– Perco noites de sono pensando em ter seu corpo junto ao meu.

Falou isso e outras coisas do gênero. Contudo, quando Siegfried falava em seu retorno definitivo ao Rio de Janeiro para resolverem a situação de uma vez por todas, ela desconversava. Isso não passava despercebido; ele esperava dela uma atitude mais firme, alguma



menção de que uma vez superados os obstáculos da distância, nada mais iria separá-los, mas esse tipo de ação ela não tomava. A conversa acabou resvalando para um conteúdo mais erótico. Roxane procurou dissimular o entusiasmo de Siegfried em voltar ao Rio de Janeiro, levando a conversa para um contexto sexual. Com extrema maestria, ela começou a lhe dizer o que faria com ele em um primeiro encontro. Acabaram por fazer sexo por telefone, o que, aliás, acontecia com frequência.

Mais adiante, depois de Roxane ter se masturbado com Siegfried ao telefone, de ter relatado a ele o que estava fazendo e de gemer em seu ouvido, os dois fizeram planos para se encontrarem talvez às vésperas do Natal.

Planejaram passar o Réveillon juntos. Ela contou a Siegfried que a família tinha a intenção de passar o Ano-Novo em Búzios, na região dos Lagos, no estado do Rio de Janeiro. Se ele fosse para lá, ela daria um jeito de encontrá-lo logo após a virada do ano e, possivelmente, no

dia 2 de janeiro, quando o pai e a mãe voltariam ao Rio, os primos e as tias permaneceriam na cidade. Com as rédeas frouxas, não seriam necessários grandes malabarismos para se encontrarem. “Seria uma ótima oportunidade”, Siegfried pensou, “passar alguns dias de folga ao lado de sua amada depois de um período superestafante”. No entanto, estaria condicionado ao estado de saúde de Ismail, se ele se recuperasse a tempo e voltasse para casa, tudo voltaria ao normal, porém, se algo acontecesse a ele,

não haveria viagem alguma da família dela para Búzios.

Terminada a conversa, Siegfried ficou pensativo. Sempre que dizia em voltar ao Rio de Janeiro e ficar ao lado dela de forma definitiva, para assumirem o namoro, ela desviava do assunto. Ele ficava pensando nas razões que a levavam a agir daquela forma. “O que exatamente passava pela cabeça dela?” Muitas vezes, ele dizia que ia falar sobre o assunto com o próprio Ismail, falava em tom provocativo, apenas para ver a reação dela, que,

de imediato, mostrava-se transtornada. A seguir, ele brincava dizendo que não tencionava fazer tal coisa. Um fator que pesava muito, segundo o próprio, era que, sendo empregado da empresa da família, Roxane se sentisse incomodada, não só ela, mas ele também. Via nisso uma restrição séria, e, aliado a outros eventos que estavam acontecendo, começou seriamente a planejar em deixar a empresa. Ele compreendeu que nunca a teria totalmente se tivesse laços empregatícios com a família. Era

uma situação altamente desconfortável. O que ele não sabia, era que mesmo sem ter qualquer ligação com os familiares de Roxane, dificilmente o seu intento de namoro estável e longo se concretizaria com ela, a não ser de forma esporádica. Roxane não era do tipo de se ligar a ninguém por muito tempo, a não ser por breves períodos. Em geral, apreciava situações complicadas, quanto mais difícil a situação, mais excitada ficava. Alguém normal, boa gente e bom caráter, não era propriamente o

tipo de parceiro que a atraía. Minutos depois, vencido pelo cansaço do dia, Siegfried acabou adormecendo.

No decorrer da semana, o estado de saúde de Ismail deteriorou-se com uma crise renal. A família temia que acontecesse o pior. No dia marcado para a reunião em São Paulo, iriam representando a Atlas, Ibrahim, José Raimundo e Nelson. Este último, na véspera do encontro, questionou o vice-presidente sobre o porquê de Siegfried não ter sido convocado, já

que seria ele até então o coordenador da obra. O vice-presidente justificou que ainda não estava certo se realmente Siegfried ficaria à frente do projeto. Nelson, ao ouvir tamanha desculpa esfarrapada, tentou esboçar uma reação, mas se calou e engoliu em seco, como sempre o fazia, jamais reagia. Ibrahim e José Raimundo tentariam envolver o cliente em uma farsa. O estratagema seria o seguinte: José Raimundo iniciaria a obra sem Siegfried e quando o cliente se desse conta, já com o



empreendimento já avançando, o fato estaria consumado, e, segundo um deles, “nem iam dar falta!”

Siegfried aguardava um sinal para ir para São Paulo para a reunião inicial dos entendimentos e para a decisão sobre as providências que seriam tomadas para dar início às atividades da construção em Manaus. Nelson ligou para ele solicitando que fosse enviado por e-mail o plano de projeto, pois ele estava preparando um documento único para ser apresentado ao cliente. Siegfried enviou conforme

pedido, mas quis saber que dia se daria a reunião, pois tinha de se planejar. Um tanto quanto desconfortável, Nelson abriu o jogo e revelou que Ibrahim estava tentando colocar outra pessoa como coordenador do empreendimento. Siegfried se surpreendeu com a revelação e quis saber quem seria. Para não complicar mais ainda a situação, pois se tratava de uma suspeita, Nelson falou que não sabia dos pormenores. Ele tornou a insistir e perguntou se a mudança de planos fora por ordem do presidente

da empresa ou de Salomon. Nelson procurou não pôr mais lenha na fogueira, mas eximiu Ismail pelo que estava acontecendo.

– Não há nenhuma lógica nisso! – reagiu Siegfried indignado, com Nelson do outro lado da linha escutando.

– Claro que não! – concordou Nelson.

– Eu duvido que o doutor Ismail esteja metido nessa tramoia, pois conversamos muito a respeito da petroquímica e ele sabe que estou apto a ficar à frente da obra. Como

podem agora colocar outro?

Nelson não tinha respostas aos questionamentos de Siegfried, por esse motivo terminou a conversa dizendo que procuraria saber de mais detalhes. Em seguida, desligou o telefone.

Se Siegfried se ressentiu com a possível contratação de um novo diretor, agora então sua revolta aumentou ainda mais. Sem respostas à situação que se delineava, sua primeira reação foi tentar falar com Salomon. Foi preparado para o que desse e viesse,

incluindo sua saída da empresa. No entanto, por mais que tentasse, não conseguiu falar com ele. “É um verdadeiro acinte!”, disse para si mesmo. Durante aquele dia, ele mal se conteve. Foi difícil manter o autocontrole, faltou pouco para que explodisse. Por sorte, não houve nenhuma ocorrência maior. No fim da tarde, um diretor da empresa de Engenharia, com a qual a Atlas trabalharia para executar serviços em conjunto em uma plataforma em Angra dos Reis, ligou para tratar do assunto, e ele focou sua

atenção nesse novo empreendimento, o que, de certa forma, acabou por acalmá-lo pelo menos por uns instantes. À noite, em seu *flat*, ele refletiu melhor e concluiu que talvez fosse até melhor passar o serviço da petroquímica para outro, “eu já tenho muita dor de cabeça para dar conta do que está na minha mão, só espero que quando o barco estiver afundando não me mandem para lá para salvar”, pensou.

Naquela semana em que Ismail ficou internado, houve uma

briga séria entre Siegfried e Roxane. O motivo seria um médico chamado Laércio, que cuidou pessoalmente de Ismail. Roxane fora companhia constante da avó Olávia, que acompanhava o marido, assim como Leon, que sendo médico, tinha livre trânsito e usou de todo o prestígio da família e de sua posição para que nada faltasse ao pai. Também naquela época, nas eleições de outubro, ele entrou como suplente de senador junto com Leopoldo, um dos filhos do senador J. Em uma das conversas entre Roxane e Siegfried,

ela mencionou a gentileza e atenção do chefe da equipe que atendia o avô, o tal doutor Laércio. O nome do mesmo indivíduo voltou a ser tocado no dia seguinte, e mais no outro, o que só podia significar uma coisa: ela estava interessada nele. O fato é que o médico começou a trocar olhares com ela e a puxar assunto, no que foi retribuído, pois ela o achou muito charmoso e simpático. Em outro contexto, poderia se transformar em um “casinho”, como ela às vezes se referia aos seus envolvimento



casuais. O então doutor Laércio tinha quarenta e quatro anos, faixa etária que Roxane tinha como alvo de preferência. Ele era alto e forte, com tendência para obeso. Tinha os olhos castanhos-claros e usava barba e bigode, já grisalhos, assim como o cabelo. Enfim, era o tipo de homem que exibia todas as características com o qual Roxane tinha afinidades. Ele era casado com uma médica, o que não inibiu Roxane, que, por estar envolvida com Siegfried, apesar de retribuir as gentilezas do médico, apenas flertou

com ele, como aliás fazia sempre que tinha oportunidades, pois era algo praticamente involuntário. Sempre que havia alguma chance, ela exercitava seu poder de sedução, mas não levou a pretensa aventura adiante. Ele até lhe deu o telefone, com a desculpa de que em caso de o estado de saúde de Ismail piorar ou algo qualquer lhe acontecesse, que ela ligasse. Claro, o objetivo era outro. Esse episódio rendeu uma bela briga entre ambos, pois Siegfried, ao escutar o nome e as gentilezas do médico por uns quatro

dias seguidos, acabou por “chutar o balde”. Como ambos estavam distantes, ficava difícil avaliar a situação corretamente. A crise durou cerca de dois dias, com Roxane se justificando de todas as formas e Siegfried do outro lado bastante desconfiado.

Nelson, querendo reverter a situação da troca de comando da construção da petroquímica, tentou pôr Sofia no circuito para bloquear o golpe de Ibrahim e José Raimundo. Ela, no entanto, estava às voltas com o pai na UTI do

hospital e tentava desesperadamente remarcar uma nova cirurgia que ela deveria fazer naquela semana. Havia meses estava na fila à espera de uma vaga de seu cirurgião plástico preferido, que era extremamente requisitado.

Apesar do esforço de Nelson ter sido frustrado, um lance do destino reverteu o cenário. Na reunião entre a Atlas e a petroquímica, sentaram-se de um lado os três representantes da Atlas e do outro, cinco executivos da petroquímica. Um dos diretores

perguntou pelo engenheiro Siegfried, que teria sido apresentado durante todo o processo de concorrência como o coordenador do empreendimento pela construtora. A reunião foi quase toda falada em inglês, Nelson tinha o domínio do idioma, Ibrahim somente falava o necessário e José Raimundo não falava absolutamente nada. Nelson se calou diante da pergunta e coube a Ibrahim, como vice-presidente da empresa, justificar a ausência do coordenador. A saída que ele

encontrou naquele momento foi explicar que o engenheiro Siegfried estava enfermo. Disse com a cara deslavada, diria mais tarde Nelson. Muito a contragosto dos representantes da empresa contratante, pois eles tinham muitas indagações e obtinham poucas respostas, a reunião prosseguiu por pouco tempo. Um deles disse que o melhor seria remarcar a reunião até que Siegfried se restabelecesse, o que causou grande mal-estar em Ibrahim, que ficou altamente desconfortável. Outro membro, no

entanto, quis prosseguir, para que de uma forma ou de outra ganhassem tempo. Falariam de aspectos administrativos, mobilização de recursos e demais temas inerentes.

Decorrida cerca de meia hora, o diretor técnico Bob Chapman, folheou a pesada pasta com o plano de trabalho e fez vários questionamentos cujo assunto nenhum dos representantes da Atlas tinha total conhecimento, pois o relatório foi preparado por um grupo subordinado a Siegfried e sob orientação dele. Todos os que

estavam presentes à reunião representando a petroquímica compreenderam claramente que dos três que ali estavam pelo lado da Atlas, somente um sabia do assunto, os outros dois eram meramente figurantes, sendo que um deles se limitava a dar palpites, que era o caso de José Raimundo. A situação começou a ficar constrangedora, pois eles queriam compreender melhor como a Atlas desenvolveria as atividades. Diante de várias perguntas não respondidas, o grupo resolveu terminar a reunião,



condicionando o próximo encontro quando estivesse presente o engenheiro Siegfried. Pediu que a Atlas começasse e se mobilizar prontamente para as instalações temporárias. As obrigações contratuais previam a liberação de um valor percentual do contrato mediante a apresentação de vários documentos e procedimentos que, em geral e dependendo da complexidade, era algo que demandava tempo, meses talvez.

Para ajudar a complicar a situação que já não estava boa,

Ibrahim tentou uma cartada final à sua conspiração. Disse que havia uma possibilidade de o engenheiro Siegfried não ser o coordenador. Chapman respondeu que, nesse caso, o provável substituto teria de ter um histórico profissional similar ou superior ao de Siegfried e que seria entrevistado por ele pessoalmente para a aceitação formal. Bob resolveu tornar a vida de Ibrahim mais difícil ainda e completou em bom inglês, tendo como intérprete o próprio Nelson:

– Caso demore para resolver

essa situação, de escolha do líder do projeto, e a Atlas não atender aos requisitos técnicos exigidos, tais como o planejamento preliminar e a complementação do plano de projeto, ao qual fiz alguns comentários, vamos nos reservar no direito de cancelar o contrato, uma vez que este ainda não o assinamos, e somente emitimos a carta de intenção, que a qualquer momento podemos invalidar.

O executivo disse tudo isso sem alterar a voz, mas usou um tom firme. Qualquer um compreendia

que ele falava sério e sem bravatas, e quem o conhecia sabia que ele não era do tipo de blefar. Quando falava, fazia. Diante desses argumentos, Ibrahim compreendeu que seu joguinho sujo não daria em nada, pois não havia ninguém naquele momento para ser apresentado ao cliente e, obviamente, José Raimundo não era o mais indicado, sob pena de eles virem a perder o contrato.

Os três retornaram ao Rio de Janeiro. Ibrahim transparecia estar visivelmente incomodado, enquanto

José Raimundo, a todo momento, contava alguma de suas façanhas. Parecia ingenuamente confiante de que tudo caminhava para ele ser o líder da empreitada. Nelson mal se continha de contentamento, mas não deixava sua euforia transparecer, essa era outra característica dele, ninguém jamais descobria o que se passava com ele. Podia estar havendo um terremoto em seu íntimo, mas ele se mantinha como se nada estivesse acontecendo.

Ainda naquela semana, Siegfried recebeu uma ligação de

Cirilo, o qual havia se encarregado de ajudar na busca por alguém capaz para assumir a chefia do empreendimento em Manaus.

– Oi, Siegfried! Conseguiu achar alguém? – perguntou.

– Recebi algumas indicações, estou com vários currícula, mas ninguém realmente com bagagem suficiente para encarar aquela obra. E você? Tem alguma novidade para mim?

– Rapaz! Quem me veio à cabeça foi nosso velho conhecido, o Buda, lembra dele?

– Por onde ele anda? Ele ainda está na ativa? – perguntou Siegfried visivelmente animado diante da expectativa de ter notícias de um velho chefe que tivera no passado.

– Fiquei sabendo que sim, e em plena forma! Apesar de aposentado, ele trabalha como *freelancer*, tem uma empresa que presta consultoria. Ele está na Bahia, em Camaçari, só não sei em que empresa. Um conhecido meu, que também o conhece, viu-o por lá e tem o telefone dele. Você quer?

– Claro! Passe-me! Bem,  
mas deixe eu lhe dizer uma coisa...

– O que foi, diga!

Ontem recebi uma notícia de  
que a Atlas estaria colocando outro  
cara na coordenação da obra, já viu  
isso?

– Sêrio? O que foi que  
houve? – perguntou Cirilo.

– Não sei, o velho Ismail  
está internado com hipertensão e  
crise renal por causa de uma  
desavença com os filhos. Nessa  
confusão, algum cacique aproveitou  
o vácuo da ausência do velho e



resolveu colocar algum apadrinhado. Não sei ainda quem é ou se é alguém de fora da empresa que estaria sendo contratado, ou mesmo de dentro, tudo indica que quem fez a manobra foi o vice-presidente, o Ibrahim.

– Mas que bando de filhos da puta! E Salomon? Não é esse o cara que manda?

– Pois é! Não sei o que houve com ele, talvez, com o problema do pai, tenha lavado as mãos ao que o vice-presidente faz, só pode!

– Bom, então, você quer o telefone do Buda ou deixa para lá?

– Passe-me, nunca se sabe, talvez em outro serviço que eu possa pegar, ou de repente ligo para pedir emprego – e deu uma risada.

– Ok! anote...

Buda, a quem Cirilo se referia, chamava-se Ken Osawa, era um engenheiro de descendência japonesa que no passado havia sido chefe de ambos, quando Siegfried e Cirilo ainda davam os primeiros passos na profissão.

Buda era um dos muitos

apelidos que Osawa ganhara ao longo de sua vida profissional, também já fora chamado de “Touro Sentado”, em alusão ao famoso chefe indígena norte-americano e também de “Samurai”, os famosos guerreiros japoneses da Idade Média daquele país. O título de Buda, no entanto, não era atribuído a qualquer semelhança física das muitas representações do líder espiritual, onde comumente aparecia como uma figura simpática de um homem muito gordo, careca, risonho e sentado na posição de lótus, muito

menos se devia a qualquer tipo de espiritualidade, mas pelo hábito que este cultivou de reunir os seus subordinados em reuniões ou mesmo algum membro de sua equipe individualmente e lhes dar conselhos ou transmitir suas experiências de vida diante de alguma dificuldade. Na verdade, talvez o apelido que mais lhe faria jus seria de “Touro Sentado”, visto ser Osawa muito mais semelhante a um apache feroz do que a um líder zen. Quem o visse, se conhecesse História suficientemente bem,

poderia dizer que ele estaria mais para um guerreiro mongol ou um huno, pois sua aparência física era tal e qual como descrito nos livros de História a respeito daqueles povos ferozes e implacáveis de outrora. Ken Osawa era de estatura baixa, talvez 1,65 m. Tinha o corpo atarracado e robusto, os ombros largos, um pouco desproporcionais. Sua pele era morena, tinha cabelos lisos e escorridos repartidos ao meio. Usava bigode e cavanhaque. Era uma pessoa de poucas palavras, somente dizia o necessário e nas

ocasiões que julgava certas. Tinha uma voz grave que muitos diziam ser de “trovão”, o que lhe conferia ainda mais um ar de autoridade. Era daqueles que inspirava respeito, do tipo que tem resposta para tudo. Traçava planos, estratégias, fornecia e conhecia todos os recursos que seus subordinados lhe pediam, mas também cobrava resultados; não era do tipo de contar vantagem ou se autovangloriar, embora tivesse muito o que contar, mas apenas quem lhe perguntasse. De sua vida pessoal pouco se sabia, era um

homem reservado e quase não falava de si ou de sua família. Não era afeito a festas, bebedeiras em bares e botequins, hábito muito comum às pessoas que trabalham em construções. Era um sujeito austero e sempre o primeiro a chegar na obra, usualmente por volta de cinco e meia da manhã ou seis horas, sendo que o expediente normalmente se iniciava às sete horas. Quase sempre era o último a ir embora. Era do tipo de dar o exemplo, se exigia sacrifícios de sua equipe ele era o primeiro a fazer.

Para a obra que se desenvolveria em Manaus, Ken Osawa era um verdadeiro achado, mas só um fato poderia pesar contra ele: a idade, ele já devia ter cerca de sessenta e cinco anos, e Siegfried se perguntou “como deve estar fisicamente?” Mas ele avaliava que com a experiência toda que o ex-chefe tinha e sua perspicácia, seria alguém de grande valia, bastava ter abaixo de si pessoas com garra e força de vontade para seguir o que Osawa determinasse, o resto seria fácil.

No fim de semana, Ismail



teve alta. A família Armadunian respirou aliviada, embora o estado de saúde dele ainda expirasse cuidados. Ele se manteria em casa por mais uma semana, mesmo assim por várias vezes foi contido por Olávia para que não saísse para trabalhar. Ela, por sinal, fora uma das companhias constantes durante todo seu período de internação e convalescença. A outra, fora Roxane, que passava praticamente o dia inteiro no hospital com a avó.

Decorridos alguns dias da primeira reunião em São Paulo com

o novo cliente, Nelson ligou para Siegfried contando—lhe como fora o encontro e concluindo que ele estaria de volta àquela obra logo, pois Ibrahim não tinha ninguém para pôr em seu lugar, além de ter levado uma “prensa” de Bob Chapman. José Raimundo não possuía a menor condição de estar à frente de algo tão complexo, apesar de que, tanto Ibrahim quanto José Raimundo, ao longo dos dias que se passaram, tentarem por todos os meios procurar gente do ramo no mercado, mas sem sucesso. Em

virtude desses eventos, Nelson pediu a Siegfried que se preparasse o quanto antes, pois os diretores da petroquímica convocariam uma reunião em breve, pedindo explicações sobre vários aspectos em que a obra iria se desenvolver, bem como sobre o plano de trabalho que eles comentaram e a Atlas teria de se adequar.

Siegfried sorriu internamente de satisfação ao ver que toda a trama do vice-presidente e de José Raimundo havia desmoronado, mas, em

compensação, sua vida iria se atribular ainda mais. Rapidamente, ele começou a buscar os recursos humanos de que necessitaria, ou seja, fazer contato com Ken Osawa, que deveria também ajudar na procura pelos cargos intermediários. No mesmo dia conseguiu falar com ele, que, conforme a informação de Cirilo, ainda estava na Bahia. Ele se mostrou surpreso quando Siegfried ligou, pois não se falavam havia muito tempo. Depois de colocarem o assunto em dia, foi-lhe explicado o motivo da ligação. Siegfried fez o

convite para que ele ficasse à frente da obra em Manaus. A proposta salarial e os benefícios seriam enviados por e-mail. Osawa aceitou, condicionado a verificar a proposta. Fez algumas perguntas, tais como viagens periódicas a São Paulo, pois tinha família lá, adicionais, moradia e outros benefícios de praxe, bem como quis saber do que se tratava a obra, e o mais importante, se poderia terminar o serviço que estava envolvido em Camaçari, que já estava em fase de finalização. Somente depois, assumira outro

compromisso, e isso se daria somente em meados de fevereiro. Portanto, ainda tinha dois ou três meses pela frente. Siegfried concordou com tudo. Iria pensar na melhor forma possível de administrar o período que antecederia a apresentação de Osawa, “até lá”, pensou ele, “ eu mesmo terei de assumir a tarefa em Manaus”.

Na semana seguinte com Ismail fora do hospital, mas ainda afastado da empresa, parecia que tudo voltaria ao normal. Salomon

enviou um e-mail a Siegfried convocando-o para uma reunião que haveria na próxima quarta-feira, em Manaus. Solicitou que ele levasse o material solicitado pelo cliente. Siegfried sabia bem que uma vez retornando ao comando da obra, as pressões sobre ele seriam imensas.

Com a internação de Ismail e o temor pela sua saúde, acorreram ao hospital e posteriormente à sua residência muitos amigos, conhecidos e parentes. O irmão de Ismail, Simon, que vivia em São Paulo e que quase não ia ao Rio de

Janeiro, foi até lá com filhos e netos, e parte da família ficou hospedada na casa de Ismail, Salomon e Leon. Não ficaram mais do que dois dias, exceto duas netas adolescentes, filhas de Larissa e Mariana, respectivamente, ambas sobrinhas de Ismail e filhas de Simon. Com a hospitalidade costumeira de Leon, resolveram passar alguns dias a mais e escolheram Roxane como anfitriã, que as levavam para todos os lugares interessantes do Rio de Janeiro, principalmente ao



*shoppings*. Foram duas semanas em que as primas de Roxane a seguiram como se fossem sombra. E como todas adolescentes, queriam arranjar alguns paqueras cariocas. Roxane estava em época de provas, por um ou mais dias as despachou para a casa da prima Samara.

Apesar de toda a agitação dos eventos que se sucediam, Roxane vivia momentos de extrema felicidade, cantarolava, ria com frequência e parecia estar de bem com o mundo. De fato, corriqueiramente sua vida parecia

ser sempre cor de rosa, mas transparecia haver algo a mais, e esse estado de felicidade era notado por todos ao seu redor. A opinião unânime era apenas uma: ela estava apaixonada. O que dava margens a muitas especulações. Quem seria o felizardo?

As primas de São Paulo, que a acompanhavam por onde quer que ela fosse, estavam perto nas vezes em que Siegfried ligou para ela durante o dia. Notaram que até mudava de fisionomia quando “um estranho misterioso” ligava. Ela se

afastava dos demais e uma alegria contagiante tomava conta de seu semblante, o que fez as duas adolescentes se perguntarem o que estaria se passando, e quem podia ser o “tal” que provocava tudo aquilo. Não tardou para que ambas comesçassem a dizer aos outros primos que Roxane estava namorando, o que suscitou muitos comentários dos irmãos, dos outros primos, de Leon, que ficou curioso, e de Laura. Roxane, no entanto, negava solenemente qualquer tipo de envolvimento amoroso com

algum homem, o que levou os pais a despertarem a suspeita de que devia se tratar de alguma pessoa casada ou comprometida. Nos dias seguintes, Roxane foi duramente inquirida pelo pai a respeito, o que causou muitas brigas e discussões em família, “não era possível que ela não tivesse ninguém”, diziam os familiares. Como explicava o motivo de toda noite se trancar no quarto e ficar até altas horas ao telefone, rindo, falando... “é com amigos”, ela dizia. Antes de conhecer Siegfried, no período em

que tinha seus “casinhos” via net, ela saía com a prima Maria Alice ou com os colegas da faculdade. Iam ao Baixo Gávea e uma ou outra festinha promovida pelos próprios universitários. Apesar de se manter discreta e reservada, ela era muito notada. No entanto, naquele período, suas saídas se tornaram raras, ficara mais caseira, ocasionalmente saía com os pais para jantar fora, uma prática que Leon adorava, ou ainda ia na companhia deles a seminários e convenções organizadas pelo pai, pois este era um fervoroso militante

da causa médica e, naquele momento, estava como suplente de senador depois das eleições de outubro de 2002, com possibilidade de assumir o cargo em razão de o titular estar sendo sondado para ser ministro do novo governo que assumiria em janeiro de 2003.

Nesses eventos não eram poucos os que tentavam se aproximar dela.

Tanto Leon, quanto os irmãos, tornavam-se uma muralha entre ela e seus pretendentes. Uma jovem bonita, culta e bem-nascida era sempre alvo de investidas de

colegas da universidade, amigos dos irmãos e outros desconhecidos, aliado ao fato de que ninguém sabia se ela tinha alguém ou não, pois nunca fora vista em público com nenhum homem. O boato que corria era que sua possível paixão estava longe, distante, provavelmente no exterior, o que de certa forma era verdadeiro. Tudo isso era apenas especulações que corriam a respeito dela; as suspeitas recaíam sobre Frederico, apesar de estar afastado, ele ainda ocupava um lugar no coração dela, ainda que de certa

forma adormecido. Com toda a nuvem de dúvidas e desconfianças que pairavam sobre Roxane, ela optou por adotar um comportamento mais discreto. Laura ficou desconfiada se não era o sujeito de Belo Horizonte que ela havia conhecido na internet, conforme a versão dela, ou seria o retorno do famigerado Frederico? Ou quem sabe Ernesto? Em todo o caso, a mãe resolveu ter uma conversa séria com a filha, antes que acontecimentos desagradáveis pudessem desencadear uma crise



familiar.

\*\*\*

Nos dias que antecederam a reunião marcada para acontecer em Manaus, Siegfried trabalhou com afinco para revisar o plano de projeto e atender aos comentários do cliente. A fim de ganhar tempo, viajou para Manaus no domingo, três dias antes da reunião marcada com a petroquímica, pois pretendia tomar as primeiras ações para começar bem o projeto.

Na quarta-feira, conforme agendado, aconteceu a reunião entre a Atlas, representada por Salomon, Sofia, Nelson e Siegfried e do lado da petroquímica os mesmos representantes que estavam presentes na reunião anterior, ocorrida em São Paulo. Como esperado, Siegfried apresentou o que foi solicitado, obedecendo às especificações do cliente, que apenas folheou os relatórios. Bob Chapman disse que analisaria em conjunto com sua equipe e, posteriormente, dariam um retorno.

Diante dessa declaração, Siegfried respirou aliviado, porque poderia se transformar no principal ponto de divergência na reunião e criar um tremendo mal-estar inicial e não só isso, sua reputação como gerente do projeto ou “project manager”, como o cliente se referia, também poderia sofrer um golpe. Ele tinha muito a agradecer a Bob, com quem estabeleceu um vínculo amigável, poi este o via com bons olhos. Tinha ficado irado com a Atlas na primeira reunião de trabalho, onde praticamente ficara sem respostas

aos muitos questionamentos que fizera. A reunião transcorreu em clima bem mais ameno do que a primeira, o que, posteriormente, seria comentado por Nelson a Sofia e Salomon, mas na ausência de Siegfried cuja presença inspirava confiança no cliente. Apesar do clima amigável, o pessoal da petroquímica exigiu duramente uma pronta mobilização, explicando suas razões. Como estava em jogo uma parcela significativa de verba referente à primeira etapa, Siegfried se viu na obrigação de permanecer

em Manaus para cuidar pessoalmente do assunto. Uma vez que era com essa parcela que a Atlas contava para saldar parte do décimo terceiro salário de dezembro de muitos de seus funcionários. Seria a salvação da lavoura.

À noite, no hotel em Manaus, Salomon, Sofia e Nelson, em companhia de Siegfried, fizeram uma reunião de alinhamento para avaliar a situação diante das determinações a serem realizadas em face ao que o cliente solicitara. Siegfried havia chegado a Manaus

no domingo, portanto, três dias antes da reunião com a petroquímica, para adiantar as decisões a serem tomadas. Salomon, como sempre, do alto de seu pedantismo, questionou duramente Siegfried sobre as providências urgentes que se faziam tomar . Ele, por sua vez, não se intimidou e mostrou que muitas das solicitações haviam sido feitas e as medidas cabíveis já estavam em andamento, pois ele se adiantara em executá-las quando estava em Minas, pois eram ações de praxe para se mobilizar um

empreendimento. Uma semana antes, ele contatou vários fornecedores e as ações necessárias estavam em curso. Siegfried deixou claro para todos, principalmente para Salomon, que seria necessário que a Atlas agisse de forma mais rápida. Isso significava que administrativamente a matriz teria de se adequar aos novos tempos, ou seja, ganhar mais agilidade. Como sempre, Salomon reagiu mal às críticas, mesmo que eram benéficas. Outro ponto de atrito entre os dois se deu quando Salomon quis saber

quem seria o gerente do “site”, ou seja, o chefe da obra local. Siegfried mostrou o curriculum de Ken Osawa e adiantou que Bob Chapman já o tinha aprovado. Apesar de se tratar de um profissional altamente preparado para exercer a função, Salomon foi contra por causa da idade de Ken. Seguiu-se uma discussão áspera entre os dois, uma vez que Salomon insistia em impor o nome de José Raimundo como responsável local do empreendimento. Na ocasião, Sofia, ao ver que o duelo verbal entre os



dois poderia irromper em algo mais sério, tomou a palavra e defendeu a posição de Siegfried, ameaçando levar o assunto ao pai, que, com toda certeza, se inclinaria pela posição de Siegfried. Bastante irritado, Salomon acabou por deixar passar. No fundo, ficou “mordido” por não ter sido consultado antes, mas Siegfried argumentou que não houvera tempo, pois a doença de Ismail absorveu a atenção de todos da família e Bob Chapman tinha pressa. Siegfried deixou clara sua posição: sendo ele o gerente do

projeto a responsabilidade total caberia a ele, portanto, as cobranças seriam feitas em cima dele. Sem liberdade para escolher sua equipe, ele declinaria de ficar à frente da obra. Salomon calou-se por um instante, ficaria a postos para dar o troco em uma oportunidade futura.

Depois do término da conversa, Nelson, a pretexto de dar uma relaxada, chamou Siegfried para tomar uma cerveja no restaurante do hotel onde estavam hospedados. No fundo, queria ter uma conversa mais reservada com

Siegfried. Aproveitou para adverti-lo sobre José Raimundo:

– Fique esperto com esse cara! Resista o quanto puder, não permita que ele seja o engenheiro residente, pois depois dessa derrota, pode ser que digam que ele ficará subordinado a você. Já escutei esse “papo”. Se ele tiver uma chance, vai sentar na sua cadeira! Ele já fez isso outras vezes! Com toda certeza, ele vai se reportar direto à diretoria, independente de você. É só aparecer uma oportunidade, e, com o passar do tempo, ele vai convencer

Salomon ou Ibrahim que sua presença não é mais necessária, portanto, cuidado!

Siegfried respondeu que não tinha dúvidas que se ele desse abertura José Raimundo aprontaria. E ele não queria ter desgastes desta natureza, o empreendimento em si tinha toda a sorte de problemas a ser resolvido e não queria ter mais um. Caso a diretoria preterisse Osawa, ele “jogaria a toalha” e ficaria de fora. Por sua vez, Nelson o aconselhou a abrir o jogo com Ismail, pois, com toda certeza, este

acataria sua decisão. Ainda lhe contou que a reputação que tinha perante Ismail era muito boa. Siegfried aproveitou a “deixa” para saber como estava a criação da diretoria de óleo e gás, já que fora por esse motivo que ele fora contratado. No entanto, usando de franqueza, Nelson respondeu que soube do intento de se criar uma nova diretoria, mas o assunto não foi para a frente. A conversa entre ambos foi longa e, pela primeira vez, desde que Siegfried entrou na Atlas, pôde conversar com alguém

de dentro da empresa de forma franca. Acabou por simpatizar com Nelson, tido por todos como o marido da diretora, e também como o corno manso. Siegfried, no entanto, percebeu que ele era um profissional de extrema competência, mas perdido na família Armadunian, e que mantinha um casamento de conveniência, que, para se vingar, ou se resguardar, vez por outra vendia informações privilegiadas a concorrentes e, secretamente, acumulava uma soma de dinheiro

considerável. Nelson começou tomando algumas latinhas de cerveja e acabou tomando uísque. Um tanto quanto “alto”, confessou que ele não tinha noção como era difícil conviver com os membros da família Armadunian. Siegfried compreendeu perfeitamente o drama que ele deveria enfrentar, pois se tratava de um profissional capaz, que tinha acima de si uma mulher dominadora, e, por vezes, fútil, egocêntrica, cheia de vontades e de temperamento difícil. Na Atlas, ele nunca passaria de sua atual posição,

“se o Nelson fosse mais corajoso, ele deixaria a empresa e se relocaria no mercado facilmente, e com possibilidade de um maior crescimento profissional”, pensou Siegfried. Contudo, em vez disso, ele preferia viver à sombra da mulher e passar por situações vexatórias. Sofia já pensara em se separar de Nelson por várias vezes, ela até gostava dele, porém mais como amigo do que como esposo. Contudo, Ismail, como chefe de família tradicional e zeloso, não aceitaria facilmente uma separação



na sua família. Não havia dúvidas de que Nelson era um pai amoroso e dedicado aos filhos do casal, e esse fato também pesava. Era um homem trabalhador e profissional, portanto, sob o ponto de vista dela, era melhor manter as aparências e vez por outra dar uma “escapada”. Marido ela tinha, e não queria outro para substituí-lo, mas seu instinto predador fazia com que fosse levada a viver intensas e rápidas paixões. Roxane parece ter herdado essa característica da tia.

Ainda na conversa mantida

entre Nelson e Siegfried, este chegou a confessar que pensava seriamente em deixar a Atlas.

Nelson respondeu que tivesse mais paciência, que com o tempo tudo se resolveria. Ismail já confessara a muitas pessoas na Atlas que o via com bons olhos, no entanto, Siegfried refutou, questionando por que Salomon o tratava com extrema aspereza.

– Ora! – respondeu Nelson. – Por puro despeito e ciúmes! Salomon não gosta de dividir espaço com ninguém. Ele quer o estrelato

só para ele, você faz sombra para ele, ele quer ser sempre o sol.

Siegfried calou-se por um instante e, em seguida, mudou o rumo da conversa, insistindo em saber sobre a real situação financeira da Atlas, que não parecia boa, com altos e baixos. Nelson confirmou que realmente a empresa passava por turbulências, mas ele tinha confiança de que Ismail se sairia de mais uma dessas. Ele também não confiava em Salomon, mas o “velho”, com as amizades que tinha e a rede de influência política

de que dispunha, daria a volta por cima. Para ele, os problemas da Atlas se agravariam quando Ismail deixasse a presidência da Atlas para Salomo. Aí sim, haveria perigo. Nelson acreditava que se um dia tal fato acontecesse, provavelmente a Atlas se esfacelasse, pois, com toda certeza, Sofia, Salomon e Maysa por vaidade e poder dividiriam a empresa.

Durante a conversa, o celular de Siegfried tocou inúmeras vezes. Era Roxane. Ele não a atendeu, apenas viu o número e se manteve

calado, disfarçando e mantendo o diálogo com Nelson. Pensou em desligar o aparelho, mas acabou por não fazê-lo. Na quinta tentativa, ele atendeu, um tanto quanto nervoso, e lhe disse apenas que ligaria mais tarde, que estava em uma reunião. Roxane, do outro lado, compreendeu que alguma coisa devia estar acontecendo, pois ele fora bem seco com ela. Nelson, já sofrendo os efeitos da bebida, quis saber quem era e se por acaso se tratava de alguma mulher. Siegfried assentiu e disse que era uma garota de Belo

Horizonte. Por pouco não disse a verdade, pois acompanhava Nelson na bebida e esta também já começava a fazer efeito.

Já passava da meia-noite quando ambos resolveram dormir. No dia seguinte, Siegfried tinha muita coisa a fazer. Nelson se comprometeu a ajudá-lo no que fosse possível dentro da sede da Atlas, a fim de que seus pedidos de compras e mobilização fossem atendidos com mais presteza. Mesmo tendo Siegfried uma posição de alta gerência dentro da

Organização muita coisa se resolveria por influência e amizades em vários setores da Companhia, algo que Siegfried só tinha parcialmente. Nisso, Nelson podia interceder. Siegfried deixou claro que com aquela lentidão administrativa que a Atlas possuía, era praticamente impossível entregar a obra dentro do prazo previsto, pois toda a área de compras ficava no Rio de Janeiro, na sede da empresa, que fazia as aquisições para todas as obras do país. Siegfried tentava convencer a

diretoria que, devido ao porte da obra, haveria a necessidade de ter um setor de compras específico para ele, e que era preferível que ficasse em Manaus, pois muita coisa poderia ser adquirida no mercado local. Isso se estendia também à locação de equipamentos e ferramental. A morosidade a qual Siegfried criticava era o principal ponto de discórdia entre ele e os diretores.

No dia seguinte, Sofia, Salomon e Nelson voltaram ao Rio de Janeiro. Siegfried ficou para dar



prosseguimento à mobilização de recursos. Seria uma tarefa árdua, uma vez que queria ter Osawa à frente. Como não seria possível em um primeiro momento, ele próprio tomou a tarefa inicial de dar início ao empreendimento e prosseguir até que o velho “samurai” estivesse disponível.

A semana foi muito corrida. No dia seguinte, Roxane quis saber por qual motivo ele não a atendera. Siegfried explicou a situação, depois falaram do tão esperado encontro entre eles, que se daria no

fim do ano. Ele se lembrou de que até aquele momento, ainda não tinha feito reservas de hotel em Búzios. Ela, por sua vez, irritou-se pelo desleixo dele, porque, àquela altura, seria difícil encontrar algum lugar. Ele replicou que mal tinha tempo de respirar, tamanha eram as tarefas do dia a dia. Por fim, ela mesmo tomou a tarefa para si e se prontificou a achar um lugar em que ele poderia se hospedar para se encontrarem.

## **O Esperado Encontro com Odalisca**

O mês de dezembro ia se esvaindo tal qual areia em uma ampulheta. Os dias, para Siegfried, passavam com rapidez espantosa. Era um período em que ele dormia pouco e fazia as refeições às pressas. Mal podia esperar o réveillon chegar para o grande

momento que tanto ansiava: o encontro mágico com sua amada, que agora tomava contornos de um romance épico.

Fora o trabalho intelectual e intenso que vinha desenvolvendo, o calor e a humidade da Amazônia, incomodavam-no bastante, pois se acostumara ao clima ameno de Belo Horizonte. Siegfried se mudara para um *flat* relativamente confortável por ser mais prático, fazia suas refeições nas dependências do hotel, que também recebia hóspedes para estadas curtas, provavelmente, ele

ficaria morando ali por dois meses ou pouco mais, até que Osawa estivesse disponível e assumisse o comando da empreitada.

A Atlas havia lhe arrumado um gerente administrativo natural da cidade de Manaus. Melhor assim, pois, além de conhecer o lugar, ele era familiarizado com o ambiente, com a cidade e com as pessoas locais, muitos até influentes, que constantemente lhe “quebravam o galho”. Seu nome era Olegário. Tinha cerca de quarenta anos, era baixo, um pouco gordo, tinha a

fisionomia mestiça, indígena, típica da região. O rosto era largo e os cabelos lisos, pretos e escorridos. Tinha bigode. Ao conversar com Siegfried, inicialmente lhe causou uma boa impressão, embora intelectualmente fosse mediano, ele compensava a suposta deficiência com muito esforço e empenho. Era do tipo bem mandado, ao contrário de Isaque, fofoqueiro e leva-e-traz, que tinha função correspondente na obra de Betim. Ao receber alguma ordem dele ou recomendação, procurava atender com a maior

presteza possível. Ele era bem experiente e trabalhara quase exclusivamente dentro da refinaria de Manaus nas mais diversas empresas. Atendia ao chamado sempre dizendo: “sim, meu chefe! É para já, meu chefe! Pode deixar comigo, meu chefe!”. E Sieg podia deixar mesmo, porque ele resolvia.

Foi contratado um engenheiro da região para que cuidasse das instalações temporárias e da implantação preliminar e respondesse pela Atlas na área durante a ausência de Siegfried, que

se daria em torno do dia vinte daquele mês, uma vez que, concomitantemente, vários outros assuntos dependiam dele em outros locais. Além das atividades que se desenvolviam em Manaus, o planejamento da obra estava sendo executado em São Paulo, nas dependências do escritório administrativo da petroquímica, por um engenheiro e uma pequena equipe ainda, o qual foi indicado por Ken Osawa. Ou mal ou bem, as coisas estavam seguindo o seu curso.



Em conversa com Roxane sobre os festejos de fim de ano, ela lhe contou que tradicionalmente toda a família festejava a noite de Natal na mansão do avô, no Jardim Botânico, mas que naquele ano a confraternização seria em Itaipava, com o intuito de somente fazer algo mais reservado e íntimo, pois no Rio de Janeiro compareciam, além da família, muita gente de “fora”, estranhos e mesmo alguns que se autoconvidavam, intitulando-se como “amigos”.

Conforme acordado entre

ambos, ela ficou de procurar um local para que ele se hospedasse no réveillon. Ela fez uma busca em vários sites de hotéis e pousadas em Búzios, na região dos Lagos, no estado do Rio de Janeiro. Ligava, pegava preço e condições. Por se tratar de fim de ano, havia poucas opções de vagas. As reservas nos hotéis estavam quase esgotadas e os preços altíssimos. As condições eram em pacotes, ou seja, só vendiam para quem se dispusesse a ficar durante o período correspondente do Natal ao Ano-

Novo, ou bancar todos esses dias, independente se fosse ficar ou não. Ela olhou vários sites de hotéis, pousadas e *resorts* e enviou todas as informações para que Siegfried pudesse ver e escolher o que melhor lhe conviesse.

Roxane e a família passariam os festejos de Ano-Novo em uma mansão situada em Geribá, o mais badalado bairro do balneário. Siegfried, por sorte, conseguiu uma vaga em um hotel mais afastado de Geribá, confortável, discreto e de bom nível, localizado no bairro de

Praia Rasa, na entrada da cidade. A escolha se deu principalmente para evitar o risco de encontrar algum membro da família de Roxane e permitir que o encontro deles pudesse acontecer sem maiores problemas, longe da agitação que toma conta da cidade naquela época do ano.

Siegfried tentou convencer a coordenação da petroquímica em fechar o canteiro de obras no período compreendido entre o Natal e o Ano-Novo, a exemplo de muitas outras obras que agiam dessa

maneira. Dessa forma, ele poderia viajar sem problemas antes do período de festas e retornar no primeiro dia útil de janeiro, porém, a fiscalização argumentou que era inaceitável, pois muita coisa teria de ser providenciada. Assim, não restou a Siegfried outro jeito se não em obedecer ao cliente, que sempre tinha razão. A alternativa que ele encontrou foi ir no Natal, retornar em seguida e viajar de novo para a passagem do ano. No dia vinte de dezembro, Siegfried saiu de Manaus com destino a Belo Horizonte, em

Betim, na refinaria, onde ia se reunir com a fiscalização local, participar das comemorações de fim de ano com a equipe e verificar o desempenho da obra. Felizmente, o relatório preliminar apresentava um balanço levemente positivo. Siegfried chegou a tempo de participar das discussões finais sobre a apresentação do relatório que continha todas as informações relevantes no tocante ao andamento dos serviços, gráficos das curvas, das fotos ilustrativas e demais informações pertinentes, pois, como

de praxe, a diretoria da Atlas poderia sabatiná-lo a respeito. Otávio, por ser agora o gerente local subordinado a Siegfried, também participaria da mesma reunião na sede da empresa. Por estarem às vésperas do Natal, o clima na obra era bom. Siegfried agradeceu a Deus pelo fato de que o décimo terceiro salário do pessoal ter sido pago, pois ele e os demais funcionários administrativos da Atlas somente haviam recebido uma pequena parcela. Segundo informações que lhe foram dadas, o restante sairia

em janeiro.

A reunião entre diretores e gerentes da Atlas foi marcada para o dia 23. Ele aproveitou para passar na obra de Niterói no dia 22. Ao chegar ao aeroporto do Rio de Janeiro, alugou um carro para melhor se locomover na cidade. Naquele mesmo dia havia agendado um churrasco de fim de ano pelo bom andamento dos serviços que se desenvolviam, e também uma reunião com o cliente. A obra estava dando bons resultados, a exemplo da anterior e, segundo os números,



estava sendo um sucesso. O relatório de desempenho do mês era animador. Se tudo corresse como esperado, ele e toda a sua supervisão teriam direito a um prêmio, que, segundo se calculou, seria algo em torno de três salários para cada um, a exemplo do que acontecera com a plataforma de perfuração. Uma coisa, porém, incomodava-o, todos, exceto ele, receberam o bônus, “será que a Atlas vai manter o compromisso de pé desta vez?”, Siegfried perguntou-se. O dia foi corrido, entremeado por diversas

ligações de Roxane. Ela se mostrava superfeliz, e motivos para sua alegria não faltavam. Havia passado nos exames de fim de ano, Ismail se restabelecia bem e, naquele momento, ela e a avó se ocupavam com os preparativos da ceia de Natal, bem como da decoração natalina do casarão e dos jardins ao redor. De Niterói ele se dirigiu ao seu apartamento na Barra da Tijuca, onde passaria a noite. No dia seguinte, tinha reunião marcada na sede da empresa em Botafogo.

Ao chegar, ainda era bem

cedo, em torno de oito horas da manhã; ele estava devidamente trajado, pois, pelas normas internas da Companhia , gerentes, coordenadores de obra e diretores, quando em serviço na sede, obrigatoriamente deviam se apresentar de terno. O expediente ainda não começara, mas ele queria aproveitar o tempo, antes do início da reunião que se daria às dez horas, para passar em outros departamentos da Atlas e talvez trocar alguma ideia com Nelson sobre as propostas que estavam em

andamento, e, o mais importante, cobrar o pagamento do seu prêmio ainda pendente referente ao primeiro contrato de reparo da plataforma de perfuração, pois isso fora um compromisso firmado entre ele e a empresa por ocasião de sua admissão. Constatou que as dependências da empresa ainda estavam vazias, exceto um ou outro funcionário e dona Zulmira, sua secretária. Ambos aproveitaram para pôr alguns assuntos em dia, e ela o fez saber que o clima na empresa não era dos melhores.

Pairava no ar algo sombrio e pesado, contrastando com a época natalina. Dizia-se que haveriam demissões e enxugamento. Dona Zulmira o fez saber que a boataria que corria dizia que financeiramente a Atlas estava com problemas, que não havia previsão de se pagar a parcela restante do décimo terceiro e que o salário de dezembro iria atrasar também, e, talvez se pago, somente uma parte. “Nada animador”, ele pensou, “melhor teria sido ter ficado em Manaus para dar prosseguimento aos serviços”.

Siegfried procurou o pessoal de compras, inteirou-se sobre alguns processos, pediu explicações sobre atrasos de fornecimentos, previsão de entrega e outros assuntos. Soube que o atraso nas aquisições se devia à diretoria financeira, que travara tudo. “Mais essa agora”, pensou. Em seguida, procurou o então diretor administrativo, Rui Vilela, para saber o que estava acontecendo e verificar uma pendência antiga: o pagamento da bonificação relativa aos serviços plataforma de perfuração que havia terminado

fazia tempo e apenas ele não tinha recebido. O diretor, ao ser interpelado, respondeu:

– isso não é mais comigo, engenheiro Siegfried. Graças a Deus! Quem trata desse assunto agora é outro diretor, o doutor Lázaro Arkassian. Ele fica no andar de cima – respondeu secamente e um tanto quanto ríspido, ocupando-se de seus afazeres.

Siegfried subiu e se dirigiu à sala indicada, agora ocupada pelo mais novo diretor da Atlas, que, no momento, respondia pelas finanças

da empresa. Ele se fez anunciar pela secretária e foi recebido. Ambos se apresentaram. Viu-se diante de um homem de estatura baixa, magro, cabelos curtos e bem brancos e olhos azuis. Usava óculos e na ocasião trajava um terno cinza, uma camisa branca e uma gravata negra. Tinha aspecto de um monge ou asceta; falava baixo e calmamente. Nunca se ouvira dizer que levantou a voz com alguém, mas diziam ser firme e possuidor de uma férrea força de vontade. Era perspicaz, arguto, daqueles que veem longe e



além das aparências; também possuía a fama de ter tirado muita empresa do buraco. Era o tipo de pessoa que transmitia austeridade e confiança, possuía hábitos espartanos. Não fumava nem bebia, e sua única diversão eram os netos e ler pela internet os principais jornais financeiros do mundo. Parecia ser do tipo disciplinador. O encontro entre ambos foi cordial. Desculpou-se pelo pouco tempo de que dispunha para uma conversa mais longa, pois a reunião estava para começar, mas pediu a Siegfried

que lhe explicasse brevemente do que se tratava. No tocante às compras, Lázaro lhe explicou que a Atlas estava adotando um controle mais rígido, que não era somente as suas obras que estavam sendo atingidas, mas o grupo inteiro. Explicou-lhe que sentia muito, mas era o que deveria ser feito em um momento de crise como aquele que atravessavam. Quanto ao prêmio a que tinha direito, ele justificou desconhecer, já que Rui Vilela não havia lhe exposto nada sobre o assunto. Lázaro se prontificou a

verificar, mas adiantou que seria necessário uma reunião pessoal com Salomon para resolverem o problema. Siegfried franziu a testa, pois compreendeu que não seria nada fácil, o pior seria se sua equipe não recebesse o prêmio a que fazia jus pelos serviços que estavam em andamento. Siegfried compreendeu que não havia muito o que discutir sobre aquele problema, mas ficou bastante aborrecido pelo atraso nas compras, pois causariam sérios prejuízos aos empreendimentos, “antes não compravam porque o

departamento era lento, agora querem comprar e um diretor resolve apurar tudo, ora! Quando esse caos terá fim?”, pensou, com bastante irritação..

O que Lázaro e sua equipe estavam fazendo era uma auditoria velada no setor de compras. Já havia indícios fortes de muitas fraudes, mas ele mantinha o assunto em sigilo.

Às dez e meia da manhã a reunião teve início. Foi presidida por Ibrahim, que ocupava a presidência interina da Atlas, e por

Salomon, que verdadeiramente tinha as rédeas da empresa e era quem dava as cartas. Com intervalos para alguns cafezinhos, estendeu-se até catorze horas. Chamou a atenção o posicionamento dos participantes na mesa de reunião, José Raimundo se postou ao lado de Ibrahim e de outros diretores, mandando um recado claro a todos de que ele desfrutava de algum prestígio na empresa. A assessoria de Salomon preparou uma mesa com café, água mineral, sucos e biscoitos para os intervalos que aconteceriam durante

a exposição dos temas. A tônica da reunião foi que todos deveriam dar o melhor de si para atravessarem aquele momento delicado pelo qual estavam passando. Lázaro foi apresentado a todos os participantes como novo diretor financeiro e deu o seu recado, explicando o porquê de sua chegada, contudo, o motivo real, só ele e Ismail sabiam. Ele ainda apresentou por meio de transparências um plano de ação para a recuperação da empresa e os pontos fracos a serem combatidos, e ressaltou muito da importância de

um gerenciamento austero e com metas rígidas a serem alcançadas.

Entre um intervalo e outro, era visível o descontentamento dos gerentes presentes ao encontro. Novamente, chamou a atenção a pretensa aproximação entre José Raimundo, o vice-presidente e os demais diretores. Ele fazia questão de se manter à parte dos colegas que tinham o mesmo cargo que ele, ficando sempre ao redor daqueles que pertenciam à cúpula da empresa. Siegfried, acompanhado de Otávio, conhecia alguns gerentes

superficialmente, conhecimento esse de reuniões anteriores, pois cada um cuidava de seu respectivo empreendimento em algum ponto do país. Portanto, somente em ocasiões como aquela era possível encontrar todos ou quase todos. Uma semana antes, a Atlas já havia reunido alguns funcionários que prestavam serviços na sede em um almoço de confraternização de Natal, porém nem todos puderam estar presentes, como Siegfried, que estava muito distante e afogado nas mais diversas tarefas. Aqui e ali



havam as mais diversas queixas, a maioria passava pelos mesmos problemas que ele. Muitos reclamavam veladamente entre si, que não era justo fazerem sacrifício sem verem luz no fim do túnel. Um deles, chamado Cristiano, foi comentar com Siegfried que a obra dele ficara sem poder pagar os funcionários por duas vezes e, em decorrência, passara por paralisações.

– Já aconteceu com você? – perguntou.

– Quase! Não fosse o cliente

que temos, considerado estratégico para a empresa, e que faz cumprir as obrigações, certamente teríamos tido problemas.

– Você que é feliz – replicou Cristiano.

– Acha mesmo? – perguntou Siegfried sorrindo. E completou: – Diga para ele, Otávio, como é a nossa vida em Betim.

Otávio sorriu e completou:

– Você não tem noção das exigências as quais nos obrigam a atender.

– Eu imagino – completou

Cristiano. – Acho que todos nós estamos ferrados. O mercado está ficando aquecido e vou começar a mandar curriculum, sabe Deus para onde vai esta empresa, ainda mais com o velho doente (ele se referia a Ismail).

Siegfried assentiu com a cabeça. Nisso, outros gerentes se juntaram aos três e aproveitaram para tecer comentários sobre a fase pela qual estavam passando e cujo futuro parecia incerto. Muitos não simpatizavam com Salomon, que tinha atitudes quase sempre

pedantes. Isso contribuía mais ainda para o descontentamento geral. A lamentação pelo afastamento de Ismail era unânime. Muitos diziam que ele estava doente por causa dos filhos. No fundo, eles tinham razão. O desânimo parecia estar contagiando todo o grupo. De forma geral, eles diziam ser complicado fazer sacrifícios e apertar o cinto com pagamentos atrasados. “Por quanto tempo a empresa estaria mergulhada em crise? E quem podia garantir se tinha saída?”, perguntavam.

Depois da reunião, Siegfried e os outros gerentes entregaram os respectivos relatórios de desempenho à assessoria de Salomon. Estes seriam lidos e esmiuçados e, posteriormente, todos seriam convocados para esclarecer um ou outro ponto duvidoso. Depois disso, todos saíram para almoçar, sendo que muitos dali mesmo resolveram não mais voltar, pois o expediente se encerraria em breve e também por ser a ante-véspera de Natal.

Ele e Nelson almoçaram

rapidamente, pois tinham seus afazeres. Siegfried agora se concentrava em sair, comprar algumas lembranças para seus familiares e viajar para a casa dos pais no interior do estado, se bem que ele já levava alguma coisa de Manaus. Ainda no mesmo dia, com *shoppings* e lojas lotadas por causa dos que sempre compram os presentes na última hora, já bem tarde da noite ele conseguiu chegar ao seu apartamento depois de muito tormento. Havia passado em Copacabana, em uma mega loja de

discos, onde conseguiu uma coletânea de CDs do festival de Woodstock. Esse seria um dos presentes de Roxane, que ele esperava entregar no encontro entre ambos em Búzios. Era uma surpresa que reservou, algo que verdadeiramente ela ia amar, pois estavam todos os ídolos musicais dela que participaram em um evento emblemático. Na conversa noturna com Roxane, ele omitiu o presente. Conversaram por cerca de meia hora e Siegfried, exausto, dormiu em seguida. No dia seguinte, 24 de

dezembro bem cedo, ele pegou a estrada para passar a noite de Natal com os familiares. Seu retorno estava previsto para o dia seguinte, dia 25, pois dia 26 ele esperava estar de volta ao batente. Tentaria sair de Manaus no dia 29, no primeiro voo com destino ao Rio de Janeiro, pois as estradas para a região dos Lagos costumavam ficar entupidas de carros em datas assim. Para desgosto dos pais, ele ficaria menos de um dia em companhia deles. Eles perguntaram o porquê de toda aquela pressa e a razão de sua



ausência no fim de ano na casa deles. Siegfried explicou o motivo: muito trabalho e sua nova namorada, porém omitiu alguns detalhes sobre ela, ou seja, a família a qual ela pertencia e as possíveis consequências desse fato. Ainda no dia 24, Siegfried e Roxane se falaram várias vezes ao dia. Entre um intervalo e outro com ela, ele ligou para alguns amigos para felicitar pelo Natal. Entre eles, para seu companheiro de muitas jornadas e infortúnios, Carlos José.

Cazé lhe disse que saíra da

Bahia na quinta-feira, dia 22 de dezembro.

– Sabe como é, né, meu amigo, descer para Santos em véspera de feriado é pagar os pecados – disse para Siegfried ao telefone.

Completoou contando que ficaria por uma semana inteira. Somente voltaria à Bahia no dia 2 de janeiro, mas que todos aqueles dias de folga foram devidamente compensados durante os meses anteriores. Siegfried, com muito pesar, lhe contou que voltaria logo

após o Natal e retornaria no Ano-Novo. Depois de muita conversa, ele manifestou estar muito preocupado com a situação financeira da Atlas. Cazé despejou todas os adjetivos depreciativos sobre o seu gerente e a conversa tomou outro rumo. Ele revelou alguns detalhes sobre a paixão que estava vivenciando. Siegfried, como sempre cauteloso, pediu-lhe que fosse prudente e questionou se realmente valeria a pena largar a esposa e os filhos para se aventurar com outra mulher com filhos de outro. Ele, no entanto,

escaldado por Silvana, disse que ia deixar a coisa rolar até ver no que daria, que desta vez não tinha nenhum plano.

– Vivo o dia de hoje – disse.  
– E você? Já arrumou alguma namorada em Manaus?

– Cara, não sei como lhe contar...

– Fale, conte! – pediu Cazé.  
Siegfried então lhe revelou quem era a pessoa com quem ele estava se relacionando e lhe pediu para manter segredo. O Cazé, extremamente surpreso, perguntou

como havia acontecido e Siegfried, resumidamente, deu os detalhes e aproveitou para falar dela ao amigo com entusiasmo.

– Apesar da pouca idade, ela é mais adulta que muita mulher que conheci, discute qualquer assunto e temos muita coisa em comum – ele explicou. Você sabe que ela curte música do anos 60 e 70? Bossa-Nova, Beatles, Janis Joplin, Hendrix, Pink Floyd... e conhece em detalhes todos os acontecimentos daquela época...

Cazé, muito admirado,

escutou tudo e não arriscou dar qualquer palpite.

Siegfried encerrou a conversa dizendo que de um modo ou de outro, se aquilo tivesse algum futuro, pediria o afastamento da empresa do avô dela. Cázé apenas fez um comentário breve:

– Uma questão complicada, essa em que você se meteu!

A semana entre o Natal e o Ano-Novo passaria em um piscar de olhos com Siegfried se desdobrando o quanto podia para atender ao cliente e fazer as coisas

acontecerem em Manaus. Seu plano original era sair dois dias antes do réveillon e ir direto para Búzios, pois Roxane e seus familiares já estavam lá desde o dia 28. Ismail, como de hábito, festejaria a passagem do Ano-Novo ao lado dos irmãos de Olávia, sua esposa, em Copacabana, na casa de um dos cunhados. Ele gostava de apreciar a tradicional queima de fogos, enquanto os filhos tomavam o rumo da região dos Lagos ou Punta Del Este. Contudo, por temor pela saúde de Ismail, resolveram ficar por

perto.

Diferentemente do que ele havia planejado, Siegfried se viu obrigado a remarcar sua passagem de Manaus para o Rio de Janeiro duas vezes. Foram tantas as cobranças que lhe fizeram durante a semana, e tanto a fazer em tão curto espaço de tempo, que, inicialmente, ele a transferiu para o dia 30, e num último momento, com uma reunião de última hora, onde a presença dele fora exigida, acabou se conformando em sair de lá no dia 31 de dezembro. Depois desse fato, ele



tomou a precaução de avisar o hotel de Búzios sobre sua reserva, que agora se daria no dia 31, onde possivelmente só chegasse na madrugada do dia primeiro, dependendo das condições das estradas, mesmo não utilizando os dias que ficaria hospedado, as diárias já haviam sido pagas com antecedência, sob pena de perder as reservas feitas.

Uma vez chegando no *check-in* da Companhia aérea, Siegfried se desligou um pouco dos seus compromissos profissionais e focou

sua atenção no seu encontro, e assim prosseguiu durante todo o trajeto de Manaus até o Rio de Janeiro, que ainda tinha uma escala em Brasília. Por muitas e muitas vezes, ele se recordou das conversas que tivera com ela durante todo aquele tempo, e se perguntou sobre tudo aquilo que estava acontecendo. Era uma situação um tanto quanto inusitada, e sabia bem que com Roxane era bom ficar com um pé atrás, pois, de uma hora para outra ela poderia desistir. Em se tratando dela, qualquer coisa podia acontecer.

“Não há outro jeito”, pensou, “tenho de pagar para ver, agora vou até o fim do jogo”. Psicologicamente, ele estava preparado para a hipótese de ela lhe dar o fora na hora H, ou mesmo inventar uma desculpa e não aparecer ao encontro, “afinal, ela já se esquivou tantas vezes”, falou para si. Por fim, pegou o voo das 14h40, com previsão de chegada ao aeroporto do Galeão às 20h45. Como de praxe, houve atraso no embarque e na escala em Brasília. Acabou desembarcando no Rio em torno de vinte e duas horas. Mal o

avião aterrissou, e, ao ligar o telefone celular, viu registradas três mensagens dela. Ele ligou dizendo que somente àquela hora havia chegado ao Rio de Janeiro. Siegfried se desvencilhou rapidamente e correu para um dos guichês de locação de carros. Efetivamente já eram dez e meia da noite quando tomou a Linha Vermelha em direção à Ponte Rio Niterói que dava acesso à região dos Lagos. Naquele horário, em muitos lugares da cidade já estouravam fogos antecipando a entrada do Ano-Novo. As autopistas

e estradas tinham pouco movimento. Siegfried dirigiu com atenção redobrada, pois era comum naquela época do ano, o registro de muitos acidentes por causa dos efeitos da ingestão de bebidas. Ao entrar na Ponte Rio–Niterói já podia apreciar ao longe, no céu, a presença de muitos fogos de artifício, tanto do Rio de Janeiro como de Niterói que se aproximava. Era uma visão que ficaria marcada em sua mente para sempre. Prosseguiu passando pela estrada Niterói–Manilha, que circundava São Gonçalo e ia em

direção à Itaboraí e à BR 101, que se estendia até as cidades de Macaé e Campos, no Norte do estado do Rio de Janeiro e seguia até Vitória, no Espírito Santo. Pelas pequenas vilas e cidades por onde a estrada ia cruzando, ele escutava o barulho de fogos e as buzinas de carros por toda a parte, além de ver as estrelas no céu, que brilhavam com as luzes dos fogos que explodiam em vários pontos, mostrando um belo espetáculo. Siegfried, solitário, pensava somente em sua amada e assistia àquele cenário deslumbrante

como um prenúncio do que o esperava em breve. Ele conhecia bem aquela estrada, pois várias vezes trabalhara em Macaé. Por mais que o movimento de carros, caminhões e carretas aumentasse, a estrada continuava precária como sempre. O trecho inicial da BR 101 é composto de duas pistas, pode-se considerar como um trecho relativamente seguro, em se viajando durante o dia, mas requer muito cuidado durante a noite, tendo em vista os muitos buracos encontrados. Depois da bifurcação

por onde se dava o acesso à Via-Lagos, a estrada que ligava a BR 101 aos municípios da Região dos Lagos, após esse desvio, a BR 101 se tornava um dos lugares mais perigosos do país, pois, a partir dali, a estrada era de uma só pista, com expressivo histórico de acidentes com vítimas, muitas fatais. Felizmente, a Via-Lagos, por ser privatizada era mais segura, com pistas largas e em boas condições de conservação.

Era meia-noite quando



Siegfried passou pela cidade de São Pedro de Aldeia, e onde também terminava a estrada Via-Lagos. Dali até Búzios existia uma estrada estadual em condições bastante precárias, principalmente para quem viajava à noite. Não raro, aconteciam acidentes envolvendo veículos e animais, uma vez que na região existiam pequenos sítios ao longo da, via que era pessimamente sinalizada. Não passou nem cinco minutos depois da chegada de 2003 e Roxane ligou para lhe desejar feliz Ano-Novo. Os dois estavam alegres

como nunca. Siegfried em muitos anos não se sentia assim, totalmente envolvido, sem pensar em mais nada. Se o mundo acabasse ali, ele se daria por satisfeito.

Em torno de meia-noite e quarenta do dia 1º de janeiro, Siegfried, por fim chegou ao hotel que havia reservado. Era um estabelecimento de porte médio, todo pintado de branco e tinha um bom aspecto. À princípio, passava uma boa impressão de limpeza e de ser bem cuidado. Possuía dois andares e um grande salão de

entrada com sofás, onde ficava a recepção. Ao lado, ficava o restaurante; ainda no primeiro andar havia alguns quartos nos fundos que davam para a piscina e churrasqueira e uma pequena mureta que dava para a praia. O gerente e também dono, Antônio, com cerca de sessenta anos, baixo e magro, muito risonho e simpático, vestido todo de branco, recebeu-o em companhia de uma senhora que aparentava ter quarenta anos e trabalhava no hotel como governanta. Ela também vestia

branco por causa da passagem do ano, apesar de que não havia nenhum indício de alguma celebração no hotel. As luzes do *hall* de entrada estavam acesas, mas não se percebia nenhum movimento a mais. O sr. Antônio perguntou como foi de viagem e solicitou a Siegfried que preenchesse a ficha de entrada, obrigatória para todos os hóspedes. Em seguida, ele forneceu a chave da suíte, que ficava no segundo andar. Sieg perguntou se ficaria alguém na portaria, pois ele esperava ainda receber uma visita,

disse que sua namorada, que estava hospedada com seus familiares em Geribá, era a pessoa que iria visitá-lo.

– Não se preocupe – respondeu o gerente. – Muitos hóspedes foram até a cidade, mas eu fico aqui – disse, apontando para um quarto no andar térreo, onde ele dormia. – Temos um zelador – apontou em direção a um rapaz, que aparentava cerca de vinte e poucos anos. – Ele fica aqui a noite toda. Vou recomendar que peça à sua visitante que suba. Ela já esteve

aqui um pouco mais cedo.

– Há foi? – perguntou Siegfried.

– Sim, acho que ela deixou algo em seu quarto. Pode ficar despreocupado – completou com um sorriso nos lábios. Em seguida, ambos se despediram e Siegfried, um tanto quanto surpreso por saber que Roxane estivera ali, subiu as escadas em direção ao quarto.

Assim que entrou no aposento, deparou com um cenário inusitado: várias velas aromáticas acesas espalhadas pela suíte,

incensos, quantidades e mais quantidades de pétalas de rosas sobre a cama e um balde de gelo com uma garrafa de champanhe dentro sobre a mesinha lateral da cama. Surpreso diante daquele quadro, Siegfried chegou a retornar até a porta para verificar se o número do quarto era o que correspondia realmente à sua reserva. Viu que era e só então compreendeu a razão da ida de Roxane pouco tempo antes, como havia dito o gerente. Ele sorriu e disse para si mesmo que aquela

garota devia ser louca. Em seguida, tirou as roupas de uma das bolsas que levara e tomou um banho rápido e relaxante. Trocou-se, ligou a TV, que ainda transmitia o show de réveillon que ocorria em várias partes do mundo e do país e pegou uma barra de chocolate. Enquanto comia, telefonou para os pais no interior do estado para felicitá-los pela passagem de ano e também dizer que estava tudo bem. Sempre que ele viajava, a mãe pedia que ligasse tão logo chegasse ao seu destino. Ao desligar, ficou



esperando ansiosamente por Roxane.

Cerca de vinte minutos de carro dali, na badalada praia de Geribá, considerado um bairro onde se concentra grande parte das casas pertencentes a pessoas de alta renda, bem como algumas pousadas, em uma mansão de dois andares, com múltiplos quartos e suítes, piscina e um amplo jardim acontecia a festa de celebração de Ano-Novo dos Armadunians. Lá estavam os pais de Roxane e os irmãos com as respectivas namoradas, as duas

irmãs de Laura, Odete e Sílvia com os maridos e filhos, incluindo Maria Alice, os filhos de Leon, Samara e Mateus, sendo que este último por ter brigado com a namorada recentemente estava sozinho e por esse motivo vivia na sombra de Roxane, na esperança de poder tirar alguma casquinha às escondidas com ela. Estavam presentes também alguns casais amigos de Leon, que também foram para Búzios, mas se hospedaram em outro lugar. Muitos possuíam casas de veraneio na região. A irmã Maysa com as filhas

e o marido também compareceram. Ausentes estavam Salomon e a esposa, que foram para um *resort* na Bahia. Sofia e Nelson ficaram no Rio, pois participariam de uma recepção de um grande investidor que possivelmente poderia render algum fruto à Atlas. Ismail e a esposa estavam no Rio de Janeiro em companhia dos irmãos de Olávia. O pessoal jovem, depois da ceia de réveillon, combinou de esticar a noite até uma boate próxima no centro de Búzios, onde também encontrariam alguns

amigos do Rio de Janeiro que estavam por lá. Roxane planejou que na ida para a casa noturna daria uma escapada até o hotel onde Siegfried estava. Em torno de uma da madrugada do dia 1º de janeiro o grupo saiu. Estavam em três carros, sendo que Maria Alice acompanhava Roxane. Os demais seguiram em outros veículos. Conforme combinado, todo o grupo se reuniria à porta da boate, onde havia um movimento já intenso de pessoas para entrar. Todos compraram ingressos, inclusive

Roxane, porém, na hora de entrar, ela simulou um telefonema no celular e avisou aos demais que algumas amigas da faculdade estavam chegando e ela ficaria mais um pouquinho na porta para esperá-las, iria encontrá-los em seguida, lá dentro. Foi uma desculpa perfeita. Tão logo eles entraram, ela deu meia-volta e seguiu sozinha em direção ao seu carro, estacionado cerca de dez minutos dali. Somente Maria Alice estava a par deste artifício. Decorridos pouco mais de vinte minutos, Roxane bateu

suavemente à porta do quarto onde Siegfried a esperava.

Algun tempo depois, Siegfried diria que naquela noite, ao abrir a porta, a noite se fez dia e o sol brilhou em plena madrugada. Roxane se vestia com um belo vestido com fundo branco, florido, calçava sandálias de salto alto, que a deixavam ainda mais sensual do que usualmente era. Seus cabelos estavam soltos, escovados e caídos sobre os ombros. Ela usava uma maquiagem leve, e segundo Siegfried estava simplesmente

esplendorosa. Ao entrar, ela lhe deu um beijo.

– Tudo bem meu amor? – ela perguntou.

– Por fim, o tão esperado encontro com “odalisca” – disse rindo e completou: –, acho que melhor não poderia estar – riu. – Não sabia que você era também decoradora de interiores.

Ela soltou um gargalhada e completou:

– Então, o que achou?

– Divino – ele respondeu, acrescentando: – Até pensei que

tivesse entrado no quarto errado. Voltei na porta para conferir o número – falou sorrindo.

Ela novamente voltou a gargalhar...

Em seguida, perguntou sobre a viagem. Ela parecia muito natural e à vontade, a impressão que dava era que se conheciam intimamente havia um longo tempo. Em seguida, ficou descalça e sentou-se na cama com as pernas cruzadas, como uma índia apache. Siegfried pegou a champanhe que ela própria levara mais cedo, abriu e ambos brindaram



o Ano-Novo e a felicidade de poderem trocar beijos e carícias. Ele abriu uma das bolsas e lhe entregou os presentes. Um misto de admiração e curiosidade a invadiu ao ver a caixa embrulhada que guardava os CDs do festival de Woodstock.

– O que você trouxe? – ela perguntou.

– Abra e veja – respondeu ele.

Antes de abrir, ela examinou a embalagem com curiosidade, e, a seguir, abriu com cuidado para que

o papel de presente fosse preservado, até que, enfim, ela fitou a caixa, e mal pôde se conter.

– Nossa! Que maravilha! Woodstock? Cara! Muita gente vai ficar com inveja de mim! – riu.

Colocou a caixa de CDs na cama, abraçou e beijou Siegfried várias e várias vezes.

– Pensei em uma coletânea da Janis Joplin, que você diz gostar tanto, mas diante desta joia que encontrei, achei melhor trazer este. Aí estão, além da Janis, o Hendrix, Joe Cocker, Santana, The Who...

todos seus ídolos. Espere que tem mais – ele disse.

– Você trouxe mais coisas! – perguntou rindo.

Havia mais uma caixa fechada, de tamanho maior do que a anterior.

– O que tem aqui?

– Veja você mesma – disse sorrindo.

Ela abriu e viu um jogo de lingerie negra da Victoria Secret, que encomendou com um dono de uma loja que conhecia e que trazia produtos importados.

– Meu Deus do céu! –  
exclamou – é o dia mais feliz da  
minha vida! Você acertou em cheio.  
– Ela mal cabia dentro de si.

Siegfried ainda levou alguns  
*souviniers* de Manaus, camisetas e  
bijuterias de artesãos locais, mas  
tinha como destinatária Maria  
Alice, com quem, às vezes,  
conversava quando ela estava com  
Roxane nos muitos e muitos  
telefonemas que trocaram ao longo  
do dia durante todo aquele período.

– Você me deixou  
desapontada – ela disse.

– Por quê? – ele perguntou.

– Meu presente para você é muito simples. Sabe como é vida de estudante, não é? E ainda tem mais, a grana lá em casa está curta. Papai, com esse negócio de se candidatar, gastou uma grana para apoiar o candidato do qual ele é suplente e agora deu para regular tudo. E vou lhe dizer: não gosto nada disso, detesto política, é um meio traiçoeiro e sujo.

– Concordo em gênero e número.

Ela abriu a bolsa e tirou um

pequeno embrulho envolto em papel de presente. Tratava-se de um livro. Em seguida, entregou a ele, dizendo que era só uma pequena lembrança. O livro era sobre os Templários, que fora alvo de muita conversa entre ambos das muitas que tiveram.

Ele abriu o presente, olhou com admiração, deu uma rápida folheada, fechou e, em seguida, agradeceu sorrindo.

– Gostei muito! – disse sorrindo. – É um tema que virou moda – e se abraçaram e trocaram mais beijos.

– Pensei em lhe dar uma camisa, mas fiquei em dúvida do que você gostaria, sei que tem bom gosto, mas preciso conhecer melhor o seu estilo – disse sorrindo.

– Não ligue para isso – ele disse. E acrescentou: – meu melhor presente é estar aqui ao seu lado.

Apesar de Roxane dizer em prosa em verso que gostava muito dele, as ações dela para com ele não seguiam suas palavras. Siegfried ficaria decepcionado se ficasse sabendo que Roxane distribuiria presentes para dois de seus

admiradores, entre eles Armand e Hidalgo, que foram agraciados com camisas de grifes. Também foram aquinhoados o pai, a mãe, o avô, a avó, Maria Alice e Tatiana, a afilhada. Na festa de Natal da família Armadunian houve um amigo oculto, onde ela, por sorteio, tirou Nelson. Sempre no fim do ano, Leon dava uma mesada dobrada para ela, e Ismail era generoso com a neta preferida, dando-lhe uma boa quantia em dinheiro para que comprasse o que quisesse. Foi com esse dinheiro que ela distribuiu os



presentes e ainda guardou outro tanto para suas despesas diversas.

Terminada a troca de presentes e as primeiras impressões, Roxane se levantou e apagou as luzes, deixando acesas as velas aromáticas que acendera mais cedo. Abriu a gaveta de uma das mesinhas situada na lateral da cama e tirou dali uma caixinha de incenso, dizendo que era para atrair bons fluídos. Ao ver a cena, Siegfried sorriu, dizendo que ela pensara em tudo. Em seguida, ela tirou o vestido e deitou-se na cama, ficando

somente com sua roupa de baixo, de cor rosa. Perguntou se ele gostava e disse que passar o Ano-Novo com aquela cor era trazer sorte no amor e que seu desejo era que a relação de ambos desse certo e que perdurasse. Siegfried procedeu da mesma forma, despiu-se e, em seguida, ambos se abraçaram. Ele a possuiu selvagemente, sendo plenamente retribuído. Depois de tanta espera, chegara o grande momento entre os dois. Foram meses de um relacionamento a distância crivado por muita expectativa, que agora

tinha o seu desfecho.

Roxane mostrou tamanha desenvoltura sexual que contrastava com a vida recatada que ela dizia ter. Siegfried intimamente ficara surpreso com aquela “performance” e se questionava interiormente que segredos aquela garota guardava. Mas, ali com ela, somente o que importava era a relação carnal que se consumava. Contudo, duas coisas chamaram a atenção dele tão logo ela se despiu, a primeira, um pequeno piercing de brilhante que ela tinha no umbigo, e a segunda, a

princípio, pensou tratar-se de uma mancha, uma vez que o ambiente estava escuro, iluminado apenas pela luz de duas velas àquela altura. Em seu seio esquerdo havia uma pequena meia lua tatuada e uma estrela, e na região da genitália, próximo à virilha, outra figura igual. Ambas as tatuagens se deviam à sua iniciação na seita de magia.

Fazendo um exame mais atento sobre a pequena joia que ela tinha em seu corpo, Siegfried ficou em dúvida se era um brilhante. Ela,

com toda desfaçatez possível, negou de imediato, dizendo que era apenas um mero cristal para equilibrar as energias. De fato, era um pequeno diamante que lhe fora dado por Hidalgo. Ele fingiu acreditar e não quis mais polemizar.

Roxane chegava ao orgasmo rapidamente e, naquela noite, foram vários, algo que Siegfried nunca havia presenciado em outras namoradas ou parceiras que tivera, muito menos soubera, a não ser por literatura. Durante o ato sexual, Siegfried observou melhor as

tatuagens e viu que não se tratava de uma mancha. Depois de uma pausa, ele se levantou e pegou um pouco de champanhe. Roxane, embrulhada em lençóis e com os olhos fechados, relaxava deitada sem maiores preocupações. Ele, logicamente, movido por curiosidade, perguntou em tom de brincadeira quem fora o tatuador de sorte que tivera acesso a duas regiões tão íntimas do corpo dela. Ela, naquele momento, abriu os olhos e se mostrou séria, mudando nitidamente de fisionomia.

– Eu sabia que ia perguntar sobre isso – disse.

– Significa algo especial para você? Afinal, são duas tatuagens que só podem ser vistas quando está nua.

– Sim! significa algo sim! – falou secamente, mostrando certo desconforto.

– O que exatamente? Posso saber? Seria um sinal de identificação de alguma irmandade secreta? – disse em tom de brincadeira para tentar quebrar o clima ruim que, de repente,

instalou-se entre eles. Mal sabia ele o quanto se aproximara da verdade.

Com essa última frase, ela ficou aturdida, e por pouco não confirmou.

– Quem sabe? O que faria se soubesse que eu pertenço a uma seita de adoradores do diabo?

– Adoradores do diabo? – perguntou ele.

– O que faria? – Insistiu ela.

– Para ser franco, acho que você é uma versão feminina do próprio diabo – disse sorrindo tentando, desfazer o mal-estar.



Ela sorriu e, menos tensa, mas séria, falou:

– Estas duas tatuagens representam muito para mim. Têm a ver com um período muito importante da minha vida. Gostaria que respeitasse a minha privacidade. É algo meu, só meu, de mais ninguém.

A resposta não poderia ter sido pior. Apenas serviu para que ele ficasse ainda mais confuso. Ela poderia ter dito que fizera por um mero capricho, sem maiores consequências e ele, obviamente,

cairia na conversa, pois ele sabia que com ela tudo era possível, mas não, preferiu ser sincera, e, ao mesmo tempo, mordaz. O efeito foi de provocar uma tempestade no íntimo de seu amante. Certas verdades têm o poder de trazer tanta discórdia, que o melhor seria não dizê-las ou mesmo dissimular. Siegfried se calou, ficou patente que havia algo de muito significativo ali naqueles dois desenhos ou alguma coisa muito mais profunda que as figuras representavam. A partir dali, muita coisa passou por sua mente

em relação à pessoa que ele amava. “Quem realmente ela é?”, perguntou para si. O efeito foi de uma cascata de água fria, que lhe caiu sobre a cabeça.

O clima entre eles se esfriou rapidamente. Como já eram quase quatro horas da manhã, ela resolveu partir. Durante a madrugada, deixara o celular no *vibra call*. Foram muitos os chamados, inclusive, um deles foi do aparelho de sua mãe, mas ela não atendeu nenhum.

Ela disse que o melhor era ir

embora, pois já deviam estar procurando por ela, antes que desse margens a especulações absurdas, disse ainda que seria melhor deixar os presentes ali e assim que fosse possível passaria para pegar. Siegfried concordou. Em seguida, ambos se vestiram e ele a acompanhou até o estacionamento, perguntando se não seria melhor ir com ela no outro carro. respondeu que não, que se sentia segura. Beijaram-se e se despediram. Falou que no decorrer do dia seguinte combinariam de se encontrar, que

ele esperasse pela ligação dela. Ele concordou e retornou ao quarto, ainda sob os efeitos das palavras dela a respeito das tatuagens.

Trocou de roupa, apagou as velas e dormiu.

Roxane chegou a casa em que ela e a família estavam hospedados pouco depois das quatro horas. Os primos e irmãos ainda não haviam chegado, “melhor assim”, ela pensou. Resolveu ligar para Maria Alice para saber se perguntaram por ela, já que seu celular registrava inúmeras ligações

dos irmãos e uma de sua mãe. Logicamente, soube que eles ficaram preocupados. Como apenas Maria Alice sabia do que se passava, ela procurou tranquilizá-los. A prima também acrescentou que um dos irmãos, Leon Júnior, chegou a ligar para a mãe para saber se ela havia voltado para casa. Roxane, então, teria de contar uma história sem contradições para que fosse convincente, mas um de seus muitos talentos era mentir com convicção. Naquele momento então, Roxane pediu para que eles fossem

avisados que ela já estava em casa e que o motivo da ausência foi que havia encontrado um grupo de amigos da faculdade e foram para outro lugar, e que entre eles havia uma amiga que estava fora do país e que havia muito tempo não a via, por essa razão, todos foram botar a conversa em dia. Maria Alice se prontificou a dizer ao grupo exatamente o que acabara de ouvir. Já passava das seis horas quando eles retornaram da festa. Roxane já dormia profundamente.

Mesmo dormindo bem mais

tarde do que de costume, Siegfried se levantou em torno de oito e meia da manhã. O hotel oferecia café até as dez horas. Após fazer a refeição matinal, foi até os fundos do hotel, onde ficava a Praia Rasa, e caminhou um pouco. Estava um dia ensolarado, um convite a um mergulho nas águas calmas daquela praia. Andou por aproximadamente quarenta minutos, mas duas coisas não lhe saíam da cabeça: a primeira foi que ele pensou que teria nas mãos uma jovem cheia de não me toques, uma garota sem muita



experiência sexual, afinal, ela só tinha vinte e um anos, no entanto, o que viu foi uma mulher experiente, como poucas vezes ele tivera, a não ser com uma profissional do sexo.

Em torno das onze da manhã, Roxane despertou. Quando foi tomar café, a mãe disparou uma saraivada de perguntas. Ela contou o que havia planejado. Laura, no entanto, não se deu por convencida da história. O pai, que escutava toda a conversa entre mãe e filha, quis saber de tudo e ela repetiu o que contou à mãe. Momentos mais

tarde, o restante do grupo acordou e o assunto foi o sumiço dela durante a noite. Mateus, o primo, não se conformou com o “desaparecimento” dela e desconfiou que tinha algum homem na jogada. Samara, irmã de Mateus, também começou um jogo para tentar desmascará-la. Ambos queriam saber os nomes daqueles aos quais ela dizia ter estado e onde. Roxane, diante de um interrogatório coletivo e implacável, por pouco não contou tudo, foi por um triz, não fosse a tia Sílvia, que percebeu o

aperto da sobrinha e resolveu tirá-la daquele suplício em que se envolvera, providencialmente saiu em defesa dela e inventou um motivo qualquer, chamando-a para ver algo fora daquele ambiente.

Laura e Leon perceberam a manobra e deixaram a pobre em paz.

Depois, em um local reservado, Sílvia falou com Roxane:

– Então? Você não vai querer me convencer com essa história de que passou a noite com amigos, vai? Tem a ver com aquele homem misterioso de Belo Horizonte?

Roxane, que praticamente não guardava segredo para Sílvia, confessou a verdade.

– Jura que não vai falar a ninguém?

– Claro! Nunca faltei com sua confiança.

– Sim! – Foi com ele – disse ela. – Só que agora ele não está mais em Belo Horizonte, mas em Manaus. Veio de lá somente para me ver.

– Mas qual o problema de você apresentá-lo a nós? O que que ele tem? É casado? Separado?

– Não, não é casado, nem separado, é solteiro Mas você sabe como papai é, e também os meninos, todos cheios de ciúmes de mim, vão achar defeito nele em tudo. Papai não vai aceitar, preciso de mais tempo para prepará-los.

– Ora, Roxane! Isso tem de acabar, eles que se danem, você tem de se impor, afinal, trata-se da sua vida. Você é que escolhe com quem quer ficar e não eles. Se Leon não gostar do cara, azar! Fazer o quê? Ele é um homem de bem? Gosta de você? Então qual é o problema?

– Você sabe que papai implica com essa coisa de eu gostar de homens mais velhos.

– Ele é muito velho?

– Até que não! Mas você sabe como é papai.

– Você é quem sabe – respondeu Sílvia, cansada da indecisão da sobrinha em se decidir.

Em seguida, encerraram a conversa.

Laura acompanhou a conversa entre as duas de longe, bem como Leon, que observou tudo. Embora ele parecesse ocupado com

outros assuntos, percebeu que a filha mentia e isso o preocupou muito.

Depois de Roxane se afastar, Laura procurou Sílvia e perguntou se ela sabia o que tinha se passado. Ela, em cumprimento à palavra dada à sobrinha, disse não saber de nada, que conversaram sobre outros assuntos. Laura suspirou forte e disse:

– Vocês duas são cheias de segredinhos, a quem ela pensa que engana?

Sílvia preferiu não retrucar e

desviou a conversa.

Leon, um tanto quanto sério pelos rumores que cercavam sua filha, observou toda a movimentação dela, de Sílvia, sua cunhada, e de Laura. Tudo indicava que Roxane estava de caso com alguém. Ela dava sinais claros, e como Roxane dissimulava e fazia segredos, ele temia que o envolvimento fosse com algum homem casado, o que para ele seria o cúmulo do absurdo. O comportamento da filha já fora objeto de discussão entre ele e a



esposa em várias ocasiões. “Por que ela ainda não tivera um namorado sério?” Ele se perguntava. Ou então, “se tinha algum, por que não o levava para que a família o conhecesse?”. Não foram poucas as vezes em que ele a pegou fazendo jogo de sedução com alguns homens mais velhos que pertenciam ao círculo de amizades dele; e, outras tantas, quando saíram para algum evento ou jantar, percebeu em várias ocasiões a filha flertando com desconhecidos. Como sempre, eles deveriam ter o dobro ou mais da

idade dela. Esse tipo de comportamento que ela apresentava o deixava preocupado. Ele temia que de uma hora para outra, Roxane pudesse cair nas mãos de algum vigarista espertalhão, pronto para dar o golpe. Mal sabia ele que era ela quem escolhia seus parceiros e não o inverso. Daquele dia em diante, Leon começou a arquitetar um plano para arrumar um namorado para a filha. Alguém confiável, que tivesse o mesmo nível deles. Apesar de Roxane ser reconhecida por ser uma pessoa

autêntica, sagaz e possuir um nível intelectual bem acima da média, e até por vezes mostrar uma maturidade superior à idade que tinha, nas constantes comparações que faziam entre ela e sua prima Samara, sendo que esta última se destacava pela futilidade e superficialidade, pelo menos, do ponto de vista dos Armadunians, ela sabia escolher melhor seus namorados. Samara os selecionava pela origem da família e também pelos bairros ao qual pertenciam, tinham de ser bem-nascidos e morar

em locais considerados nobres do Rio de Janeiro, sem preencher estes requisitos, o pretendente não teria a menor chance, exceto um ou outro garotão boa-pinta de academia ou surfista para algum romance rápido e descartável, salvo algum acidente de força maior. Samara, se um dia viesse a se casar, provavelmente o seu noivo seria um endinheirado de sucesso, pertencente a alguma “linhagem” ilustre. Ao contrário de Roxane, que aparentemente escolhia seus parceiros mais pelo valor do intelecto, e óbvio, também pela

idade. Roxane não ignorava que seu sobrenome tinha um peso e que por conseguinte uma herança, e tinha orgulho de pertencer àquela família. Sabia que eles criariam barreiras caso um futuro pretendente não fosse alguém do meio deles. Ocasionalmente, ela se divertia com um ou com outro que aparecia, na verdade, com quem ela havia caçado, pois eles não passavam de uma presa. Siegfried era a bola da vez. Roxane, às vezes, em conversa com Maria Alice ou Sílvia, dizia que já idealizara um marido, o seu

príncipe encantado deveria ter idade em entre trinta e cinco e quarenta anos no máximo. Tinha de ser solteiro, sem filhos, ter bom nível cultural e social e pertencer a alguma família de nome, o qual a sua própria o aceitasse, se fisicamente fosse parecido com Frederico, melhor ainda, caso não, mas talvez bonito, ótimo. Era o que ela tinha em mente, mas o que acontecia de fato em sua vida real era algo bem diferente: homens muito mais velhos, amores proibidos, paixões violentas com

forte cunho sexual.

Leon chamou Roxane, que naquele momento brincava com Tatiana.

– Olhe, mocinha! Quero você hoje aqui, bem juntinho de mim, está bem?

– O que foi, pai?

– Teremos visitas, vamos fazer um churrasco. Gostaria que ficasse conosco para ajudar a recepcionar os convidados, combinado?

– Combinado! – ela respondeu.

Leon sempre aspirou a vida pública, naquele dia receberia alguns pessoas que visavam a articular no governo a promoção de Leopoldo a ministro. Por causa desse fato, ele assumiria a vaga. Havia também a possibilidade de ele ocupar um cargo no segundo escalão, pois estava em andamento uma provável adesão do partido que ele pertencia ao novo governo, que, presumivelmente, dizia-se de esquerda e buscava alianças para se compor no Congresso e ter uma grande base aliada.



Ao terminar a conversa curta com o pai, ela se retirou para um lugar seguro e ligou para Siegfried para lhe dar a triste notícia de que passaria o primeiro dia do ano sozinho. Ela lhe deu detalhes e disse que estavam desconfiados de que ela havia passado a noite com alguém em especial. Assim, o pai a convocou para ficar ao lado dele e da mãe, por causa da recepção que a família iria oferecer a alguns convidados do pai. Siegfried, do outro lado, não teve outra escolha a não ser se resignar. Ela ainda daria

um jeito de dar uma fugida rápida para vê-lo e aproveitar para pegar os presentes dela e de Maria Alice. Ele concordou.

Em torno de uma hora, Roxane se prontificou a buscar as bebidas em companhia da prima. Pegou o carro e saiu. Aproveitou para ir até Praia Rasa e ver o namorado; ligou antes avisando que a esperasse, pois teria de ser rápida. Minutos depois, eles se encontraram no hotel, na piscina. Ele entregou os presentes, Maria Alice ficou muito grata pela lembrança, Roxane

tornou a repetir que ficara na berlinda e que o pai a estava vigiando, que, naquele dia, seria impossível um encontro mais longo, mas prometeu que havendo uma brecha apareceria. Em seguida, saiu e o deixou. Siegfried lamentou a sua sorte, estava em Búzios, um paraíso, e, no entanto, estava sozinho, com a namorada tão perto, e tanta coisa para fazerem juntos! Ele mal podia sair do hotel para não ser visto e não levantar qualquer suspeita, e ela idem.

Depois do rápido encontro

com Roxane e sem alternativa, ele almoçou sozinho no próprio hotel. Em seguida, tirou um cochilo em seu quarto, pois tivera um dia cansativo na véspera e dormira pouco. Ela ficou presa em casa ajudando os pais no churrasco e esperando por uma chance de uma nova escapada, o que acabou por não acontecer. Em torno de quatro horas da tarde, ligou para Siegfried para lhe dizer que estava aflita por não estar com ele, e que pelo andamento da situação, dificilmente conseguiria sair. Tanto o pai quanto

a mãe não tiravam os olhos dela. Um tanto quanto frustrado, ele não viu outro jeito a não ser se conformar.

Às nove horas da noite, Roxane ligou e com a voz bastante entusiasmada lhe disse que o pai e a mãe estariam viajando de volta para o Rio de Janeiro no dia seguinte bem cedo. Ela, as primas e as tias ficariam um pouco mais, até a quarta-feira. Dessa forma, a vigilância em torno dela diminuiria e eles poderiam ficar juntos durante nos dias posteriores à viagem dos

país , conforme seus planos. Ele se disse preocupado com os assuntos de trabalho, que sua presença seria necessária no primeiro dia útil do ano e que ele estava ali, naquele momento, planejando como conduzir os serviços a distância. Eles conversam ainda por mais alguns minutos e se despediram.

Siegfried acordou por volta das oito horas da manhã. Tomou um banho e foi tomar o desjejum. Em seguida, deu uma folheada rápida nos jornais e ligou de seu celular para Olegário, em Manaus, dizendo-

lhe que por problemas particulares, somente viajaria de volta no dia seguinte, talvez no período da tarde. Em seguida, passou-lhe várias instruções de como proceder até sua volta. Ao terminar a conversa, foi até a piscina situada nos fundos e sentou-se à espera de Roxane. Pensou que do jeito que ela era, talvez fosse até possível que não aparecesse. Isso facilitaria sua vida, pois o rompimento seria mais fácil.

Roxane saiu de casa bem cedo, levando Maria Alice e dizendo que se encontraria com algumas

amigas da faculdade que estavam em Arraial do Cabo, uma pequena cidade situada próximo a Cabo Frio e distante cerca de quarenta minutos de carro. A verdade era que quem estava em Arraial do Cabo eram amigas de Maria Alice e não dela, que aproveitou a oportunidade e levou sua prima até lá. Depois, retornou para Búzios para se encontrar com Siegfried. Eram nove e meia quando ela chegou. Usava um vestidinho azul longo e chinelos de dedo. Fazia a linha despojada e casual. Suas roupas, com raras



exceções, eram compradas em bazares, brechós, feiras *hippies* e pequenas lojinhas de Ipanema e Leblon; era meio avessa à moda, ao contrário de outras moças de sua idade e posição social, o que constantemente levava a mãe dela a fazer comentários de que se ela se vestisse um pouquinho melhor, poderia arrumar um namorado interessante. Mal sabia a vida secreta que a filha levava.

Ela chegou sorridente, alegre, feliz da vida e falando muito, o que acabou por desarmar

Siegfried, que preparava uma discurso de rompimento.

Conversaram por uma meia hora e ela percebeu que ele estava sério e transparecia que algo o incomodava. Ao ser questionado, ele apenas respondeu que eram problemas de trabalho, nada mais. Então ela pediu para subirem para o quarto. Ao chegar, falou:

– Quero que esqueça todos os seus problemas, porque vou lhe dar a melhor transa que você jamais teve.

Siegfried apenas sorriu. Em

seguida, ela abriu a bolsa, tirou uma garrafa de vinho do Porto, que ele disse que adorava, e uma caixa de bombons. Ela abriu a caixa e começou a comer. Siegfried recusou, dizendo que tinha tomado café enquanto guardava o vinho no frigobar do quarto. Roxane então abriu a bolsa e tirou alguns palitos de incensos. Acendeu-os e pegou alguns frascos de óleo perfumado, explicando que era para fazer uma massagem relaxante. Siegfried, em tom de brincadeira, perguntou onde ela tinha aprendido a fazer tal coisa,

que não sabia dessa sua habilidade.

– Você vai se surpreender comigo amorzinho – ela respondeu.

Em seguida, ela se despiu e ficou somente de calcinha. Pediu a Siegfried que fizesse o mesmo e se deitasse de bruços na cama. Ela se sentou sobre ele e começou a espalhar pelo corpo dele o óleo perfumado. Ao terminar, iniciou a massagem com as mãos. Em seguida, já inteiramente nua, o fez esfregando o próprio corpo no dele, o que fez com que Siegfried visse estrelas, conforme as próprias

palavras dele. Após alguns instantes, ela pediu a ele que se virasse de frente para ela, e a seção de se esfregar nele recomeçou, se estendendo posteriormente ao sexo oral. Estando ambos bastantes excitados, o ato sexual se consumou. Foram várias e várias vezes, não interromperam nem para almoçar, só parando por volta das quatro horas da tarde. Durante esse período, Roxane chegou ao orgasmo mais de uma dezena de vezes, pelas mais diversas formas de excitação. Ela se comportava como uma felina

no cio, parecia não ter limites, dizia que tinha especial gosto pela combinação de dor e prazer, e pediu a Siegfried que a sodomizasse, pois tinha predileção por esse tipo de relação sexual. Conhecia várias posições do Kama Sutra e as colocou em prática prazerosamente. Dentro de quatro paredes não tinha o menor pudor, a felação que ela fez em Siegfried ficaria na sua lembrança para sempre. Ela o excitava o quanto podia e o sugava por inteiro, engolindo o esperma após o orgasmo. Esse aprendizado

se deu durante suas participações nos rituais de magia que frequentava.

O resultado desse encontro foi que Siegfried, que tencionava romper o relacionamento, acabou por ficar mais apaixonado ainda. Antes de ela partir de volta para a casa, fizeram planos de novo reencontro, que se daria no apartamento dele, na Barra da Tijuca. Ele queria que ela conhecesse a coleção de CDs de jazz, blues e clássicos do rock, bem como dos DVDs de filmes antigos.

Ela, animada, disse que passaria um fim de semana inteiro para ver os filmes e escutar as músicas, uma de suas paixões. A fim de evitar novos mal-entendidos, Siegfried não mencionou as tatuagens. A única menção a alguma parte do corpo dela foi sobre uma cicatriz no joelho esquerdo, que, segundo as explicações dela, se devia a um tombo aos quinze anos ao tentar saltar um obstáculo montando um cavalo, no haras do avô.

Siegfried esperava voltar ao Rio de Janeiro no fim do mês de



forma definitiva, assim ficariam juntos. Roxane percebeu que ele estava perdidamente apaixonado por ela, tal como outros tantos e, a exemplo dos casos anteriores, era chegada a hora de aquilo terminar, mas, no entanto, lhe faltavam forças.

## **Uma Paixão do Passado Ressurge**

No dia 3 de janeiro, Siegfried saiu cedo de Búzios em direção ao Rio de Janeiro para tomar o voo das dez hora horas com destino a Manaus. Com os atrasos ocorridos na saída do Rio de Janeiro e na escala em Brasília, ele acabou chegando já à noite em Manaus. Não mais havia tempo de retomar

suas atividades profissionais naquele dia. Tão logo chegou no *flat*, sua primeira providência foi ligar para sua amada, que, por sua vez, disse estar com saudades dele. A segunda ligação foi para a casa dos pais. Ainda à noite, consultou os e-mails no computador. Havia mais de uma centena de mensagens, das mais diversas naturezas. As que tinham relação com o trabalho da petroquímica eram as mais urgentes. Ele começou a lê-las imediatamente e se preparar para as decisões a serem tomadas no dia

seguinte.

A semana passou voando, com seus novos clientes exigindo as providências pertinentes. Por sua vez, a direção da Atlas lhe cobrava a previsão do custo do mês, bem como da provável receita financeira do mesmo período, obrigando Siegfried a se debruçar sobre todo o tipo de cálculos e estimativas. As amabilidades iniciais entre ele a direção da petroquímica cederam lugar a duras cobranças. Algumas medidas que estavam sob a responsabilidade dele eram levadas

a cabo, mas as que dependiam da matriz se tornavam um longo calvário a ser percorrido.

Na semana seguinte ao encontro havido entre eles, Roxane meditava, e, do fundo do seu coração, questionava-se sobre qual decisão tomar: romper o relacionamento ou continuar e enfrentar o que viesse? Obviamente, sua família se oporia, e, nesse caso, o que aconteceria a ele?

Conforme vinha ocorrendo há meses, Roxane e Siegfried continuaram se falando diariamente,

sempre à noite. Contudo, decorridos mais ou menos dez dias depois do encontro, ele notou que ela já não era mais a mesma. Perguntava se havia acontecido algo e ela negava, mas também não dizia a razão da mudança. Em seu interior, questionava-se se realmente queria um namoro convencional ou se cedia aos seus desejos secretos, dando vazão à luxúria, que era algo maior do que ela. Nesse caso, Siegfried estaria descartado.

Procedimentos de trabalho dos mais variados tipos,

planejamento e mobilização do canteiro de obras lhe consumiam dia após dia, mesmo tendo gente o auxiliando nas tarefas. Ainda havia os problemas administrativos, pois, uma obra se assemelha em muito ao funcionamento de uma empresa, cujo produto oferecido são os serviços de construção.

Normalmente, trabalhava até sete ou oito horas da noite. Foi nesse ritmo que se passou todo o mês de janeiro. Paulatinamente, ele foi vencendo os obstáculos que se apresentavam e colocando mais gente para compor o

quadro de funcionários. Vez ou outra se desanimava por causa da constante falta de apoio que não encontrava na sede da empresa, sendo que as dificuldades financeiras em que esta mergulhara pareciam consumir todo o esforço da direção.

Siegfried, por sua vez, iniciou contatos com amigos para tentar mudar de emprego. Em seu entendimento, o fato de ele ser funcionário da empresa pertencente à família dela constituía um obstáculo ao relacionamento deles,



achava que eles poderiam aceitá-lo estando fora da Companhia, o que era um ledão engano. Apesar de possuir muitas virtudes e atributos que poderiam fazer feliz qualquer mulher, na visão dos Armadunians, um pretenso pretendente a Roxane teria de ser antes de tudo muito bem-nascido. Além do fato de ele trabalhar na empresa da família dela, questionava-se sobre a diferença de idade, que um dia poderia ser transformar em um obstáculo. Até quando ela seria assim? E se quando estivesse na

casa do trinta ou quarenta anos ela mudasse? A família aceitaria alguém com quase o dobro da idade dela? A resposta era não! Eles não aceitariam vê-la se casar ou mesmo namorar com um homem cuja diferença de idade fosse expressiva, e fariam de tudo para que mudasse de ideia. Ela estava ciente disso. Ele conhecia muitas situações de casais com o mesmo tipo de problema, mas era o tipo de relacionamento onde não se tem como prever o resultado, tanto podia dar certo quanto dar errado.

Outro fator que o levava a procurar emprego era a boataria que corria a respeito da saúde financeira da Atlas, deveras preocupante, e evidências disso ele tinha, uma vez que havia virado rotina os atrasos no pagamento dos funcionários. Os salários de janeiro dos trabalhadores de todos os níveis e posições de todas as obras, inclusive o dele, foram pagos atrasados. Siegfried agora se ressentia em ter convidado Ken Osawa para assumir a chefia da construção da petroquímica, sendo que ele próprio planejava deixar a

empresa.

No início do mês seguinte, fevereiro, Siegfried se viu obrigado a ir até a refinaria de Betim em uma reunião de trabalho com o cliente para apagar alguns “incêndios”. Ele saiu de Manaus em uma sexta-feira à tarde, chegando de madrugada em Belo Horizonte. Fez escala em Brasília e, no sábado pela manhã, estava na refinaria reunido com seu grupo para ficar a par da situação, pois a reunião se daria na segunda-feira. Aproveitou para pagar uma almoço aos seus colaboradores em

uma churrascaria, hábito que ele sempre cultivara, mesmo estando a situação tensa e complicada. Ele era o tipo de pessoa que dificilmente deixava transparecer aos subordinados que algo estava fora de controle. Para ele, era fundamental transmitir confiança à equipe.

Siegfried tentou por todos os meios convencer Roxane a ir para a capital mineira, oferecendo pagar a passagem e todas as despesas. Lá, eles teriam a oportunidade de um rápido encontro. Esperava poder sair

com ela na noite de BH, e eles poderiam desfrutar de um jantar a dois, longe da interferência da família, e passar o domingo juntos. Ela porém, como sempre, argumentou ser impossível, “que desculpa daria para os pais que justificasse uma viagem daquelas?”, ela argumentou. Na verdade, se ela quisesse ir, não seria difícil arrumar um motivo, pois sabia bem como enganar a família, como tantas vezes já fizera.

Na reunião, a fiscalização despejou todo o tipo de queixas

contra a Atlas, algumas pertinentes, outras não. Siegfried. como sempre, agia de forma calma e controlada. Discutiu todos os pontos das solicitações e ouviu tudo sem provocar celeuma. O que cabia, de pronto atendeu, o que não cabia, diplomaticamente ficou de verificar, e empurrou para a frente as situações mais delicadas, pois nem tudo estava em suas mãos. De um modo ou de outro, o cliente acabou mais tranquilo.

Enquanto isso, outro cenário se desenhava em virtude do aperto

pelo qual a Companhia estava atravessando. O diretor financeiro da Atlas, Lázaro Arkassian, que, além disso era uma pessoa de suma confiança do presidente do grupo, prestou contas ao seu superior do que lhe fora incumbido de fazer. Apresentou um relatório preliminar sobre as causas dos problemas financeiros da Atlas, os quais em grande parte Ismail já desconfiava, mas temia saber a verdade. A origem e o estopim do rombo, e isso era do conhecimento de todos, deu-se por conta da desastrosa e ousada



participação em um negócio de mineração de bauxita no Suriname, onde os custos foram subestimados e a Atlas recorreu a vultuosos empréstimos bancários para tentar levar o empreendimento adiante; com os juros nas alturas, ela não estava conseguindo honrar os compromissos e o parceiro que arrumara não estava honrando a parte que lhe coubera. Essa operação estava drenando uma quantia considerável dos seus recursos. Esse fato era tido como a causa inicial dos males da empresa

e contaminava o restante do grupo, apesar de se dizer que estava equacionado, não estava. Eles estavam tentando vender a participação deles no negócio, mas ainda enfrentavam dificuldades para concretizar o negócio . Também se lançaram no segmento de etanol um negócio que alternava fases boas e más; tudo isso, aliado à má-gestão, tornou-se desastroso. Outra parte dos problemas apontava para o público interno, possivelmente a raiz dos problemas. A Atlas estava sendo lesada sistematicamente e

tudo indicava que havia a participação da alta direção, composta em sua maior parte pelos filhos e parentes de Ismail. Somava-se a isso vários outros fatores: as muitas operações que a Atlas tinha Brasil afora apresentavam resultados financeiros ruins, consequência de gerenciamento inepto, bem como indícios de desvios, descuidos com impostos, várias dívidas na justiça, multas com o fisco, superfaturamento de compras, improdutividade em diversos setores, maquiagem de

resultados e tudo o mais que pode levar uma Companhia à ruína. A reunião entre Lázaro e Ismail se deu em dois dias e não foi na sede do Grupo , mas no seu haras, em Itaipava, pois não queria ser incomodado sob nenhuma hipótese. O presidente da organização se viu pasmo diante do quadro que seu diretor lhe mostrou, calcado em uma gama de provas incontestáveis. O resumo era que a empresa estava seguindo rumo ao abismo.

Ismail, ao longo de sua vida como empresário, já havia

presenciado e convivido com um enorme número de desvios atribuídos aos mais diversos auxiliares e colaboradores. Vários deles até muito próximos que passaram por sua empresa, mas nunca esperava tamanha punhalada aplicada pelos próprios filhos e parentes. Ao saber do conteúdo do material exposto por seu diretor financeiro, ficou extremamente decepcionado e tomado de ira. Sua vontade inicial fora chamar os principais envolvidos, cobrar explicações e, em seguida, afastá-

los (leia-se Salomon e Ibrahim). Contudo, pensou melhor e, diante dos apelos de Lázaro para que se acalmasse, entendeu que uma cisão na família só pioraria a situação. Assim, Ismail se conteve, afinal, para ele, a família estava em primeiro lugar e tudo que fosse possível para mantê-los unidos seria feito. Além disso, se uma provável divisão interna viesse a público, seria um presente aos seus concorrentes. Ismail também aventou a hipótese de ele próprio se afastar. Em segundos, passou-lhe

pela cabeça toda a vida que passara na condução de seus negócios. E, Salomon, seu filho predileto e principal executivo, a quem vinha preparando para tomar seu lugar, era o responsável pelo pior golpe que já recebera. Em uma escala menor, também tinham participações, Sofia, Maysa e o marido e os demais diretores. Sabe-se lá mais quantos outros. Somente Leon, pai de Roxane e filho mais velho, com pouca participação nos negócios da família estava fora daquele escândalo.

Tomado por desânimo e decepção, Ismail pensou em deixar tudo por conta dos filhos e ir embora do país. Ele já havia acumulado um bom patrimônio ao longo da vida e tinha muito dinheiro no exterior, em paraísos fiscais. Havia muito tempo acalentava o sonho de ir morar em Portugal em uma propriedade rural para criar cavalos de raça, seu *hobby* preferido e deixar a empresa para os filhos e netos, “talvez”, pensou, “a hora seja esta, eles que se virem com o que fizeram”.



O filho Salomon transpirava arrogância e prepotência; era um tipo frio e cínico, mas já nascera em berço de ouro, pois o pai lhe entregara nas mãos uma corporação já pronta, com um nome já feito e consolidado no mercado, “o que o fez a agir desse jeito?”, perguntou-se Ismail.

Diante ao exposto por Lázaro, ele se isolou por alguns dias no haras para ver se achava uma saída ou se largava mão, mas ele era o tipo de pessoa que não se entregava facilmente diante das

dificuldades; era daqueles de morrer lutando. Durante aqueles anos todos, vira muitos de seus colegas empresários também irem à falência. Ele mesmo passara por momentos difíceis. Sobrevivera a vários planos econômicos nos diversos governos que passaram pelo país, resistira com unhas e dentes à recessão ocorrida no fim dos anos 70 e início dos anos 80 e, por pouco, não sucumbiu no período Collor. Agora, no fim de sua vida não se conformava em ver tudo o que construía ruir; tinha de

encontrar uma solução, era uma questão de honra.

Trocando ideia com Lázaro, ambos concordaram que uma mudança estrutural na empresa teria de ser feita de forma urgente, mas ainda não tinha em mente exatamente como seria, apenas um esboço. Ele também externou ao diretor que não estava se sentindo muito bem ultimamente e que em caso de vir a se ausentar por problemas de saúde, a empresa poderia mergulhar em um caos, sobretudo pelas disputas internas

entre os filhos. Uma das alternativas que ele estava pensando era chamar seu filho mais velho, Leon, para participar com maior vigor na Atlas. Apesar de ele possuir uma formação médica e de não ter uma vivência técnica, Leon era inteligente e conciliador. O que faltava em Salomon, seu primogênito tinha de sobra. Era excelente comunicador era quem sempre apaziguava as querelas entre os irmãos. Sabia lidar com pessoas e não era leigo em administração, já fora gestor de vários hospitais do Rio de Janeiro e

São Paulo e tinha experiência como secretário de saúde. Sabia lidar bem com políticos, algo que Salomon definitivamente desprezava. Àquela altura, se fazia mister alguém com talento de articulador na direção da empresa. Leon, em algumas ocasiões, já tinha feito intervenções a favor da Atlas usando suas conexões e conhecimento com funcionários do governo e congressistas; concorrências tidas como perdidas sofreram reviravoltas graças a ele, e, lógico, gordas comissões. Outra peça que se

tornava fundamental na engrenagem da Atlas era Lázaro, que viera do mercado financeiro e era possuidor de experiência internacional, com amplo conhecimento no ramo. Ele se comprometeu a ficar ao lado de Ismail sob qualquer circunstância, disse que iniciaria uma série de contatos com especialistas para estudar o caso da Atlas e achar uma saída para a recuperação, ou mesmo um renascimento.

\*\*\*

Diante do impasse em que Roxane estava, não sabia se terminava seu relacionamento ou se prosseguia; um tanto quanto confusa, foi se aconselhar com seu guru preferido, Armand, logo com ele, que estava sempre a tramar alguma coisa em seu próprio proveito. Fazia muito tempo que ambos não conversavam de forma mais profunda, falaram-se no Natal apenas para se cumprimentarem e ela lhe entregar o presente; mais nada. Armand, que também jogava cartas de tarô, ao ficar a par do que

estava se passando com ela e das circunstâncias, aconselhou-a a se afastar de Siegfried, dizendo que aquele caso não daria em nada, que alguém sério em sua vida ainda estava por vir e que muitos e muitos homens ainda cruzariam seu caminho, antes daquele que a levaria ao altar. Sim, ela se casaria de véu e grinalda, ele previu, e seria uma festa grandiosa! Estas foram as palavras de Armand. A conversa com ele a deixou ainda mais confusa.

Ainda em fevereiro,



precisamente em um sábado à tarde, quando Roxane estava em casa, ela recebeu uma ligação da amiga Camila:

– Você não faz ideia de quem está na cidade. Advinha? – perguntou Camila.

– Fale logo!

– Você vai pular de alegria!

O Fred!

– Jura? Onde você o viu?

– Foi a Rafaela que encontrou com ele e me contou. O povo vai se reunir hoje à noite lá no Leblon, mais ou menos cerca de oito

horas. Vou confirmar o lugar e te ligo. Quer saber mais? Ele perguntou por você para Rafaela, e pediu para avisá-la que quer te ver.

Roxane mal se conteve.

Ficou nervosa, sem ter o que falar para Camila.

– Será que ele veio de vez? – perguntou.

– Olhe! Não sei! Veremos um “revival” entre vocês dois? – brincou Camila.

Roxane riu nervosa e respondeu:

– Vamos ver...

Um pouco mais tarde, Laura pediu para que Roxane a levasse até a casa do pai, que estava meio adoentado, no bairro de Jacarepaguá. Durante o trajeto, a mãe notou que a filha não estava no seu estado normal. Repetidas vezes dizia que tinha um compromisso naquela noite e que não podia faltar de jeito nenhum.

Por mais que ela pedisse à mãe que tinha de ir embora, elas acabaram saindo em torno de oito e meia da casa do avô. Roxane, aflita, voltou com a mãe para a casa em

São Conrado, tomou banho, arrumou-se apressadamente e partiu rumo ao Leblon, chegando lá pouco mais de dez horas da noite. Antes, ela tomou o cuidado de ligar para Siegfried e inventar que ia ao aniversário de um de seus primos, e que não sabia exatamente a que horas voltaria. Ela foi tão natural e mentiu tão bem que ele nem sequer desconfiou.

Roxane chegou, mas teve um pouco de dificuldade para achar um lugar para estacionar o carro próximo ao bar onde acontecia a

comemoração. Viu Camila na rua. Pareceu que queria lhe dizer algo. Decorridos alguns minutos, Roxane apareceu na calçada do bar e foi interpelada pela amiga, que parecia querer arrumar um pretexto para impedi-la de entrar. Ela, porém, encontrou com um ou outro amigo, na verdade, havia muita gente conhecida do tempo do cursinho que ela nunca mais vira, quando, de repente deparou com uma cena que a deixou estupefata: Fred e Simone estavam aos beijos. Naquele instante, lhe caiu a ficha, Simone, a

quem Fred dizia ser uma mera amiga, era na verdade uma das muitas namoradas que ele tinha, ou melhor, amante, e o pior é que ela acreditou no que ele dizia. Quando ela ia ao Rio de Janeiro, ainda se dispunha a ser a sua anfitriã. Fred, no fundo nunca prestou, ela tristemente confirmou suas suspeitas. Camila tratou de avisá-lo que Roxane estava ali. Por sua vez, ela deu meia-volta e retornou com os olhos marejados e prestes a desabar em prantos. Fred se levantou e foi atrás dela. Chamou-a,

mas ela prosseguiu, até que ele correu e a pegou pelo braço. Como sempre, desdobrou-se em explicações estapafúrdias. Por sua vez, Simone viu tudo e resolveu enfrentar a situação, queria ver a cara de Fred tendo ela e a outra frente a frente.

Foi preciso ainda algum tempo para que Roxane se recompusesse. De mãos dadas com Fred, ela entrou no recinto à vista de todos. Foi conduzida a se sentar na mesa dele, onde havia também um casal de americanos que viera com

ele dos Estados Unidos. Simone foi ao banheiro e retornou em seguida, sentando-se no lugar que já ocupava na mesa com o grupo. Estava formado um perfeito cenário para um “barraco”. Ao sentar-se, Simone a cumprimentou. Ela, por sua vez, reagiu friamente. A namorada de Fred estava preparada para uma possível reação agressiva de Roxane, e esta se sentia um tanto confusa e altamente desconfortável. Mas preferiu manter as aparências, mesmo estando fervendo por dentro. Fred, sentindo que uma situação



explosiva de uma hora para outra poderia irromper, tratou de fazer as apresentações do casal de americanos para Roxane e iniciar uma conversa em inglês sobre o Brasil. Ele planejava ir com eles até Angra dos Reis, onde se hospedariam em um *resort* e também levá-los até Paraty. Roxane pediu um uísque com gelo. Queria encher a cara, tomar coragem e dizer umas verdades, todavia, Fred e os amigos, bebiam caipirinha. Enquanto bebia, Roxane fitou bem Fred e viu como ele envelhecera!

Parecia mais gordo, estava enrugado... com certeza era efeito de cigarro, da bebida e da vida boêmia que ele tanto adorava. Entre uma conversa e outra, Fred revelou a Roxane sua intenção de voltar ao Brasil. Perguntou sobre ela, o que estava fazendo etc. O clima na mesa era tenso. Simone, em tom de desafio, não tirava os olhos de Roxane, parecia querer dizer: “será que você não se enxerga, menina? Você já era!”. De uma hora para outra o que ela estava pensando poderia vir à tona. Roxane,

visivelmente constrangida pela presença da rival, e usando a desculpa de falar com alguns amigos que havia muito não via, saiu do bar em direção ao carro, levando Camila consigo. Uma vez dentro do automóvel, desabou a chorar com a amiga tentando consolá-la.

Pouco depois da meia-noite, Fred deixou o recinto em companhia dos americanos e de sua namorada e com a consciência pesada a respeito de Roxane. Já passava da uma hora da madrugada quando ele ligou para

ela, tentando explicar o inexplicável, mas ela não atendeu. Camila estava com ela tentando diminuir a dor que sentia. A cena dos beijos com Simone não lhe saía da cabeça. Foi uma longa noite em claro e aos prantos, com muitas lembranças do passado indo e vindo simultaneamente. Ela confessou para a amiga que não estava preparada para ver alguém que amara tanto com outra pessoa, e que havia sido enganada durante todo aquele tempo.

Em torno de nove horas da

manhã do dia seguinte, Fred ligou para Roxane. Ela apenas ressonava e resolveu atendê-lo. Ele tentou contornar o mal-estar da noite anterior e, no decorrer da conversa, perguntou se ela estava sozinha. Ela disse que existia uma pessoa, que estava longe, mas que estava caminhando para um término. Ele então a convidou para ir a Angra dos Reis e Paraty, onde ficariam pouco mais de uma semana em companhia de amigos. Roxane quis saber sobre Simone e ele se esquivou dizendo que ela não iria. Cinicamente, falou

que entre ele e ela não havia nada, só uma amizade colorida. A proposta parecia tentadora e balançou o coração dela, no entanto, ela ficou de pensar e dar a resposta mais tarde. A fim de deixá-la ainda mais baratinada, ele lhe disse que pensava nela a todo instante, e que no dia que ela quisesse, poderia arrumar as malas e ir para os Estados Unidos que ele estaria de braços abertos para recebê-la e ficar por lá para sempre, livre de qualquer pressão da família. Mas caso permanecesse no Brasil, ele

estaria disposto a voltar em definitivo e faria de tudo para ficarem juntos, possivelmente em outro estado, em um lugar bem longe, onde recomeçariam uma nova vida. Ela ficou sem voz e, depois de alguns instantes, ainda meio pasma, pediu-lhe calma e tempo para refletir. Em seguida, despediram-se. Depois da conversa com Fred, ela ficou pensativa sobre a possibilidade de aceitar o convite para ir a Angra e até mesmo de assumir a relação com ele em definitivo, jogando tudo para o alto,

e nas consequências decorrentes, ou seja, dizer a todos, inclusive a seus familiares que seu destino era com Fred; depois, ainda exausta pela perda do sono, conseguiu dormir; desta vez, pesadamente.

Como sempre fazia aos domingos, por volta das dez horas Siegfried ligou para Roxane, mas o telefone tocou diversas vezes e ela não atendeu. Meia hora depois, ele voltou a fazer a ligação e de novo ficou sem resposta. A princípio, julgou que ela poderia estar com Tatiana, a prima e afilhada, que



usualmente levava para brincar aos domingos pela manhã, ou talvez estivesse na presença de alguém que não sabia da existência dele.

Despreocupado, ele deixou passar. Uma hora depois, fez nova tentativa e ficou sem resposta. Preocupado, ligou para a casa dela, e como de costume uma das empregadas escaladas para trabalhar no domingo atendeu a ligação. Ele se fez passar por um colega qualquer da faculdade e perguntou por ela. Soube que Roxane ainda dormia e achou um tanto quanto esquisito,

pois desde que a conhecera ela jamais dormira até uma hora daquelas no domingo. Resolveu sair para almoçar e, em seguida, foi pegar um cinema.

Por volta da uma hora, Roxane levantou com a sensação de que havia uma tonelada sobre sua cabeça. Foi até a cozinha e tomou um desjejum leve. Seus familiares perceberam que algo não ia bem, contrastando com o humor esfuziante do dia anterior. Os irmãos perguntaram o que tinha acontecido na noite, já que ela

saiu dizendo que tinha um encontro com ex-colegas do cursinho.

Roxane, no entanto, tentou disfarçar alegando um pouco de dor de cabeça. Perguntaram se ela não ia à casa dos avós para o almoço e ela respondeu que ia pensar.

Definitivamente, algo aconteceu, e eles começaram as especulações, muitas das quais fundadas nos constantes telefonemas que ela recebia ou dava durante o dia, e que procurava manter em segredo ou disfarçar; e até mesmo nas conversas que tinha durante a noite

com a porta do quarto trancada com alguém cuja identidade ela a todo custo mantinha em sigilo. “Com certeza é coisa de algum homem na jogada e ela não quer dizer”, diziam. Novamente vieram as desconfianças de que Roxane supostamente estava envolvida com um homem comprometido, o que gerou novas discussões entre eles e ela. Ainda sob os efeitos do bate-boca com os irmãos, ela se trancou no quarto e começou a chorar em silêncio. Colocou um CD de Janis Joplin e ficou quieta escutando e chorando

pela dor que a consumia. Recebeu uma ligação de Camila, que queria saber como ela estava, e confessou estar dividida e bastante confusa, já que Fred lhe propusera de viverem juntos. Bem no fundinho do coração, e colocando o romantismo à parte, ela sabia que uma vida a dois com Fred era algo difícil de se concretizar. Amava-o, mas uma união com ele seria um desastre para sua vida.

No fim da tarde daquele domingo, Siegfried, preocupado pelas várias tentativas infrutíferas

de contato, ligou novamente para ela, que desta vez atendeu com voz chorosa. Ele notou e perguntou o que estava acontecendo. Ela, por sua vez e à queima-roupa lhe respondeu que estava em dúvida sobre algo muito importante: largar tudo e seguir o homem de sua vida.

Siegfried, meio sem entender, pediu que ela repetisse, pois por uma fração de segundos acreditou que teria entendido mal. Sem cerimônia, ela repetiu. Ao ouvir, ele se calou por um instante e, em seguida, cobrou-lhe explicações. Ela, usando

de extrema sinceridade, disse que uma pessoa do passado havia reaparecido e que fora alguém marcante em sua existência, e que praticamente parte da personalidade dela, e muito do que ela gostava se devia à convivência que tivera com ele. Siegfried, tomado de surpresa, perguntou mais detalhes, porém ela não lhe deu, nem mesmo forneceu o nome dele nem o que fazia.

Nervoso, ele desligou o telefone bruscamente e mal acreditou no que acabara de ouvir.

Bastante chocado, ficou um

longo tempo rememorando o diálogo que acabara de ter.

Os dois só se falariam novamente no meio da semana. Foi Roxane quem tomou a iniciativa.

– Está mais calmo? – ela perguntou.

– Como queria que eu reagisse?

A sequência do diálogo travado entre eles foi áspera, sobretudo por parte dele, que a provocou de todas as formas possíveis e até propôs darem um tempo, aconselhando-a a ir atrás



dele, já que ela mesmo dissera que se tratava do “homem da vida dela”. Por sinal, a frase não lhe saía da cabeça. Roxane tentava contornar, dizendo que fora algo sobre o qual não tivera controle, mas que agora pertencia ao passado e não devia se preocupar com isso. Por trás dessas palavras, o sentimento dela era bem outro. O fato foi que ainda não seria dessa vez que o namoro terminaria. Nem um, nem outro quis tomar a decisão de pôr um fim àquela relação complicada.

No fim daquela semana,

Fred, de retorno da viagem que fizera ao litoral do Sul do estado do Rio de Janeiro, procurou por Roxane. Eles marcaram um encontro em um lugar reservado e dali seguiram para um motel, matando a saudade um do outro depois de anos distantes. No encontro entre ambos, Fred finalmente pôs em dia a conversa que deixaram de ter na noite daquele encontro no Leblon. Contou toda a sua vida fora do país e disse que planejava retornar e queria tê-la de volta. Roxane ouviu tudo, mas

estava cética com relação às verdadeiras intenções de Fred. Naquele quarto de motel, procurou somente saciar a sede de sexo, sem se ligar muito para a veracidade ou não das palavras de seu amante.

O contato entre Roxane e Siegfried seria retomado no fim de semana seguinte, onde ela diria a ele que ninguém o ameaçava com relação a ela, que a sua paixão de outrora já tinha ido embora e que somente se falaram ao telefone. Tentou tranquilizar Siegfried, disse que ela e Fred eram apenas bons

amigos, que ela tinha a vida dela e ele uma outra, e que cada um estava para um lado. Siegfried escutou aliviado, acreditou no que ela disse e pensou que estando no Rio de Janeiro, perto dela, esse tipo de coisa não aconteceria. Ele iria fazer de tudo para sair de Manaus e ficar perto dela.

O aperto financeiro pelo qual passava a Atlas, como não podia deixar de ser, refletia em todas as obras e operações da empresa espalhadas pelo país. Siegfried

estava às voltas com a escassez de recursos que a sede da empresa não lhe repassava, bem como seus pedidos de compra que ele remetia à matriz não vinham sendo atendidos. Tudo isso causava um impacto negativo sobre o andamento dos serviços, não apenas de Manaus, mas também dos outros que estavam sob sua responsabilidade, o da refinaria e o de Niterói. Os fornecedores locais de Manaus estavam cortando o crédito e já não havia dinheiro para abastecer os veículos da obra, custear as

despesas necessárias, nem mesmo o aluguel do *flat* que ocupava, assim como outros imóveis que a empresa alugara não haviam sido pagos, até papel para xerox e demais materiais de expediente já haviam escasseado. Por mais que Siegfried apelasse, não era atendido. Resolveu ele próprio botar a mão no bolso, pois um auxiliar de Lázaro lhe prometera normalizar a situação em no máximo dez dias. Confiando na palavra que lhe fora dada, ele começou a comprar e pagar o que havia de mais urgente com seus

próprios recursos, ou seja, com o dinheiro de seu salário e as reservas que havia feito. Pegava as notas fiscais para as devidas comprovações posteriores. Evidentemente, ele não tinha dinheiro para comprar tudo que era necessário, e tentava empurrar as cobranças dos fornecedores para o mais longe possível para ganhar tempo até que a situação voltasse ao normal. Seus dois outros gerentes, tanto o que estava em Minas Gerais quanto o que liderava os trabalhos em Niteroi estavam para cair fora a

qualquer momento. Ele, por sua vez, fazia de tudo para acalmá-los. Suas tentativas em entrar em contato com Salomon ou outros diretores eram infrutíferas, pois ficara sabendo que por causa da crise a diretoria da empresa passava dias e noites trancada a portas fechadas. Naquele período estava impossível falar com qualquer um deles.

Os boatos que corriam diziam que um furacão estava passando pela sede da Atlas. O fato foi que Ismail convocou o Conselho de Administração e os diretores para



uma reunião, onde a situação da empresa foi exposta e muita “roupa suja foi lavada”. Parte da área administrativa, incluindo o diretor responsável pela área, Rui Vilela, foi demitida, sendo que este saiu calado, mas com os bolsos cheios, como parte do acordo feito entre ele e Salomon, que comprou seu silêncio. As demissões se estenderam novamente à área de compras e aquisições que, à época das irregularidades, estava sob a direção desta mesma pessoa. As medidas eram parte do plano inicial

de recuperação da empresa, que não se limitaria somente à esta ação, quase tudo que a Atlas adquiriria para tocar os negócios tinha a participação de alguém de dentro da empresa, direta ou indiretamente ou com gordas comissões. Como resultado, havia bastante gente na Companhia muito bem de vida, enquanto a Atlas ia muito mal das pernas.

Houve muita discussão entre o alto *staff* da Atlas para tirá-la do buraco. Uma das medidas discutidas seria utilizar os mecanismos da

recuperação judicial, que veio a substituir a concordata. Este dispositivo, amparado em lei, permitiria à empresa renegociar suas dívidas com os credores por um determinado período de tempo, mas Ismail rejeitou, uma vez que o mercado sabendo que a empresa estava naquele estado, poderia afugentar clientes e gerar desconfiança nos meios empresariais quanto à capacidade de reação.

Muitas irregularidades apontavam para os próprios

dirigentes da empresa. Foram demitidos vários gerentes de obra; engenheiros, supervisores e o *staff* administrativo sofreu uma redução, porém muitos apadrinhados ainda foram mantidos, pois a Companhia abrigava bastante gente indicada por políticos, quer por laços de família, ou por amizade, ou mesmo por algum tipo de favor trocado. Este era um dos principais trunfos da empresa, e agora era a hora de colher os dividendos. Ibrahim, sentindo-se incomodado pelas insinuações, e com fortes indícios

de que tinha responsabilidade pela situação, decidiu se afastar voluntariamente, embora apenas teria se antecipado aos eventos, pois ele seria afastado por Ismail. Em substituição, foi apresentando ao Conselho de Administração o nome do filho mais velho, Leon, que se tornou o novo vice-presidente. Apesar da surpresa da indicação, o nome dele foi aceito, pois a reputação de Leon até então era tida como ilibada. A principal argumentação de Ismail era de que Leon tinha muita tramitação nas

esferas políticas de Brasília, bem como em diversos governos estaduais, e, certamente, seria de grande valia. Salomon ficou furioso, mas, diante das circunstâncias, achou melhor não fazer nada e engolir em seco, pois as evidências estavam contra ele. Mas não tardaria em contra-atacar, tão logo tivesse uma chance.

Leon, que se comprometera com o pai a ajudá-lo na tarefa de levantar a empresa, a princípio pensou que o cargo de vice-presidente seria apenas de um

mediador dos conflitos entre Salomon e Sofia, que estavam sempre em lados opostos e também pelo conhecimento que tinha nas esferas federais e estadual.

Imaginou que na eventualidade de uma ausência ocasional do pai, se aconselharia com Lázaro e outros mais, não imaginava nem de longe em vir a tomar as rédeas da Corporação, pois suas aspirações eram unicamente no setor público e não queria abrir mão disto. Tomar o timão de um barco nas mãos em plena tempestade nem lhe passava

pela mente, nem sequer havia se preparado para tal tarefa.

Dias antes desta reunião, Ismail e Lázaro chamaram Leon para uma conversa reservada, onde o pai lhe expôs o que estava sucedendo na empresa. Leon se mostrou estarecido com o que acabara de saber e propôs fazer o possível e impossível para ajudar. Contudo, tudo que lhe foi pedido foi que desse todo o apoio que Lázaro precisasse, pois ele se incumbiria de toda a área administrativa e financeira do grupo, e que haveria



austeridade. Ele, sendo o mais velho, sempre fora respeitado pelos demais irmãos, e, com certeza, seria de vital importância sua participação nessa tormenta que atravessavam. Também soube que era importante o conhecimento dele com os políticos de Brasília, bem como nas esferas de alguns governos estaduais para que a Atlas continuasse a exercer influência e afastasse os concorrentes que sonhavam com a queda deles.

Ismail esperava que Salomon tomasse o mesmo destino que

Ibrahin por livre e espontânea vontade, mas ele não o fez, dissimulou, colocou a culpa nos subordinados, negou as evidências, jurou inocência e se disse traído. Em uma escala menor nas fraudes que envolviam o irmão, mas igualmente implicadas nas mais diversas irregularidades, Sofia, Maysa e seu marido Thomaz na maior desfaçatez seguiram o mesmo procedimento tomado por Salomon. Negaram tudo, bem como alegaram desconhecer o que estaria sucedendo, e juraram levantar a

Atlas custasse o que custasse, propondo-se até a fazer sacrifícios como congelar seus próprios salários, abrir mão das retiradas vultuosas a que teoricamente tinham direito, vender bens etc.

Lázaro veladamente levantou que Salomon viajava com frequência para a região Centro-Oeste, notadamente Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, e havia indícios de que as atividades dele na área de agronegócios eram produtos da lavagem de dinheiro oriundo de desvio da Atlas, bem como de

irregularidades em obras públicas executadas pela própria empresa, como por exemplo superfaturamento com o devido consentimento de autoridades. O dinheiro saía do Brasil, ia para paraísos fiscais e entrava novamente. Era lavado na compra e venda de gado, e daí se ramificava na agroindústria. Ele não estava sozinho, tinha alguns sócios também. Todos eles com dinheiro de origem escusa. Muitos dos negócios de Salomon tinham como testa de ferro alguns “laranjas”,

notadamente, parentes de sua mulher e pessoas ligadas ao agora ex-gerente administrativo, Rui Vilela, e também algumas de suas namoradas. Além das atividades ilícitas de Salomon, ele esbanjava muito dinheiro com suas amantes, mimos caros, lojas de franquias e viagens ao exterior em companhia de belas mulheres. Ibrahim, por sua vez, além de vice-presidente da Atlas, também acumulava negócios externos à empresa, tal qual Salomon. Ele também se beneficiou da empresa do cunhado o quanto

pôde para levar a cabo seus interesses particulares. A exemplo de outros tantos metidos em operações ilícitas, também fazia uso de “laranjas”, em sua maioria, parentes próximos e filhos que não trabalhavam diretamente na Companhia. Com a saída dele, Murilo tomou o mesmo rumo.

Lázaro preferiu não revelar o que descobrira ao seu superior, pois temia que o “velho” não fosse aguentar tanta má notícia de uma só vez. Como não dispunha de material concreto para apresentar, mas

somente indícios, se bem que bem fortes, optou em um primeiro instante não dizer nada. Ismail sabia que seu filho viajava muito para o Centro-Oeste, onde o próprio havia dito que estava comprando uma fazenda, mas isso de longe era apenas a ponta do *iceberg*.

Seria necessário um pouco mais de tempo para levar a cabo as investigações sobre as transações de Salomon. Mas diante do que já fora dito, o melhor seria aguardar um momento mais propício. Caso ele quisesse prosseguir, ele tinha meios

para levantar em profundidade o problema, pois possuía boas conexões e conhecia meio mundo. Em se confirmando suas desconfianças, teria de contar com alguma influência política de Ismail junto a altas esferas do governo para tornar mais ágil judicialmente uma maneira de pelo menos fazer retornar à empresa parte do dinheiro desviado, mas, obviamente, isso significaria que ao obter as provas concretas em mãos, teria de denunciar Salomon e todos os implicados à Justiça. Lázaro, porém,



decidiu agir com sensatez, pois uma briga em família nos tribunais era algo que poderia ter um efeito danoso para a imagem da empresa, tanto internamente quanto para o público externo, e poderia afastar clientes, causando um resultado adverso.

Assim como um exército em guerra, com vários inimigos simultâneos, seriam necessárias abrir diversas frentes de “combate” a fim de que a empresa pudesse se restabelecer. Ismail, Lázaro e outros conselheiros, e até os próprios

filhos, montaram uma estratégia de recuperação que, a rigor, não tinha muita novidade, a exemplo de outras corporações que passaram por problemas semelhantes.

Basicamente, as medidas iniciais constituíam em ganhar prazos nas dívidas e refinanciá-las, inclusive com o fisco; buscar fontes de financiamentos para prosseguir as obras que estavam em andamento e novos clientes; fazer parcerias, cortes drásticos de custos; vender ativos; abandonar contratos deficitários e monitorar tudo

constantemente. Dessa forma, esperavam estancar a sangria e tomar fôlego para seguir adiante. Posteriormente, com o decorrer dos resultados, novas correções de rumo seriam feitas. Apesar das medidas austeras, os efeitos só seriam sentidos depois de meses da implementação. Se tudo corresse bem, dois ou três anos ou quem sabe até mais seriam suficientes para que o grupo saísse em definitivo do buraco.

Em uma troca de e-mails

entre Siegfried e seu amigo Carlos José, que ainda estava no pequeno vilarejo da Bahia, este último contou que sua situação era insustentável. O fato era que o resultado financeiro do empreendimento em que ele estava se mostrava desastroso, e não era somente isso, o cliente também reclamava muito dos prazos não atendidos, da qualidade dos serviços executados etc. Cazé, que fora defenestrado por um diretor para um lugarejo situado no Sul daquele estado, ao chegar detectou que

faltava competência e disse ao gerente local, que era protegido da pessoa que o perseguia, que o empreendimento estava mal-estruturado e conduzido de forma pior. Na verdade, a intenção fora mandá-lo para lá com objetivo claro de “queimá-lo”. Cazé, a princípio, odiou o que fizeram com ele, e ainda tinha outro agravante, achava-se intelectualmente bem acima do que quem estava no comando e se sentia incomodado de estar nessa situação inferior. Um “armistício” entre eles só foi estabelecido graças

a Eva, que ele conhecera lá, e se viu perdidamente apaixonado. Foi exclusivamente por causa dela que ele se acalmou por algum tempo, mas, naquele instante, a paixão já não era suficiente para manter os ânimos serenos, já que a dimensão do problema extrapolou o inter-relacionamento entre ele o chefe e o cliente pedia providências, sob pena de aplicação de multa pelo não cumprimento de várias cláusulas contratuais.

Cazé, ao sentir cheiro de fumaça no ar, previu que alguma

coisa aconteceria. Como já tinha uma “pendenga” com o Linhares, provavelmente seria fritado. No e-mail a Siegfried, perguntou se teria como lhe arrumar uma colocação dentro da Atlas. Contudo, o amigo lhe expôs a dura situação pela qual estava passando. Dias depois, Cazé escreveu dizendo que fora demitido. Sabendo do que estava por vir, resolveu vender caro a sua “cabeça”, já estava preparando com antecedência um relatório minucioso com documentos comprobatórios de tudo o que vira

de errado, e cuja responsabilidade direta não cabia a ele. Logo, ao pôr os pés na sede da empresa no Rio de Janeiro, vindo da Bahia, fez o documento chegar ao superior de Linhares, o vice-presidente da empresa.

Cerca de quinze dias depois da entrega do dossiê, alguns membros da diretoria da empresa foram ver de perto o que se passava. Chegaram na segunda-feira cedo na obra sem avisar ninguém sobre a visita surpresa. Era sabido que para se tentar recuperar o prazo, estavam



trabalhando de domingo a domingo, mas, para espanto deles, não viram nenhum integrante da gerência presente no local, apenas alguns supervisores de nível técnico e engenheiros jovens. Já eram dez horas da manhã e o pessoal responsável ainda não havia aparecido. Por volta de onze horas foram até o alojamento para verificar se algo havia acontecido, e depararam com praticamente todo o *staff* ainda dormindo, e alguns se levantando. Haviam feito um churrasco na véspera e muitos deles

“encheram a cara”, como se diz na gíria. Posteriormente, foi apurado que tais eventos eram comuns, alguns ocorriam até durante a semana quando passava jogo de futebol na TV, e parecia que muitos deles pouco se importavam com suas obrigações profissionais.

Algumas semanas depois, Cazé soube que o chefe da Bahia foi demitido e Linhares sofreu severas advertências em um primeiro momento; posteriormente, depois da apuração dos relatos contidos no relatório pela alta chefia da

empresa, ele também foi desligado. Apesar de desempregado, de certa forma se viu vingado e mostrou com fatos que fora vítima de uma injustiça, mas isso não reverteu o quadro de sua demissão.

Siegfried, ao saber do ocorrido, conversou pessoalmente por telefone lamentando o que acontecera ao amigo, e, apesar de ele próprio estar buscando uma posição no mercado, prontificou-se a ajudá-lo no que precisasse. “Não fosse a situação complicada que assola a Atlas, Cazé seria de muita

valia para mim”, refletiu, sentindo muito não ser capaz de fazer nada por ele.

Cazé foi demitido com todos os direitos. Pegou uma boa bolada pela indenização, mas agora com Eva em sua vida, ele teria de arrumar algo e rápido. Ela, por sua vez, ao saber que ele perdera o emprego e que em decorrência disso iria embora, caiu em desespero. A situação financeira dela começava a ficar ruim por causa do fim das obras perto da sua cidade; o movimento de seu restaurante caíra,

e não era só ela e os filhos que dependiam daquela atividade, tinha a irmã com a família e a mãe. Não haviam recursos suficientes para manter a todos. Eva, uma mulher batalhadora e valorosa, desesperou-se não por causa da ajuda que Cazé nos últimos tempos estava lhe dando, afinal, sua vida toda fora dessa forma, sacrificante, mas pela possibilidade de perder a quem ela chamava de amor da vida dela. Poucas vezes se lembrava de ter tido um tratamento tão afetuoso como o que Cazé lhe proporcionava. Na

verdade, a própria vida nunca lhe tratara bem.

De volta a Santos, sua cidade natal e onde sua família vivia, ele, que até então estava a fim de se separar da esposa e se juntar com Eva, preferiu adiar a decisão até a situação ficar mais clara. Uma parte do que ganhara pelos anos que servira na empresa, Cazé deu para Eva, para ela ir se virando até que ele tivesse algo em mãos. Ele esperava muito aflito voltar a trabalhar e tirar sua amada daquele buraco, pois, uma vez ausente não

tardaria a aparecer candidatos para ocupar seu posto, o problema era que muitos dos pretendentes podiam não ter os mesmos escrúpulos que ele. Eva, apesar das condições humildes, era uma mulher atraente e sensual. Ele comentara com Siegfried, certa vez, que se ela se arrumasse um pouquinho melhor, não passaria despercebida, era capaz de virar a cabeça de qualquer homem de qualquer posição social.

Naquele período complicado pelo qual passava a empresa, Siegfried tentava se manter calmo,

embora fosse bastante difícil; vivia tomado por uma extrema ansiedade sobre o que estaria por acontecer e isso o angustiava; ele fazia o possível para não passar aos subordinados e ao cliente de que algo ia mal. Esforçava-se para manter o senso de humor e transmitir algum tipo de confiança e tranquilidade àqueles que conviviam com ele. Em seu íntimo, no entanto, o que mais desejava era retornar ao Rio de Janeiro. Queria a sua vida social de volta, sentia falta de seu pequeno apartamento de



frente para o mar, da praia, dos lugares elegantes que gostava de frequentar, de visitar os pais com regularidade, e por que não encontrar sua amada de uma vez por todas. Desde que fora trabalhar na Atlas, sua vida parecia ter virado pelo avesso. O trabalho árduo sempre fora uma constante em sua carreira profissional, aquilo não era novidade, mas uma série de fatores estavam minando sua resistência, entre os quais o pouco reconhecimento que lhe davam aliado às promessas que lhe haviam

feito ao entrar na empresa, e que até aquele momento não foram cumpridas. Trabalhar sob pressão ocasionalmente, tudo bem, era admissível, mas aquilo se tornara algo constante e ele não vislumbrava solução; era cobrado por resultados cujos recursos não lhe eram dados; quanto mais fazia e por mais que fizesse ainda assim a direção parecia insatisfeita; as tarefas do dia a dia se tornavam dramáticas; sentia-se sozinho e isolado. Tal como em outros lugares, o estresse diário, que ele

costumava curar em academias de ginástica ou praticando esportes, em Manaus não estavam acontecendo. Como era retido até tarde no trabalho, dispunha de pouco tempo à noite para cuidar de seu lazer. Chegava à academia e já tinha vontade de ir embora por causa do cansaço. A própria cidade, semelhante a uma estufa úmida e infernal, também não lhe dava tréguas. Em suma, estava extenuado da vida que estava levando e se sentia infeliz, não estava mais valendo a pena tanto sacrifício.

Falar com Roxane era algo que ainda lhe dava algum ânimo, mas até isso estava passando por altos e baixos. Pensou até em namorar alguém da cidade, quem sabe uma companhia feminina fosse capaz de pelo menos levantar seu astral? Oportunidades não faltavam, no entanto, sua atenção se voltava para sua distante Roxane e o que ele fazia era mergulhar no trabalho a título de se resignar com sua sina.

Utilizando sua rede de amigos, conhecidos e contatos que fizera ao longo de sua vida

profissional, ele intensificava sua tentativa de dar uma reviravolta em sua situação, pois, com a crise instalada na empresa, não via luz no fim do túnel tão cedo, ou talvez para ele nenhuma luz haveria mais.

Roxane e ele, aos poucos, voltaram a se falar com alguma regularidade. Ele evitava por todos os meios os assuntos polêmicos, para evitar discussões. Em uma dessas conversas, ela perguntou se ele sabia exatamente o que se passava, pois o avô, nas palavras dela, teria envelhecido alguns anos

em dias. Siegfried respondeu apenas que a situação parecia ser grave, em virtude de que ele próprio estava sem recursos para continuar os serviços, mas desconhecia a extensão da crise, a não ser por boatos, que vinham por e-mails e alguns telefonemas. Poucas vezes Siegfried e Roxane conversavam sobre a empresa, e ele o quanto podia evitava tocar no nome de qualquer um deles. Quando falava de trabalho era para comentar sua rotina, a fiscalização que lhe cobrava muito, além de outros

assuntos, mas evitava externar alguma impressão pessoal a respeito dos membros da família dela, exceto quando ela própria falava alguma coisa, ao que ele sempre replicava sucintamente, sem emitir opinião mais profunda, embora em seu íntimo fazia severas críticas às atitudes de Salomon, corriqueiramente autocrata e pedante.

Se a Atlas fechasse as portas naquele momento, Ismail e a família não ficariam pobres, muito pelo contrário, havia recursos

suficientes para mantê-los ricos até seus tataranetos. Evidentemente, os funcionários e credores ficariam a ver navios. O chefe do clã

Armadunian mandou muito dinheiro para o exterior em duas ocasiões, a primeira, às vésperas do confisco do governo Collor, onde, possuidor de boas conexões dentro das mais diversas correntes políticas, foi avisado a tempo do que estava por vir. A segunda, antes de Lula tomar posse, pois, até então, temia-se o que um presidente de esquerda pudesse fazer, uma vez que durante



a campanha se apregoava que haveria uma mudança radical na política econômica. Posteriormente, tudo se acalmou e os temores se dissiparam, pois o novo governo em linhas gerais seguiu no mesmo rumo de seu antecessor. Mas Ismail, orgulhoso da Companhia que montara praticamente do nada, e dotado de um valoroso sentimento de luta honrando as tradições de sua linhagem, faria de tudo para manter o que construía de pé. Não queria passar por um fracassado, e, como um homem honrado, não

desapontaria seus empregados. Alguns estavam com ele desde o tempo da fundação da empresa, portanto, estava diante de um real desafio, até maior do que fora quando começou sua escalada. Veio à sua mente a saga de sua família destrozada na Armênia no século passado e a luta de seu pai e de seu tio para se reerguerem no Brasil; não seria ele que deixaria o nome dos Armadunians ser lançado por terra.

## **Chapeuzinho Vermelho Conhece dois Lobos Maus e um Certo Doutor Lacoste**

Foi em uma noite em que não conseguia dormir e meio aborrecida pela vida, que Roxane resolveu se distrair em um site de bate-papo, um chat, onde praticamente havia se afastado desse tipo de entretenimento desde

que começara o *affair* com Siegrfried. Inicialmente, procurou pelas salas de sexo, não encontrando ninguém que pudesse sustentar uma conversa mais inteligente, pois mesmo em se tratando de sexo, ela considerava fundamental que o sujeito pelo menos tivesse algum grau de cultura antes de entrar propriamente dito no assunto em questão, procurou e decidiu mudar de tema, foi para um outro segmento, “cidades”, em São Paulo, uma sala para pessoas de quarenta a cinquenta anos. O destino a guiou a

uma “sala” em que praticamente havia uma confraria de pessoas que mantinham um encontro regular por ali e, vez por outra, o mesmo grupo se reunia em um bar naquela cidade. O chefe da tribo era um senhor cinquentão, que usualmente usava o nick de “Diavolo”, diabo no idioma italiano, e era tão sedutor quando o próprio personagem. Às vezes, esse mesmo cavalheiro adotava outro nick: “Lobo Mau” e, obviamente, buscava por “chapeuzinhos vermelhos”, dispostas a cair na “lábria” dele.

Roxane, que sempre usava o nick de odalisca, desta vez resolveu trocá-lo para “Chapeuzinho Vermelho”, e era um chamariz de marmanjos em toda a “sala” que entrava. Atraída pelo nick do cinquentão, que lhe remeteu às recordações dos rituais de Hidalgo, iniciou o contato com um “oi”, que foi correspondido com outro “oi”, seguido pela frase “seja bem-vinda!”, afinal, tratava-se de um lugar quase que exclusivo daqueles que costumeiramente frequentavam aquela “sala”. Assim, começaram

uma conversa. O tal Diavolo, ou Lobo Mau, era um sujeito envolvente com as palavras, daqueles tipos profissionais, que faziam qualquer uma se encantar com ele; com Roxane não foi diferente, ele simplesmente a deixou fascinada. Por outro lado, o então Diavolo também se impressionou com “Chapeuzinho Vermelho”, viu que não se tratava de uma garota comum como tantas outras que ele encontrava na net com frequência. Aos olhos dele, tratava-se de uma pessoa sofisticada

e com certo refinamento, algo raro de se encontrar, principalmente com a idade que ela disse ter. No mundo real ele tinha cinquenta e sete anos, era separado, tinha um casal de filhos e já era avô. O filho mais velho, então com vinte e sete anos, era casado e pai de um menino, e a filha mais nova, de vinte e dois anos, era solteira. Ambos os filhos e a ex-esposa tinham uma convivência um tanto quanto conflituosa com ele. A conversa entre ambos varou a madrugada, mas Roxane, apesar da insistência



de Diavolo, não forneceu o seu telefone, coisa que ele facilmente conseguia com suas interlocutoras de ocasião.

Diavolo era especialista em tecnologia da informação, um TI, e se chamava Abel Trajano da Silva. Era oriundo de uma pequena cidade do interior de Minas Gerais e, em busca de uma vida melhor, foi para Belo Horizonte trabalhar em um banco. Estudava à noite e se formou em Administração de Empresas, mas não exerceu a profissão, sobretudo porque o mercado de

trabalho na época estava bem difícil para administradores e porque Belo Horizonte era um lugar restrito para exercer esse tipo de profissão. Com a expansão da informática, no início dos anos 80, Abel migrou para essa área; fez um curso de um ano de Análise de Sistemas e começou a trabalhar nesse ramo, pois ainda não havia cursos de graduação nessa área, que se destinava a quem possuísse um curso superior na área de exatas.

Outro frequentador habitual da sala naquela noite não apareceu,

tratava-se de Diógenes Cordeiro, cujo nick mais frequente era “Bad Wolf”, em português, Lobo Mau. Vez por outra, adotava o apelido de “professor”, também um chamariz para meninas novas. Diógenes e Abel eram amigos de longa data em Belo Horizonte. Ele também migrou para a área de Tecnologia da Informação, sua profissão de origem era professor de Matemática, tinha quarenta e cinco anos, era solteiro e tinha dois filhos, cada um com uma mulher diferente. Não se casou com nenhuma delas. Os meninos

moravam com as respectivas mães, e ele dava uma pensão alimentícia conforme determinava a lei. As más línguas diziam que o livro de cabeceira de Diógenes era Lolita de Nabokov, em virtude de seu envolvimento quase constante com garotas mais novas, mas não podia ser considerado um pedófilo. Apesar das piadas a seu respeito, ele jamais se envolvera com menores de idade, pelo menos era o que dizia. Abel também era alvo de chacotas do gênero, da mesma forma que seu amigo era sempre visto em

companhia de mulheres mais jovens, ganhando o apelido de “tiozinho”, em alusão a um famoso comercial de refrigerantes veiculado na TV no fim da década de 90. Na propaganda em questão, aparecia um senhor de meia-idade, um tanto quanto inconveniente, assediando uma jovem muito bonita e sendo mal-sucedido nas suas investidas.

Os dois “lobos maus” não eram propriamente bem aquinhoados de atributos físicos. Na vida real, as conquistas amorosas de ambos não era das mais felizes. Na

vida virtual, porém, a história era outra. Tanto um quanto o outro possuíam uma razoável bagagem cultural. Bad Wolf, por exemplo, quando “pegava” alguma juvenzinha nas salas de bate-papo, estava sempre com a tela do site de buscas Google minimizada. Se a menina gostasse do Cold Play, Madonna ou Jane Austen ele ia lá imediatamente e via tudo sobre o grupo, a cantora ou a autora citada e “teclava” com ela como profundo conhecedor do assunto. Dessa forma, cativava suas potenciais “presas”.

Abel tinha os cabelos quase que totalmente brancos, lisos e repartidos de lado. Sua estatura era cerca de 1,72. Era moreno-claro, do tipo que raramente tomava sol. Tinha uma compleição física média e uma barriga bastante proeminente, que ele atribuía ao seu apetite por cervejas e massas. Também contribuía com isso a vida sedentária que levava. Brincavam com ele que sua barriga chegava sempre bem antes dele.

Diógenes por sua vez, era moreno, com altura em torno de

1,85 . Era muito magro e andava com as costas curvadas, tinha cabelos negros e anelados, cheios, com poucos fios brancos. O rosto era longo e fino e, como tivera na adolescência muitas espinhas, tinha profundas marcas na face. Usava uma espessa barba na tentativa de encobri-las, o que lhe conferia um aspecto sério e sisudo. Se lhe dessem um turbante, ele se assemelharia em muito a um militante taliban. Ambos usavam óculos por causa da miopia, o que lhes dava um jeito de intelectual.



Abel, por sua vez tinha o rosto redondo e transmitia certa simpatia. Era do tipo bonachão e paternal; falava baixo e calmamente. Em um primeiro contato, se parecia com um professor boa-praça, amigo da garotada. Os dois varavam madrugadas em chats, uma vez que nem um, nem outro, tinham emprego formal. Abel e Diógenes atuavam como consultores em sistemas e informática em diversas empresas, e trabalhavam em conjunto em vários empreendimentos. Vez por outra,

Diógenes ia a São Paulo para dar uma mão a Abel, e vice-versa, ocasionalmente ministravam treinamentos e, para não perder o costume, Diógenes ainda dava aulas, mas de informática. Essas atividades faziam com que tivessem horários flexíveis.

A dupla, ao longo do tempo, colecionava vitórias e derrotas em suas empreitadas amorosas e se aperfeiçoou na arte da conquista via net. Eram dois profissionais, mas quando saíam do mundo virtual para o real, a coisa complicava. Muitas

das pessoas com as quais eles mantinham conversas via chat acabaram por conhecê-los pessoalmente. Às vezes, acontecia que tanto a outra pessoa quanto eles se desapontavam mutuamente, pois, ao vivo, a impressão era outra. Apesar da aparente fluência dos dois, na vida real eram um tanto quanto tímidos e isso deixava muita gente frustrada, pois quem esperasse encontrar alguém falante e comunicativo, citando versos e frases de autores famosos tal como na sala, deparava exatamente com o

oposto. Eles nunca mentiam quando se descreviam fisicamente, mas, obviamente, sabiam bem como dizer as palavras certas. Durante um tempo até trocavam fotos, mas não passavam disso, principalmente quando se tratava de jovens que visavam basicamente rapazes e homens com boa aparência. Muitas esperavam encontrar ali do outro lado do computador alguém semelhante a um ator de cinema, mas havia quem gostasse, quase sempre eram mulheres mais maduras, separadas, sozinhas e

carentes. O fato era que ambos colecionavam casos amorosos, em sua maioria superficiais. Entre Abel e Diógenes , o mais bem-sucedido era o primeiro. Grande parte das vezes o encontro real, quando acontecia, não passava de uma xícara de café ou de uma caneca de chope, outras, de um breve muito prazer e tchau. Às vezes até acontecia de rolar algo mais, o que era bem raro. Começava com um encontro em um bar, um jantar, até que finalmente a coisa descambava para um encontro em um motel.

Quase sempre, depois disso, não acontecia mais nada.

No dia seguinte ao encontro de Chapeuzinho Vermelho e Diavolo, Diógenes recebeu um e-mail muito entusiasmado de Abel, dizendo que tinha conhecido uma “gata” muito especial e tecendo comentários elogiosos à sua recém-conhecida, onde destacou que a tal gata adorava coroas, algo que Roxane sempre deixava patente em suas conversas pela net. Diógenes, em resposta à mensagem do amigo, e bastante curioso, perguntou se ele

tinha fotos dela. Mais tarde, ao ler o e-mail do amigo , Abel respondeu que não, mas que ela ficou de mandar. Talvez retornasse à sala na noite seguinte. Roxane, excitadíssima com o então lobo mau da vez, conforme combinaram, retornou, desta vez Bad Wolf estava presente.

Roxane, quando conhecia alguém em alguma sala de bate-papo e nas ocasiões em que não estava com Lussin incorporada buscando sexo fácil, tinha três parâmetros principais para avaliar

se podia ter alguma química entre ela e alguém do outro lado do monitor do computador. Primeiro, era a idade: no mínimo acima de quarenta anos; segundo, o gosto musical, terceiro, o gosto pela literatura. Em uma escala de preferência, depois da questão idade, a preferência musical com quem ela estivesse conversando sofria alto grau de julgamento. Ela desenvolveu um sistema próprio de análise da personalidade pelo tipo de música que o sujeito gostava de ouvir. Apesar de ter adorado Abel,



inicialmente ela o achou meio brega, pois ele se autodefiniu como eclético, “gostava de tudo que fosse bom”, usando as próprias palavras dele, o que incluía, a seu modo de ver, duplas sertanejas, passando por música regional, Roberto Carlos, o pianista Richard Clayderman, Frank Sinatra, Johnny Mathis, cantores e compositores mineiros como Lô Borges e Beto Guedes, chegando até Beethoven. Na verdade, ele ouvia coletâneas, com os trechos mais conhecidos do grande público, sem conhecer em profundidade a obra

por inteiro. Mas, na conversa que tivera com ela, se disse também fã de Janis Joplin, Hendrix e Bob Dylan, talvez para lhe agradar.

À noite, ela retornou à mesma sala com a intenção de encontrar Abel, e foi por meio dele que acabou conhecendo Diógenes , ou melhor, Bad Wolf. Desta vez, ela se apresentou com outro nick “Luxury”, com a intenção de fazer um par perfeito com Diavolo, pois era uma combinação ideal entre o pecado e o seu criador. Após as devidas apresentações entre Luxury

e Bad Wolf, sendo que com este houve uma maior indentificação, pelo menos no quesito música. Apesar de ele despejar sobre ela tudo o que viu no Google a respeito de Janis Joplin, The Doors e Bob Dylan, artistas que ela venerava, ele era admirador de rock progressivo e música eletrônica dos grupos alemães da década de 70, Kraftwerk e Tangerine Dream, assim como Lou Reed, Emerson Lake e Palmer, Frank Zappa, Rick Wakeman, entre outros. Gostava também de rock americano como Dire Straits e

Bruce Springsteen. A conversa fluiu bem, porém ela não se ateve somente a Bad Wolf, mas também a Diavolo e com outros que ali estavam, pois eles tinham o hábito de conversar em grupo, ou seja, todos viam o que os outros conversavam entre si, salvo um ou mais tipos de diálogo mais restritos entre dois membros.

Roxane viu em Abel e Diógenes uma mistura do seu amado Fred, parecia que cada um dos dois tinha um pouco dele, e ambos se mostravam bastante cultos

na visão dela. Abel adorava poetas, Fernando Pessoa, Vinicius, Drumond, todos já devidamente apresentados a ela por Fred; gostava de ler best-sellers e dizia que estava escrevendo um livro de contos e poesias. Tão boêmio quanto Fred, ele apreciava happy hours com os amigos que fazia nos lugares em que prestava serviços. Era capaz de atravessar São Paulo para ver alguma apresentação de chorinho, um barzinho com um bom pagode ou alguma pizzaria recém-inaugurada que algum de seus

conhecidos recomendassem. Tinha um apreço especial por uma boa mesa, principalmente por massas, e, vez por outra, se punha a cozinhar para algumas de suas namoradas e amigos. Apesar de ter incorporado bem os costumes paulistanos, definia-se como um típico mineiro, adorava degustar cachaças finas e queijos, e mantinha alguns hábitos alimentares de sua antiga terra natal, como torresmos, mandioca frita, linguiça e outros mais.

Se perguntassem a Abel se ele gostava de esportes, ele

prontamente respondia que sim, mas na TV. Zombava de si próprio, dizendo que sua atividade esportiva favorita era levantamento de copos de cerveja ou de chope, mas, para não falar que não fazia absolutamente nada, jogava sinuca e dardos, às vezes, entre um copo ou outro de cerveja.

Diógenes gostava de frequentar os famosos barzinhos de Belo Horizonte, geralmente acompanhado por seus alunos de ocasião e colegas de classe, pois, em geral, estava sempre metido em

algum tipo de curso. Era um tipo excêntrico, que gostava de se mostrar como um erudito. Entre outras coisas, dizia que seu autor favorito era um obscuro poeta persa, contemporâneo da Renascença, a quem só ele conhecia. Há pessoas que se deixam impressionar por esse tipo de conversa, e foi o caso de Roxane.

Nos dias que se seguiram, Roxane visitava a sala regularmente para falar quase exclusivamente com os dois. Estava armado o terreno para um triângulo amoroso,



envolvendo Chapeuzinho Vermelho ou Luxury, Diavolo e Bad Wolf.

Ela, no entanto, continuava as ligações telefônicas com Siegfried sem o menor pudor. Ainda, vez por outra, tinha crises de ciúmes e bastava ele não atender alguma ligação durante o dia ou mesmo estar ausente do *flat* durante algum chamado dela, que era duramente questionado:

– O que você estava fazendo? Por onde andou? Por que não me atendeu? Você deve estar aprontando alguma!

Esse comportamento ambíguo que ela exibia, ou seja, ora parecia querer, ora desdenhar, levava Siegfried a crer que tudo estaria resolvido estando ele perto dela. Esse seria o maior erro que ele cometeria em sua vida.

Com o passar dos dias, Siegfried começou a ter retorno dos currícula que até então havia enviado. Apareceram três novas oportunidades de trabalho, uma nos confins do Pará, na implantação de uma mineradora, outra no Sul, na refinaria de Canoas próximo a Porto

Alegre, e outra em uma empresa de médio porte em Macaé. A do Pará ele rejeitou prontamente. Embora o salário fosse atrativo, ele não pretendia passar três anos metido na selva e morando em um alojamento. O da refinaria até que era bom, mas ele preferia ficar mais perto de casa, sendo que repassou as oportunidades que ele declinara ao amigo Cazé, que ainda estava desempregado. No caso, Macaé para ele parecia ser a melhor opção, exclusivamente por ser no estado do Rio, próximo à cidade do Rio de

Janeiro e de seus pais, mas, como sempre, nem tudo é como se quer. O trabalho em Macaé não era dos melhores, tratava-se de da manutenção de plataformas na Bacia de Campos, onde todos sabem que a fiscalização costuma ser implacável e arrogante, um verdadeiro caldeirão de fritura. Depois de rejeitar os dois primeiros, Siegfried retornou o contato com a empresa de Macaé. Ficou a par do trabalho a ser realizado e das demais condições. A faixa salarial estava um pouco aquém de sua

expectativa, mas era uma forma de sair da Atlas e esperar o horizonte se tornar mais claro. No entanto, pediu um tempo para pensar, marcaria uma entrevista com o diretor da empresa para se inteirar melhor. Concederam-lhe duas semanas para resolver.

Algumas notícias do que estava se passando chegavam até Siegfried por meio de sua secretária, mas o acesso dela às informações era restrito. Ele estava tentando, sem sucesso, falar por telefone com Nelson, pois por e-mail poderia ser

perigoso. Todo cuidado era pouco, pois temia que alguém no departamento de informática da empresa pudesse fazer algum tipo de espionagem, sendo que Nelson, mesmo em meio à forte tempestade pela qual passava a Companhia, estava metido em uma concorrência da ampliação de dois portos situados na região Nordeste, e por causa disso, mantinha-se estrategicamente ausente. Depois de cerca de dez dias, por fim deu sinal de vida e lhe expôs o que estava acontecendo. O resumo era que no

atual momento, Lázaro era o homem forte da organização, estava levando executivos de sua confiança para os postos-chaves em compras, finanças, RH e administração, e como não podia deixar de ser, as fofocas davam conta de que o pessoal, quase todos vindos de São Paulo, foi contratado com altos salários. Esse fato, como em qualquer lugar, deixava os antigos funcionários bastante descontentes. Soube também que Vanessa, por quem se interessara ao entrar na Atlas, a então gerente da área de

Recursos Humanos, saíra, retornara a Fortaleza, sua cidade natal, e que muitas demissões estavam em curso. O critério era eficiência, quem mostrasse fraca performance estava sendo desligado. O “facão”, no caso, passara longe de Siegfried, pois todos os seus três empreendimentos estavam no azul, apesar de todas as dificuldades. Nelson, no entanto, omitiu um detalhe importante.

Em meio à dúvida de sua ida a Macaé ou não, Siegfried, certo dia, ao abrir sua caixa de mensagens



eletrônicas, deparou com um e-mail de José Raimundo. O conteúdo da mensagem era estranho. Havia uma série de cobranças de providências relativas aos empreendimentos de Manaus e Betim. Siegfried se perguntou o que aquele indivíduo tinha a ver com aquilo, uma vez que não era subordinado a ele. A resposta veio a seguir. Ao fim da mensagem, a assinatura eletrônica indicava que ele agora ocupava o cargo de diretor-adjunto, ou seja, em caso de ausência de Salomon, José Raimundo assumia, tornara-se

o braço direito dele. Siegfried ficou estupefato e mal se conteve. “Então o adulator servil chegou perto de seu objetivo”, disse para si mesmo. Em seguida, ligou para Nelson, que confirmou o posto que José Raimundo agora ocupava. Em meio às mudanças havidas na empresa, José Raimundo acabou se dando bem. Em uma tentativa de mostrar serviço, a mensagem dele para Siegfried estava repleta de questionamentos e solicitava várias explicações sobre a condução dos empreendimentos citados. A origem

foram duas cartas das respectivas fiscalizações enviadas a Salomon, cujo tema Siegfried conhecia, pois ele recebeu as cópias, sendo que a pauta fora uma reunião havida entre as duas partes. Siegfried estivera presente nas duas ocasiões. O conteúdo da correspondência era que tanto um cliente quanto o outro pediam à diretoria da Atlas várias medidas regularizadoras cuja competência de resolução estava acima dos gerentes locais e do coordenador geral do empreendimento, no caso Siegfried.

O tom usado por José Raimundo fora bastante provocativo e ele interpretou como uma afronta, pois, além disso, indicava um total desconhecimento do assunto em questão. Ele respondeu à mensagem na mesma sintonia que recebera, desaforada, e aproveitou a oportunidade para fustigá-lo, pedindo-lhe que resolvesse o que cabia à direção da empresa, pois o que se devia à competência dele, ele já havia feito.

O resultado à reposta de Siegfried não tardaria a chegar. José

Raimundo, querendo valer o cargo de sua nova posição dentro da empresa, convocou Siegfried para que fosse pessoalmente e o quanto antes à sede no Rio de Janeiro para dar as devidas explicações sobre o assunto. Indignado, Siegfried respondeu que iria tão logo fosse possível, e preparou o terreno para sua saída. Ligou para Macaé e acertou os detalhes de sua ida para o acerto final com o diretor da empresa. Passaria na Atlas não para falar com José Raimundo, mas para pedir demissão.

Os eventos das mensagens trocadas entre Siegfried e José Raimundo se deram no início de semana. Siegfried planejou viajar no domingo próximo , no primeiro voo cedo. Alugaria um carro e no mesmo dia seguiria para Macaé. Dormiria naquela cidade e, no dia seguinte, pela manhã, faria a entrevista e acertaria um prazo de desligamento da Atlas e sua apresentação, sendo que ainda na segunda-feira à tarde passaria na empresa e formalizaria sua saída.

A semana passou correndo ,

tudo saiu conforme os planos que ele traçara. Por volta das dez horas da manhã de segunda-feira, após a entrevista em Macaé e seguindo de volta em direção ao Rio de Janeiro, o administrativo de Manaus ligou no seu celular:

– Doutor Siegfried, aqui é Olegário! Bom dia!

Em tom de brincadeira, Siegfried respondeu:

– Bom dia, já lhe falei para não me chamar de doutor, mas o que foi? Algum problema?

– A secretária do doutor

Ismail ligou e pediu que o localizasse urgentemente. Falei com ela como o senhor me instruiu, que estaria no Rio de Janeiro cuidando de problemas pessoais e que estaria na Atlas à tarde.

– Ok, Olegário! Isso mesmo! Mais alguma coisa?

– Bem, ela não sabia que o senhor iria para o Rio de Janeiro e ficou um pouco surpresa. Apenas disse: “que bom!”. Parece que o doutor Ismail está precisando falar com o senhor pessoalmente e urgente.



– Tudo bem, depois do almoço estarei lá.

Depois de desligar o celular, Siegfried, que tinha encostado o carro no acostamento da estrada para atender a ligação, retomou a viagem. Decorridos cerca de vinte minutos, a própria secretária do presidente ligou confirmando a reunião. Siegfried, meio intrigado, achou que, com certeza, Salomon e José Raimundo deveriam ter pedido a cabeça dele ao pai, “se me demitirem, melhor assim, fica mais fácil”, pensou.

Por volta da uma hora, Siegfried chegou à sede da empresa em Botafogo e seguiu direto para a sala que ainda dispunha. Foi recebido com bastante entusiasmo por dona Zulmira, que o encontrou com certo ar de preocupação. Por meio dela, soube que além dele, outros coordenadores de obra também foram agraciados com os e-mails de cobrança de José Raimundo, sendo que este passaram a manhã inteira em reuniões com alguns dos convocados, mas, naquele momento, ainda não voltara

do almoço. Siegfried contou a secretária que recebera uma convocação vinda do próprio Ismail:

– De repente – disse para a secretária –, o assunto pode ser o mesmo, a minha saída.

Ela respondeu:

– Deus me livre, doutor.

Siegfried foi recebido por volta das duas horas. Pensava que além dele estivessem presentes Salomon e José Raimundo, mas em vez disso, o presidente estava sozinho. Esperava encontrar um

homem abatido pela crise pela qual a empresa estava passando, e possivelmente irritado, pois a própria Roxane dissera que o avô da noite para o dia envelhecera cerca de dez anos, mas, ao contrário, encontrou um homem absolutamente animado e alegre. Ismail iniciou a conversa perguntando a ele quando ele retornaria para o Rio de Janeiro de forma definitiva, pois a presença dele na sede da empresa se fazia necessária de forma imperativa. Nisso, pediu que sua secretária

chamasse Nelson à reunião. Depois de cinco minutos ele chegou, e o motivo era que a Atlas estava sendo consultada para muitos empreendimentos na área de óleo e gás e Nelson e sua equipe não estavam dando conta dos orçamentos e das negociações. Era necessário alguém com experiência no segmento para alavancar as oportunidades que estavam aparecendo e se perdendo, tal qual haviam conversado na ocasião da sua contratação no ano anterior, e fora para isso que ele foi contratado.

Todavia, o que se via era Siegfried apagando incêndio a todo instante. Ismail o cobriu de elogios, coisa que até então nunca acontecera com ninguém da empresa. Siegfried se viu tomado de total espanto, pois esperava a sua demissão, ou que fosse enfrentar um tribunal da Inquisição. No entanto, estava ali com o próprio dono da empresa sendo colocado nas alturas. Entre outras coisas, ele falou que pessoas como ele eram raras e que sua presença era fundamental aos esforços da Atlas para se reerguer

etc.

Diante de um homem entusiasmado e eufórico, expondo todos os planos de recuperação da Companhia, onde o próprio acreditava que os problemas estavam equacionados e que em breve a situação normal estaria restabelecida, Siegfried não teve coragem de dizer que sua vontade era se demitir. Na verdade, ficou tomado de compaixão por Ismail e não quis estragar o estado de graça pelo qual ele estava possuído. Mentalmente, refez seus planos de

saída e lá pelas tantas disse ao presidente:

– Sem dúvida – respondeu – eu também posso colaborar e muito com esforço de levantar a Atlas.

– Ótimo! – respondeu o velho.

O otimismo de Ismail se devia não a algum desvario, mas por causa de que em um espaço de poucos dias muitos nós foram desfeitos, entre os quais o negócio nefasto do Suriname, que caminhava para uma solução. Um grupo empresarial canadense se



interessou e formulou uma proposta de compra para a Atlas. Apesar de estar aquém do que a direção da empresa pretendia e de não cobrir o que ela já havia investido, mesmo assim se constituía em um alívio, e estava em curso negociações de ampliação de dois portos na região Nordeste. Mas o grande problema imediato era o de caixa, ela tinha de permanecer respirando pelos próximos meses até que entrasse dinheiro nos seus cofres, resultante da venda da mineração e da contratação dos portos. Esse gargalo

ainda estava sem solução.

Durante uma pausa para um café, dona Solange entrou na sala do chefe com um recado para Siegfried. José Raimundo mandou lhe transmitir que depois da reunião com o presidente da empresa, ele estava à sua espera. Assim, seu bom humor acabou e ele resolveu jogar uma cartada decisiva. Abriu sua valise e tirou as cartas que a fiscalização da petroquímica e da refinaria haviam mandado a Salomon. Passou-as para Ismail, que as leu e entendeu o problema. O

assunto em questão era da competência de Lázaro, compras, suprimentos e assuntos afins, que fugiam à alçada dele. Ele ponderou que respeitava José Raimundo como profissional, mas não se sujeitaria a ele, muito menos se submeteria a algum tipo de reprimenda, e que se fosse assim, seria melhor sair.

– Fique tranquilo quanto a isso! – respondeu Ismail. E completou: – A partir de agora, você não terá de dar mais explicações nem para Salomon, nem para José Raimundo, mas somente a mim. E,

na minha ausência, para Lázaro e Leon, que é o vice-presidente. Sua área será transformada em diretoria de óleo e gás, e, conforme for, talvez até a transforme em uma empresa independente, ligada à *holding*.

Tanto Siegfried quanto Nelson, que ainda permanecia no local, ficaram pasmos. Em seguida, Ismail dobrou as correspondências e fez um despacho manuscrito no verso endereçado a Lázaro, onde pedia que fosse dada uma pronta solução ao problema. Pediu a

secretária que a encaminhasse.

Siegfried se comprometeu a conseguir um gerente de imediato para assumir o empreendimento, mesmo que Ken Osawa não pudesse, ele teria de arrumar outro. Fez uma estimativa para Ismail de que em três semanas ele estaria de volta de forma definitiva, porque teria de passar um tempo com o novo gerente até que ele estivesse a par de tudo.

No mesmo dia, no longo voo noturno de volta a Manaus, Siegfried nem por um instante

conseguiu cochilar. Mantinha ainda vivo em sua mente a reunião com Ismail e a reviravolta inesperada da situação. Seu plano de sair da Atlas e ficar com Roxane, às claras, estava lhe dando um nó na cabeça. Pelo menos por enquanto, arquivaria o plano. Pensava em manter por mais tempo o relacionamento escondido e “quem sabe se eu me mostrar um profissional capaz e de confiança aos olhos da família dela, eles possam me aceitar?”, conjecturava. Mas havia um frio na barriga que o fazia pressentir que

alguma coisa não ia bem, um incômodo sem explicação.

\*\*\*

Decorrida uma semana depois de Roxane conhecer os dois “lobos maus” pela net, ela já estava às voltas com meia dúzia de CDs de Sinatra, Kraftwerk e Emerson Lake e Palmer, enviados pelos dois novos admiradores. Abel a instruiu como instalar um programa de mensagens instantâneas, o “msn”. Dessa forma, não era preciso esperar até a noite

para poderem entrar na sala de bate-papo para conversar, bastava estarem conectados no mesmo momento, a qualquer hora do dia ou da noite, o que com frequência começou a acontecer. Roxane, aos poucos foi se inclinando mais para o lado de Abel, afinal, ele era mais maduro, mais experiente e sedutor do que Diógenes , e já fazia planos para encontrar com um e com outro, pois, antes de se decidir por um deles queria provar os dois. Até considerava a hipótese de ficar com ambos. Assim como ela, Abel,



muito entusiasmado, também começou a fazer planos de um encontro entre eles, mas isso não se daria de imediato, Roxane, bem ou mal, ainda tinha um vínculo com Siegfried, e Abel ainda teria de enfrentar um certo médico, amigo do pai dela, que estava por aparecer.

\*\*\*

Além do recente problema de ajudar na recuperação da empresa de sua família, Leon tinha

outros dois: seus compromissos políticos, pois era suplente de senador e poderia de uma hora para outra assumir a posição no senado; e outro, que apesar de simples, não lhe saía da cabeça desde o Ano-Novo, conseguir um namorado para a filha, antes que ela arrumasse um aventureiro qualquer. O fato de ela proclamar aos quatro cantos do mundo que estava sozinha, não enganava ninguém. A desconfiança pairava sobre quem poderia ser o seu suposto namorado secreto. A conclusão a que os familiares

chegaram era que somente poderia tratar-se de um homem casado, ou talvez alguém com motivo forte o suficiente para se manter às escondidas. Como a imprensa volta e meia noticiava casos amorosos envolvendo jovens de classe média e marginais, esse tipo de suspeita também vivia assombrando os Armadunians. Por essa razão, antes que qualquer uma dessas hipóteses se confirmasse, no entendimento de Leon, o melhor a fazer seria se antecipar aos acontecimentos desagradáveis que poderiam vir.

Ele conhecia bem a filha que tinha e sabia que ela possuía a capacidade de incendiar por dentro qualquer homem. Ele mesmo inúmeras vezes presenciou a filha fazendo jogo de sedução com muitos de seus amigos, conhecidos e até com estranhos. Bastava uma oportunidade para tal, não duvidava que qualquer hora um deles cairia na rede dela, com consequências imprevisíveis. Examinava mentalmente vários nomes, todos do rol de suas amigadas, em geral, pessoas influentes da sociedade.

Sabia que a filha tinha predileção por homens maduros, e isso o fazia descartar os filhos de alguns amigos próximos, todos com idades variando de vinte e trinta anos. Na faixa dos trinta e cinco a quarenta anos e solteiros não restava nenhum disponível. Claro, havia os separados, os sem filhos e os com filhos, estes ele não queria nem ver. Chegou até trocar opinião com a esposa Laura, que de imediato achou ridículo, pois conhecia bem a filha. Roxane prontamente reagiria àquela ideia ultrapassada de um

namoro arranjado pelos pais, mas, com o passar do tempo, Leon acabou por convencê-la de que era o melhor a fazer, antes que ela, em um belo dia fugisse de casa com algum forasteiro ou mesmo com um bandido, pois o que parecia impossível, era perfeitamente passivo de acontecer.

Depois de refletir bastante sobre os prováveis pretendentes para a filha, restaram dois nomes: um era o filho mais novo do senador J, César, um bonitão solteiro, que era visto sempre em companhia de

belas mulheres, modelos, atrizes iniciantes e carrões esportivos; um tipo polêmico, um sujeito com vocação para arrumar encrencas. A seu favor contava com a fama de ser um empresário empreendedor, bem-sucedido e vencedor, que conduzia os negócios da família com mão de ferro, tinha trinta e oito anos, mas parecia que não tinha residência fixa no Rio de Janeiro, pois o senador J concentrava seus negócios nas regiões Norte e Nordeste. A impressão que dava era que seu filho ia à cidade para badalar, armar

algum tipo de confusão e depois sumir. O outro suposto pretendente era um renomado médico ortopedista chamado Oscar, dono de um curriculum invejável, com cursos de especialização no exterior, possuidor de uma seleta clientela formada por VIPs e jogadores de futebol, que eram atendidos em sua caríssima clínica na Zona Sul do Rio. Tinha quarenta e dois anos, era divorciado e não tinha filhos.

A escolha recaiu sobre Oscar, uma vez que ele tinha um melhor relacionamento com ele.



Além disso, era o que melhor atendia aos gostos de Roxane; pelo menos seria a primeira tentativa; se não desse certo, quem sabe com o César daria? Apesar de se opor à ideia de a filha namorar um homem que já fora casado, ele abriria uma exceção.

Quando Leon pediu a opinião a Laura, ela reagiu prontamente:

– Mas o Oscar? Não dizem que ele é gay?

Ao que Leon reagiu:

– Oscar, gay? Claro que não ! Quem falou isso? Sabia que ele já

foi casado?

– E daí? – falou Laura. E, continuou: – Todo mundo pensa que ele é! Além disso, você mesmo não vê com bons olhos os separados, agora vai admitir um para sua filha?

– Mas o Oscar é diferente, ele é superculto, viajado, muito educado; um homem inteligentíssimo, de ótima família, um profissional realizado, talvez seja pelo fato de ele ser tão educado que as pessoas julguem que ele seja gay, mas não é.

– Mas então? Qual é a ideia?

– Vou chamar Oscar para jantar aqui em casa qualquer dia e tentar uma aproximação de Roxane com ele, já que ela sempre diz que gosta de homens maduros, porque são mais cultos, sabem conversar etc. Em minha opinião, ele é ideal para ela, nunca conheci ninguém mais culto.

– Tudo bem, então, não custa tentar, mas acho que não vai dar certo – completou Laura.

Oscar Hofman era filho e neto de médicos, e sua mãe era uma

pianista que também pintava quadros e comercializava obras de arte. Eram proprietários de uma galeria em um bairro nobre do Rio de Janeiro, até que resolveram se mudar para Friburgo, cidade situada na região serrana do estado. A galeria, então, ficou sob a administração de sua irmã mais velha. Ele devia ter por volta de 1,80, tinha porte atlético, porém os ombros eram estreitos em proporção ao seu tamanho. Era moreno-claro, tinha cabelos lisos e repartidos de lado, pouquíssimos fios de cabelos

brancos e quase não tinha barba. O rosto dele era praticamente liso. Talvez sua fama de gay se devesse ao fato de ser educado ao extremo. Seu jeito de falar era meio mole e tinha um modo de andar meio rebolativo. Outra de suas características era que se tratava de um homem muito reservado e discreto, não era afeito a brincadeiras, estava sempre muito sério e a todos dava a impressão de não possuir nenhum senso de humor. Passava a imagem de um tipo esnobe e se comportava como

um aristocrata. Ele mesmo se achava um nobre inglês e sempre que havia oportunidade usava blazers com brasões no bolso. De modo geral, Oscar possuía um bom visual. Outra de suas particularidades, que chamava a atenção, era sua predileção de se vestir quase exclusivamente com uma determinada grife de roupa, a Lacoste. Ele se trajava dos pés à cabeça com peças dessa famosa marca, todas imaculadamente brancas, o que lhe valeu o apelido de doutor Lacoste, dado por amigos

e pessoas de seu círculo de relacionamentos.

\*\*\*

No dia seguinte à sua chegada a Manaus, Siegfried se concentrou na tarefa de conseguir um gerente que ficasse à frente do empreendimento para conseguir voltar ao Rio de Janeiro de forma definitiva. Ken Osawa estava indisponível e o jeito foi arrumar um substituto, talvez, no futuro, em outros projetos, poderia contratá-lo .

Haviam recomendado um profissional competente, mais novo do que Osawa e também com menos experiência do que ele, mas o curriculum dele era bom, seu nome era Antônio Carlos. Siegfried já havia conversado com ele anteriormente, a ideia era aproveitá-lo em um empreendimento futuro. Com orçamento muito apertado e com um cliente muito exigente, no entender de Siegfried, Osawa era a melhor opção, pois tinha experiência nesse tipo de situação e já trabalhara com ele. Sabia do que



o “Buda” era capaz, mas diante das circunstâncias, iria arriscar com Antônio Carlos e ficar por perto para não deixar o “barco” tomar um rumo indesejado. Telefonaria para Ken avisando das mudanças que houveram em Manaus e lhe ofereceria um posto no projeto de Angra que poderia esperar um pouco mais por ele , e de certa forma seria até melhor para ele , pois ficaria mais perto de sua família em São Paulo.

Os acontecimentos saíram conforme planejado. Antônio Carlos

era esperado em uma semana para assumir a posição . Siegfried ficaria com ele mais ou menos por cerca de dez dias, depois, voltaria a cada quinze dias até que tudo estivesse nos devidos eixos, ou como Siegfried dizia: “era só administrar e colocar ‘no piloto automático’”.

As oportunidades que apareceram tanto no Sul, no Pará e em Macaé, Siegfried repassou ao amigo Cazé, que ainda permanecia desempregado.

Conversando com Roxane sobre os últimos acontecimentos,

ele disse:

– Pode me esperar que semana que vem estarei de volta. Se não me esperar no aeroporto, vou direto para a sua casa, vou bater na sua porta e perguntar: “Roxane está?” – disse rindo, querendo testar a reação dela.

Ela, no entanto, meio que surpreendida, respondeu:

– Como é que é? Você vai mesmo voltar ou está de brincadeira?

– Estou falando sério, seu avô me intimou a voltar, disse que

espera contar comigo, e, ali mesmo, quase disse a ele sobre nós dois.

– Você não teria coragem – reagiu ela.

– Olhe, foi por pouco.

– Fala sério! Vai voltar mesmo?

– Estou falando! Volto na próxima semana. Na verdade, ele ainda teria pela frente cerca de quinze dias, mas para colocar pressão, insistia que era em uma semana.

– Você conseguiu alguém para ficar em seu lugar, o tal

japonês que você falou?

– O japonês não pode vir, consegui outro, também competente, vamos arriscar. Mas, então, vai me esperar no aeroporto? Ou acha melhor me esperar na sua casa para jantar? – em seguida, soltou uma gargalhada.

Roxane, um tanto quanto apreensiva e não percebendo que se tratava de uma brincadeira, preferiu ficar calada. Ele percebeu que ela ficara assustada diante da hipótese dele se apresentar na casa dela, por outro lado, ele sabia que se a família

descobrisse que ele se envolvera com ela, ele estaria frito, portanto, não havia o menor risco de isso acontecer, mas ela levou a possibilidade a sério.

No dia seguinte, em torno de nove horas da manhã, ela ligou para ele:

– O que você está fazendo? Está ocupado?

– Mais ou menos, estou em uma reunião informal com o cliente. O que foi? Pode dizer!

– Bem, nós precisamos conversar...

– Ok! Pode dizer!

– Melhor mais tarde, quando  
você estiver no *flat*.

– Tudo bem.

Ele conhecia bem aquele tom de voz, e a forma como ela falou só podia significar uma coisa, ela ia pedir o rompimento do namoro, “se é que aquilo podia ser chamado de namoro”, ele pensou.

Depois do diálogo em que Siegfried disse que estaria de volta ao Rio de Janeiro, Roxane resolveu romper aquele relacionamento meio estranho, “já foi até longe demais”,

ela disse para si mesma.

Tal como Siegfried desconfiara, depois de muitos rodeios e elogios a ele, usou um argumento dos mais calejados: “Você é um cara muito bacana, e merece alguém melhor do que eu”. Siegfried disse irônico:

– Estou admirado!

– Por que estou rompendo?

– Não! – reagiu ele. –

Esperava uma desculpa mais original, não é seu estilo esse papo de que “você merece alguém melhor do que eu”. Isso está para lá de



velho – e depois sorriu e completou:  
– Eu já esperava, não me  
surpreendeu.

– E o que tem a me dizer?

– Não tenho nada a dizer.

– Nada? – perguntou  
incrédula.

– Tudo bem, já que insiste,  
eu acho que agora que voltarei ao  
Rio de Janeiro, você teria a  
oportunidade de me conhecer  
melhor, como é meu estilo de vida,  
minha maneira de ser... eu tenho  
tanta coisa para lhe mostrar... Da  
última vez em que nos encontramos

não fizemos vários planos?

A conversa entre eles durou cerca de quarenta minutos, onde. Entre outras coisas, ela disse que ainda não estava preparada para assumir um compromisso sério, que era muito jovem, mas que ficariam amigos etc. Logicamente, fora uma desculpa esfarrapada, porque moças bem mais jovens namoram com compromisso sem maiores neuras.

Naquela mesma noite, Siegfried pensou que mais dia menos dia, ela voltaria atrás na decisão, pois esse tipo de crise não

fora a primeira. Mas daquela vez ele se enganaria. Ela não iria pedir reconciliação e ainda o deixaria alimentando esperanças por um longo tempo, porque o contatos entre ambos permaneceria.

Mais ou menos de dois em dois dias, Roxane ligava para ele para saber como ele estava, parecia arrependida. Siegfried esperava a qualquer momento que ela fosse pedir para reatar. Ambos conversavam sobre tudo, mas ela não tocava no assunto. Os dias foram se passando e ele se tornando

amargurado, com uma sensação de vazio, esperava por uma volta que não aconteceria.

## **Um Oceanógrafo na Vida de Odalisca**

Siegfried, por fim, voltou ao Rio de Janeiro e assumiu o cargo de diretor. Muito serviço esperava por ele, vários orçamentos que Nelson estava fazendo na área de óleo e gás, agora teriam de passar pelo seu crivo. Visita a novos clientes em potencial estavam sendo agendadas

e ele ainda tinha de monitorar os empreendimentos que estavam em andamento, entre outros afazeres. Na Atlas, ele era um ilustre desconhecido e seu estilo de atuação foi logo notado. Chegava sempre bem cedo, pouco depois das sete da manhã, enquanto o restante dos funcionários só chegava depois das oito horas. Sendo que os mais graduados só eram encontrados após as nove horas da manhã; geralmente, ele saía depois do encerramento do expediente, com frequência, era visto aos sábados no

escritório, e por causa do acúmulo de orçamentos que ele tinha de verificar, levava serviço para casa com regularidade. Era do tipo que conversava com todos sem distinção, isso ele já fazia nas obras, pois, diariamente, dava uma volta para ver com os próprios olhos o que sucedia e tirar suas próprias conclusões. Buscava sempre manter um íntimo contato com os subordinados e agia com franqueza para com eles, sem meio-termo e sem meias palavras. Seu método era direto, sem rodeios, diferentemente

da postura de muitos executivos da Atlas. Por outro lado, o clima que ele encontrou na empresa não era dos melhores, era tenso e pesado, abalado por onda de demissões, restrição a novas contratações, contenção severa de despesas e planos de ação para recuperação; só se comprava o que fosse absolutamente necessário. Salomon e José Raimundo eram hostis com ele, nem sequer se cumprimentavam. Embora Siegfried tentasse se mostrar gentil e receptivo, não obtinha



reciprocidade. Tudo indicava que tinha ganhado dois novos inimigos, o prestígio dele incomodava a muitos. O diretor financeiro, Lázaro, que também acumularia a função de diretor-executivo, cargo exercido anteriormente por Salomon, pois fora a maneira que Ismail encontrou de punir o filho, se bem que havia gente que dizia que a pena fora branda em face do volume de irregularidades que o mesmo teria cometido; ele estava mantendo as finanças da Atlas sob severa contingência e tinha carta branca da

presidência. Esse fato começou a incomodar muita gente, em especial os filhos, que tinham perdido a autonomia, parecia que só Siegfried tinha boas relações com ele. A impressão que se tinha era que a empresa estava dividida em dois segmentos: os que estavam com Salomon e os que estavam com Lázaro. Este, por sua vez, era meticoloso e analista ao extremo. Para dispor de alguma quantia para algum setor da empresa, o responsável respectivo tinha de demonstrar com evidências

concretas, seguida de memória de cálculo, e se submeter a um questionamento severo do porquê da solicitação e o destino da verba pedida. Ele ainda acompanhava de perto o emprego do dinheiro sem tolerar o menor desvio. Esse tipo de situação começou a gerar grande desconforto dentro da Corporação, mesmo que o controle rígido se fizesse necessário naquele momento.

Estando de volta, Siegfried julgou que seria fácil reverter sua situação com Roxane. Faria de tudo

para uma reaproximação, pois não compreendia como era possível que agora que ele morava na mesma cidade e até em um bairro próximo ao dela, ela fosse se manter indiferente. “O que teria acontecido com as juras de amor que ela lhe fizera até com bastante insistência?”, pensava. E os planos que traçaram? Esse conjunto de fatores teimavam em não abandonar sua mente. O que ele até então não sabia era que Roxane se sentia atraída por paixões difíceis e cheias de obstáculos, quanto mais

parecesse impossível, mais ela gostava. Com toda certeza, se ele permanecesse em Manaus, Belo Horizonte ou outro lugar bem longe, certamente ainda estariam “juntos”, pelo menos sob o ponto de vista dela.

Os e-mails de odalisca para ele se tornaram mais raros. Os telefonemas também, até que um dia ele resolveu ligar e tentar uma reconciliação, o que foi em vão. Ele então quis saber se havia outro, ela negou, até prometeu que em caso de um retorno, seria nos moldes dela,

às escondidas, sem que ninguém soubesse, pois estava ciente das implicações que teria com a família dela, mas ela se esquivava. Não se sabe se propositadamente ou não, ela sempre deixava uma porta aberta para uma volta: “vamos esperar mais um pouco”, dizia, ou então: “meu avô está precisando de mim, anda meio deprimido”, “meu pai não sai do meu pé, agora deu para querer me arrumar um namorado”. As desculpas iam se sucedendo. Combinavam de pegar um cinema em um domingo no *shopping*, sem

compromisso, porém, no dia marcado, ela arrumava um motivo qualquer para não ir. Siegfried até dizia para que ela levasse a prima Maria Alice para não parecer que ele estava forçando a barra. “Tudo bem!”, ela falava, mas não fazia.

Um contrato que estava sendo costurado havia muito tempo foi assinado. Tratava-se da reforma de uma plataforma de perfuração a ser executada em uma área alugada de um estaleiro em Angra dos Reis. A Atlas seria a responsável pelos serviços de reforma em conjunto

com uma empresa que faria o projeto de Engenharia. Muito entusiasmado, ele ligou para ela para lhe dar a auspiciosa notícia. Ela, por sua vez, disse que queria ver a tal plataforma e se seria possível levá-la até o local. Ele se prontificou de imediato e começou a fazer planos de viagem, o que, evidentemente, não ocorreu. Usando os mais variados motivos, ela nunca estava disponível, e assim Siegfried ia se iludindo que um dia a teria de volta. Apesar do pouco caso que Roxane estava fazendo, ele ainda



lhe enviava algum tipo de mimo para agradá-la. Sabendo que ela adorava música, achou dois raros CDs de duas divas do jazz, Sarah Vaughan e Ella Fitzgerald cantando Bossa-Nova que ela dizia gostar, ainda herança de Fred, obtendo dela um mero e simples obrigado.

– Assim que der eu escuto e lhe falo o que achei, obrigada.

Apesar de Roxane manter um estreito contato com Abel e Diógenes naquele período, não se furtou em aceitar o convite de Hidalgo para uma rodada de pôquer

no fim de semana, com ele e os amigos. Dessa forma, voltaria a se aproximar de Armand e do desembargador, mas se manteria afastada dos rituais que ambos ainda promoviam, pelo menos naquele momento.

Roxane pertencia a ONG ligada ao meio ambiente, mas sua participação na organização até então fora discreta. Uma vez ou outra participava de algum evento como as passeatas pela Zona Sul do Rio de Janeiro ou campanhas de limpeza de praias e florestas, mas

não se entusiasmava muito. Certo dia, Camila, uma de suas amigas mais próximas, arrastou-a até a sede da ONG, onde haveria uma série de palestras, debates e apresentação de material de pesquisa a respeito das mudanças climáticas. Apesar de o tema ser de interesse de todos, o real motivo pelo qual Camila a tinha convidada era outro, um certo Ricardo Augusto. Ao reclamar para Camila que estava se sentindo meio confusa e deprimida pelo rompimento do namoro, apesar de a iniciativa ter partido dela, confessou

que estava tentada a dar a mão à palmatória e pedir desculpas a Siegfried e, quem sabe, ensaiar um retorno. A amiga, a fim de ajudá-la a superar a suposta depressão, resolveu bancar o cupido, tentando uma aproximação entre ela e o tal Ricardo Augusto e assim esquecer Siegfried em definitivo, pois desconhecia que Roxane já se arrumara ou estava em vias de se arrumar com dois “lobos maus “ fora do Rio de Janeiro .

Ricardo Augusto, também conhecido como Ric, poderia figurar

em um pôster de propaganda de perfumes da Ralph Lauren, pois possuía uma bela estampa. Tinha trinta e dois anos, era loiro, bronzeado de praia, olhos claros, cabelos propositalmente mantidos despenteados, à moda fashion, barba por fazer, e seu estilo de se vestir era como de um militante ecológico de revista de moda. Ele se cuidava nos mínimos detalhes e ainda usava um brinco na orelha esquerda. Seu biotipo era magro, baixo e franzino. Tentou ser modelo de desfiles de moda quando mais jovem, mas o

físico não ajudou. Conseguiu somente posar para fotografias de roupas. Passou a juventude praticamente na praia do Arpoador, pois tentou se tornar surfista profissional sem obter sucesso. Já adulto, o seu ganha-pão eram as campanhas publicitárias de ocasião para algumas marcas de roupa de moda praia, pois fazia o estilo personagem “menino do Rio” celebrizado em uma famosa canção. Também recebia uma mesada dos pais.

Na época de entrar na

faculdade, achava que tinha vocação para Arquitetura. Foram três tentativas, até que, por fim, entrou, no entanto, não ficou nem seis meses. “Cálculo e Desenho Técnico não foram feitos para mim”, dizia. Com vinte e três anos foi tentar fazer um curso de Oceanografia. A duras penas, passou no vestibular. Dentro da universidade, seu desempenho era pífio, e quando já estava à beira de ser jubilado, por causa das seguidas repetências, caiu-lhe um presente nas mãos: Fernanda. Se por um lado sua

performance como estudante era medíocre, no campo amoroso ele era um campeão. Além de bonito, fazia-se de coitadinho e carente. Uma vez que os pais eram separados, ele tirava partido dessa situação. Dessa forma, atraía a compaixão de muitas garotas e mulheres que queriam “adotá-lo”. Ele era daqueles que praticamente acampavam na casa das namoradas: comia, dormia, tomava banho e até roupa punha para lavar. Nem se importava se incomodava ou não, para desgosto dos pais de suas



respectivas namoradas, que o viam como um autêntico “mala”.

Fernanda foi um verdadeiro porto-seguro na vida de Ricardo Augusto. Idealista, estudiosa, inteligente, aplicada e linda. Era morena-clara, tinha estatura mediana, era esguia e tinha um corpo escultural, graças a anos de prática de natação, pois fora integrante de uma equipe de nado sincronizado. Adulta, ainda permanecia praticando esportes aquáticos. Seu hobby preferido era mergulho; acabou arrastando

Ricardo Augusto para essa prática desportiva. Possuía uma legião de fãs. Muitos de seus amigos e amigas questionavam por que ela fora se encantar justo por um tipo daqueles, pois, sabidamente, ele passava a imagem de um sujeito folgado e aproveitador, que tirava partido de seus encantos físicos e parecia não ser chegado a pegar no batente. O fato é que Fernanda se apaixonou por ele, em parte por causa de seu jeito de pobre coitado e desprotegido e também pela aparência, bem como por sua

conversa, pois ele sabia bem como seduzir as mulheres. O resultado foi que Fernanda o “carregou” durante todo o curso de Oceanografia.

Depois que ela o conheceu, nunca mais ele foi reprovado em qualquer matéria. Após a formatura, ele também devia a ela os estágios e o seu atual emprego de pesquisador, pois fora ela que conseguira uma colocação em uma organização internacional de pesquisas ambientais, usando todo o seu charme para incluí-lo também.

O novo figurino que Ricardo

Augusto agora representava, não era mais de um garoto desamparado e desprotegido, mas um militante a favor da Ecologia, com um discurso de defensor dos oceanos e do meio ambiente. Passava até por um tipo convincente, que não media esforços para pegar um bote inflável e se postar diante de um navio petroleiro poluidor ou de um caçador de golfinhos ou baleias, ou até mesmo se amarrar com correntes para evitar a derrubada de uma árvore, tudo isso graças a Fernanda.

Fernanda e Ricardo Augusto estavam já havia pouco mais de dois anos percorrendo o Sul do continente americano, trabalhando em pesquisas oceanográficas, focados exclusivamente em estudos de correntes marinhas. Naquele dia, Ricardo Augusto apresentaria na ONG um trabalho resultante de uma pesquisa sobre a influência das correntes marinhas no clima. Uma das mentoras do trabalho foi Fernanda que, à época, apresentava o mesmo estudo em uma universidade no Sul do país. Assim,

Ricardo Augusto, que foi treinado pela namorada, fazia a mesma apresentação no Rio de Janeiro.

Depois da apresentação dos slides em power-point, seguiram-se os debates entre os diversos estudiosos do assunto, estudantes, professores e o público interessado em geral. Em seguida, houve um *cocktail*.

Apesar de todas as qualidades e virtudes de Fernanda, sempre que aparecia uma oportunidade, Ricardo Augusto dava as suas “fugidas”. Ela sabia disso,

mas como o amava muito aceitava as explicações dele, fazendo vista grossa às suas justificativas implausíveis. Naquele presente momento, o casal estava estremecido, ou seja, passava por uma crise. O fato era que Fernanda estava ficando cansada de carregá-lo nas costas. Enquanto ela estava sempre na vanguarda, ele permanecia na retaguarda, era uma espécie de sombra ou peso, sempre a atrapalhá-la, e ela recebia muito pouco em troca; resumindo, eles estavam por um triz da separação.

Camila, amiga de Roxane, conhecia Ricardo Augusto de forma um tanto quanto superficial. Em passado recente, durante uma estada dele no Rio de Janeiro, chegaram a ter um rápido envolvimento em uma festa, seguida de mais um encontro às escondidas. Ela ficou sabendo que Ric, como ela e alguns amigos o chamavam, estava sozinho e especulava-se que desta vez era para valer, por essa razão resolveu bancar o cupido entre ele e a amiga.

Depois da exposição feita por Ricardo Augusto, a última da



noite, seguiu-se uma recepção aos convidados. Camila, segurando Roxane pelo braço, foi até ele para apresentá-lo a amiga. Parece que naquele noite o Cupido resolveu mudar seus hábitos, e, em vez de usar o arco e flecha, preferiu usar munição pesada, trocou sua tradicional arma de arqueiro por um fuzil AR-15, alvejando Roxane mortalmente.

Era a primeira vez desde sua paixão de adolescente por Rodrigo, que Roxane se apaixonava por alguém que não tinha o dobro de sua

idade. Pelos padrões dela, era um adolescente. Naquela noite, a conversa entre ambos se estendeu para um barzinho noturno da Zona Sul do Rio, e ela ficou encantada com a dissertação que ele fez sobre desmatamento, falta de chuvas, degelo da Antártida e demais temas relacionados ao meio ambiente. Dali, seguiram para um motel. No entanto, devido à aceitação dela em dormir com ele já no primeiro encontro, a imagem que ela passou foi de uma garota fácil, e ele estava a fim de descartá-la até saber a qual

família ela pertencia.

Tarcísio, um jovem médico amigo de um dos irmãos de Roxane que estivera com ela num ménage, também voluntário da ONG, que nutria uma paixão secreta por ela, tão logo soube do novo casinho de Roxane fez chegar até aos ouvidos de Ricardo Augusto que ela não era o tipo de garota que namorava com compromisso, corroborando com a ideia que ele fizera dela. Dessa forma, apesar de estar interessado na situação financeira da família de sua nova conquista, Ric acabou por

não levá-la tão a sério, quanto ela o levou. O que ele fez foi aproveitar a ausência de sua namorada da melhor forma possível.

Por três semanas, Roxane sumiu das telas dos computadores de Abel e Diógenes . Siegfried, que ainda mantinha um contato esporádico com ela, ficou sem saber o que a tinha levado ao repentino desaparecimento. Apesar de estar sofrendo por dentro, preferiu se manter distante, pois em seu entender humilhação tinha limite. O motivo do sumiço era agora o tal

oceanógrafo. Roxane trocou seus usuais vestidinhos longos e florais, chinelinhos de dedo e acessórios comprados em bazares, brechós e feirinhas *hippies* da Gávea por bermudas e calças cargo caquis, camisetas camufladas, chapeuzinho de selva e sandálias e tênis de trilhas. Agora ouvia Reggae e “surf music”, que era o tipo de música que ele curtia. Causou espanto a todos de sua casa ao se levantar em um domingo bem cedo para fazer trilha na mata Atlântica. Mais assustados ficaram ao saberem que

ela tinha se matriculado em um curso de mergulho. E não parou por aí, certo dia pediu dinheiro ao pai porque queria trocar seu Mercedes Classe A por um Jeep Cherokee para participar de trilhas e eventos ecológicas no interior do estado. Leon quis saber quem era o responsável por tamanha reviravolta em sua vida, porque o próximo passo dela provavelmente seria subir o rio Amazonas em uma canoa indígena. O máximo que descobriu foi que se tratava de um novo amigo da ONG, um ecologista e estudioso

de correntes marinhas e nada mais; claro, ninguém se convenceu disso e os irmãos foram atrás para saber quem era o fulano.

Fazia quase um mês que Siegfried não tinha notícias dela; sentia-se bastante inquieto e supunha, com justa razão, que ela tinha outra pessoa em sua vida. Queria saber quem era seu suposto substituto, mas fazia força para não telefonar. O refúgio que encontrava era o trabalho, mas o tormento persistia. Como por encanto, certo dia Roxane ligou para ele e

perguntou como ele estava e o que estava fazendo. Ele respondeu laconicamente. Em seu íntimo, não se continha de ansiedade, achando que ela ia pedir um encontro entre ambos, e quem sabe uma reconciliação, porém, nada disso aconteceu. Era apenas uma ligação de amiga. Dois dias depois do telefonema, ele teve a resposta àquela “chamada”, a menina ligou novamente e se disse seriamente em apuros, que era uma emergência e lhe pediu 5.000 reais. Ele se assustou com a quantia, a



justificativa dela não o convenceu. Mas ela prometeu devolver em no máximo quinze dias três mil e o restante em mais quinze. Apesar de surpreso, ele fez um depósito na conta que ela indicou, que pertencia a Maria Alice. Nem passou pela cabeça dele que ela estaria usando a conta da prima para não deixar nenhuma pista aos pais, para que estes não descobrissem a movimentação financeira acima do normal, se não teria de explicar tudo a eles. O fato era que Roxane torrara toda a mesada e extrapolara seu

limite no cartão de crédito por causa da despesas que bancara para Ricardo Augusto: jantares, almoços em restaurantes sofisticados, camisas caras, viagens curtas, passeios, hotéis etc. E agora queria lhe dar um presente de aniversário: um relógio de mergulho de alta resistência a profundidade de uma famosa marca Suíça, cujo preço era cerca 9.000 reais, uma quantia bem maior do que Siegfried lhe arrumara, mas a outra parte do dinheiro ela conseguiu com seu patrono, sempre disposto a lhe dar o

que quisesse: Hidalgo Javier. Depois do pedido de empréstimo, Siegfried compreendeu que a conversa havida entre os dois dias atrás, depois do longo silêncio, fora apenas um pretexto para lhe pedir um favor posteriormente. O que o intrigou, no entanto, foi que quando estavam juntos, por diversas vezes ele se prontificou a lhe dar dinheiro para pagar as altíssimas contas de telefone, e ela, orgulhosa, afirmava que aquilo era problema dela e que respondia por seus atos. Uma atitude louvável, ele pensara na

época.

Os planos que Leon fizera para apresentar Oscar Hoffman a Roxane estavam indo por água baixo por causa da repentina paixão dela por um novo namorado, que ninguém conhecia. Ela, por sua vez, mantinha em segredo a identidade do amado, pois, além de cautelosa, queria se certificar de que os pais e irmãos não hostilizariam Ricardo Augusto. O fato era que ela se sentia nas alturas e não queria que nada estragasse seu constante estado de êxtase. Mas a felicidade durou

pouco. Fernanda retornou do Sul e nem desarrumou as malas, pois conseguiu uma bolsa em um país europeu para dar prosseguimento aos estudos de Oceanografia. Apesar da relação com Ricardo Augusto estar estremecida, ela também arrumou um lugar para ele na equipe: era questão de pegar ou largar. Ric sabia que Fernanda, em um estalar de dedos e a hora que quisesse, arrumaria um substituto para ele, pois pretendentes não lhe faltavam. Essa ideia o fazia estremecer. Ele se viu em uma

encruzilhada: ficar com Roxane e entrar para uma família rica e influente e ver o que a sorte lhe reservaria ou continuar sua vida com Fernanda. Foram dias difíceis, mas sua cabeça se desanuviou ao saber que a empresa da família dela passava por dificuldades, com risco até de falir. Soube também que dificilmente ele seria aceito no meio deles, portanto, preferiu a segurança que Fernanda lhe transmitia a uma intempestiva e insegura Roxane. Ele estava acostumado a fazer o que Fernanda dizia, poi era ela quem o

conduzia, já com Roxane, acontecia o contrário. Com a evolução do romance deles, ele tinha a impressão de que ela tinha desenvolvido uma espécie de paixão patológica, com crises de ciúmes constantes e uma dezena de telefonemas por dia. Ela não lhe dava sossego, portanto, tão logo Fernanda acenou, ele se foi, deixando-a em prantos e com uma enorme depressão por algum tempo.

Passados cerca de quinze dias da partida de Ricardo Augusto, Siegfried, ao atender um telefonema

de Roxane, reconheceu o tom tristonho e melancólico e perguntou o que estava se passando. Ela, como de hábito, dissimulou e lhe disse que era apenas para lhe dar satisfação sobre o dinheiro. Pediu-lhe um pouco mais de paciência e disse que em breve lhe devolveria. Ele respondeu que não tinha pressa, que poderia esperar. A conversa ainda se estendeu um pouco mais, mas ele não conseguiu arrancar nada dela. Siegfried insinuou mais uma vez que gostaria de vê-la para colocar alguns pingos nos “is” e ela,



como de costume, desdenhou, justificando que precisava dar duro nos estudos, que o curso estava muito puxado etc. Contudo, deixava sempre no ar a possibilidade de um encontro. Assim, ele foi se deixando iludir. O dinheiro que Siegfried lhe emprestou jamais ele teria de volta. A parte relativa a Hidalgo, seria paga com alguns “favores”, notadamente suas participações em seus cerimoniais.

Na medida do possível, Siegfried tentou retornar à rotina que tinha antes de ir para Belo

Horizonte e Manaus. Voltou para a mesma academia que frequentara antes, na esperança de poder reencontrar Beth e, quem sabe, fazer uma tentativa para recomeçar sua vida sentimental; mas para sua decepção verificou que ela não dava mais aulas naquele lugar e soube que ela tinha se mudado de bairro. Diziam que fora para Botafogo ou Laranjeiras, bem distante da Barra da Tijuca, onde ele morava. Voltou a encontrar alguns conhecidos e Denise, a quem atribuíam um caso entre ela e Beth. Curiosamente, ela

estava namorando um rapaz, também professor, o que levou Siegfried a se questionar se a história entre as duas seria verídica. Em uma conversa com um dos professores, ele foi categórico: “não se impressione com esse namorico dela, tem momentos em que ela gosta de variar para lembrar que gosto um homem tem”, disse rindo sem fornecer mais informações sobre o que teria acontecido com Beth.

Em conversa por telefone com o amigo Cazé, que também era

seu confidente, revelou o que se passava, que estava sozinho e que se iludira com a tal “menina”. Ele, por sua vez, aconselhou-o a sair mais e tentar achar outra.

– Nada melhor que uma outra paixão para ocupar o lugar da antiga – disse para Siegfried.

– Não tenho mais disposição para frequentar baladas noturnas, Cazé. Salvo algumas raríssimas exceções, nunca encontrei alguma mulher com intenções mais sérias em ambientes assim.

– Interessante – respondeu

Cazé. – Também se escuta das mulheres o mesmo tipo de argumento – riram os dois. E prosseguiu: – O que mais se ouve delas é que está faltando homem no mercado, que ninguém quer coisa séria...

– Homens e mulheres têm as mesmas queixas. O fato é que elas resolveram usar as mesmas armas que os homens e agora deram para dizer que sexo é sexo, amor é outra coisa. Acho que elas perderam mais do que nós com atitudes desse tipo. Essa conversa de que mulher só faz

sexo se estiver envolvida, pertence ao passado.

– Tem razão – respondeu Cazé. – Elas estão se nivelando aos homens, se tornaram fáceis e depois reclamam que não acham ninguém. Mas quem vai querer alguma coisa séria com uma mulher que age desse jeito?

Depois de muita “filosofia de botequim”, ambos acabaram se despediram e fizeram planos para que quando Cazé passasse pelo Rio de Janeiro almoçarem juntos.

Roxane abriu uma profunda

ferida no peito de Siegfried, que estava difícil de cicatrizar. Ele se sentia cansado e desanimado para tentar alguma coisa com alguém, e nutria uma esperança de que ela se arrependeria.

Cazé, interessado na proposta do Sul, pois parecia que uma boa oportunidade do ponto de vista financeiro, acabou por não se realizar. Restou a de Macaé, em que ele foi aceito, porém, tanto ele quanto Siegfried sabiam que o serviço lá não era dos melhores, mas em face às circunstâncias

econômicas dele, pois no momento tinha “duas famílias”, não podia se dar ao luxo de ficar esperando uma boa oportunidade aparecer, se é que surgiria algo melhor. Então, sem muita escolha, resolveu encarar. Não fosse os problemas pelos quais a Atlas atravessava, a vontade de Siegfried era ter o amigo a seu lado, mas diante dos fatos, ele ainda não tinha como justificar a contratação de um gerente de planejamento corporativo. Era necessário esperar por um momento mais propício, e também conseguir algum contrato



de vulto, e assim, diante de resultados concretos, ele teria cacife para pleitear.

Com o oceanógrafo fora do caminho, Leon voltou a reativar seu plano de apresentar o médico Oscar Hoffman para a filha. Assim, pediu à Laura que preparasse um belo jantar para o convidado ilustre. Apesar da resistência da esposa, ela fez o que ele pediu. Roxane vivia trancada no quarto e apenas saía para ir à faculdade, quando ia. Sua depressão amorosa foi tratada à base de chocolate, o que lhe custou

alguns quilos a mais, muito telefonemas de desabafo para Camila e Maria Alice que, pacientemente, escutavam suas lamúrias.

Oscar compareceu à casa de Leon e Laura para o tal jantar. Roxane ainda curava suas feridas. De início, não desconfiou de nada, pois era comum o pai receber convidados em casa para churrascos e almoços aos sábados, mas era um pouco raro tais acontecimentos no meio da semana, em geral as recepções eram dirigidas para

políticos, que se tornaram constantes desde que o pai se tornara suplente. Ela conhecia Oscar superficialmente e nada nele chamou a atenção dela na ocasião, pois foram apresentados em um dos muitos congressos e seminários que o pai vez por outra organizava.

Durante o jantar que Leon ofereceu ao amigo, Roxane permaneceu calada a maior parte do tempo. O pai, vez por outra, tentava chamar a atenção dela para algo em comum que pudesse compartilhar com Oscar, como por exemplo o

gosto pela música dos anos 60 e 70, uma das predileções dele. Oscar tinha adoração pelos Beatles e pelas canções de John Lennon, inclusive, gostava de executá-las ao piano, uma vez que sua mãe fora sua professora. Assim, ele aproveitou a oportunidade para convidá-los para um fim de semana em Friburgo, onde então teria a oportunidade de demonstrar sua aptidão. Era possuidor de uma vasta cultura, assunto não lhe faltava. Não fosse a recente decepção amorosa que sofrera, talvez Roxane se fizesse

mais presente ao evento, mas não lhe passou em branco a desconfiança de que o pai tramava alguma coisa com o jantar e o convidado, mas preferiu se fazer de desentendida.

\*\*\*

Passada a ressaca que Ricardo Augusto lhe causou, Roxane, aos poucos, voltou a manter contato com seus dois novos amigos que fizera na net, Abel e Diógenes . Fazia planos de se encontrar com

ambos. Também com Siegfried ela voltou a conversar, mantendo a chama da paixão dele ainda acesa. Este desconfiou que ela devia estar de caso com alguém, embora nas breves conversas que ambos mantinham, ela negasse qualquer tipo de envolvimento com quem quer que fosse. Bastante intrigado, Siegfried tentou descobrir alguma coisa com a prima dela, Maria Alice, que estava trabalhando de gerente em uma loja de roupas de um *shopping* da Barra da Tijuca, onde, no mesmo local havia uma

mega academia de ginástica, justo a que Siegfried frequentava, pois era próximo de sua casa. Assim, era fácil os dois se encontrarem. Como quem não quer nada, e em um momento de folga de Maria Alice, Siegfried a chamou para um café. Depois de rodeá-la, ele jogou “verde” para colher “maduro”. Insinuou que sabia de um suposto relacionamento de Roxane e Maria Alice, inocente, caiu na armadilha e comentou sobre Ricardo Augusto, dizendo que Roxane ficara muito mal, mas que havia males que

vinham para o bem, pois ela se livrara de um pamonha metido a esperto. Siegfried ficou chocado, mas disfarçou a desilusão. Ao mesmo tempo, ficou aliviado ao saber que o tal “príncipe encantado” estava longe. E, ficou esperando que ela voltasse para ele em breve.

Na semana seguinte, os pais de Roxane a levaram ao teatro, onde encontraram com Oscar. Na verdade, Leon o tinha convidado também, mas omitiu esse detalhe da filha. Depois de assistirem à peça, os quatro foram a um sofisticado



restaurante. Oscar tentava de tudo para chamar a atenção da filha do amigo e não perdia a chance de mostrar sua cultura. Dessa vez, esmerou-se na escolha do vinho que acompanharia o jantar, onde percorreu tudo que sabia sobre a bebida, safra, qualidade da uva, do solo, país de origem etc. E fez questão de pagar a conta. No sábado da mesma semana, foi a vez dos Armadunians subirem a serra em direção a Nova Friburgo, onde a família do médico havia preparado um almoço com diversas iguarias

para recepcioná-los, com direito a recital de piano executado pela mãe, irmã e pelo próprio Oscar, que demonstrou toda a sua erudição, executando obras de seus compositores preferidos desde Chopin, passando por algumas peças de Mozart e Bach, Ligt, sonatas de Beethoven e, logicamente, canções de Lennon, McCartney e George Harrison, este último o Beatle preferido dela. Tudo em homenagem a Roxane.

De volta ao Rio de Janeiro, Roxane acabou por ter uma

conversa séria com os pais sobre Oscar, pois achou a ideia deles, de um possível namoro arranjado, totalmente fora de questão. Laura, com jeito e usando de muito tato, fez a filha ver que aquele homem era o que ela sempre quis: com vasta cultura, de boa família, bem-sucedido profissionalmente, honesto, amigo deles e maduro. Roxane, com muito custo, digeriu a ideia de pelo menos fazer uma tentativa de “conhecê-lo melhor”. Leon prometeu trocar o carro dela por um utilitário zero Km, pois era

o tipo de carro que ela queria, se ela pelo menos mostrasse alguma boa vontade em relação ao amigo médico. Ela, por fim, cedeu, mas mantinha seus contatos quase diários com Abel e Diógenes, sem que os mesmos soubessem o que se passava.

Nos dias que se seguiram, Oscar e Roxane começaram a se encontrar somente nos fins de semana, pois a ele faltava tempo, uma vez que era um profissional muito requisitado. Roxane usava os estudos como pretexto para não se

verem com mais frequência. Tais encontros se davam na casa dela, na sala de estar ou na varanda, com Leon e Laura quase sempre presentes, o que deixava o casal meio constrangido. Oscar e Leon acabavam conversando e Roxane olhando.

Dias depois, o casal foi se livrando dos pais dela e Oscar levou-a para seus passeios preferidos: galerias de arte, antiquários, salas de concertos, peças de teatro, exposições, palestras e coisas do gênero. Oscar

respirava cultura e não perdia a oportunidade de demonstrar, pois fora Leon que recomendara que Roxane tinha predileção por homens cultos e maduros. Com relação a isso, ela não tinha o que reclamar, no entanto, o que ela mais apreciava, parecia que Oscar não estava à altura: sexo.

## Traído pela Paixão

Dizem que depois da tempestade vem a calmaria, e há quem diga que toda calmaria é sinal de uma tempestade a caminho. Nuvens negras estavam por se formar no horizonte da Atlas. A empresa passara por uma reestruturação recente, esforços estavam sendo feitos para mantê-la

de pé, acordos com credores e com o fisco estavam chegando a um bom termo, haviam vencido algumas concorrências, mas os contratos ainda não tinham sido assinados. Duas licitações, referentes a ampliação de dois portos ganhas pela Atlas, estavam sendo contestadas na Justiça por concorrentes que haviam perdido, mas os sinais eram que em breve ela sairia da crise. O plano traçado por Ismail, Lázaro e demais dirigentes estava sendo implementado com relativo sucesso; no entanto, ainda



se fazia necessário um pouco mais de oxigênio, o que significava: mais dinheiro para se manter o “paciente” respirando até que algumas pendências fossem sanadas. A Atlas se livrara da participação da mina do Suriname, mas o dinheiro investido não retornou na mesma proporção do que foi gasto. Mas ainda havia parcelas de dinheiro a receber, alguns ativos foram vendidos.

Uma grande Companhia de perfuração, sediada no continente europeu, em operação no país, havia

ganhado vários contratos de prospecção de petróleo na costa brasileira, sendo que o mercado de sondas se tornara atrativo por causa da procura mundial por esse tipo de equipamento, que estava um tanto quanto escasso. Dessa forma, a empresa lançou uma concorrência para a aquisição de duas novas unidades do tipo semi-submersíveis e de outras quatro que seriam modernizadas para uso em águas profundas. Em linguagem técnica, o termo usado é *upgrade*. As quatro unidades a serem reformadas foram

licitadas em um período anterior e direcionadas a estaleiros da China e Cingapura. As duas novas seriam objeto de outra concorrência.

Uma das empresas convidadas para participar desse processo era a Companhia em que Cirilo trabalhava, um braço construtor de plataformas marítimas pertencente a um grande grupo italiano que operava no ramo de óleo e gás nas mais diversas partes do mundo, com expressivo *expertise* nesses tipos de empreendimentos, cuja sede administrativa ficava em

Milão, e a base de operações e construção no litoral italiano, na cidade de Trieste, na costa do mar Adriático. A apresentação do projeto aconteceu em Houston, local onde se situava um dos principais escritórios de representação no continente americano. Cirilo participou. Retornando ao Brasil, procurava por parceiros locais que pudessem dispor de instalações adequadas, incluindo um cais com dimensões apropriadas à construção. As instalações da empresa italiana no litoral daquele país estavam com

capacidade instalada já comprometida com outros projetos do mesmo segmento. Os respectivos contratos encontravam-se já assinados, o que fazia com que procurassem por outro local. Além disso, as duas sondas seriam destinadas ao mercado brasileiro.

Seguindo as orientações de seus superiores, Cirilo fez vários contatos com grupos empresariais nacionais, propondo parcerias e consórcios. Um estaleiro estava comprometido pelos próximos dois anos e declinou. Outro se aliou a um

grupo asiático e participava da mesma concorrência. Alguns mais não se mostraram interessados por causa do fato de não se ter as instalações necessárias ou porque já havia um volume em carteira de tal monta que não cabia mais nada. Restou a Cirilo convidar a Atlas, uma vez que ela realizara com sucesso duas modernizações de sonda, sendo uma plataforma e um navio, ambos em Niterói. Isso contava a favor. Outro ponto positivo era que haviam ganhado uma grande reforma de outra sonda

e seria realizada em Angra pelos próximos oito meses. Cirilo era sabedor da situação complicada pela qual a Atlas atravessava, e foi por essa razão que não a tinha procurado antes, pois a chefia poderia não concordar em entrar de sócio com uma empresa em dificuldades financeiras. Mesmo assim, ele procurou por Siegfried para tomar conhecimento de como a situação estava e saber da possibilidade de uma possível associação.

Foi marcado um encontro entre ambos no centro do Rio de

Janeiro, em um elegante restaurante, local que ambos apreciavam.

Aproveitariam a chance para pôr em dia as novidades que cada um tinha para contar ao outro, o que havia muito não faziam.

– Parabéns pela promoção a diretor! – saldou Cirilo com largo sorriso. – E quando vai ser o churrasco de comemoração? – completou.

– Você sabe que fui promovido só “pró-forma”, meu salário continua como gerente – respondeu Siegfried sorrindo.



De fato, apesar de anunciada a promoção a diretor, a parte financeira permanecia intocada. Siegfried esperava por um momento propício para abordar o assunto com Lázaro. Caso ele não resolvesse, falaria com Ismail, sem contar que ainda havia os tais bônus prometidos por causa do êxito alcançado nos dois projetos concluídos em Niterói que o cliente havia pagado e até aquele momento ele não tinha visto um único tostão.

O almoço entre os dois prosseguiu. Entre outros temas, o

assunto das sondas foi discutido, se tudo corresse de forma apropriada poderiam expandir ainda mais os horizontes , diante da expectativa do governo brasileiro colocar uma enorme encomenda de plataformas para breve Siegfried ficou animado com a perspectiva e revelou que Atlas arrendara parte de uma instalação portuária por doze meses. O local oferecia condições ideais para a execução do empreendimento, havia espaço suficiente para se realizar a construção de pelo menos uma.

Depois do término da reforma da primeira que estava por começar em breve, entraria a construção da segunda e, em seguida, a outra. Segundo um cronograma preliminar que Cirilo havia levado, a construção da primeira se iniciaria cerca de seis meses depois da assinatura do contrato, pois era o prazo que teriam para aprontar parte do projeto e das compras. Ambos viram que naquela época a sonda que a Atlas estava trabalhando provavelmente estaria em fase de término, portanto, tudo se

encaixava. O problema maior era a situação financeira da empresa, a alta direção italiana iria questionar. A saída que Siegfried achou foi montar uma Sociedade de Propósito Específico, algo comum em empreendimentos de grande vulto. Nesse tipo de sociedade, duas ou mais empresas se juntam e formam um consórcio ou como o próprio nome diz, uma sociedade autônoma, formada exclusivamente para executar o projeto em questão. Usualmente, também envolve uma instituição financeira como sócio, o

que até possibilitaria permitir à Atlas executar parte do projeto independente da situação pela qual passava. Era o caminho que muitas empresas de Engenharia em dificuldades encontravam para possibilitar a sobrevivência, juntavam-se em consórcios e continuavam operando, sem serem molestados pelos credores.

Os dois combinaram de levar a ideia aos respectivos superiores, sendo que Cirilo iria expor que devido ao local privilegiado que a Atlas dispunha, bem como da

realização com êxito de duas modernizações em tempo recorde e mais uma em andamento, a Companhia reunia credenciais para que fosse feita uma parceria nesses dois novos projetos.

De volta à sede da empresa, Siegfried expôs o assunto ao alto *staff* de sua empresa, no caso, Ismail e Lázaro, sendo que o primeiro imediatamente se mostrou favorável ao plano, com muito entusiasmo.

Corria o mês de maio e foram feitas várias reuniões no Brasil entre as respectivas diretorias

de ambas Companhias. Foram discutidos, entre outros temas, em que condições se daria a participação de cada uma no empreendimento, a divisão de cargos, como também um estudo de impostos, financiamentos, importações a serem feitas etc. Também se juntou ao empreendimento um terceiro participante, um grupo francês, que atuava em projetos de Engenharia *offshore* cuja entrada no mercado brasileiro era recente e ainda tímida. Eles buscavam aumentar a fatia do

mercado do país e já estavam com os italianos em outro projeto: um oleoduto submarino destinado a escoar a produção de petróleo da Bacia de Campos para a terra.

Decidiram que haveria uma reunião entre as três direções primeiramente nas instalações em Trieste, e na mesma semana após a reunião na Itália , outra seria realizada em Paris , na sede da Companhia francesa. Ismail, bastante animado e confiante, quis ir pessoalmente levando Siegfried consigo. A viagem foi marcada para



o fim daquele mesmo mês.

A primeira nuvem negra se formou no horizonte quando Roxane ligou para Siegfried por volta das cinco horas da manhã. Bastante assustado, ele pensou, a princípio, que tinha acontecido algo grave na sua família, pois não era normal uma ligação àquela hora, exceto quando ainda estava com ela, pois, em Belo Horizonte ela madrugava e o acordava com certa frequência. Pelo visor do celular, ele reconheceu o número dela e em fração de segundos pressentiu algo

ruim naquele telefonema. Foi quando ela lhe deu a notícia, em prantos, de que o avô passara mal à noite, tivera um AVC, um acidente vascular circulatório, um derrame cerebral. Aturdido, ele quis saber os detalhes e pensou ir ao hospital, mas voltou atrás, porque obviamente lhe perguntariam como soubera da notícia. Não poderia revelar a fonte, então resolveu se dirigir à empresa e tentar agir naturalmente, como se não soubesse de nada. Na ligação dela, foi dito que ainda não se sabia a extensão do ataque, somente no

decorrer do dia teria mais detalhes.

Em torno de oito horas da manhã daquele dia, chegou a notícia “oficial”, por assim dizer, do estado de saúde de Ismail, o que provocou uma grande consternação em todos na empresa. Ainda não se tinha noção das sequelas, mas sabia-se que ele estava fora de perigo.

Era uma má notícia, sem dúvida, “justo agora que a empresa parecia emergir da crise que se instalara”, pensou Sieg. Aquela era o tipo de doença a qual não se pode fazer nenhum prognóstico quanto a

uma possível recuperação. Siegfried avaliou que o estado de saúde de Ismail iria levar a Atlas a um mar de incertezas, e, o pior, calculou que, possivelmente, em decorrência dessa nefasta situação, poderia haver graves consequências para ele próprio. “É provável que Salomon assuma o comando novamente e me demita”, pensou. Naquele momento, Siegfried se sentiu bastante desconfortável e pensou em iniciar seus contatos novamente, tendo em vista que sua vida na empresa teria curta duração.

Os dias que se seguiram à internação de Ismail foram bastante tumultuados. Leon assumiu interinamente a presidência, o que atrapalharia seus planos de se envolver de forma mais plena na vida política, pois estava postulando um cargo de grande vulto no governo, talvez fosse nomeado ministro. Salomon, por sua vez, estava quase sempre em estado emocional crítico. Vivia mal-humorado, irritado, e tinha explosões de raiva causadas em grande parte pelo fato de que

entendia que deveria estar à frente da Atlas e não seu irmão. A aposta dele era que Leon, mais dia menos dia jogaria a toalha, só esperava que fosse breve.

Em uma das viagens de negócios, durante sua ausência, foi visto na Atlas, mais precisamente em reunião com Salomon e José Raimundo, um sujeito que estivera ali quase um ano atrás fazendo entrevista para o cargo que Siegfried ocupava naquele momento, o espanhol Urbano Jiménez. A secretária, bastante

desconfiada, pois sabia que o chefe estava correndo perigo, topou com o sujeito nos corredores e soube que ele disputara a vaga com o atual chefe no ano anterior. Assim, pôs Siegfried a par do que estava acontecendo, porém não soube dizer exatamente qual foi o motivo da reunião, só disse que durara quase um dia inteiro. Imediatamente, Siegfried ligou para o amigo Cirilo, pois ele era daqueles que sabia tudo o que se passava no mercado. Em rápida conversa, ambos mataram a charada. Cirilo sabia que Urbano,

uma figura dotada de pouca decência, era representante de um dos muitos grupos asiáticos e também estava na mesma concorrência que eles. Estava tentando algum tipo de contrato no país; os dois, então, deduziram que aquele homem teria procurado Salomon para algum tipo de parceria ou quem sabe algum negócio escuso, uma de suas especialidades. Cauteloso, Siegfried procurou por Lázaro e, usando de muito tato, perguntou se um certo cidadão de origem espanhola



estivera com ele. Lázaro não o conhecia e também disse que ninguém o tinha procurado.

Siegfried expôs francamente o que ele pensava sobre o ocorrido e falou sem papas na língua que tinha muitas dúvidas em relação às intenções de Salomon. Lázaro concordou em gênero e número, mas o tranquilizou que enquanto ele estivesse ocupando o cargo de diretor-executivo, nada lhe aconteceria de mal. Mas isso não bastava para Siegfried, pois ele tinha sérias desconfianças de que

também Lázaro estivesse na mira dos filhos de Ismail, pois eram frequentes as discussões envolvendo ele e Salomon.

Apesar do problema ocorrido com o avô, que tinha a seu dispor todos os recursos disponíveis, Roxane retornou à sua vida rotineira, ou seja, seus estudos e suas conversas quase diárias com Abel, ou pelo msn, ou por telefone. Com Siegfried, eram mais esporádicas. Para amigos e conhecidos, Roxane negava peremptoriamente que estivesse

namorando Oscar, “trata-se apenas de um amigo especial”, ela dizia. Para os familiares, era um namoro com compromisso. Usando a doença do avô como desculpa, ela tentou de todos os modos se manter distante de seu pretendente. Talvez sob outras circunstâncias até viesse a se interessar por ele, mas como partiu dos pais a iniciativa e a insistência de uma aproximação entre ambos, em seu íntimo ela queria se manter longe do médico, apesar de ele tentar sob todos os meios agradá-la. O gosto pelo proibido, pelo perigo,

pelo frio na barriga, a paixão complicada com toques de impossível eram ingredientes que tocavam fundo em Roxane e ela não encontrava nenhum destes temperos na relação com Oscar.

A seus olhos, o médico era um homem que levava a vida muito a sério; praticamente não tinha senso de humor nenhum, ria muito pouco, bem ao contrário dela, era sisudo e, de certa forma, um chato, tinha mania de perfeição e não perdia a chance de demonstrar o quanto era vasta sua cultura.

Roxane, apesar de muito jovem, logo percebeu que a vida conjugal que Oscar tivera e que não dera certo fora devido ao excesso de interferência da mãe dele, que estava sempre presente de um modo ou de outro na vida cotidiana do casal. Ele parecia ser meio arredo a sexo, inclusive partiu dela a iniciativa de um encontro mais “quente” entre ambos, o que mais tarde classificaria de “morno” ou quase frio. Viu que aquilo não ia dar em nada. Oscar não conseguiu incendiá-la. Mesmo sendo ele

profissionalmente muito competente, parecia que na vida sentimental não obtivera o mesmo sucesso. Os irmãos de Roxane, primos e amigas mais íntimas toda vez que queriam tirá-la do sério zombavam dizendo se ela já se acostumara com a hipótese de passar o resto de sua existência ao lado dele em um antiquário ou quem sabe um museu. Roxane, revoltada e muito séria, dizia que seria a pior tortura à qual jamais se submeteria, o que provocava gargalhadas em todos. Para aumentar ainda mais a

sua indignação ainda brincavam com ela perguntando quando começaria a se vestir com a grife Lacoste para combinar com o namorado, o que a deixava possessa.

Os trabalhos e entendimentos envolvendo a Atlas, os italianos e franceses na licitação das plataformas de perfuração prosseguiram, mesmo estando Ismail ausente. Siegfried, temendo um vazamento de informação a respeito da concorrência em questão, mantinha tudo no mais

absoluto sigilo. Coincidentemente, depois da internação de Ismail, Salomon voltou a restabelecer laços cordiais com Siegfried e volta e meia perguntava como estava o negócio das sondas. Ele respondia educadamente, sem fornecer muita informação que pudesse comprometer ou mesmo dar subsídio a algum dos contendores, pois sabia que a gentileza repentina de Salomon devia-se a alguma manobra suspeita que estaria em curso.

No fim do mês de maio,



Ismail teve alta do hospital e estava em sua residência cercado de todos os cuidados para o seu restabelecimento. O derrame lhe deixou sequelas, mas não foram muito graves. Como em casos semelhantes, foi considerado pelos médicos como de baixa intensidade. Andava em uma cadeira de rodas, pois tinha dificuldade em uma das pernas e também em um dos braços. Os especialistas consultados diziam que sob uma fisioterapia adequada ele recuperaria parte dos movimentos. Talvez andasse com

auxílio de uma bengala. Seu rosto sofrera consequências e ele falava com dificuldade. Estimava-se que em alguns meses, se nada mais acontecesse, e sendo submetido ao tratamento correto e teria de volta suas atividades ainda que parcialmente. Ele, no entanto, por gestos e falando com bastante dificuldade queria estar de volta ao trabalho o quanto antes, seu raciocínio parecia intacto.

Na última semana daquele mês, especificamente no último sábado de maio, Siegfried seguiu

para a Itália para a reunião agendada previamente, envolvendo os representantes das três empresas. Saiu do Rio de Janeiro à noite e amanheceu em Milão. Seguiu por trem para a estação ferroviária central daquela cidade onde embarcou em uma nova jornada ferroviária para o seu destino.

Trieste é uma belíssima cidade marítima, com pouco mais de duzentos mil habitantes, situada à Nordeste da Itália, na costa do mar Adriático, próximo à Eslovênia. É uma cidade cujas origens remontam

à época do Império Romano, passando pelo período Bizantino. Ficou autônoma durante algum tempo e em meados da Idade Média, até o término da Primeira Guerra Mundial, ficou sob domínio austríaco, constituindo a saída para o mar daquele país, onde então foi anexada à Itália depois do conflito. Sua arquitetura reflete bem o período em que se manteve ligada aos austríacos, e também à alguma influência turca, ao redor da cidade se divisa as construções medievais e fortalezas, e há até um teatro

romano.

Siegfried chegou à cidade bem depois do meio-dia. Estava exausto. Dirigiu-se ao hotel que Cirilo havia indicado e onde também estaria hospedado, pois já estava na cidade havia dias, pois tratava do assunto do oleoduto submarino. Depois de uma rápida e singela refeição no próprio hotel, subiu para o quarto, tomou um banho e fez uma tentativa de reposição do sono perdido na viagem, pois não conseguia dormir no avião de jeito nenhum. Apesar do

cansaço, seu sono não foi dos melhores, acordava e dormia repetidas vezes, até que por fim se levantou em torno das sete horas da noite com o telefone tocando no quarto. Era Cirilo que o chamava para jantar. Depois de tomar outro banho revigorante para tentar se reanimar, Siegfried desceu para o restaurante. Seu amigo o esperava, escolheram uma refeição típica da região à base de frutos do mar, regada a vinho. Enquanto Siegfried se limitava a uma mera taça, Cirilo se encarregou do restante da garrafa.

Ao terminarem, ambos saíram para espaiar em uma pequena caminhada pelos arredores do hotel. Foram até a magnífica praça Unitá d'Itália. Como era ainda primavera, o clima estava ameno e agradabilíssimo, uma brisa marinha soprava do mar para a terra e fazia com que ambos se vestissem com agasalhos leves, mas Cirilo, sob efeito do vinho, começou a se engraçar para quase todas as mulheres que cruzavam, porém, sem muito sucesso em suas investidas, porque era nítido seu estado de

pouca sobriedade.

Foram dois dias de reunião nas dependências da empresa, que ficava um pouco afastada da cidade, no litoral exuberante daquela região. Siegfried considerou o quanto aquelas pessoas eram privilegiadas em desfrutar de um lugar para trabalhar que tinha como fundo um belíssimo cartão postal. Além das reuniões, ele ficou conhecendo parte da frota de navios de apoio que os italianos possuíam. Eram embarcações de todos os tipos e tamanhos, navios-oficina,



suprimentos, guindastes para grandes operações no mar, navios para serviços submarinos, lançadores de dutos etc.

Os italianos, para se manterem competitivos frente aos asiáticos, dispunham de um casco já existente de uma outra plataforma que fora já desmontada para outros fins, e planejavam reaproveitá-lo, o que constituía uma carta na manga, uma vantagem adicional, que eles estavam mantendo sob sigilo e a sete chaves. O casco teria de sofrer uma reforma e adaptação, mas a um

custo bem menor em se comparando à construção de uma nova unidade. Eles planejavam levar o casco para o Brasil já reformado, uma vez pronto e no estaleiro de Angra, montariam os equipamentos e tudo o mais que se fizesse necessário para colocá-la em funcionamento, economizariam em prazo e dinheiro. A vantagem de se poder entregar umas das sondas com bastante antecedência, seria um trunfo, pois a empresa europeia de perfuração já anteciparia seu faturamento, onde a diária de um equipamento girava em

torno de pouco mais de \$ 100.000 dólares naquele período e, posteriormente, esse mesmo valor chegou a quintuplicar no mercado brasileiro.

Na quarta-feira pela manhã, Siegfried, Cirilo, um dos dirigentes italianos e um francês, Blondin, retornaram para Milão, onde ficava a sede da empresa. O voo para Paris sairia no mesmo dia à noite. Cirilo não iria à França, pois estava tratando também do assunto do tal oleoduto, que era naquele momento mais urgente. A reunião com os

franceses, em Paris, aconteceria na manhã de quinta-feira e talvez se estendesse até sexta. Siegfried aproveitou a tarde livre para conhecer alguma coisa de Milão. Embora já tivesse ido para a Itália tempos atrás, para Florença, situada na belíssima região da Toscana, Roma e Veneza, que fica pouco mais de 100 km de Trieste e da região Sul, jamais estivera na região Norte, onde Milão se localizava. Pelo pouco que viu, lamentou e muito não dispor de mais tempo, “quem sabe durante as obras do

casco pudesse voltar para conhecer melhor?”, pensou. Não só Milão, mas também a região de Trieste, evidentemente teriam de antes sair vencedores da disputa.

A lembrança de Roxane o seguia como uma sombra. Andando naquela esplêndida cidade, em cada lugar que entrava, em cada vitrine que admirava, seu pensamento permanecia fixo na sua amada, “ela ia ficar linda neste vestido”, pensava vez por outra. E foi por ela que entrou em uma famosa loja de um genuíno representante do mais

puro designer italiano e comprou um vestido negro, que, apesar de básico, era de uma elegância sem igual. Para a prima dela, que se tornou sua amiga, Maria Alice, ele comprou uma camiseta da mesma marca como lembrança. Pagou uma boa soma pelas duas peças, tendo seu plano de comprar um terno ou um blazer de uma daquelas respeitadas grifes italianas ido por água abaixo. Guardou o que tinha para algumas lembrancinhas para os pais e talvez algo melhor quando estivesse em Paris.

Sempre de olho no relógio, porque se descuidasse poderia perder o voo, pois havia muito ainda o que ver, entristecido, pegou um táxi em direção ao aeroporto, embarcando rapidamente com destino à França.

O hotel em que se hospedou ficava no moderno bairro de La Défense, um lugar de arquitetura avançada, com imensas torres de aço e vidro, contrastando com a Paris tradicional. Ficava localizado nos arredores da cidade, no prolongamento do eixo histórico

que se iniciava no Louvre, continuando pela avenida Champs-Élysée. Nesse bairro estavam instaladas grandes corporações empresarias e era onde estava situada a empresa encarregada da execução dos projetos de Engenharia das plataformas. O hotel em questão era próprio para executivos e homens de negócios em viagens rápidas à cidade.

Na sexta-feira pela manhã, Siegfried se dirigiu ao escritório, onde a reunião se estendeu durante todo o dia. O encontro contou com



uma apresentação e os temas foram genéricos. Discutiu-se o papel de cada empresa, bem como a responsabilidade de cada uma delas. Alguns assuntos mais complexos ficariam para ser discutidos no Brasil no momento oportuno; naquele instante, caberia aos franceses executar o trabalho preliminar, deveriam fazer todo o levantamento de material a ser empregado, bem como especificar todos os equipamentos mecânicos, as tubulações, as válvulas, os materiais elétricos, as estruturas

metálicas cujo peso chegaria a milhares de toneladas. Depois desse quantitativo levantado, Siegfried e sua equipe fariam a estimativa do volume de construção. Em paralelo, uma equipe das três empresas faria a cotação de preços dos respectivos materiais. Essas atividades, possivelmente, consumiriam dois meses ou mais, trabalhando duro, porque tanto os italianos quanto a equipe francesa possuíam experiência em empreendimentos similares, o que tornaria viável a apresentação da proposta dentro do

prazo estabelecido, caso contrário, se levaria bem mais tempo.

Siegfried tinha feito sua reserva de retorno ao país no domingo, para a eventualidade de a reunião perdurar por um dia a mais, no caso, sábado, o que acabou por não acontecer. Dessa forma, ele tinha o sábado livre para se recordar daquela cidade que tanto o impressionara tempos atrás.

Era um sábado ensolarado de junho naquela que é considerada a rainha das cidades, o clima estava ótimo, parecido com o outono no

Brasil, nem quente, nem frio, um excelente dia para andar em Paris. Depois de tomar o café da manhã, ele saiu do hotel e se dirigiu a uma estação de metrô próxima. Tomou o trem em direção a um dos mais famosos pontos da cidade: a avenida Champs-Élysées, onde se tem a nítida impressão de estar no centro do mundo. Por ali se pode ver gente dos mais diversos locais do globo, pois a cidade é o destino preferido dos turistas do mundo todo. Sentar em um café naquela avenida, e simplesmente ficar sem fazer

absolutamente nada, observando as pessoas que passam, é um dos mais raros prazeres que se pode ter. E foi justamente isso o que ele fez. Da última vez em que ele esteve ali, conheceu uma brasileira chamada Natália, estudante de designer que morava na cidade. Graças a ela, foi apresentado a muitos locais interessantes, algo que um turista comum dificilmente teria a oportunidade de conhecer, pois não faz parte do circuito tradicional da cidade. Claro, ele também não deixou de conhecer os pontos mais

tradicionais. Sentado em um dos muitos cafés daquela emblemática avenida, lamentou que Natália não estivesse com ele, “quem sabe ela poderia ser a chave que iria me livrar da danação em que estou?”, pensou ele, referindo-se à sua paixão irremediável por Roxane. Infelizmente, ele perdera o contato com Natália, que tempos depois ao encontro deles foi morar e trabalhar em Nova York, em Paris. Na época, teria dado o telefone da residência dos pais dela em São Paulo, mas eles também se mudaram da capital

para o interior e ele perdeu o contato e nunca mais a viu. Por instantes, com a impressão de que o tempo parara, rememorou todos os passos que dera em direção a Roxane, e quantas oportunidades teria desperdiçado em se livrar dela a tempo. Agora havia caído nas garras de uma pessoa que ele desconhecia, de alguém que se comprazia em fazê-lo sofrer, tal qual um simples inseto preso em uma teia gigante, onde se tornara um mero brinquedo sujeito a um capricho de uma força mais

poderosa do que ele podia supor. O mais espantoso era que ela dizia ainda não ter ninguém, mas ele desconfiava que tinha, “mas por que diabos ela não diz logo que arrumou outro?”, pensava consigo mesmo. Mas, em vez disso, preferia lhe dar esperanças.

Instantes depois, interrompido por um garçom que lhe trouxe um café, seus pensamentos retornaram aos problemas cotidianos: a doença de Ismail e os reflexos que acarretariam sobre a empresa e sua



própria situação, pois havia todos os indícios de que Leon cederia o cargo de presidente a Salomon e, por conseguinte, a vida de muita gente mudaria para pior, inclusive a sua. Esperava retornar ao Brasil e comentar com Lázaro sua situação financeira, pois o tempo estava passando e seu salário continuava o mesmo, e não fora isso o combinado quando entrara na Atlas.

Terminado o café, para espantar os maus pensamentos, ele saiu para caminhar pela avenida e seus arredores. Visitou lojas,

livrarias, chocolaterias, comprou lembranças para os familiares, e, ao deparar com uma megastore de artigos esportivos, onde na vitrine estava exposto alguns apetrechos para praticantes de equitação, Roxane veio à sua mente. Ele não resistiu e acabou entrando. Comprou um par de botas de altíssima qualidade, calça de montaria, um elegante casaco e um quepe. Ao sair da loja, andou mais um pouco, almoçou, pegou um táxi e rumou até um bairro onde ficava o famoso mercado das pulgas de Paris, Saint

Ouen. Entre dezenas de antiquários , encontrou uma raridade, uma pequena caixinha de música, que, ao abrir, via-se uma bailarina e um soldadinho de chumbo dançando ao som de um trequinho de Noturno de Chopin. Apesar do preço exorbitante, pois era uma antiguidade, resolveu levar a preciosidade ainda pensando em Roxane. Achou que o agrado serviria para impressioná-la, “não há como ela não gostar de algo tão belo”, pensou.

Domingo bem cedo,

Siegfried seguiu para o aeroporto para tomar o voo de retorno ao Brasil. Durante a viagem, sentiu-se incomodado com alguma coisa, parecia pressentir algum evento desagradável, mas não fazia ideia do que poderia ser. Ao chegar ao país à noite, a primeira coisa que fez foi ligar para os pais para saber se estava tudo bem e avisar que chegara são e salvo. Na casa dos familiares, pelo menos, não havia nada de anormal. Então, o que poderia ser aquele estranho mal-estar de que algo de ruim estava por

acontecer?

No dia seguinte, procurou por Lázaro e fez um breve relato da viagem, expressando muito otimismo em relação a uma possível vitória na concorrência. Deixou alguns documentos para que o diretor tomasse ciência, entre os quais as atas de reuniões entre as três empresas, onde constava os compromissos acertados. Depois, ambos conversaram sobre o estado de saúde de Ismail, que, segundo Lázaro, estava estável e requeria tratamento, mas não havia qualquer

prognóstico sobre sua volta. Antes que Siegfried saísse, Lázaro comentou que agendaria uma reunião entre eles dois e Leon, afinal, ele respondia pela presidência da empresa e o poria a par sobre a licitação das sondas de perfuração. Lázaro disse que por conta dos problemas acumulados, mal tinha tempo de falar com o doutor Leon. Até aquele momento, Siegfried só conhecia Leon de vista, ainda não tinham sido apresentados. Depois, sozinho em sua sala, Siegfried ligou para Roxane e lhe

contou sobre a viagem, dizendo que trouxera uma “pequena” lembrança para ela, já que o aniversário dela seria em julho. Ela conversou com ele como outrora, riu muito, falou sobre o avô, deu detalhes sobre o tratamento dele, e disse que o próprio manifestou que não via a hora de voltar ao trabalho, apesar de apresentar dificuldades na fala, mas estava se tratando também com uma fonoaudióloga. Roxane não mencionou absolutamente nada sobre Oscar, muito menos sobre Abel, que, naquele momento,

ocupava a cabeça dela. O encontro entre os dois para que ele pudesse lhe entregar os presentes foi marcado na Confeitaria Colombo, no centro da cidade, às cinco horas da tarde, na terça-feira, ou seja, no dia seguinte à conversa. É um lugar charmosíssimo, histórico e belo, um dos locais em que ambos haviam feito planos para um futuro encontro sem data marcada, por ocasião da última vez em que se viram ainda na virada do ano.

No meio da manhã, dona Zulmira, secretária de Siegfried,



recebeu uma ligação e repassou para o chefe. Era seu amigo Cazé.

– Você está ficando mesmo importante, hein, cara? – disse em tom de gozação.

– Mas quanto tempo? Por que diz isso?

– Procurei-o na semana passada e sua secretária me disse que você estava fora do país.

– Sim! De fato! Cheguei ontem à noite!

– Tem emprego para mim aí? – disse sorrindo. – Aquele serviço que me indicou é uma

verdadeira cilada, mas você não tem culpa.

– Sêrio? Como está a situação?

– A fiscalização aqui gosta de espremer o empreiteiro até ele cuspir sangue – explicou.

Siegfried sabia que com ele também poderia acontecer a mesma coisa. A fiscalização implicava com Cazé e, naquele período, ele estava sob forte tiroteio dos fiscais, o que estava lhe causando um forte desgaste, algo corriqueiro naquele lugar. O fato é que uma empresa que

se presta a fazer manutenção em plataformas deve estar bem estruturada, pois as cobranças são implacáveis. A fiscalização entende que quanto mais espremerem a contratada, mais méritos terão perante a alta chefia. Cazé, apesar de competente e de fazer tudo que estivesse ao seu alcance, fazia o que era possível, e teve até o mérito de melhorar o desempenho financeiro do contrato que estava muito ruim antes de ele entrar, mas nem tudo dependia dele e os fiscais sabiam disso. Contudo, a forma que

encontravam de punir a empresa era pedir a “cabeça” de alguém. Em geral, a do gerente, e vários já teriam sido substituídos, ele seria apenas mais um a se juntar a uma extensa lista, era só uma questão de tempo. Ele relatou a Siegfried que não estava tendo nenhum desentendimento sério, pelo menos ele pensava assim, eram somente pequenos desgastes dia após dia, escaramuças e farpas trocadas seguidamente entre ambas as partes. Eles não lhe davam trégua de maneira alguma.

– Evidentemente – ele disse –, a empresa tem problemas, atender a fiscalização a tempo e a hora não é fácil, estamos em terra e os serviços estão a 100 km de distância e, no mar, as dificuldades são grandes – relatou.

Ele teve o azar de estar sendo fiscalizado por uma engenheira, recém-promovida a gerente de projetos, e ela não queria deixar a chance de uma carreira promissora escapar. Era insegura e tinha medo de cometer erros, sua idade girava em torno de trinta e

sete anos aparentemente e era cercada de assessores, muitas vezes nem sempre bem-intencionados. Segundo Carlos José, a tal mulher, nas primeiras reuniões entre ambas as empresas, que aconteciam rotineiramente toda semana, olhava-o de um jeito “esquisito”, fazia caras e bocas, dando a entender algum tipo de insinuação. Ele, no entanto, se fazia de desentendido e preferiu ignorar. Nem sequer queria pensar no assunto, porque no seu modo de ver a tal mulher não fazia o seu tipo de jeito nenhum. Pelo que

se sabia, ela não era casada formalmente, mas comentava-se que “vivía” com um colega de trabalho, mais jovem e com cargo inferior ao dela. Segundo a opinião dele, ela se vestia de modo um tanto quanto excêntrico ou até mesmo vulgar para quem ocupava um cargo de gerência. Seu biotipo também não ajudava, era baixa, muito magra. Usava saias justas, pouco acima do joelhos, deixando à mostra pernas esqueléticas. Cazé, em tom de brincadeira, dizia que se tratava de alguém à beira de um ataque de

anorexia! Além de exibir um gosto duvidoso para se vestir, usava cabelos muito curtos, pintados de castanho, quase com corte masculino. Para compor seu visual bizarro, usava sandálias de salto Anabela, batom em cores vivas, bem chamativas, pulseiras e cordões em quantidades, e brincos de argola gigantescos. A gerente de projetos se achava importante e gostava de ser bajulada, coisa que Cazé tinha aversão, mas ele lhe reservava o devido tratamento que um cliente merecia. Nunca faltou com respeito,



jamais alterou o tom de voz e acatava tudo o que lhe era solicitado. Quando era atacado pelos auxiliares dela em reunião, respondia com diplomacia, algo raro nele. Quando tinha chance, ironizava, ela, no entanto, interpretava o comportamento dele como deboche. Ele também sempre que podia contra-atacava, se a falha era dele ou da empresa, ele assumia o erro, e por todos os meios tentava acertar a situação, mas muitos problemas também se davam por culpa da desorganização do cliente

e, nessas horas, ele dava o troco. Os serviços a bordo estavam sendo executados mesmo com todas as dificuldades, em se comparando com o período anterior à gestão dele. Dizia-se que houvera muita melhora, mas havia ainda muito o que fazer. Obviamente, a empresa tinha de se estruturar e isso não era atribuição de Cazé, mas da diretoria. A chefona e seus auxiliares o provocavam o quanto podiam. Sempre achavam uma falha qualquer para cruxificá-lo, sempre havia algo para reclamar, um

detalhe a mais que passou despercebido etc. Em suma, ela o estava “fritando” e ele engolia as críticas pacientemente, apesar de que algumas eram descabidas, mas, possivelmente, haveria um limite para suportar aquela situação. Como a empresa prestadora de serviço contratualmente é obrigada a aceitar a substituição de quem quer que seja, se solicitado for, ele tinha como certo que cedo ou tarde isso aconteceria.

Siegfried lamentou o que estava se passando com o amigo e

lhe explicou que naquele momento não havia como colocá-lo na Atlas. Estava planejando um modo de contratá-lo, mas teria de esperar por um momento melhor, mas havia esperanças para mais ou menos dois meses, caso saíssem vencedores da concorrência das sondas. Pediu que ele não aceitasse provocações, que se mantivesse calmo, e externou sua preocupação também com sua própria situação:

– Cazé, apesar de haver boas perspectivas, eu também não estou muito seguro. Estou preocupado,

pois dias atrás foi visto na empresa um executivo espanhol que concorreu comigo quando entrei na Atlas. Já ouviu falar do Urbano Jiménez?

– Já sim. Parece que tem fama de picareta, não? Mas por que você está cismado? – perguntou o amigo.

– A situação aqui é a seguinte – explicou –, o presidente da empresa, que vai com a minha cara, teve um derrame e não tem previsão para voltar, o vice, que é seu filho mais velho, é médico, não

é do ramo e gosta de política, quer se enveredar por aí. O segundo filho está contando os dias para assumir, e ele não tolera competição e me vê como um concorrente. O diretor-executivo e financeiro, que é hoje o segundo homem da empresa, um sujeito sério, responsável e que joga “duro” está sofrendo um cerco por parte dos outros filhos que perderam o poder. Então, qualquer hora ele “roda”, ele saindo, eu devo ir junto.

– Mas que droga, hein! –  
respondeu Cazé.

– Pra você ver.

– Tenho mais um assunto para falar contigo – disse Carlos José. E prosseguiu: – Outro dia encontrei aqui em Macaé o Ubirajara Moraes. Lembra dele? Trabalhou com a gente tempos atrás. Pois bem, o Moraes, que no nosso tempo era um simples auxiliar administrativo, mas bem descolado, formou-se em Administração de Empresas, fala inglês fluente, e é hoje o homem chave de uma multinacional de perfuração aqui em Macaé. Ele desembaraça qualquer problema,

conhece gente influente em Brasília e com um telefonema resolve tudo. Ele está precisando de um supervisor ou um engenheiro nível pleno *offshore* que fale inglês fluente, conhece alguém?

– Bom, do jeito que as coisas vão, acho que eu mesmo vou me candidatar – disse rindo.

– O cargo não é bom, não! O serviço é uma droga, manutenção de plataforma de perfuração, tem de ficar embarcado e a grana também não é lá essas coisas, mas anote o telefone e o e-mail dele, vai que um



dia precisemos, ou você queira indicar alguém para ele.

– Mande aí, vou anotar.

Por uma ironia do destino, os acontecimentos que seriam desencadeados faria com que o telefonema do Cazé para Siegfried em um futuro breve fosse a saída para a forte turbulência que estava por vir.

\*\*\*

Na terça pela manhã,  
Siegfried saiu de sua casa com os

presentes comprados na Itália e na França no carro. Passou o dia no escritório e saiu mais cedo em direção ao centro da cidade.

Chegando lá, deixou os presentes dentro do veículo e caminhou até a confeitaria. Ansiava conversar com ela pessoalmente, uma vez que um encontro entre ambos não acontecia desde o réveillon. Ele esperava reverter a situação e promover uma reconciliação, e planejou após o lanche que fariam na confeitaria que saíam até o estacionamento e lá ele entregaria o que trouxera de

Milão e Paris.

Como de costume, Siegfried sempre chegava pouco antes do horário marcado. Pontualidade era um dos seus hábitos. Escolheu uma mesa em local discreto e esperou por Roxane. Em torno de cinco e quarenta da tarde, ele, preocupado por ela ainda não ter chegado e pensando que o atraso se devia a algum problema no trânsito, ligou para o celular dela, que deu caixa postal. Ele pediu uma água ao garçon e esperou. Decorrida meia-hora, tentou de novo e o celular

continuava na mesma situação. Ligou várias outras vezes e, por fim, desistiu e foi embora. Eram sete e meia. Ao chegar ao seu apartamento, a vontade dele era jogar os presentes no mar, pois entendia que tamanha desfeita não tinha desculpa. Para tirar o peso da consciência, ligou o computador na esperança de que ela poderia ter mandado algum e-mail se justificando, pois poderia ter havido algum problema. Verificou que não havia mensagem alguma. Então, resolveu ligar para a prima dela

perguntando por Roxane. Maria Alice, surpresa, disse que, a princípio, acreditava estar tudo bem. Questionou o motivo e Siegfried lhe explicou. Eles combinaram que no dia seguinte ele iria até a loja em que ela trabalhava para deixar o que trouxera, pois também se lembrara dela na viagem e pediu que ela fizesse o favor de entregar o presente de Roxane, pois era algo exclusivamente comprado para ela. Maria Alice agradeceu pela lembrança e se prontificou em levar.

Terminada a curta conversa

com Siegfried, Maria Alice imediatamente ligou para a prima e disse que Siegfried parecia muito chateado pelo “bolo” que ela havia lhe dado. Roxane desdenhou e respondeu que já era hora de ele se mancar, que ela estava já em outra. Maria Alice não alimentou a conversa e disse que ele ficara de passar na loja para que ela mesma entregasse os presentes que trouxera. As duas então combinaram que Maria Alice deixaria a encomenda na casa de Roxane.

No dia seguinte, em torno

das seis da tarde, pouco antes de Maria Alice sair do trabalho para ir para a faculdade, Siegfried apareceu com os presentes. Ela abriu o seu embrulho e se surpreendeu pela qualidade e bom gosto. Agradeceu entusiasticamente, pensava que fosse somente um *souvenir*, e ficou curiosa em saber o que estava reservado para a prima, pois eram mais três bolsas, onde havia grandes caixas fechadas. Maria Alice notou que Siegfried parecia estar diferente. Seu semblante transmitia um ar de tristeza, com certeza fora a

decepção causada por sua prima. A jovem tentou pôr panos quentes, disse que ainda não conversara com ela, mas com certeza algo deveria ter acontecido. Ele apenas deu de ombros e, em seguida, ambos se despediram.

Ao retornar ao apartamento à noite, Siegfried viu que a caixinha de música ficara. Ele se esquecera, mas era algo que considerava tão especial que entendeu ser o tipo de presente que tem de ser entregue pessoalmente e não mandado por alguém. Tinha esperança de que ela



fosse marcar algum encontro para agradecer e, nessa oportunidade, queria ele mesmo presenciar as feições dela ao ver o que trouxera.

Maria Alice, imediatamente ligou para a prima e disse que tinha em seu poder três enormes bolsas e que, em vez de ir para a faculdade, iria até a casa dela para entregar as encomendas. As duas combinaram, mas não contavam com um imprevisto.

Pouco antes de Maria Alice chegar à casa da prima, quem também chegou para uma rápida

passada foi uma de suas tias, Sílvia, com quem Roxane tinha grande afinidade. Ela estava por perto e resolveu ver a irmã Laura e a sobrinha. Maria Alice chegou minutos depois e deu de cara com as duas tias conversando na sala. Ao verem a sobrinha com aquelas bolsas enormes, com grifes italianas e francesas, ficaram curiosas e perguntaram o que era aquilo. Ela, sem maldade, disse que eram presentes para Roxane. Depois de proferir essa frase, caiu na real, pois Laura não sabia da existência de

Siegfried e se viesse a saber estaria formado um enorme problema.

Maria Alice seguiu rapidamente para o quarto da prima, que estava no computador conversando no msn com Abel. Ela chegou e mostrou o que trouxera. Roxane se despediu do amigo virtual, abriu as caixas rapidamente e se surpreendeu com o que viu. Ficou maravilhada com o vestido negro e boquiaberta com a equipagem de montaria.

Imediatamente, tirou a roupa e experimentou o presente, primeiramente o vestido. Sua prima

igualmente se encantou pela roupa e contou que achou Siegfried meio deprimido. Roxane disse estar interessada em outra pessoa. E contou que não era Oscar. Em seguida, foi até o computador e mostrou a foto que Abel lhe enviara.

– Por esse cara? – perguntou Maria Alice admirada.

– O que foi? O que você achou? – perguntou Roxane.

– Roxane! Pelo amor de Deus, você trocou Siegfried por esse sujeito? Olhe só que jeito de

tiozinho ou seria vovozinho ? –  
falou ironizando

– Não fale assim dele! –  
Siegfried é um cara legal, mas é  
muito certinho para o meu gosto.

– Então, por que não diz  
claramente para ele que está com  
outro em vez de ficar dando  
esperanças para o pobre coitado?

A foto que Abel mandara  
tinha sido tirada havia cerca de  
cinco anos. Ele estava um pouco  
mais magro do que naquela época,  
mas ainda assim se notava a barriga  
saliente. O que se via era um senhor

de óculos, barrigudo e muito grisalho. Aparecia com seu “uniforme” habitual, calças de brim azul-marinho com preguinhas, camisa xadrez larga e mocassim.

As duas começaram a discutir. Entre outras coisas, a prima lhe disse que aquele homem tinha o jeito do pai dela, Leon e isso era exatamente o “x” da questão. Maria Alice estava se formando em Psicologia e sabia bem que sua prima sofria de um complexo de Édipo às avessas, também conhecido por complexo de Electra,

levado a extremos, daí a preferência quase doentia por homens muito mais velhos; ela procurava a figura do pai em seus namorados. Abel parecia encarnar bem esse papel. Em meio à discussão entre as duas, Sílvia e Laura resolveram ver o porquê da discussão. O quarto de Roxane era no andar superior, e elas deram de cara com ela trajando o vestido negro de uma famosa grife. Estendido na cama, um uniforme completo de equitação com as respectivas embalagens indicando a procedência das roupas. Tanto

Sílvia quanto Laura se admiraram e perguntaram de onde viera aquilo tudo. As duas, constrangidas, tentaram disfarçar e Roxane disse que fora presente do namorado Oscar, mas não contavam que a primeira coisa que Laura pegou foi um cartão que acidentalmente ela deixara cair no chão do quarto. Ela então viu a dedicatória e a assinatura: Siegfried.

A mãe, surpresa, perguntou quem era Siegfried? Ela, vermelha e quase sem voz, respondeu que era apenas um amigo.



– Um amigo? O valor destas roupas somadas devem valer mais do que todo o seu guarda-roupa junto – disse a mãe. E completou: – Este nome não me é estranho, por acaso não seria um engenheiro que trabalha na Atlas? – a filha assentiu que sim completamente constrangida. – Tudo bem, depois conversamos – disse a mãe.

Sílvia pegou o vestido nas mãos e comentou:

– É legítimo! Veja que lindo! Seja lá quem foi que deu, tem bom gosto.

Em seguida, as duas  
desceram para o andar inferior da  
casa. Roxane e Maria Alice ficaram  
se olhando sem ter o que dizer.

Naquela noite, Leon chegou  
em casa tarde. Laura não quis tocar  
no assunto, deixou para o dia  
seguinte. Roxane, por sua vez, ligou  
para Siegfried e agradeceu,  
desculpando-se por não ter sido  
possível ter ido ao encontro no  
centro da cidade. Ele sabia que era  
apenas mera desculpa. A única coisa  
que pediu foi que ela tirasse uma  
foto vestida com a roupa e enviasse

para que ele pudesse ver como tinha ficado, pois imaginou que ficaria perfeito. Ela, para tentar remediar a situação, disse que ia marcar outro dia para conversarem melhor. Claramente, isso não estava nos planos dela, mas disse assim mesmo.

A tentativa que ele fizera para se reconciliar fora em vão, apesar de ela ter gostado dos presentes, um retorno amoroso com ele estava totalmente fora de questão. Ele esperava ao menos um almoço para poderem conversar e

entregar o presente faltante. Como ela não manifestou nenhuma intenção de um encontro, a caixinha de música ficaria guardada.

No dia seguinte, Roxane, já sabendo o que estaria por vir, saiu de casa bem cedo, antes de os pais se levantarem. Ela passaria parte do dia na faculdade e depois foi se refugiar na casa de Hidalgo Javier, que ficou sabendo por ela do que acontecera e das possíveis consequências. Naquela encontro entre ela e seu velho amigo, quem deu o ar da graça foi “Lussin”, que

gargalhou muito da situação, juntamente com o desembargador.

Durante o café da manhã, Laura revelou para o marido o que descobriu e contou a sua versão: Roxane recebeu um presente caríssimo de um funcionário da empresa deles, o nome dele era Siegfried. Ela perguntou se ele o conhecia. Leon disse que vagamente, mas, pelo que saiba, ele estava a em viagem de trabalho na Itália e na França, pelo menos foi o que Lázaro tinha lhe falado, e ainda não ficara sabendo de seu retorno.

– Então tudo se encaixa! Foi nessa viagem que ele comprou um vestido em Milão e um uniforme completo de amazonas comprado em Paris. Eu vi as etiquetas – falou Laura para o marido.

– Tem certeza? – perguntou Leon.

– Claro que tenho! Quer que eu lhe mostre?

O casal concluiu que um executivo da empresa deles estaria assediando a filha para auferir vantagem pessoal possivelmente, em outras palavras: o famoso golpe,

o que era inaceitável.

Naquele dia, uma sexta-feira, Siegfried foi até Angra conferir pessoalmente os preparativos que estavam sendo feitos para a reforma da plataforma de perfuração cujo contrato tinha sido assinado recentemente, sem se dar conta da tormenta que estaria prestes a cair sobre sua cabeça.

Leon, após a conversa com Laura, dirigiu-se para a Atlas e procurou por Salomon, pondo-o a par do que estava acontecendo; o que constituiu um prato cheio para

ele.

Aquele fim de semana teve ares de uma tragédia grega para Roxane. Ela foi duramente inquirida pelos pais e pelo tio sobre o suposto *affair*. Salomon, inclusive, questionou-a se ela havia falado com Ismail sobre Siegfried, pois sabia que o avô fazia as vontades da neta, e ambos deduziram que a promoção de Siegfried a diretor possivelmente tinha o dedo dela, o que foi negado categoricamente. O que não poderia ser diferente. Apesar de Roxane ter dito a



verdade, que o envolvimento se deu sem que ele soubesse da verdadeira identidade dela, a princípio, esse fato não mudou nada. Leon e Salomon estavam determinados a puni-lo.

No fim de semana, Siegfried foi até o interior do estado para visitar seus familiares e levar alguns *souviners* que trouxera da Europa. Retornou ao Rio de Janeiro no domingo à noite. Segunda-feira pela manhã, ele foi chamado logo cedo à sala de Lázaro, sendo que ele, muito constrangido, comunicou-lhe sua

demissão e o motivo: quebra de confiança, motivada por assédio a uma das herdeiras da família para obtenção de vantagens pessoais. Lázaro informou-o de que recebera ordens explícitas do atual presidente da empresa: Leon Armadunian. Siegfried, surpreso, explicou a ele tudo o que acontecera, que se envolvera com a moça sem saber quem realmente era. Quando descobriu, já era tarde, entre outras coisas. Também contou que no dia em que foi pedir demissão, Ismail o promoveu e que entre ele e Roxane

não havia mais nada, mas reconheceu a imprudência que cometera ao dar os presentes para ela. Lázaro também contou que antes de ele ser promovido a diretor, Ismail havia comentado que estava planejando promovê-lo, sendo que ele mesmo concordou com o chefe, portanto, ele sabia que não houve qualquer interferência da “menina” nisso.

– Eu comentei esse fato com dr. Leon – disse Lázaro a Siegfried – mas ele nem quis saber.

Lázaro, após ouvir o que

Siegfried lhe explicou, e acreditando nas palavras dele, ponderou que tentaria reverter o quadro. Siegfried pediu que fosse levado à presença do presidente da empresa para pôr tudo em pratos limpos, não com o intuito de reverter a demissão, mas para limpar sua imagem, pois não aceitava ser visto como um pretenso golpista. Lázaro concordou e ligou para a secretária de Leon pedindo uma reunião entre os três. Não obtendo retorno da solicitação. Lázaro foi pessoalmente falar com

Leon enquanto Siegfried esperou. A resposta, no entanto, foi negativa. Leon considerava que o episódio estava encerrado.

Ao sair da empresa, Siegfried avisou Lázaro e o advertiu que caso confirmasse o não retorno de Ismail à direção, ele temia pelo futuro da Companhia, pois os filhos tramariam a sua saída. O executivo respondeu que tinha consciência disso e lamentava o fato, e que enquanto estivesse ocupando o cargo de diretor iria fazer jus ao posto. Em seguida, ambos se

despediram.

Salomon e Leon, não satisfeitos com a demissão de Siegfried, disseminaram na empresa e no mercado que o desligamento dele se dera por incompetência, os empreendimentos sob sua responsabilidade estavam indo mal, e Salomon ainda insinuou que havia indícios também de improbidade administrativa, algo corriqueiro naquela Corporação. O motivo real, ou seja, o envolvimento da neta do CEO da organização com ele, ficara devidamente restrito a um pequeno

círculo interno da família, pelo menos no início. Também tiveram o cuidado de não deixar Ismail saber do episódio envolvendo Roxane e Siegfried.

A notícia de que Siegfried estava de saída da Atlas, caiu como um raio, pois, além de ocupar uma posição-chave, sua divisão era uma das poucas que se podia dizer que estava indo bem. Boatos de todos os tipos correram pelos corredores da Companhia, e poucos acreditaram que se tratava de má-gestão ou desvio de conduta; mas para o

mercado acabou vazando a versão dos dois dirigentes.

Samara, prima e rival, soube do ocorrido e a primeira coisa que quis ver de perto foi o vestido. Lamentou não ter a mesma sorte da prima. Ela conhecia Siegfried superficialmente, vira-o apenas ocasionalmente quando foi à Atlas poucas vezes. Apesar de excepcionalmente ter até tido solidariedade com Roxane, pois achou um exagero a demissão de Siegfried, posteriormente se prestou a espalhar aos quatro cantos do



mundo que Roxane não era a santa que todos diziam ser, pois, enquanto namorava o tal médico, tinha um romance secreto com um dos executivos da empresa do avô.

Somente dez dias após a saída de Siegfried da Atlas é que Roxane ligou para ele para saber como estava. Ela temia que ele fosse reagir mal e estava se condoendo de remorso, afinal fora o pivô da demissão dele. No entanto, ele demonstrou não estar muito aborrecido, agiu de forma elegante. Obviamente, era só fachada, porque

por dentro se remoía. Ele não a culpou por nada, e acrescentou que mais dia menos dia, a saída dele acabaria acontecendo. Apenas lamentou que o motivo exposto pelo tio e pelo pai que teriam dito, em outras palavras, que ele armava um golpe. Para reanimá-lo, ela ficou de combinar um encontro entre ambos tão logo a “tempestade” passasse.

O escolhido para substituir Siegfried no cargo foi Urbano Jiménez. Lázaro sabia da fama dele e discordou, mas o nome dele foi apresentado por Salomon a Leon,

que aceitou prontamente, o que gerou o primeiro confronto sério envolvendo o diretor financeiro e o então presidente da Atlas.

Como consequência, alguns funcionários que Siegfried havia levado ou indicado, ou foram demitidos por Urbano ou se desligaram voluntariamente. O executivo espanhol começou a trazer pessoas de sua estrita confiança, o que resultou em uma mudança do ritmo das obras, bem como da forma de se conduzir os empreendimentos. Quem pagou caro

foi a Atlas, pois os resultados financeiros despencaram, bem como o bom relacionamento com os clientes duramente conquistados por Siegfried.

Cirilo, quando soube da saída do amigo da Atlas, mal acreditou, ainda mais pelo motivo que o próprio Siegfried lhe explicou. Parecia tudo surreal, fora dos padrões da atualidade, e, de certa forma, achou até engraçado que nos dias atuais um romance passageiro desse motivo para uma demissão e uma campanha

difamatória, mas prometeu dar uma revanche a Salomon. Cirilo era um executivo astuto, com uma vasta rede de amigos e informantes e sabia bem o que ocorria no mundo dos negócios . Colocou uma lupa em cima de Urbano e soube por “amigos” que o espanhol, apesar de estar na Atlas, tinha um outro senhor, os asiáticos, e este tão logo soubesse da estratégia do grupo italiano, repassaria as informações aos concorrentes orientais mediante uma gorda comissão. Dessa forma, colheu as provas necessárias,

informou aos superiores na Itália e o consórcio foi desfeito, restando num primeiro momento os italianos e os franceses. Assim, continuariam a busca por outro parceiro nacional, já que a Atlas fora descartada.

Siegfried fazia um esforço redobrado para tentar se recolocar profissionalmente, mas parecia que desta vez estava difícil. Os rumores espalhados pelos dois líderes de sua ex-empresa estava fazendo estragos. Enviava currículos, agendava entrevistas, mas, na hora H, não acontecia nada, e lá se iam dois

meses parado. Outro que também procurava emprego era o amigo Carlos José. De acordo com a última conversa travada entre ambos, ele já previra que tal fato aconteceria, era somente uma questão de tempo, pois a gerente da fiscalização, baseada nas cláusulas contratuais, pedira o afastamento dele, alegando que ele não estava atendendo a contento, sem especificar melhor em que exatamente não atendia. A empresa em que trabalhava até tentou reverter a situação, mas venceu a lei do mais forte, no caso o

cliente, sob pena de aplicação de multa diária pelo não cumprimento de uma cláusula contratual, no caso, a substituição do gerente.

Em meados do mês de agosto, Siegfried recebeu um telefonema de um homem chamado Luís Fernando Dantas, dizendo ser de uma empresa de Engenharia que prestava serviços em refinarias e petroquímicas. Siegfried havia enviado muitos currícula a amigos e conhecidos, alguns passaram para outros, que passaram adiante, que foram repassando, formando uma



verdadeira rede de contatos. Foi dessa forma que o tal Luís Fernando acabou por receber o seu curriculum. Ele disse que lera o histórico profissional dele e que gostara; perguntou se Siegfried estava disponível ou trabalhando, ao que ele respondeu que estava procurando uma nova colocação. Segundo o tal homem, ele era o tipo de perfil profissional que estava buscando: um gerente com bastante experiência em serviços no segmento de óleo e gás. E acrescentou que tinha dois trabalhos

em que poderia encaixá-lo, um na refinaria de Betim, onde ele estivera meses atrás, e outro em uma indústria química em Paulínia, próximo a Campinas, interior de São Paulo.

– Mas primeiro – disse o homem – seu curriculum precisa ser aprovado pela fiscalização.

– Tudo bem! – respondeu Siegfried, vamos aguardar.

Depois, Luís Fernando pediu que lhe passasse um e-mail com sua pretensão salarial e demais condições. Ele prometeu que faria

isso logo. Siegfried perguntou alguns detalhes ao homem, de que empresa era, onde ficava e como seu curriculum chegara às mãos dele. Luís Fernando foi lacônico, respondeu que era de Curitiba, no Paraná, e que era de uma empresa nova, mas com bastante expectativa de novos negócios, e que alguém talvez de uma dessas refinarias que ele mencionou, recebera de um tal de Franco, via internet, e lhe havia encaminhado. Siegfried estranhou a forma tão rápida da entrevista, e ainda por cima feita por telefone,

pois, em outras situações semelhantes, perguntavam-lhe de tudo, inclusive o motivo da saída da última empresa, o que não ocorreu.

Depois da conversa com o tal sujeito, Siegfried ligou para Cirilo e para Gianfranco, o Franco, para saber se conheciam a empresa e seu respectivo representante. Ambos não conheciam, mas disseram que iriam averiguar. Siegfried tentou saber alguma coisa deles, se havia algum site da empresa ou alguma referência, mas não encontrou nada.

Alguns dias depois, quem

ligou para ele para saber como estava passando foi ninguém menos do que Roxane. Apesar de ela não dizer nada a ninguém, exceto para Maria Alice, sentia-se culpada pela demissão dele, e isso a deixara com uma crise de consciência, embora, em momento algum ele tocasse nesse assunto quando conversavam.

Desde que ele saiu da empresa de sua família, ela se comunicava com ele com certa regularidade. Era uma forma que encontrara para, pelo menos, tentar reparar o erro que fora cometido e

subtender que ela não tivera nada com aquilo. Em todas as vezes, ele se manteve impecável , e nem sequer tocou no assunto de um possível encontro, embora era o que ele mais queria, pois se sentia intrigado por tantas juras de amor terem terminado do nada. Devia existir uma explicação, mas ele não sabia que em se tratando dela, era assim mesmo, nada tinha explicação plausível. Ele lhe disse que esperava ter em breve novidades promissoras, que havia surgido duas oportunidades, mas em uma mesma

empresa, uma em Minas Gerais, no mesmo local onde passara vários meses, e outra em Paulínia. Ao receber essas notícias, interiormente ela respirou aliviada. Empolgada, sem querer, soltou que estava planejando passar alguns dias em São Paulo, na capital, com uma das primas, no caso, Helena, irmã de Maria Alice e que em Belo Horizonte iria participar de um congresso. Depois de dizer isso, ela se deu conta de que falara de mais. Fora um ato falho, algo que acontecia com frequência com ela.

Arrependeu-se, pois Siegfried a questionou o que teria acontecido com sua mudança de postura e a fez lembrar que não foram poucas as vezes que a convidou para passar um fim de semana em Minas, e quando estava em São Paulo negociando com a petroquímica, também a tinha convidado, e ela interpunha as mais variadas razões para não ir, sendo a principal, os pais que se oporiam. Ela se viu em um beco sem saída e, talvez para sair da enrascada, disse-lhe que entraria em contato com ele e que se



ele ainda estivesse sozinho poderiam reviver os momentos que passaram em Búzios. Siegfried, como um criança, acreditou. Na verdade, o pretexto de passar alguns dias na casa de Helena era tão somente para se encontrar com Abel. E o congresso de Belo Horizonte, apenas o pano de fundo para outro encontro, desta vez com Diógenes.

Ela já havia preparado tudo. Primeiro, disse aos pais que precisava descansar, tomar novos ares e que ficaria alguns dias com

uma das primas. Depois, inscreveu-se em um congresso que realmente aconteceria e passou a conversa na mãe. Leon estava às voltas com sérios problemas na empresa, resistia o quanto podia ao cerco de Salomon, e estava às voltas com seu partido político, tentando de alguma forma que a Atlas pudesse ser aquinhoadada com obras públicas. Não tinha muito tempo para se dedicar à filha, que, àquela altura, já tinha mandado o dr. Oscar “passear”.

Decorridos  
aproximadamente dez dias depois

da conversa entre Siegfried e Luís Fernando, este último telefonou para marcar uma reunião e efetivar sua contratação. O curriculum de Siegfried fora aprovado e, dessa forma, ele queria apressar sua entrada na empresa. Combinaram de se encontrar em um restaurante na cidade de Paulínia, onde almoçariam e acertariam os detalhes. A razão da escolha daquele local se deveu ao fato de que seria naquela cidade que ele ficaria, pois resolveram colocá-lo no trabalho que se desenvolveria naquele lugar .

Até aquele momento, o outro serviço ao qual ele tinha se referido anteriormente, na cidade de Betim, ainda dependia do resultado de uma concorrência, que ainda não tinha a resposta.

Na hora da reunião, além de Luís Fernando, cujo cartão de visita constava como “sócio-diretor”, também apareceram outros dois personagens: Sérgio Yamada, que seria o outro sócio e Haroldo, apresentado como gerente administrativo da obra. Este último já estava trabalhando, pois os

serviços no interior paulista já estavam em andamento havia cerca de três meses. Foi nessa reunião que Siegfried ficou sabendo que ele entraria na vaga de outro gerente que se demitiu.

Luís Fernando Dantas devia ter pouco mais de quarenta anos. Era moreno-claro, alto, esbelto, bem-apessoado, tinha os cabelos castanhos-escuros encaracolados. Vestia-se com elegância e se expressava muito bem, era do tipo falador, ao contrário do sócio, o nissei Sérgio Yamada, que era mais

contido, quieto e observador. Este era baixo, um pouco obeso, tinha os cabelos negros e lisos. Usava óculos e parecia regular a idade com Dantas. Enquanto Luís Fernando fazia o tipo vendedor, o negociante, o outro parecia se restringir aos aspectos técnicos. De fato, Sérgio era formado em Engenharia e sempre trabalhara no ramo. Dantas tinha múltiplas experiências, quase todas na área comercial.

Um dos impasses surgidos fora o fato de que o salário pretendido por Siegfried era

exatamente o mesmo que ele ganhava na Atlas e extrapolava o teto ofertado por eles. O próprio ofereceu uma alternativa, pagaria um valor fixo, que era aquém do que ele pediu e ofereceu a Siegfried um percentual de participação nos lucros. O empreendimento não era de grande monta, conforme Siegfried estava acostumado, pois se tratava de uma empresa ainda pequena e engatinhando.

Ao término da reunião, a impressão que Siegfried teve foi de que Luís Fernando era o tipo de

sujeito que era capaz de convencer pessoas de boa fé a comprar um pedaço da praia de Copacabana ou o Monte Everest. Sérgio Yamada permanecera quase o tempo todo mudo, parecia estar atento a tudo, sobretudo aos modos do sócio, que se portava como um professor em uma aula prática. O mesmo se deu com Haroldo, o aprendiz de feiticeiro. É normal quando pessoas do mesmo ramo de atividades ou que trabalham em algo comum dividir experiências. Siegfried comentou sobre os locais e os



empreendimentos pelos quais já passara, mas não obteve qualquer pista por onde aqueles ilustres senhores ali presentes estiveram, muito menos o que fizeram. Apenas Yamada, em uma das raras vezes em que se pronunciou, falou vagamente de um trabalho que teria participado. Este fato deixou Siegfried intrigado, sobretudo pelo fato de Luís Fernando reiteradas vezes dizer que conhecia muita gente influente em Brasília e que tinha bons contatos, o que para Siegfried soava como um mau sinal,

“com toda certeza, este pessoal deve ‘armar’”, pensou. Ainda recomendaram que toda a parte administrativa e financeira seria de responsabilidade de Haroldo.

– Não se preocupe com a burocracia, somente com a parte operacional, o resto é com Haroldo! Não queremos o gerente se aborrecendo com papelada – disse um deles.

Geralmente, um gerente se ocupa principalmente com a gestão financeira, pois é dali que vem o ganho, e em uma escala menor com

os serviços de campo, que é reservada aos engenheiros de campo e supervisores. Outro fato que Siegfried também estranhou foi que aquilo, de certa forma, restringia sua autoridade. No decorrer do almoço passou pela cabeça dele desistir, pois pressentia que aquilo não ia acabar bem, mas mesmo assim aceitou ficar.

## Vingança

No ano de 2003 fazia treze anos da morte de Raulino. Lino, agora com vinte e seis anos, sentia-se frustrado por não ter sido possível até aquele momento ter colocado as mãos naquele bando, especialmente Dinho e Isaías, os principais responsáveis pela sua tragédia pessoal. Toda sua vida,

desde aquele trágico episódio, fora influenciada por aquele evento nefasto. Sua sede de vingança acabou se transferindo para outros marginais, e agora ele não conseguia mais parar. Com o tempo, Lino se transformou em uma espécie de vingador, um justiceiro, pois ele não acreditava na Justiça dos homens, e exemplos ele tinha de sobra para contar. Ele já havia perdido a conta do número de marginais que tinha prendido ou ajudado a colocar atrás das grades. Contudo, tempos depois os mesmos

estavam de volta às atividades criminosas. Houve bandidos que ele poupou e, posteriormente, arrependeu-se amargamente. Alguns deles, uma vez fora da prisão, retornaram à mesma vida de delitos de antes, tomando a vida de inocentes. Em sua defesa, ele argumentava que muitos marginais que ele conhecia e que foram condenados a mais de quinze anos pelos mais diversos delitos, decorridos no máximo seis anos, retornaram ao convívio da sociedade, valendo-se dos mais

variados artifícios e brechas que a lei permite, para, em seguida, voltarem a cometer crimes, muitos até piores do que os anteriores.

Lino estava refletindo sobre a possibilidade de largar a vida de policial. O que mais pesava era o salário que ganhava. Seu padrão de vida dificilmente passaria do atual patamar em que estava. Não fosse os ganhos por “fora” com segurança privada, ele jamais teria comprado o pequeno apartamento em que ele e a mãe viviam na Liberdade. O imóvel, obviamente, estava no nome dela,

porque o seu soldo não permitia que ele tivesse condições de adquiri-lo. Sua potente e reluzente pick-up turbo era o mesmo caso, o que fez com que um certo major corregedor chamado Saldanha constantemente o averiguasse, e, ainda por cima, havia um promotor que inúmeras vezes tentou pegá-lo. Outro fato que o incomodava era sua amada Janaína, a Jana, como ele a chamava. Depois de entrar na faculdade, sentia que ela já não era a mesma. Era cortejada por vários “mauricinhos” ricos, que podiam



lhe dar o que ela bem quisesse. Em um belo dia, ela o mandaria “andar”, cansada da vida perigosa e atribulada em que ele vivia, e cheia de restrições. Ela sabia, pensava ele, que ao seu lado, dificilmente teriam aquele apartamento de três quartos com piscina, sauna e *playground* que ela adorou quando visitou alguns dias antes, em companhia de uma amiga da fábrica, noiva, prestes a se casar com um colega de serviço, e que ficava em São Bernardo do Campo.

Em sua cabeça, vinham as

mais variadas hipóteses de mudança de vida, montar uma academia de artes marciais, algo que ele dominava, ou uma academia de instrução de tiro, uma atividade que também ele conhecia bem, ou convidar um amigo inspetor para juntos montarem uma empresa de vigilância, já que o velho policial estava para se aposentar e já mencionara essa intenção em uma ocasião. Mas para tudo isso, ele pensava: “preciso de grana, muita grana, algo que não tenho no momento”. Ele estava juntando

dinheiro na tentativa de mudar de vida, pois, no fundo, sabia que um dia poderia ser pego, não por marginais, mas pela lei.

Amparo havia lhe contado muitas histórias quando ele era criança, entre as quais, que a avó Anita havia feito um “feitiço” para que seu corpo fosse fechado, bem como o de seu primo, João Batista. Ambos, ao nascerem, a avó vaticinara que: “esses dois meninos vão precisar muito de proteção”. Essa história contada por sua mãe, na qual ele acreditava piamente, só

fez aumentar sua audácia. Além disso, ele levava no peito uma medalha de São Jorge, dada pela avó quando ele ainda era bem pequeno, que lhe servia de talismã, acompanhada da oração do mesmo santo, que sempre quando ele estava prestes a entrar em ação ele a recitava. Com a oração de seu santo protetor e com a convicção de ter o corpo protegido, Lino acreditava ser imune a qualquer coisa.

Oficialmente, eram atribuídos a Lino, ou ao cabo Castro, que era o seu nome de

guerra dentro da Corporação, embora seus colegas o chamassem de Shaolin, mais de dez mortes em confronto com marginais nas ruas. Paradoxalmente, ele era um dos recordistas em medalhas por bravura, e, ao mesmo tempo, colecionava inquéritos por abuso da força policial e mortes não explicadas. Pelas suas contas, o número de supostos marginais que ele havia tombado era bem maior. Em conversas reservadas que ele tinha com pessoas bem próximas, ele jurava que todos, sem exceção,

mereciam morrer. Eram a escória, o que de pior havia na sociedade. Ele não pertencia a um grupo específico de extermínio a exemplo de vários de seus colegas. A princípio, agia de forma solitária. Vez por outra, um ou outro companheiro de farda participava, mas exclusivamente por causa das circunstâncias do momento. Eram tantas ocorrências desse tipo que o fato acabou por chamar a atenção da promotoria, bem como de oficiais corregedores. Lino foi submetido a vários psicólogos, que chegaram à

conclusão de que ele era uma pessoa com inteligência acima da média dos integrantes da Corporação, mas apresentava desvios psicológicos, e que deveria ser afastado para tratamento. Uma outra corrente, formada por oficiais linha dura, o tinha em alta estima. Tê-lo em ação era, para alguns de seus pares, a mais absoluta confiança de que obteriam êxito em suas operações, e faziam de tudo para que as recomendações dos psicólogos fossem arquivadas ou ignoradas.

A Justiça que Lino fazia

com as próprias mãos se dava em situações de confronto ou reação à prisão. Ele se defendia dizendo que as mortes se davam em situações críticas, “ou eu matava, ou morria”, ele se defendia. Das muitas prisões que fizera de ladrões comuns, não havia registro de que ele tivesse matado algum deles nem aqueles que se rendiam. Pelo seu código de ética particular, estes eram poupados, mas houve casos de sujeitos de alta periculosidade, com extensa ficha de ocorrência criminal, que uma vez encurralados



se rendiam para serem poupados e, quem sabe, em oportunidade futura voltar a cometer os mais diversos delitos. Estes, na eventualidade de cruzar sua frente, eram aniquilados sem dó. Ele também já dera entrada em hospitais inúmeras vezes por ferimentos provenientes de armas de fogo, quando da troca de tiros com marginais.

A fim de melhorar seus rendimentos, ele fazia segurança privada, ou seja, protegia comerciantes e empresários da periferia em troca de pagamento.

Não obstante, ele vez por outra “limpava” alguns bairros da presença indesejada de criminosos. Era regiamente pago pelo serviço, e foi pelas mãos do um tal inspetor chamado Vicente que ele iniciou esses trabalhos de proteção a empresários e comerciantes da periferia.

No tocante à sua vida pessoal, o que ele temia acabou se tornando realidade. Janaína se encantou por um “arrumadinho”, que ocupava o cargo de gerente júnior na mesma empresa em que

ela trabalhava, cujo tio era muito bem posicionado dentro da fábrica. Enquanto ela queria romance, ele buscava somente sexo fácil e sem compromisso, pois namorava uma bela dentista e até já estava com a data do noivado marcada. Ele tinha trinta e três anos, era moreno-claro, tinha estatura mediana, os cabelos negros e o rosto com queixo quadrado. Por onde quer que andasse dentro da empresa, arrancava suspiros das funcionárias e se achava o protótipo do garanhão, uma vez que já se envolvera com

várias delas e de todos os níveis. Ele já estava de olho em Janaína havia muito tempo. Não fosse ela, na época, namorada de um policial, ele já teria se aproximado. Ela, por sua vez, também havia tempos já trocava olhares com ele.

Quando Janaína falou com Lino que queria dar um tempo, ele não acreditou no que acabara de ouvir. Quis saber quem era o outro. No entanto, entre outros argumentos, ela alegou que se sentia insegura por causa de sua profissão e talvez, um dia, tanto ela quanto

seus familiares poderiam ser alvo de alguma retaliação por parte de marginais, pois ele tinha fama de matador na região onde ela morava. Diante desse motivo, Lino pensou em deixar a Corporação e pediu para ela esperar mais um pouco, até ele se estruturar mais, prometendo deixar o serviço. Essa era uma promessa já feita por ele e não cumprida, por esse motivo ela criou coragem e pediu um período de separação para refletir melhor. Mas isso era um pretexto. Ele concordou, pensando que a teria de volta dentro

de poucos dias ou quando largasse a farda, coisa que começou a pensar em fazer, desta vez mais seriamente.

A primeira coisa que fez foi procurar o seu mentor e confidente, o inspetor Vicente, que havia se aposentado, para lhe pedir uma sugestão sobre alguma coisa que ele pudesse fazer fora da polícia. Com surpresa, o velho inspetor reagiu:

– Sair da polícia? Por quê? O que aconteceu?

Lino lhe deu vários motivos, os alertas da mãe, a eterna sensação

de incerteza e perigo, apesar de que aquela adrenalina toda de caçar marginais lhe causava um bem-estar como se fosse uma droga, mas justificou também o problema dos baixos salários e falta de melhor perspectiva, e que talvez um dia ele não voltasse nem para sua mãe, nem para sua namorada, e quem sabe futura esposa, mas a razão mais forte era o apelo que Janaína fizera.

– Vamos montar uma empresa de vigilância? – sugeriu Lino ao inspetor.

– Você acha que quero

trabalhar? Para mim chega! Vou ver com alguns amigos e quem sabe aparece alguma coisa para você? Mas acho que deveria pensar melhor – respondeu.

Desde que conhecera Janaína e começara a frequentar o bairro em que ela morava, Lino fizera muitas amizades na vizinhança, inclusive com amigas e conhecidas dela, que também o assediavam. Ele era uma figura admirada naquela comunidade, e, apesar de estar separado dela, ainda frequentava o bairro. Havia pessoas que ainda o



agradeciam por ele ter afastado a bandidagem daquele lugar. Contudo, chegou aos seus ouvidos, por meio das rivais da agora ex-namorada, que ela estava com outro, e ainda tinha mais, o sujeito, um bonitão da fábrica, era já conhecido por ser um tipo “pegador”, e ela seria somente mais uma da longa lista de conquistas daquele Don Juan engravatado. Reforçaram com o argumento de que o cara tinha namorada firme e que ia se casar. Ao escutar a história, o mundo dele desabou. Revoltado, quis tomar

satisfação com ela, pois em sua cabeça passou a ideia de que ela já o estivesse traindo havia tempos. Foram várias noites sem dormir pensando no que fazer, assim, resolveu tirar a limpo o que lhe contaram. A discussão entre ambos foi séria, porém ela nem confirmou, nem desmentiu, deixou a dúvida no ar, dizendo que se tratava da vida dela.

– Sua família sabe que você virou uma quenga do chefe? Onde está o moralismo deles agora? – perguntou ele. Ela ficou muito

aborrecida, deu-lhe as costas e foi embora. Lino, por sua vez, mal conseguia se conter de tanta fúria, porém, por fim, controlou-se. Mas as noites em claro continuariam por causa dela por um longo tempo ainda.

Quando perguntado por Janaína sobre a suposta namorada ou noiva, de seu novo *affair*, o almofadinha desconversava e inventava todo o tipo de desculpas esfarrapadas para se justificar, entre outras coisas, dizia que estava para se separar, que era coisa arranjada

pela família dele, que a conhecia desde criança, que era somente uma amiga, que a fulana tinha problemas psicológicos, que era uma coitada, que tinha pena dela, e por aí ia... o tempo foi passando e Janaína se contentou em ser a outra, afinal, “ele tinha uma boa posição na empresa, era protegido da alta direção, e, com certeza, ia ajudá-la a progredir no trabalho. Assim, ela caiu na boca do povo, pois o sujeito era daqueles de alardear suas conquistas amorosas e passou a dizer para quem quisesse ouvir que

Janaína era muito boa de cama.

Com o orgulho ferido, Lino resolveu se afastar de uma vez por todas de sua ex-namorada. Nem mesmo voltaria ao bairro onde ela residia, não queria mais saber o que se passava, o seu rival tinha melhor aparência, condição social acima do nível dele e também formação superior. Ele reconheceu que suas chances eram mínimas. Estudando em uma universidade e trabalhando em uma grande empresa multinacional, um novo universo se abriu na vida de Janaína. Ele mesmo

reconhecia que com a vida que levava, muito pouco poderia oferecer a ela que, a partir daquele momento, aspirava uma outra condição de vida. Bastante frustrado, admitiu que perdera a guerra pelo coração dela. Oferecer somente amor parecia não ser o bastante.

Levou tempo para que ele se refizesse, embora para aqueles que o conheciam, ele nunca se refez da perda, pois se sentiu inferiorizado perante o seu oponente, por causa, sobretudo, de sua condição social.

Ao mesmo tempo, ele pressentia que o caso entre Janaína e aquele rapaz engomadinho não ia durar. Lino sabia que ele apenas queira ter alguns momentos prazerosos com a sua ex, e ela parecia estar cega diante da evidência.

O rompimento dela com Lino, levou-o a tentar uma virada no seu modo de ser. Ele ergueu a cabeça e foi em frente, voltou a estudar para tentar fazer um concurso e ser promovido a sargento. Em seus planos tentaria, posteriormente, chegar a suboficial

e já traçava uma meta para fazer uma universidade. Em uma tentativa de esquecê-la, aproximou-se de uma colega de profissão, que tinha o posto de terceiro sargento e trabalhava na área administrativa do seu batalhão. Ela era formada em Técnica de Informática. Chamava-se Irene. Foi com ela que ele teve as primeiras noções de computação e aprendeu a entrar na internet, usar e-mail, entrar em sites; embora Janaína já tentara fazer a mesma coisa com ele antes, sem sucesso, Lino parecia ter mudado.



Irene não era tão jovem quanto a ex de Lino, tinha trinta anos, não era tão bela, mas era solteira, independente, tinha opinião e atitude e era uma mulher com mais vivência do que a idade que tinha, por tudo isso tinha muitos admiradores. Quando não estava fardada e se vestia com uma mulher comum, chamava a atenção sobre si, pois era considerada muito sexy e sensual. Trabalhando em um ambiente onde os homens são maioria, Irene e algumas poucas colegas estavam sempre às voltas

com o assédio dos companheiros de farda e de todas as patentes, porém, um era mais insistente, um tal de capitão Lousada, que tinha uma espécie de obsessão por ela. Mas ele era casado. Irene se desdobrava para escapar às cantadas baratas e grosseiras do oficial, que infernizava sua vida. Suas tentativas de transferência tinham sido infrutíferas. A situação tomou outro rumo quando ela começou a ser vista com certa regularidade em companhia de Lino, conhecido na Corporação como o intrépido cabo

Castro, o que significou que o assédio dos demais colegas cessaram, menos de um, Lousada, que, cego de ciúmes, começou a hostilizar Lino e se comportar de forma grosseira com Irene.

\*\*\*

Certo dia, o celular de Lino tocou e ele não reconheceu o número de quem o chamava. Quando atendeu, reconheceu a voz rouca e mole que falava ao aparelho, era Alcântara.

– Grande Shaolin! Tenho uma informação quente para você – disse.

– Você trocou de número de celular de novo? – perguntou Lino. E completou: – O que foi?

– Mano, soube de uma parada aqui que você vai gostar.

– Diga logo, Alcântara! O que é desta vez?

– Sei do paradeiro daqueles dois que você está a fim há um tempão.

– Quem? Diga-me! São tantos!

– Dinho e Isaías. Gostou?  
Prepare-se que logo vai pôr a mão  
nos dois safados – e soltou uma  
risada.

Alcântara era um ex-detento  
que virara informante da polícia. Na  
verdade, jogava dos dois lados, pois  
ainda vivia dando seus golpes  
baratos. Era um tipo negro, magro e  
alto, e não completara quarenta anos  
ainda. Usava um fino bigode,  
trajava-se sempre de terno, e para os  
desavisados se fazia passar por  
advogado, o que já fora objeto de  
várias detenções por essa prática.

Mesmo assim, teimava em continuar com a farsa. Entre outras atividades, ele trabalhava no escritório de um primo que realmente era formado em Direito. Era um profissional competente e honesto, mas a timidez o atrapalhava, e era Alcântara quem trazia a clientela. Os dois dividiam os lucros do escritório de advocacia.

Edson, conhecido por Dinho, fora o algoz de Raulino durante um assalto, tendo Isaías como cúmplice principal. Os outros dois, que

também tiveram uma participação menor no trágico episódio, haviam sido mortos em confrontos com a polícia. Os dois assassinos do pai de Lino estavam soltos, em regime condicional pela segunda vez, graças ao sistema de progressão de pena, que permite que delinquentes perigosos ou não sejam postos nas ruas depois de cumprirem um sexto de pena. Lino, ao saber da notícia, convenceu-se ainda mais que se fazia absolutamente necessário fazer o que o sistema não fazia: justiça.

Alcântara soube que os dois marginais, embora livres na condicional, não cessaram suas atividades criminosas. A dupla, em companhia de alguns comparsas, havia expulsado de forma violenta um antigo aliado e parte de sua gangue de um determinado bairro periférico da Zona Leste de São Paulo e haviam se tornado os novos senhores da região. Agora eram líderes de quadrilha e ficaram mais perigosos ainda, os crimes incluíam além de drogas, roubos de carros, desmanches, vendas de peças,



extorsão a comerciantes, exploração ilegal de jogos, entre outros delitos. Alcântara, que se equilibrava no fio da navalha, conforme sua conveniência, ora estava ao lado da lei, ora se postava do outro lado. Tinha ligações com o bando rival que fora expulso e começou a articular a volta dos seus “amigos” ao antigo domínio, no que seria regamente recompensado. Sua estratégia tinha Lino como peça-chave para conseguir seus objetivos.

Logo, ao saber por meio de Alcântara do suposto local onde a

dupla de bandidos se refugiava, ele começou a armar um plano para pegá-los. Assim passava dias e noites pensando em uma forma de liquidá-los. Lino pediu a Alcântara que lhe arrumasse uma ou mais fotos recentes dos dois. Dessa forma, poderia identificá-los, pois a última vez que os vira era ainda um menino. Passado alguns dias, o malandro cumpriu a tarefa e colocou nas mãos de Lino pouco mais de meia dúzia de fotografias da dupla. Algumas fotos mostravam Dinho em um Honda Civic preto

que Alcântara lhe disse que era um veículo blindado e roubado, que o marginal havia colocado chapa fria e conseguido documentos falsos. Já Isaías adorava velocidade e algumas fotos tiradas mostravam-no em uma Yamaha vermelha de alta potência. Lino viu que apesar de os dois estarem mais velhos, haviam mudado muito pouco. Isaías estava bem mais gordo, não seria difícil reconhecê-los. Dinho era o cérebro da quadrilha, embora violento, gostava de luxo, de ostentar, enquanto Isaías era o braço

operacional, era mais cruel, audaz, não temia nada, fora forjado nas ruas, frequentara casas de detenção desde a infância e sobrevivera dentro de presídios, tivera a participação em vários sequestros, invasões a residências e apartamentos. Sobre ele pesavam acusações de tortura e maus-tratos às suas vítimas em cativeiro. Dos dois, Isaías era o que requeria mais cuidados.

Lino não se contentou somente em ver as fotografias tiradas recentemente. Pediu que

Alcântara o levasse até a região onde moravam. Assim, eles foram até o covil da dupla de lobos fazer um reconhecimento da área. Isso aconteceu em um dia que Lino estava de folga e vestido à paisana. Alcântara lhe mostrou de longe o local onde os dois se abrigavam com as respectivas amantes. A casa onde Dinho morava pertencera a um comerciante foragido, envolvido em recepção de cargas roubadas, que saiu do bairro e depois vendeu-a para ele. Recebera somente parte do pagamento e ficara por isso mesmo.

Era uma residência enorme, com muros altos e arames farpados no topo. A rua era desprovida de calçamento, era de chão batido e muito mal-iluminada. Isaías morava próximo, em uma estreita viela, na subida de uma pequena colina, cujo calçamento era em bloquetes de cimento. A casa tinha três andares. Na verdade, eram três cubículos empilhados, semelhante a um fortim instalado em um cortiço, com poucas janelas. Lino estudou o local e verificou que uma ação direta sobre uma ou outra casa e uma fuga

posterior seria uma tarefa de difícil êxito, pois poderia ter olheiros e gente da quadrilha poderia estar de guarda. Agindo sozinho, suas chances seriam mínimas. Por um momento pensou em pedir ajuda ao sargento Souza, que tinha ligação com grupos de extermínio, mas a ajuda de seu colega de farda podia lhe sair demasiadamente cara, posteriormente. Assim, tirou da cabeça a ideia e pensou em algo melhor. Alcântara também apontou um bar onde a dupla costumava ir. Funcionava como um ponto de

encontro do bando. A localização, ao contrário das duas casas apontadas, era na entrada do bairro e próximo às pistas de escoamento de trânsito, o que poderia favorecer uma fuga depois de algum tipo de ação contra a dupla de bandidos. Portanto, Lino passou a montar guarda naquele estabelecimento. Alcântara, por sua vez, dispondo de informantes na localidade, também pôs seus “amigos” de prontidão tão logo os tais sujeitos pusessem os pés ali.

Lino se viu obrigado a



retornar outras vezes naquela região, esperando a sorte de ao dobrar uma esquina qualquer dar de cara com um deles, mas a oportunidade nunca surgia. Ele procurava não chamar atenção, chegou até a adquirir uma motocicleta de segunda mão, colocou uma chapa fria e uma caixa na garupa, passando-se por um entregador qualquer, um motoboy, tal qual dezenas de milhares existentes em São Paulo. Usando capacete de motociclista para se ocultar, um bigode e cavanhaque

postigos, e armado de duas pistolas automáticas por dentro da jaqueta de couro, ele dava suas voltas na região na esperança de poder encontrá-los. Ocasionalmente, ia até o bar que Dinho e Isaías frequentavam como se fosse um cliente qualquer e até chegou a iniciar uma aproximação com o dono na tentativa de não levantar suspeitas e tentar obter alguma informação que pudesse auxiliá-lo, foi quando verificou que naquele estabelecimento, tarde da noite, funcionava um ponto de tráfico de

drogas. Nos fundos, havia uma salão com máquinas caça-níqueis. Era um antro de criminosos.

Chovia muito na hora em que Lino recebeu uma ligação de Alcântara dizendo que seus dois desafetos estariam no bar naquela noite; tudo indicava que haveria uma reunião do bando para comemorar alguma coisa. Alcântara recebeu a informação de um informante e apenas repassou o que lhe contaram. Lino ficou sabendo por volta das oito horas da noite. Ele não estava trabalhando e tão logo

encerrou a ligação, preparou o ataque . Precisava de alguém para lhe dar cobertura e armou um ardil para que Alcântara lhe ajudasse, pois se falasse às claras com ele, certamente o espertalhão se esquivaria, pois o negócio dele era ficar na sombra e longe de qualquer tipo de confusão. Assim, antes de sair em sua missão de vingança ele pegou um de seus celulares alternativos, usado somente em ocasiões especiais, para ligar para o safardana informante.

– Dr. Alcântara a seu dispor

– respondeu, pois desconhecia aquele número, e sempre que algum suposto desconhecido ligava, era dessa forma que ele atendia ao chamado.

– Doutor? Doutor de quê? – perguntou Lino irritado.

– Fale, Shaolin ! – disse com a voz rouca.

– Vamos conversar um pouco, vou lhe pagar uma cerveja. Preciso saber mais alguns detalhes.

A chuva pesada que caía acabou por favorecer o que Lino perpetraria em seguida, pois se

muniu de uma capa de chuva com capuz que serviu para ocultar um presente que ganhara de Gonzalez, o traficante de armas ao qual ele ajudara acidentalmente, era uma submetralhadora com alta capacidade tiros. Levava também seus brinquedos favoritos: duas pistolas de 9 mm e, embrulhado em um jornal, uma escopeta, cujo plano era dá-la a Alcântara.

– Estou achando-o mais forte, mano – foi o que Alcântara disse para o cabo Castro assim que o viu. – O que que está fazendo? Está

tomando bomba para ficar mais encorpado? Cuidado! Tá ligado?

Na verdade, por baixo da jaqueta de couro, Lino já estava vestido com um colete à prova de balas.

Terminada a cerveja com Alcântara, Lino se prontificou a levá-lo em casa, mas antes lhe disse que precisava passar em um lugar. Depois de cerca de quarenta minutos o malandro verificou que seguiam em direção onde Dinho e Isaías estavam.

– “Peraí”, mano! O que você

está querendo fazer?

– Vamos dar uma olhadinha na festa, só isso.

– Mano! Deixe-me saltar.

Você está ficando maluco por causa desses caras.

– Calma, Florentino !

– Florentino ? Mas precisa me lembrar disso? – Florentino era o primeiro nome dele, que detestava ser chamado assim.

Apesar de protestar por não querer ir, Lino o levou. Ao chegarem, ele estacionou sua pick-up no quarteirão, atrás do bar, a fim



de que pudesse sair em fuga sem ser visto, pelo menos era o que ele pensava. Em seguida, saiu de seu veículo, retirou as duas placas com uma chave de fenda para evitar futura identificação. Terminada a tarefa, dirigiu-se novamente a Alcântara:

– Florentino , tome este presente – desembrulhou a escopeta e a colocou nas mãos dele, também lhe forneceu um colete à prova de balas e um pequeno rádio Nextel.

– Alcântara! Alcântara, cara! Você sabe que não gosto que me

chame pelo meu primeiro nome – disse expressando revolta. – Você acha que vou usar isso? Brinca comigo não, Shaolin!

– Olhe aqui, estou sabendo que você vai levar uma grana quando eu mandar esses caras para o inferno, então, em vez de ficar só de leva e traz, faça por merecer o dinheiro. Está bem? – Em seguida, completou: – É só um preventivo, tudo que precisa fazer é ficar aqui dentro do carro. Quando ouvir o barulho dos tiros, você saí, vai até a esquina e espera meu chamado pelo

rádio, Ok? Não dispare até eu mandar, entendido? Eu devo sair correndo, vou deixar a pick-up ligada. Você ficará vigiando e quando me vir, dê-me cobertura. Se perceber alguém atrás, manda bala, é fácil – disse rindo. Em seguida, engatilhou a escopeta e deu as instruções a Alcântara de como manejá-la. Seria fácil, somente apontar para o alto e puxar o gatilho. Engatilhar novamente e de novo atirar. Depois, testaram os rádios. Alcântara, apavorado e em vias de urinar nas calças, concordou,

pois não havia como sair daquela situação. Ainda dentro do carro, Lino conferiu seu pequeno arsenal. Além das armas, pegou dois embrulhos, que ao tirar o papel que os envolvia, mais pareciam bananas de dinamite com pavio, o que provocou um pânico ainda maior em seu companheiro:

– Homem de Deus! O que você pensa fazer com essa porrada toda de armas? Seu plano é mandar tudo pelos ares?

– Estou preparado para o pior, inclusive abrir caminho à bala.

– Isso vai ser uma chacina!

– Acalme-se! É só um

preventivo, esta dinamite é falsa.

Não vou explodir nada, é areia

embrulhada. Os pacotes eram

perfeitos e tinham até estopim.

Davam a impressão de ser

realmente explosivos.

A chuva teimava em cair, e

em torno de uma hora da

madrugada, Lino foi para a frente do

bar e observou que o carro usado

por Dinho não estava ali, o que

poderia indicar que ele não estava

mais presente. Lino ficou por alguns

momentos parado e observou que havia um homem alto e magro encostado na parede da entrada do bar que a tudo observava. Ele era mulato, alto, e usava um gorro preto. Vestia-se com uma calça jeans, uma larga blusa de moletom vermelho, com listras brancas nas mangas, o que indicava que estava de vigia. Na cintura, dois revólveres calibre 38, que o marginal fazia questão de exhibir, semelhantes aos usados por policiais militares, “possivelmente roubados”, pensou Lino. Havia também dois jovens, na

faixa dos dezoito anos ou menores de idade, igualmente postados no mesmo local cuja função era entregar drogas a todos os que iam buscar. Às vezes aparecia alguém de moto, outras, um carro com um ou mais ocupantes; o movimento era constante. Sobre a calçada, debaixo da marquise, estavam algumas motos abrigadas da chuva intensa. Entre elas, a moto vermelha de Isaías.

Lino, totalmente ensopado por causa da chuva, entrou no recinto ainda vestido com a capa.

Retirou o capuz, mas usava um gorro na cabeça e luvas de couro nas mãos para evitar deixar impressões digitais. Escutou um barulho vindo de uma área atrás do balcão do bar e reconheceu ser funk. Tudo indicava que a festa estava acontecendo naquele recinto. Na frente, havia um grupo de pessoas sentadas, conversando e bebendo, outras estavam em pé no balcão. O dono do bar o reconheceu, apesar de ele usar o bigode e cavanhaque postiços, que provocou risos em Alcântara. Apesar de não fumar, Lino pediu



cigarros ao dono, que, surpreso, pegou-o pelo braço e lhe disse em voz baixa:

– Rapaz! Acho melhor sair logo daqui. À esta hora este lugar é muito perigoso, podem roubá-lo e matá-lo! Vá embora!

– Concordo com o senhor, é um lugar muito perigoso, também sugiro ao senhor ir embora.

O homem, sem entender nada, encarou-o por um instante e lhe perguntou que cigarro queria. Lino indicou, o homem pegou o maço e entregou nas mãos dele,

visivelmente irritado. Continuou fitando-o com ar de impaciência.

– Saia enquanto é tempo – pediu.

– Estou de saída! Tem mais algum banheiro lá dentro? – apontando para o salão situado nos fundos, uma vez que o toalete do bar, situado na frente, havia fila na porta. Dali, escutava-se a música ensurdecedora, proveniente de potentes caixas de som. Sem esperar pela resposta do homem, ele entrou. “Só mesmo esse tipo de gente para gostar desse barulho”, disse Lino

para si mesmo.

Lino observou que dentro do salão, entre outras coisas, havia muitas máquinas caça-níqueis, uma prática ilegal, e, conforme apurações posteriores, era uma das fontes de renda da dupla de marginais. Ele viu também que havia uma área de serviço atrás do salão, com uma porta. O local era cercado por muros. Era praticamente um corredor sem teto, pois era estreito e comprido e servia como local de estoque de caixas de cerveja, bebidas diversas e um

freezer. Tinha também um pequeno banheiro com uma pia em uma bancada externa de mármore. Ali fora improvisada uma churrasqueira que, naquele momento, estava sendo usada pelo pessoal que se divertia dentro do salão.

Ao entrar, ele olhou e procurou pela dupla, mas Dinho não estava. Viu que havia cerca de quinze pessoas, algumas jogavam nas máquinas e outras se divertiam nas mesas de bilhar e totó. Isaías estava sentado abraçado a duas mulheres, uma de cada lado; sentia-

se um príncipe. Ao seu redor havia mais dois homens e uma mulher, todos sentados, bebendo e rindo muito. Um grupo se divertia dançando .Na mesa que o grupo ocupava havia uma bandeja com espetinhos de carne e mais de uma dezenas de garrafas de bebidas dos mais variados tipos: cerveja em quantidade, vodka, conhaque, copos de caipirinha etc., boa parte vazia. O recinto estava enfumaçado. Lino sentiu o cheiro de maconha e cigarro no ar. Olhou rapidamente para a mesa em que estava seu

arqui-inimigo e verificou indícios de que o grupo estava consumindo cocaína. A primeira ideia que lhe ocorreu foi liquidar Isaías.

Aproveitando o fator surpresa, ele desabotoou um botão da capa e se preparou para sacar a pistola, mas dois homens que jogavam sinuca se aproximaram da mesa e se colocaram entre ele e Isaías. Lino se conteve, ficou com a respiração suspensa; avaliou suas chances em fração de segundos, então cruzou o salão sem tentar levantar suspeitas, porém, por mais que tentou, não

conseguiu evitar uma rápida olhada em Isaías, que fitou-o. Lino desviou o olhar, pois temia ser reconhecido. O bandido, no entanto, começou a puxar pela memória e perguntou a si mesmo, “de onde será que conheço esse cara?” Lino ficou nervoso. Suas mãos começaram a suar. Sentiu um incômodo frio na barriga; seu coração disparou. Ele dirigiu-se para a área externa, em direção ao pequeno sanitário. Lá, encontrou um homem que parecia muito ocupado cuidando da churrasqueira improvisada em um tambor de óleo

cortado ao meio e apoiado em um suporte, com duas alças improvisadas soldadas nas laterais e pedras de carvão acesas no fundo com pedaços de carne tostando em uma grelha.

Isaías pareceu pressentir que algo estava por acontecer. Tentou se levantar, mas foi contido por uma das mulheres. A situação foi irônica, pois o destino armou um acerto de contas em um lugar semelhante ao evento que tirara a vida do pai de Lino e que mudara todo o rumo de sua vida.



Frustrada a sua primeira investida, ele mudou a estratégia. Dentro do banheiro, fechou a porta, abriu a capa e verificou as armas que carregava. Conferiu a munição, dali partiria para o ataque, iniciando pelo lançamento da falsa bomba, julgando que provocaria um enorme tumulto, pois todos estariam totalmente despreparados. No entanto, percebeu que Isaías estava vindo, o que de certa forma facilitaria sua ação. Ele dispunha de apenas alguns segundos; dentro do pequeno e sujo cubículo, abriu a

capa molhada e rapidamente conferiu sua submetralhadora, o pente de cartuchos, e a deixou engatilhada. Verificou as pistolas, sendo que uma estava em um coldre sob um dos braços e outra na cintura, nas costas. Os dois pacotes da falsa dinamite estavam cada um em um bolso de sua jaqueta de couro. Estava tudo pronto para o início do show.

Lino saiu do banheiro e viu Isaías. Tentando disfarçar, o primeiro foi em direção à churrasqueira, na área externa. O

homem que estava cuidando da carne se retirou e acabou por ficar entre Lino e Isaías, que, naquele momento, permanecia parado na porta observando. Isaías chamou Lino:

– Ei, você! – disse.

Lino permaneceu de costas para ele, como se estivesse fazendo alguma coisa na churrasqueira improvisada e abaixou o gorro que usava, na verdade uma touca ninja, que só deixava os olhos à vista. O homem que estava na churrasqueira ficou entre ambos, impedindo a

visão deste momentaneamente. De repente, Lino segurou nas alças do tambor, e usando de toda força possível se virou e jogou o tambor com carvão incandescente atingindo a cabeça de seu inimigo, que, surpreso, caiu ferido e gritando, debatendo-se pela dor provocada pela pancada e pelas queimaduras causadas pelo carvão em brasa. Com a queda do tambor, uma espessa fumaça e cinzas entrou no salão, surpreendendo a todos. As mulheres gritaram apavoradas, pois viram Isaías caído na porta completamente

tomado de poeira e carvão. Em seguida, Lino lhe deu um violento chute, jogou o tambor no salão, tirou os dois pacotes dos bolsos da jaqueta, acendeu o pavio e jogou as duas falsas bombas. As pessoas ficaram pasmas e Lino gritou:

– Vai explodir! Vai explodir!

O pânico se generalizou. Um dos amigos de Isaías sacou uma arma e atirou em direção à porta. Lino ficou de dentro da área externa, agachou-se, colocou somente suas mãos na

submetralhadora e, em seguida, soltou uma rajada em direção ao teto, onde destroços da telha de fibrocimento e madeira começaram a cair espatifados. Ele atirou nas máquinas, provocando fumaça e mais terror. A confusão se generalizou, as pessoas se abaixaram com medo de serem atingidas, outras correram em direção à saída, em total pânico, temendo por uma explosão que não aconteceria. Muitos se feriram, pisoteando-se uns aos outros. Isaías, ainda grogue, tentou se refazer

levando a mão à cintura onde estava sua arma. Lino o pegou, arrastou-o, levantou a touca, tirou o bigode e o cavanhaque falsos e se deixou ver por aquele a quem tantos anos procurava:

– Que mundo pequeno, hein Isa! Então? Lembra de mim? Lembra daquele trabalhador que você atirou nas costas? Lembra? A partir de agora, você não vai sequestrar mais ninguém, nem matar inocentes: sua hora chegou!

Isaías se lembrou de quem se tratava. Ficou imóvel, seu rosto

estava totalmente negro de carvão e o sangue jorrava da testa por causa do impacto do tambor. Lino pensou em esganá-lo, mas não havia tempo para isso, pois alguém de dentro do salão recomeçou a atirar em direção à porta onde ele estava. Lino sacou a pistola e disparou cinco tiros à queima-roupa, liquidando parte de seu pesadelo. Os tiros de dentro do salão ainda continuaram, e podia-se ouvir os gritos de gente tentando sair. Ele colocou alguns engradados de cerveja na bancada da pia, que lhe servira de apoio, e, em seguida,



trepou na bancada, subiu nas caixas e com um salto alcançou o topo do muro, que dava para a rua. Pulou. Alcântara estava na esquina vendo as pessoas correndo. Lino o chamou pelo rádio e mandou que ele olhasse para trás. Acenou para ele, que, aliviado, correu em sua direção. Ambos entraram na pick-up, deram meia-volta e saíram a toda velocidade. A ação não levou nem cinco minutos. Para Lino, no entanto, foi uma eternidade.

Alcântara estava eufórico, perguntou se ele liquidara os dois.

Lino respondeu que não e completou dizendo que tivera muita sorte de sair daquele antro sem nenhum arranhão:

– Acho que eles nunca poderiam imaginar que alguém os atacasse dentro de seu próprio quintal. Estavam lá, todos bêbados, se divertindo, isso me facilitou e muito! – soltou uma gargalhada.

– Mas você matou quantos?  
– perguntou Alcântara, morrendo de ansiedade.

– Só o Isaías, o pior deles.

– Mano, com todo aquele

arsenal! Pensei que ia fazer um estrago!

– Não fosse pela área de serviço descoberta nos fundos, eu teria de abrir caminho à bala, com toda certeza, muita gente morreria, talvez até eu mesmo.

Alcântara se benzeu e ficou quieto.

Minutos depois, Lino viu no retrovisor duas motos, cada uma com dois ocupantes, indo atrás deles. Em uma delas, na garupa, o homem de moletom vermelho, que estava de vigia na entrada do bar.

Estava com um dos braços estendidos em direção ao chão. Lino entendeu que o sujeito tinha uma arma e esperava a chance de atirar. A chuva forte dera uma pequena trégua, um garoa tipicamente paulista caía. Lino acelerou o carro e os motoqueiros também. Ele calculou que em pouco tempo os homens estariam perto, tentou despistá-los, mas não obteve sucesso, então, bruscamente, virou à direita em uma rua qualquer. Percorreu cerca de cinquenta metros e parou. Desligou os faróis, pegou

rapidamente a escopeta, saiu do carro correndo, deitou-se na calçada, rente à roda traseira do carro, que estava ao lado do meio fio. Uma vez posicionado, ficou de tocaia protegido pela escuridão. Alcântara, morrendo de medo, deitou-se no banco de trás, temendo pelo pior, e começou a rezar e pedir perdão por todos os delitos que cometera até então. Menos de um minuto depois, a dupla de motoqueiros com seus companheiros, entraram na rua a toda velocidade. Uma estava mais

adiantada do que a outra. Lino disparou nas rodas da motocicleta que estava na frente, justo a que era ocupada pelo homem que vestia vermelho e que estava sem capacete. A moto se esfacelou e os dois ocupantes caíram violentamente no asfalto. Lino engatilhou a arma para atingir a segunda moto, mas o condutor freiou bruscamente e, por pouco, ambos não caíram. Deram meia-volta e saíram em disparada. Lino, com a arma em posição, foi na direção dos dois caídos que se

contorciam de dor. O que usava o moletom vermelho se feriu bem mais do que o que pilotava a moto, sendo que este último tentou se levantar, mas ainda meio atordoado, acabou tomando um violento chute de Lino. Em seguida, caiu na calçada. A cabeça do que não usava capacete e que estava na garupa sangrava muito. Possivelmente, deve ter havido mais fraturas pelo corpo. Lino verificou que ele ainda respirava. Mais adiante, observou sua arma caída. Ele a jogou longe, depois, virou-se, voltou para o carro

e tomou o rumo de sua casa, deixando Alcântara aliviado no centro da cidade.

Por volta das quatro horas da manhã, Lino, por fim, chegou em sua residência. Tomou um banho e tentou dormir, mas não conseguiu. Os acontecimentos ainda estavam vivos em sua mente. Pouco mais de uma hora, ele teria de se levantar e se apresentar ao batalhão, antes das sete horas.

A polícia só chegou ao bar, onde jazia o corpo de Isaías, por volta das quatro horas da



madrugada. Portanto, cerca de três horas depois da morte. Naquela mesma noite, no mesmo bairro e nas proximidades, outras mortes ocorreram. Nenhuma delas tinha conexão com a outra, concluiu a polícia; afinal, tratava-se de uma metrópole com uma população em torno de 11 milhões de habitantes e chacinas envolvendo traficantes ocorriam aos montes. Aquela era mais uma a fazer parte das estatísticas. As investigações, a princípio, apontavam para um acerto de contas entre quadrilhas

rivais. Havia até quem apontasse o dedo de Dinho naquela morte, pois Isaías estava se tornando um fardo duro para ele carregar. Outros, diziam que a execução fora tramada de dentro da penitenciária, onde ele tinha alguns desafetos. O fato é que a polícia tinha mais o que fazer, não ia empregar seus poucos recursos no esclarecimento do assassinato de um traficante e sequestrador violento. Era menos um nas ruas.

O dono do bar soube que um homem com uma capa preta de chuva e uma touca ninja teria sido o

autor dos disparos com a submetralhadora, que praticamente destruiu seu salão, e que o próprio também teria executado Isaías, a quem ele particularmente detestava, pois ele também era chantageado pela dupla. De certa forma, havia se transformado em um refém, pois parte dos rendimentos do seu comércio eram dados para os dois bandidos, que o obrigaram a instalar as máquinas caça-níqueis. Todos os ganhos das máquinas eram destinados à dupla de marginais. Pelo menos se livrara de um deles, o

pior dos dois. Dessa forma, preferiu dizer à polícia que não viu nada e que não ouvira nada além dos disparos. Disse que não sabia de coisa alguma e que, possivelmente, o misterioso homem da capa preta teria pulado o muro de fora para dentro e dali executado o ataque, fugindo. Muitos disseram a mesma coisa.

Dias depois, o aliado de Alcântara tentou retomar seus pontos de venda de drogas no bairro, dando início a várias escaramuças entre as duas gangues inimigas.

Dinho, por precaução, havia se afastado momentaneamente da localidade. Escondeu-se em outro local, mas arrumou um substituto para o seu falecido braço direito, tão violento quanto o antecessor. E por meio dele tentava manter o controle do lugar.

Passaram-se semanas sem se saber do paradeiro de Dinho, até que por fim Alcântara soube que ele estava para receber um carregamento de drogas e armas. O informante ficou de checar com precisão. Lino, ansiosamente,

esperava pela hora de completar o serviço inacabado.

Por fim, o dia da vingança chegou. Lino recebeu um telefonema de Alcântara dizendo que a tal transação de drogas envolvendo seu desafeto estaria para acontecer naquele mesmo dia, por volta das dez horas da noite. Informou-lhe o lugar: uma antiga oficina de carros desativada, situada perto daquele bairro. Forneceu-lhe o endereço e a referência para chegar ao local. No momento do telefonema, eram cerca de oito

horas, portanto, ele teria de se apressar. Como estava a serviço, saiu em disparada com sua viatura e levou três de seus leais companheiros. O grupo de policiais estava fortemente armado. Cego pela vingança, não pensou em mais nada a não ser em terminar aquela dívida.

Não era somente ele que dispunha daquela informação, policiais civis também estavam à espreita e a postos para realizar a operação. Quando foram surpreendidos por Lino, que chegou

até a tal oficina silenciosamente, como uma fera prestes a disparar um golpe mortal, os vigias deram o alarme. Em seguida, vieram tiros vindos de dentro do recinto. Lino revidou de forma terrível. Com uma escopeta em punho, começou a pôr tudo abaixo, seguido pelos outros três soldados que o acompanhavam. Na confusão, parte do bando correu e conseguiu escapar, enquanto outros ficaram para responder ao ataque dos policiais. O grupo da polícia civil, diante da cena, resolveu entrar na briga e um



verdadeiro pandemônio se instalou. O bando de traficantes fez estourar uma granada que, ao explodir, espalhou fumaça e estilhaços e só aumentou a confusão. Decorridos alguns minutos, o saldo foi relativamente a favor da polícia. Parte da quadrilha se rendeu e todos foram presos. Em meio ao forte tiroteio, dois meliantes sucumbiram e pelo menos três conseguiram escapar. Na fuga, um dos companheiros de Lino conseguiu encurralar Dinho, que simulou uma rendição erguendo os braços para o

alto. Quando o soldado se aproximou para algemá-lo, o bandido tirou uma arma que tinha presa no cinto, na parte das costas, e em um rápido movimento atirou no policial, mas Lino observava a cena a distância e tão logo seu colega de farda tombou, ele se agachou para tomar uma melhor posição de tiro e disparou dois projéteis. Ambos acertam seu inimigo, que caiu ao solo. Ainda vivia. Ele se aproximou, abaixou-se e o pegou pelo colarinho. O marginal pediu clemência e disse que precisava de socorro, que o

ferimento estava doendo muito. Um dos projéteis o acertou na virilha.

– A dor que você está sentindo não é nada perto do que eu e minha mãe sentimos quando você matou meu pai – disse.

Dinho o fitou com espanto. Em seguida, Lino olhou em volta e viu que a confusão ainda não terminara e, aproveitando que estava fora da observação dos demais, afastou-se para não dar margens à investigação de morte à queima-roupa, pois certamente seria investigado, e o liquidou com mais

dois tiros. Depois, ajudou seu companheiro ferido, que estava estendido no chão.

Segundo o que se conseguiu apurar, posteriormente, a droga não chegou a ser entregue. O tiroteio irrompeu quando os traficantes que levavam o carregamento estavam para chegar. Ao verem a confusão, retiraram-se, inclusive, o chefe maior do tráfico, tido como um elemento altamente perigoso, cuja captura era de grande prioridade para a polícia, pois era ele que levava a droga para ser vendida. Os

agentes da polícia civil e o delegado não gostaram nada do desfecho da ação, pois a operação não saiu conforme eles planejaram por causa da precipitação do cabo Castro. Dois dos soldados do grupo de Lino, assim como ele próprio, feriram-se com os estilhaços da granada, mas nada muito grave, uma vez que algumas carcaças dos carros abandonados que se encontravam na oficina acabaram por servir de anteparo à explosão do artefato. Lino estava protegido pelo colete à prova de balas, que absorveu grande

parte dos estilhaços, mas ficara ferido no pescoço, parte do ombro e no rosto, o que lhe acarretaria algumas cicatrizes que levaria consigo para o resto da vida.

Imediatamente, os superiores do cabo Castro souberam do ocorrido, pois o delegado ficara possesso de raiva pela forma com a qual o grupo da Polícia Militar agira, o que gerou inquérito policial. Um dos oficiais que apareceu para interrogar Lino, que ainda se encontrava na enfermaria de um pronto-socorro sendo medicado, foi

Lousada. A discussão aconteceu na presença do delegado, de policiais civis e outros integrantes do comando. Lousada quis mostrar poder e não perderia a oportunidade de colocar o cabo em seu devido lugar. Destratou-o na frente de todos. Ele, apesar de ferido e ainda com o sangue quente, não se intimidou diante do interrogatório que Lousada lhe fez e respondeu no mesmo tom. Entre outras coisas, Lousada, aos berros, chamou-o de burro, estúpido e inconsequente. Lino e Lousada acabaram por trocar

empurrões, e a situação não se deteriorou ainda mais graças à intervenção dos outros policiais, mas o estrago já estava feito.

No dia seguinte, Lino se apresentou no batalhão com várias ataduras e com o braço em uma tipoia. Ao se encaminhar para a enfermaria para fazer um exame e requerer mais alguns dias de dispensa, foi cercado por vários de seus companheiros querendo saber detalhes da ação ocorrida dois dias antes. Como uma celebridade, ele se pôs a contar o que acontecera. Foi



quando Lousada o viu e, enciumado pela popularidade de seu desafeto, fez um comentário depreciativo na frente de todos:

– Ela ficou toda machucada?  
– rindo em seguida. Os soldados ficaram em silêncio. Em seguida, o oficial o intimou de forma ríspida a comparecer à presença de seus superiores. Lino, enfurecido pelo comentário pejorativo, respondeu no mesmo tom:

– Eu me machuco por que vou para as ruas e prendo marginais, enquanto outros se escondem em

seus gabinetes – a gargalhada foi geral. Lousada, para responder à afronta e mostrar autoridade, aproximou-se de modo agressivo, praticamente face a face, e deu início a uma discussão, que descambou para a troca de socos entre os dois, que foram contidos pelos colegas que estavam ao redor. Em decorrência desse episódio, ele ficou preso no batalhão enquanto um processo disciplinar foi instaurado. O desfecho do caso pela agressão a um superior se encerrou com a expulsão do cabo Castro da

Corporação para servir de exemplo e evitar outros episódios do gênero. Lousada, conforme apurado pela comissão de investigação, que fizera a provocação inicial, ganhara somente uma advertência.

Por tudo isso, depois de inúmeros pedidos, Irene, da informática, conseguiu uma transferência de batalhão.

## O Navio Fantasma

Naquele período, ainda no mês de julho de 2003, quando Siegfried iniciava sua nova jornada em Paulínia, Roxane havia combinado com ele um encontro, que tanto se podia dar em São Paulo, onde ela dizia que passaria uma semana de férias, quanto em Belo Horizonte, onde participaria de

um congresso. Siegfried esperou em vão por um chamado que não aconteceu. Como iniciava o mês de agosto, e ela não havia dado notícias, ele resolveu ligar para perguntar por onde ela estava e qual eram os planos, porém, o celular apenas chamou e ela não atendeu. Ele enviou vários e-mails, aos quais não obteve respostas. Passaram cerca de quinze dias sem que ela desse sinal de vida. Passando-se por outra pessoa, ele ligou para a casa dela e a informação que recebeu é que ela estava viajando, mas não lhe

informaram o lugar. Em um fim de semana, ele retornou ao Rio de Janeiro e aproveitou para procurar por Maria Alice. Como se fosse uma visita surpresa, ambos conversaram algumas amenidades e ele perguntou por Roxane. Ela, sem saber da combinação que a prima fizera com ele, disse que ela fora para São Paulo na casa de sua irmã, e que, em seguida, iria para Minas Gerais, em um congresso. Inocentemente, ela abriu o computador pessoal e se conectou à rede, dizendo que Roxane havia

enviado algumas fotos da viagem por e-mail, mas que ainda não havia visto.

– Estou com algumas fotos aqui que ela me enviou. Você quer ver?

– Claro, vamos dar uma olhada – disse ele.

No caso, eram fotos que ela tirara em São Paulo e outras que foram tiradas em Belo Horizonte, recentemente, pois ainda estava naquela cidade.

Roxane enviou um série de e-mails com fotos anexadas para a

prima. Em muitas delas, aparecia em companhia de Abel. Nas de Minas, ao lado de Diógenes. Quando Maria Alice abriu as fotos, o efeito causado em Siegfried foi semelhante a uma forte bofetada recebida no rosto.

Ao ver as fotos dos dois, ele reagiu com indignação:

– Não acredito que ela tenha me trocado por esses dois caras!

– Olhe, nem eu! – respondeu Maria Alice. Tempos atrás, ela já havia visto as fotos que Abel havia mandado para Roxane, e que foram



objeto de discussão entre as duas. Pelo menos, o comentário de Maria Alice servia de consolo para ele.

Na última semana do mês de julho, Roxane fora para São Paulo com o intuito de se encontrar com Abel. Apesar de ter dito o mesmo para Siegfried, ela não tinha intenção de fazê-lo. O encontro entre ambos fora marcado em um bar noturno que Abel frequentava com certa regularidade. Era o mesmo local que o pessoal da sala de bate-papo, de vez em quando, reunia-se. Roxane, ao vê-lo em uma

mesa no fundo do bar, surpreendeu-se um pouco, pois a foto que recebera dele não condizia muito com a figura que ela estava vendo naquele momento. Deparou com um rechonchudo e muito risonho senhor grisalho, que usava óculos. O primeiro encontro foi muito nervoso para ambos. Abel temia ser rejeitado, enquanto ela parecia meio constrangida. Sob os efeitos de uma garrafa de um legítimo Scotch, bebida que ela apreciava, o nervosismo deu lugar à descontração, e logo os dois se

viram às gargalhadas. Vencida a timidez inicial, Abel mostrou ser simpático, afável e bom de conversa. Nos dias que se seguiram, eles se viram outras vezes, foram almoços, jantares, passeios e, lógico, motéis. Naquela mesma semana, foi marcada uma festinha do pessoal que frequentava a sala de bate-papo, pois o grupo formava um verdadeiro clubinho. Nessa oportunidade, ela conheceu Diógenes , que saíra de Belo Horizonte para rever os amigos e, obviamente, conhecê-la

pessoalmente.

Depois de retornar de São Paulo, ela disse para a mãe que iria para o congresso de Belo Horizonte e que se hospedaria na casa de uma tia de uma amiga, que também estaria lá. Parte do que ela contou era verdade, havia realmente uma amiga da faculdade que tinha uma tia na cidade, mas ela preferiu se hospedar na casa de Diógenes , uma pessoa que, a rigor, ela teria conhecido pessoalmente havia poucos dias.

Siegfried, ao ver as fotos, foi

invadido por um sentimento misto de raiva, indignação e tristeza; ele ficou profundamente magoado, pois se sentiu traído, possuído por uma forte sensação de ter sido feito de idiota. O que mais lhe deixou indignado foram as fotos tiradas nas cidades históricas de Minas Gerais ao lado de Diógenes . Apesar de não ter manifestado sua revolta incisivamente, e de em seu íntimo estar explodindo, Maria Alice percebeu na fisionomia de Siegfried o quanto ele ficara desapontado. Ele fez somente um breve comentário:

– Roxane é uma pessoa difícil de entender, me liga, combina um encontro comigo em São Paulo, e nem sequer me dá satisfação. E, o pior, quando eu estava em Belo Horizonte eu a convidei muitas vezes para ir até lá, inclusive queria que ela conhecesse as cidades históricas, mas ela sempre dizia que não havia como. Agora lá está ela, bem alegre na companhia de um barbudo. Você o conhece? – perguntou para Maria Alice, que, bastante embaraçada, respondeu que não.

Siegfried não acreditou e insistiu. Sendo as duas muito próximas e confidentes, ele achava não ser possível que ela não o conhecesse nem ao menos soubesse de quem se tratava.

Diante da insistência dele, ela comentou que sabia apenas da existência de Abel, e que a prima o teria conhecido em uma sala de bate-papo na internet. Em seguida, solidarizando-se com ele, começou a ler os e-mails dela na presença dele, para tentar saber quem era o tal barbudo que aparecia nas fotos

tiradas em Minas Gerais. Segundo os comentários nas mensagens, tratava-se de um amigo de Abel, e ela estava tendo um “casinho” com ele, usando as próprias palavras dela.

Daquele dia em diante, ele não seria mais o mesmo. Compreendeu como fora tolo em se ligar a uma pessoa daquele tipo. Como era possível ele ter caído feito um pato naquela armadilha? A pessoa que ele um dia pensou ter conhecido, provavelmente nunca havia existido. Depois de tudo que



ela disse para ele, depois de tantas juras de amor, em seu entender era completamente inconcebível vê-la envolvida com um, ou com os dois sujeitos que acabara de conhecer.

Esse episódio abriria um ferida em Siegfried que não cicatrizaria. Se logo do início do rompimento ela dissesse que já tinha outro, ele sofreria, mas ficaria conformado. Em vez disso, ela preferiu alimentar a paixão dele. Tempos depois, ele teria dito que idealizou um pessoa que talvez nunca tivesse existido, ou tão

somente existia na imaginação dele.

Depois que Roxane retornou ao Rio, Maria Alice contou para a prima o ocorrido entre ela e Siegfried, que ele fora até o *shopping* e, acidentalmente, viu as fotos dela na companhia de Abel em São Paulo, e com Diógenes , em Minas Gerais, e que teria ficado transtornado. Roxane disse que sabia, pois recebera um e-mail dele falando sobre o assunto. A impressão que Maria Alice tivera ao conversar com a prima, era de que toda aquela situação a divertia

muito, pois ela não expressava o menor remorso pelo que fizera.

O dito casinho com Diógenes não foi adiante, pois ela optou por Abel. Ambos souberam que ela tinha saído tanto com um, quanto com outro. Um mês depois de ela ter ido a São Paulo para se encontrar com ele, Abel foi ao Rio de Janeiro passar um fim de semana com ela. Evidentemente, tudo foi feito de forma sigilosa, o que causou um grande desconforto nele. Abel foi seduzido por Roxane, uma arte que ela dominava. Interessou-se

muito nela e até fez planos para algo mais, porém seus olhos se abriram a tempo. As mesmas crises que aconteceram entre ela e Sieg, também aconteceram com Abel. Às vezes, ela se dizia apaixonada, outras, dizia que o melhor seria se afastarem. Conforme o relacionamento entre eles ia se estreitando, Abel enxergou que Roxane gostava de aventuras, que era avessa a compromisso, e que tinha uma vida dupla. Em outras palavras, era uma mulher complicada. Ele compreendeu que

seria difícil haver algo mais sério entre eles. Também contava contra, em seu entender, a diferença de idade entre ambos, que era mais que o dobro, e, ainda, aquela história de que o romance teria de ser mantido às escondidas, mesmo sob a promessa dela, “em breve vou pôr tudo em pratos limpos com os meus pais”, evidentemente, isso foi dito da boca para fora.

Entre rompimentos e reconciliações com Abel, alguns de curta duração e outros mais longos, tanto ela, quanto ele, não ficavam

sozinhos. Abel encarava numa boa e saía atrás de companhia, que às vezes conseguia na internet, outras em *happy hours*. Roxane teve vários romances e envolvimento rápidos, entre os quais com dois de seus professores, ambos na faixa dos cinquenta anos, algo recorrente na vida dela. Um era casado, o outro separado. Também se envolveu com um tipo excêntrico na faixa etária dos sessenta anos. Usava os cabelos brancos presos em um rabo-de-cavalo, camisetas sem mangas, jeans rasgados e enormes tatuagens

nos braços. Quando não estava andando em uma réplica de um Corvete vermelho dos anos sessenta, estava em uma Harley-Davidson. Também tivera uma avassaladora paixão que durou vinte dias por um *restauranteur* e *chef* de cozinha grego radicado no Brasil, que vivia em São Paulo. O tal grego se achava a versão culinária de um personagem de aventuras do cinema, cujo título poderia ser “Caçadores dos Temperos Perdidos”, ou mesmo “Em busca dos Sabores Exóticos”, pois ele

tentava ter um programa de culinária em uma TV por assinatura onde, segundo seus planos, sairia mundo afora mostrando os mais diversos pratos exóticos que encontrasse, assim como ele enxergava a si próprio como um ótimo ator. Na época desse romance, ela e outra admiradora do *chef* disputavam quem punha mais mensagens na página dele no Orkut e Facebook . Na verdade, foi um “mico” como poucos. Seus casos amorosos como de costume tinham sempre um forte apelo sexual. Vez



por outra, ela ainda participava dos rituais promovidos por Hidalgo e Armand. O mais interessante era que sempre que se desiludia com alguém, ou passado o período do fogo de suas paixões, ela corria para os braços de Abel para curar suas feridas, e ele estava lá, sempre de braços abertos para recebê-la, sem cobranças e sem maiores explicações.

Os planos que ela fizera de estudar nos Estados Unidos depois de terminar seu curso de Medicina no Brasil foram deixados de lado.

Agora, ela estava determinada a morar e estudar em São Paulo, lugar que achava perfeito para seus propósitos e para se realizar profissionalmente. Planejava não mais se hospedar ou morar com a prima Helena, mas alugar ou convencer o pai a comprar um pequeno, mas confortável, apartamento em um bairro nobre, longe das vistas dos pais, sem ninguém para vigiá-la ou seguir seus passos. Contudo, a família achava a ideia totalmente descabida.

Dois meses depois que Siegfried foi demitido da Atlas, quem também saiu foi Lázaro, por causa dos vários embates que travou com os filhos de Ismail. Leon, então suplente de senador, cujo titular seria um dos filhos do senador J, Leopoldo, empresário radicado no Rio de Janeiro e dono de uma verdadeira máquina de propaganda, que incluía jornais populares, rádios na Baixada Fluminense, repetidoras de televisão pelo interior do estado e outras tantas atividades, tentou convencer Lázaro a fazer uma

vultuosa doação ao partido em troca de alguma obra qualquer que seria ganha de forma fraudulenta. Essa teria sido a primeira desavença entre o então diretor-financeiro da Atlas e o presidente do grupo.

Lázaro, a muito custo e espremendo o que podia, arrumou-lhe uma verba muito aquém do que Leon havia pedido. Na verdade, o fez a contragosto, porque em seu entender a Atlas não podia doar nada, uma vez que tinha problemas de caixa e as finanças da empresa estavam sob forte contingência, sem contar que

ele era contra esse tipo de prática. Leon começou a dar ouvidos aos outros irmãos, cujas posições eram antagônicas às de Lázaro. Os desentendimentos prosseguiram, os outros filhos de Ismail: Salomon, Sofia e Maysa também se viam contrariados com as atitudes firmes que Lázaro adotava, ou seja, austeridade, algo com o qual eles não estavam acostumados, eles também não admitiam estar sob as ordens de um estranho. Salomon o quanto pôde o sabotou, até que a situação deste se tornou

insustentável e ele pediu para sair, já que não havia previsão do retorno de Ismail.

O resultado da saída de Lázaro foi que em curto espaço de tempo a Atlas se viu diante de uma crise profunda, pois muitos executivos que compunham a sua equipe fizeram o mesmo que ele, tomaram o caminho de casa. Leon se viu sozinho com pouca gente capaz de assessorá-lo com a devida competência. Em face à situação de incertezas pela qual a empresa passava, muitos funcionários

debandaram, inclusive Urbano Jiménes. Para complicar ainda mais, havia uma enxurrada de ações na justiça do trabalho movida por ex-funcionários, que se julgavam prejudicados de uma forma ou de outra. Salomon aproveitou o vácuo de inteligência no comando e tentou dar as cartas como antes, o que gerou novos atritos com os irmãos se jogando uns contra os outros.

Aproveitando o estado caótico reinante, Salomon, valendo-se da sua reserva financeira por causa da lavagem de dinheiro

desviado anos a fio, precipitou-se sobre os irmãos, oferecendo comprar a parte deles e ficar sozinho no controle. A primeira a aceitar a oferta foi Maysa, que, temendo a falência da Companhia e ficar sem nada, vendeu sua parte. Leon e Sofia resistiram. Maysa e o marido montaram um pequena construtora e seguiram uma vida independente da família. Ismail foi posto em total isolamento quanto às dificuldades que assolavam sua empresa. A única convergência de opinião entre os filhos era a de que



o pai devia ser preservado do que acontecia nos negócios da família. Ele, por sua vez, recuperava-se lentamente. Recobrou um pouco a fala e estava se tratando para retomar os movimentos do braço e da perna parcialmente paralisados, mas mantinha o raciocínio plenamente capaz, assim fez Leon jurar que nunca deixaria a direção da empresa, pois conhecia muito bem da ambição de Salomon e suas manobras obscuras. Boa parte dos problemas que eles enfrentavam se devia tão somente a Salomon.

Ismail temia que uma vez que ele estivesse à frente dos negócios, ele passaria os irmãos para trás e tentaria controlar a Companhia sozinho, o que ele já estava tentando fazer. Também receava que caso ele concretizasse sua vontade de se tornar o senhor absoluto da Atlas, esta viesse a fechar as portas, sendo que antes ele salvaria os seus interesses e deixaria o restante da família à deriva.

Sofia, tal como a irmã Maysa, temendo uma possível falência da Atlas, também planejava

se livrar de sua participação societária na empresa, mas resistia em vendê-la para Salomon, cujo apetite havia se tornado ainda maior depois de comprar a parte da irmã caçula. Sempre em oposição a Salomon, Sofia ofereceu uma parte de suas ações a Leon, que, naquela época, não dispunha do valor que a irmã ofertou, mas, valendo-se do amigo do seu pai, o senador J, cuja trajetória de vida considera que política e negócios andam juntos, arranjou-lhe uma determinada quantia que lhe permitiu adquirir as

ações da irmã e também comprar uma parte de um sócio minoritário, Paulo César Couto, que, como os outros, tinha aversão a Salomon. Sofia se desligou da Atlas parcialmente, pois ainda ficou com alguma parcela de ações que lhe permitia participar do Conselho de Administração. Ela foi se dedicar ao que mais gostava: estética. Com parte do dinheiro que conseguira, ela montou um bem-sucedido SPA urbano, também adquiriu uma franquia de cosméticos e montou uma academia de ginástica de

primeira linha. O marido, Nelson, por sua vez foi alçado ao cargo de diretor comercial, pelo menos nisso Leon acertou, pois ele merecia. Isso acabou levando-o a se tornar o braço direito de Leon, com influência em vários setores dentro da empresa, inclusive na gestão financeira.

Momentaneamente afastada de Abel, em um determinado fim de semana, no fim do ano, na época em que já havia concluído o curso de Medicina, ela foi a São Paulo a convite de Helena, que se dedicava à publicidade. Tratava-se de um

evento que para ela seria imperdível, já que adorava cavalos. Era uma concorridíssima partida de polo, um dos muitos em que Helena era convidada, pois, além de publicitária, tinha como *hobby* a fotografia, e, vez por outra, trabalhava como *freelancer* nesse ramo. Seguindo os conselhos de sua nova mentora, Roxane, na ocasião, trajou-se de forma elegante e estilo esportivo, tal como exigia a ocasião, o que levou a chamar a atenção de muitos olhares masculinos. Um dos que estavam ali se sentiu atraído por

ela, e não deixaria escapar a oportunidade, tratava-se de Felipe Rossi, moreno-claro, altura mediana e boa-pinta, um dos donos da agência em que Helena trabalhava. Ele se dividia entre corridas de lanchas *offshore* e a paixão por carros esportivos e cavalos, uma vez que a família, entre outras atividades, criava cavalos e possuía um magnífico haras no interior do estado. Usando Helena como trampolim, Felipe pediu a então funcionária que fizesse as devidas apresentações, no que foi

prontamente atendido.

Momentos depois, quando as duas estavam sozinhas, Helena advertiu a prima sobre Felipe:

– Tome cuidado com esse cara! Ele é do tipo de usar as pessoas e depois joga fora, como se fossem objetos. Vá com calma.

Quanto a isso Roxane sabia bem o que era, pois ela própria já fizera o mesmo com outros e também passara por igual tratamento.

Ainda receosa pela advertência de Helena, ela acabou



cedendo aos galanteios de Felipe, que não poupou esforços para impressioná-la, com poucos minutos de conversa, ele percebeu que Roxane era muitíssimo diferente das outras com as quais tivera algum tipo de envolvimento. A princípio, ela se mostrou reservada, espirituosa, com um tipo de conversa bem cativante, que o deixou bastante atraído. Ele, por sua vez, em uma demonstração gratuita de ostentação, levou-a para um pequeno passeio de helicóptero fretado de São Paulo até Ilha Bela ,

no litoral, para que conhecesse suas lanchas e fizesse um passeio de iate. No fim de semana seguinte, foi a vez de mostrar seu superesportivo Mercedes McLaren conversível, desta vez de São Paulo até o haras de sua família, no interior do estado, para que ela visse os cavalos de raça, o que a deixou maravilhada. Ele era daqueles que não poupavam esforços para conseguir o seu objetivo, e não perdia a oportunidade de ostentar e mostrar poder para impressionar àquelas a quem tencionava conquistar. Nisso,

ele obteve sucesso, pois ela ficou impressionada.

As recomendações de Helena e de sua tia Sofia a fizeram com que ela se tornasse mais cuidadosa com sua aparência. Seguindo essa linha, ela se submeteu a dietas sob controle de nutricionista e se tornou uma frequentadora assídua da academia da tia. Voltou às aulas de dança do ventre e também outras modalidades de dança. Dando prosseguimento à sua transformação, colocou um implante de silicone nos seios, e

isso seria apenas o começo de uma série de pequenas intervenções cirúrgicas para corrigir alguma parte de seu corpo com a qual se sentia incomodada; e, para não deixar passar a oportunidade, também se envolveu com o cirurgião plástico que lhe fizera a operação. Estando a situação financeira de sua família ainda complicada, era com seu amigo e protetor, Hidalgo Javier, que arrumava vez por outra parte do dinheiro que precisava para tratar de sua aparência externa. Ele, um dia,

iria cobrar a conta.

A convivência com Felipe trouxe à tona o lado negro de Roxane: Lussin, sem que fosse necessário algum tipo de ritual para que tal personagem se mostrasse à luz do dia. O estilo simples e casual de outrora, foi substituído por outro, mais sofisticado, sensual e cosmopolita, o “femme fatale”. O que Felipe tinha nas mãos era o tipo de mulher que a maioria dos homens sonham, ou seja, uma meretriz entre quatro paredes e uma *lady* fora dali. Roxane, sem maiores

pudores, logo se revelou por inteira, desde que mantido certos limites e sem resvalar no grotesco, ela se deixava levar pelos caprichos dele, que, no fundo, revelou-se um pervertido. Isso incluía sexo a três, relações homossexuais com ele assistindo, ou sexo envolvendo um grupo restrito, quando organizava suas festinhas à fantasia, onde os convidados portavam máscaras. Felipe se impressionava com a criatividade dela. Ele desconhecia que Roxane em matéria de perversão podia lhe dar aulas, muito

do que aprendera nos rituais de Hidalgo, ela punha em prática com ele e alguns convidados que, vez ou outra, participavam de algum encontro do tipo. Evidentemente, a parte das evocações místicas ficavam de fora. Quando perguntada onde aprendera tudo aquilo, ela simplesmente dizia que fora na internet.

Ela logo percebeu que Felipe era destituído de conteúdo. Parecia um garoto exibicionista e mimado, o que a levou a concluir que um relacionamento com ele não ia

muito longe. Era um bom sujeito para passar o tempo e se divertir em alto estilo, nada mais. A relação que se desenvolveria entre os dois seria como uma enorme montanha-russa, regada a festas privês, *nights clubs* sofisticados, eventos, presentes caros, sexo e consumo de drogas, tudo sem muito compromisso. Seria uma relação aberta, encontravam-se, saíam, divertiam-se... depois, cada um ia para um lado. Apesar da aparente imagem de liberal e moderno que ele cultivava, ele começou a se mostrar obsessivo e já



estava incomodando com frequentes ataques de ciúmes, alguns violentos. Entre uma briguinha e outra, ela ia se consolar nos braços do pacato , paternal e sorridente Abel, que estava sempre ali, tranquilo, sem neuras e cobranças, e pronto para recebê-la para um afago.

A imagem que Roxane construiu de si mesma ao longo de sua curta existência ainda era de uma menina recatada, doce, prestativa, adepta de programas culturais, leitura, reuniões familiares, arredia a qualquer tipo

de badalação. Essa era apenas uma faceta que compunha sua personalidade; podia-se até mesmo dizer que se tratava da Roxane diurna. Contudo, por trás daquele invólucro, havia “alguém” exatamente oposto, e que agora parecia despontar. O gosto por lugares discretos e sofisticados ainda continuava, porém ela não se furtou ao convite de Felipe e de Helena de ir para o Nordeste brincar em um carnaval fora de época, uma micareta, que até então ela dizia abominar. Foi fotografada ao lado

dele e de outras celebridades instantâneas, divertindo-se muito em um camarote de uma certa cervejaria, assistindo aos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro. Depois de passar a primeira noite de carnaval no Rio de Janeiro, pegou o voo para Salvador para passar os dias restantes da festa também na companhia dele. Quem a conhecia dizia que definitivamente tornara-se outra pessoa. Afeito a holofotes e confetes, Felipe gostava de marcar presença por onde quer que fosse, e Roxane passou a ser a

sua companhia preferida. Ela, no entanto, negava que estivesse envolvida emocionalmente, ainda que sobrassem evidências; dizia aos amigos que se tratava apenas de um amigo “especial”, nada mais do que isso.

\*\*\*

O trabalho em Paulínia fora uma cilada e tanto; conforme suas suspeitas, os donos da tal empresa, Luís Fernando Dantas e Sérgio Yamada, não passavam de dois

aproveitadores. Como possuíam boas conexões com integrantes do partido que estava no governo, aproveitaram o fato para tirar todo o tipo de vantagem. A empresa deles já estava mal das pernas havia tempos, mas, mesmo assim, graças ao lobby eles estavam ativos. No decorrer dos serviços, a empresa começou a apresentar sérios problemas financeiros. A situação se tornou de tal forma grave, que em um determinado dia, por falta de pagamento à fornecedora de refeições, para evitar um quebra-

quebra no canteiro de obras por parte dos operários, Siegfried teve de colocar dinheiro do próprio bolso para normalizar a situação, sendo que o mesmo se deu com outros fornecedores, transportes de pessoal, por exemplo. No auge da crise, os donos sumiram, ficaram incomunicáveis. Haroldo, o administrativo que cuidava das finanças, inventava as desculpas mais estapafúrdias para justificar os problemas; teatralmente, dizia que ele também não estava conseguindo contato com os donos, o que era a

mais pura mentira. Apesar de terem entregue os trabalhos dentro do prazo e contra todas as dificuldades possíveis, quase todos ficaram sem receber os acertos finais e as indenizações, inclusive Siegfried, que ficou a ver navios. O percentual sobre o lucro, que lhe prometeram, ele nem sequer viu o cheiro, muito menos a despesa que tivera para pagar alguns fornecedores em emergência . Descobriu-se depois que a dupla já abrira e fechara empresas várias vezes, sendo muitas de forma fraudulenta; eles estavam

agindo dessa forma havia anos. Siegfried e outros ingressaram com uma ação judicial contra a empresa, a fim de pelo menos tentar receber alguma coisa, mas, provavelmente, levariam anos até ele e os demais vissem a cor do dinheiro.

Enquanto a vida de Roxane parecia um parque de diversões, Siegfried passava por um duro calvário, carregando uma pesada cruz. Depois de sua saída da Paulínia, cujo trabalho fora de curta duração e um total desastre, ele passaria por um período difícil, pois



as oportunidades de trabalho praticamente desapareceram. Uma de suas esperanças era de que a empresa em que Cirilo trabalhava saísse vencedora da concorrência das sondas de perfuração e assim ele pudesse ser indicado pelo amigo para trabalhar lá, porém, a tal concorrência se arrastou por um período muito além do previsto, apesar do consórcio Franco-italiano ter sido vencedor, eles decidiram levar a construção das sondas para um estaleiro nos Emirados Árabes, deixando Siegfried frustrado, pois,

fora do país, Cirilo não tinha como influir. A vida sentimental dele também caminhava em paralelo com suas agruras; nunca mais se interessara por ninguém; seu coração se fechou totalmente, pois uma nova Roxane em sua vida, nunca mais.

Carlos José, que igualmente passara por situação semelhante, conseguira se recolocar no mercado de trabalho, desta vez em uma empresa de porte médio no interior de Goiás. Havia conseguido a vaga por intermédio do próprio Siegfried

que, coincidentemente, apelou para um outro amigo, o Edigar, que o socorrera tempos atrás com o filho de dona Zulmira e que estava saindo de Vitória e precisando de um engenheiro de planejamento.

Embora o salário fosse bem aquém do que ele ganhava, e o cargo idem, Cazé acabou aceitando. Havia também uma vaga de gerente disponível na mesma empresa, Siegfried, por indicação do amigo fez entrevista com os diretores e parecia que tudo iria sair bem, mas acabou não sendo chamado. Edigar

tentou saber o que teria havido, e descobriu que alguém do RH de sua empresa conversou com alguém da Atlas, que passou as informações distorcidas que Salomon e Leon disseminaram. Ao saber, Edigar tentou com os superiores desfazer o estrago que a Atlas fizera, mas foi inútil.

Haviam se passado sete meses e Siegfried não encontrava nenhum outro trabalho. Depois da desastrosa experiência em Paulínia, ele estava se mantendo precariamente, fazendo algum tipo

de consultoria esporádica para Franco. O tempo foi passando, e sem aparecer nenhuma oportunidade profissional, as finanças pessoais dele foram ruindo, aliado ao fato de que seus pais também estavam em situação financeira difícil, graças aos destemperos financeiros do irmão, que continuava se metendo em trapalhadas. Parece que ele ainda não havia aprendido a lição, ou quem sabe era um gastador compulsivo. Desta vez, fizera um empréstimo vultuoso para reformar uma casa que comprara para viver

com a nova namorada, onde praticamente colocou a antiga moradia abaixo e levantou outra de dois andares e ainda construiu uma piscina. Colocou o pai como fiador e não pagou um tostão. Para socorrer o pai e também para tentar se desafogar, Siegfried se viu obrigado a vender o apartamento no Rio de Janeiro, cujas prestações ainda devia. Somadas à taxa de condomínio, o valor mensal era relativamente alto, somente tendo um salário de executivo para bancar. Vendeu bem abaixo do preço de

mercado por causa da urgência. No fim do ano, ele voltaria a passar uma temporada na casa dos pais, no interior do estado, até vislumbrar uma saída.

Cazé soube que Ubirajara Moraes, com quem estivera em Macaé na ocasião em que trabalhara naquela cidade, precisava de alguém para embarcar que fosse fluente em inglês, pois os candidatos anteriores não duraram muito no cargo. Sabendo da difícil situação em que Siegfried estava, ligou para ele e passou a informação, pois, de

repente, poderia ser uma tábua de salvação até que a maré de azar passasse. Como não havia nenhuma perspectiva de nada, Siegfried falou por telefone com Moraes e marcou uma entrevista na base de operações em Macaé para saber em detalhes do tipo de serviço que teria pela frente, ou mesmo se seria aceito ou não, pois, pelo pouco que conversaram, ele não tinha experiência naquela atividade, cujo cargo era muito aquém da capacidade dele e exigia uma experiência bem específica.



Trabalhar em manutenção é uma tarefa ingrata, pois se a unidade funciona bem, ótimo, ninguém lembra que eles existem, se a coisa anda mal, deve se estar preparado para o pior, pois a pressão é imensa, e a equipe de operação costuma culpar o time da manutenção por todos os problemas a bordo.

Moraes lhe explicou que se tratava de trabalhar embarcado como supervisor de manutenção em uma plataforma de perfuração, em regime de 14 dias no mar e 14 dias de folga em terra, o décimo quinto

dia não conta , pois é o desembarque. Nem sequer havia a pré-condição de ter curso superior, mas tão somente que tivesse experiência em serviços *offshore*, um curso técnico no mínimo, liderar equipes multidisciplinares e fluência no idioma. Ele também explicou a Siegfried que havia muitos profissionais competentes no mercado, mas pouquíssimos falavam inglês. O salário também era baixo, pois ele tinha um teto a ofertar, dessa forma, estava difícil conseguir alguém que atendesse as

exigências e aceitasse as condições. Ademais, o pessoal a bordo que comandava a sonda era muito exigente e para os “gringos” ninguém prestava até então. Vários supervisores haviam sido substituídos sem sucesso, e, sem muitos rodeios, ele propôs a Siegfried fazer uma tentativa, quem sabe poderia dar certo? Nem quis saber do último emprego em que Siegfried trabalhara, o porquê de estar parado e outras tantas perguntas do gênero, tão frequentes em outras entrevistas. Moraes

queria pôr alguém a bordo o mais rápido possível, pois tinha de substituir o supervisor que estava embarcado já fazia cerca de dezessete dias, e, pelas leis brasileiras, é proibido permanecer em uma plataforma mais do que quinze dias. Cada dia a mais, ganhase cem por cento de extra, e o cara estava doido para sair, mas só podia deixar a unidade quando o substituto chegasse.

A vontade de Siegfried era não aceitar, pois o tipo de serviço *a priori* era mais para um técnico de

nível médio do que para ele, ou mesmo para um engenheiro jovem com alguma experiência. Contudo, as exigências eram tais, que somente um profissional de nível superior e com bastante conhecimento no ramo estaria apto a preencher os requisitos. Outro fator que pesava era ter de trabalhar embarcado, o que, para ele, era uma tortura, pois já passara por essa experiência quando jovem. Ele mal ou bem já ocupara o cargo de diretor e estava acostumado a gerenciar grandes empreendimentos. Naquele

momento deparava com uma tarefa bem espinhosa, que talvez não pudesse levar a cabo, pois exigia, entre outras atribuições, conhecer o funcionamento de certos tipos de equipamento que, a rigor, ele não conhecia. Além de tudo isso, o salário era consideravelmente baixo para os seus padrões. Mas era algo que ele teria de se acostumar.

Assim, ele acabou por colocar para Moraes somente a dificuldade de que teria de possuir um conhecimento mais profundo a respeito dos equipamentos.

– Temos a bordo um técnico em mecânica com encarregados e mecânicos experientes, e outro time de profissionais de elétrica, o problema maior é a comunicação entre eles e a chefia da plataforma, que é majoritariamente estrangeira. Eles querem tudo para ontem, acho que você não precisa entender a fundo dos equipamentos, basta gerenciar o pessoal e tentar manter a plataforma funcionando, além de ter uma boa comunicação com a chefia e atendê-la a tempo, o que não tem acontecido até o momento –

ponderou Moraes.

Diante da dúvida, Siegfried pediu tempo para pensar. Moraes concordou em lhe dar somente um dia, era pegar ou largar, pois teria de procurar outro, caso não aceitasse. Ele também estava sob pressão de seus superiores para resolver a questão o quanto antes, uma vez que a manutenção a bordo estava deixando a desejar e, conseqüentemente, as falhas de funcionamento eram constantes, o que refletia nos serviços de perfuração e ocasionava queda na



receita financeira.

A empresa em questão chamava-se Quest Enterprise Energy, era uma Companhia anglo-australiana, que em consórcio com outras duas empresas multinacionais, desenvolviam um campo de petróleo na Bacia de Campos, no litoral do estado do Rio de Janeiro. Além de petróleo, a Quest tinha muitos outros negócios mundo afora.

Na verdade, não havia muito o que pensar, suas reservas financeiras estavam se esvaindo, a

ociosidade o estava corroendo por dentro, Roxane ainda parecia estar muito viva em sua memória, e a falta de uma atividade que pudesse focar sua atenção fazia com que o transtorno da falta dela ganhasse uma dimensão gigantesca dentro dele. À medida que o tempo avançava, mais falta ele sentia dela, situação semelhante ao que se passa com os viciados em droga quando submetidos à abstinência. A comunicação entre ambos havia cessado completamente, e ele não fazia a menor ideia da vida que ela

estava levando. A fama de golpista e de incompetente, adquirida graças à campanha de difamação movida pelos dois dirigentes da Atlas, teve como consequência imediata o afastamento de muitos de seus amigos e conhecidos, e muitas oportunidades profissionais também foram perdidas por causa do boato. Somente alguns poucos permaneceram solidários. Sem nada à vista, e diante de uma forte depressão que se avizinhava com consequências imprevisíveis, ele decidiu aceitar a proposta de

Moraes até vislumbrar algo melhor. Seria uma espécie de refúgio ou exílio. Até que o estrago causado pela Atlas passasse, ele ficaria fora das vistas para que se esquecessem dele e, quem sabe um dia, pudesse ter de volta sua antiga vida.

A visão de um oceano em fúria era o que vinha à mente de Siegfried toda vez que ele escutava a abertura da ópera Navio Fantasma, que é uma música épica, forte e impressionante, e, propositalmente, era essa mesma sensação que o compositor da música quis

transmitir quando a compôs, pois a cena inicial da peça musical se iniciava exatamente por uma forte tormenta no mar.

\*\*\*

Era um domingo do mês de março do ano 2007. Siegfried estava na casa dos pais e lia o jornal. Em outro aposento, o pai se dedicava a um de seus passatempos favoritos, escutar ópera. A escolhida foi O Navio Fantasma, também conhecida por O Holandês Voador, de Richard

Wagner. O tema da obra era sobre a lenda de um navio errante e seu capitão amaldiçoado, condenado a vagar pelos mares eternamente. Conta a lenda que a maldição só teria fim se ele encontrasse uma mulher que o amasse. Essa chance lhe era dada a cada sete anos, onde ele poderia pisar em terra firme e passar sete dias, findo os quais, retornaria ao oceano por mais outro período de sete anos caso não encontrasse nenhuma mulher que se apaixonasse por ele.

Por causa da audição abalada

pelo passar dos anos, o pai de Siegfried colocava o som em um volume tal que era possível ouvir a música em todos os cômodos da casa e até do lado de fora. Apesar da música, que ele já escutara inúmeras vezes, Siegfried tentava se concentrar na sua leitura para tentar tirar de sua mente as preocupações que o estavam atormentando. No dia seguinte, segunda-feira, ele estaria embarcando em uma plataforma de perfuração, localizada a aproximadamente 120 km da costa, na Bacia de Campos, onde passaria

os próximos catorze dias.

O embarque para a plataforma se deu no período vespertino, depois de três horas de atraso. Se demorasse um pouco mais, o voo do helicóptero ficaria para o dia seguinte, pois havia previsão de fortes tempestades para o entardecer e não se permitia voar à noite, horário que provavelmente se daria o retorno da aeronave com seus respectivos tripulantes e passageiros que estariam voltando da jornada no mar. Enquanto esperava a hora de embarcar, ele



observava o vaivém dos aparelhos indo e voltando. Os helicópteros saíam de Macaé com um grupo para uma, duas ou mais outra plataformas e retornavam com outra equipe que estava embarcado nas mesmas unidades. Dependendo das vagas e do itinerário podiam levar gente de outras unidades flutuantes, cujo turno de embarque se encerrava passados catorze dias para unidades brasileiras ou vinte e oito dias para plataformas com tripulações estrangeiras. Havia também muitos outros profissionais especializados

que passavam alguns poucos dias em alguma unidade, onde seus serviços eram necessários. Bastante apreensivo e ansioso, Siegfried embarcaria com mais doze passageiros que seriam distribuídos ao longo do trajeto por outras duas plataformas antes de chegar ao seu destino. Lá ficariam, além dele próprio mais outros cinco: dois mecânicos e um soldador, um especialista em fluidos de perfuração e um profissional operador de sonda, um neozelandês chamado Zane. Para tentar quebrar a

tensão, Siegfried conversou com o grupo enquanto todos esperavam a ordem de embarcar ainda no pequeno aeroporto de Macaé, no litoral Norte do estado do Rio de Janeiro. Os operários que rumavam para a mesma plataforma que ele, faziam parte da equipe que ele próprio comandaria a bordo e faziam esse mesmo trajeto já havia alguns meses. Na conversa, eles deram uma prévia do que ele encontraria: uma embarcação velha, cheia de problemas, panes constantes e comandadas por

gringos mal-humorados, “nada animador”, pensou para si.

Os momentos que antecediavam o embarque eram sempre nervosos. A sensação de passar quarenta minutos a uma hora sobre o oceano em um aparelho pequeno, voando não muito alto, não é das mais agradáveis, mesmo se sabendo que o índice de acidentes dessa natureza é baixo. Por fim, chegou a ordem do embarque. O capitão fez uma explanação dos procedimentos de segurança e todos colocaram seus coletes salva-vidas.

Era um tipo que se usava na cintura e, em caso de emergência, ele inflava, pelo menos foi o que disseram, “e queira Deus que nunca tenha de testar se funciona ou não”, pensou Siegfried. Minutos depois, cada passageiro colocou o respectivo abafador de ruídos nos ouvidos e alçaram voo rumo ao mar. O tempo começava a ficar nublado e à medida que avançavam em direção ao destino, as nuvens iam ficando mais escuras e pesadas. A tempestade prevista estava dando o ar da graça. Meia-hora depois de

deixarem o aeroporto, pousaram na primeira plataforma, desceram dois passageiros e não subiu ninguém. Dali a dez minutos de voo, desceram outros quatro, e, por fim, restaram os que desceriam na terceira plataforma da escala.

As condições meteorológicas naquele momento se tornaram críticas. Estavam sob forte tempestade, o que fez Siegfried se lembrar da música que escutara no dia anterior, “parecia um aviso”, pensou consigo mesmo. A visibilidade estava péssima e o

piloto e copiloto estavam com dificuldade de encontrar o local. Pelo tempo estimado de voo, percebia-se que os dois estavam perdidos, ou então, que a plataforma teria mudado de lugar. Os passageiros estavam ficando nervosos, pois já estavam a bordo havia vários minutos, o que fez com que Siegfried dissesse para si mesmo que deviam estar procurando um “navio” fantasma. O contato pelo rádio estava muito ruim, parecia que havia uma pane a bordo da plataforma, a situação na

aeronave estava tensa, pois, por causa dos ventos, ela jogava muito. A sensação de desconforto dentro do aparelho não era das melhores, para não dizer coisa pior. Por fim, o helicóptero baixou mais sua altitude de voo para tentar um contato visual, ainda que difícil, mas, ao longe se pode ver um monstro metálico cinza escuro, com esparsas luzes piscando. Era a Baltic Star.

Anoitecia quando Siegfried desembarcou na plataforma sob forte tempestade. Havia uma pane elétrica a bordo e um corre-corre



tremendo por parte das equipes de manutenção. Alguns operadores tentavam sanar o problema. Como de praxe, todos os que chegavam foram conduzidos à sala de TV, um pequeno auditório, onde também acontecia o “briefing”, uma espécie de apresentação das normas e rotinas de segurança a serem observadas a todos que fossem permanecer naquela unidade conduzida pelo supervisor de segurança do trabalho que estava a bordo. Era obrigatório a todos que ali chegavam, mesmo quem já

tivesse estado ali em outras ocasiões, ou mesmo os que compunham a tripulação; toda vez que embarcavam tinham de assistir à palestra.

Depois da reunião de apresentação, Siegfried e os outros foram fazer o registro de estadia. Preencheriam as fichas de entrada, tal qual em um hotel; receberiam os uniformes, roupas de cama, as chaves do armário e do camarote. No caso, ele dividiria com outros três ocupantes. Como seu nível era de supervisão, o camarote tinha um

toalete privativo. Nos outros compartimentos destinados aos funcionários sem nenhuma graduação, havia vestiários e banheiros coletivos. Devidamente instalado, Siegfried foi orientado por Moraes, quando em terra, a procurar pelo supervisor que estava a bordo, pois ele ficaria mais um dia para apresentar a equipe que ele comandaria e passar o serviço, e também apresentá-lo para o gerente da plataforma, que, coincidentemente, como na ópera do Navio Fantasma, era um holandês.

Seu nome: Erik Van Der Meijer; muitos o chamavam de Erik, outros de Meijer (pronuncia-se Meyer).

O supervisor o qual Siegfried substituiria, chamava-se Roberto. Era pouco mais velho do que ele e tinha muita vivência no ramo. Também era engenheiro que pelas mais diversas razões passara por altos e baixos e estava naquele momento embarcado, submetendo-se a um baixo salário pela experiência que possuía. Ele mesmo disse:

– Fiquei desempregado, com

família e filhos para sustentar, não podia ficar esperando aparecer coisa melhor, peguei o primeiro emprego que apareceu.

O encontro entre os três ocorreu por volta das oito horas da noite, depois da normalização da pane, quando então o chefe da plataforma havia retornado ao seu gabinete.

Erik era um velho lobo do mar, que iniciara sua vida profissional como mecânico de rebocadores e pequenos navios de suprimentos, também chamados de

navios supplies em sua terra natal, no porto de Roterdan, Holanda. Depois, foi subindo de posto até chegar a comandante desse tipo de embarcação, onde migrou para as plataformas de perfuração situadas no mar do Norte, um lugar que ele conhecia muito bem, pois passara sua vida rebocando plataformas de um lado para outro, ou mesmo as desviando de icebergs. A vida nesse tipo de barco, naquela região, era duríssima. Havia quem chamasse as tripulações daqueles navios de caubóis do gelo, fama adquirida por

causa das condições climáticas terríveis sempre presentes, as ondas no mar eram de tal monta vilentas que os rebocadores subiam e desciam tal qual um couboi no lombo de touro bravo. Por motivos puramente financeiros, os salários eram bem mais atraentes e ele trocou os rebocadores pelas atividades petrolíferas, e lá se iam mais de trinta anos de serviço. Ele nunca frequentara qualquer universidade, embora fizesse muitos cursos e se submetera aos mais diversos treinamentos para chegar

ao lugar que ocupava, mas era um homem essencialmente prático, inteligente, destemido, tinha solução para quase todos os tipos de problemas que porventura ocorressem e conhecia muito bem o seu ofício.

Siegfried se viu diante de um homem com uma barba rala esbranquiçada, que talvez já tivesse uma semana que não se barbeava. Tinha a estatura pouco acima da média, e talvez o largo macacão que vestia, aberto até a altura do umbigo, dava a impressão de ele



não ser muito alto, mas sua altura era 1,75. Era corpulento, mais para obeso, tinha fartos bigodes louros, que lhe encobriam os lábios superiores e cabelos escorridos meio longos, repartidos ao meio. A coloração dava a impressão de terem sido banhados em cloro. Não era por acaso que seu apelido era leão marinho, pois ele em muito se assemelhava àquela criatura que habitava os mares gelados. Quando andava, jogava os braços e as pernas, o que provocava risos naqueles que o observavam. A

recepção que Siegfried encontrou por parte de Erik foi bem fria, ao contrário de Roberto, que foi bem simpático e receptivo. O primeiro não demonstrou qualquer simpatia ou amabilidade, nem se importava com isso, para ele era somente mais um latino que Moraes enviara.

## **Um Tirano a Bordo**

A Baltic Star era uma plataforma cinzenta do tipo semi-submersível, sustentada por seis colunas gigantes com uma larga tarja pintada cuja tonalidade de cor sugeria que outrora teria sido vermelha. Naquele momento, parecia ter adquirido uma tonalidade na cor de zarcão

desbotado. Estas se apoiavam sobre gigantescos flutuadores abaixo da superfície do mar que lhe garantiam a flutuabilidade. Sua locomoção acontecia por meio de rebocadores sempre que se fizesse necessário movimentá-la ao completar a perfuração de algum poço, quando então se deslocava para outro ponto realizando novamente a tarefa anterior. O peso de sua estrutura era estimado em quinze mil toneladas. Tinha a altura de um prédio de vinte e cinco andares. O convés, também chamado de deque principal, no

jargão petroleiro, “main deck”, abrigava os principais equipamentos, entre eles a joia mais preciosa, a torre de perfuração, com cerca de cinquenta e cinco metros, algo em torno de um edifício de dezoito andares. Ainda no convés, situava-se o sistema de ancoragem formado por nove guinchos, correntes e âncoras com peso aproximado de treze toneladas cada, que servia para fixar a plataforma no fundo do oceano quando ela estacionava para executar os serviços de perfuração dos poços.

Havia também pilhas de tubos de perfuração, que eram armazenados e pesavam em torno de duas mil toneladas, com seção de vinte e oito metros cada um. Também sobre o convés havia dois guindastes que serviam para a movimentação de cargas a bordo, embarque de suprimentos, combustível e água que chegavam nos navios de apoio e descarregamento de lixo, entre outras funções. Era no deque principal que se situava o casario, ou as acomodações, e onde se localizavam os camarotes,

escritórios, sanitários, vestiários, cozinha, área de lazer, entre outros. Montado sobre o casario, uma estrutura metálica destinada a suportar o pouso dos helicópteros, denominada heliponto.

Os serviços a bordo tanto de perfuração quanto de manutenção eram realizados em dois turnos de doze horas cada. A tripulação girava em torno de 100 tripulantes, mas abrigava mais vinte homens em razão dos serviços extras de reparo. Por se tratar de uma unidade antiga, a Baltic Star passava por um

período de pequena reforma, que estavam sendo feitas a bordo, ou seja, com a unidade em funcionamento. Na verdade, depois de anos em operação no litoral Oeste africano ela estava a caminho de um estaleiro na Europa para que fossem feitos os serviços necessários e para aumentar a sua vida útil operacional, quando uma outra unidade que rumava para o Brasil, vinda do Oceano Índico, sofreu um incêndio a bordo. Sem opção de outra plataforma, não restou alternativa à alta direção da



Quest a não ser deslocar a Baltic para a costa brasileira, em razão do alto valor da diária desse equipamento e da escassez de outras unidades de perfuração substitutas. O ideal seria levá-la para alguma doca e ali executar os serviços, sendo assim, além dos atividades rotineiras de manutenção havia uma pequena equipe de caldeireiros, encanadores, soldadores, eletricitas e instrumentistas encarregados dos reparos estruturais e reforços, troca da tubulação, substituição de cabos elétricos, sensores etc. Dessa forma,

a capacidade de lotação da plataforma estava além do que podia comportar. Foram necessários dois containers para alojar dez pessoas cada, estes foram instalados no convés externo ao casario, para desgosto daqueles que ficavam ali, pois o conforto era mínimo, bem inferior aos dos camarotes situados no interior da plataforma. Quem ocupava essas instalações provisórias era a equipe subordinada a Siegfried, que pertencia a uma empresa de mão de obra temporária. Esse era um fator de constante atrito

a bordo, pois ninguém queria ficar alojado naqueles compartimentos metálicos. Uma das soluções encontradas era fazer um rodízio, onde os que ficavam nos containers em determinado período, se revezavam no embarque seguinte com os que tiveram a sorte de ter ficado nos camarotes no embarque anterior, porém nem sempre acontecia dessa forma. Com frequência havia um ou outro que conseguia burlar a escala de acomodação. Siegfried dividia um camarote com mais outros três

tripulantes, o técnico de segurança do trabalho, um inspetor de solda e um de seus supervisores de mecânica, mais conhecido por Ceará.

Como a Baltic Star estava com a lotação acima de sua capacidade, se fazia necessário a instalação de mais um barco salva-vidas, também conhecido como baleeira. Essa era uma tarefa que Erik recomendara bastante, queria urgência na instalação do equipamento a bordo, pois poderiam ser multados pelos órgãos de

fiscalização e, ainda, serem obrigados a desembarcar todo o pessoal excedente até que o serviço de instalação da baleeira fosse concluído.

Os serviços rotineiros de manutenção, ou seja, cuidar dos equipamentos a bordo para que a sonda pudesse funcionar sem problemas, tinham o efeito de um castigo sobre Siegfried. Em sua carreira profissional, ele estava capacitado a lidar com múltiplos problemas e bem mais complexos; enquanto outrora lidava com

grandes empreendimentos, reuniões gerenciais e de diretoria, encontro com homens de negócios de alto nível, naquele momento se via andando com encarregados, soldadores, mecânicos, eletricitas, cuidando de bombas de lama, geradores, sistema de ar condicionado, abastecimento de água e os mais diversos tipos de problemas que apareciam, na torre de perfuração, na cozinha ou nos banheiros. Era chamado a qualquer hora, embora houvesse um segundo turno, como ele era o responsável,

muitas vezes tinha de acompanhar o serviço, o que fazia com que a sua jornada se estendesse além das doze horas diárias, e mesmo em algumas ocasiões até a madrugada.

Quando se está embarcado não há como se desligar do trabalho, diferentemente do que acontece em terra, onde, terminada a jornada diária, se vai para casa e se desvincula pelo menos em parte da rotina do dia a dia. Trabalhar em uma plataforma dá a sensação de que se mora dentro do trabalho e que a qualquer momento existe a

possibilidade de ser chamado para retornar ao serviço por causa de alguma emergência qualquer. No entanto, ele não demonstrava qualquer tipo de desgosto, apesar de que intimamente não gostava daquele serviço, mas, dificilmente, era visto de mau humor. Conversava com todos, sem distinção, como sempre fizera ao longo de sua vida. Dava-se muito bem com os subordinados e ninguém ali poderia sequer sonhar o que ele já havia passado, nem os motivos que o levaram a estar naquela unidade



flutuante. Por vezes, no fim da tarde, ele era visto no convés, em um canto, olhando em silêncio para o horizonte, vendo o sol se pôr no infinito. Permanecia em silêncio, solitário; apesar de tudo, Roxane ainda habitava seus pensamentos, sentia falta das conversas diárias com ela, queria saber como ela estava, o que fazia, mas ficava imerso, desligado do mundo por alguns instantes e somente voltava a si quando já era noite fechada, ou então quando era chamado para atender alguma coisa.

No décimo quinto dia após embarcar pela primeira vez na Baltic Star, Siegfried, aliviado, esperou ansioso pela chegada de Roberto para que pudesse rumar para a terra. Eles já haviam se falado bem cedo por telefone, mas se ele, porventura não aparecesse, Siegfried teria de permanecer a bordo. A regra era essa, mesmo cumprindo o tempo de embarque, somente poderia deixar a sonda com a chegada do substituto. Era uma norma não escrita, mas seguida à risca, salvo se o chefe da plataforma

autorizasse; tal conduta se aplicava para cargos de liderança ou para as funções tidas como chave, que nenhum outro pudesse desempenhar a não ser o próprio.

Para Siegfried, aqueles quinze dias tiveram a duração de quinze semanas. No mar, a impressão que se tinha era que o tempo não passava, vivia-se pela metade. “Pelo menos”, ele pensou, “o salário deste mês está salvo”.

Seu primeiro embarque se deu sem maiores problemas, era uma nova rotina a qual ele teria de

se adaptar. Sua convivência com Erik foi normal, apesar de sua aparente frieza, ele era um homem cordial, mas Siegfried descobriu que o problema que os outros supervisores enfrentaram, não se deu por causa de Erik, mas sim por causa de outra pessoa, que estava ausente, e não se sabia se voltaria, o nome dele era Manfred Hagen, holandês como Erik, um jovem engenheiro subsea, filho de um diretor da Quest, que estava sendo treinado para assumir a sonda para depois seguir uma carreira de

executivo em um dos escritórios da Companhia, em algum ponto do globo.

\*\*\*

Depois de ter se formado em Medicina, Roxane insistiu em fazer residência médica em Psiquiatria em São Paulo, pelo menos não pensava mais em ir para os Estados Unidos. No entanto, a família dela bateu o pé e ela acabou ficando no Rio de Janeiro, mas continuou

mantendo um *affair* com Felipe Rossi, até que, por fim, e após se divertir a valer com ele e correr o Brasil em micaretas, Roxane começou a se cansar daquela vida. A gota d'água teria sido a prisão, no aeroporto Internacional de São Paulo, de dois homens provenientes da Europa com um carregamento de *extasy*. As investigações apontavam para Felipe como o suposto receptador, que na época estava organizando uma rave. O episódio ganhou destaque na imprensa e a família de Roxane lhe pediu

explicações, exigindo que se mantivesse longe dele. Ela, no entanto, apenas disse que se tratava de mais um de seus amigos, que não tinha nenhum relacionamento amoroso com ele. Apesar de haver várias evidências do contrário, pois não foram poucas as notas em colunas sociais e fotos em revistas de celebridades em que ela aparecia ao lado daquele personagem, ela prometeu se afastar. Felipe escapou da prisão, mas saiu com a imagem arranhada, embora todos soubessem que ele sempre esteve envolvido

com drogas, tanto para consumo quanto para uso em festas e eventos.

Como sempre fazia depois do rompimento de algum caso, Roxane foi se refugiar nos braços de Abel, seu amante sempre disponível. Era próximo da semana santa e ele estava no Rio Grande do Sul participando de um seminário de tecnologia de informação. Roxane, aproveitando o feriadão que se aproximava e dizendo para a família que iria para um seminário no Sul, foi até lá ficar com ele, que



adiou seu retorno a São Paulo. Ambos foram para a serra gaúcha, na região de Gramado, e tiveram uma espécie de lua de mel com as despesas por conta dele, uma vez que a empresa ainda navegava por águas turvas e o dinheiro se tornara escasso.

Quando retornaram da viagem, para surpresa de Roxane, Abel lhe disse que gostaria de refletir melhor sobre o relacionamento deles. Alegou que a diferença de idade entre ambos era um obstáculo. Roxane ficou

surpresa, pois Abel, de um modo geral, relacionava-se com mulheres bem mais jovens do que ele, mas aceitou calada os argumentos dele; afinal, sempre partia dela a iniciativa de rompimento, mas ela não era afeita a compromissos. Ele ainda argumentou que a convivência dela com o tal publicitário a tinha mudado, ela não era mais a mesma pessoa. Roxane se desdobrou em explicações, mas, por fim, concordou em se distanciar, mas ficariam amigos. Em função desse rompimento, ela colocou na página

do Facebook de Abel um longo depoimento em que declarava o seu amor infinito por ele e rasgava todo o tipo de elogios à sua figura. Foram páginas e páginas que ela escreveu durante uma noite inteira em claro. Seria o primeiro de uma série. Apesar de todo o português que ela gastou, Abel somente agradeceu na página de recados dela, dizendo que não era tudo aquilo que ela dizia a seu respeito. Ele estava mesmo decidido a se manter longe dela.

O tempo que Roxane passou ao lado de Felipe fez com que ela

tomasse gosto pelo *glamour*, estadias em hotéis luxuosos e *resorts*, festas privês, roupas e joias de grifes, eventos badalados, tudo isso fora uma constante nos últimos meses. Mesmo afastada dele, ela não pretendia abandonar aquele mundo restrito a um seletto grupo de pessoas do qual ela agora fazia parte. Por meio dele, conhecera muita gente influente e não queria se afastar, mas surgira um fator que tornaria mais difícil ela manter seu *status*, o cinto apertara na família e a situação financeira da Atlas ainda

trilhava por um caminho difícil. O jeito foi apelar para seu protetor: Hidalgo Javier.

Mas Hidalgo não fazia nada de graça, tudo tinha um preço, se Roxane quisesse que ele bancasse sua vida estilosa, ela teria de fazer a sua parte, o que significava retribuir os favores e incluía sexo e satisfação de seus caprichos, ou seja, sempre que convocada, teria de comparecer aos seus rituais bizarros, o que ela aceitou prontamente.

Os encontros entre eles se

davam secretamente em um luxuoso *flat*, anexo a um hotel padrão cinco estrelas de frente para o mar cuja vista era deslumbrante, localizado na orla da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. O pequeno apartamento era decorado com requinte e usado exatamente para isso: encontros fortuitos e secretos. Depois de ser presenteada com um cartão de crédito com altos limites de gastos, Hidalgo a convidou para participar de mais uma de suas cerimônias excêntricas, um misto de celebração mística com orgias sexuais, regadas

a ópio e álcool.

Foi em um sábado do mês de maio, onde ocorria a primeira semana da lua cheia, em uma noite de clima agradável, que Roxane saiu de casa dizendo que se encontraria com amigos, que jantaria fora e não tinha hora para voltar. Leon, atribulado pelos negócios da família e pelo estado de saúde do pai, afrouxara o cerco sobre a filha. Laura apenas fez as recomendações de praxe:

– Cuidado, não beba nada oferecido por estranhos! Com quem

você vai sair? Não volte tarde!

Com seu novo carro, um utilitário esportivo, ela se dirigiu para o apartamento de Hidalgo, usualmente usado para os encontros. Deixou o seu veículo guardado na garagem do hotel e depois de uns tragos em um uísque 12 anos, os dois deixaram o local utilizando a luxuosa Mercedes Benz negra, blindada, uma espécie de limusine usada inclusive por Chefes de Estados de vários países, conduzida pelo motorista de confiança de Hidalgo, assim rumaram para o



palacete no alto do Joá, um lugar que Roxane já estivera.

Hidalgo e Roxane foram os primeiros a chegar. Ele queria recepcionar os convidados, pois era o grão-mestre da organização. Antes, vestiu-se como a ocasião exigia, usava uma longa capa com capuz na cor roxa e uma máscara para lhe ocultar as feições. Tal indumentária fazia parte da cerimônia que se daria naquela noite.

Os participantes que chegavam à porta da mansão eram

recepcionados por um porteiro que dizia uma senha, sendo que eles respondiam com uma contrassenha. Estando correta, eram conduzidos a um dos muitos aposentos, onde deveriam se despir, ficando completamente nus para colocar longas capas negras com capuz e máscaras de diferentes tipos e cores, a fim de encobrir suas respectivas identidades. Depois, iam ter com Hidalgo que fazia as honras da casa e os levava a um salão onde havia uma ampla mesa com iguarias diversas, acompanhadas por bebidas

dos mais variados tipos. Além de beber e comer, muitos faziam uso de ópio, fumando por meio de narguiles, uma espécie de aperitivo para o que viria em seguida. O número de convivas girava em torno de treze pessoas, escolhidos a dedo por Hidalgo, entre eles Armand. Os demais eram pertencentes à classe média alta e alguns ainda mais elevados. Existia um número reduzido de homens sozinhos e algumas mulheres também desacompanhadas, todos com as respectivas identidades preservadas

pelas máscaras oferecidas. Ninguém também revelava o nome nem o que fazia, todos adotavam um apelido. Depois da recepção, os convidados se dirigiram para o salão principal, iluminado por velas negras posicionadas sobre candelabros e castiçais, incensos com aromas exóticos, uma mesa com bolos e comidas diversas e garrafas de vinho. Um pequeno grupo musical executava músicas orientais e vestiam-se com mantos e capuz na cor azul. O ambiente era absolutamente fantástico e

assustador. Algumas pessoas presentes, pareciam estar em estado de êxtase. Pouco a pouco, o clima de festa foi cedendo lugar a uma atmosfera insólita. Hidalgo reuniu o grupo em volta de um círculo no interior do salão, e o toque de um pequeno sino anunciou o início do ritual. Em harmonia com a música e com o toque do pequeno instrumento, ele iniciou as invocações chamando por forças e entidades sobrenaturais. O objetivo era invocar aquela que presidiria o ritual da noite: Lussin. Roxane era o

alvo das atenções, cabelos soltos sobre os ombros, vestida com uma longa capa vermelha, uma máscara negra lhe tampava parte do rosto, usava ainda um enorme colar ritualístico da coleção de peças raras que Hidalgo possuía, a joia lhe encobria parte dos seios nus. Seu visual se completava com uma sumária lingerie, típica de fetichistas, presenteada pelo seu mentor, uma sandália de salto com cadarços que enlaçavam seus tornozelos e um longo chicote em um das mãos. Ela era a

personificação da luxúria. Assim, colocou-se no meio do círculo formado pelo grupo que entoava mantras e canções sob o comando de Hidalgo. A música foi ficando frenética e alguns participantes começaram a entrar em uma espécie de transe. Por fim, ouviu-se uma estrondosa gargalhada feminina, seguida do estalar do chicote. Lussin se fez presente. Seguiu-se uma seção em que se misturou sexo com rituais místicos e invocações satânicas.

Por volta das quatro horas da

manhã, Roxane retornou para casa. Sem condição para dirigir, pois toda vez que Lussin aparecia suas forças se exauriam, o motorista de Hidalgo a levou para casa no carro dela.

Próximo à sua residência, a chamou:  
– Madame! Madame!

Chegamos!

Com muita dificuldade, ela abriu os olhos e levou um tempo para se recompor. Depois, tomou a direção do carro para entrar na garagem. O motorista saltou para pegar um táxi e Roxane entrou em casa, sem lembrar dos detalhes do



evento em que tomara parte, porém sabia mais ou menos o que houvera. As cenas do ritual lhe passavam pela mente como um sonho, e, às vezes, como pesadelo. No domingo, ela acordou por volta das quatro horas da tarde. Levantou-se, tomou um banho, e como tradicionalmente acontecia, foi para a casa dos avós com os demais familiares.

\*\*\*

O ano foi passando e  
Siegfried já completava

praticamente um ano. Ele achava que não chegaria a tanto, e o que parecia ser um emprego provisório, acabou se tornando definitivo.

Apesar de que por diversas vezes ele esteve a ponto de jogar tudo para o alto, pois Erik também tinha seus dias ruins e dava coices até na própria sombra. O fim do ano já se aproximava e, aos poucos, ele foi se adaptando à nova rotina; vivia um dia de cada vez, deixou de fazer planos ou de pensar no futuro, pois de uma hora para outra tudo poderia mudar. Por causa de um incidente

qualquer, ele poderia ser desembarcado e desligado da empresa; assim, procurava fazer tudo da melhor maneira possível, para não dar margens a qualquer evento desagradável.

Corria um boato que logo chegaria uma nova sonda e a Baltic seguiria para alguma doca para ser modernizada, mas nada disso era confirmado. Apesar de que ter muito a fazer, a direção da Quest ordenou que diminuíssem os serviços de reparo, pois entendiam que ela já se encontrava em boas

condições de operação. Por conseguinte, a equipe que realizava a tarefa também foi sendo reduzida. O dia a dia de Siegfried era uma alternância de calma e tempestade. Apesar da redução dos serviços de reparo, sempre tinha alguma coisa em algum ponto para se fazer. Havia as tarefas de manutenção que, em linhas gerais, são mais tediosas e desgastantes. Entretanto, havia ocasiões em que tudo que podia acontecer de ruim, acontecia em um único dia, e por vezes em uma única hora. Trabalhar

sob pressão fazia com que a adrenalina aflorasse. Em situações como essa, ele se mantinha calmo e firme. Às vezes, não era só ele que se via em apuros, o time de perfuração também; e não foram poucas as vezes em que ele próprio se viu pondo a mão na “massa” para ajudar o pessoal com sua equipe toda já distribuída em diversos pontos da plataforma. Não havia outro jeito a não ser ele mesmo dar uma mão aos companheiros. Por essas e outras é que conquistou a consideração dos demais. Fez

amizades e era muito benquisto por todos. Mas percebiam que uma certa angústia o perseguia. Quando embarcado, pouco dormia, em torno de quatro ou cinco horas no máximo. Por mais que tentasse, não conseguia se desligar de seus afazeres, mesmo depois das doze horas de seu turno. Em geral, depois do jantar servido às sete horas, ia ter com o grupo que entrava à noite. Assistia aos telejornais e, em seguida, ia para a sua minúscula sala. Ligava o laptop e acessava os e-mails, navegava pela internet até

mais ou menos onze horas.

Geralmente, adormecia rápido, mas levantava por volta das 4 e meia da manhã, antes dos colegas com quem dividia o camarote. Tomava café cedo, depois conversava com a equipe que trabalhara a noite e, às seis e meia, fazia uma reunião de segurança com o grupo que iniciaria a jornada diurna. Na verdade, um rápido bate-papo sobre as precauções e os cuidados a serem tomados nas tarefas que seriam realizadas durante o dia. Havia embarques que tudo corria às mil

maravilhas, outros eram bem difíceis, mas quando se está embarcado, nunca se tem sossego; várias vezes o alarme de emergência soava, muitas das quais de madrugada, então todos tinham de se levantar às pressas, vestir seus uniformes, colocar os equipamentos de seguranças individuais, as botas, o capacete e os coletes salva-vidas, e se reunir em pontos previamente determinados para, em uma situação real de perigo, tomar os botes salva-vidas, enquanto a brigada de incêndio fosse mobilizada, mas, de



um modo geral, os alarmes soavam por causa de alguma falha nos sensores de detecção de fumaça ou de calor, a não ser em algumas ocasiões quando resolviam fazer algum treinamento para testar a prontidão da tripulação, mas essas simulações não ocorriam em hora imprópria.

Dia de desembarque dava a sensação de dever cumprido. Embora o alívio só viesse quando o substituto desembarcava e ele entrava no helicóptero. Trocavam um rápido aperto de mão no

heliponto e ambos se desejavam boa sorte. O sentimento de ir para casa era bom. Siegfried sempre que estava no interior do aparelho se mantinha tenso, porque geralmente lhe ocorria que de uma hora para outra uma daquelas hélices poderiam parar de repente. Ficava atento ao ritmo e ao barulho que elas produziam e, vez por outra, parecia que a velocidade de rotação mudara. Era uma cisma dele, que não lhe dava sossego até que avistasse a terra. Aí começava a calcular mentalmente a distância

que faltava, para o caso de o aparelho cair e ele ter de nadar, “acho que daqui eu consigo chegar a nado”, pensava, mas procurava limpar a mente desse tipo de pensamento, que logo voltava a atormentá-lo. Quando estava em terra, na casa dos pais, só fazia tirar o atraso do sono perdido no mar.

Muitas das situações que enfrentava não eram de natureza técnica, mas puramente de ordem pessoal ou administrativa. Geralmente, ele se via obrigado a gerenciar as agruras particulares de

seus subordinados. Eram problemas dos mais variados tipos, a mulher de um não conseguia tirar o dinheiro da conta no banco, aconteciam problemas com o cartão, com cadastros, senhas etc. Tais eventos aconteciam com frequência com vários deles e lá ia Siegfried ligar para a administração em terra para saber o que houvera e resolver. Outro queria desembarcar antes do tempo porque soubera pela mãe que a esposa estaria prestes a fugir com o amante e pretendia levar o filho do casal; outro estava em depressão

porque embarcara pela primeira vez e deixara o filho recém-nascido; outro tantos diziam que havia doenças na família e queriam desembarcar, o que era vetado, salvo em casos de falecimento de pai ou mãe, ou desentendimentos entre um e outro. Troca de funcionários fora da escala ou embarque e desembarque de emergência eram evitados de todas as formas por causa do alto custo de uma viagem extra de helicóptero. Siegfried tentava de todos os modos minimizar essas ocorrências, o que

lhe trazia enorme desgaste, pois ele tinha de prestar contas a Erik ou ao seu substituto de tudo que acontecia. E eles não eram condescendentes.

Com o intuito de substituir os tripulantes estrangeiros por brasileiros, a fim de reduzir os custos com viagens, passagens e diárias, acabaram por conseguir também um outro chefe de plataforma que revezava com Erik. Era José Maria Mesquita, um ex-funcionário aposentado pela Petrobras, que fora contratado pela Quest. Apesar de possuir bons

conhecimentos técnicos, como gerente era tido como medíocre, pois gerenciar é também lidar com múltiplas situações técnicas ou não, agradáveis ou desagradáveis, e ele era daqueles que se alguém levasse algum tipo problema, provavelmente voltaria com mais dois, e ainda assim ficaria malvisto por ele, diferentemente de Erik, que possuía uma personalidade oposta, era dinâmico, irrequieto, do tipo que fazia tudo para ontem e não deixava nada para depois; enfrentava os problemas e sempre estava andando

de um lado para outro; falava o que tinha de ser dito sem rodeios e ia direto ao ponto, gostassem ou não. Mesquita era do tipo burocrata, acomodado, quieto, taciturno, e nunca se sabia o que estava pensando. Em um primeiro contato, ele passava uma imagem de ser gente boa, calmo e acessível, porém, nada mais falso, era apenas uma mera impressão, pois no jargão popular, tratava-se de um autêntico “traíra”. Ele tinha verdadeira aversão a assumir responsabilidade, negava o que tinha dito e se algo



desse errado, mesmo sob sua orientação, ele simplesmente tirava o corpo fora e arrumava um culpado. Também na aparência física eles eram oposto. Mesquita era moreno-claro, calvo, baixinho, magro e usava óculos, enquanto Erik lembrava um urso polar, avermelhado pelo sol que tomava de tanto ficar no convés. Apesar de ocupar um posto equivalente ao de Erik, Mesquita se comportava como se fosse um auxiliar dele e, geralmente, na troca de período entre os dois, ambos passavam um

dia inteiro para ver o que tinha acontecido no turno do outro para darem prosseguimento às tarefas e medidas a serem tomadas. Era comum Mesquita andar atrás de Erik como um cão amestrado subserviente, conforme comentavam. O que ele queria era preservar o emprego; e faria de tudo para que fosse assim. Siegfried se equilibrava entre um e outro, mas preferia o temperamento um tanto quanto frio e impessoal do holandês, mais franco, à quietude traiçoeira de Mesquita. Pois algumas vezes,

quando ele embarcava, pegava Erik, outras Mesquita, e também acontecia de passar uma semana com um e outra semana com outro, pois os dois chefes se revezavam a cada vinte e oito dias por ser Erik um expatriado, porém ele já estava por mudar esse tipo de regime para catorze dias embarcado por cusa de uma mulher. Siegfried teria visto o retrato dela na escrivania dele, ela aparentava estar na faixa dos quarenta anos, era mulata e em um raro momento de intimidade, Meijer teria dito que ela era professora

primária, honesta e muito carinhosa, que a conhecera quando esteve perfurando no litoral do Espírito Santo. Ela era de Vitória e ele a tinha conhecido quando passou alguns dias de folga naquela cidade. Parece que o coração duro do holandês teria sido tocado por aquela mulher simples. Por causa dela, ele estava alimentando a ideia de se aposentar de vez e trocar sua fria terra natal por uma casa em uma praia ensolarada. “Parece que a maldição desse holandês terminou, enquanto a minha ainda prossegue”,

disse pra si mesmo Siegfried.

\*\*\*

Enquanto Siegfried amargava dias difíceis, Carlos José parecia ter tido melhor sorte. Mesmo estando em um lugar distante, no interior de Goiás, apesar de a cidade ser pequena, era dotada de uma estrutura razoável. Vivia-se com simplicidade, era um estilo de vida bem diferente de um grande centro. Em compensação, não havia *stress* de trânsito nem violência

urbana, e talvez a compensação maior, segundo ele, era que a cidade parecia ter o dobro ou mais de garotas em relação à população masculina. O que não faltava era companhia feminina, e para todos os gostos, praticamente todo mundo da obra que viera de fora tinha se arrumado naquele lugar. Cazé e Siegfried se comunicavam regularmente por e-mail. Sieg soube que o amigo rompera de vez o romance com Eva. Por fim, a ficha caíra e ele não tinha como manter um relacionamento com ela. A ideia

de se separar da esposa fora posta de lado, pelo menos naquele momento. E, diante da situação de ficar mantendo Eva iludida de um dia poderem ficar juntos, ele preferiu se distanciar. Eva, por sua vez, mesmo sendo uma mulher muito forte, sentiu bastante a decisão que Cazé tomou. No fundo, ela sabia que o romance não daria em nada, mas se iludiu, rezou, pediu a Deus para que seu destino mudasse, sonhou que a sorte sorrisse para ela e vislumbrou uma chance de ser feliz pela primeira vez na vida. Pressentiu que

se não fosse daquela vez, não seria mais. A fim de consolá-la, Cazé prometeu ajudá-la financeiramente dentro do possível, mas ela recusou, tinha orgulho, não queria nada dele, muito menos pena. Com o passar do tempo, a vida de Eva piorou muito, o movimento do restaurante caiu e ela já programava se mudar para outra cidade mais promissora, como Porto Seguro para recomeçar. Contudo, doenças na família a fizeram recorrer a ele, que era sua tábua de salvação. Cazé, que preferiu não romper a comunicação



com ela e manter uma amizade, ajudou-a. Depois disso, mês sim, mês não, economizando o que podia, pois estava ganhando um salário modesto em se comparando com o anterior, ele enviava uma pequena quantia para ela, totalmente movido por desprendimento.

Naquele lugar distante, longe da família, que só visitava a cada dois meses, e sem ter muito o que fazer a não ser trabalhar, ou depois do serviço ir para algum bar beber, coisa que não era adepto, ele preencheu um pouco de seu tempo

entrando para uma academia de dança de salão. Nunca fora chegado à dança, mas resolveu entrar, para, claro, encontrar pessoas da cidade e fazer amizades. Acabou conhecendo uma funcionária pública separada, na faixa dos quarenta anos, natural dali mesmo. Foi com esta pessoa que seus dias de solidão acabaram, pelo menos enquanto esteve naquele lugar.

\*\*\*

Com a chegada do fim do

ano, Siegfried e Roberto combinaram de se revezar durante os festejos de Natal e Ano-Novo. Em se mantendo a escala deles, Roberto passaria as duas datas embarcado. Dessa forma, eles combinaram que Siegfried passaria o Natal em casa e Roberto embarcado, enquanto na passagem de ano se daria o contrário. Essa prática também se estendeu a todo o restante da equipe. Havia alguns que preferiram manter a escala como estava. Nessa mesma época, correu o boato de que Erik estaria para se

aposentar. Teria feito um comentário para um de seus auxiliares próximos e este comentou com mais dois, que passaram o assunto adiante. Logo, o rumor se espalhou, iniciando as especulações sobre quem seria seu substituto. O que todos temiam era a volta de um sujeito conhecido pelos operários por “porco louro”.

No fim do mês de janeiro, desembarcou um sujeito aparentando não mais de trinta anos, com cerca de 1,90, louro e com olhos azuis. Usava óculos, tinha

cabelos curtos e bem penteados. Ele era tão magro que andava curvado, era sisudo, tinha expressões sérias e suas feições eram similares a uma ave de rapina. Tratava-se de Manfred Hagen, que estava ali por determinação da diretoria da Quest, sendo que seu próprio pai ocupava um alto posto nos escalões da empresa. Muitos já o conheciam, pois estivera durante um período na Baltic Star, e deram graças a Deus quando ele partiu. Agora ele retornava e tudo indicava que o pior estava por acontecer. Ele poderia ser

o substituto de Erik. Chefiar uma unidade flutuante de perfuração era parte de seu treinamento para ascender dentro da hierarquia da Companhia.

Quando bateu os olhos no rapaz, Siegfried pensou já tê-lo visto em algum lugar. A fisionomia dele lhe pareceu familiar de algum modo, e ele começou a puxar pela memória de onde o conhecia. Felizmente, para Siegfried, alguns dias depois terminou seu período de catorze dias embarcado e ele deu o lugar a Roberto, sendo que este teria

o infortúnio de passar todo o seu embarque tendo Hagen a bordo.

Uma vez em terra, Siegfried seguiu para a casa de seus pais. A fisionomia do jovem holandês ainda não lhe saíra da cabeça, assim como os comentários que ouvira a respeito do sujeito e dos problemas que ele já tinha causado anteriormente “se tudo que dizem dele for verdade, vai ser difícil aturar”, pensou. Nisso lhe veio a imagem de sua aparência um tanto quanto familiar. Ao folhear alguns livros sobre a Segunda Guerra Mundial na biblioteca do

pai, conseguiu decifrar o enigma. Hagen era a imagem e semelhança de um chefe nazista cuja fotografia ele já vira em um dos livros de História Militar do pai, Reinhard Heydrich, conhecido como o carniceiro de Praga, tamanha a crueldade e desumanidade que exibira quando governara a capital da então Tchecoslováquia à época da Segunda Guerra Mundial. Foi morto por um comando britânico, o que desencadeou uma brutal represália dos nazistas sobre a população local.



Aquele sujeito já havia embarcado algumas vezes anteriormente, mas Siegfried ainda não tinha sido contratado. Naquele período, se devia a Hagen o fato de alguns supervisores de manutenção terem saído, bem como outros tantos de outras áreas operacionais. Literalmente, ele infernizou a vida de todos. Alguns ainda se lembravam dele com antipatia e agora parecia que seu vigor havia redobrado. Mal pôs os pés na plataforma, já dava uma pequena amostra do que seria a sua passagem

por lá.

As boas normas da educação pareciam desconhecidas pelo tal sujeito, qualquer pessoa dotada de um pouco de bom-senso, ao chegar em um novo ambiente e ser apresentado, tentava estabelecer algum laço de boa convivência com os demais, o que não era o caso dele. Erik tratou de fazer as devidas apresentações entre ele e o grupo, e, na ocasião, anunciou que Hagen seria o seu substituto, para tristeza de muita gente. O plano inicial consistia em ele passar um período

de dois embarques em companhia de Erik para que ele lhe transmitisse toda a rotina dos serviços de perfuração, bem como outras atividades pertinentes, depois ele tiraria as férias de Van Der Meijer por trinta dias e uma avaliação seria feita. Ajudava o fato de que Hagen, apesar de sua pouca idade, não ser marinheiro de primeira viagem. Aquele protótipo de tirano, no entanto, durante a apresentação da tripulação feita por Erik, portou-se com extrema descortesia. Para alguns, apenas fez um aceno de

cabeça, para outros nem se deu ao trabalho.

Arrogância, prepotência e antipatia eram seus maiores atributos. Hagen se sentia como um semi-deus, um ser superior, que estava naquela plataforma para ser adorado e admirado por todos, e não titubeava em destratar qualquer um se fosse contrariado de alguma forma. Diante do fato irreversível de que Erik estaria fora, alguns funcionários se puseram a adular o porco louro, “afinal, ele seria o novo chefe”, diziam. E o fizeram de

forma tão ostensiva e ridícula que acabaram por atrair a antipatia dos demais colegas; contudo, servilismo parecia lhe dar um prazer em especial.

Quando Hagen estava ao lado de Meijer, ele até que se continha, mas bastou este virar as costas que ele começava a fazer suas “inspeções” particulares. Vistoriava as tarefas, dava palpites, irritava muita gente e observava a todos com olhos críticos e poucos amistosos. Inicialmente, concentrou sua atenção nos serviços de

perfuração para desconforto daqueles que trabalhavam naquela tarefa. Se alguém ia ao banheiro, ele ficava olhando com cara feia, se iam tomar água, também não lhe agradava, uma pausa qualquer entre uma tarefa e outra ele queria saber o que estava havendo. Sempre abordava os funcionários de forma pouco amistosa e autoritária. Não demorou muito, passou a focar o grupo de manutenção e começou a implicar com os subordinados de Siegfried e de Roberto, todos brasileiros. Logo se fez notar que

ele adotava uma atitude discriminatória; exibindo um comportamento desagregador e nefasto, praticamente toda a equipe passou a detestá-lo. O ambiente de descontentamento acabou por levar a vários pedidos de dispensa por parte de muitos trabalhadores.

Hagen também era notoriamente conhecido por outra característica, não usava desodorante, não tomava banho e raramente trocava seu macacão de trabalho. Isso fazia com que sua presença fosse sentida de longe. Ele

exalava um forte mau cheiro, daí a origem do apelidado; até os estrangeiros caçoavam dele. Uma reunião a portas fechadas com o rapaz tinha o efeito de uma tortura, tamanho era o odor insuportável que ele exalava. Apesar de ter uma lavanderia a bordo que funcionava durante vinte e quatro horas, bastava colocar o uniforme de trabalho para lavar no fim do dia que este estaria limpo e entregue antes do expediente do dia seguinte, mas nem assim Hagen tomava jeito. Ele era completamente relaxado em



relação aos cuidados com a higiene pessoal.

Quando Siegfried retornou de sua folga à plataforma, ficou sabendo, por meio de Roberto que, bastante irritado, declarou que o “carinha” era intragável e que passaria todo o tempo de sua folga procurando outro emprego. Felizmente, para Siegfried, aquele embarque teria Mesquita como chefe, apesar de que, com este, todo cuidado era pouco. Teria de ficar vigilante o tempo todo, sempre com um pé atrás. Com as informações

que colheu com outros tripulantes e também com alguns de seus subordinados, concluiu que a semelhança entre Hagen e o “Carniceiro de Praga” não eram somente físicas, mas também comportamentais.

Os dias e as semanas foram se sucedendo, da mesma forma com os embarques e desembarques, assim como o descontentamento de todos em relação a Hagen. Tanto Siegfried quanto Roberto se queixaram das atitudes dele a Meijer, quando este voltou das

férias . Depois de muitas reclamações vindas de todas as partes, inclusive de alguns tripulantes estrangeiros veteranos, Erik resolveu falar com “Heydrich” e fazer com que ele compreendesse que se continuasse daquele jeito, possivelmente ficaria sozinho. Depois disso, o sujeito conteve um pouco mais suas atitudes autoritárias e destemperadas, mas, de maneira geral, a equipe de manutenção composta por brasileiros ainda era alvo de seus maus modos, mas todos sabiam que

uma vez com Erik fora dali, ele voltaria a fazer das suas de forma irrestrita.

Apesar do aparente disfarce depois da conversa tida com o velho chefe da plataforma, Hagen vez por outra punha sua rispidez para fora. Siegfried e Roberto tinham atritos constantes com ele, e ambos compreenderam que nenhum dos dois teria vida longa na empresa depois da saída definitiva de Erik. Tanto um quanto o outro estavam tentando arrumar outro emprego, sendo que o Roberto teria sorte

melhor, pois arranhou um nova colocação em uma empresa de Engenharia em Macaé e trabalharia em terra. Prometeu tentar arrumar uma posição para Siegfried, mas não havia previsão para quando seria. Seu substituto era um ex-oficial de máquinas da Marinha Mercante, na faixa dos trinta e cinco anos, com alguma experiência no ramo. Com a maré de sorte tornando a virar novamente em sentido oposto, Siegfried se viu contrariado e triste, vislumbrou que não demoraria a ficar desempregado de

novo. Então, em um dos dias de seu desembarque procurou Moraes e o pôs a par dos acontecimentos, na tentativa de que este pudesse vir em seu auxílio, tentando uma transferência para outra plataforma ou embarcação.

Moraes já estava a par do que estava acontecendo, conhecera Hagen da vez anterior, e fora a mesma coisa, o cara era um criador de problemas, despertava todo o tipo de sentimento negativo na tripulação. Siegfried não fora o primeiro a se queixar, ele mesmo,

que cuidava dos assuntos administrativos em terra, teria de lidar com aquele “nazista”, e a exemplos dos outros se sentia bastante desconfortável. Diante do pedido de transferência que Siegfried lhe fez, Moraes lamentou a situação e apenas lhe disse que infelizmente não havia o que fazer, o jeito era levar com calma

– Só tendo sangue de barata para suportar aquele cara – respondeu Siegfried irritado.

Moraes se manteve em silêncio e Siegfried, desconsolado,

pressentiu que sua saída não tardaria.

Os voos de helicópteros para a Baltic Star ocorriam duas vezes por semana, enquanto os barcos de suprimentos e apoio vinham e iam dia sim, dia não, ou mesmo a cada dois dias. O pessoal em terra da administração enviava jornais e revistas e muitas chegavam com atraso. Mesmo assim, eram disputadas a tapa. Elas ficavam disponíveis no salão de jogos e era preciso correr para pegá-las, pois alguns tinham o hábito de levá-las



para os respectivos camarotes e as deixavam lá. Além das revistas semanais com as notícias e matérias jornalísticas, vez por outra vinham revistas masculinas, de esportes, automóveis e até mesmo de celebridades. Foi em uma dessas publicações que Siegfried deparou com três fotos de Roxane. Mais surpreso ficou quando constatou que em duas das fotografias ela usava exatamente as roupas que ele trouxera da Europa e que foram responsáveis por sua ruína. Em um elegante vestido preto, ela aparecia

ao lado da mãe, da prima e arquirrival Samara e de outras *socialites* em uma festa beneficente. Na outra, estava trajada como uma amazona no haras do avô. Havia uma pequena matéria falando sobre a herdeira dos Armadunians. Roxane, por meio de Felipe Rossi e de Helena ganhou acesso ao mundo das celebridades, dos ricos e famosos. Ao olhar as fotografias, ele viu como ela estava linda e como os trajes lhe caíram bem. Por pouco não foi até a cabine telefônica, no interior da

plataforma, para ligar para ela e dizer o quanto ela estava radiante e bela, mas logo caiu em si e viu que os tempos eram outros, só lhe restou resignar-se e amargar a tristeza, porém, quando virou a página seguinte havia mais uma foto, desta vez ela aparecia ao lado de um homem aparentando cerca de trinta e sete anos, com um belo porte, moreno, alto, bem-vestido. Os dois estavam abraçados e a matéria dizia que Roxane Armadunian ficara noiva do filho mais novo do senador J, e que o casamento aconteceria em

breve.

## **As Bodas de Odalisca**

Entre o tempo em que ficou desempregado e o período em que passou embarcado, já haviam se passado alguns anos. Durante aquele período, ele não tivera mais notícias de Roxane. Diante dos nefastos acontecimentos que se precipitaram sobre ele, tendo ela como pivô, além tê-lo ferido de morte em seu

orgulho, pois em seu entender ele fora menosprezado, sentiu-se humilhado pelo pouco caso da parte dela, e de tê-lo feito alimentar falsas expectativas enquanto já estava de encontro marcado com Abel e Diógenes , ele nunca mais quis procurá-la, mesmo gostando dela, até que viu as fotos na revista, que lhe geraram um sentimento misto de espanto e decepção. Finalmente, ele caiu em si e compreendeu que jamais, em tempo algum, poderia haver algum tipo de chance com Roxane. A família dela jamais

permitiria que ela viesse a se casar com um “plebeu”, por assim dizer. E ela também era parte daquilo, tudo não passara apenas de um sonho, deixando a sensação de que fora apenas um mero passatempo dela, uma brincadeira de ocasião, para quem não tem nada melhor a fazer até que um substituto apareça. A vida sentimental de Siegfried, desde então, havia se transformado em um deserto seco e árido. Ele nunca mais se interessou por ninguém, o que ele mais ansiava era ter de volta sua carreira interrompida e restabelecer

seu orgulho profissional.

Ao ver a fotografia em que ela aparecia ao lado do filho do senador J, ele ficou perplexo, pois durante o tempo em que estiveram juntos, não foram poucas as vezes em que ela própria disse ter nojo de política e de políticos, inclusive, à época, disse ter ojeriza àquele que seria futuramente o pai de seu atual noivo. Discordava de ver o pai filiado e posteriormente candidato de um partido que compunha a chamada base aliada do governo, cujo objetivo era a troca de apoio



político por cargos públicos e outras negociatas; seus membros, com raríssimas exceções, eram manifestamente conhecidos não pelos seus ideais, mas pela prática desenfreada de corrupção e ambição desmedida, e era o mesmo partido ao qual pertencia o senador. Agora estava de casamento marcado com o filho de um eminente cacique desta mesma malta que outrora disse ter horror. Viria a ter laços de parentesco com um homem que era o símbolo da oligarquia, o nome do senador J era sinônimo de

retrocesso e atraso na política nacional; o próprio César já estampara manchetes de jornais de grande circulação com o pai e outros irmãos de forma nada lisonjeira, muito pelo contrário, pois, ao longo dos anos, pesava sobre o senador J e sua prole vários tipos de acusações, tais como tráfico de influência, nepotismo, grilagem de terras no Norte do país, improbidade administrativa, má-gestão de verbas públicas pelos órgãos do governo, aos quais ele e seus familiares passaram, além de

muitos outros tipos de delitos em que a política e o interesse pessoal se misturavam. O senador, desde que iniciara sua carreira política como deputado, sempre estivera ao lado do governo, não importava a ideologia, quer de esquerda ou de direita, ditadura ou democracia, mudava de lado sem pestanejar para manter seu poder de influência e desfrutar de todas as benesses do poder.

\*\*\*

Tão logo Siegfried desembarcou da Baltic Star, tinha pela frente catorze dias de folga. Depois de passar alguns dias no interior, na casa dos pais, foi até o Rio de Janeiro a pretexto de rever alguns amigos e fazer contatos, entre os quais Cirilo, podia ser que ele pudesse lhe dar alguma indicação, pois não via a hora de arrumar alguma outra coisa e dar o fora do trabalho no mar. Mas, antes de ir ter com o amigo, ele foi direto ao *shopping* e passou na loja em que Maria Alice era gerente, uma vez

que eles ainda mantinham algum tipo de ligação. A comunicação entre ambos se dava esporadicamente por e-mail .

Maria Alice, ao vê-lo entrando na loja, surpreendeu-se. Havia muito tempo que não se viam, apenas trocavam mensagens triviais. Ela o recebeu com um largo sorriso, mas notou um semblante angustiado nele.

– Siegfried, você por aqui?  
Há quanto tempo! – disse ela.

– É a correria da vida –  
tentando disfarçar um certo

desconforto –, desembarquei há alguns dias e estou aproveitando a folga para rever alguns amigos, sondar o mercado de trabalho, não vejo a hora de sair da plataforma.

Ele queira perguntar sobre Roxane, mas se sentia constrangido, mas Maria Alice acabou falando:

- Tá sabendo da última?
- Sobre? – perguntou ele.
- Roxane está de casamento marcado.

- Eu vi em uma revista e não acreditei, principalmente ao ver o noivo.

– Quando soube, também duvidei que fosse verdade – disse ela, mostrando algum tipo de surpresa.

– É inacreditável! Esse cara não tem nada a ver com ela – argumentou. – E completou: – Ela me disse incontáveis vezes que tinha horror a político e mencionou como exemplo do que há de pior nesse meio: seu agora futuro sogro.

– Para você ver como as pessoas mudam – respondeu ela.

Além de dizer que também fora surpreendida pela notícia do

noivado da prima, Maria Alice lhe contou que tinha suas dúvidas de que Roxane viesse a ser feliz em uma união com aquele tal de César, pois, conhecendo a prima como ela conhecia, eles tinham muito pouco em comum, e ainda acrescentou que o noivado fora uma espécie de negociação envolvendo um banco de investimento e a Atlas, e o senador como patrocinador. Siegfried ouviu tudo com surpresa, a possibilidade de vê-la casada lhe parecia absurda, ainda mais com aquele tipo de homem e pelo motivo que acabara



de saber, mas era um fato.

Naquele ano em que Roxane ficou noiva, a Atlas apenas se equilibrava para não cair. Salomon permanecia irredutível com a obsessão de derrubar Leon da comando e assumir as rédeas da empresa, mas Ismail, após um esforço sobre-humano de força de vontade e sob constante terapia, recuperou-se a ponto de voltar ao comando da sua Companhia, mesmo sob oposição da família, e assim pôr as coisas nos devidos lugares, pelo menos em parte. Ele estava com

dificuldade, seus movimentos eram lentos e também tinha problemas com a fala, que foi melhorando com o auxílio de fonoaudiólogos.

Contudo, seu raciocínio estava intacto. Obviamente, ele desempenhava suas funções de forma parcial, tinha acompanhamento de enfermeiras 24 horas por dia e visitas médicas constantes. Dava expediente na empresa pelo menos dois dias na semana, o restante despachava com seus executivos em um dos aposentos da sua casa, que fora

convertido em escritório. Graças às suas articulações nos meios políticos e empresarial, conseguiu dar fôlego a sua cambaleante Corporação. A primeira coisa que fez ao retornar à Atlas foi perguntar por Lázaro, a segunda, por Siegfried. A família, no entanto, habilmente omitiu o motivo da saída de um e de outro, simplesmente lhe disse que ambos pediram demissão em razão de novas oportunidade de trabalho. Ismail teria ficado sentido em saber que dois de seus melhores

executivos teriam abandonado o barco em um momento em que mais se faziam necessárias a presença deles.

O noivado entre Roxane e César se deu por causa de uma série de fatores. A Atlas passava por dificuldades, e atendendo ao apelo do presidente da Atlas, o senador resolveu ajudar, porém ele não era o tipo de gente que estendia a mão a alguém sem ter algo em troca, não era movido apenas por laços afetivos, apesar de conhecer Ismail desde a juventude, pois seus pais

foram amigos. O plano do astuto político incluía controlar parte da Atlas, para que esta lhe servisse de instrumento para alcançar seus objetivos. Para isso, contava com um banco de investimento. Seus olhos se voltaram em especial para o ramo de mineração, que parecia muito promissor, pois as *commodities* estavam em alta no mercado internacional. Dispondo de informações privilegiadas, seu plano tinha em vista uma nova jazida de minerais nobres na selva amazônica ainda intocada. Para

viabilizar o que planejara, ele queria para si o controle de parte do Conselho de Administração da Companhia, pois sabia que o governo planejava investir pesado em infraestrutura, o que seria mais uma fonte de recursos para ele.

Na avaliação de Ismail, a fatia que o senador propôs foi muito grande, e ele relutava em aceitar. O preço lhe parecia muito alto, as negociações tinham chegado a um impasse, até que entrou no jogo o filho do senador, César, que já estava de olho em Roxane fazia

tempos, pois ela ganhara bastante visibilidade ao namorar Felipe Rossi. Desde aquela época ela figurava em revistas de celebridades e colunas sociais, bem como marcava presença nos mais diversos tipos de eventos. Em um deles, precisamente em uma festa de encerramento de um rally, Roxane estava radiante acompanhada por Felipe e amigos. Nessa ocasião, César era um dos participantes e foi lá que sucumbiu aos encantos dela. Usando pessoas conhecidas em comum, César pediu para ser

apresentado a ela. Depois disso, nunca mais a tirou da cabeça. Soube que sua família e a dela eram amigas de longa data e, assim, iniciou uma aproximação, tendo Leon como ponte.

César, então senador suplente do pai, eleito por um dos estados da região Norte, praticamente não punha os pés lá. Vivia no Rio de Janeiro, cidade em que nasceu e passou parte de sua vida. Diante das artimanhas do pai para prolongar o poderio de sua descendência pelas gerações futuras,



César se viu obrigado a transferir seu domicílio eleitoral para aquela localidade para se tornar elegível, pois caso o pai se visse obrigado a se retirar da vida pública, ele estaria ali a postos. Usando de muito tato, César começou a fazer parte do rol de amizades íntimas da família Armadunian, afinal, Leon e ele eram do mesmo partido e tinham um patrono em comum, o senador J, mas isso levou certo tempo, uma vez que Roxane ainda estava com Felipe à época, depois se voltou para Abel, que pediu um

distanciamento entre ambos.

Diante das mais variadas demonstrações de interesse que César manifestava em relação a Roxane, logo a família Armadunian iniciou uma ofensiva para que ela também ficasse mais suscetível aos galanteios de seu pretendente. A decisão de iniciar o namoro estava nas mãos dela, pois César estava de forma definitiva caído por seus encantos. Quem mais fazia pressão para que Roxane se entendesse com ele era o avô, em seguida Leon e Laura. Ismail vislumbrou que uma

vez sua neta casada com um dos filhos do senador, o laço de parentesco poderia tornar mais fácil os negócios com ele, além de possibilitar a abertura de novas portas, pois havia rumores de que o senador poderia vir a se tornar ministro, e seu filho, como suplente, tomaria posse no senado. Dessa forma, ele esperava extrair benefícios da união, e a Atlas voltaria aos velhos tempos de bonança.

César, sabedor das dificuldades pelas quais passava a

empresa da família de sua amada, intercedeu junto ao pai e aos seus sócios banqueiros para que facilitassem a vida da empresa, e assim foi feito. Roxane viria a se casar com César e este teria assento no conselho da Atlas, pois representava o mais novo sócio da Companhia, um banco de investimento que injetaria recursos necessários para fazê-la se reerguer, porém, o valor do aporte não fazia com que pudesse controlar o grupo. A fatia que o senador poria as mãos não fora a que ele inicialmente

planejara, mas diante do casamento do filho com uma das futuras herdeiras, ele se deu por satisfeito, pelo menos por enquanto.

César tinha um bom porte físico, moreno, alto, cabelos negros e encaracolados, sempre bronzeado e metido em jeans e camisas de malha apertadas a fim de mostrar seus músculos. Ele gostava de esportes arrojados e não perdia a chance de exibir sua personalidade de macho alfa. Adorava competições em que pudesse demonstrar sua pretensa

masculinidade superior e se sentia como um herói de filmes de ação; isso incluía as mais diversas situações do cotidiano. Ele era daqueles que detestavam perder, e isso se aplicava a qualquer situação, mesmo as mais triviais; era famosa sua disposição de se meter em encrenca; não foram poucas as vezes em que foi parar em delegacias por brigas de trânsito, desacato a policiais e por dirigir embriagado. Aliás, quando bebia era o tipo de sujeito difícil de aturar, além de fazer uso eventual de

cocaína. Sua vida sentimental também não era dos melhores exemplos, tinha fama de mulherengo e, mesmo tendo um *status* social elevado, parecia não ser seletivo. As más línguas diziam que ele escolhia suas namoradas pelo tamanho do traseiro que possuíam e pela pouca massa encefálica. Tinha dois filhos com mulheres diferentes, resultantes de namoros rápidos; algumas de suas ex-namoradas ou casos fortuitos já haviam posado para revistas masculinas de segunda linha e

passado pela mão de jogadores de futebol, além de saírem como destaques em escolas de samba, onde tiveram seus poucos minutos de fama. Eram notórias suas crises de ciúmes homéricas seguidas por pancadaria e agressões físicas às namoradas. Praticante de jiu-jitsu, sempre que aparecia uma oportunidade não perdia a chance de se mostrar. Seu comportamento agressivo e exibido o acompanhava desde a adolescência. Apesar de o senador ter tentado de tudo para dotá-lo de uma boa formação,



inclusive o mandando estudar em uma escola de negócios nos Estados Unidos, onde ele torrou muito dinheiro nos cassinos de Las Vegas, pois tinha irremediável queda por jogatinas. Além disso, era visto com certa regularidade arriscando a sorte no balneário uruguaio de Punta Del Este.

Por fim, ela acabou cedendo e iniciou o relacionamento com ele. Ademais, César era fisicamente atraente, pelo menos a gana de sexo de Roxane seria satisfeita. Intelectualmente, ele não fazia o

tipo dela. Era avesso à literatura e não ligava para música, ao contrário dela, que tinha verdadeira paixão. No cinema, enquanto ela tinha predileção por dramas densos, histórias românticas e comédias leves, ele gostava de filmes de ação e pancadaria. Um de seus programas favoritos de TV eram as lutas de UFC. Quando ela conversava com ele sobre artes, por exemplo, ele achava o assunto aborrecedor. Sua cabeça girava em volta do mundo dos negócios em que pudesse ganhar dinheiro de modo fácil, negociatas,

por exemplo, o que não negava suas origens. Parecia que a única coisa que Roxane e César tinham em comum era o gosto pelo jogo de pôquer, varavam madrugadas com amigos se divertindo.

Graças ao pai, César já ocupava cargos em empresas estatais e outros tantos postos na administração pública. Por influência do seu progenitor, que era muito bem informado e conhecedor dos meandros do governo, César até já fora diretor de uma mineradora multinacional. Evidentemente, ele

fora apenas o testa de ferro do pai, tendo atrás de si um numeroso séquito de auxiliares e assessores. Na política, fora moldado pelo senador para ser um ator, às vezes aparecia nos jornais que sua família controlava nas suas regiões de influência, artigos versando sobre temas nacionais cuja autoria era assinada pelo filho, mas quem escrevia eram os auxiliares, pois ele era um péssimo articulador.

O senador J também se impressionara com sua futura nora, nas palavras do próprio: “Roxane

reúne beleza e inteligência, é espirituosa, conversa bem, é atualizada, de boa família, tem boa formação e é a companhia ideal para o meu filho, é a grande mulher por trás de um grande homem”, repetia. O senador achava que César, uma vez casado com uma verdadeira lady, cessaria a vida desregrada e de excessos que levava e tomaria novo rumo. Queria prepará-lo para altos voos no cenário nacional.

Roxane se viu envolta em uma cadeia de acontecimentos irreversíveis com os quais não havia

como retroceder nem escapar. De repente, ela se transformara em uma peça-chave em que o futuro da empresa de sua família estaria atrelado ao dela. Envaidecida diante de tanta badalação em torno de si, aquela situação lhe parecia divertida, “de repente virei o centro das atenções de todos. Quem diria que o patinho feio da família pudesse se transformar na ave mais admirada?”, pensava e ria para si mesma da situação. Assim, começou a experimentar uma espécie de doce sabor de vingança

“queria ver a cara daqueles que riram de mim um dia”, ela se referia à prima Samara e a algumas colegas de faculdade e colégio, que achavam que ela não passava de uma enalhada meio sem graça, pois mal sabiam da vida secreta que levava.

César fazia sua parte, tentava por todos os meios agradá-la e fazer suas vontades. Comprava joias caras, presentes diversos e procurou saber do que ela gostava para penetrar no mundo dela, bem diferente do dele. Desta vez, ela fez a coisa certa, sabedora do que estava

em jogo, ela bancou a difícil. César teria muito trabalho para levá-la para a cama, o que fez com que ele redobrasse os esforços de conquista. Roxane se sentia como uma princesa cortejada por um poderoso príncipe. Contudo, ele logo começou a ter acessos de ciúmes doentios por ela, pois começaram a soprar em seus ouvidos que Roxane não era aquela princesa que ele pensava. Uma das netas do senador J, filha de Leopoldo e com idade regulando com a dela, a mesma que coincidentemente estivera tempos



atrás na recepção em que Roxane viu Siegfried pela primeira vez na casa de Ismail, soube por amigos comuns e também pela rival Samara, que estava inconformada pela súbita notoriedade da prima, que pairavam muitas sombras sobre a noiva do tio. Vieram à tona boatos de que Roxane saíra com vários professores na faculdade, muitos dos quais casados, que já fizera sexo com dois parceiros simultâneos, e, inclusive, falaram sobre um tal de Siegfried, ex-executivo da Atlas. Esse nome, César guardaria na

cabeça. Apesar de tudo, achava que tinham inveja dela, que grande parte era calúnia. Soube também da predileção dela por homens maduros, o que agravou as crises de ciúmes que ele tinha e que estavam se tornando frequentes. O que lhe contaram fora apenas uma fração da vida dupla que ela levava.

Ele fugia totalmente dos padrões de relacionamento aos quais até então ela tivera, ou seja, homens bem mais maduros, tipos intelectuais. Roxane se sentiu atraída fisicamente por ele, afinal,

ele era um belo rapaz, mas não o amava. César estava mais para aqueles que se enquadravam para aventuras rápidas, do tipo sexo por uma noite e nada mais. Quem conhecia Roxane tinha dúvidas se aquele casamento tinha futuro em médio e longo prazos.

Quem quase teve um ataque ao saber do noivado dela foi Hidalgo Javier, que não gostou nada da notícia. Logo fez Fred saber do que estava por acontecer e em uma tentativa escusa de abortar o casamento, convenceu-o a vir ao

Brasil conversar com Roxane e tentar fazê-la sair fora daquele compromisso; ela balançou diante de Fred, mas declarou que a situação não tinha volta. A alguns amigos que a conheciam melhor, declarava que mudara, “odalisca ficou para trás, é passado. Lussin agora é só uma lembrança de uma noite de lua cheia”.

Quem esteve presente à cerimônia de casamento entre Roxane e César, relatou que fora um dos mais marcantes acontecimentos da sociedade carioca, além da

presença da elite da cidade, também estiveram Ministros de Estados, políticos dos mais diversos partidos, grandes capitães do empresariado nacional, entre outros. A cerimônia sob o rito da Igreja Cristã Armênia aconteceu no haras em Itaipava, sob o abrigo de tendas enormes decoradas conforme a cultura da Armênia, da Rússia e sírio-libanesa. Tudo foi digno de um conto das mil e uma noites. A festa foi rica e suntuosa. Muitos comentaram jamais ter visto algo assim em toda sua vida. Lá estavam pessoas dos

mais altos níveis da sociedade do país, acostumadas a vivenciar eventos dos mais diversos. No entanto, se viram boquiabertos com o que presenciaram, além da farta bebida e do banquete, houve apresentação de grupos de dança folclóricas da Armênia, Rússia e Síria. A cerimônia foi preparada com meses de antecedência e foram contratados consultores em eventos para cuidar de tudo. Ismail deu ordens para que as bodas de sua primeira neta fossem do mesmo nível da união de duas casas

monárquicas europeias.

A lua de mel do casal durou cerca de vinte dias, entre Europa e Estados Unidos. E ele não perdeu a oportunidade de levá-la a Las Vegas, onde, além de assistirem a vários espetáculos, perderam uma considerável soma em cassinos. Roxane passou dias com a consciência pesada, mas para César pareceu tudo bem natural.

As fotos do casamento foram amplamente divulgadas em revistas de celebridades. Siegfried as viu e passou dias e mais dias amargurado;

era do tipo de sofrer calado, por todos os meios possíveis tentou manter seu bom humor sem deixar transparecer nada e até guardou as revistas com as fotografias.

\*\*\*

Apesar de toda a empáfia que Heydrich apresentava, Erik avaliou que o rapaz ainda necessitava de um pouco mais de treinamento para reunir condições de se tornar gerente de uma sonda de perfuração. A atitude do chefe o



deixou furioso, pois ele se achava altamente competente. A direção da Quest não questionou a opinião do velho lobo do mar e dessa forma adiou um pouco mais sua aposentadoria, a pedido do próprio, que se achava responsável pelo treinamento dele e não queria que, uma vez ausente, as coisas ali não dessem certo. Ademais, um outro especialista em sonda também avaliou a performance de Hagen e concluiu que levaria ainda um pouco mais de tempo para que ele pudesse assumir o cargo tão

almejado. O fato é que Siegfried viu suas chances de permanecer empregado se prolongarem por um período maior. Enquanto isso, esmerava-se em enviar curriculum e renovava seus contatos com amigos e conhecidos, mas seus esforços pareciam em vão.

Seis meses se passaram, e em um determinado dia, quando Siegfried estava embarcado, recebeu um telefonema de Moraes, o gerente administrativo da empresa. Ele pediu que tão logo desembarcasse, passasse no escritório para uma

conversa. Siegfried pediu para adiantar o assunto, mas Moraes preferiu não dizer, apenas adiantou que não se preocupasse, seria apenas um bate-papo informal. Siegfried passou o restante dos dias com a pulga atrás da orelha “isso não está me cheirando bem”, pensou. Ficou preocupado com o telefonema, supôs que se tratava de sua demissão “é assim que eles agem quando querem alguém fora, nunca dizem enquanto o cara está embarcado para não fazer nenhuma besteira, uma vez em terra lhe

comunicam que não volta mais”, pensava.

Siegfried desembarcou uma semana depois e foi até o escritório, também chamado de base, para ver o que Moraes queria. Esperava pelo pior. Moraes, ao vê-lo, perguntou:

– Então, como foi o embarque?

– Correu tudo bem desta vez, alguns probleminhas, mas nada de grave – respondeu.

– Bem, tenho boas e más notícias – declarou Moraes.

Nisso Siegfried pensou que

seria demitido.

– Então, fale a má.

– Erik está indo embora e Hagen está assumindo. O que você acha?

– Péssimo! A notícia realmente não podia ser pior, algo mais de ruim? – riu.

– Bom, é o seguinte: a Quest está transferindo o diretor da América Latina da Venezuela para o Brasil e tudo indica que vamos fechar nosso escritório naquele país. Talvez deixaremos apenas uma pequena representação lá, sabe

como é, muita turbulência política e incertezas. Estamos mudando o foco de investimentos para o Brasil e outros países da região. Inclusive, acabamos de adquirir uma concessão de um campo de petróleo e gás no Peru. O diretor, Alistair Morgan, mais conhecido por “Sandy Morgan”, está precisando de um gerente de construção, e é aí que você entra. Na verdade, outros dois que estavam nesta posição desistiram. O Sandy está vindo para cá acompanhar mais de perto essa operação, que para empresa é

estratégica.

Diante do que acabara de ouvir, Siegfried abriu um largo sorriso e mal pôde acreditar na notícia, “por fim”, pensou, “prevaleceu a justiça divina”.

– Pelo que sei – Moraes prosseguiu –, teremos de construir todas as instalações necessárias para desenvolver esta jazida, que se localiza em um campo abandonado por uma empresa argentina há mais de dez anos. Está caindo aos pedaços, teremos de construir escritórios, alojamentos, instalação

de uma planta de processos, um pequeno aeroporto e mais um monte de outras coisas. Eu já havia me adiantado e mandei seu curriculum para ele, que se interessou. Está chegando ao Brasil na próxima semana, eu o aviso para marcar a entrevista, claro, mas antes preciso saber se você topa.

– Com a saída de Van Der Meijer da plataforma, eu não tenho muita escolha. Não há como conviver com Hagen, o cara é muito difícil e a proposta que você acaba de me fazer é bem mais atraente,



está mais alinhada à minha experiência. E as condições? Por que você sabe que fui contratado muito mal para embarcar. Para ir para outro país e com nova posição, os termos terão de ser outros.

– Sandy vai lhe dar todos os detalhes da obra, as condições salariais e outros benefícios. Você vai gostar dele, é um cara muito bom de trabalhar, um sujeito agradável e ótimo de tratamento. Eu também estou me mudando de Macaé para o Rio de Janeiro, pois estamos alugando um escritório

maior no centro da cidade. Além disso, o projeto do campo de petróleo e gás vai ser desenvolvido no Brasil e no Peru e eu também estou me juntando ao time deste empreendimento.

Depois de conversarem mais um pouco, Siegfried saiu exultante e feliz. Fazia muito tempo que não recebia uma notícia boa, parecia que sua chance de se reerguer e retomar sua carreira havia aparecido, e ele não deixaria a oportunidade passar. Contudo, o detalhe mais importante Moraes não revelara: o local exato

da obra. Apenas dissera que era no Peru, e Siegfried se pôs a se perguntar em que local poderia ser, também ficou pensando no porquê dos outros dois terem desistido.

Durante os dias de folga que antecederam a entrevista com o tal Alistair Morgan ou Sandy, Siegfried se pôs a pesquisar por conta própria sobre províncias petroleiras no Peru. O que achou não foi muito promissor. Todas as explorações recentes e prospecções apontavam para um lugar: a Amazônia peruana. “Com toda certeza, em um lugar

como aquele, deveria ser montada uma superestrutura de apoio com helicópteros, aviões, barcos, viagens quinzenais, tal como num serviço embarcado no mar, porque na Amazônia brasileira se deu assim”, pensava. Assim, pôs-se a especular, mas rezava por todos os céus que estivesse enganado, que o tal campo de petróleo fosse em outro lugar, com melhor infraestrutura, “ou quem sabe próximo ao litoral peruano”, pensou.

Dez dias depois da conversa entre Siegfried e Moraes, este

último o chamou para a entrevista com Morgan, marcada no hotel em que ele estava hospedado: um cinco estrelas da Zona Sul do Rio de Janeiro, de frente para o mar, pois o escritório no centro ainda não estava totalmente pronto.

Alistair Morgan era escocês, alto, magro, com uma barriga de cerveja, aliás, era um voraz apreciador da bebida, assim como do chope escuro. Tinha os cabelos curtos e encaracolados, era ruivo e sardento, daí o apelido de “sandy” adquirido ainda na infância. Não foi

bem uma entrevista, mas um agradável bate-papo, bastante descontraído, que aconteceu no restaurante do hotel, onde Sandy o convidou para um agradável e saboroso café. A conversa foi em português e espanhol, porque Morgan insistia que fosse assim. Ele se recusou a falar em inglês porque queria aprender o idioma português o quanto antes. Ele era fluente em espanhol, pois já estava na Venezuela havia uns dez anos. Sua atual esposa era venezuelana. Conforme Moraes afirmou, a

primeira impressão que se tinha dele era boa, era um tipo risonho, amável e parecia ser bem natural. Ambos se entenderam muito bem. Mas, durante a conversa, Sandy revelou o que Siegfried tanto temia ouvir. O serviço era na selva, na fronteira do Brasil com o Peru, nas imediações do Acre. Por instantes, Siegfried deu uma baqueada, tinha esperanças de que fosse em outro lugar, mas não havia como voltar atrás. Compreendeu que podia ser a sua chance de se reabilitar, por mais difícil que parecesse. Siegfried

ficou sem saber sob quais condições ficaria, ou seja, número de passagens aéreas a que teria direito, regime de viagens e muitos outros detalhes, inclusive, o principal, o salário. Para muitas questões, Morgan disse apenas “vamos ver”. Ele acenou com uma proposta de um bônus em torno de cinco salários a mais por ano, além do décimo terceiro garantido por lei, caso o custo da implantação do empreendimento ficasse abaixo do previsto, o que era óbvio que ficaria, pois a pressão seria grande.



Siegfried percebeu que as cobranças seriam duras, pois em geral os tais bônus são distribuídos de alto a baixo escalão, incluindo o próprio Morgan e os demais que fariam parte do projeto. Todos seriam duramente cobrados para atingirem metas, pois a falha de um, comprometeria o desempenho de todos.

O petróleo costuma aparecer em lugares remotos e inóspitos, não seria a primeira vez que se extrairia esta rica matéria-prima na selva. Siegfried esperava que teria à sua

disposição todos os recursos possíveis para levar a cabo a missão que lhe fora atribuída, pois havia muito dinheiro em jogo, mas a Quest queria lucrar muito e gastar o mínimo, portanto, ele teria um longo e tortuoso caminho a percorrer.

## **Era uma Vez no Oeste**

O novo escritório da Quest no Brasil foi instalado em um moderno edifício, na avenida Rio Banco, centro do Rio de Janeiro, próximo à famosa praça Mauá. Ficava em um andar alto e ocupava a parte dos fundos, onde se podia desfrutar de uma deslumbrante vista da Baía da Guanabara e arredores.

Diante disso, trabalhar naquele lugar tinha um atrativo a mais. As instalações foram decoradas com sobriedade e elegância, próprias de uma multinacional de petróleo. Alistair Morgan ocuparia uma ampla sala e teria uma secretária exclusiva. Os demais funcionários ocupariam as chamadas estações de trabalho, sendo que em cada mesa havia um computador e um telefone. Os que ocupavam cargos de gerentes, como Siegfried e Moraes, ficariam em uma pequena saleta privativa.

Depois da conversa com Morgan, Siegfried começou a sofrer de insônia ao pensar no que tinha pela frente. Mentalmente, fazia os mais variados planos para levar a bom termo aquela tarefa inaudita. Começou a fazer um planejamento preliminar do que seria necessário, imaginava que teria helicópteros, pequenos aviões e barcos à sua disposição, tal qual em projetos similares desenvolvidos nas selvas brasileiras ou em locais remotos mundo afora. Sobre a mesa dele, pilhas e pilhas de documentação,

fotos de satélite, fotografias das antigas instalações, e, colados nas paredes de sua pequena sala, estavam vários mapas da região. A medida que ele ia se inteirando da documentação e do volume dos serviços, bem como das dificuldades que encontraria por causa do local onde o empreendimento seria instalado, teve a impressão de que não se tratava de uma obra, mas de uma verdadeira expedição na Amazônia.

A localidade onde se instalaria o empreendimento ficava

na região oriental do Peru, às margens do rio Abujão, vizinha à fronteira com o Brasil, no extremo Oeste do estado do Acre, ao pé da Serra de Contamana, que, no Brasil, é conhecida por Serra do Divisor. O único meio de acesso pelo lado peruano era por via fluvial, uma vez que atravessar a densa floresta por terra era praticamente impossível.

A cidade peruana de Pucallpa, um lugar de porte médio, com população estimada em cerca de 300.000 habitantes à época, situa-se às margens do rio Ucayalli,

afluente do rio Marañon, que era a continuação do rio Amazonas no Peru. Ficava distante de Lima aproximadamente 840 km a Leste dos Andes.

Para se chegar até a jazida de petróleo e gás que seriam explorados pela Quest, percorria-se uma centena de quilômetros descendo pelo Ucayalli, a partir de Pucallpa, onde era necessário seguir por um rio menor, o Abujão, enquanto o Ucayalli prosseguia atravessando todo o território peruano no sentido Sul. Uma vez



navegando neste curso d'água de menor porte, tinha-se pela frente outros cem quilômetros em direção à fronteira Leste com o Brasil. Futuramente, seria possível se chegar lá por meio de helicópteros ou aviões de pequeno porte, partindo dessa mesma cidade. A pista de pouso seria reconstruída e disporia de alguma infraestrutura, esta era uma das metas que Sandy deu a Siegfried: que fizesse de tudo para terminar o quanto antes.

Grande parte dos equipamentos de exploração e

processo da futura planta a ser instalada viriam do exterior, bem como muitos outros materiais, outro tanto seria adquirido no mercado brasileiro e peruano, mas o pesadelo seria fazer os materiais e equipamentos chegarem até o destino. O acesso por via terrestre era possível somente pelo lado brasileiro e, mesmo assim, era desencorajador, pois Rio Branco fica praticamente a 4.000 km do Rio de Janeiro e São Paulo. Os 680 km entre a capital do Acre e Cruzeiro do Sul, a segunda cidade do estado,

com acesso terrestre à fronteira peruana e dotada de um aeroporto regional, onde é possível descer jatos, tornava-se impraticável em época de chuvas, que ocorria por quase meio ano; havia trechos pavimentados e outros não. Em alguns lugares, ainda havia pontes de madeira, travessias por balsas e atoleiros. Daquela cidade até a fronteira eram cerca de 200 km . Por sua vez, no lado peruano havia algumas trilhas abertas por madeiras ilegais. Dessa forma, por terra era viável apenas o acesso

de pessoas e pequenos materiais, que podiam ir de pick-up ou caminhões leves, mas sem muito peso e de acordo com a época do ano. O fator distância seria apenas mais um dos problemas com que Siegfried se defrontaria futuramente, e nas palavras dele “o menor dos problemas que eu encontrei”.

Pouco mais de um mês depois de Siegfried ter iniciado seu trabalho no escritório da empresa, apareceu uma figura trajando um terno verde-oliva e gravata marrom.

Carregava uma pasta e uma enorme quantidade de desenhos, que ele mal conseguia suportar. Era o argentino Pablo Villanueva, que seria o gerente do projeto e chefe imediato de Siegfried, uma vez que Morgan tinha outros afazeres além do campo de gás no Peru, que era um dentre vários outros. Villanueva teria trabalhado naquele mesmo local dez anos antes, na empresa argentina que teria deixado o projeto por não cumprir a tempo as obrigações contratuais com o governo peruano, que lhe retirou a licença.

Preliminarmente, ele se reuniu durante todo o dia com Sandy Morgan e somente no dia seguinte ele e Siegfried foram apresentados. A princípio, ele lhe pareceu simpático. Repassou-lhe os desenhos e alguns CDs com diversos documentos, pedindo que os estudasse.

O argentino era moreno-claro, media 1,70, tinha ombros largos, tórax avantajado e uma barriga proeminente, um obeso na linguagem mais clara.

Curiosamente, suas pernas eram finas em proporção à parte superior do corpo, e, apesar de já estar beirando os cinquenta anos como Siegfried, praticamente não tinha cabelos brancos, mas fartos, do tipo anelados e penteados para trás. Seu rosto era largo e ele usava um espesso bigode. Suas sobrancelhas encontravam-se uma com a outra. Anos de vida sedentária e desregrada, levaram-no a adquirir diabetes e hipertensão. Com tudo isso, ainda era amante de uma boa mesa e, vez por outra, fazia uso de

bebida alcoólica, contrariando as prescrições médicas.

Com o passar dos dias, muitas das atividades gerenciais atribuídas a Pablo Villanueva, ele, espertamente, repassava a Siegfried, que apenas se fazia de ingênuo. Percebendo a manobra do chefe, viu que era o estilo dele ; a fim de não criar caso, fazia tudo sem pestanejar e com a maior presteza possível, queria ver até onde a situação ia se estender, o que também não passou despercebido por outros. O mais desconcertante era que Pablo



ganhava mais do que o dobro do salário dele. A rigor, Siegfried era o responsável somente pela construção das instalações, todos os outros segmentos que compunham o projeto, como o suprimento de materiais, a contratação de empresas fornecedoras, a execução dos projetos de Engenharia, a logística e mesmo as atividades de construção eram da alçada direta de Villanueva, responsável direto por tudo. Acima dele, somente Alistair. No entanto, Siegfried se via envolvido em muitas outras

atividades que não tinham nada a ver com ele. O argentino exibia um comportamento bastante peculiar, praticamente não saía do computador, gerenciava tudo por e-mails; adorava uma soneca depois do almoço, quando então apagava as luzes do escritório e se recostava em sua cadeira, pondo os pés estendidos em cima da sua mesa. Uma vez delegada uma tarefa, a coisa não era mais com ele, e tudo indicava que ele não tinha a menor vontade de pôr os pés na Amazônia; quando Morgan se dirigia a Siegfried

diretamente sobre um assunto qualquer sem passar por ele, o mesmo sentia-se enciumado e ficava com um péssimo humor, mas, vez por outra, espertamente se esquivava dos problemas dizendo que não fora avisado do que estava acontecendo. Quanto menos soubesse de problemas, melhor, mesmo sendo o gerente do Projeto, ainda que em tese.

Aquele desconforto foi percebido por Moraes, que conversou com Siegfried a respeito.

– Não se incomode, fique

tranquilo, procure fazer tudo da melhor forma.

– Sinceramente falando, esse cara é muito devagar para o meu gosto, acho que ele não tem noção do tamanho da coisa que temos de fazer – respondeu Siegfried.

– Ele foi contratado porque possui bons contatos dentro do governo peruano, ou seja, com o cliente, e foi de lá que surgiu a indicação dele, além de ter trabalhado em um projeto similar tempos atrás no mesmo lugar. Sua experiência anterior foi o fator

determinante para sua contratação. Faça tudo que estiver ao seu alcance e da melhor maneira, certamente Sandy está vendo e vai recompensá-lo.

Com o decorrer das semanas, o projeto foi tomando forma e se avolumando. A Quest já ocupava praticamente todo o andar, antes restrito somente a poucas salas. A todo momento chegava gente nova, eram consultores, geólogos, engenheiros e técnicos especialistas em meio ambiente e segurança do trabalho, pois Sandy dera ordens

restritas de que não toleraria  
nenhum tipo de incidente  
envolvendo contaminação de meio  
ambiente, muitos menos acidentes  
de trabalho.

– Você tem certeza de que  
nunca atirou pedra na cruz? –  
perguntou rindo Cazé para  
Siegfried, aludindo à suposta falta  
de sorte do amigo.

– Talvez tenha a ver com  
essa estória de reencarnação. Acho  
que estou pagando alguma dívida de  
vidas passadas, karma, como dizem  
– respondeu – respondendo com

bom humor .

Carlos José, naquela época, por uma dessas coincidências da vida, estava trabalhando no Rio de Janeiro, em um escritório próximo ao que Siegfried estava. Ele havia conseguido um trabalho bem mais leve, estava em uma empresa de consultoria em gerenciamento de projetos, uma atividade basicamente intelectual e com crescente demanda de mercado. O serviço que ele fazia em Goiás terminou e ele deu sorte de arrumar outro logo em seguida. Foi assim que eles

voltaram a se encontrar. Siegfried tentou fazer a cabeça dele para trabalharem juntos de novo, pois precisaria de um profissional experiente em planejamento, mas Cazé estava irredutível.

– Esse lance de se aventurar na selva é para você, não estou mais para isso, quero trabalhar mais alguns anos sem me esforçar muito e me aposentar – disse.

Apesar de Villanueva ter trazido um especialista em logística, também seu compatriota, o homem depois de uma ida à Amazônia e



contrair malária “pulou fora do barco”. Coube a Siegfried assumir interinamente a tarefa, até que conseguissem outro. Munido de um telefone celular por satélite, ele fez uma viagem de reconhecimento com alguns técnicos em petróleo da Quest. Viram que em dez anos, a selva praticamente engoliu as antigas instalações. Dando prosseguimento à missão, ele saiu pela Amazônia afora para checar as rotas por onde os materiais chegariam. Entre outras tarefas, buscava por barcos para

alojamentos e transporte de pessoal e balsas para materiais a serem adquiridos no Brasil e no Peru. Viajou por Manaus, Rio Branco, Cruzeiro do Sul, por onde passa o Rio Juruá, um dos afluentes do rio Amazonas, e Pucallpa, sem contar outros vilarejos menores. Buscava pontos de apoio. Pucallpa era a maior cidade e tinha mais recursos. Sieg passava semanas fazendo levantamento e pesquisando sobre como fazer chegar os equipamentos até o lugar determinado. Aproveitou também para fazer contato com

gente local visando a futuras contratações, pois julgava importante ter pessoas que fossem do lugar e que conheciam a região e a cultura local; atendendo às recomendações de Sandy, todos tentavam evitar serem vistos como intrusos e exploradores da riqueza da região sem dar nada em troca. Havia um plano de tentar qualificar mão de obra das redondezas e minimizar os impactos que um projeto daquela natureza poderia causar em um lugar tão remoto e sem recursos, e dessa forma tentar

melhorar a condição de vida das comunidades locais. Outra vertente do plano era a realização de um programa de ação social na região, com o emprego de médicos e dentistas, para melhorar as deploráveis condições daquela população, mas isso seria em fase posterior.

Depois do exaustivo estudo de rotas e de um exame detalhado das alternativas de que dispunha, Siegfried apresentou a Sandy e a Villanueva um plano de logística. Os grandes equipamentos que

viriam de fora do país ou adquiridos na região Sudeste do Brasil teriam de seguir por navios pelo oceano até a foz do rio Amazonas, depois, atravessariam toda a região da Amazônia brasileira, uma extensão aproximada de 3.200 km, a seguir entrariam em território peruano tomando o rio Marañon; 700 km rio adiante, tomariam a rota pelo rio Ucayalli, sendo necessário percorrer mais 1.300 km rio abaixo até Pucallpa, onde se construiria uma pequena base de apoio para transferência de cargas para balsas

menores. Dali, percorreriam mais 100 km pelo rio até chegarem ao rio Abujão. Depois de outros 100 km, finalmente chegariam à província petrolífera, totalizando 5.400 km de viagem pelos rios. A alternativa por terra seria tomada somente em casos esporádicos, de acordo com as condições das estradas e levando-se em conta o regime de chuvas e os riscos envolvidos, pois a região era altamente perigosa do ponto de vista de segurança pessoal.

Entre idas e vindas à região amazônica, Siegfried retornava ao

Rio de Janeiro, onde ficava sua base, para dar satisfação aos chefes do que estava acontecendo e da evolução de seu levantamento de campo, se bem que ele os mantinha informados pelos mais diversos meios. Aonde tinha um café ou uma lan house ele enviava mensagens ao escritório central no Rio de Janeiro ou quando se hospedava em hotéis de cidades um pouco melhores que tinha alguma estrutura de internet. A expectativa dele era que em mais ou menos seis meses ele deixaria o Rio de Janeiro de vez e,

possivelmente, só voltasse ao escritório em ocasiões esporádicas. Enquanto os projetos de Engenharia de instalação do campo estivessem sendo desenvolvidos e os materiais encomendados ainda sendo fabricados ou em fase de encomenda, ele permaneceria por ali tentando aproveitar seus últimos momentos na civilização.

Sua vida sentimental praticamente desaparecera. As feridas abertas por Roxane ainda não estavam suficientemente cicatrizadas. Ele optara em não se



ligar em mais ninguém, evitava qualquer tipo de relacionamento que pudesse virar compromisso, tornara-se adepto de relacionamentos casuais e fugazes “para que compromisso? Estou de partida para o Peru, tenho uma missão a cumprir!”, dizia. Focou-se em um único objetivo: restabelecer sua honra, mostrar a todos que um dia duvidaram da capacidade dele e de sua moral que tudo não passou de mais completa calúnia. Ele não deixaria escapar a oportunidade que lhe fora apresentada, mesmo sendo

algo de extrema complexidade e com grande grau de dificuldade.

O cenário onde se desenvolveria o projeto era digno de um filme de western ao melhor estilo. Na região, habitavam além de comunidades de seringueiros, indígenas e descendentes, que tentavam levar uma vida honesta, os garimpeiros, as madeiras ilegais, os contrabandistas de madeiras, os traficantes vindos do Peru com destino ao Brasil, que entravam pelo Acre, entre outros; mais parecia um antro de facínoras e gente de toda a

espécie à procura de uma forma de ganhar a vida pelos mais diversos meios. Agora, eles se juntariam ao grupo de trabalhadores da construção e, futuramente, ao pessoal da indústria do petróleo, sem contar as prostitutas que a cada dia chegavam em maior número, atraídas pelo garimpo que ficava do lado brasileiro da fronteira.

Um vilarejo que não consta em nenhum mapa, chamado São Miguel da Cachoeira no Brasil e San Miguel pelos nativos peruanos, situado às margens do rio Azul,

entre a fronteira que separa os dois países, sendo que não se sabia ao certo onde passava a linha divisória das duas nações e próximo à Serra do Divisor, foi o local onde Siegfried decidiu instalar uma das bases de apoio, uma vez que era o lugar mais próximo a oferecer algum tipo de suporte, mesmo que precário. A intenção era ficar ali o menor tempo possível até que o campo tivesse condições de se tornar habitável; a outra base era Pucallpa, onde o acesso ao campo somente era possível de barco e,

futuramente, por via aérea. De São Miguel até lá eram cerca de 80 km por estrada de terra cruzando uma densa selva, sendo que somente era possível fazer o trajeto na época da estiagem ou utilizando veículos especiais. Para acessar a futura base por aquele ponto, portanto, diariamente eram 160 km no total, ida e volta, que ele teria de percorrer até que as balsas encomendadas, que serviriam de alojamento provisório, chegassem. O plano era que as embarcações atracassem em um ancoradouro

ainda a ser construído, que ficaria às margens do rio Abujão. Neste ínterim, ele contratou pessoas e pequenas empresas da região do Acre e do Peru para serviços de pouca monta de infraestrutura, tanto para a base provisória em São Miguel, quanto para a outra base de Pucallpa, enquanto ele monitorava do Rio de Janeiro e ia a cada quinze ou vinte dias ao lugar. Em breve, teria de se acostumar com condições extremamente adversas, frequentes temporais, temperaturas elevadas por causa da alta umidade. A

sensação térmica em determinada época do ano superava os quarenta graus, fora as doenças tropicais e os insetos que infestam a região.

Também eram necessários os geradores de energia movidos a óleo diesel para dotar a base de um mínimo de infraestrutura que permitisse funcionar o básico; sem falar na parte de telecomunicações e internet, antenas para comunicação por satélites e via rádio foram encomendadas, e profissionais especializados para a tarefa estavam sendo recrutados, mas estava difícil

achar pessoas dispostas a encarar o desafio. Siegfried tinha uma corrida contra o tempo, pois, quando chegasse a estação chuvosa, seria muito difícil percorrer a distância entre o minúsculo vilarejo e o local onde se desenvolveria o trabalho, mesmo dispondo de veículos próprios para esse tipo de terreno. Foi diante desses fatores que Siegfried convenceu Sandy a adquirir uma pequena frota de Land Rovers, previamente preparadas para a tarefa. Outro fator que pesava era o perigo que a região oferecia,



gente de todos os tipos andava por aquele lugar e eram frequentes os assaltos seguidos de morte, atribuídos ou a contrabandistas inescrupulosos ou a traficantes que roubavam o que podiam para trocar por drogas. Havia relatos de pessoas que se aventuravam por aquelas estradas precárias e trilhas e que nunca chegavam ao seu respectivo destino.

São Miguel era uma pequena cidade fronteiriça que diziam ter cerca de 5 mil habitantes, mas, para quem chegava, a primeira impressão

era de que não passavam de 500 pobres almas. A cidade ficava distante de Cruzeiro do Sul, pouco mais de 200 km , era um daqueles lugares em que parte da cidade situava-se no Peru e outra no Brasil e algumas dezenas de quilômetros de outras cidades, igualmente pequenas, que eram ligadas por uma estrada federal com trechos irregulares. Era um povoado esquecido pelos respectivos governos e era impossível distinguir qual fração da cidade estava situada em qual país. Parte da população

falava português e outra espanhol, ou algo que lembrava essa língua latina.

A primeira vez que Siegfried colocou os pés naquele lugar, vindo de Cruzeiro do Sul por terra, lembrou-se do fato de que dois outros gerentes antes dele haviam desistido, “não foi à toa que foram embora”, pensou. Talvez estivesse em um lugar em que o índice de desenvolvimento humano, o IDH, devesse ser um dos piores do mundo. O edifício que mais chamava a atenção naquele povoado

era a pequena igreja católica com uma torre alta. Em frente, havia uma pequena praça e por ali passavam duas ruas sem calçamento, que atravessavam toda a pequena cidade, de ponta a ponta. As ruas laterais eram igualmente de terra e não havia muitas casas. Os moradores locais diziam que muitos preferiam morar longe da vila, em pequenos sítios, para escapar dos assaltos e das arruaças promovidas por garimpeiros que, frequentemente, entravam em conflito com moradores locais e

alguns grupos indígenas, que se sentiam invadidos. O clima reinante era de tensão. O acesso do rio Azul para aquele remoto vilarejo se dava por um pequeno atracadouro; subia-se por um barranco com escadas de madeira.

Na viagem de reconhecimento, Sieg buscou algum ponto de apoio para suprir as necessidades da base cuja construção se iniciaria em breve. As primeiras impressões não foram das melhores, apesar do aspecto miserável do lugar, comum naquela

longínqua região, as pessoas que ele encontrou pareciam ter saído de um livro de aventuras exóticas.

Caminhou pelas ruas em busca de um bar ou pequeno restaurante e logo deparou com um homem magro, alto, na faixa de quarenta anos, andando nas ruas com uma pequena onça presa a uma corrente. Era Aderbal Quaresma, mais conhecido pelo sobrenome, o maior comerciante da região, proprietário de um misto de mercearia, bar/restaurante e padaria, também era possuidor do único posto de

combustível da localidade, que abastecia pequenos barcos a motor, camionetes , caminhões pequenos , geradores a diesel. Era o estabelecimento que tinha a maior clientela naquelas paragens. Viu um açougue, que naquele dia tinha uma enorme cabeça de boi em cima do balcão com um enxame de moscas em volta. Havia dois outros bares menores, que serviam de ponto de bebedeira e de brigas de garimpeiros. Mais afastado do centro, em uma viela de terra, havia um prostíbulo, cujo dono era um dos

grandes rivais de Quaresma. Tinha também uma pequena mercearia, bem modesta, pertencente a um seringueiro, cujo negócio era tocado pela mulher e pelo filho.

Siegfried procurou pelas autoridades locais a fim de verificar algum lugar onde eles poderiam montar a base de apoio, talvez alugar um casarão e reformar para que abrigasse algum tipo de estrutura básica, mas suas buscas por alguma pessoa que pudesse ter algum tipo de cargo político ou mesmo administrativo foi em vão.



O lugar era, sem dúvida, “terra de ninguém”, pensou. Mas soube que havia um destacamento local da polícia estadual do Acre no chamado lado brasileiro da cidade. Em algumas ruas ou bairros, os habitantes diziam que estavam situados no lado peruano. Era um sargento e um cabo, o efetivo de que dispunha a polícia para proteger os moradores, vez por outra, durante algum problema maior, um sargento e alguns poucos soldados eram deslocados de Cruzeiro do Sul. Por ali não havia sinal da Polícia

Federal de ambos países, ou algum tipo de fiscalização.

Depois de andar de um lado para outro sem sucesso, em busca de informações, acabou por se encontrar com Quaresma, apontado pelos moradores como o homem mais influente e próspero da cidade, que, possivelmente, poderia ajudá-lo. Quaresma logo percebeu a grande oportunidade que se mostrava ao fazer negócio com uma empresa multinacional e, movido por interesse, mostrou-se prestativo e cheio de amabilidades, oferecendo

um terreno em que a Quest poderia alugar. Na falta de uma moradia melhor, Siegfried concluiu que o mais viável era trazer de fora do estado do Acre alguma empresa especializada em construção modular rápida para que em um curto espaço de tempo eles pudessem operar dali. Com carta branca de Sandy, ele fechou negócio sobre o aluguel do terreno. O homem ficou feliz da vida e ofereceu todo tipo de apoio; naquele momento e naquele confim do mundo, não havia muito o que

escolher.

Siegfried retornou àquele lugar um mês mais tarde para iniciar a mobilização. Não previa ficar muito tempo, pois tinha de ir a Pucallpa para dar início à construção da base fluvial. Sua intenção era retornar no mesmo dia a Cruzeiro do Sul, e, no dia seguinte, pegar um pequeno avião e se dirigir para a cidade peruana, que era dotada de um pequeno aeroporto. Naquele dia, acompanhavam Siegfried mais três outros homens, que permaneceriam

na região por um pouco mais de tempo. Um deles era um velho companheiro de longas lutas, Euclides, então gerente administrativo, e dois auxiliares: “Índio da Faca” e Raulino Castro, o Lino.

## O Ogro e a Princesa

Os fatos narrados a seguir contam como Lino e João foram se juntar a Siegfried e Euclides nas selvas peruanas.

Retrocedendo um pouco no tempo, Euclides planejou se aposentar, o que realmente aconteceu. Logo viu que a vida de aposentado ainda não era para ele, o

salário baixou significativamente e ele ainda tinha um casal de filhos estudando na universidade. Força e disposição para trabalhar não lhe faltavam, por essa razão acabou aceitando o convite de Siegfried para se juntar a ele naquela aventura no Peru. Seria interessante recordar que Siegfried já o havia convidado para trabalharem juntos quando ele ainda estava na Atlas, logo nos primeiros meses em que lá chegou, mais precisamente quando foi para a refinaria de Betim, em Minas Gerais, tentar colocar a casa em

ordem, mas, naquele momento, ele estava trabalhando em um gasoduto, no interior de Mato Grosso do Sul. Na época, havia perdido o sobrinho e um auxiliar em um trágico assalto, que culminou com a morte de ambos. Apesar da previsão de ainda ficar no gasoduto por seis meses, o que aconteceu foi que ficou mais outros quatro. João Batista acabou por tornar-se o braço direito de Euclides e se mostrou interessado e esforçado. Não media esforços para dar cabo das tarefas que lhe eram confiadas.



Terminada a obra do gasoduto, os dois foram para outro trecho por cerca de oito meses, posteriormente, para mais outro por dez meses, quando então Euclides decidiu se aposentar, enquanto João voltou para a casa dos pais em Cuiabá.

Logo que Euclides tomou conhecimento da tarefa que Siegfried tinha pela frente, e agravada pelo ambiente em que se desenvolveria o Projeto, uma das primeiras pessoas que lhe veio à mente foi João Batista, que parecia

talhado especialmente para fazer parte da equipe. Os dois não se viam já devia fazer pouco mais de um ano. João, sempre com destino incerto, deixara com ele os telefones e endereço da casa dos pais, pois caso um dia precisasse dele, que fizesse contato com os pais, pois certamente eles saberiam de seu paradeiro.

Por outro lado, quando Euclides e João se separaram, a estada deste na casa dos pais durou apenas alguns meses. Ele e o pai nunca combinaram, ele era um tipo

de pessoa bastante conservadora, e a imagem que guardava do filho era que se tratava de um vagabundo, que se exibia em circo, uma profissão sem futuro. De nada adiantou dizer aos pais sobre a experiência que tinha adquirido no gasoduto, simplesmente desdenharam dele, ao contrário dos irmãos, que o tinham como um herói. O pai começou a insistir para que ele trabalhasse com um dos irmãos, Expedito, que tinha uma pequena oficina mecânica. Ele até tentou, mas volta e meia ele e o pai

discutiam. Diante dos conflitos frequentes entre os dois, João resolveu procurar por Lino em São Paulo, que, àquela altura, havia deixado a PM e tentava iniciar uma nova vida fora da Corporação.

Quem estendeu a mão para ajudar Lino foi o inspetor Vicente, que o indicou para trabalhar para um empresário da noite, Alex Romano, que devia alguns favores ao inspetor e resolveu pagar alguns deles empregando Lino como seu segurança pessoal, pois já havia sofrido duas tentativas de sequestro.

Ele era um tipo excêntrico, oriundo de uma família paulista muito bem abastada, que quando não se envolvia em aventuras como alpinismo ou fotografia de lugares exóticos em pontos remotos do globo, abria e fechava bares, choperias e boates. Ganhava dinheiro por um tempo e depois saía mundo afora. Sua família era proprietária de uma operadora de turismo, entre outros negócios, mas Alex trilhou seu próprio caminho. Não gostava de trabalho convencional, adorava fotografia e

desde a adolescência era conhecido por parentes e amigos como um autêntico mochileiro; esporadicamente, trabalhava para a empresa da família, pois gostava de explorar novos roteiros turísticos não convencionais, o chamado turismo de aventura. Quando Lino foi trabalhar com Alex, este estava se preparando para abrir mais um estabelecimento, um *lounge* chamado K2, em homenagem à famosa montanha situada nos Himalaias no lado paquistanês, recordista de mortes de alpinistas e

o segundo pico mais alto do mundo. Fora exatamente nessa montanha a sua última excursão, que lhe custou caro. Na tentativa de escalar o K2 com um grupo, por pouco não perdeu a vida, vindo a se envolver em um acidente na montanha, e voltou com um problema na perna por causa de uma fratura, o que o levou a andar com auxílio de uma bengala. Claro, o que lhe conferiu mais charme e mais história para contar aos amigos.

Alex gostou de Lino, que se transformou, além de segurança

peçoal, em chofer, confidente e professor de artes marciais, algo que Alex tinha fascínio. Este, por sua vez, contratou um professor de boas maneiras para seu novo auxiliar. Ele teve aulas de português e foi pedido que deixasse de lado os modos rudes em que anos a fio fora moldado nas ruas trabalhando como policial e enfrentando o perigo em cada esquina. Algo bem difícil de se conseguir. Foi necessária muita dedicação para que conseguisse satisfazer os padrões que Alex estabeleceu para ele. Ele levou a



sério o que o patrão lhe pediu, “em troca, muitas portas se abrirão”, prometeu o chefe. A vida de Lino passou por uma profunda transformação, amigos mais próximos notaram a mudança. Ele agora agia com mais moderação, falava melhor, comportava-se como um indivíduo que tivera boa educação a vida toda, mas a sanha vingativa apenas dormia. Foi ensinado e treinado para se comportar em ambientes mais seletos. Passou a se vestir de maneira impecável e sóbria,

geralmente, com ternos negros, cinza ou azul-marinho. Lino adorava as histórias que o patrão lhe contava sobre as viagens pelos locais mais estranhos do mundo, suas peculiaridades e pessoas estranhas que ali habitavam e sobre seus romances. Alex também escutava as tragédias e comédias que Lino contava oriundas de suas aventuras na ruas e vielas da cidade de São Paulo.

Alex tinha quarenta e cinco anos. Sua pele era clara, tinha cabelos aloirados, estatura mediana,

era magro, por causa de sua vida errante e fora praticante de artes marciais, mas sempre treinava dentro das limitações que tinha, por causa da dificuldade de andar causada pelo acidente na montanha paquistanesa. Também fazia *tai chi*. Era solteiro, tinha um filho adolescente, que morava em Nova York com uma de suas ex-namoradas, uma jornalista canadense que conhecera em uma de suas viagens, com quem viveu por três anos.

Lino recebeu a incumbência

de ajudar uma gerente de recursos humanos contratada especialmente para selecionar seus funcionários, sobretudo os seguranças, mas lhe deu ordens expressas de que fossem todos de feições orientais, pois o K2 seria um lounge temático, e todos os funcionários, dos seguranças ao chefe de cozinha, passando pelas recepcionistas, teriam de ter aquelas características. A nova missão não foi difícil de cumprir, Lino conhecia praticamente todos os lutadores de academia do bairro da Liberdade de São Paulo, onde ficava a colônia

oriental da cidade. Além disso, tinha alguns ex-companheiros de farda de origem japonesa e coreana que se dispunham a trabalhar nos dias de folga, enfim, a tarefa foi fácil.

A inauguração do *lounge* foi um acontecimento na noite paulistana. Alex preparou uma festa à fantasia e o tema foram as histórias em quadrinhos e super-heróis de seriados de TV. Os convidados foram escolhidos a dedo e tinham de ir fantasiados conforme um daqueles personagem. Alex escolheu para si o personagem

Besouro Verde, de uma série de televisão dos anos 60, que tinha como auxiliar um chofer, na época interpretado por ninguém menos que Bruce Lee, o lendário lutador de Kung Fu. A fim de tornar a fantasia mais próxima possível do herói, Alex conseguiu com um amigo colecionador um Chrysler Imperial Le Baron 1966, o mesmo modelo usado pelo personagem fictício, que na série se intitulava “Beleza Negra”. Tal qual o herói que lhe inspirou, chegou trajando um elegante sobretudo negro, chapéu e

máscara. Lino encarnou o personagem de auxiliar do Besouro Verde, Kato, que se vestia sempre com um elegante jaquetão fechado com oito botões, uma máscara e um quepe. Lino não se sentiu nem um pouco confortável com aquela indumentária, mas, enfim, atendeu ao capricho do patrão. Os demais seguranças que Lino havia contratado foram vestidos da mesma forma, com jaquetão negro fechado, mas sem o quepe e a máscara. A decoração da casa noturna era inspirada nas viagens de

Alex. Pôsters fotográficos feitos por ele mesmo registravam suas andanças pelos lugares distantes como Nepal, Butão, Mongólia, Caxemira e algumas ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central. Fora isso, diversas estatuetas e vários outros objetos faziam o lugar se parecer com uma espécie de centro de artes orientais. De modo geral, o ambiente era de extremo bom gosto. Alex contratou uma arquiteta especializada no assunto, aliás, suas casas noturnas tinham sempre essa marca: o esmero na decoração.



A inauguração foi um sucesso, noticiada em várias colunas de jornais, e como se diz no jargão popular, “bombou”. Conseguir uma entrada tornou-se uma tarefa difícil, pois o *lounge* estava sempre lotado. Alex, cuidadoso como sempre, contratou uma *promoter*, uma lindíssima morena de traços orientais, para não fugir ao figurino da casa. Estudante de cinema, ela era formada em jornalismo e muito bem relacionada. Basicamente, sua função era manter a casa bem frequentada.

Lino era o chefe de segurança do K2 e fazia alguns serviços para Alex e sua família. João também foi trabalhar com o primo, os dois pareciam felizes. Lino tinha remuneração melhor do que quando estava na Polícia Militar e seu mundo começou a mudar. Conheceu muito gente influente e algumas eram mulheres, uma delas, mais madura, divorciada de um rico empresário, que lhe cobria de roupas caras e presentes diversos. Na mesma época, quem passou a procurá-lo foi Janaína, que, naquele

momento, estava sozinha, pois fora posta de lado pelo bonitão da fábrica em que ela trabalhava; ele, no entanto, relutava na reaproximação, pois agora chegara a vez de dar o troco. Sua vida mudara muito. Janaína, com frequência, visitava a mãe de Lino para conseguir sensibilizá-lo. A senhora gostava dela e aconselhava o filho para que reatasse o namoro, mas ele estava seduzido pela nova vida que levava. Mas, em um dos golpes do destino, Lino e João passariam por um novo revés.

Cerca de seis meses depois, a casa noturna de Alex havia se tornado um sucesso. Durante os dias de semana aconteciam eventos fechados cujos organizadores pagavam uma fortuna para obter exclusividade e “fechar” a casa. A fila de espera para reservas antecipadas chegava a dois meses. Certo dia, um grande investidor queria comemorar o aniversário do filho, na verdade, ele era um indivíduo dedicado à lavagem de dinheiro e especializado em remessa ilegal de moeda estrangeira para o

exterior, e, usando de toda a influência de que dispunha com políticos e demais pessoas com poder de influência, conseguiu furar a fila de reserva para satisfazer a vontade do filho. Nessa ocasião, surgiu o primeiro incidente entre o tal “investidor” e Alex. Depois de várias pessoas comuns terem apelado, e até mesmo já se anunciava ameaças veladas sobre fiscalização rigorosa e outras coisas do tipo, Alex, muito a contragosto, se dispôs a atendê-lo. Ele era chamado pelos íntimos pelas

iniciais GP, e o filho, Marcos Cláudio, era um conhecido encenqueiro.

Na noite fatídica, o rapaz apareceu em grande estilo dirigindo o Jaguar do pai, seguido por um séquito de seguranças fortões e com cara de mal, ao melhor estilo gangster. O fato de que GP tinha ligações com pessoas do submundo e nem sempre cordiais, fazia com que tanto ele quanto seus familiares andassem constantemente com um aparato de segurança. O primeiro entrevero aconteceu logo na entrada,

os integrantes da equipe encarregada de proteger o aniversariante estavam armados e foram barrados pelo equipe de Lino, uma vez que não se permitia pessoas armadas dentro do recinto. Lino acabou tendo de intervir na portaria. Apesar da pouca estatura, não se deixou intimidar pelos brutamontes do rapaz.

O segundo incidente aconteceu quando a noiva do aniversariante teria sido supostamente flagrada por um dos amigos dele flertando com ninguém

menos do que Lino. Marcos Cláudio mantinha um relacionamento bastante intepestivo com a jovem, uma universitária bonita e pertencente a uma família de classe média, que certo dia se deixou envolver por um garotão rico, mas problemático. Eram noivos, mais por pressão dele; as brigas do casal acabavam resvalando para a agressão física. Um tanto quanto embriagado, Marcos Cláudio quis tirar satisfação com Lino, mas a coisa ficou apenas no empurra-empurra, pois ele tinha severas



ordens de não revidar agressões e se controlou. A noiva e mais duas amigas se retiraram da festa, restando ao aniversariante ficar com os amigos bebendo até cair e sair carregado por seus seguranças.

Duas semanas depois, a noiva de Marcos Cláudio e alguns amigos dela reaparecem na casa noturna. Era uma noite comum, de casa cheia, mas ela estava sem ele. Ao que tudo indicava, teria havido um rompimento entre os dois. Ele, no entanto, andava no encalço dela por onde quer que ela fosse, e não

tardou em aparecer no K2.

Cego de ciúmes, e embalado por três doses seguidas de uísque, ele a interpelou de forma agressiva e nova confusão se formou. A briga foi parar na rua. Marcos a agrediu e Lino tomou as dores dela com o primo Joao, pois o agressor estava com mais três amigos e dois seguranças, sendo que estes aparentavam ser lutadores de academia. O saldo da luta foi Marcos Cláudio com um dos olhos roxo, o que o tiraria de circulação na noite por um bom tempo; um

segurança com uma faca encravada no joelho, aplicada por um golpe de Índio; e o outro com um forte sangramento no nariz. Os demais amigos de Marcos Cláudio correram quando Lino sacou sua Sig Sauer de estimação. Marcos se sentiu desmoralizado na frente da ex-noiva e dos amigos e prometeu se vingar de Lino e João.

No dia seguinte, no *lounge*, Lino e João contaram o episódio da noite anterior a Alex, que ficou bastante surpreso, mas achou que o incidente não daria em nada, o que

ele estava redondamente enganado. Dois dias depois, GP, pai de Marcos Cláudio, em companhia de um renomado advogado, procurou Alex com uma ameaça de processo, tentando culpá-lo pelo incidente envolvendo o filho e os dois seguranças que trabalhavam no K2. Alex tentou contemporizar, mas GP foi irredutível, alegando que o filho fora espancado covardemente sem esboçar reação, o que acabou levando-o a uma clínica. O rapaz queria ir à forra de qualquer jeito.

Inicialmente, o processo se

estendeu a Lino e Índio, depois vieram as pressões e ameaças. GP ameaçou todo o tipo de represália possível contra Alex, e não apenas contra o K2, mas também contra as empresas da família de Alex. Lino e Índio praticamente não tinham paz. Agora eram eles que tinham de andar com seguranças, pois sempre haviam gente rondando o K2. As conexões que GP tinha com políticos fez com que os processos da corregedoria contra Lino que corriam na justiça enquanto ele esteve na polícia fossem

desarquivados. Policiais disfarçados e a mando de GP passaram a segui-lo, e Lino temia por sua mãe. A situação foi ficando insustentável, até que Alex conversou com os dois e acharam por bem uma saída provisória, pois, no entendimento de Alex, com Lino e João fora de circulação, GP poderia se acalmar. Alex conhecia muita gente no mundo do entretenimento e uma das maneiras que viu foi tentar tirar a dupla da cidade de São Paulo, “talvez Campinas”, pensou, uma vez que ficava fora de São Paulo, a

cerca de 100 km.

Apesar de Lino e João terem sido mandados para fora de São Paulo, Marcos Cláudio não se deu por satisfeito. Usando as conexões do pai, colocou três ex-integrantes da polícia civil, com fama de durões, expulsos da instituição e regamente pagos no encalço dos dois.

– Não precisa matar! – disse aos homens – quero apenas que os deixem aleijados.

Alex tinha um amigo naquela cidade que, entre outros

negócios, possuía alguns postos de gasolina. Ele poderia remediar a situação em que estavam seus dois funcionários, este, porém, não tendo nada de imediato, indicou ambos para trabalhar com outro empresário conhecido, que atuava no ramo de casa noturna e estava recrutando seguranças. Os dois, então, foram para lá até que a situação se acalmasse. A casa noturna em questão não tinha nada em comum com o K2.

Situado nos arredores de Campinas, o estabelecimento era



nada mais nada menos do que uma boate de *stripers*, ou um *night club*, por assim dizer. Em vez do sofisticado público de outrora com a qual lidavam, agora teriam de conviver com garotas de programa e um público masculino eclético, composto de gente dos mais variados níveis e tipos em busca de sexo pago.

O proprietário, Valdir, riu bastante, não acreditando muito no que estava vendo quando Lino e João se apresentaram. Acostumado com seus grandalhões parrudos,

com barba por fazer e metidos em camisetas apertadas, estava agora diante de dois baixinhos vestidos elegantemente de terno preto, cabelos cortados, barbeados e muito bem-educados, herança de Alex.

– Olhem – disse Valdir aos dois –, desculpem, mas vocês estão mais para garçon e maître do que para segurança. – Em seguida, soltou uma gargalhada.

Lino e Índio se entreolharam. Lino teve de se controlar para não dizer alguns desaforos ou mesmo lhe dar uma

demonstração rápida do que era capaz. João, sentindo a fúria contida do primo, tentou amenizar o clima contando que ambos tinham experiência em vários ramos de atividade, que o primo ganhara muitas medalhas no Exército como atirador e que também fora cabo da Rota etc. Lino, enfurecido e querendo virar as costas, ficou calado, escutando Índio fazer a defesa dos dois em busca daquele emprego.

— E quanto a você? —  
perguntou Valdir. — Qual é a sua

experiência?

Índio abriu a camisa e mostrou suas cicatrizes.

– Fui tratador de felinos em circo, luto artes marciais como meu primo e ambos temos experiência em casa noturna. Também faço serviços administrativos – e desfiou tudo que sabia fazer, contando rapidamente que já estivera sob perseguição de pistoleiros na ocasião em que fora resgatar o carro roubado de um de seus patrões no Paraguai.

– Bem – disse Valdir –,

história para contar vocês têm de  
sobra. – Riu. – Tudo bem! –  
exclamou. – Vamos tentar, mas já  
vou lhes avisando que a clientela  
aqui nada tem a ver com aqueles  
*playboys* que vocês lidavam em São  
Paulo ou com o público de circo –  
concluiu, rindo com pouco caso.

O desdém com que Valdir  
tratou Lino e João, também se  
estendeu aos seus novos colegas de  
trabalho. Os demais seguranças,  
todos enormes, não entenderam  
nada quando foram apresentados aos  
recém-chegados. Alguns encararam

como piada. Sem opção, o jeito foi os dois enfrentarem o ambiente hostil e ir em frente até que a maré mudasse.

Muitos policiais das redondezas costumavam passar por ali. Valdir os tratava muito bem. Em uma determinada noite, um sargento da PM, que pertencera à Rota de São Paulo e que fora transferido para uma cidade próxima, apareceu no *night club* e reconheceu Lino. Foi uma situação constrangedora para ele, apesar de que não havia nenhum tipo de animosidade entre os dois,

mas não demoraria para que o paradeiro dele e de João fosse passado adiante até que seus perseguidores tomassem ciência do fato. Lino calculou que após esse encontro, mais dia menos dia, eles teriam de abandonar o lugar.

Passado uma semana do evento, Lino viu João com uma expressão séria e perguntou o motivo :

– Vamos ter de sair daqui logo – ele respondeu.

Lino conhecia bem o primo, e seus pressentimentos nunca

falhavam e quis saber mais a fundo o que se passava.

– Estão vindo atrás da gente, temos de nos preparar porque é gente perigosa – disse. Em seguida, completou: – Eu me vi na estrada com você e outras pessoas que não conheço, era uma fuga.

E não deu outra, passados pouco mais de vinte dias três homens com aspecto de policiais apareceram na boate. O apurado instinto de Lino, bem como o de João, farejaram perigo, tanto pela forma como eles se comportavam e



se mostravam, quanto pelo jeito que demonstravam estar em busca de alguém. Os dois se mantiveram meio afastados ao perceberem a presença dos indivíduos ali. Marcos Cláudio ainda não esquecera a ofensa e queria que ambos pagassem caro pelo que fizeram.

No dia seguinte, Lino e João viram que havia um carro nas proximidades, ocupado pelos mesmos homens, um Toyota Corola cinza com placa de São Paulo. A partir dali, ambos começaram a planejar um modo de dar o fora. Em

paralelo, Lino já iniciava seus preparativos para o confronto direto.

Em um dos telefonemas que costumava dar para sua casa para ter notícias da família, Índio foi informado por um dos irmãos que um homem se dizendo chamar Euclides havia telefonado perguntando por ele e deixara um telefone de contato. Ao saber daquela notícia, ele mais do que depressa ligou para o número que lhe haviam passado, mas não obteve sucesso. Inicialmente, Euclides

forneceu o número de telefone do local onde estava: a minúscula vila nas proximidades da fronteira do Peru, onde as comunicações eram precárias. Depois de várias tentativas por dois dias seguidos, por fim, ele conseguiu falar com Euclides. Tratava-se de uma proposta de trabalho. Aquilo o deixou exultante, somente não gostou de saber que o lugar era no extremo do Acre, em uma primeira etapa, e que a segunda fase seria vários quilômetros adentro do território peruano. O salário, porém,

parecia atrativo. Pelas condições em que se encontrava decidiu aceitar. Euclides o instruiu a ir até Cruzeiro do Sul, onde a Companhia estava instalando um escritório de apoio. Era a cidade dotada de maior infraestrutura na região, e ele até ofereceu-lhe fornecer uma passagem de avião de São Paulo até lá, mas João argumentou que tinha intenção de ir de carro, já que não tinha com quem deixar o automóvel e que também levaria um primo.

Ao saber, Lino não se animou, internar-se na selva não era

bem o seu plano; queria dar um jeito de retornar a São Paulo e voltar a trabalhar com Alex. Mas, no momento, sua maior preocupação era se ver livre daqueles três.

Imediatamente, ambos comunicaram a Valdir que estavam de saída. Na falta de uma desculpa melhor, disseram que iam para Mato Grosso onde tinham familiares. Depois se arrependeram por terem deixado escapar essa informação, pois, de alguma forma, seus perseguidores poderiam ficar sabendo, apesar de estarem indo

para o Acre, que ficava na mesma direção daquele estado, mas muito mais além.

Um dia depois de pedirem demissão, eles ainda permaneciam no mesmo lugar, pois Valdir pediu um tempo para preparar a dispensa deles e pagar a rescisão trabalhista, o que os deixou mais nervosos, quase deixando para trás o dinheiro devido. Contudo, a necessidade os fez ficar, pois precisariam do dinheiro para as despesas da viagem, apesar de que a quantia que receberiam mal dava para chegar a

Cruzeiro do Sul.

Enquanto aguardavam para seguir viagem, desembarcou na porta do *night club* uma mulher enorme, conhecida por Branca, cujo nome verdadeiro era Giovana Caldini. Ela já passava dos cinquenta anos, era bem cuidada, com algumas cirurgias plásticas no curriculum. Alta, corpulenta, tinha seios fartos muito bem expostos pelo decote que usualmente gostava de exhibir, quadris largos, pele bem clara, daí possivelmente o apelido. Seus cabelos eram longos,

encaracolados e ruivos. Ela exibia joias em abundância; com ela estavam mais oito jovens, todas vindas do Sul do país. Era a nova safra que Valdir encomendara.

Branca fora, na juventude, uma prostituta. Adquiriu esse nome de guerra havia trinta e tantos anos. Transformara-se na vida madura em agenciadora de mulheres, ou cafetina, como usualmente eram chamadas. No entanto, ela se apresentava como empresária de shows ou promotora de eventos, dependendo da ocasião e do



interlocutor.

Valdir, quando notava que a clientela se afastava, tratava de renovar o elenco da casa. Algumas meninas com baixa performance, ou seja, aquelas que já não rendiam como antes, eram convidadas a se retirar da casa ou dar um tempo, podendo voltar futuramente. Branca recebera a encomenda mediante uma boa comissão de agenciar algumas mulheres para ele. Fariam uma troca, ela levou algumas garotas e as que quisessem, ou que estavam por sair a “convite” de

Valdir, poderiam acompanhá-la até Mato Grosso, onde Branca possuía uma casa noturna nos mesmos moldes de seu colega.

Ela também agenciava programas entre suas garotas, políticos e empresários locais de Mato Grosso e de Brasília, autoridades, profissionais liberais etc., além de uma rede de pessoas que dispunham dos serviços dela, inclusive, não se limitava somente a dispor de meninas de Mato Grosso, mas trazia de fora, de outros estados.

O proprietário da casa noturna estava dispensando cerca de dozes mulheres. Cerca de dez aceitaram acompanhá-la, que lhes prometeu um belo cache pela participação na festa de um deputado. Depois, se quisessem, poderiam ficar em Cuiabá trabalhando na casa noturna dela ou em Cáceres, onde ela tinha outra boate no mesmo estilo.

O estabelecimento de Branca na capital de Mato Grosso era um misto de casa de shows populares com *stripers* e um ponto de

encontro para os interessados em sexo fácil mediante pagamento. Uma parte do cachê que cada garota ganhava por programa ia para ela. Ali se apresentava uma banda local de forró cujo um dos integrantes era seu secretário, motorista, administrador e, nas horas vagas, amante. Ele se chamava Vanderlei, era um tipo esquelético, com rosto chupado, alto, moreno, cabelos negros, encaracolados e grandes. Era um tipo caricatural. Branca era empresária do grupo e já até financiara a gravação de pelo menos

dois CDs da banda. Vanderlei devia estar na faixa dos trinta e poucos anos. Era bem mais jovem que sua patrocinadora. Era ele quem conduzia a van que levou Branca e as garotas do Sul até Campinas, mas chegou se queixando de dores insuportáveis na coluna e no nervo ciático. Tinha um problema crônico e acabou sendo internado em um hospital de Campinas. Branca evitava usar aviões sob a desculpa de que detestava voar. Inventava os mais deslavados motivos, mas a razão era que temia ser presa pela

Polícia Federal, pois era foragida da Justiça por crimes ligados à prostituição, corrupção de menores e estelionato; já fora presa algumas vezes e saíra, graças a subornos e conhecimento com pessoas influentes onde, por vezes, usava de chantagem para poder escapar da cadeia. Em liberdade condicional, voltou a praticar o que sempre fizera, lenocínio, e, uma vez procurada pela justiça, refugiou-se em Mato Grosso, embora transitasse pelo seu reduto eventualmente, a região Sul do país, onde

“garimpava” mulheres atraentes.

Diante do problema de não ter ninguém que pudesse conduzir a van para prosseguir a viagem, uma vez que Vanderlei ainda padecia de intensas dores, que o impossibilitavam de dirigir, Branca perguntou a Valdir se ele não poderia lhe indicar alguém para a tarefa. Sabendo que seus dois ex-empregados estavam de partida para o mesmo local, indicou-os. Branca então fez uma oferta a João e Lino para dirigirem mediante pagamento. Inicialmente, eles recusaram, sob a

alegação de que tinham pressa. Ela respondeu que também tinha e que na hora que desejassem estavam prontas para partir. Resolveu aumentar a oferta inicial. Ela sabia ser convincente quando queria.

Assim, os dois acabaram por aceitar, mesmo sob o risco iminente de um confronto com os enviados de Marcos Cláudio e GP. João pressentia que eles estavam correndo risco de fato, confessando ao primo o seu temor:

– Temos de dar o fora daqui, Lino, o mais rápido possível.



Pressinto que a coisa agora é séria.

– Mas por que não os pegamos antes?

– Se nos dermos bem com esses três, outros mais virão, e depois mais outros. Isso não terá fim. Acho que estão preparando uma tocaia, vão nos pegar em uma emboscada.

De fato, os três facínoras logo após serem contratados por Marcos Cláudio, tomaram conhecimento a quem estavam buscando no detalhe, e descobriram que um deles, no caso, Lino, não era

uma presa fácil de se pegar.  
Souberam de parte do histórico profissional do cabo Castro: hábil atirador, várias condecorações por bravura, inúmeros confrontos com marginais, envolvimento em inquéritos na corregedoria por ter eliminado vários criminosos, supostamente por justiça própria, e por aí ia, além da narrativa de Marcos Cláudio quando do episódio entre eles. De fato, o temor de João era real, uma cilada estava sendo preparada, o trio não partiria para o confronto direto, pois o resultado

poderia ser duvidoso, mesmo sendo três contra dois, a ideia era pegá-los de surpresa, sem chances de reação.

A van que Branca dispunha só era possível levar oito, além dela e do motorista. Tinha uma jovem que viajava com Branca vinda do Sul, que ela dizia ser sua sobrinha, e que seguiria viagem com ela para Mato Grosso. Nesse caso, a dupla ofereceu o próprio carro para levar as meninas restantes. Índio resolveu dirigir a van, enquanto Lino guiava o Gol. Branca também tinha pressa de viajar, pois havia sido contratada

para organizar a festa de aniversário de um fazendeiro do Norte do país e também político, as “meninas” seriam levadas para o pantanal para deleite dele e de seus convidados, todas pessoas “ilustres” como ele. Tratava-se de um deputado que frequentava constantemente as páginas do noticiário policial. Sua ficha criminal era extensa, já se vira envolvido com trabalho escravo em suas fazendas, grilagem de terras, desmatamento ilegal, fraude eleitoral e prostituição de menores, entre outros delitos. Influyente e rico,

a mão da Justiça até então fora impotente para alcançá-lo. Desta vez, ele queria algo em grande estilo, a comemoração de seus sessenta anos se daria em um barco-hotel, no Pantanal mato-grossense, na região de Cáceres, situada às margens do rio Paraguai, famosa por seu festival de pesca esportiva; porém, a principal encomenda que Branca recebera, além de organizar a celebração do aniversário dele, fora encontrar uma menina ainda virgem.

Depois de terem sido pagos

por Valdir, Lino e Índio fizeram as contas e chegaram à conclusão de que o dinheiro mal daria para chegar ao Acre. Lino tinha a intenção de ir para o Rio de Janeiro, pois compreendeu que com aquela ninharia, provavelmente, ele passaria necessidade. Tinham ainda uma reserva que Alex lhes tinha pagado quando deixaram São Paulo, mas ambos não queriam lançar mão desse dinheiro, que também não era muito, talvez fosse o suficiente para um mês ou pouco mais, mesmo assim, usando com certa prudência,

portanto, a oferta de Branca fora algo que os remediara naquela momento crítico.

Alegando que o movimento nas estradas aos domingos era menor, convenceram Branca a partir. O grupo viajou pela manhã em direção ao estado de Mato Grosso, onde passariam antes por Mato Grosso do Sul. No domingo, sabidamente, a vigilância policial nas estradas era menos rigorosa. Ela gostou da ideia, pois queria que a viagem transcorresse com a maior discrição possível. Era uma viagem

longa até Cuiabá, algo em torno de 1.500 km. Depois, mais 200 km até Cáceres, que fica em direção a Rondônia, mais a Noroeste do país. Dentro do estado de São Paulo as condições das estradas eram ótimas, ou seja, os primeiros 500 km de Campinas até Três Lagoas, rota escolhida pelos dois e também para a pernoite, cidade pertencente ao estado de Mato Grosso do Sul, na fronteira com o estado de São Paulo. Os próximos 300 km até a capital Campo Grande seriam penosos, e o restante do trajeto até Cuiabá seria



uma alternância de trechos bons e ruins, com tráfico pesado de caminhões de soja por toda a extensão e imensos vazios sem ninguém pelo trajeto.

O grupo chegou à tarde à primeira cidade. Branca também reclamava de dores lombares e nas pernas por ficar sentada por longo tempo. Se os primeiros 500 km foram duros, os próximos seriam ainda piores. Além do cansaço por dirigirem, Lino e Índio ainda se mantinham tensos por causa da perseguição que era movida contra

ambos, e essa tensão não passou despercebida por Branca, que era uma mulher com alta percepção e observadora. Ela própria desenvolveu um alto instinto de preservação por causa das constantes fugas da Justiça. Sabia bem o que era ter alguém em seu encalço. Apesar de perceber algo estranho nos dois, achou melhor não deixar transparecer, mas redobrou os cuidados. Durante a noite, no hotel de beira de estrada, em Três Lagoas, os dois combinaram de se revezar na guarda, a fim de não

serem pegos de surpresa. Enquanto um dormia, o outro vigiava e vice versa. Na verdade, tanto um quanto o outro apenas cochilaram, pois a tensão a que ambos estavam submetidos não permitia que tivessem uma boa noite de sono. Lino, mais experimentado a tensões e ao *stress* lidava melhor com a situação do que o primo.

João Batista e Lino perceberam que a menina que viera com Branca do Sul e que não ficara em Campinas com as demais, parecia não estar muito bem. Era

visível seu estado melancólico e triste, o nome dela era Isabela. Ambos notaram que ela não tinha nada a ver com aquele meio. Algo nela era diferente, além de ser belíssima. A estranha garota, por assim dizer, praticamente não falava, ao contrário das demais. Constantemente lhe escorriam lágrimas pela face. Durante as breves paradas para descanso durante a viagem, Branca ficava o tempo todo ao seu lado, mantendo-a afastada do restante do grupo. Falava sempre baixinho,

contrastando com o jeito espalhafatoso que exibia com certa frequência; a garota somente se limitava a escutar. Tomado de compaixão pela pobre, Índio tentou uma aproximação; inicialmente, pagou-lhe um lanche quando pararam em um posto para abastecer. Um tanto quanto constrangida ela aceitou e sorriu brevemente em sinal de agradecimento. Na verdade, Isabela praticamente estava sem dinheiro algum e dependia exclusivamente dos favores de Branca, de quem

guardava uma profunda mágoa.

Os três perseguidores somente se deram conta da fuga da dupla na segunda-feira à noite, quando voltaram à casa noturna de Valdir e souberam que eles não estavam mais lá e que teriam sido contratados como motoristas para levarem algumas meninas para Cuiabá, para uma boate do mesmo ramo. Não ficaram sabendo que o destino final deles seria Cáceres, muito menos que iriam para o Acre. No mesmo instante, puseram-se no encalço dos dois.

Faltando pouco mais de 200 km para chegarem a Cuiabá, nas proximidades da cidade de Rondonópolis, a van começou a dar sinais de que algo não estava bem. O painel mostrava temperatura excessiva, o que indicava um suposto superaquecimento do motor. João estacionou no acostamento para verificar o problema. Prudentemente, aguardou cerca de uns 20 minutos para a temperatura baixar para que pudesse checar o radiador. Ele e Lino conversam a respeito e concluíram

que o melhor seria procurar uma oficina, pois tanto podia ser um simples problema de troca de fusível como algo mais complicado, e como estavam em um lugar sem recurso, à beira da estrada, decidiram que João iria pegar o Gol para ir até um posto ou a Rondonópolis, que estava próximo, para buscar um caminhão guincho ou algum mecânico que pudesse resolver o problema, pois se prosseguissem havia o perigo de fundir o motor. Lino ficaria montando guarda para o caso de o



trio aparecer. Depois de colocarem Branca a par do problema, João entrou no carro e, quando saía, Isabela se precipitou correndo e pedindo que a levasse até uma farmácia na cidade, alegando que precisava de um remédio, pois não se sentia bem. Ela entrou rapidamente e pediu assustada que ele saísse logo dali, com o objetivo de evitar a interferência de Branca que, tomada de surpresa pela ação da garota, não conseguiu impedi-la de ir, apenas se limitou a observar, ficando mais irritada ainda com a

atitude da jovem.

Chegando aos arredores de Rondonópolis, João encontrou uma oficina e conseguiu o contato de um guincho para pegar a van enguiçada, fornecendo-lhe a direção onde poderia encontrar o veículo e trazê-lo; a pedido de Isabela, ele tomou a direção da cidade em busca de uma farmácia, pois a jovem reclamava de dores de cabeça. Ao chegarem, ela pediu um remédio para aliviar o suposto mal que dizia sentir. Na verdade, era apenas um disfarce.

– Você não acha melhor eu

levá-la a um pronto-socorro? –  
perguntou Índio.

– Não obrigada! – ela  
respondeu.

– Tenho a observado durante  
a viagem, você não me parece bem.  
Acha que só uma aspirina vai  
resolver?

– O que vai resolver mesmo  
– ela disse – é você me levar até a  
rodoviária. Vou sumir daqui.

– Como é?

– Quero sumir, moço,  
sumir!! – disse irritada.

– Mas o que vou falar para a

sua tia quando chegar sem você?

– Que tia coisa nenhuma!

Você não sabe de nada. Acha que sou uma dessas garotas que andam com ela? Está me tomando como uma vagabunda?

– Olhe, moça, eu não sei de nada, estou apenas dirigindo, só isso, mas você vai ter de voltar comigo.

– Rapaz, escute!

– Pode me chamar de João ou de Índio.

– Tudo bem, João. Não estou gostando dessa viagem. Algo me diz

que não é bem o que ela me contou. Por acaso você sabe de alguma coisa desse tal evento? – perguntou a João.

– Não sei, não – ele respondeu. E completou: – Acho que é um aniversário de um político, foi o que ouvi, mas não tenho detalhes.

– Você não pode me ajudar? Pelo amor de Deus, ajude-me! – falou, caindo em prantos.

Índio ficou quieto e pensativo. Por um momento ficou sem ação. Em fração de segundos

pensou em deixá-la ir e simular uma fuga, dizer a Branca que em um momento de distração ela escapou.

– Você tem algum dinheiro para ir embora? Sua família sabe que você está com ela? Ela a raptou?

– Minha família sabe, se é que posso dizer que tenho família. A verdade é que meu pai me vendeu para essa bruxa. Estou sem nenhum tostão, acho que meu dinheiro dá somente para um café.

– Então não tem jeito, pois o dinheiro que tenho mal dá para eu

chegar ao meu destino. Se lhe der algum, fico sem. Mas para onde você vai? Vai voltar para o Sul?

– Não sei para onde vou – respondeu com ar de lamentação.

Um tanto quanto desanimado e frustrado, ele disse:

– Olhe, temos de voltar. Eu e meu primo daremos um jeito, pode acreditar. Vamos fazer um lanche? – A proposta tinha o objetivo de acalmá-la.

Cerca de meia hora havia transcorrido quando Lino ligou para Índio dando conta de que o guincho

aparecera e que já estavam na oficina. A princípio, a troca de um relé resolvia o problema do superaquecimento.

– Já é hora de partir e rápido – disse ele. – Onde você está? – Quis saber, já com o pensamento de que os três enviados de Marcos Cláudio estavam por vir, e completou: – Dona Branca está uma pilha de nervos, o que deu na garota?

– Nada – respondeu João – fomos a uma farmácia comprar um remédio. Estou numa lanchonete e



já estamos voltando.

Quando João e Isabela retornaram, Branca observou bem os dois e quis saber dela o que houvera, pois a explicação de que fora comprar remédio para dor de cabeça não a convenceram. João parecia estar diferente e durante o restante da viagem o diálogo que teve com Isabela não lhe saía da cabeça. Ele permaneceu praticamente calado durante todo o restante do trajeto, e esse fato não passou despercebido a Branca.

Enquanto estavam na

lanchonete e no caminho de volta, Isabela rapidamente lhe contou sua história.

Ela era filha do dono de uma pequena mercearia de uma cidade praiana, no Sul do país, que vivia eternamente em apuros financeiros. A mãe dela era aparentada de Branca e esta a considerava como uma sobrinha. No passado, a mãe de Isabela fazia programas como Branca fizera em sua juventude. Eram primas, e quem a conheceu dizia que era uma mulher belíssima. Cobrava caro pelos seus serviços,

até que em um acidente de percurso acabou por engravidar do homem errado que, por sua vez, era apaixonado por ela. O homem viria a ser o pai de Isabela, que, naquela época, atravessa uma fase de bonança e dera a impressão de ser um bem-sucedido homem de negócios.

Uma vez grávida, a mãe largou aquele tipo de atividade e aceitou a proposta de casamento, vindo tê-la. Isabela, adolescente, tornou-se uma espécie de musa do bairro em que morava e da escola

onde estudava, porém era infeliz. Ela era uma espécie de Gata Borralheira às avessas, não por acaso ela recebeu esse apelido de suas rivais na escola. Na verdade, ela não tinha dezessete ou dezoito anos como todos imaginavam, mas dezesseis. Era alta e possuidora de um belo corpo, e muitos não acreditavam a idade que ela dizia ter, não apenas pela aparência física, mas também pela maturidade que exibia, bem além de sua idade biológica. Era bem informada, usuária de internet, tinha boa

conversa, era uma jovem conectada com sua época e aplicada nos estudos, porém, a família não ajudava, pelo contrário, somente atrapalhava. Enquanto os pais estiveram casados, a vida conjugal deles foi um verdadeiro inferno e sob constante conflito. O marido tinha ciúmes doentio da esposa e acabou chegando a uma situação limite, ela o deixou quando Isabela tinha oito anos. Fugiu de casa, levando seu irmão pequeno de apenas cinco anos e deixando-a para trás, dizendo que um dia voltaria

para buscá-la, o que não aconteceu. Pouco depois, o pai arrumou outra, justamente uma das funcionárias de seu pequeno negócio; uma mulher um pouco mais jovem do que a ex-esposa, mas ambiciosa e de temperamento difícil, que, inclusive, passou a cuidar das finanças da mercearia, pois o pai de Isabela não possuía muita inclinação para administrar o próprio negócio. Logo, ele faliu. Além da avidez por dinheiro, a madrasta passou a infernizar a vida da enteada, principalmente depois

de ter tido dois filhos com o pai dela. Portanto, a vida que ela levava não era das mais fáceis; na primeira fase, por causa das constantes brigas dos pais, na segunda, pelos maus-tratos da madrasta e o desprezo do pai, que não perdoava a ex-mulher por tê-lo abandonado. Ainda que a filha tivesse herdado seus traços físicos, ele, sempre que podia, lançava dúvidas sobre a paternidade, transferindo para a garota todo o seu rancor pela ex-mulher.

Possuidor de uma personalidade fraca, pressionado

pela atual esposa, que não gostava de Isabela, e eternamente endividado, acabou por se envolver com vários agiotas. Depois da primeira surra por não honrar os compromissos financeiros, o pai aceitou a proposta de Branca, mediante oferta de dinheiro para salvá-lo daquela angustiante e perigosa situação em que se metera, em contrapartida, ela levaria a menina. Disse que ela participaria de um evento como recepcionista e que seria apresentada a pessoas influentes e políticos, o que serviria



para alavancar a carreira da garota como modelo. O pai sabia muito bem o que estava reservado à filha, mas simplesmente a “vendeu” sem mais perguntas. Isabela, no entanto, foi persuadida a viajar com a “tia”, indo a contragosto e sob os falsos argumentos de Branca de que a vida dela daria uma reviravolta, que conheceria pessoas importantes, e que ganharia muito dinheiro, além de não precisar mais pedir favor ao pai nem ficar aturando a madrasta...

A vida que Isabela levava era semelhante ao de tantas outras

adolescentes de sua idade  
pertencentes à classe média baixa,  
com o agravante de já ter passado  
por momentos pessoais de difícil  
superação, pois o pai, com  
frequência, caía na mão de agiotas  
inescrupulosos. Não foram poucas  
as vezes em que assistiu a cenas  
deprimentes de ameaça aos  
membros de sua família, inclusive,  
ela própria já teria sido ameaçada  
por um desses *gangsters*. No seu dia  
a dia dividia seu tempo entre os  
estudos, auxiliando o pai na  
mercearia e olhando os dois meio-

irmãos pequenos. Refugiava-se com constância na internet. Sua aparência física, a força da personalidade forjada em meio ao ambiente hostil em que vivia, bem como seu temperamento meigo demonstravam que ela era capaz de superar tudo. Isso lhe deu uma legião de fãs. Sua página pessoal no Facebook chegava a mais de três centenas deles e ela era tida como a mais bela na escola. Claro, também atraiu rivalidades entre as outras meninas, bem como na vizinhança. Às vezes, a sorte lhe sorria, com

frequência era chamada para participar de concursos: garota do bairro, mis clube e a mais bela estudante. Recebia convites para participar de pequenas campanhas publicitárias de lojas e grifes locais. Foi com esse dinheiro que conseguiu comprar o seu próprio computador.

Mesmo com o contratempo, Lino e Índio estavam à frente de seus algozes praticamente um dia e meio. Na segunda-feira, já bem tarde, chegaram a Cuiabá, totalmente esgotados. Inicialmente,

Índio pensou em ficar na casa dos pais, mas Lino tirou de sua cabeça, pois os sujeitos poderiam descobrir o paradeiro deles e chegar até onde eles estavam, pondo em risco seus familiares. Branca lhes ofereceu hospedagem em uma espelunca, próximo à casa noturna dela. Os dois resolveram não contar nada a ela e a ninguém a respeito dos parentes que tinham na cidade, e aceitaram a oferta da pernoite.

Um dia depois, de maneira discreta para que Branca não ficasse sabendo, Índio resolveu ver os pais

e os irmãos. Lino o acompanhou. Foi uma visita surpresa, e eles foram bem recebidos. O pai de João sempre se mantinha desconfiado e reticente em relação ao filho mais velho. Os recém-chegados disseram que estavam de passagem e não contaram o que estava sucedendo, inventaram uma história qualquer, disseram que haviam pego um trabalho de motorista e que em breve estariam voltando a São Paulo. Perguntaram-lhe sobre o tal Euclides, que tinha se mostrado aflito em falar com ele, pois o

conhecia de nome, uma vez que João já o havia mencionado em ocasião anterior, quando trabalharam juntos no gasoduto. Índio preferiu não contar sobre a oferta de trabalho, pelo menos por enquanto, o melhor era não dar detalhes até que estivessem livres dos perseguidores. Lino, por sua vez, não se mostrava muito inclinado com a possibilidade de se meter em uma selva. Tinha alguns contatos com policiais conhecidos no Rio de Janeiro e pretendia ver o que eles podiam lhe arrumar, talvez

um “bico” como segurança naquela cidade. Imaginava que se mantendo no anonimato, Marcos Cláudio pudesse se esquecer deles. Ao saírem, dirigiram-se para o hotelzinho simples que Branca lhes havia arrumado.

Uma vez dentro do quarto do hotel, João contou a Lino a conversa que teve com Isabela e que prometeu livrá-la da cafetina. Lino reagiu mal, dizendo que já tinham problemas suficientes e que mexer com Branca era o mesmo que mexer com uma dúzias de casas de



marimbondos. João, no entanto, não tirava a jovem da cabeça. Lino por conhecê-lo bem, sabia que o primo não desistiria fácil da nova empreitada.

Logo cedo ambos procuraram por Branca ávidos por terminar o serviço para o qual foram contratados, que seria levar o grupo para Cáceres e dizer que agradeciam a oferta de trabalho, pois ela oferecera a eles que se quisessem poderiam ficar ali, ajudando na segurança da casa e realizando outros serviços, mas eles

argumentaram que tinham outra oportunidade melhor e a intenção era retornar a São Paulo. Ela ainda não os pagara pela viagem de Campinas até Cuiabá.

Depois de escutar os argumentos dos dois, ela disse que sentia muito, pois eles seriam de grande valia, mas combinou que finalizada a tarefa de levar o grupo até Cáceres os pagaria e ambos poderiam tomar o rumo que quisessem. Branca saiu do escritório por um instante, em seguida, voltou falando com alguém no celular,

dizendo que uma pessoa estaria vindo com um carro, que ele deveria esperar alguns minutos. Depois completou:

– As meninas que vieram com a gente de Campinas devem seguir viagem ainda hoje para Cáceres. Você pode levar, Lino? – perguntou Branca.

– Sim, claro – ele respondeu. – Quanto a você – disse para João –, venha comigo, vamos até o aeroporto pegar o deputado e levá-lo para Cáceres ainda hoje. Aluguei um carro especial – falou rindo.

– Tudo bem senhora, a que horas?

– Preciso fazer uma ligação para a assessoria dele para confirmar o horário certinho, deve ser à tarde.

– Fico no aguardo, senhora – respondeu João.

Em torno de duas horas da tarde, Branca, Índio e um outro empregado saíram em dois carros em direção ao aeroporto de Cuiabá. Foram receber o deputado para levá-lo até Cáceres. Tanto João quanto o outro ficaram no estacionamento do

aeroporto enquanto Branca foi até o saguão para esperar o ilustre convidado. O homem não viria em um avião de carreira, mas em um jatinho fretado com mais cinco pessoas, entre auxiliares e amigos.

Enquanto esperava no carro, Índio notou que Branca deixara sobre o banco do automóvel um envelope grande. Ele estava aberto, deixando à mostra o conteúdo. Movido pela curiosidade, ele pegou o envelope e examinou o que continha. Eram cerca de meia dúzias de fotos de uma bela jovem, de pele

clara, cabelos aloirados e lisos, olhos esverdeados, aparentando dezessete no máximo, ele calculou, e constatou estupefato que se tratava de Isabela. Eram fotografias produzidas em estúdio, pois ela aparecia maquiada e muito bem produzida, daí a dificuldade em reconhecê-la de imediato. As fotos em questão haviam sido pagas por Branca, que, à época, convenceu ao pai de Isabela e a ela própria que se destinariam a serem mostradas em uma agência de publicidade que buscava selecionar modelos jovens

para uma campanha de moda praia; nada mais falso, evidentemente. A maioria das fotos foram tiradas para provocar a libido de qualquer homem. Em uma das fotos, ela aparecia com um biquíni bem provocante. Em outra, de lingerie. Uma, em um minúsculo short. Isabela era a virgem que Branca havia conseguido para a noite de aniversário do deputado.

Já se passara meia hora quando João viu um grupo vindo em sua direção. Era Branca, acompanhada de um sujeito enorme,

que devia pesar cerca de cento e cinquenta quilos ou talvez até mais , olhos esbugalhados, pele clara, cabelos negros, encaracolados e pintados para esconder os fios brancos. Tinha bochechas grandes e caídas. Era impossível distinguir o queixo de seu pescoço; sua aparência assemelhava-se a um sapo enorme. O sujeito que caminhava ao lado dela era o “ilustre convidado”. Uma vez dentro do carro, Branca pegou o envelope com as fotos e passou ao político, dizendo:

– Olhe só a joia que eu lhe



arrumei.

O homem de aparência bizarra, ao ver o que ela lhe passara, disse:

– Mal posso esperar – em seguida, soltou uma gargalhada.

João ficou com aquela risada na mente por muito tempo, e sentiu pena do triste destino da garota, agora mais do que nunca ele se sentia na obrigação de arrancá-la das mãos daquela megera e do ogro.

Havia cerca de três anos que o deputado vinha se mantendo no anonimato, em face à torrente de

denúncias que pairavam sobre ele. Os adversários políticos e os inúmeros inimigos que fizera ao longo de sua vida o chamavam de “pacman”, um conhecido tipo de sapo de chifres e boca enorme, que habita a Amazônia; uma espécie tida como horrorosa e devoradora. De fato, o apelido fazia jus à pessoa, pois o fazendeiro e político era uma figura grotesca e promíscua, apesar de ser casado formalmente e ter filhos. Era atribuído a ele uma numerosa prole com mulheres dos mais variados tipos e diversas

origens.

O deputado e seu séquito, juntamente com Branca, acabaram chegando à noite na cidade. Foram levados diretamente para o barco-hotel que ela lhe arrumara e que estava estacionado no cais de Cáceres. Para recepcioná-los na embarcação, as moças que tinham vindo de Campinas. Depois de deixarem seus convidados, Branca foi até a casa noturna que tinha naquela localidade e indicou a João e Lino um lugar em que poderiam passar a noite: um pequeno hotel de

beira de estrada situado a cerca de 500 metros à frente de seu estabelecimento, em direção ao estado de Rondônia e, posteriormente ao Acre. Ela foi para a casa que tinha naquela cidade, antes, prometeu que pela manhã bem cedo acertaria as contas com eles. Enquanto isso, Isabela estava hospedada na casa de Branca para ser devidamente preparada para a festa do deputado. A cafetina mandou trazer vestidos diversos para que ela experimentasse. Todo o vestuário tinha a finalidade de

realçar o belo corpo da garota. Também mandou trazer funcionárias de um salão de beleza para que a menina ficasse bem produzida, a fim de impressionar seu cliente e, quem sabe, outros tantos que ali estariam. Ela já previa altos ganhos à custas de sua “sobrinha”.

Lino e Índio tinham dificuldade para dormir. Os dois dividiam o mesmo quarto e Lino o tempo todo vigiava a janela:

– Não vejo a hora de me livrar dessa bruxa – disse para João.

– Eu que o diga – respondeu.

– Os caras devem estar por perto, tome! – disse Lino para Índio, dando-lhe uma pistola.

João a pegou sem alternativa. Ambos ficaram discutindo até altas horas para arrumar uma maneira de livrar Isabela daquela armadilha.

Enquanto Lino preocupava-se em sair daquele lugar, dizia que não havia como salvar o mundo.

– É melhor esquecer – disse.

– Agora você me diz isso? – perguntou Índio, lembrando-o de

quantos teria liquidado na tentativa de livrar a sociedade de maus elementos, sob a desculpa de que a Justiça não funcionava, era inoperante etc.

Lino deu de ombros. Índio perguntou ao primo qual quantia Branca teria cobrado do deputado por Isabela e fez a pergunta a si próprio. Como que divagando, questionou se por cinco mil ela deixaria garota ir embora. Lino, com desdém, disse-lhe que devia ter sido por um dinheiro bem grande, e que duvidava que a cafetina fosse

concordar com aquela quantia que ele pensava em propor. João perguntou a Lino se ele não poderia lhe emprestar algum.

– Quem sabe por oito mil ela concorda?

Lino, apenas o observou, não disse nada. Pouco depois, João adormeceu. Em torno das três da madrugada, Lino o chamou para que tomasse o seu lugar na guarda, enquanto ele tentaria dar uma dormida até as oito horas do dia seguinte. Depois, acertariam a vida com a proxeneta e cairiam na



estrada. Às seis horas, Branca bateu à porta do quarto. Lino levantou-se assustado, de arma em punho, e João, encarregado de fazer a guarda, dormia e também se assustou. Por pouco não disparou a arma que o primo havia lhe dado.

– Acordem!! Vamos!! –  
batia com insistência na porta.

– O que foi, dona Branca? –  
perguntou Lino de dentro do quarto.

– Preciso de vocês urgente!!  
– Desçam, quero falar com vocês!!

Em seguida, ela desceu as escadas da espelunca. Lino

entreabriu a janela e não viu movimento algum na rua.

Amanhecia e estava tudo quieto.

– Mas o que essa mulher quer logo cedo? – perguntou João.

– Vamos ver – respondeu Lino.

Ambos dormiram de roupa para o caso de alguma fuga rápida, apenas tiraram a camiseta e vestiram outra. Depois de fazerem a higiene pessoal, saíram do quarto e desceram ao primeiro andar para tomar um café simples, que era o que serviam ali, em companhia de

alguns poucos motoristas de caminhão, que se preparavam para seguir viagem. O pequeno hotel tinha como clientela básica caminhoneiros, uma vez que se situava às margens da rodovia que ia em direção aos estados de Rondônia e Acre em um sentido, e na direção oposta, para Cuiabá e Sul da região Centro-Oeste. Muitos frequentavam o bordel da Branca, que já era uma referência de lazer naquelas paragens. Depois do café, ambos saíram a pé até o estabelecimento de Branca. O

escritório ficava no segundo andar.

Ao chegarem, encontraram a mulher visivelmente nervosa. Ao ver João, ela foi logo dizendo:

– Mudança de planos!!

Mudança de planos! – repetiu.

João e Lino, sem entender o que poderia ser, perguntaram o que acontecera. Ela se virou para ambos e disse:

– Um transtorno, rapazes! um transtorno! Vou precisar de vocês, uma vez mais, pago dobrado.

– O que houve, senhora? – perguntou Lino.

– Meus convidados não gostaram das garotas, acharam-nas velhas e “rodadas” demais. Querem meninas novas e não sei onde arrumar garotas de programa novinhas em um estalar de dedos, compreendem?

O grupo que acompanhava o deputado, depois de se divertirem por uma noite com as garotas que Branca trouxera de Campinas, simplesmente disseram que queriam “carne” nova; que putas eles arrumavam a hora que queriam. Pediram iniciantes, e se fossem

menores de idade, tanto melhor.

Branca completou:

– Eles disseram que vão ligar não sei para quem e pedir outras meninas. Vou perder dinheiro nessa jogada, mas que filhos de mãe!! Eles acham que são o que? – disse revoltada.

A intenção de João era logo pela manhã tentar convencer Branca em troca de alguma quantia em dinheiro para tirar Isabela dali. Era a única saída que ele via, mas, diante daquela situação, achou melhor fazer a proposta em outro

momento.

A mulher, munida de dois aparelhos celulares, ligava, xingava e falava com quem podia para arrumar uma safra de garotas novas o mais rápido que fosse possível. Gesticulava, esbravejava, andava de um lado para outro, enquanto Lino e João observavam o show.

Os três personagens sinistros que estavam no encalço de ambos, depois de passarem pelo *night club* de Branca, em Cuiabá, tomaram conhecimento de que a dupla não estava mais naquela cidade, e sim

em Cáceres, para onde rapidamente se dirigiram.

Enquanto isso, João recebeu a incumbência de procurar uma pessoa com quem Branca contatara nos arredores de Cuiabá, que ficou de conseguir umas três meninas novas, possivelmente menores de idade. Ela pediu a Lino que a acompanhasse à periferia de Cáceres, também com mesmo intuito. Uma de suas funcionárias de confiança, que havia ficado em Cuiabá, avisou-a por telefone que haviam duas garotas recém-



chegadas de Goiás com idade entre dezenove e vinte e um anos, bonitas, tanto de corpo quanto de rosto. Com certeza, iriam satisfazer a clientela exigente do deputado. Branca respondeu que as deixasse de sobreaviso para que pudessem viajar, e que o cachê seria dobrado. Caberia a João trazê-las, bem como as outras mais que pudessem ser localizadas.

João aproveitou a viagem até Cuiabá para contatar seus irmãos, a fim de lhes pedir ajuda para levantar o dinheiro, na esperança de negociar

com a cafetina para que Isabela não caísse nas garras do “sapo voraz”. Passou parte da viagem planejando uma desculpa convincente para contar a eles, já que teria dito na última visita que já estava de retorno a São Paulo. Outro fator que o preocupava era o risco de ser pego em uma blitz policial, uma vez que estaria transportando algumas garotas presumivelmente menores, pois ouvira a conversa de Branca com seus contatos na cidade e fez suas deduções. O mesmo temor havia invadido Lino, que por

determinação de Branca havia saído pelas redondezas de Cáceres, tendo a própria como companhia, a fim de arregimentar meninas. Algumas eram adolescentes e de origem humilde, que foram atraídas por dinheiro.

Os três enviados de Marcos Cláudio para que dessem uma lição em Lino e João chegaram em Cáceres pela manhã. Depois de uma busca pelo local, colocaram-se de tocaia próximo ao *night club* de Branca, à beira da pista, e ficaram observando a fim de obter a melhor

chance para pegá-los.

Passou-se a manhã toda e nem sinal de suas presas. O trio então saiu em “campo” para um reconhecimento. Foram ter com Branca para uma conversa um tanto quanto amigável. Naquela momento, Lino não estava, pois ao se desencubir da tarefa que lhe fora atribuída inicialmente, ou seja, buscar algumas meninas nos arredores da cidade, ela lhe pediu que fosse até o cais levar bebidas e comidas aos convidados, enquanto as garotas que ela havia conseguido

se preparavam em um salão de beleza que ela havia improvisado em uma das salas do seu escritório. Os três homens, inicialmente apresentaram-se como amigos dos dois, querendo saber “notícias” deles. Disseram que tinham um negócio a resolver com os mesmos; evidentemente, a mulher desconfiou dos recém-chegados e da conversa. Usando de habilidade, acabou por saber de que se tratava de um ajustes de contas.

Lino já calculava que o trio estava para chegar a qualquer

momento. Mantinha-se vigilante e, para sua sorte, ao retornar do barco, viu um carro estacionado nas proximidades do clube noturno que lhe pareceu familiar: o Toyota Corola cinza, idêntico ao que tinha sido visto em Campinas. A placa do carro que ele havia memorizado conferia, ou seja, “os caras chegaram”, pensou. Naquele momento, ele estava dirigindo uma pick-up. Estacionou longe e foi a pé até a boate. Entrou pelos fundos, sorrateiramente, e se manteve escondido, mas com a arma pronta

para o confronto. Percebeu que os perseguidores estavam no escritório dela com a porta semi-cerrada e pôde escutar parte do que tratavam. Tomou ciência de que Branca estava fazendo um acordo com seus algozes. Ela viu que se tratava de uma vendeta e queria ficar fora daquilo, mas, por outro lado, conseguiu que os três esperassem até a noite, pois seria o melhor momento de agirem, uma vez que um dos procurados estava na estrada, referindo-se a João. E o outro deveria estar fazendo algum

serviço de que fora encarregado e ficaria o dia todo indo e vindo do cais. O acordo entre ela e os três enviados de Marcos Cláudio previa que, após os dois serem pegos, Branca receberia algum dinheiro pelo favor que acabara de fazer. Ela ainda ficou encarregada de preparar o local da emboscada, no caso, a boate. O plano consistia em chamá-los para efetuar o pagamento pelo trabalho que haviam feito e mandá-los entrar em uma sala qualquer para aguardarem. Assim, os três poderiam pegá-los desprevenidos,



pelo menos era este o plano. Quando o grupo se despedia, Lino saiu correndo sem deixar vestígio, embora por um triz pensou em pegar o trio, ou melhor, os quatro de uma só vez. Contudo, achou melhor se evadir e pensar em uma forma melhor de sair daquela situação. Ao sair, dirigiu-se rapidamente para a pick-up que havia deixado um pouco mais longe, a uma distância tal que podia observá-los, foi quando lhe ocorreu segui-los. Eles haviam se hospedado em um hotel simples próximo ao centro de

Cáceres. Lino dispunha até à noite para arranjar uma saída.

Posteriormente, tentou se comunicar com João várias vezes por celular, mas suas tentativas foram em vão, ele devia estar em algum lugar fora de área, mas ele não desistiu, foi insistindo à medida que o tempo foi se passando.

A mando de Branca, Lino foi várias vezes até o barco onde se daria a festa a fim de levar bebida e comida aos convidados. Em uma das vezes, que seria a última, acabou por se envolver em um

incidente. Estava um tanto quanto contrariado com a situação, uma vez que não lhe agradava nem um pouco ficar de serviçal, pois ansiava sair dali o quanto antes, somente esperava pelo retorno de João de Cuiabá para que pudessem dar o fora, e para que pegassem o dinheiro pelos serviços aos quais foram contratados. Quando se preparava para deixar a embarcação, um dos empregados de Branca, que estava de serviço, com as mãos ocupadas por uma caixa de vodka, dirigindo-se ao corredor do segundo andar

onde ficavam os camarotes, pediu se ele poderia lhe dar uma “mão e levar uma caixa de uísque até um dos camarotes situados naquele piso, que, por sinal, era o que estava sendo ocupado pelo deputado.

Apesar de aborrecido, ele resolveu ajudar. Meio que com a cara virada, bateu educadamente na porta do homem, e, ao abrir, deu de cara com aquela criatura desagradável vestida somente com cuecas samba-canção.

– Sua bebida, senhor.

– Pode deixar ali –

respondeu apontando um lugar.

Lino, repugnado por tal visão, nem sequer o olhou mais. Virou as costas e saiu o mais rápido que pôde. Quando estava no corredor próximo à escada, escutou a voz gutural o chamando:

– Ei!! Venha cá!! –  
dirigindo-se a Lino, que se virou e olhou aquele homem repugnante e respondeu:

– O que foi senhor?  
– Venha aqui! Estou mandando, limpe isto, está um chiqueiro – apontando para o seu camarote, pois havia restos de

comida, preservativos e garrafas vazias de diversas bebidas pelo chão, fruto da farra da noite anterior com uma das garotas, posteriormente rejeitada depois de o homem se divertir a valer e que não mais estava no local.

Depois de encará-lo fixamente, Lino simplesmente virou as costas e foi embora, sem dizer uma palavra. Nisso, o deputado, chamou-o de novo:

– Você não ouviu? É surdo ou quer que eu lhe traga pelo pescoço? – perguntou, provocando e

soltando uma risada grotesca.

– Vai se foder! – respondeu Lino à queima-roupa, como se disparasse um tiro, bem ao seu estilo.

– O que você disse? Repita!  
– Em um rompante de fúria, ele partiu em direção a Lino, que desceu as escadas, seguido pelo deputado, que também desceu, mas com certa dificuldade, obviamente por causa de seu peso excessivo.

O incidente foi acompanhado por mais duas pessoas presentes no local, entre as quais um de seus

assessores, que também se fazia de guarda-costas quando necessário. Ele tentou intervir. Outro que assistia, era um dos que compunha o séquito de puxa-sacos do político. Ambos intervieram a favor do deputado, colocando-se entre ambos. Um deles, aplicou-lhe um violento empurrão. Ele pensou revidar, mas, àquela altura, outros mais chegaram e observaram a cena. Uma provável reação atrairia os demais para tomar parte na agressão, que logo poderia se dar de forma generalizada. O melhor era se



retirar, mas antes olhou mais uma vez para o deputado de forma desafiadora; virou as costas e caminhou em direção à saída do barco, mas não a tempo de evitar que alguém lhe desse um violento murro nas costas. Por instantes, pensou em sacar sua arma e começar uma chacina, mas em uma fração de segundos expulsou esse pensamento de sua mente. Tentou permanecer calmo diante do ambiente adverso e prosseguiu em direção à saída da embarcação. Outros mais lhe dirigiram uma série

de palavrões e insultos. Ele percebeu que poderia ser linchado a qualquer momento. Ao sair do barco, sentiu que tinha gente em seu encalço. Dirigiu-se para o carro e saiu em disparada. Disse para si mesmo que aquele episódio não ficaria assim. Em vez de voltar ao escritório de Branca, saiu em direção ao centro da cidade, que era bem próximo do cais, em busca de lojas de materiais e de fogos de artifício e de farmácias para fazer coquetéis molotov e bombas de fumaça caseira, materiais aos quais

tinha muita familiaridade adquirida durante sua vida profissional. Sua intenção era estragar a festa.

Poucos minutos depois do ocorrido, Branca recebeu um telefone do deputado relatando-lhe o episódio que envolvia Lino, sob a ótica dele e pedindo punição para aquele serviçal atrevido, conforme suas palavras. Ela lhe respondeu, em meio a uma irônica e alta gargalhada, que ele iria pagar direitinho pelo que fizera e ainda disse que a hora dele estaria chegando. Obviamente, tinha em

mente o acerto de contas que haveria com os outros três que não tardariam a chegar, a espera tão somente de um sinal dela.

João retornou de Cuiabá ao cair da tarde. As garotas foram levadas para o salão de beleza improvisado e ele conseguiu com os irmãos apenas 2.000 reais. Dispunha de outros 5.000 e pretendia convencer Lino para lhe arrumar mais um tanto. Sua intenção era negociar com Branca uma saída para Isabela, a fim de evitar que ela caísse nas mãos daquele “sapo

horrendo”. Ao procurar por seu primo, este lhe relatou a conversa que escutara mais cedo envolvendo Branca e os três homens. Também lhe contou sobre a confusão em que se envolvera no barco. Índio aproveitou e lhe pediu dinheiro, dizendo que ia tentar liberar a garota. Muito calmo e um tanto quanto sombrio ele disse:

– Não se preocupe, seu dinheiro não será necessário, eu vou tirar ela de lá. Você sabe o que aqueles filhos de uma puta e a maldita cafetina vão fazer? Vão

colocar uma droga na bebida da menina e quando ela estiver fora de si será levada ao camarote daquele escroto. Ele será apenas o primeiro, depois haverão outros mais – disse, contando o que escutara. João perguntou:

– O que você pretende fazer?

Lino ficou em silêncio por uns instantes.

– Tenho duas opções, uma delas seria tentar falar com um agente federal amigo meu e denunciar o deputado e aquela

cretina por corrupção de menores e prostituição e tudo que possa estar ligado a isso, o outro seria tirarmos a menina à força, que é o que mais me agradaria fazer, e talvez meter uma bala naquele porco para que fique inutilizado de vez.

Um tanto quanto nervoso, João respondeu:

– Então fale logo com seu amigo, acho melhor não nos metermos mais em problemas, se não teremos mais gente na nossa cola, além daqueles outros três malditos.

João se afastou e procurou por Isabela. Foi ao clube noturno, ao escritório, mas não a encontrou. Seguiu para a casa onde Branca ficava quando ia a Cáceres e também se frustrou. Não havia qualquer informação de onde ela pudesse estar. Suas buscas foram infrutíferas. Branca a estava guardando a sete chaves, pois estava desconfiada de alguma combinação entre eles. Por precaução, resolveu levá-la embora. Isabela foi levada para um hotel fazenda situado às margens do rio Paraguai, nos



arredores da cidade de Cáceres, onde sorrateiramente lhe foi dado um sonífero para que acordasse pouco antes de ser levada ao barco. Seria devidamente maquiada, produzida e vestida para ser dada de “presente” ao deputado. Temendo que seu primo fosse entrar em outra confusão pior, e querendo se livrar daquela situação o quanto antes, João resolveu procurar por Branca para “comprar” a liberdade de Isabela. No entanto, a reação da mulher foi de deboche e humilhação:

– Ora, ora – disse ela. – Você não se enxerga? Você acha que com essa miséria você pode levar essa menina? Me poupe, rapaz. – Em seguida, riu, desdenhando, e prosseguiu: – Você não sabe de nada, não tem noção do que está em jogo, acho melhor você sumir daqui. Chame seu companheiro, vou mandar pagar vocês e mande-o devolver a camionete e depois ponham-se daqui para fora – disse esbravejando.

Nisso, pegou o telefone celular e ligou para alguém. João

não conseguiu entender o que ela disse, porém voltando-se para ela falou :

– Estou mandando trazer o dinheiro que lhe devo. Chame seu primo também, quero pagá-los de uma vez, e nunca mais quero vê-los na minha frente. Estamos entendidos?

Índio se sentiu muito mal e pressentiu que alguma ameaça estaria por vir. Estava impotente diante daquele cenário, apenas acenou com a cabeça que concordava, mas por dentro estava a

ponto de esganá-la. O telefonema que Branca dera não fora para mandar levar o dinheiro que devia aos dois, mas um sinal para que os três elementos que estavam no encalço deles viessem pegá-los. Terminada a conversa com João, Branca saiu em direção ao hotel fazenda para levar Isabela até o barco.

Depois do diálogo com seu primo no quarto do hotel, Lino procurou em suas coisas uma agenda de telefone em que estava o número da pessoa que mencionara,

o agente graduado da Polícia Federal. Eram amigos de longa data e de várias operações conjuntas que realizaram em São Paulo. Ele era conhecido por Rivera. Sabia que fora transferido para Brasília e seu intuito era denunciar Branca, o deputado e sua corja para que a polícia interviesse. Depois de algumas tentativas concluiu que o número que ele possuía não pertencia mais ao agente. Então, começou a dar uma série de telefonemas para diversas pessoas conhecidas para que lhe dessem o

paradeiro dele, até que finalmente o localizou. Lino lhe explicou rapidamente o que estava ocorrendo. Disse-lhe que um político, atolado em escândalos até o pescoço e uma cafetina foragida da Justiça, Giovana Caldini, estavam metidos em um orgia que envolvia, além do consumo de drogas, prostituição e corrupção de menores. Havia na festa inúmeras delas, sendo que uma estava sendo forçada a se prostituir. O agente, inicialmente, mostrou-se surpreso pela ligação de Lino, pois não tinha notícias dele havia muito

tempo. Depois de colocá-lo rapidamente a par da situação, pediu que ele entrasse na briga. Rivera o questionou que diante daquelas circunstâncias e pela urgência do caso, o melhor seria chamar a polícia local. Lino respondeu que tanto a mulher quanto o deputado eram bem relacionados, e que uma denúncia envolvendo ambos seria inútil. O agente não garantiu rapidez em uma operação que seria montada de última hora, mas pediu os detalhes do local e onde estaria sendo realizada a tal festa, bem

como o clube noturno e mais outras informações. Lino lhe forneceu o nome do barco e o lugar onde estaria ancorado. Também respondeu os demais questionamentos e completou dizendo que, possivelmente, em torno de onze horas o barco deixaria o cais para seguir pelo rio Paraguai. Ele então respondeu que os agentes poderiam abordar a embarcação em uma lancha, finalizando que ia ver o que podia fazer. Apesar de a cidade de Cáceres ficar próximo à fronteira com a Bolívia, pela região passavam



vários carros roubados no Brasil rumo àquele país, em contrapartida, muita droga oriunda de lá vinha para o outro lado. As autoridades brasileiras conheciam o problema, mas havia pouquíssima vigilância naquela região. Ao finalizar a conversa com Lino, o agente Rivera transmitiu o problema a um superior e recebeu permissão para agir. No entanto, não conseguiu localizar nenhum agente próximo, tentou a ajuda da Polícia Rodoviária Federal, que também contava com pouquíssimos elementos, uma

operação naquele momento teria pouca chance de ter êxito.

Depois de desligar o telefone, Lino chegou à conclusão de que apenas perdera seu tempo, “mas tentei”, disse para si mesmo. Diante dos fatos, resolveu fazer o que tinha já em mente, e dentro do pequeno quarto do hotel deu início ao preparo de seu improvisado arsenal. Entre outros, fabricou meia dúzia de bombas de fumaça ninja, as famosas kemuridama, as quais pretendia fazer uso no barco onde aconteceria a orgia.

Depois do diálogo com Branca, João ligou para ele dizendo que a cafetina os estavam chamando para pagá-los e que ele levasse a pick-up. Lino lhe respondeu que ele devia sair dali o mais rápido possível, pois uma emboscada estava prestes a acontecer. Ao terminar a conversa com João, ele pegou todo o material que preparou e colocou no Gol, que estava no estacionamento do hotel. Em seguida, pegou a camionete que Branca lhe arrumara para fazer os serviços e saiu do pequeno hotel,

mas era necessário percorrer algumas centenas de metros a frente pela pista para fazer o retorno na direção contrária e depois fazer uma nova volta na estrada para se chegar ao *night club*, pois a via era separada por um canteiro central. Quando estava voltando, viu o carro cinza com os três perseguidores estacionar em frente à boate. Sentiu um frio no estômago, parou a pick-up no acostamento, pouco à frente de um posto de gasolina, situado do lado oposto à casa noturna de Branca, apagou os faróis e tomou as

devidas precauções para não ser notado. O local era escuro, não tinha iluminação, sendo que também o posto de gasolina praticamente contava com poucas lâmpadas e a maioria estava queimada. Liguei para avisar João que não saísse, mas o aviso chegou tarde, Índio já está saindo pela porta e viu os três dentro do carro, que já se preparavam para sair do veículo. O trio também o viu e o reconheceu. João saiu correndo a pé. Diante da correria de Índio, os acossadores retrocederam, ligam o carro e

saíram em sua perseguição. Lino engatilhou as duas pistolas para também participar da ação. Quando percebeu que João atravessou a pista e corria em direção contrária, indo ao seu encontro, o trio a bordo do carro foi um pouco mais adiante para retornar e continuar a perseguição. Nisso, Lino saiu do veículo para interceptar os três elementos que estavam no encalço do primo. O trio, dentro do carro, não percebeu que alguém mais estava por participar . Ao sair cuidadosamente da camionete e se

postar de forma estratégica, Lino pretendia atirar nos pneus do carro dos perseguidores, a fim de que perdessem o controle, o que poderia lhe conferir uma vantagem a mais, pegá-los de surpresa. Mas outro fator acabou por ajudá-lo. O clube noturno de Branca abria por volta das sete horas da noite e era um ponto de reunião de caminhoneiros, viajantes e mais alguns outros clientes que iam da cidade em busca de diversão. Às sextas-feiras, o movimento era usualmente maior, os shows das *strippers* aconteciam

de hora em hora. Naquele momento, cerca de dez da noite, a casa estava com um bom número de frequentadores. Prestes a interceptar o trio, Lino caminhou sorrateiramente em direção ao posto e se postou bem na frente de uma enorme carreta, que acabara de abastecer e já estava prestes a sair, pois os motores já estavam ligados. Para quem vinha dirigindo pela pista, não era possível ver ninguém que estivesse posicionado naquele ponto. O enorme veículo estava na posição perfeita para permitir que



ele interceptasse os três, pois ele se mantinha oculto, abrigado pela cabine daquela gigantesca máquina. Quando percebeu que o motorista acionou a primeira marcha para iniciar a saída, mas abruptamente interrompeu sua partida, deixando o veículo levemente virado para a esquerda, tomando alguns espaços da pista, Lino retrocedeu alguns passos, temendo ser pego por aquele veículo. Seu objetivo era de não se deixar ver pelos seus oponentes. Assim, preparou uma emboscada. Por um instante, observou o

condutor do caminhão, que parecia não se sentir bem, o homem deitou um pouco em cima do volante, depois se recompôs, abriu a porta e saltou da cabine, mas deixou o motor ligado. Lino observou que algo estranho se passava com o motorista, pois ele caminhava com certa dificuldade e parecia exausto. Quiçá estivesse horas a fio dirigindo! O homem seguiu em direção à loja de conveniência do posto, talvez para tomar algo ou quem sabe, algum remédio. Lino estava imóvel no mesmo lugar

aguardando o trio se aproximar. Índio passou correndo por ele, o carro cinza tinha feito o retorno e estavam logo atrás. Lino se adiantou um pouco mais, quando algo melhor lhe ocorreu, como um raio, precipitou-se para a cabine da carrreta, soltou o freio de mão, engatou a primeira marcha e virou um pouco mais o veículo para a esquerda, deixando-a atravessada em parte da pista. Em seguida, rapidamente saiu pela porta direita. De imediato, escutou um barulho de freios quando em atrito com o

asfalto, seguido por um enorme estrondo, resultante da colisão do automóvel dos perseguidores com os pneus da carreta. No choque, Lino caiu no solo, sofrendo uma escoriação leve. Na velocidade em que o automóvel estava, o acionamento dos freios serviu de pouca valia para evitar o desastre . Um deles morreu na hora, arremessado para fora, pois não usava cinto de segurança, apesar de o air bag ter sido acionado, não evitou que os outros dois elementos ficassem presos nas ferragens do

carro. Durante a operação de resgate, que tardou a acontecer, os outros dois também vieram a falecer. João e Lino se livraram por um triz. Ademais, não deixaram rastro da participação deles naquele episódio sinistro. Durante o evento, um funcionário do posto de gasolina percebeu alguém caindo da carreta, mas não soube dizer quem seria, muito menos identificar, pois, além de tudo ter acontecido a noite, contribuiu o fato de as luzes do local serem fracas e insuficientes. Posteriormente, durante a

investigação da polícia a testemunha serviu para tirar as suspeitas que recaíram sobre o motorista, que jurava ter deixado o veículo devidamente travado pelo freio, e a posição em que a carreta estava durante a colisão indicou que alguém teria de ter manobrado. Mas quem? Tempos depois, o inquérito foi arquivado, pois acabaram não chegando à conclusão alguma. Era um longo novelo a ser desvendado, que exigiria muito dedicação dos investigadores e acabou não acontecendo, pois quando se

descobriu que os três elementos mortos eram ex-policiais, com fichas sujas e envolvidos em vários casos obscuros, concluíram que possivelmente devia se tratar de algum acerto de contas entre criminosos.

Por causa do forte barulho resultante da batida entre a carreta e o carro, os frequentadores do estabelecimento de Branca saíram para ver o que acontecera. Logo se formou um tumulto no local. Lino deu a volta com a pick-up, falou rapidamente com um dos

empregados de Branca para devolver a camionete, dizendo que voltaria para pegar o dinheiro. Obviamente, era um embuste. O homem, espantado com que acabara de acontecer, mal deu atenção ao que Lino disse. Em seguida, os primos correram para o hotel, pegaram rapidamente as malas e disseram ao porteiro que estavam de partida. Não havia nenhum débito para saldar, pois as diárias corriam por conta de Branca. O valor também era irrisório. A bagagem já fora colocada no Gol por Lino e



ambos saíram em direção ao cais da cidade de Cáceres, na tentativa de resgatar Isabela e dar o troco pelo quase linchamento que Lino foi vítima.

A caminho do local onde Isabela estava, Branca deu instruções a suas auxiliares para que terminassem a tarefa de prepará-la para o encontro que já estava chegando. Minutos antes, o deputado havia ligado para ela perguntando sobre o seu “presente de aniversário”. Dessa forma, Branca queria logo levá-la ao barco.

Ao chegar ao local, Isabela estava semi-acordada; deram-lhe um café forte na tentativa de despertá-la, uma maquiadora e uma cabeleireira já haviam terminando o trabalho de produzi-la. Havia ainda mais duas outras jovens menores de idade que a cafetina conseguira arrebanhar na periferia da cidade a fim de satisfazer a clientela. Branca estava nervosa, ansiosa, e pressentia alguma coisa ruim no ar, tinha pressa e gritava com as duas auxiliares que se apressassem com a preparação. Foi dado a Isabela um

vestido curto, negro e apertado e sapatos de salto alto. Para caminhar, ela precisava ser escorada, pois tinha dificuldade para andar, ainda sofria os efeitos do sonífero. Como resultado daquela produção, acabaram por deixá-la com um aspecto um tanto quanto vulgar. Sua beleza natural dispensava qualquer tipo de “produção”, mesmo assim, ela estava linda, as outras duas meninas também foram preparadas do mesmo modo. Ao término, todas foram conduzidas em direção ao atracadouro.

Ao chegarem ao barco, logo que avistou seu “presente”, o deputado se entusiasmou muito, pois já estava devidamente excitado pelo uso que fazia de comprimidos para estimular a libido sexual. Isabela sentia um pouco de desânimo, ela teria dito que parecia ter dormido uma semana inteira, mas conseguiu distinguir que estava em um ambiente ordinário. Sua chegada foi notada por todos os presentes e isso a deixou particularmente constrangida, não se sentia bem nas roupas que lhe

arranjaram e sua vontade era sair daquele antro correndo.

Concorrendo para isso, a visão daquele sujeito enorme vestido com roupas brancas de gosto duvidoso, olhos esbugalhados e aparência de um sapo gigante e falante. Por dentro, ela pedia a Deus que viesse algum tipo de ajuda para que pudesse escapar. Viu que caíra em uma bela cilada. Por um instante, teve vontade de agarrar Branca pelos cabelos ou mesmo enforcá-la. Aquele seria um dos piores momentos de sua vida; sentiu-se

como um animal capturado prestes a ser devorado por um bando de hienas, sim, era isso o que eles eram, bestas famintas fazendo cerco a uma presa, prestes a iniciar o ataque. Não demorou para que muitos dos que ali estavam procurassem por Branca para que tão logo o deputado se saciasse pudessem também participar daquele “banquete”. A cafetina ria de satisfação, e praticamente estava fazendo um leilão. Seria daquele que pagasse mais.

Quando João e Lino

chegaram ao cais, observaram de dentro do carro o movimento de pessoas no barco. Armaram uma estratégia de ação.

– Estive pensando – disse Índio ao primo.

– O quê? – perguntou Lino.

– Você fica aqui para me dar cobertura, eu entro no barco, levo as bombas de fumaça e solto primeiro na casa de máquina. Vai ser uma grande confusão, acho que não serei percebido, vão me confundir com um dos empregados da bruxa. Essas coisas que você preparou realmente

funcionam?

– Espero que sim – disse.

– Muito bem, se funcionar, durante o tumulto vou até os camarotes e arranco a garota de lá.

– Ok! Espero você aqui com o motor ligado, reze para que você não depare com aquela cretina. Se a coisa piorar, saio atirando para todos os lados, mas leve esta pistola – disse, entregando a arma para Índio.

O barco-hotel que Branca alugara possuía três níveis: sob a linha d'água havia o deck principal,



por onde se acessava a embarcação, ali ficava o imenso salão que servia de restaurante e era o local que o conjunto musical estava se apresentando. No mesmo piso havia um *deck* aberto com uma pequena piscina, e era por ali que se entrava no *hall* principal do barco. No segundo nível ficavam os camarotes. O maior e mais luxuoso fora reservado ao deputado. No terceiro piso havia um terraço, de onde os hóspedes podiam admirar a vista do rio. Ali também se localizava a cabine de comando. No

nível inferior ao convés principal ficava o porão, onde se armazenavam os mantimentos e a casa de máquinas.

Índio saiu do carro levando uma bolsa na mão com as kemuridamas dentro. No deck principal, dentro do salão, estavam a maioria dos convidados e era onde se concentrava a festa. O grupo de forró de Wanderlei, o companheiro de Branca, já refeito aparentemente de seus problemas de coluna, estava tocando e cantando a plenos pulmões. O barulho era

ensurdecedor, todos os presentes estavam devidamente entretidos com a música. As mulheres dançavam e tinha bebida e comida à vontade. João circundou a lateral e, do lado de fora, por meio das escotilhas situadas no nível do salão principal , viu o deputado sentado ao lado de Isabela, onde, em um flagrante assédio, ele colocou suas mãos nas pernas dela, que reagiu instantaneamente, retirando-as. Aquele homem bizarro deu um sorriso amarelo diante da recusa, estava impaciente para levá-la logo

para a cama. Branca estava indo em direção deles segurando em cada mão uma taça de bebida. O deputado teria dito a ela que apressasse logo o encontro íntimo de ambos. Índio correu até a popa. O velhinho mecânico da embarcação estava soltando as amarras. João o abordou dizendo que esperasse um pouco mais, pois estavam trazendo mais comida. O pobre homem não escutou direito, João falou um pouco mais alto, e ele decidiu procurar o capitão que estava em sua cabine para saber o que fazer.

Índio desceu correndo as escadas até a casa de máquinas, cujo acesso era por uma abertura no piso lateral do tombadilho. Ao chegar, colocou um pano em sua face, só deixando visível os olhos, e soltou a primeira kemuridama. Em seguida, mais outra. Saiu correndo de volta ao convés e, uma vez lá, subiu uma das escadas externas na lateral do barco que dava acesso ao segundo piso e se situavam os camarotes. Naquele momento, vários destes compartimentos estavam ocupados com os convidados e as meninas de

Branca. Ele jogou outro artefato no corredor, outra vez, em uma das escadas que dava acesso ao deck superior, arremeteu mais uma bomba de fumaça, desta vez dentro da cabine. O fumaceiro começou a fazer efeito e ninguém sabia do que se tratava. O pânico se instalou, pois pensaram se tratar de um incêndio. Aproveitando a confusão reinante, ele desceu as escadas, entrou no salão principal correndo, tomou Isabela pelas mãos e correu com ela para fora. O deputado ficou estupefato com toda aquela cena.

Branca estava histérica, João e Isabela saíram pelo cais correndo. Ela tirou os sapatos para correr melhor. No barco estava uma enorme gritaria, pois todos pensavam que a embarcação estava em chamas. As mulheres gritavam muito, aumentando ainda mais a anarquia. O Corpo de Bombeiros foi acionado, mas ainda demorariam a chegar. Quando Isabela e João estavam de saída, chegaram duas viaturas da Polícia Rodoviária Federal, seguidas por outra da Polícia Militar e um carro sedan

com uma luz de alerta no teto. Em seu interior estavam dois agentes federais que Rivera conseguira acionar, provenientes de Cuiabá, que foram dar o flagrante.

De longe, o trio observou o pandemônio que Índio conseguira provocar. Os dois estavam às gargalhadas. Alguns poucos se feriram por causa dos atropelos e do corre-corre, mas nada de mais grave.

Seria uma longa noite e tanto para o “sapo” quanto para Branca. Advogados, desembargadores e toda



uma rede de amigos e aliados foram acionados para que ele fosse solto, o que só aconteceu no domingo. Ele negou qualquer envolvimento com corrupção de menores, facilitação de prostituição e demais delitos associados. Em sua defesa, alegou que fora enganado pela então promotora de eventos, e que o contato com ela se deu por meio de seus assessores, sendo que alguns ainda permaneceram presos por mais alguns dias, mesmo sendo contratado um batalhão de advogados para tratar do caso. A

saída que lhe aconselharam foi negar tudo e dizer que tinha sido vítima de uma empresária inescrupulosa; a versão apresentada foi se passar por vítima. Ele afirmou que desconhecia que havia menores de idade sendo aliciadas. A festa de aniversário saiu muito cara.

Por sua vez, Branca sofreu um sério revés, pois a ofensiva policial se estendeu também ao seu bordel, situado à beira da estrada. Lá, encontraram menores, bem como constatarem outros crimes relacionados. O estabelecimento foi

fechado, e somente tempos depois Wanderlei o reabriria. Coube a ele administrar o outro estabelecimento que ela tinha em Cuiabá. Como era foragida da Justiça, as coisas para ela se complicaram. Mesmo com uma vasta rede de contatos nos escalões de Brasília, diante de um episódio desse tipo, todos a abandonaram. Ela foi mandada de volta ao presídio feminino no Sul para que cumprisse o restante da pena a que escapara, enquanto esperava pelos outros processos.

João e Lino agora tinham

outro problema nas mãos: o que fazer com Isabela? Ela queria seguir viagem com eles. Índio gostou muito da ideia, mas foi Lino quem alertou-o que possivelmente aquele “show” todo teria uma represália. O deputado, ou Branca, ou quem sabe ambos, poderiam mandar gente atrás deles e, nesse caso, a garota estaria exposta ao perigo. Diante do impasse, a solução que encontraram foi deixá-la na casa dos pais de João em Cuiabá, até que algo melhor ocorresse, uma vez que ela se recusava a voltar para a sua família

na região Sul do país, pois se sentira traída pelo pai. A simples menção de voltar a conviver com a madrasta lhe dava náuseas.

Uma vez certificados de que Isabela estava em boas mãos, os dois seguiram para o Acre para encontrar com Euclides, onde seriam admitidos na Quest Enterprise Energy.

## **A Chegada de um Homem Mau e de um Feiticeiro**

Pouco mais de um ano havia se passado desde que Siegfried havia mergulhado na floresta peruana. Sob as mais variadas dificuldades, entre quais ter contraído malária por três vezes, várias etapas haviam sido atingidas com sucesso. Ele mesmo teve

dúvida se aquela tarefa lograria êxito; mesmo dentro da empresa, alguns até apostavam no fracasso dele e quanto tempo demoraria para jogar a toalha, tal qual os dois antecessores. A direção da petrolífera o pressionava de todas as maneiras, antecipação de prazos, orçamentos apertados. Ao contrário do que ele inicialmente havia pensado, fosse a Quest uma empresa brasileira estatal, possivelmente o orçamento inicial já teria estourado várias vezes, e o prazo idem, mas ali era diferente, a Companhia tinha

tradição de alta rentabilidade, distribuía bônus generosos para os altos executivos e acionistas e se notabilizava por operar em lugares remotos e inóspitos, selvas africanas, países em conflagração, ex-repúblicas soviéticas, adversidades climáticas etc., portanto, trabalhar para eles era antes de tudo aceitar desafios. O alto comando da multinacional pressionava para pôr o campo para produzir o quanto antes, pois isso significava antecipar receitas financeiras. Como consequência,



suas ações seriam valorizadas e o valor de mercado da petrolífera teria notável melhora. Havia muitos interesses em jogo, inclusive do governo peruano. Era aplicado um torniquete sobre toda a cadeia de fornecedores e demais envolvidos no projeto para o cumprimento de metas, que a cada dia se tornavam mais desafiadoras. Por conseguinte, diziam que os bônus seriam fantásticos, mas era tudo acertado de forma informal, não havia nenhum compromisso escrito no tocante a isso. A cada atraso, fosse

Siegfried o responsável ou não, seguia-se um plano de ação para a recuperação, monitorado de perto por seus superiores. Era um trabalho executado sob extrema pressão, tinha de se ter nervos de aço.

Obcecado por aquela verdadeira missão que lhe foi confiada, uma vez que sua reputação estava em jogo, assim como sua reabilitação profissional, ele focou sua meta de tal forma que respirava, acordava, dormia e sonhava com um só objetivo: terminar aquela inaudita tarefa. Era o tipo de trabalho em que

o fracasso ou a vitória estavam por um triz. Caso saísse vitorioso, muitas portas se abririam, caso contrário, o infortúnio o seguiria, e, nos últimos anos, parecia que a sorte estava rindo dele. Por todos os meios, ele agora tentava fazer com que a sorte sorrisse para ele.

A base fluvial em Pucallpa estava sendo terminada para receber os grandes equipamentos que viriam pelo Atlântico e entrariam pelo rio Amazonas para seguir rumo a outro enorme curso d'água, o rio Marañón, e, posteriormente pelo

Ucayali, de onde seriam embarcados em balsas menores rumo ao rio Abujão, onde se situava o campo petrolífero. Naquele período, esse ponto de apoio funcionava apenas parcialmente. A construção de um pier estava em andamento, homens, materiais e equipamentos de construção desciam daquela localidade peruana e, após um dia e uma noite de viagem por barco, chegava-se ao destino. Por terra, o percurso se dava pela fronteira do Brasil e, mesmo assim, era restrito a certos períodos do ano por causa das

chuvas amazônicas. Siegfried tinha se estabelecido na cidade fronteiriça e se deslocava praticamente diariamente por uma estreita trilha aberta na floresta. A Quest dispunha de veículos especialmente preparados para atravessar aquele lugar inóspito; com ele, ia um pequeno grupo de profissionais mais especializados, pois as leis peruanas restringiam o trabalho de estrangeiros. Basicamente, grande parte da mão de obra, quer fossem operários, supervisão ou nível gerencial, era majoritariamente de

peruanos. Alguns postos mais estratégicos ou considerados de confiança eram trazidos de fora, entre os quais alguns poucos venezuelanos que Sandy Morgan conhecia havia tempos. As empresas que construía a base, a princípio, instalaram-se em barcos-alojamentos, até que fossem construídas instalações mais apropriadas em terra e com toda a infraestrutura adequada; a pista de pouso para pequenos aviões e helicópteros estava em fase de término. Em breve, Siegfried

pretendia se mudar de vez para o lugar, pois, a cada dia que passava, a região se tornava mais perigosa, assaltos a mão armada eram frequentes, muitos com consequências fatais. Muita gente de várias partes, tanto da região amazônica brasileira quanto da peruana, sem perspectivas de vida, acorriam ao local onde se implantava o projeto ou ao escritório situado em São Miguel em busca de alguma esperança de obter algo para que suas miseráveis existências pudessem ter um novo

alento; por causa disso, aumentou o fluxo de pessoas pelo lugar, atraindo gente das mais variadas índoles. O canteiro de obras situado no Peru foi assaltado diversas vezes, muitas das quais se apurou que os próprios vigilantes da empresa contratada para fazer a segurança estavam envolvidos, inclusive várias Companhias já tinham sido trocadas. Em um dos deslocamentos por terra do Acre para o campo petrolífero, uma equipe de geólogos e técnicos foi deixada sem nada no meio da selva. Todos foram vítimas



de bandidos. Barcos com materiais de construção também passaram a ser atacados no meio da noite; uma pequena agência bancária com um caixa eletrônico foi instalada naquele lugarejo, no lado brasileiro da fronteira e fechada depois de sofrer três assaltos em um espaço de pouco mais de um mês e meio. A solução encontrada foi liberar os trabalhadores ao fim de cada mês para que fossem receber seus proventos em centros maiores, onde a segurança era melhor. Dessa forma, parte do pessoal brasileiro ia

a Cruzeiro do Sul. Alguns preferiam ir a Rio Branco e passar o fim de semana, já os peruanos se dirigiam à Pucallpa e outros, oriundos de Lima, retornavam até esta cidade, era uma forma de evitar atrair assaltantes em períodos de pagamento. Corriam notícias de que remanescentes do grupo guerrilheiro de extrema esquerda, o Sendero Luminoso, que se pensava estarem extintos, em conjunto com narcotraficantes, estavam atacando empresas petrolíferas na região Sudeste daquele país. Vários trabalhadores

das Companhias já teriam sido sequestrados e exigiam-se resgates milionários das respectivas Corporações. Portanto, o clima reinante era preocupante e tenso, mas o que estava mesmo gerando grande tensão era o conflito entre nativos e garimpeiros que disputavam uma jazida aurífera em uma região próxima a São Miguel, do lado brasileiro da fronteira, e já havia um histórico de enfrentamentos com mortes e feridos de ambos os lados. Com o prosseguimento das obras e com

gente chegando ao garimpo, a região se tornou o lugar preferido de peregrinações de ONGs das mais variadas vertentes, pastores evangélicos de igrejas neopentecostais desconhecidas, políticos prometendo o mundo e sobretudo desocupados em busca de algum ganho.

A cada dois ou três meses, Siegfried viajava para a casa dos pais no interior do estado do Rio de Janeiro. Eram suas folgas regulares, onde permanecia por uma semana. Aos demais integrantes do projeto,

também foi estabelecido uma escala onde todos eram liberados por igual período. Frequentemente, ele ia a Pucallpa para verificar as obras da base fluvial. Ali havia uma equipe de engenheiros e técnicos peruanos subordinados diretamente a ele. Outras vezes ia até Lima, onde então ficava seu chefe imediato, Pablo Villanueva, que se mudara para lá e estava feliz da vida ao lado de sua amante. Sob pretexto de ficar ao lado do cliente e “aparar arestas”, dizia, praticamente não aparecia no local onde o projeto estava sendo

implantado. Como de costume, gerenciava por e-mails. Era o tipo de chefe ausente e, vez por outra, ia até o campo petrolífero acompanhado de numerosa comitiva do governo peruano para visitas de rotina, isso sempre por insistência do cliente. Estava sempre cercado de grande aparato de seguranças, o que chamava a atenção para desconforto e irritação de Siegfried. Uma vez ou outra este último também ia ao Rio de Janeiro para reunião gerencial com Sandy Morgan, que também contava com a

presença de Villanueva para avaliação do projeto e correção de rumos se necessário. Em geral, eram reuniões de dois dias no máximo. Por ocasião de uma dessas reuniões de trabalho, Siegfried, a convite de Cazé, foi até um café chamado Sheherezade, no centro da cidade e, surpreendentemente, acabou por reencontrar Roxane em condições totalmente inusitadas, pois nem em sonho esperava vê-la, muito menos em um lugar como aquele.

A cena da dança do ventre não lhe saía da cabeça, duvidava se

realmente era ela mesmo, se realmente havia evidências de que se tratava da mulher que um dia amara de paixão, “não podia ser”, dizia a si mesmo, “não tem lógica”, “certeza mesmo eu não tenho!”. Tirar aquela história a limpo virou uma obsessão, as mais variadas explicações, suposições e elucubrações povoaram sua mente dia e noite, “e pensar que eu até me casaria com ela”.

\*\*\*



Depois de ter permanecido no Rio de Janeiro por alguns dias, em reunião, ele retornou a São Miguel. Voltaria ao escritório central da empresa um mês depois, por um período de dez dias, para reuniões com a equipe de projeto da Quest e empreiteiros brasileiros, uma vez que o empreendimento entraria em uma nova etapa. Concluída a implantação da infraestrutura, a próxima fase seria a instalação dos equipamentos para colocar o campo petrolífero para produzir. A reunião agendada trinta

dias depois, seria a apresentação do projeto a empresas de Engenharia convidadas a ofertar preços para a construção da unidade de produção e colocar em marcha a planta de processo. Uma outra reunião semelhante seria realizada em Lima com o mesmo objetivo, desta vez, para empresas sediadas no Peru interessadas em participar do empreendimento.

Ao voltar à base situada na fronteira, trocou alguns e-mails com Cazé e, entre outros assuntos, solicitou-lhe que, por todos os

meios, usasse seus contatos, não importando a quantia, para lhe arrumar um cartão de sócio do Café Sheherezade. Assim foi feito. Deu trabalho, mas seu fiel amigo atendeu ao seu pedido.

Roxane, por sua vez, depois daquele encontro relâmpago com Siegfried no café temia algum tipo de reação vingativa da parte dele. Muitas das vezes em que protagonizava aqueles shows de dança do ventre fazia sob o efeito de “Lussin”, o que significava que nem sempre estava totalmente lúcida.

Naquela noite em questão, encontrava-se em estado de semi-transe, mas com discernimento suficiente para distinguir uma pessoa que estava presente na plateia.

Dias depois, procurou pessoalmente a prima Maria Alice, a quem sabia que volta e meia se comunicava com Siegfried, e fez uma sondagem. Entre uma conversa e outra, esperou o momento mais apropriado e perguntou:

– Você tem falado com

Siegfried ultimamente? – perguntou de forma que parecesse algo banal.

– Siegfried? Mas de onde você foi ressuscitá-lo? – perguntou rindo Maria Alice. – Bateu saudade? – disse ironizando.

– Nada disso! – respondeu Roxane. – Eu estava no centro da cidade na semana passada, fui até uma livraria, e o vi de longe todo engravatado. Será que ele está trabalhando por ali agora?

– Tem muito tempo que não tenho notícias dele. Ele sumiu, a última vez que falei com ele foi nas

vésperas do seu casamento. Ele estava trabalhando em uma plataforma de petróleo, acho. Parece que era algo bastante desgastante, parecia detestar, ele me disse.

– Você se lembra o nome da empresa? – perguntou Roxane.

– Não! Não me lembro, mas tenho o e-mail dele, tanto o pessoal quanto o profissional, deixe-me ver, mas por que esse interesse todo agora?

– Você sabe que ele passou por maus momentos, não sabe? Indiretamente, fui a causadora e

gostaria de saber se ele já superou, só isso – falou, tentando disfarçar.

Enquanto Roxane falava, Maria Alice revirava a bolsa em busca de sua agenda de telefone. Ao encontrar, começou a folhear e, por fim, encontrou o telefone e os e-mails. Aqui está o e-mail que ele usa na empresa, chama-se Quest ou pelo menos era este o que ele usava. Você quer escrever para ele ou quer que eu escreva?

– Não, pode deixar – disse secamente. – Acho melhor deixar para lá.

– Você já procurou por ele no Facebook ou no Orkut? – perguntou Maria Alice.

– Nem pensei nisso – respondeu Roxane secamente. Na verdade, ela já tinha feito uma busca e não achara absolutamente nada. Siegfried não quis deixar nenhum rastro de onde estava.

Maria Alice achou estranho e guardou de volta a agenda.

Depois de terminar a conversa com a prima, Roxane se sentiu mais aliviada, pelo menos soube que ele não contara nada a



ela, mas, mesmo assim, ainda temia que ele pudesse fazer alguma coisa.

Dias depois, ela localizou a empresa, o endereço e os telefones. Ligou perguntando sobre um engenheiro chamado Siegfried e a telefonista disse que na lista de ramais não constava ninguém com aquele nome, naquele escritório. Ela insistiu e a funcionária transferiu a ligação para o departamento de Recursos Humanos, onde ela foi informada de que ele estava em um lugar que não constava em nenhum mapa, ficava situado na fronteira

entre o estado do Acre e o Peru.

\*\*\*

A vida de João e Lino havia sofrido uma drástica mudança, enquanto o primeiro se adaptou rápido e facilmente, pois viver em um lugar sem recursos e inóspito não era novidade para ele, o segundo pensou seriamente em desistir, o que o manteve ali foi que acabou se transformando no chefe de segurança do campo por causa das circunstâncias locais e da falta

de profissional qualificado para a tarefa. Esse fato de alguma forma acabou por motivá-lo. O salário e os adicionais também se tornaram um atrativo a mais. O destacamento policial situado em São Miguel, portanto, na parte brasileira da localidade, era uma piada. Todas as vezes que a presença deles se fazia necessária, era Quaresma a quem eles buscavam para ajudá-los. Este dizia que já fora agente federal, algo difícil de acreditar à primeira vista. Por que motivo um ex-integrante dessa respeitada instituição fora

viver em um lugar como aquele? No entanto, o indivíduo possuía um verdadeiro arsenal em sua casa, parecia saber manusear bem suas armas e denotava possuir alguma prática policial, portanto, sua suposta experiência prévia como integrante daquele órgão podia até ter algum fundo de verdade. Não demorou para que Lino e ele se tornassem mais próximos. Como ambos tinham um passado supostamente semelhante, a convivência entre eles se tornou fácil. Apesar das advertências de

Siegfried a Lino para que se mantivesse longe de problemas que não diziam respeito a Quest, a despeito deste aviso, mesmo assim ele também se juntou a Quaresma e aos dois pobres coitados de farda em suas agruras contra os malfeitores da região.

Decorridos trinta dias de seu retorno a São Miguel, depois ter estado no Café Sheherazade, Siegfried voltou ao Rio de Janeiro como previsto, para duas semanas de trabalho e reuniões com projetistas e empresas de

Engenharia. O período que antecedeu sua volta foi angustiante e de extrema ansiedade, pois não via a hora de esclarecer o enigma da identidade da dançarina do ventre.

Em companhia de Cazé, ambos retornaram ao Café em uma noite de segunda-feira, onde, tradicionalmente, a casa apresenta shows de dança do ventre. A protagonista da última vez em que ele lá esteve não apareceu, mas ele reencontrou Ingrid, aliás, a pessoa que se apresentava com este nome, pois na verdade ela se chamava

Raquel. Siegfried se lembrou que, naquela ocasião, ele notou algo no ar envolvendo ela, a dançarina misteriosa e um senhor elegantemente trajado que usava uma bengala próximo ao palco. O homem em questão não era um juiz, como as moças lhes disseram, mas um desembargador. Tratava-se de Hidalgo Javier, que, secretamente, era sócio daquele *night club*, em conjunto com mais dois outros empresários de origem espanhola.

Apesar de frustrado com a não aparição da dançarina, que,

supostamente, poderia ser Roxane, Siegfried acabou saindo com Ingrid e passou uma noite com ela, desembolsando uma boa quantia em dinheiro, que, segundo ele, valeu a pena. Ao estar com ela, para sua surpresa, também viu que ela possuía as mesmas tatuagens que a dançaria do ventre, e não só isso, para sua surpresa notou que Raquel também tinha outra tatuagem feita em suas partes íntimas, tal e qual Roxane; e concluiu: “esta também pertence ao mesmo clube”. Nesse primeiro encontro amoroso,



Siegfried evitou tocar no assunto que tanto o estava atormentando a fim de não levantar suspeitas, ou mesmo afugentar sua futura informante. Ambos marcaram de se encontrar novamente na sexta-feira da mesma semana. Desta vez, foi algo mais romântico, um jantar em um restaurante sofisticado, seguido de outra noite “quente”. A moça valia o quanto cobrava. No domingo, foram ao cinema em um *shopping*, e foi ela que sugeriu algo mais trivial, tal como um casal de namorados. Nesse encontro,

Siegfried não desembolsou nenhum tostão, a não ser o almoço e as entradas para o filme. Era uma tentativa de ganhar a confiança dela com o objetivo de obter alguma informação mais esclarecedora sobre aquele quebra-cabeça. No meio da semana seguinte, o encontro entre ambos foi no apartamento dela. Siegfried levou uma garrafa de vinho, ideal para fazer as pessoas soltarem o que guardavam. E sua estratégia deu certo. Ingrid disse-lhe que tinha outro nome, e, nessa ocasião, em

sua residência, aproveitou para mostrar as fotos do concurso de miss, depois seus diversos trabalhos como modelo de moda praia e lingerie. Ela era a boazuda clássica que povoa a mente de muitos homens e dizia que por causa de suas curvas generosas, que a natureza lhe dera, não fora aprovada como modelo de passarela, embora tivesse feito alguns desfiles. Seu belo rosto não foi suficiente para convencer os estilistas cuja preferência recaía sobre modelos magérrimas e anoréxicas. Acabou

que entre um copo de vinho e outro ela começou a contar o que Siegfried tanto ansiava saber.

A participação no tal concurso lhe conferiu alguma popularidade. Com isso, recebeu alguns convites de agências de modelos para trabalhar em São Paulo. Embora durante um ano não lhe faltou trabalho, recebeu um convite para ir ao exterior, mas revelou ser apenas fachada para prostituição. Os trabalhos como modelo em revistas de moda foram se tornando mais escassos e ela teve

vários casos amorosos que não resultaram em nada, além de convites para feiras e eventos, que antes recusava e agora aceitava. Foi em uma famosa feira automobilística de São Paulo que acabou conhecendo um senhor, Hidalgo. Suas investidas foram seguidas de convites de trabalho e reativação de sua carreira de modelo. Ela, a princípio, mostrou-se arredia às investidas dele, mas, por fim, deu-se por vencida. Por meio de seus numerosos contatos e influência, ele conseguiu trabalho

para ela no Rio de Janeiro, e ela se mudou para a cidade. Nesse tempo, Roxane se casara, levava um vida de esposa de senador, e o desembargador procurava por uma substituta. Raquel era agora a sua nova musa. Após algumas viagens ao exterior e pelo Brasil, sempre se hospedando em hotéis de luxo e desfrutando do bom e do melhor, ela se afeiçoou a ele.

Nessa conversa com Siegfried, de caráter mais íntimo, algumas das experiências estranhas que ela vivenciou com o

desembargador foram devidamente omitidas. Por seu turno, ele usava de tato para conseguir seu objetivo e notou uma certa tristeza nas palavras dela; era mais um desabafo.

Foi necessário outro jantar à luz de velas, regado a vinho, para que ele escutasse o que tanto queria ouvir e o que tanto temia em saber.

Raquel acabou por revelar que foi convencida certa vez a participar de um estranho ritual, a princípio contou ela ter ido por mera curiosidade, nem sequer tinha

noção do que poderia ser, até que deparou com algo com o qual tivera uma leve noção vendo filmes de terror, “uma coisa é ver um filme, outra muito diferente é você ver ao vivo e em cores”, disse a Siegfried. Um calafrio passou pelo corpo dele ao escutar o que ela contou, mas insistiu que ela prosseguisse.

– Algo a ver com magia negra e sexo – ela disse.

– Como? – perguntou incrédulo.

– Já ouviu falar em missa negra?



– Sim, já! – respondeu.

– Foi alguma coisa parecida com isso que eu vi, juro que fiquei aterrorizada, teve vezes que envolvia conjuração de espíritos da natureza, danças e sexo grupal. E ainda lhe digo mais, os participantes eram todos ilustres, pessoas endinheiradas. Hidalgo pertence a uma espécie de sociedade secreta, é uma pessoa a quem se deve manter a devida distância. Siegfried, um tanto quanto surpreso, ouviu tudo em silêncio

Ela lhe contou que se

assustou muito com a primeira cerimônia que presenciou, até pensou em largá-lo, mas para convencê-la ele lhe deu um pequeno, mas caríssimo *flat* à beira-mar. Dotado de alto poder de convencimento, a fez com que voltasse a participar daquelas excêntricas cerimônias.

Abruptamente, ela perguntou:

– Você conhecia aquela menina, não conhecia? Estou me abrindo para você, mas agora é a sua vez. Notei alguma coisa no ar entre

vocês naquela noite no café.

– Vou resumir: eu era tido como um profissional competente naquilo que fazia, morava aqui no Rio de Janeiro e tinha um apartamento à beira-mar como este, um pouco maior, e de certa forma era feliz. Minha carreira estava em ascensão, mas depois que ela entrou em minha vida, praticamente tive uma mudança de rota de 180º – disse. E completou: – Eu não moro em São Paulo como lhe disse da primeira vez que nos encontramos, mas em um lugarejo na fronteira do

estado do Acre com o Peru. Isso depois de passar um ano e meio embarcado, sendo submetido aos mais variados tratamentos humilhantes em uma plataforma no mar. Minha vida profissional regrediu mais de uma década somente para não ficar parado e evitar que enlouquecesse, pois antes que eu fosse trabalhar no mar passei muito tempo desempregado. Direta ou indiretamente, a razão de todos esses infortúnios teve ela como principal responsável. Mas reconheço que também fui

imprudente, deveria ter me afastado quando descobri que era neta do dono do grupo.

– Nossa! – disse ela, aparentando surpresa. – E o que você faz em um lugar tão distante?

– Uma instalação de um campo de petróleo no lado peruano da fronteira.

– Mas deve ser algo bem compensador financeiramente – disse Raquel.

– Compensador? Quem me dera, era isso ou ficar na plataforma, e a esta altura já estaria

desempregado novamente. Estou lá somente para restabelecer minha honra, pois, depois que o meu envolvimento com ela foi descoberto, a família dela me denegriu e me acusou de tentativa de golpe do baú e de querer subir na empresa à custa dela. Fiquei muito tempo sem conseguir um trabalho.

– Bem – disse Raquel –, pelo menos agora você viu que não perdeu nada de especial.

– Estou chocado – completou ele.

Ambos estavam deitados na

confortável cama do apartamento dela seminus sob os lençóis, com a luz acesa do abajur situado no criado-mudo ao lado da cama. Ela então se levantou, vestia somente uma minúscula calcinha, deixando à mostra o seu corpo exuberante, pegou um roupão estendido em uma cadeira próxima e o vestiu. Siegfried a observava, ela foi até a cômoda do quarto, abriu uma gaveta, pegou um *pen drive* e lhe entregou.

– Quer se vingar? Aí tem o que precisa – disse.

Em uma das ocasiões, ela gravou parte daquele “espetáculo” bizarro em um celular que manteve oculto. Pegou o notebook, ligou e o chamou para que visse o conteúdo; e o que ele viu o deixou mais estarrecido, pois em uma das cenas, Roxane estava presente. Era uma encenação de uma suposta missa negra.

\*\*\*

Seis meses depois do seu casamento, Roxane compreendera



que fizera um mau negócio. Ela não tinha nada em comum com o homem ao qual se unira, somente sua família era quem realmente saíra ganhando com a união, e também a família de seu esposo, porque, como sócios indiretos da Atlas, as possibilidades daqueles “senhores feudais” em multiplicar seus ganhos, usando a empresa de seu avô como instrumento, tornaram-se infinitas. Dessa forma, ela se voltou para Hidalgo, seu eterno protetor, e, esporadicamente, mantinha algum contato com Fred,

sua ex-paixão proibida, pois parecia que o encanto também com ele tinha se exaurido, uma vez que ele refizera sua vida sentimental com outra, mas ainda assim, volta e meia, ambos se encontravam. Seu novo *affair* na época era um professor catedrático, algo recorrente na vida dela, na faixa dos sessenta anos, que conhecera na especialização em Psiquiatria.

Embora César ainda mantivesse a chama da paixão acesa por ela, ele não era retribuído. Roxane mantinha um casamento de

fachada. Por vezes, cumpria o papel de esposa de senador e o acompanhava em recepções oficiais, compromissos políticos e demais afazeres que se faziam necessários para manter as aparências, mas o fazia a contragosto e sob muita insistência dele. Dava graças a Deus por ele passar parte da semana em Brasília, o que evitava a convivência diária. Nos fins de semana, quando ele estava presente, ela se refugiava na casa dos pais ou dos avós sob algum pretexto.

Com a reaproximação entre

Roxane e Hidalgo, Raquel passou a ficar em segundo plano. Embora o desembargador lhe desse dinheiro para que se mantivesse durante algum tempo, partiu dele a oferta para que ela fosse trabalhar no café no centro da cidade, “pois, quem sabe, não aparece um bom homem de posses que possa lhe assumir?”, ouviu dele. Aquilo foi um golpe, e ela levou um tempo para se refazer da decepção. A partir dali, alimentava a ideia de se vingar, tanto do homem que um dia acreditou, mas que no fundo apenas

a usou como um instrumento de prazer, quanto da mulher que fora responsável por sua queda.

O diálogo entre Siegfried e Raquel prosseguiu com ela lhe fazendo uma proposta à queima-roupa:

– Não quer me levar para onde você vive? Estou procurando um emprego e uma nova vida – disse – alugo este apartamento e vou embora numa boa – riu.

– Como é? – perguntou ele surpreso.

– Posso ir com você, se

quiser – ela respondeu.

– Impossível, moça. Aquele lugar é a antessala do inferno; há pessoas que se propuseram a trabalhar lá, que chegaram pela manhã e foram embora à tarde. Outros, no dia seguinte. Alguns ficam pouco mais de uma semana – respondeu, sem levar a sério aquela proposta. Contudo, por um instante lhe veio à mente aquele corpo escultural que minutos antes acabara de ver e teve vontade de concordar com que acabara de ouvir, “é algo tentador” disse para si

mesmo, mas preferiu agir com sensatez.

– Mas com você lá, eu fico.

– Em primeiro lugar, sua presença naquele local causaria um furor nos trabalhadores e nos moradores da região, e eu já tenho problemas demais para cuidar – disse sorrindo. E completou: – Se meus dois chefes vierem a saber de sua presença ali, certamente se mudariam para lá e minhas dores de cabeça se multiplicariam – em seguida, soltou uma gargalhada.

– Você está exagerando – ela

falou sorrindo.

– Já pensou em arrumar um emprego, digamos, mais formal? – ele perguntou meio constrangido.

– Claro! – respondeu. – O problema é que o condomínio aqui é uma fortuna, as taxas, o IPTU e tudo mais. E ainda tem a faculdade, e de vez em quando ainda tenho de mandar dinheiro lá para casa.

Também pensei em me mudar para um lugar mais barato, mas morar de frente para o mar é tão bom! – disse com expressão de pena.

– Sei bem o que é morar à



beira-mar – respondeu ele. – No dia em que desfiz de meu apartamento senti um aperto no coração.

– Quando você volta para esse famigerado lugar? – ela perguntou.

– No próximo domingo. Vou visitar meus pais amanhã, depois retorno ao Rio de Janeiro e no dia seguinte parto. Fico uma semana lá, depois mais quinze dias em Lima, fazendo a mesma coisa que fiz aqui nestes dias, e volto depois para o calor, para os mosquitos e para a malária – riu. Em seguida disse: –

Mais dois meses e volto para ver minha família novamente. Assim espero, para respirar um pouco de civilização também.

– Promete que quando voltar me procura?

– Ok, prometo – ele disse. Mas ela não sabia que não estava nos planos dele se relacionar com ninguém.

– Fique com este *pen drive*. Faça o que achar melhor.

– Se uma coisa dessas caí na rede – falou ele –, vai causar um escândalo dos grandes.

– E que escândalo!! Mas, olhe, cuidado! Tome muito cuidado, o desembargador é um homem muito bem relacionado, influente e perigoso, e a família dela, então! Se uma coisa dessas vir à tona, nem lá onde você vive estará seguro, e, quer queira ou não, terá de me levar junto, porque ele vai descobrir quem gravou, pois eu era a única estranha no grupo. Eles se reúnem há muito tempo. Fiquei sabendo de pessoas que cruzaram o caminho dele e se deram muito mal.

Siegfried permaneceu alguns

segundos em silêncio, depois disse:

– Não sinto ódio ou rancor dela, fiquei sentido por ter sido enganado, fui iludido, ela me deu falsas esperanças e já estava nos braços de outro. A família dela bem que merecia um escândalo desses e a do marido, então, nem se fala, mas sinto pelo avô, que me parece o único naquele meio com algum caráter. Nós nos dávamos bem, sabia?

– Será que ele aprovaria sua união com a neta?

– Difícil dizer! E pensar que

no dia que fui lá pedir demissão, ele me desarmou dizendo que eu era um pessoa essencial para a empresa, chegou até a me promover, veja você, e acabei ficando. Desse dia em diante, o tio dela, o homem forte da Companhia, passou a me ver como um rival, aliás, ele já dava sinais de que me via como um competidor, como alguém que estava ali para usurpar o poder dele. Quando meu caso com Roxane veio à tona, a primeira coisa que pensaram era que eu queria levar algum tipo de vantagem ou mesmo subir dentro da

empresa, aproveitando meu envolvimento com ela. Depois disso, inventaram que causei prejuízo à Companhia e que até mesmo teria pego dinheiro de forma escusa.

– Você fala sério? –  
perguntou ela.

– Foi exatamente isso o que aconteceu – respondeu. – Quando me envolvi com ela, não sabia que era neta do dono. Quando soube, já era tarde. Mas, agora, depois de conhecer este “lado negro”, vejo que ia me dar muito mal se meu

romance com ela fosse adiante, mas tenho minhas dúvidas se o velho Ismail aprovaria o casamento de um plebeu com sua neta querida. No fundo, fui apenas um mero passatempo, uma curtição de momento. Enquanto eu estava apaixonado, ela simplesmente me via como mais um coroa com quem pudesse se divertir.

– Pelo jeito ela gosta mesmo de homens maduros.

– Por que diz isso?

– Hidalgo não é o único, tem um outro homem que de vez em

quando aparece no café, parece mais velho do que você, é um professor. Pelo que deduzi, trata-se de um caso antigo. Acho que se conheceram no cursinho pré-vestibular ou no enisno médio. Os dois a dividem, e um sabe da existência do outro. Parecem ser até bem amigos – disse sorrindo.

– Você deve estar brincando, mais essa agora? – falou com ar admirado.

– Juro por todos os santos, homem de Deus! Sua odalisca também aparece por lá as vezes, e



nem sempre é para dançar.

Ele interrompeu o que Raquel estava dizendo.

– Odalisca – esta é boa! –  
riu. – Sabia que esse era o nick que ela usava no seu e-mail?

– Verdade? Bem, mas  
continuando, não sei se você notou  
que muitos casais vão ao café,  
namorados, noivos, casais em busca  
de sexo a três querendo sair da  
rotina e até mulheres  
desacompanhadas também  
aparecem. Não me causa nenhuma  
estranheza, uma vez eu jantava com

um cliente, o tal professor, e ela estava próxima, em um cantinho. Você acredita que eles acabaram com uma garrafa inteira de um scotch 12 anos? Ela parece que bebe todas; lá pelas tantas, sob o efeito da bebida, o tom de voz dos dois aumentou e eu escutei uma conversa sobre uma criança, mencionaram alguma coisa sobre aborto. Foi o que eu entendi. Ele também saiu dizendo para algumas pessoas que viveu um tempo fora do Brasil temendo ser morto pela família dela. Juntando uma coisa com a

outra, concluí que ele teria engravidado ela quando estudante.

Aquelas revelações deixaram Siegfried pasmo. Raquel continuou:

– Algumas vezes que ela se apresenta, parece tomada por algum espírito ou entidade. Também vi isso acontecer nos rituais do velho. Ela parecia outra pessoa; meu querido, apesar de ela tê-lo feito sofrer, há males que vêm para o bem, você se livrou de uma bomba.

Siegfried permaneceu em silêncio. O que ele acabara de saber era o suficiente para entender que

toda a imagem que ainda guardava sobre Roxane fora mera ilusão, sofrera por alguém que absolutamente não lhe merecia.

– Acho melhor deletar todo o conteúdo deste *pen drive* – disse ele.

– É algo muito perigoso. Vou lhe pedir um favor, se conseguir saber quando será a próxima apresentação dela no café, avise-me com alguma antecedência.

– Isto ninguém sabe, mas posso tentar. O que pretende fazer?

– Quero somente encará-la bem nos olhos, não vou sequer lhe

dirigir a palavra. – Em seguida, disse: – Está na hora de ir.

– Pensei que ia passar a noite comigo hoje, não quer ficar?

Apesar de tentador, ele argumentou que precisava se levantar cedo para ir ao interior do estado visitar os pais. Se ficasse, provavelmente não ia conseguir dormir. Em seguida, vestiu-se e procurou em sua carteira um pequeno cartão de apresentação de uma pessoa. Pegou e deu a Raquel. Ela perguntou de quem seria.

– Meses atrás, este senhor se

meteu em apuros em São Miguel. Está vendo aqui – mostrou o cartão – Aaron Schwartz, diretor, acredito que tenha já seus sessenta e poucos anos, creio que ele tem participação societária em uma rede de joalheria e vive correndo garimpos e jazidas com potencial de exploração. É meio tresloucado, sabendo da existência do garimpo próximo a São Miguel, foi até lá tentar comprar ouro e acabou posto para correr pelos nativos enfurecidos com os garimpeiros. Refugiou-se em nossa base, pois estava em grave

perigo. Agradecido, me deu esse cartão dizendo que eu o procurasse quando estivesse no Rio de Janeiro para um almoço de agradecimento. Como não tive tempo, vou tentar ligar esta semana lá de São Miguel e pedir que a ajude a conseguir alguma coisa em uma das lojas dele. Parece que ele atende uma clientela de alto poder aquisitivo. Talvez as comissões de venda sejam boas, claro, se você quiser. O que acha?

– Bem, não custa nada tentar  
– respondeu um tanto quanto desanimada.

Ele se despediu e saiu em seguida.

Duas coisas não saíram da mente dele, a vida secreta que Roxane levava e a proposta de levar consigo Raquel, uma das hipóteses que aventou seria levá-la para Rio Branco, capital do Acre, alugar um apartamento e, nos fins de semana, ir para a cidade, que contava com mais recursos, e quem sabe começar a ter uma vida social ao lado de uma mulher linda. Por outro lado, achava que Raquel não falara sério em acompanhá-lo, além disso, ela até



então era uma garota de programa de alto luxo. E a ligação com o misterioso desembargador? Será que sua intenção seria ir para um lugar longínquo para apagar o passado? Por muitos dias ainda essas ideias iam e voltavam aos seus pensamentos. No tocante à “Odalisca”, ele queria muito tornar a encontrá-la no café e olhar bem nos olhos dela, pois palavras seriam desnecessárias em uma ocasião como aquela.

Um dos filhos do senador J, Leopoldo, também político e com

igual posição do pai, ocupou a tribuna do Senado Federal para defender perante seus pares que legalizassem as atividades de mineração em terras indígenas. Entre outras coisas, dizia que os povos ali radicados fariam jus a uma ampla gama de benefícios com tais atividades, entre as quais listou o recebimento de verbas oriundas de *royalties*, empregos e mais uma série de benefícios, aos quais os nativos teriam acesso, e apelou para que os demais senadores para que aprovassem logo o seu projeto de

lei. Semanas depois, seria a vez de César apoiar o projeto do irmão. No fundo, ambos defendiam seus próprios interesses e de seus aliados, pois uma empresa de mineração pertencente a um grande empreendedor do ramo, com laços de amizade com Ismail e Salomon, uma vez que a Atlas por meio de uma de suas tantas subsidiárias atuara na área de mineração, no passado fizera parceria com este ilustre senhor, onde, em regime de consórcio, exploraram jazidas de cassiterita, mas com a chegada dos

tempos difíceis, a Atlas passou adiante a sua parte e desativou seu braço no ramo de exploração mineral; desta feita, porém, sabedor de que a sua antiga associada contava com acesso livre junto aos órgãos oficiais, o tal empresário, com fama de milionário, propôs se associar novamente a eles para levar a cabo o projeto, e também obter facilidade em conseguir apoio financeiro ao empreendimento junto ao banco de desenvolvimento do governo, onde os juros seriam subsidiados. O objetivo tanto do

empreendedor quanto de Salomon era não desembolsar um único tostão que fosse. A empresa surgida dessa união já pedira autorização a um órgão do governo para atuar. O local, em especial, ficava justamente situado na região de São Miguel, no lado brasileiro da fronteira, uma área notoriamente conturbada. Como o órgão que controlava a licença de exploração estava na órbita de influência do senador J e de seu partido, bastava que o projeto de lei fosse aprovado para que fosse dada a autorização

para a exploração. Contudo, seria apenas uma etapa, pois os indígenas locais e seus descendentes, com o apoio de ONGs, estavam se preparando para uma longa batalha judicial, que se falhasse, eles não descartariam o uso da força para defender seus interesses, além de uma cooperativa de garimpeiros, liderados por um certo homem de aspecto sinistro e fama de mal, que também já recorrera aos órgãos governamentais para ter os direitos de exploração.

Os planos de Salomon com o

projeto da mineração não incluíam respectivamente o sogro e esposo de sua sobrinha. Em se conseguindo as autorizações que permitissem a implantação do empreendimento e demais facilidades na obtenção de financiamento, ele e seu sócio tinham a intenção de fazer uma contribuição substancial ao partido do senador, sendo que este, obviamente, como de praxe, destinaria parte do montante às contas pessoais que ele e os filhos mantinham em paraísos fiscais no exterior. Mas César, porém, pensava

diferente.

A jazida de ouro, objeto de disputa, situava-se parte dentro de um local considerado como reserva indígena e parte fora, estendendo-se por uma região mais ampla habitada por moradores antigos e radicados naquela localidade. A empresa composta pela Atlas e pelo empreendedor formaram uma nova Companhia mineradora, com o objetivo de explorar aquela jazida como um todo, pois muito se discutia sobre um suposto projeto dos governos brasileiro e peruano de



construírem uma ferrovia ligando Cruzeiro do Sul a Pucallpa. Existia uma estimativa de que a região abrigava uma vasta gama de minerais, portanto, os empreendedores tinham pressa em fincar o pé por ali. Por outro lado, os limites geográficos estabelecidos para a reserva vinham sendo contestados juridicamente por agricultores e seringueiros ali estabelecidos, que, em se mantendo a decisão do governo, teriam de abandonar a região, o que estava gerando grandes embates entre as

duas comunidades. Ademais, garimpeiros já haviam se instalado no local e lutavam tanto contra os moradores radicados na região quanto contra os nativos.

Naquele período, a Atlas havia sobrevivido a um vendaval que havia coincidido com a doença de Ismail e a situação tornou a melhorar com o casamento de Roxane. Iniciou-se uma nova fase de bonança, que durou pouco, pois uma crise se avizinhou, e desta vez se deveu ao enorme apetite do senador e sua família de se

tornarem, de certa forma, sócios da Atlas depois do casamento de seu filho. A origem da nova turbulência foi que a Atlas passou a ganhar várias obras no setor público, muitas das quais sem concorrência, e outras tantas mediante acertos ou combinação de preços, além de ser beneficiada por emendas ao Orçamentos da União, apresentadas por deputados ligados ao senador que conseguiam verbas federais para a realização de obras em algum lugar de influência deles que, em geral, seriam construções

superfaturadas cujo destino do dinheiro ia para a Atlas, parte era desviada para o político que arrumou o recurso e também para outros que ajudavam no esquema fraudulento. Tudo isso começou a incomodar várias empresas concorrentes e não demorou para que fosse feito um movimento para acabar com a “festa”. Movido por denúncias de irregularidades, o Ministério Público foi acionado e o nome da empresa foi parar nos jornais. Vários empreendimentos foram paralisados e algumas obras

que estavam por iniciar também foram postergadas. Com a crise instalada, a Atlas se viu semi-paralisada e Salomon, indiretamente, beneficiou-se, pois sua posição havia enfraquecido com a entrada do grupo do senador J e do filho na empresa. Agora, com o escândalo batendo a porta, ele saía como o salvador, pois era preciso encontrar uma saída. A família do sogro de Roxane tratava de abafar o caso, mas mesmo assim poderia levar alguns meses para que a poeira baixasse e a Companhia voltasse a

operar com tranquilidade. Contudo, se o tempo para que a normalidade fosse restabelecida se estendesse excessivamente, a empresa poderia mergulhar rumo a ruína.

Ismail, debilitado por questões de saúde, participava muito pouco do que ocorria. Ainda assim, pertencia ao Conselho de Administração. Leon, teoricamente, ainda era o líder da Corporação e se equilibrava entre dois grupos antagônicos: um representado pelo irmão, que ainda não se conformara pela perda do poder supremo, e ou

outro pelo senador J e seus executivos postos dentro da Atlas para assessorar César. Uma trégua momentânea foi declarada entre os rivais para levar adiante o projeto da mineração, pois poderia ser uma válvula de escape para os transtornos causados pelo escândalo, embora, somente em médio ou longo prazos teriam retorno financeiro do empreendimento.

Foi identificado que a primeira coisa a fazer e a mais urgente seria remover os

garimpeiros do lugar. A princípio, acreditaram que mediante uma oferta em dinheiro o grupo deixasse o caminho livre para eles, pois a extração de ouro de forma manual requeria muito sacrifício e pouco retorno financeiro. As condições locais eram ideais para a exploração mecanizada, de acordo com o “milionário”, tido como *expert* no assunto, além disso, os garimpeiros estavam contaminando os leitos dos rios próximos com mercúrio, o que levava a população local a se opor fortemente à permanência deles na



região. O obstáculo seguinte, os moradores da reserva indígena e arredores, a cúpula formada pelas três partes interessadas tinha convicção de que não encontrariam forte resistência por parte deles, pois já havia indícios de que poderiam ser levados na conversa do *royalties*. Assim sendo, decidiram formar uma espécie de força-tarefa para pôr em prática os seus planos.

O tal empreendedor fez saber a todos que sua Companhia contava com gente especializada em lidar e

negociar com as comunidades onde seus projetos foram implantados. Por sua vez, César, que gostava de marcar presença, quis colocar pessoas de sua estrita confiança no processo de acompanhamento de negociação com os garimpeiros que haviam se enraizado na região, pois temia ser ludibriado pelo milionário e por Salomon. O escolhido seria seu meio irmão Raul. Quem o conhecia dizia que seria o mesmo que colocar um elefante dentro de uma loja de cristais. A justificativa pela escolha se deveu, segundo

César, a sua “prévia” experiência nesse tipo de situação. Contudo, sua competência para tal assunto era duvidosa.

Raul era fruto de um romance do senador J com uma jovem que, posteriormente, seria uma de suas governantas, até ser colocada no ostracismo por ele. A mãe de Raul, à época em que deu à luz tinha dezessete anos. Ela era filha de um caseiro de uma de suas fazendas. Dizia-se que era possuidora de rara beleza, ressaltada pelos olhos verdes. Suas feições

traziam a herança de seus antepassados índios e europeus. Era aquele tipo de moça com a qual todos os jovens gostariam de namorar, mas foi seduzida pelo então senador, que detinha uma reputação de ser mulherengo. Ele tinha esposa e filhos e sua mulher era conhecida pelo ciúme doentio pelo marido e por seu temperamento neurastênico. Ao descobrir a traição, ela perseguiu a jovem amante a ponto de tramar seu assassinato e do filho que ela carregava. O caseiro e a família caíram em desgraça e

foram postos para fora da casa em que viviam havia anos, sob a acusação de que facilitaram a filha para o patrão. O autor deste drama e principal responsável, apenas assistiu a tudo passivamente, pois temia um escândalo maior. Nessa época, ele era um político em ascensão, constituindo uma das estrelas do partido que apoiava a ditadura. Assim, sua ajuda se limitou a manter a pobre coitada longe das vistas de sua mulher, dando-lhe algum dinheiro para que se mantivesse por algum tempo.

Também lhe pediu que não divulgasse a outras pessoas o romance deles e a existência do filho que tivera fora do casamento, para que não prejudicasse sua imagem. Estando sua esposa irremediavelmente doente e sem esperança de cura, prometeu assumir o filho e a ela com compromisso formal depois do falecimento dela, o que esperava que ocorresse em breve. Tal fato se deu três anos depois. Ele, então, retomou o relacionamento com a mãe de Raul e a reconduziu à antiga

casa, a qual fora expulsa, sob protestos do casal de filhos mais velhos, um deles, Leopoldo. Ela, por sua vez, sempre se manteve fiel ao seu amante, pois ele sempre estava por perto, não permitindo que ela tivesse outra pessoa nem mesmo dando chance de recompor sua vida sentimental, pois pretendentes não lhe faltavam e havia homens que se propuseram a assumi-la e ao filho ainda pequeno. Por sua vez, ela esperou em vão que o pai do filho cumprisse a palavra dada várias vezes. A situação perdurou por

cinco anos, até que acabou por descobrir pelos jornais que o senador se casaria com uma *socialite* do Rio de Janeiro, cuja família estava falida. Esta viria a ser a futura mãe de César. Fora um golpe duríssimo ao qual ela jamais conseguiu absorver, vindo a nutrir a mais profunda mágoa por seu amante, pois se sentiu a última das mulheres. Astutamente, o velho político a manteve como uma reclusa, deu-lhe uma casa e a manteve com certo conforto, para que jamais revelasse o que houvera



entre eles. Em troca, cuidou da educação do menino, que o chamava de padrinho. Foi-lhe dito que a mãe ficara viúva cedo, pois haviam conseguido um pai falso para assinar seu atestado de nascimento.

A mãe de Raul, por anos a fio, envenenou o garoto para sentir o mais profundo ódio pela família do pai; revelou-lhe toda a verdade quando ele completou quinze anos e também o fez saber que, por pouco, ela e ele não foram mortos pela família dele. Embora o garoto já desconfiasse de tudo, pois era

visível as semelhanças físicas entre ambos, procurava disfarçar suas suspeitas. A mãe, por sua vez, aguardava pela morte do velho para que o filho também reivindicasse sua parte na herança.

Em um raro momento em que sentiu remorso na vida por causa de tudo o que fora infligido à mãe de seu filho, bem como ao próprio, o senador se reaproximou dele, mesmo sob a indignação dos demais membros da família. Com o decorrer do tempo, Raul se mostrou útil e era capaz de tudo para agradar

ao pai e aos irmãos que o rejeitavam e que lhe dispensavam sempre um tratamento de indiferença e preconceito.

Diferentemente de César, que fora criado em um ambiente mais sofisticado e cosmopolita, Raul passou parte de sua vida nas fazendas do seu “padrinho”. Embora tenha cursado uma das faculdades caça-níqueis de propriedade de seu pai, poderia ser considerado um jagunço com diploma. Era truculento e fazia o tipo valentão, uma característica que também seu

irmão mais novo exibia. Adorava bebedeiras, farras em lugares de baixo nível, e seus amigos mais próximos também tinham o mesmo estilo. Ele viria a se tornar aquele tipo de meter a mão na massa, talhado para qualquer tarefa que requeria alguma forma de trabalho sujo; por seu “padrinho”, ele matava ou morria se preciso fosse. Não foram poucos os episódios polêmicos protagonizados por ele em prol dos interesses da família do senador J. Radicado na região Norte, reduto eleitoral de seu progenitor,

Raul se envolveu nas mais diversas situações, onde a falta de escrúpulos e a truculência andavam de mãos dadas, desde envolvimento em compras de votos e subornos para contratação de pistoleiros para eliminação de rivais e desafetos, até inúmeros episódios ligados à grilagem de terras, conflitos com ecologistas e agricultores, além de outras circunstâncias semelhantes. Sempre que a situação para ele estivesse sob algum tipo risco ou ameaça, o pai o levava para passar uma temporada em seu gabinete em

Brasília ou o abrigava em algum cargo em um ministério qualquer, onde o partido detinha o comando, com o objetivo de tirá-lo de circulação por uns tempos.

Os anos passaram, e sob influência da mãe, Raul um dia se deu conta de que era apenas um instrumento do pai e de seus meio-irmãos para o trabalho sujo para o qual sempre lhe designavam, que nunca o aceitariam como um dos seus. Não foram poucos os episódios em que ele foi mantido a distância e com desprezo. Ele já

previa uma disputa difícil por seus direitos com os descendentes do pai quando este falecesse, possivelmente, ele e a mãe seriam deixados na rua da amargura, pois conhecia bem como os irmãos agiam. Advogados e juízes estariam a serviços deles quando a ocasião surgisse, e ele era tão somente um mero serviçal. Diante disso, aguardava pelo momento certo para dar o troco, mas fingia que a vida continuava e que ele estava ali para o que desse e viesse.

A repercussão do discurso

do senador Leopoldo só serviu para complicar ainda mais a tensa situação reinante em São Miguel. Os preços do custo de vida dispararam por causa da especulação de uma futura instalação de uma mineradora na região. Isso fez correr o boato que havia muito mais ouro do que se pensava e uma verdadeira corrida em busca daquele metal se precipitou com a chegada de mais gente disposta a tirar algum proveito da situação. Os conflitos se agravaram. Não passava um fim de



semana em que não se tivesse notícia de uma ou mais mortes por causa de brigas em bares. Matava-se por uma garrafa de aguardente ou pela disputa de um pedaço de terra, onde se julgava conter o metal precioso. A prostituição aumentou, as mulheres eram disputadas a faca e não tardou a aparecer menores de idade exploradas.

Um grupo de cerca oito homens havia chegado à região bem antes da Atlas e seu sócio planejarem se instalarem naquele local, se dizendo também

garimpeiros, mas, na verdade, tratava-se de um bando que mesclava extração de ouro com crime, se a ocasião assim se apresentasse. Vários indivíduos eram foragidos da Justiça, acusados pelos mais diversos delitos, como contrabando, invasão de propriedade privada, desmate ilegal, roubos etc. Vieram seguindo um líder, conhecido como Simão Caolho. Ele era moreno queimado de sol, tinha estatura mediana, usava bigode e cavanhaque e sua cabeça era raspada, já que lhe restavam poucos

fios de cabelos. Alguns de seus dentes eram implantes de ouro, metal ao qual tinha obsessão. Seu apelido se devia ao fato de enxergar somente com o olho direito. A vista esquerda foi perdida em uma de suas tantas brigas corporais ao longo de sua vida agitada. Por causa disso, ganhara uma cicatriz que lhe cobria o rosto e que ia da testa, passando pelo olho perdido, até sua face. De vez em quando, usava um tapa-olho. Seu comportamento era excêntrico, só vestia roupas negras, calça, camisas de manga compridas

abertas até o umbigo, chapéu igualmente da mesma cor, cinturão e botas cano longo de vaqueiro na cor marrom. Ele se sentia como um caubói do garimpo. Quando criança e adolescente, era fã dos antigos filmes de western e seu visual foi inspirado em um dos heróis deste tipo de película. Contudo, o papel que ele desempenhava na vida real era exatamente o oposto dos chamados “mocinhos” do filme, que tanto sucesso fez décadas atrás.

Sob estudo de algum especialista de comportamento

humano, Simão seria diagnosticado como um psicopata clássico; apesar de possuir qualidades de liderança e de influenciar seus liderados, ele também era do tipo frio e insensível. Sob quaisquer circunstâncias, matava seus oponentes sem pestanejar e não demonstrava qualquer sinal de remorso pelo mal cometido. Não distinguia homens de mulheres, e quando entendia que sofrera algum prejuízo ou afronta se punha a ir à forra; igualmente, tinha tendências sádicas, a crueldade era sua marca

registrada. O nome desse personagem malévolo estava associado a diversos episódios envolvendo conflitos e mortes em decorrência de disputas em garimpos. Suspeitava-se de sua participação na morte de índios no Suriname e em escaramuças com forças policiais daquele país, bem como com outros povos nativos na fronteira com a Venezuela. No território brasileiro, também já tinha se envolvido em diversas transgressões, não apenas pela busca por metais e pedras preciosas, mas

também pelas contendidas por terras.

Entre o seu grupo, três deles o acompanhavam já havia anos, um era mais jovem, possivelmente ainda não chegara aos dezoito anos, conhecia Simão desde a adolescência e fora o único sobrevivente de uma família indígena dizimada em um conflito com garimpeiros. Caolho decidiu levá-lo consigo e o tratava como se fosse um escravo. Frequentemente, ele era submetido a maus-tratos. O homem nem sequer sabia o nome dele, chamava-o de Curupira, em

alusão a uma pequena criatura mitológica que habita as selvas. O outro era conhecido pela alcunha de Diabo Louro, tinha cerca de quarenta anos, e tal como seu líder era obcecado por ouro; a busca pelo metal era a sua razão de viver. Era igualmente destituído de qualquer tipo de caráter ou escrúpulo. Era um tipo violento, outrora fora corpulento, pois suas roupas eram largas, usava as calças abaixo da cintura, soltas, deixando parte das nádegas à mostra. Sua cabeça era raspada por causa de piolhos e



outras pragas. Usava bigode e uma longa barba loura, que servia para lhe encobrir o lábio leporino. Uma enorme tatuagem lhe cobria o braço esquerdo, desde o punho até os ombros. O terceiro era uma figura sombria, juntou-se a Simão fazia pouco mais de dois anos. Era negro, alto e esquelético, tinha aparência cadavérica, idade em torno de cinquenta anos, usava barba rala esbranquiçada e um gorro jamaicano na cabeça, além de um brinco na orelha direita e vários amuletos pendurados no pescoço.

Levava sempre consigo um facão enorme, que tanto servia para abrir caminho na mata quanto para matar animais para seus rituais, pois se dizia feiticeiro. Era originário do Haiti e se estabeleceu posteriormente na Guiana Francesa, pois fugira de seu país natal por causa da penúria em que vivia e, sobretudo, porque fora jurado de morte por sua clientela e feiticeiros rivais, uma vez que sobre ele pairava a suspeita de ter molestado menores em seus cultos e até mesmo de ter desaparecido com

crianças locais. Ele se chamava Augustin. Os mesmos episódios passados em seu país de origem se repetiram no segundo, vindo a se refugiar em um garimpo ilegal. Foi lá que conheceu Simão, que na ocasião adoeceu gravemente e esteve às portas do além. Coube ao bruxo, por meio de chás de ervas e raízes, e empregando outras artimanhas, trazê-lo de volta ao mundo dos vivos; desde então, Simão o levava consigo e sempre que os ventos da má-sorte sopravam em sua direção, ele recorria aos seus

serviços, na esperança de superar a maré de azar. O tal bruxo, vez por outra, realizava cerimônias de fechamento de corpo quando havia risco de algum perigo iminente. Em tais rituais, frequentemente se davam incorporações supostamente de espíritos da natureza que o nigromante invocava. Usualmente, costumava sumir pela mata adentro durante dias, era um exímio caçador, o que fazia aumentar entre o bando a aura de mistério que o cercava, porém, era um tipo que tinha um sério desvio psicológico,

assediava sexualmente crianças e adolescentes. O jovem índio que Simão carregava consigo já o havia repellido várias vezes.

As histórias que envolviam Simão diziam que ele já fora rico. Sua fortuna originara dos tempos da busca pelo ouro na lendária Serra Pelada, no Pará, nos idos de 80 e 90. Com o dinheiro ganho, ele teria comprado algumas propriedades no recém-criado estado do Tocantins e tentado virar fazendeiro criando gado, sendo que algumas de suas fazendas eram produto de grilagem

e objeto de disputa jurídica, onde ele teria levado a pior tempos depois. O estilo de vida extravagante que adotou e a inabilidade para gerir um ramo de atividade completamente desconhecido para ele, ao qual passou a se dedicar ao largar o garimpo, o teria levado à ruína. Em outras ocasiões, investiu em garimpos, muitos dos quais ilegais, e por várias vezes foi colocado em fuga, deixando tudo para trás e tendo a polícia no seu encalço. Todos esses fatores somados

acabaram por levá-lo à falência, embora muitos desconfiavam que ele mantinha uma razoável quantia de ouro guardado em algum lugar para financiar suas novas empreitadas como essa em que se metera em São Miguel. Quando chegou à localidade tinha cerca de sessenta anos e sua saúde estava bem debilitada por causa de seu estilo de vida desregrado: bebedeiras e compulsão pelo fumo. Sofria de problemas crônicos no fígado e outros males causados pelo vício incontrollável de fumar. Além

disso, tinha uma vida errante na selva, quase sempre em condições precárias. Portanto, para ele, o ouro de São Miguel seria sua redenção e uma forma de tentar viver melhor o tempo que ainda lhe restava.

Caolho e seu bando eram mais estruturados que os demais que operavam naquela região. Inicialmente, ele formou uma cooperativa e deu entrada nos órgãos governamentais para obter licença de exploração mineral, sendo que o outro grupo de garimpeiros, totalmente



desorganizados, ainda não tinha se dado conta deste pequeno e importante detalhe, mas a obtenção da permissão do governo poderia demorar, uma vez que, preliminarmente, teria de atender à legislação ambiental e demais exigências. Enquanto isso, a garimpagem corria solta, mesmo de forma ilícita. Ele fazia saber a todos que tinha gente importante lhe dando apoio. Possuía equipamentos de comunicação, dragas, escavadeiras para usar na derrubada de árvores e conter barrancos nas

margens do rio, armas, balsas e barcos rápidos para serem usados em caso de fuga dos agentes da lei; entre sua rede de conexões havia pilotos de pequenos aviões, que também serviam ao tráfico de drogas na fronteira, e mecânicos. Uma vez instalado na região, foi procurado por um grande grileiro de terras, que se denominava fazendeiro, e entre outras atividades dedicava-se a contrabandear madeiras nobres protegidas por lei. Este mandou construir uma pequena pista de pouso para dar suporte às

suas atividades criminosas. Simão também mantinha contato com intermediários de empresas do mercado financeiro, que revendiam o metal a investidores da região Sudeste e contrabandistas. Não tardou para ser contatado por políticos inescrupulosos da região, que prontamente estavam dispostos a investir dinheiro no garimpo.

Não demorou para acontecer confronto entre os dois grupos de garimpeiros, sendo que Simão estava levando a melhor, mas ainda encontrava resistência. Em seguida,

o conflito se estendeu aos índios, que se opunham fortemente a esse tipo predatório de atividade. Foi nesse clima altamente volátil que deparou a equipe enviada pelo empreendedor e sócio de Salomon e por Raul, que também foi junto a mando de César. Os resultados foram pífios, além da sementeira da discórdia, pois parte dos nativos concordaram em fazer acordo e outra parte não. No tocante aos garimpeiros, a situação era confusa.

\*\*\*

Todo fim de mês, mais precisamente na última sexta-feira, acontecia o pagamento de todos os que trabalhavam na implantação do projeto no Peru, tanto a Quest como suas contratadas suspendiam as atividades por um dia útil, a fim de facilitar a vida dos trabalhadores para fazerem suas compras ou mesmo enviar dinheiro para suas famílias. Aproveitando esse dia, Siegfried foi até Cruzeiro do Sul, onde havia uma agência bancária, para fazer suas movimentações.

Alguns tinham seus dias de folga para visitarem as respectivas famílias. Euclides, Índio e Lino tiveram suas folgas programadas. O primeiro, foi até sua cidade natal, os primos foram a Cuiabá, sendo que João queria reencontrar Isabela. Lino temia voltar a São Paulo e se defrontar com antigos fantasmas, pois supunha que muitos de seus inimigos poderiam estar à espreita. Dessa forma, ficou na casa dos pais do primo para desfrutar de alguns dias livres.

Na segunda-feira, Siegfried

retornou a São Miguel e, desafortunadamente, a base de apoio situada naquela localidade fora assaltada no fim de semana. Apenas os vigilantes ficaram de guarda e foram brutalmente espancados. Parte do mobiliário, computadores e todo o equipamento usado para comunicação de satélite foram levados. Siegfried munido de seu sofisticado celular por satélite , usado apenas em casos emergência , ou na eventualidade de falência dos meios de comunicação convencionais informou o roubo ao

chefe imediato, Villanueva e ao pessoal da Quest no Rio de Janeiro, que ficaram de repor o material roubado, também avisou as autoridades do estado para que pudessem fazer algo. Foi mais uma comunicação formal, pois sabia que eles não fariam absolutamente nada. Na semana seguinte, com o retorno de Lino, este se pôs a buscar os possíveis suspeitos com a ajuda dos dois integrantes da Polícia Militar, de João, Quaresma e Pedro Diaz, o guia peruano. Os dois últimos conheciam bem a região e os



moradores. A princípio, tiveram dificuldade em conseguir algum tipo de informação, pois as pessoas temiam sofrer retaliações caso fossem tidas como deladoras, esse fato causou estranheza, mas, com um pouco mais de persistência, acabaram por descobrir que as pistas levavam ao grupo de Simão. De fato, a violência sofrida pelos vigias que guardavam a base, praticamente tinha a assinatura dele. Lino tentou montar uma operação de recuperação do material, mas Siegfried o demoveu da ideia, pois

as consequências poderiam ser imprevisíveis.

Nos fins de semana, Simão e seus assecclas frequentavam os bares e prostíbulos instalados nos arredores da cidade. Ele era famoso pelas confusões que arrumava, parecia ter gosto por sangue e pela violência gratuita, e até o momento não havia quem se interpunha a ele. Em uma dessas ocasiões, Lino e Índio, na companhia de mais alguns colegas de trabalho da Quest, cruzaram com Simão e seu bando em um desses lugares. Por pouco,

não iniciaram um ajuste de contas ali mesmo. Como disse Lino na ocasião, “sinto o cheiro de um bandido a distância”. Também Quaresma estava vigilante, dono de um armazém muito bem surtido de mercadorias, já passara pela experiência de deparar com aquele homem malévolo em seu estabelecimento fazendo compras. Apesar de Simão se comportar amistosamente, aquele incômodo “cliente” não tirou os olhos de sua jovem esposa que, frequentemente, ajudava-o, o que quase provocou um

confronto por tamanho atrevimento, o que seria uma tragédia, pois Simão ou algum dos homens que levava consigo como escolta, poderiam matá-lo a sangue-frio. E ainda corria o risco de, uma vez perpetrado o crime, levar consigo a viúva à força, como já o fizera uma vez. Dizia-se que era viúvo, ou era isso que ele gostava de contar, mas a verdade era que a tal “mulher” com quem ele dizia ter sido casado, unira-se a ele à força, pois fora levada por causa de uma disputa de dinheiro que envolveu um ex-sócio

com quem a pobre coitada vivia. Ele a cortejava havia tempos, e tendo como motivo uma rixa envolvendo partilha de ganhos de uma mina, a situação acabou em conflito, e ambos tentaram matar um ao outro. Simão acabou roubando a mulher. Pelas condições de vida precária na floresta, a infeliz faleceu, pois não gozava de boa saúde e não tivera o adequado tratamento para evitar esse acontecimento nefasto.

Pouco mais de trinta dias se passaram para que o sistema de comunicações da base situada na

zona fronteira fosse restabelecido plenamente. A corrida contra o tempo continuava para que as instalações situadas no Peru pudessem estar prontas para o início da segunda fase do projeto. Apesar da tensão reinante na região, Siegfried tentava se concentrar na sua tarefa. Ainda estava estupefato com o que soubera a respeito da vida secreta que Roxane levava e obcecado por encontrá-la uma vez mais. Ansiava pelo aviso que Raquel se incumbira de fazer. Já havia se passado quase três meses desde

que estivera no Rio de Janeiro pela última vez. Embora tivesse folgas programadas a cada período de dois meses, pelos acontecimentos e pela urgência de seu trabalho, sua viagem estava sendo adiada, até que, por fim, recebeu o aviso que tanto esperava. Um e-mail de Raquel, que ficara sabendo que “odalisca” apareceria na próxima segunda-feira. A mensagem chegou em meados da semana e, mais do que depressa, ele se deslocou na sexta-feira para Cruzeiro do Sul. Dali, fez várias escalas e chegou ao

Rio de Janeiro na madrugada de sábado, hospedando-se em um hotel. Pela manhã, foi ao interior visitar os pais e pegar algo que seria entregue à tal “odalisca”. Sua estadia foi mantida em segredo. Comunicou somente a Euclides que tinha algo pessoal para resolver na sua cidade natal e que se tudo desse certo retornaria na terça-feira. Na segunda-feira, fez um contato com Cazé para que fossem juntos até o Sheherazade. E assim se deu.

Siegfried, acompanhado do amigo, foi até o café à noite.



Estranhamente, não encontrou Raquel. Suas tentativas de chamá-la no celular foram em vão. Entre uma bebida e outra e uma beliscada ocasional em porções de salgadinhos e tira-gosto, e assediados por belas mulheres, ficaram até o show de dança do ventre se iniciar. Ele mal se continha; apesar de Cazé o tempo todo tentar puxar conversa, ele permanecia praticamente calado e apreensivo. Ficou olhando ao redor para identificar o tal desembargador e o professor que Raquel havia lhe

contado. O tão esperado momento aconteceu em torno das onze horas da noite. Os dois ocupavam uma mesa não muito distante do palco, que ficava bem situada, na ponta de uma espécie de corredor formado por diversas mesas. Era por ali que várias dançarinas se exibiam quando desciam do palco. Ele esperava que a apresentação fosse da mesma maneira que a anterior, em que ela dançou entre as mesas da clientela que assistia ao espetáculo. Siegfried queria encará-la bem fundo nos olhos e mandar entregar a pequena

lembrança comprada na viagem que fizera a Paris, e que ainda guardava consigo, pois, no encontro marcado ela não aparecera. Lussin, por fim, foi apresentada pelo mestre de cerimônias. As luzes do recinto foram reduzidas, os músicos se puseram a tocar e, decorridos alguns minutos, ela chegou ao palco, seguida de aplausos e assobios. Desta vez, veio coberta dos ombros aos pés por uma espécie de manto negro de seda, com detalhes dourados, uma roupa típica do Oriente Médio. Usava um véu que

lhe encobria o rosto e por trás uma máscara também na cor negra, muito sensual. Lussin iniciou seu número, a plateia parecia hipnotizada por ela. A medida que fazia seus movimentos com os braços e mãos, ia se despindo de suas vestes, peça por peça, deixando à mostra seu belo corpo. Siegfried sentiu um frio na barriga, mal se continha e, por um momento, pensou em ir embora. Ela ainda não se dera conta da presença dele; pouco depois identificou os personagens sobre os quais Raquel

lhe contara, ambos ocupavam a mesma mesa, situada bem próximo ao palco; na primeira vez em que ele lá estivera, percebeu um senhor muito bem-vestido, aparentando pouco mais de sessenta anos, portando uma bengala .Naquele momento, reconheceu-o como a mesma pessoa, que correspondia com o lhe fora dito. O outro homem sentado na mesma mesa parecia ser o tal professor. O show prosseguiu. Lussin desceu do palco e se exibiu, segurando um longo lenço na cor escarlate, em um corredor formado

entre as mesas dos clientes. Passou por onde Cazé e Siegfried estavam sentados e se sobressaltou ao perceber Sieg olhando-a fixamente. Em uma fração de segundos, pareceu tentar se aproximar dele e passar seu echarpe de seda por seu rosto, como fazia com um ou com outro, sendo que, em seguida, deteve-se bruscamente, mas continuou seu bailado por entre as mesas. Aparentemente, manteve-se calma, dando prosseguimento ao seu número, mas transpareceu algum desconforto. Ela sentiu como se sua

alma estivesse exposta por alguns momentos, mas conseguiu se manter dançando, ao contrário da ocasião em que o vira pela última vez. Em seguida, retornou ao palco, estava praticamente seminua, e encerrou a apresentação sob fortes aplausos e pedidos de bis.

Siegfried chamou o maître e pediu que entregasse a ela uma pequena lembrança acompanhada de uma bela gorjeta. Este, todo sorridente, disse-lhe que se encarregaria do pedido, deixando escapar que a dançarina do ventre

recebia muitos presentes e flores, e muitos daqueles estavam assistindo também insistiam muito em conseguir o telefone dela. Havia até alguns que queriam contratá-la.

Finalizado o show, os dois se retiraram. Roxane foi para o camarim, e como sempre acontecia nessas ocasiões, parecia estar sob domínio de uma entidade. Algumas vezes, ela perdia totalmente o controle sobre si e apenas se recordava vagamente dos acontecimentos ocorridos, tal qual um sonho; já, em outras, ela detinha



o domínio parcial, sabia o que se passava e travava uma luta entre ela e a “outra”. Depois de se refazer, ela tomou um banho, e após se vestir o maître bateu à porta e lhe entregou a encomenda: um pequeno embrulho de formato quadrado envolto em um papel de presente não muito usual, “possivelmente algo do exterior”, ela concluiu. Ansiosa, abriu e deparou com um cartão onde constava um soneto atribuído a Dante Alighieri, Vide Cor Meun (Veja Meu Coração), assinado por Siegfried com uma dedicatória, com

a data de anos atrás. O presente permanecera intacto desde que ele o comprara em um antiquário em Paris. Ela examinou admirada o objeto raro e delicado, depois abriu a tampa e observou maravilhada um casal de bonecos, representando uma bailarina e um soldadinho de chumbo. Ao lado, uma pequena chave que servia para dar corda à caixinha. Depois de girar a chave, o casal iniciou uma dança, ao som de uma música suave que não conseguiu reconhecer o autor. O tempo pareceu parar ao ficar

observando aquele objeto tão esplendido, datado do final do século XIX. Pensava em Siegfried quando bateram à porta. Era Hidalgo e Fred. Ela, antes de atender, pediu que esperassem um minuto. Guardou o objeto na bolsa. Seu camarim estava repleto de flores, vários cartões de visitas de clientes lhe pedindo algum tipo de contato, e dois outros embrulhos: joias enviadas por dois outros admiradores, que solicitavam um convite para um jantar acompanhados pelos seus

respectivos números de telefones.

No dia seguinte, ela se debruçou sobre o presente que recebera. Leu repetidas vezes o soneto e foi até o Google onde descobriu que aqueles versos foram compostos por Dante e dedicados a Beatrice, por quem o autor se apaixonara quando tinha apenas nove anos. Ele a teria visto de passagem e somente a reencontraria nove anos mais tarde, portanto, sua paixão por ela fora fruto de um único encontro, algo bem análogo entre Siegfried e ela, pois ambos

somente se encontraram uma vez, “um único encontro seria capaz de fazer alguém se apaixonar?”, pensou. Também refletiu que ela mesmo, quando o viu na empresa do avô, também se apaixonou, mas a paixão se fora, “mas e com ele? O que teria se passado?”

Roxane temia algum tipo de retaliação por parte dele ou mesmo alguma coisa em represália à sua família, tendo ela como pivô, afinal, ela fora a origem de uma série de infortúnios pelos quais ele passara e ainda estava passando. Seu tio e seu

pai o difamaram. Pensava dia e noite naquela situação, seus familiares notaram que algo não estava bem com ela, talvez a distância do marido que vivia fora, pensaram. Indagada sobre o que poderia ser, ela apenas desconversava.

Hidalgo, um arguto observador, do tipo de pegar as coisas no ar, sentiu que Roxane estava pesarosa, preocupada. Desconfiava que o motivo seria aquele cavalheiro que, por duas vezes, estivera no café assistindo ao

show de dança do ventre, pois notou em ambas as ocasiões que sua amada ficou desconcertada com a presença dele. Passados alguns dias, em uma conversa telefônica entre os dois, ele puxou pelo assunto. Ela tentou desviar, ele insistiu, e acabou por saber o que realmente estava tirando o sono dela. Ela confessou, resumidamente, que tivera um romance rápido com o tal homem que assistia ao show e que temia algum tipo de revanche por parte dele, por ele ter sofrido sérias consequências em decorrência

disso. Hidalgo soube da história superficialmente, à época, e até já se esquecera do episódio. Ao ouvir Roxane contar, soltou uma gargalhada de satisfação, e em seguida disse:

– Será que ele não sabia que se enamorar por você teria um preço? – continuou rindo sarcasticamente. E prosseguiu: – Você está reservada somente a poucos – disse rindo com entusiasmo. Em seguida, ofereceu-lhe ajuda, dizendo que se ela quisesse tinha como resolver o



problema.

– Você tem como me ajudar?

– ela perguntou.

– Posso cuidar disso a meu modo – disse rindo novamente.

Ela respondeu que o melhor era deixar para lá, mas falou sem muita convicção, quase implorando para que desse um jeito naquilo. Ele entendeu o recado.

## **Uma Sombra Maligna Paira Sobre a Floresta**

De volta a São Miguel, Siegfried tentava por todos os meios se concentrar em sua árdua tarefa, pois a cena de Roxane dançando não lhe saía da mente, muito menos o que viera a saber por meio de Raquel. Ele lhe passou um e-mail e tentou por repetidas vezes falar com

ela quando esteve no Rio de Janeiro, mas suas tentativas foram inúteis. Todas as ligações caíam na caixa postal. Alguns dias depois, recebeu a resposta. Ela lhe disse que estivera viajando a trabalho, que o sr. Aaron a tinha contratado, e que por esse motivo se sentia muito agradecida por ele a ter recomendado, que também lamentava não ter sido possível vê-lo de novo, mas que tão logo estivesse de retorno à cidade, não faltaria oportunidade para almoçarem juntos. O e-mail de Raquel foi curto e ele de certa forma

desconfiou que tudo indicava que pudesse ter encontrado alguém, “quem sabe no novo emprego?”, ele pensou, “bem”, disse para si, “lá se foi mais uma”. Siegfried acertou na mosca, Aaron, viúvo, contratou-a para trabalhar na administração da rede de joalherias, mas o motivo não foi porque estava precisando de uma nova funcionária, mas sim porque gostou dela no momento em que a viu. Raquel percebeu as intenções do simpático senhor e viu que logo teria de volta a boa vida que outrora tivera ao lado de

Hidalgo.

\*\*\*

Roxane, sob extrema ansiedade, acabou escrevendo para Siegfried nos e-mails que a prima lhe forneceu. Foi uma mensagem curta, perguntou se ele estava bem e queria uma oportunidade para lhe explicar algumas “coisas”. Siegfried se surpreendeu com a mensagem enviada aos seus dois e-mails, tanto o particular, que ela sempre tivera, e o da empresa. Ao ler, disse para si

mesmo, “ela ainda acha que pode explicar”. Não respondeu a mensagem, apenas deletou. Passado dois dias, ela tornou a mandar a mesma mensagem, pois ficou na dúvida se ele realmente a havia recebido, uma vez que não obtivera resposta. No entanto, ele apagou novamente, sem responder. Tal fato só serviu para aumentar ainda mais a agonia dela.

César passou parte da semana em Brasília, como sempre fazia. Em algumas ocasiões, ia até o reduto eleitoral onde o pai fora

eleito, pois este o pressionava para que desse alguma presença no local e também aproveitava para se encontrar com uma de suas amantes, que tinha por lá, pois se tornara o representante do estado no Senado. Tinha total desprezo por aqueles aos quais tinha a obrigação de representar, uma vez que o pai ocupava um posto em um determinado ministério como parte do jogo de alianças do governo. César, como suplente, tomou assento na vaga deixada. A recepção que recebeu da esposa foi fria, bem

mais do que em ocasiões anteriores, o que ele já estava notando havia tempos. Contudo, desta vez indicava que algo se passava. Roxane estava tensa por causa do encontro com Siegfried no café. O episódio a deixou nervosa, pois corria o risco de fazer seu mundo cair da noite para o dia. Incomodado com aquela situação, ele a questionou, mas ela foi evasiva e não o convenceu. Acabaram discutindo. Ele ficou desconfiado que a indiferença dela pudesse estar associada a alguma infidelidade, traição havia, mas ela



sabia muito bem dissimular. Ele, então, resolveu contratar um detetive particular para averiguar.

Nos dias posteriores, Roxane desconfiou de que estava sendo seguida ou vigiada. Comunicou suas suspeitas ao seu protetor, Hidalgo, que se prontificou a verificar do que se tratava e acionou sua extensa teia de contatos para fazer uma checagem. Confirmou a suspeita dela, mas somente alguns dias depois, e a aconselhou a manter discrição sobre todos os aspectos, inclusive telefonemas e e-mails,

sobretudo. De modo geral, Roxane era sempre discreta, pois desde a adolescência levava uma vida dupla. Desenvolvera um instinto evasivo, escorregadio, apesar de muitos desconfiarem de que ela não era exatamente a pessoa que parecia ser, mas até então ninguém conseguira provar nada. Contudo, o aviso do desembargador chegou tarde. César, alegando que seu computador pessoal apresentava um problema qualquer, pediu o dela emprestado, dizendo que precisava checar alguns e-mails, mas o objetivo real era

entregar ao detetive que levaria para um hacker que tentaria descobrir algum indício. Quando isso aconteceu, Roxane ainda não se dera conta de que estavam em seus calcanhares. Tal fato se deu durante um fim de semana em que ela se ausentou para ir à casa de seus avós, algo corriqueiro, pois ela vivia entre a casa de Ismail e a de seus pais, onde seu quarto ainda era mantido intacto. Ela não costumava deixar rastros de nada, mas acabou por não “deletar” a tempo as duas mensagens que enviou a Siegfried.

O hacker conseguiu a senha do e-mail dela e isso chegou ao conhecimento de César, para ele, era o indício de uma traição.

Cerca de trinta dias depois que Siegfried esteve pela última vez no Rio de Janeiro, ele retornou ao entardecer da base no Peru com destino a São Miguel, após encerrado o expediente diário. Lino conduzia o Land Rover. Foram os últimos a sair. Euclides e Índio estavam em Cruzeiro do Sul, cuidando de assuntos administrativos e chegariam ao

pequeno povoado naquele dia à noite. Os poucos funcionários que faziam o mesmo trajeto já haviam saído, pois, por causa de um contratempo, Siegfried se demorou um pouco mais e ambos acabaram por deixar o local por último. Geralmente, iam em comboio por causa dos frequentes assaltos na estrada. Em um trecho de mata mais fechada, Lino observou um farol solitário atrás dele. Identificou que se tratava de uma motocicleta. Naquele lugar e horário ele achou estranho. Sieg estava entretido,

escutando uma seleção de blues de John Lee Hooker, quando percebeu que Lino não tirava os olhos do espelho retrovisor. Abaixou o volume do rádio e perguntou do que se tratava, ao que ele respondeu que tinham companhia. Viu também que havia mais alguém na garupa, portanto, eram duas pessoas a segui-los. Ambas usavam capacete, algo raro naquela região. Lino acelerou o veículo e ganhou dianteira; minutos depois, observou que os dois também aceleraram. Em seguida, viu que o homem sentado na garupa

aparentava estar armado. Lino, então, não teve dúvidas, algo ruim estava para acontecer. Seu instinto, até então adormecido, despertou. Siegfried também notou que algo estava se passando com seu motorista e guarda-costas de ocasião e ficou apreensivo.

A motocicleta era do tipo usada em competições de motocross, portanto, própria para terrenos acidentados e lamacentos, tal qual se encontrava a região. Os dois ocupantes se aproximavam mais rapidamente do que Lino

conseguia correr com o Land Rover. Em certo momento, houve quatro disparos cujos projéteis foram absorvidos pela blindagem da camionete. Um, acertou os vidros que eram à prova de balas. Siegfried e Lino se assustaram, sendo que este saiu daquela estrada precária por alguns instantes, sacou a arma e se preparou para o revide. O motociclista, por um momento, parou para observar se os tiros haviam surtido efeito, pois acreditou que talvez um dos ocupantes tivesse sido atingido.



Com isso, Lino contra-atacou, mas, inexplicavelmente, não acertou nenhum deles, contribuindo a pouca iluminação que ainda restava. Os dois pistoleiros, surpresos, acabaram por deixar o local e desapareceram.

Ao chegarem ao alojamento exaltados, Lino disse a Siegfried que sairia para checar de quem se tratava.

– Vamos ver se são do bando do tal Caolho ou recém-chegados querendo aprontar por aqui – falou para o superior.

– Tome cuidado, Lino, com esse tipo de gente não se brinca. Eles podem estar de tocaia, se bem que, provavelmente, eu possa ser o alvo, já que a onda de sequestros no Peru retornaram.

Por sua vez, Lino temia que ainda fosse alguma coisa relacionada a Marcos Cláudio ou ao deputado amigo de Branca, que podia ter mandado pistoleiros para lhes darem o troco.

Siegfried avisou pelo rádio ao chefe de segurança dos vigilantes que guardava o alojamento e o

escritório para redobrar a vigília.

Euclides e João haviam chegado pouco antes de Siegfried e Lino. Tomaram conhecimento do que tinha acontecido, e depois de jantarem no alojamento, que era todo cercado, sendo que o escritório era uma extensão, todo o conjunto formava um pequeno complexo, este questionou o primo se a viagem deles transcorreria tranquila, pois ele temia que havia gente em busca deles.

– Tudo pareceu normal – respondeu João.

– Parece que nem aqui teremos sossego. Tenho minhas dúvidas se era tentativa de assalto, pois tanto pode ser gente mandada daquele mauricinho filho de uma porca, como daquele deputado escroto – disse. E completou: – Vamos ter de achar os dois antes que nos achem – concluiu.

Os dois saíram das instalações para fazerem uma varredura pela região.

San Miguel e sua outra irmã São Miguel, do outro lado da fronteira, dispunham de iluminação

pública em péssimas condições, portanto, era um lugar em que sair à noite requeria precaução redobrada. Ambos, devidamente armados, foram ao encontro de Quaresma para avisá-lo de que ficasse atento a duas pessoas estranhas que estavam em uma motocicleta. Contaram-lhe o episódio ocorrido e ele disse que vira dois forasteiros rondando a base, que ambos almoçaram no seu restaurante e fizeram várias perguntas sobre a empresa e o gerente, mas já estavam na região havia dias. Estavam fazendo suas

refeições em seu estabelecimento. As pessoas que almoçavam ali, lhes prestaram alguma informação e comentaram que diariamente alguns funcionários se dirigiam à base situada no território peruano e que, em geral, retornavam ao anoitecer. Como Quaresma morava perto das instalações da Quest, acabou por observá-los. Disse ainda que a dupla parecia estar em busca de alguma coisa e como todos os dias várias pessoas de fora chegam para procurar emprego, ele pensou que fossem mais uma dupla de

desempregados. Também falou que cada um carregava uma mochila, mas que não estavam em um única motocicleta e sim em duas. Ele descreveu a aparência física deles: um tinha estatura mediana, era claro, tinha os cabelos lisos e castanhos e era magro. O outro era moreno, também mediano e corpo esquelético, no entanto, Quaresma disse que possuíam má aparência, sotaque aparentemente do Pará, e aparentavam ter cerca de quarenta anos. Praticamente, não conversavam entre si, comiam em

silêncio e pareciam estar buscando algo, pois o tempo todo ficavam observando ao redor.

– Sinceramente, não se comportam como dois caras comuns procurando emprego – falou Quaresma para Lino e Índio, propondo-se a ajudá-los na busca. Em seguida, os três saíram às ruas.

O número de pequenos hotéis baratos e pousadas na região, bem como de prostíbulos e outros estabelecimentos do gênero proliferaram por causa do aumento da atividade de garimpagem e



madeireiras ilegais e pela busca de oportunidades de emprego no campo de petróleo. A Quest também contribuiu com o aumento de circulação de pessoas pelo local e de dinheiro. Apesar de que grande parte da mão de obra era majoritariamente peruana e estas pessoas viviam nos alojamentos instalados ao redor do campo petrolífero ainda em construção. Mas como a cidade fronteiriça dispunha de algum atrativo a mais, era para lá que os operários iam sempre que dispunham de algum

tempo livre. Dessa forma, Lino e Índio saíram em direção a esses lugares, pois deduziram que os dois ainda estavam pela vizinhança.

Pegar a estrada a noite, para algum povoado próximo ou mesmo para Cruzeiro do Sul, era desaconselhável para qualquer um.

Andaram para um lado e para outro, correram vários lugares suspeitos por onde a dupla poderia estar. Observavam sempre os estacionamentos e evitavam chamar a atenção para se manter em sigilo. Outro fator que os ajudou era que

fizeram amizades com vários moradores e pequenos comerciantes, muitos dos quais já haviam tido a ajuda de ambos em situações passadas. Também se juntaram aos três, o sargento Sanches, da Polícia Militar, um tipo baixinho atarracado, pele escura mas de feições indígenas, que acabou sabendo da situação. Decorridas algumas horas, e já passando da meia-noite, conseguiram localizar o paradeiro de dois suspeitos cujas características coincidiam com os

tais homens. Um pequeno e escuro  
inferninho na periferia da cidade e  
situado bem próximo ao rio que  
passava pela região, sendo que  
alguns clientes chegavam de barco  
ao local, por sua localização,  
próximo a uma jazida de extração  
de ouro que era retirado do rio. Ali  
era o local preferido dos  
garimpeiros. De todos, era o lugar  
mais distante e o mais perigoso. Nos  
fundos, havia alguns quartos, que  
tanto poderiam ser utilizados como  
hospedagem, como para encontros  
ocasionais com as mulheres que

trabalhavam naquele antro. Lino e Índio foram os primeiros a entrar, enquanto o sargento Sanches manobrava seu veículo na escuridão. O salão era escuro, havia poucas luzes, e, mesmo assim, nas cores verde e vermelho, piscando e ofuscante, para se dar a impressão de uma boate. Algumas mulheres, em sua maioria muito jovens e de descendência indígena, dançavam para alguns poucos frequentadores em meio à fumaça de cigarro. Os quartos localizados na parte de trás estavam quase todos ocupados. Lino

e Índio observavam, mas não dava para distinguir se a dupla estava por lá. Talvez estivessem em um dos quartos. O sargento Sanches chegou em seguida. Muitas garotas, ao vê-lo, saíram correndo temendo serem presas. Obviamente, eram menores de idade. O dono da espelunca estava atrás do balcão e ofereceu uma garrafa de cerveja acompanhado de um maço de notas de dinheiro ao sargento para que deixasse o seu estabelecimento.

— Guarde sua bebida e seu dinheiro, não estou atrás disso —

respondeu Sanches.

– Por favor, seu sargento, meu movimento melhorou um pouquinho hoje, não vai estragar.

– Estou à procura de dois elementos que devem ter chegado à cidade há dois ou três dias.

Disseram-me que estão aqui. Cada um tem uma motocicleta. Viu-os?

– Um está no quarto de número 5 e o outro no de número 8. Mas, cuidado, pois estão com duas garotas. Parece que estão armados. Não leve as meninas, pois elas são umas coitadas!

– Fique tranquilo –  
respondeu Sanches.

Ao escutar o diálogo do sargento com o dono da birosca, João e Lino se prepararam para ir aos quartos mencionados, mas, de repente, irrompeu uma briga no salão. Uma das mesas tombou com várias garrafas de bebidas vindo ao chão e se estilhaçando instantaneamente. O motivo seria a disputa de dois homens por uma mesma mulher. Um sacou a arma e disparou dois tiros na direção do oponente. Como o atirador já estava



em estado avançado de embriaguez, nenhum dos projéteis atingiu o adversário. Conflitos dessa natureza passaram a ser corriqueiros naquele lugar. O sargento acabou se envolvendo diante da iminência de que algo mais grave pudesse acontecer. As garotas corriam e gritavam. Os demais frequentadores se agacharam, os disparos acabaram por chamar a atenção dos ocupantes dos quartos, entre os quais os dois a quem buscavam. Uma completa anarquia se instalou. A dupla de elementos saiu do quarto de arma

em punho para ver o que estava havendo. Nisso, Lino sacou a arma e foi ao encontro deles, tendo João ao seu lado. Os dois homens, ao verem que eles estavam indo na direção deles, atiraram a esmo e saíram correndo pelo pátio, onde os quartos ficavam situados. Pularam o muro. Um conseguiu, o outro não, vindo se estatelar no solo. Na queda, ele deixou cair a arma. Lino correu, pulou e foi atrás do primeiro, enquanto João se atracou com o outro que não conseguiu escapar. Quaresma presenciou a cena e foi

em auxílio de Índio, que, naquele momento, já havia cravado uma de suas facas no joelho do homem e este se contorcia de dor. Uma vez imobilizado, João saiu correndo pela porta da frente, onde, do lado de fora daquele inferninho, ainda reinava alguma confusão. Sanches fazia um enorme esforço para acalmar os ânimos. Índio tentou localizar Lino em meio à escuridão. Logo o viu retornando, exausto e sujo, pois o tal homem se embrenhara pela mata. Em meio à noite escura, Lino temeu uma

emboscada e preferiu retornar. O sargento levou o ferido ao posto médico local, que estava fechado, pois funcionava muito mal por causa dos poucos recursos do estado e por ter pouquíssimos funcionários que se revezavam. A enfermeira que trabalhava na cidade estava em sua casa e Quaresma foi chamá-la, enquanto Sanches e Lino o interrogavam.

Para surpresa dele e de seu primo, o homem contou que não foram pagos para pegá-los, mas a Siegfried. Ambos teriam sido

contratados no Pará, ainda dentro da prisão, pois eram matadores de aluguel e cumpriam pena por vários crimes. Cerca de quinze dias antes de chegarem a San Miguel, tiveram a fuga do presídio facilitada depois de terem recebido a visita de um advogado, que desconheciam, e que tudo indicava que não era da região Norte nem Nordeste, pois disseram que o sotaque parecia ser do Rio de Janeiro. O misterioso homem os procurou na prisão dizendo que os tiraria dali mediante um “serviço” que teriam de fazer. Parte do

pagamento se daria ao deixar a cadeia e o restante depois da conclusão da “encomenda”. O pistoleiro disse que o tal advogado deveria ter algum esquema com gente da “alta”, “pois tudo havia sido fácil de mais!” Não soube dizer de que forma o tal advogado teria chegado até eles, “alguém indicou a gente”, declarou. E ainda disse que não sabiam de nada a respeito da suposta vítima, apenas lhes foi fornecido o nome, o que fazia e onde estava. Nem o motivo lhes foi dito, mas eles desconfiavam que

seria por causa de alguma mulher, pois o advogado deixara escapar que a pessoa a quem eles deviam matar, não ia mais mexer com a mulher de ninguém.

No dia seguinte, Lino e João procuraram por Siegfried para dizer o que havia se passado durante a noite. Revelaram que os dois homens que os haviam seguido durante o trajeto no dia anterior estavam na região para dar um fim nele. Ao escutar o relato, ele ficou aturdido, incrédulo. Puxou pela memória e não descobriu nada que

pudesse indicar algum problema no passado, até que Lino, bastante constrangido, disse que um dos pistoleiros contara que tudo indicava ter alguma relação com alguma mulher casada. Logo, ele matou a charada, “é coisa daquele maldito desembargador”, pensou. “Raquel tinha razão, o homem é realmente perigoso, mas o que será que o levou a fazer isso?”, perguntou a si mesmo.

Euclides, totalmente atônito, não acreditava que seu chefe havia se envolvido com uma mulher



casada e que foram atrás dele naquele local tão longínquo para algum tipo de vingança. Em uma conversa reservada entre ambos, Siegfried apenas lhe contou uma fração da história, mas assegurou que não se tratava de nenhuma mulher comprometida, muito menos de algum marido traído e ciumento. Ele tentou falar com Raquel para saber se ela estava bem, “pois quem sabe Hidalgo também não a teria incluído para ser eliminada?”, supôs. Durante o dia fez várias tentativas de comunicação até que,

por fim, conseguiu. Ela lhe disse estar muito bem e que não mais mantinha qualquer tipo de contato com o desembargador. Quando soube do episódio envolvendo os dois matadores de aluguel, ficou chocada. Siegfried lhe pediu que se mantivesse atenta e a aconselhou a desaparecer por uns tempos. Convencendo Aaron a fazer uma longa viagem romântica, Raquel ficaria longe do país por dois meses, no entanto, ela não corria perigo, Hidalgo nem imaginava que ela havia tido um caso com Siegfried.

Dois dias depois da confusão, o sargento foi informado de que um homem fora visto vagando pela mata, perdido. Uma equipe de voluntários foi mobilizada para localizar o sujeito. Tratava-se do outro pistoleiro. Somente quinze dias depois, os dois foram transferidos para Rio Branco e, posteriormente, para o Pará, onde seriam reconduzidos para a prisão. Mas o misterioso advogado não mais apareceria.

Como a situação na região já era perigosa havia tempos, Siegfried

comprou uma arma de Quaresma. Recebeu algumas lições de tiro com Lino e, a partir daquele episódio, passou a andar armado e retomou as aulas de tiro com ele, agora com muito mais afinco.

\*\*\*

Cerca de pouco mais de uma semana depois de Roxane ter falado com Hidalgo a respeito de seu temor de uma possível vingança de Siegfried contra ela, acabou por se arrepender e voltou a falar com o

desembargador para que não fizesse nada contra ele:

– Não creio que ele fará alguma coisa contra mim, não é da natureza dele.

Ele simplesmente disse que estava tudo bem e assegurou que não faria nada contra ele, se era o que ela desejava, mas àquela altura, ele já tinha se mexido e deixou a coisa como estava.

César não era do tipo que possuía um comportamento de caráter racional, muito pelo contrário, era comum ter explosões

de fúria quando contrariado. A suspeita de que pudesse estar sendo traído era algo que lhe despertava seus piores instintos. Ele já planejava um modo de estrangular com as próprias mãos o suposto homem que lhe estava colocando “chifres”, mas por um breve instante de lucidez, deixou de lado seu orgulho ferido de macho alfa e procurou os pais de Roxane para dizer que estava notando mudanças no comportamento de sua esposa. No decorrer da conversa, disse suspeitar que poderia estar sendo

traído. Escutando o que o genro dizia, Laura intimamente se tocou que já havia observado que a filha parecia evitar o marido havia algum tempo, mas se manteve reservada no tocante a esse assunto. Não dissera nada a ninguém, mas suas suspeitas se confirmaram. Pacientemente, escutou as colocações de César, enquanto Leon, um tanto quanto exaltado, procurou defender a filha e quis saber se havia algo de concreto que pudesse substanciar as suspeitas dele. Ele, por sua vez, mesmo colocando um detetive

particular não descobriu nada além dos e-mails, mas se esquivou de dizer que contratara uma pessoa para segui-la. Disse que Roxane não era mais a mesma, que suas atitudes mudaram e que todos os sinais indicavam se tratar de infidelidade. Em um primeiro momento ele omitiu que desconfiava de uma pessoa específica. A discussão prosseguiu. Leon temia que ele quisesse deixá-la e que estivesse arrumando um motivo, por isso insistia em uma prova mais contundente, algo que ele não tinha.



Contudo, diante da pressão do sogro, acabou por citar o nome de Siegfried. Leon e Laura se entreolharam admirados, pois já haviam se esquecido daquele homem. Questionaram de onde ele teria tirado tal informação, ele desconversou e pôs fim à reunião abruptamente, deixando à mostra seu gênio explosivo. O casal se comprometeu a ter uma conversa mais séria com a filha para tentar entender o que estava acontecendo. César, por sua vez, começou a investigar quem seria e onde estaria

a pessoa a quem sua mulher enviou as mensagens.

Depois dessa conversa, o casal se pôs a discutir a situação.

– Mas de onde aquele bastardo golpista saiu? – falou referindo-se a Siegfried. – Roxane só pode estar louca em manter contato com aquele aventureiro de uma figa – completou o pai.

Laura ficou pensativa, ponderou que conhecendo bem a filha que tinha, sabia que mais dia menos dia ela se cansaria do marido, só não esperava que fosse

tão rápido.

Os homens pelos quais Roxane se interessava, em geral, eram tipos maduros e intelectuais, embora tivesse tido exceções, como o oceanógrafo o *playboy*, e César, que era o oposto do que ela sempre idealizou.

Leon se viu impaciente com os argumentos da esposa, para ele, uma suposta separação refletiria na situação da empresa.

– Que consequência teria isso?

Ambos compreenderam que

teriam de conversar com a filha para saber o que estava se passando e sobre as suspeitas do marido no tocante a alguma traição. A pessoa citada por ele deixou ambos seriamente contrariados, pois poderia ser um indício de que a filha estava aprontando.

Laura tomou a iniciativa de falar com a filha antes que Leon o fizesse. Encontrou-a na casa de Ismail, pois ela usualmente fazia companhia aos avós. Ao tomar conhecimento do assunto, Roxane mostrou-se surpresa, pois o marido

não demonstrava qualquer mudança em suas atitudes. Questionada pela mãe, deu como desculpa que seu esposo ficava tempo de mais fora, ou estava em Brasília, ou no reduto eleitoral no Norte do país, e quando estava no Rio de Janeiro envolvia-se nos assuntos da empresa. Nos fins de semana, costumavam ter a casa cheia de amigos e parentes dele, ou de políticos puxa-sacos. Dessa forma, tinham poucos momentos sozinhos. Alegou que esses fatores os estavam afastando, mas não mencionou que possuíam

temperamentos diametralmente opostos. Laura esperava ouvir outro tipo de argumento, e decidiu tomar um tom conciliador, disse que conversaria com o genro para que ele tentasse ter uma vida mais familiar ao lado dela. As duas ainda conversavam quando Leon chegou, participando da conversa. Seu tom porém foi mais inquisidor.

– César mencionou alguma coisa relacionada àquela sujeito que trabalhou na nossa empresa que Salomon pôs para fora. Como é mesmo o nome daquele vigarista? –

perguntou. Em seguida, disse: – O tal Sigurd, não é assim que ele se chama?

– Como é? Do quem vocês estão falando? – disse exaltada e ao mesmo tempo exibindo feições coradas pela emoção.

– Refiro-me àquele golpista filho da mãe. Seu marido não disse nada de concreto mas tocou no nome desse cara.

– Ele citou o nome de Siegfried? – perguntou Roxane.

– Sim, esse mesmo ou algo parecido com isso – respondeu

Leon.

– Você, por acaso, tem tido contato com esse homem, filha? – perguntou Laura.

– Claro que não. Pelo que sei ele está em algum lugar na selva do Peru, Maria Alice soube e me contou. Papai, pelo amor de Deus! Se tem alguém que deu algum golpe aqui foi o senador e sua gente, eles sim estão se dando muito bem à custa da empresa do vovô. Se neste país a justiça funcionasse, aquele povo todo estaria atrás das grades. Tio Salomon tinha era inveja da



competência dele, mas vovô o admirava muito. Vocês sabem bem que titio, quando percebe um competidor, trata de tirar logo do caminho. Mas o que tem isso? Ele quer dizer que o estou traindo?

– Bem, filha – disse Laura –, ele desconfia de algo.

– Essa é boa, será que ele não sente a consciência pesada? – soltou uma pergunta a qual os pais não tinham como responder, pois se referia ao fato de que sabia que o marido também dava suas escapadas, tanto em Brasília como

na região Norte, aonde ia esporadicamente.

Pela página do Facebook de César ela já rastreara muitos recados das “amigas” dele e vira muitas fotos com elas em festas e clubes noturnos. Ela tinha plena consciência de que o marido fazia o tipo “pegador” e não desprezava um belo traseiro. Sempre soube que ele teve numerosos casos passageiros, mas era dela que ele realmente gostava. Ela preferia se fazer de inocente, não dava tanta importância para as puladas de

cerca de César, pois ele não mais lhe despertava coisa alguma, a não ser o desprezo. Roxane, porém, não contou aos pais a vida íntima que o marido tinha quando estava ausente do Rio de Janeiro. Leon, no entanto, sabia bem, mas preferia ignorar.

Depois das colocações dela, Laura e Leon permaneceram calados. Este último refletiu sobre o que a filha lhes disse e constatou que era a mais pura verdade, “mas que saída havia?”, pensou.

– Bem, por que vocês dois não fazem uma viagem? Quem sabe

as coisas não se acertam? – disse a mãe.

Roxane, com os olhos marejados, pensou no que Siegfried poderia estar passando e não disse uma só palavra.

– Vou conversar com César e sugerir um passeio romântico para pôr as coisas no devido lugar. É apenas uma crise passageira – completou Laura, sem muita convicção sobre o que acabara de escutar da filha.

A cabeça de Roxane ficou a mil por hora, “como é que César foi

saber da existência de Siegfried?”, pensou. “Será que ele contou a alguém o que viu no café?”.

Enquanto raciocinava, tentava passar a imagem de que estava tudo sob a mais perfeita ordem.

Não se contendo e com a ansiedade lhe corroendo, queria saber como César soubera da existência de Sieg, que ligação possuíam? “E se ele disse algo sobre o que viu no café?”, pensou. De posse dos telefones que conseguira no escritório da Quest no Rio de Janeiro e utilizando uma linha

segura para não ser rastreada, ela ligou para o telefone dele. Foram várias tentativas, pois a comunicação com a base era precária, mas, por fim, obteve êxito.

Siegfried atendeu a ligação sem saber de quem se tratava. Quando ela se identificou, ele ficou tomado de surpresa.

– Como foi que me achou? – perguntou.

– Seguindo as pistas que deixou com Maria Alice – ela disse em tom de brincadeira.

– A que devo a honra de

receber a ligação da esposa de um ilustre senador da República? – ele falou ironizando, pois no escândalo de favorecimento de obras para a Atlas, o nome do marido e de alguns deputados foi parar nos jornais.

– Não se trata da esposa de um senador, mas de uma pessoa que o admira muito e tem por você um carinho especial.

Siegfried, em um primeiro momento, pensou em dar uma gargalhada sarcástica, pois em seu entender nunca escutara nada mais falso, mas preferiu não polemizar.

Ela prosseguiu:

– Mas me diga, homem de Deus, onde exatamente você está?

– Literalmente no meio do nada – respondeu. – Estou 80 km dentro da selva peruana, partindo da fronteira do Brasil, no estado do Acre. O que significa que nem os satélites conseguem nos localizar, já que estamos encobertos por uma densa e úmida floresta.

– E como faz para viver em lugar como esse? – ela perguntou.

– Viver? Sobrevivo um dia por vez – respondeu. – Nunca foi tão



difícil ganhar o pão nosso de cada dia.

– E o que você foi fazer tão longe?

– Estamos construindo uma instalação petrolífera, já que o petróleo gosta de aparecer em lugares remotos – ele disse sorrindo. E prosseguiu: – Você deve saber que depois que saí da empresa de seu avô passei por maus bocados, não tive escolha, ou vinha para cá, ou provavelmente estaria desempregado a uma hora dessas. E por falar nele, como vai de saúde?

– Vovô se afastou da vida da empresa, faz fisioterapia e passa grande parte do tempo no haras de Itaipava com os cavalos, estou sempre lá com ele e vovó.

– Então? O que exatamente gostaria de falar comigo? Creio que não foi para saber como eu estou, não é? – disse secamente.

Ela pigarreou e entrou no assunto:

– É sobre o que viu no Café Sheherazade – ela tinha a voz embaraçada.

– O que eu vi naquele lugar

foi somente um ótimo show de dança do ventre, aliás, a dançarina estava em ótima forma – disse sorrindo. E prosseguiu: – O que eu vi ali ficou retido àquele lugar. Se está preocupada com algo mais, pode ficar tranquila, porque não é assunto meu.

– Não brinque – ela murmurou em tom de lamento. E completou: – A coisa é séria, com quem você comentou?

– Se está preocupada com algo mais, pode ficar tranquila, pois não é assunto meu. Agora tem mais,

se uma daquelas moças que frequentam aquele lugar e a dançarina têm algo a esconder, o melhor não seria se afastar daquele lugar?

– No tocante à dançarina, é algo maior do que ela, ela não tem como controlar. Mas é que em uma discussão de meu marido com meus pais, seu nome veio à baila.

– Minha querida, não faço a menor ideia de como isso foi acontecer. Conheço seu marido apenas pelos jornais. Você tem plena confiança nas pessoas que

estão ao seu redor? E ainda lhe digo, cerca de duas ou três semanas atrás, dois pistoleiros tentaram me pegar. Se eu não contasse com gente eficiente, que cuida da minha segurança, não sei o que poderia ter acontecido.

Roxane imediatamente ligou o fato a Hidalgo, mas permaneceu calada. Ele continuou:

– Os elementos não sabem quem os contratou, contaram apenas que foi um advogado supostamente do Rio de Janeiro por intermediário de alguém, uma pessoa com

bastante poder, pois a dupla teve a fuga facilitada de dentro de um presídio. O suposto motivo seria um marido traído que achava que a mulher tinha algum envolvimento comigo. Você não acha muito estranho isso?

Ela, surpresa, disse:

– Bem, é melhor você fazer um exame de consciência sobre com quem você tem andado.

– Engano seu, passo em torno de dois a três meses aqui. Você não tem noção do que é este lugar. Não tenho amantes, e se

tivesse não seriam mulheres comprometidas, pode ter certeza disso.

– Você acha que de alguma forma eu tenho participação nisso?  
– ela perguntou fingindo total inocência.

– Como eu posso saber?  
Você desconfia de que eu tenha falado algo sobre você? E que isso teria chegado aos ouvidos de seu marido? Ou quem sabe se alguém não foi falar com ele que um dia você teve algum envolvimento comigo? Se é que realmente

tivemos alguma coisa. Em resumo, eu fui visto naquele café e você acha que eu teria dado com a língua nos dentes sobre alguma coisa que presenciei?

Roxane preferiu não prolongar o assunto.

– Tudo bem – ela disse. – Antes de terminar, quero lhe agradecer pela caixinha de música.

– Eu ia lhe entregar no encontro que você furou quando marcamos na Confeitaria Colombo. Aquele objeto estava queimando as minhas mãos, não fazia sentido dar



a outra pessoa qualquer, já que fora destinado a você.

– Obrigada mais uma vez, acredito que tenha valido uma fortuna. Bem, tenho de ir, gostei muito de ter falado com você depois de todo esse tempo. Acho melhor você redobrar seus cuidados com sua segurança pessoal.

– Você acha que poderão vir novos pistoleiros?

– Meu marido é muito ciumento, não sei o que ele pode fazer.

– Mas você não tem como

conversar com ele e colocar tudo em pratos limpos?

– César é um cara difícil, ele não se abre comigo, mesmo que eu esclareça tudo, não há garantia alguma de que ele não vá fazer nada, cuide-se.

– Tenho me cuidado, mas quem está precisando se cuidar mesmo é você, principalmente com relação às pessoas com as quais você se relaciona.

– Alguém em especial? – ela perguntou.

– Você sabe melhor do que

eu.

Ambos se despediram. Tanto um quanto o outro passaram um longo tempo meditando sobre a conversa que tiveram. Pela cabeça de Siegfried, em alguns segundos, passou tudo o que vivera e sonhara com ela, e tudo que sofrera por causa dela, inclusive a decepção ao saber o lado negro que se escondia por trás de uma aparente doçura.

Ela, após se refazer, ligou para o desembargador para lhe pedir explicações a respeito dos pistoleiros que mandara atrás de

Siegfried. Disse com voz firme que ele não atendeu ao seu pedido e que, por pouco, não tinha havido uma tragédia com sérias consequências. Ele apenas se desculpou, dizendo que zelava por sua segurança, que tal evento não mais se repetiria. No entanto, ela ainda temia por alguma ação de César, embora as provas fossem muitos superficiais e sem fundamento.

Uma semana depois da conversa entre os dois, uma rebelião estourou no presídio no Pará, local para onde os dois pistoleiros foram

enviados. Na revolta, ambos foram mortos.

\*\*\*

Laura contou a César a conversa que teve com a filha e disse que não havia nenhum indício de algum tipo de infidelidade por parte dela, que o melhor seria que ele dedicasse um pouco mais tempo à esposa, pois fora isso que escutara dela, que ele estava deixando a vida conjugal em segundo plano. Ela lhe sugeriu uma viagem romântica para

ficarem mais próximos, aconselhou-o a ir para a França. Duas semanas depois, Roxane e César viajaram àquele país por dez dias. Embora tivessem passado uma temporada na capital francesa por ocasião da viagem de núpcias, cerca de menos de um ano antes, desta vez teriam a chance de conhecer outros lugares fora dos circuitos tradicionais que ela sempre quis ir. Como César não falava absolutamente nada de qualquer língua estrangeira, muito menos o francês, Roxane poderia se virar bem falando inglês, mas por

iniciativa dele, acabaram levando um casal de amigos, com todas as despesas pagas. O homem assessorava a Atlas e a esposa era fluente em vários idiomas e entendida de arte. A intenção dele era arrumar alguém que fizesse companhia para a esposa nos museus e galerias enquanto ele contaria com o auxílio do assessor nos cassinos. Roxane já estivera no Louvre por duas vezes, sendo que a última na lua de mel. Insistiu em uma terceira visita, pois soube que havia novas exposições e gostaria de

conhecer. Ela se sentia fascinada por aquela cidade, estivera uma única vez no museu de Orsay com a mãe quando era ainda adolescente e seria uma excelente oportunidade de revisitar os quadros dos mais célebres pintores. Depois, seguiriam para alguns lugares aos quais sempre tiveram vontade de conhecer .

Na França, em um esforço para agradá-la, César até acompanhou-a mais uma vez ao Louvre. Para ele, ir a um museu era algo que não lhe despertava



interesse, ainda mais que já estivera com ela na ocasião anterior.

Enquanto a esposa ficava horas admirando as obras de Da Vinci, Michelangelo e outros tantos artistas famosos, ele achava aquilo tudo muito enfadonho. Guardava suas energias para a vida noturna e os jogos em cassinos, clubes de pôquer e *night clubs*. Depois de passarem pouco mais de três dias na capital francesa, seguiram para o Vale do Loire. O objetivo dela era evitar que o marido perdesse mais dinheiro, além de ter a oportunidade

de conhecer uma belíssima região. Conheceram alguns castelos e ela quis ir até a região de Provença, no Sul do país. César preferiu ir em direção à Riviera Francesa, Cannes e Nice, com o companheiro. Assim, combinaram de se encontrar com ela e a amiga recente alguns dias depois em Mônaco. Todos esses lugares são conhecidos também por seus cassinos; ao ser repreendido por Roxane sobre a significativa perda de dinheiro quando frequentava esses lugares, César simplesmente respondeu que tão

logo retornasse a Brasília recuperaria tudo. Tal declaração a deixou repugnada. Como saldo da viagem, ela retornaria grávida e com mais aversão ao marido.

\*\*\*

O tempo foi passando e as pretensões de Salomon, de seu sócio milionário e da família do senador iam se esvaindo no tocante ao projeto da mineração de ouro na região de São Miguel por causa das dificuldades de se chegar a um

acordo com aqueles que já haviam se estabelecido no local. Sem contar que os envolvidos na sociedade desconfiavam de que cada um estaria planejando ludibriar o outro. Salomon não via a hora de se livrar do senador e sua prole, arquitetava uma maneira de levar adiante o projeto sem que a família do marido de sua sobrinha participasse. Para isso, tentava levantar uma quantia para levar a cabo o seu intento e formar uma parceria somente entre ele e o milionário, pois este último tinha fama de ser *expert* em

mineração. César e o pai souberam da manobra do tio de Roxane e encarregaram Raul de resolver o assunto com os garimpeiros e com a comunidade local a ferro e fogo, se fosse preciso, para dessa forma obter vantagem em uma negociação futura com os outros dois envolvidos, ou mesmo vender por uma quantia exorbitante o direito de exploração da jazida, ou então se tornarem sócios do empreendimento, em vez de ganharem a comissão anteriormente proposta.

Simão Caolho estava acuado por causa das dificuldades financeiras. Esse fato o deixava com os nervos à flor da pele. Seus ganhos haviam diminuído, pois as escaramuças com os rivais e moradores que se opunham à atividade de garimpo fizeram com que sua produção de ouro caísse significativamente, além do fator principal: o processo artesanal para a extração do metal precioso não era o mais adequado, era necessário industrializar a atividade, tecnologia a qual ele não tinha acesso. Ele

contraíra dívidas com receptadores que lhe emprestaram dinheiro para manter a ele e seus companheiros, bem como em equipamentos e materiais, e não estava conseguindo manter seus acordos, não que ele fosse do tipo confiável, que fizesse questão de honrar seus compromissos em prol de sua reputação, mas porque envolvia gente tão implacável quanto ele próprio, o que significaria que se mantendo aquela situação, em breve ele correria risco de vida; seus seguidores já davam sinais de

impaciência, o que significava que um motim poderia estar a caminho , e seria apenas o começo.

A fim de contribuir ainda mais com a intranquilidade da região, começaram a aparecer relatos de sumiços de animais domésticos. Alguns foram encontrados sem as vísceras, outros sem sangue algum. Dessa forma, começou a circular pela região de São Miguel um rumor de que alguma criatura maligna e estranha estaria à solta aterrorizando aos moradores. Como consequência, as



facções rivais começaram a se acusar mutuamente pelo ocorrido em uma tentativa de expulsar concorrentes por meio do terror, inclusive, alguns diziam que tal criatura fora trazida ao local pela mineradora, para expulsar os moradores.

\*\*\*

Depois de ser designado por César para que arrancasse um acordo de qualquer maneira com os garimpeiros, usando a força se

necessário, Raul seguiu para aquela localidade com o objetivo de tentar algum tipo de acordo com Simão Caolho o líder mais influente e mais perigoso do garimpo . Com ele foram mais cinco homens armados, de sua confiança. Alguns, já teriam participado de algumas tarefas como desalojar posseiros e enfrentamentos com colonos que, supostamente, teriam invadido as terras do senador J. Em outras ocasiões, o próprio Raul também invadiu terras alheias a mando do pai e dos familiares. Também foi

com ele um experiente advogado que César indicou, era um fiel colaborador de sua família havia anos. O objetivo de César era tentar um acordo formal por escrito com os garimpeiros que tivessem algum tipo de validade legal em uma futura disputa, caso houvesse, e também ajudar Raul na argumentação, já que tal atributo não era um ponto forte desse último.

Um grupo de forasteiros em um lugar como aquele, foi logo notado , os moradores temendo se

tratar de algum bando de salteadores ou mesmo traficantes, trancaram-se em suas casas, e alguns fugiram.

Demorou alguns dias para que o primeiro contato entre ambos fosse feito. Raul e seus seguidores estudaram a região mais a fundo do que da outra vez em que lá estiveram em companhia do grupo de negociação enviado pelo minerador. Raul entendeu que desalojar o pessoal à força não seria uma tarefa fácil, levaria tempo e dinheiro para executar o que lhe fora pedido, mesmo assim, receava

que tal tarefa não estaria à sua altura. O lugar marcado foi a fazenda do então parceiro de Simão, que serviu de intermediário. A primeira vez em que Raul estivera naquele local não fora possível conhecê-lo em pessoa, apenas tomou conhecimento de quem se tratava pelos demais, que faziam parte da equipe do empreendedor e sócio de Salomon. O que ouviu deles sobre Simão não lhe agradou nem um pouco. Agora, pessoalmente, pôde comprovar o que lhe haviam dito.

A conversa entre eles transcorreu de maneira nervosa. Raul sentiu estar na presença de uma pessoa verdadeiramente de má-índole. Como de costume, Simão se apresentou vestido inteiramente de negro. Um de seus acompanhantes era o feiticeiro Augustin, que na ocasião usava óculos escuros para encobrir seus olhos vermelhos por causa do uso de maconha, e se fazia acompanhar por seu facão posicionado na cintura. Parte do seu grupo se colocou nas imediações, à espreita, todos devidamente

armados, sendo que o Diabo Louro e o Curupira, que portava um AK-47, comprados de traficantes na fronteira, posicionaram-se mais próximos. Curupira apenas havia disparado alguns poucos tiros com esta arma letal em toda a sua vida , tão somente com a finalidade de se divertir. Ambos foram colocados ali por Simão para que todos os vissem. Por sua vez, os homens de Raul estavam igualmente a postos para qualquer emergência. Um nervosismo de ambos os lados pairava no ar. Estavam todos com os

dedos no gatilho esperando um sinal para dar início à fuzilaria.

O advogado que acompanhava Raul, com vasta folha corrida em livrar o senador e seus parentes de situações embaraçosas, assim como em lidar com negociações difíceis, ficou semi-paralisado diante das duas figuras bizarras. Simão quis saber se estava negociando com intermediários ou com quem detinha poder para decidir. Raul ensaiava uma resposta, ia dizer que estava a mando de um senador da República, mas em



caráter estritamente confidencial, mas o advogado pareceu cair em si e o interrompeu, tomando a palavra. Caolho percebeu a manobra e notou que eles tentavam enganá-lo de alguma forma. Não gostou e insistiu em saber quem de fato mandava ou se havia alguém por trás. O advogado, usando um português difícil e teatral, procurou uma maneira para que nem o nome de César, nem do senador J, viessem à tona. Simão se irritou e disse secamente:

– Não me faça perder tempo,

doutor, quero você fora daqui – falou de forma intimidadora. O advogado tentou argumentar, nisso, Augustin virou-se para ele e este se sentiu gelar. Em seguida, olhando diretamente para Raul, Simão disse:

– Ou este “cabra” cai fora, ou então terminamos aqui, certo?

Raul se virou para o advogado e pediu que ele se retirasse. Sem escolha, ele saiu. O feiticeiro ainda o encarava por trás de seus óculos escuros. Era algo intimidador.

– Então? – perguntou com

tom de voz firme. – Vocês estão a mando de quem? Vieram em nome daquele ricaço de novo? Vocês não parecem ser gente dele, conheço aquele povo.

Em seguida, Caolho tirou um charuto artesanal de sua pochete, que carregava pendurada na cintura, acendeu, puxou pelo fumo, levantou a cabeça e deu uma baforada que contaminou todo o ambiente. Pegou outro charuto e ofereceu a Augustin, que aceitou. Ofereceu um para Raul, que recusou. Este percebeu que podia ter a chance de tomar as

rédeas de seu destino.

– Estou a mando de um político que quer que você deixe o caminho livre para ele negociar com o tal milionário, e quer pagar por isso.

– Entendi – disse Simão. E completou: – E se eu propor uma sociedade entre a minha cooperativa e a mineradora?

– Duvido muito que eles concordem – respondeu Raul. – E não tem só você e seu grupo, tem muito mais gente que pode atrapalhar. Se eles concordarem

com algum tipo de sociedade, você vai demorar muito para colocar a mão no dinheiro até esta mineração começar a produzir.

– Quem disse? – perguntou Simão. – Posso pedir um adiantamento para que os deixem colocar os pés aqui para as primeiras pesquisas, negocio algum valor intermediário até que a mina entre em operação, depois, eu e meus meninos colocamos a mão em um percentual sobre a produção mensal, quando estiver funcionando – em seguida sorriu, deixando

alguns dentes dourados à mostra.

Apesar de também ter ficado um tanto quanto intimidado pelo contato inicial, Raul, sentindo-se mais confiante, prosseguiu a negociação.

– Eles só vão concordar com você quando tiverem a certeza de que você é realmente o dono do lugar, e pelo que sei não é. Minha proposta é a seguinte, você pega um dinheiro de adiantamento, limpa a área e depois pega o restante. Não é melhor assim?

Simão ficou em silêncio.

Pensou e olhou para Augustin, que parecia uma estátua. Uma eternidade se passou em segundos. Uma luz se acendeu dentro da cabeça de Raul e ele fez nova proposta:

– Vamos fazer um trato, ajudo-o a tirar esse povo daqui e rachamos o dinheiro.

– Deixe ver se entendi direito, você quer se juntar a mim para colocar o pessoal para correr, e quando não tiver mais ninguém negociamos com o figurão de Brasília, é isso?

– Mais ou menos, estou pensando em negociar direto com a mineração, sem o político de intermediário. Tenho um canal de negociação com eles. Da última vez que vim aqui fiquei conhecendo o pessoal da mineração, eles têm mais grana na mão do que o cara de Brasília. Ele é esperto, mas não tanto quanto pensa. Quer que façamos o trabalho sujo enquanto ele enriquece ainda mais negociando sem intermediários com o minerador.

– Você pensa que preciso de



você para limpar o caminho para os bacanas? – perguntou Caolho desdenhando.

Raul, sentindo-se mais senhor da situação prosseguiu:

– Quando eles vieram aqui da última vez, você não deixou uma boa impressão, foi o que me disseram. Eles acreditam que este lugar é pior do que se meter com uma dúzia de ninhos de cobra. Tem índio, posseiro, seringueiros, o seu grupo e outros mais. Você tem certeza de que não quer a minha ajuda? Se a coisa ficar muito

complicada, eles podem desistir do negócio. Posso juntar mais gente e com o seu pessoal podemos dar conta do recado.

Simão ficou pensativo. Recordou-se que lhe restava muito pouco dinheiro para se manter. Em breve, os credores apareceriam; seus homens tinham fome e não demoraria para que eles também batessem em retirada, ou mesmo se voltassem contra ele, pois, naquelas circunstâncias, lealdade tinha limites.

– Aceito – respondeu. – Mas

vou lhe avisar, se for algum golpe, busco você aonde for para prestar conta, está entendido? – Em seguida, ele disse: – Acho que por um milhão e duzentos já daria para começar, não vai dar para tirar todo mundo à força, mas com algum dinheiro na mão compro a parte de alguns que estão doidos para cair fora e que não têm outra opção de vida. Tem gente que mora aqui porque não tem outro lugar para morar, com estes também o dinheiro vai resolver. Depois disso, vamos ver quem sobra.

– Espere-me por uma semana, ou no máximo dez dias, vou ver o que posso levantar para começarmos – em seguida, retirou-se aliviado.

Durante o retorno, Raul se lembrou que escutara do pessoal que o empreendedor enviara anteriormente a São Miguel, que o investimento para instalar a mina em um lugar como aquele devia girar em torno de um 1 bilhão de dólares ou pouco mais. Ficou imaginando quanto pagariam pelo direito de exploração. Por um

momento, ele vislumbrou que sua chance de mudar sua vida chegara. O garoto bastardo e rejeitado daria as cartas. No entanto, ele cometeu um erro capital, inicialmente, deixou a reunião totalmente eufórico, dando a entender que fizera um grande negócio. O fato chamou a atenção dos que o acompanhavam e ele confidenciou a um deles que botaria a mão em uma grana preta. A conversa acabou por se propagar e caiu nos ouvidos do advogado.

## O Trágico Reencontro

Depois do retorno da viagem a França, seguindo os conselhos de sua sogra, César procurava ficar mais próximo da esposa. Sempre que possível, levava-a em suas viagens de cunho político, algo que ela detestava, eram recepções com correligionários, inaugurações, cerimônias etc. Também encurtou

seu tempo de permanência em Brasília. Roxane, por sua vez, escondeu-lhe a gravidez. O quarto que ela ocupava quando solteira na casa dos pais permanecia inalterado, mesmo depois de seu casamento. Com frequência, ainda se hospedava ali. No início, dizia que era por causa da ausência do marido, que sempre estava fora e se sentia sozinha. Posteriormente, quando César começou a permanecer mais tempo no Rio, ela disse que o enorme apartamento na Lagoa servia de casa de hóspedes dos

familiares do esposo e para encontros com pessoas do partido ligados a ele e ao sogro, aos quais ela queria distância.

\*\*\*

Depois do episódio envolvendo os pistoleiros, que quase deram cabo da vida de Siegfried, ela finalmente entendeu que o melhor a fazer era se manter distante de Hidalgo Javier. Por fim, caiu em si que o seu “sugar daddy” de outros tempos, era um homem



doentiamente obcecado por ela. Também observou que o desembargador não parecia estar bem, dizia escutar vozes e ver vultos e os efeitos dos rituais que ele presidia, ao que tudo indicava, pareciam estar se voltando contra ele próprio. Ela começou a temer do que ele seria capaz de fazer de uma hora para outra, assim, preferiu ignorar que fora ela mesmo que dera a entender ao seu velho amigo que tinha medo de algum tipo de revanche por parte de Siegfried, pedindo que ele arrumasse uma

maneira de evitar algum tipo de ação dele contra ela. Foi pensando nisso e também na antipatia que estava crescendo em relação a César e a todos que o cercavam, bem como no fato de os pais estarem sempre às voltas com compromissos da empresa e envolvidos com a sujeira da política, que decidiu se refugiar com os avós em Itaipava. Ismail, sentindo-se deprimido por causa de seu estado de paralisia, só sentia algum tipo de prazer ao lado de seus cavalos de raça, e a neta preferida resolveu se juntar a ele

naquele espécie de exílio. O *affair* que Roxane estava tendo na época com um de seus professores do seu curso de pós-graduação ainda continuava. Ele resolveu adquirir um chalé na região, a fim de facilitar o encontro entre ambos. Ela até o apresentou a Ismail como professor e amigo, chegando até a contratá-lo como terapeuta do avô, com a desculpa de que ele necessitava de um apoio psicológico para superar a depressão causada pela doença. Era o disfarce perfeito, porque ainda desconfiava que César

mantinha vigilância sobre ela quando estava fora.

\*\*\*

Depois de uma semana exaustiva e muito atribulada, marcada por embates políticos que se passaram em Brasília, e pela perda de uma razoável quantia em uma rodada de pôquer naquela cidade, César retornou ao Rio de Janeiro e, como de costume, Roxane não estava na casa deles. Ao ligar para ela para saber de seu paradeiro,

pois julgou, a princípio, que devia estar no haras de Ismail, o celular dela caiu na caixa postal. Para evitar subir a serra e não encontrá-la ele foi até a casa dos sogros para saber do paradeiro da esposa. Ao chegar, Laura disse que a filha devia estar em seu quarto. Roxane estava no banho e deixara a porta apenas encostada. Ele a chamou no pé da escada, mas ela não escutou, pois pusera um CD de música e o volume estava bem alto. Era uma versão para piano de Romeu e Julieta, de Prokofiev. Por influência do

professor e *affair*, ela ultimamente estava escutando músicas mais melancólicas, tais como as peças para piano de Erik Satie, Gnossienne e Trois Gymnopédie, que eram as suas preferidas, o que também combinava com o momento que atravessava. Ele subiu as escadas e seguiu em direção ao quarto da esposa, abriu a porta devagar e entrou. Inicialmente, estranhou aquele tipo de música que estava tocando, pois usualmente ele costumava ouvir as canções de Janis Joplin e Bob Dylan, que ela gostava.

Ele deparou com um baú aberto, pois Roxane preparava juntar todas as suas recordações e fotos antigas que guardava ali para levar para a serra fluminense, mas, em cima de cama, encontrou a pequena caixa de música e o cartão que Siegfried lhe entregara na ocasião. Leu o conteúdo da mensagem e examinou o pequeno objeto. Isso foi suficiente para deixá-lo fora de si. De certa forma, aquele presente acabou por salvá-la de algo pior, pois se ele tivesse tido a curiosidade de ver o conteúdo do baú, iria deparar, entre

outras coisas, com os trajes que ela usava para se apresentar no Sheherazade, as joias caríssimas que Hidalgo a presenteara e vários outros mimos de ex-amantes, que, sem dúvida, deixariam César ainda mais descontrolado, pois a imagem que tinha da mulher iria por água abaixo. Apesar dos esforços que fizera para se reaproximar da esposa, ele sentia que ela parecia evitá-lo, porém, até aquele momento não passava de uma leve impressão. Ao ler o cartão, sua mente pareceu se abrir. Roxane saiu



do banheiro do quarto vestindo um roupão. Ele, visivelmente transtornado, pediu-lhe explicações. Ela abaixou o volume do aparelho que tocava a música para ganhar algum tempo. Ele pegou-a de surpresa. Aparentando nervosismo, ela ficou vermelha e, gaguejando muito, disse ser apenas lembranças de um passado que já se fora, nada de mais. Ele percebeu que ela ficou perturbada e não aceitou as explicações que lhe foram dadas. Os dois discutiram fortemente e ele a agrediu, dando-lhe uma bofetada e a

jogando com violência na cama. Em seguida, retirou-se, deixando-a aos prantos.

\*\*\*

O encontro entre Raul e seu meio irmão se deu cerca de dez dias depois de este último ter deixado São Miguel. O local da reunião foi em uma mansão que o senador J possuía, na capital de um estado do Norte do país. Na época, César era um representante do senado. O advogado, que fora escorraçado por

Simão, estava presente e contou tudo ao seu cliente alguns instantes antes que se desse o encontro entre eles. Ao saber do relato dos acontecimentos naquela localidade, ele ficou possesso , pois ainda estava sob os efeitos da briga que tivera com sua esposa. Sua mente estava confusa, procurava um meio de se reconciliar com ela, e, ao mesmo tempo, remoia-se diante da sombra de uma infidelidade. Raul lhe disse que Simão teria pedido um milhão e meio de adiantamento, sem dizer que desse montante, 300

mil ele acrescentara com o intuito de embolsar para si.

– Que garantias esse tal abutre de de um olho só me dá? – perguntou César.

– O acordo foi no fio do bigode, não tem nada escrito – disse Raul.

O advogado interveio:

– Passei a semana levantando a vida daquele elemento. Trata-se de um marginal, acusado de vários crimes por onde passa, não devemos confiar nesse maldito.

– O que o senhor propõe? –

perguntou Raul.

– César – disse o advogado –, você e seu pai podem conseguir uma intervenção da Polícia Federal naquele garimpo ilegal e colocá-los para fora.

– E o senhor acredita que os federais podem ficar lá a vida toda? – questionou Raul. – É só eles virarem as costas que os garimpeiros voltam. Acho que podemos confiar no cara, porque é interesse dele. Se ele não sair, posso dar um jeito com o meu pessoal e resolver a coisa à bala. Há pessoas

lá que saem mediante qualquer dinheiro, pois querem passar adiante seus barrancos. Pelo que soube conversando com o pessoal, o rendimento é muito baixo, estão perdendo tempo e dinheiro naquele maldito lugar.

César permaneceu pensativo. Decorridos alguns minutos, disse a Raul:

– Vou ver se levanto a grana, mas quero você lá na cola daquele cara, e tem de ser rápido, antes que Salomon e seu sócio comecem a agir.

– Pode deixar – respondeu Raul, completamente satisfeito com o resultado. Em seguida disse: – Vou precisar de dinheiro para levar meu pessoal e também me manter por lá.

– Quantos são? – perguntou.

– Eu e mais cinco.

– Dou cinco mil para cada um e dez para você, ok?

– E depois da tarefa? Quanto que eu levo? – perguntou.

– César permaneceu pensativo por um momento, em seguida falou:

– Dou-lhe mais trinta mil.

– Mas não tem como me arrumar mais? – insistiu Raul.

– Ok! Trinta e cinco e mais nada, conheço uns pistoleiros que se propõem a fazer o serviço pela metade do seu preço.

– Tudo bem – disse Raul, que, em pensamento, falou para si: “filho de uma puta, você me paga, não perde por esperar”.

– Você, por acaso, viu um pessoal de uma empresa de petróleo por lá? – perguntou César.

– Vi alguns gringos andando



de Land Rover, mas lá também tem petróleo? – questionou admirado.

– Não é exatamente lá, fica do outro lado da fronteira – respondeu irritado.

– E o que tem isso? Vamos entrar nesse negócio também? – quis saber.

César fez um ar de impaciência com a pergunta de seu meio-irmão e respondeu:

– Não é nada disso, idiota. Tenho uma pendenga para resolver com um cara que está justamente naquele lugar. Acho que vou ter de

dar um pulo lá para resolver isso, assim que você der um jeito naquele lazarento maldito – ele se referia a Simão Caolho.

Raul ficou calado e começou a se preocupar. A ideia de César entrar em cena não lhe agradou nem um pouco. Ele ficou curioso para saber o que exatamente seria a tal pendenga e com quem e desconhecia que o advogado avisara César que tomasse cuidado sobre um possível golpe que estariam prestes a lhe aplicar. César adotou um comportamento discreto, a fim

de desmascará-lo e afastá-lo de vez do convívio de seu pai, jogando-o na rua da amargura.

\*\*\*

Roxane pensou seriamente em pedir a separação de César depois da violência que sofrera. O tapa no rosto fora tão somente a gota d'água a uma situação que já a estava incomodando havia tempos. Assim, contou aos pais o episódio da agressão e eles, chocados, tentaram sob todas as formas

contemporizar o conflito. O pai lhe disse que teria uma conversa séria com ele. Dias depois, César confessou estar arrependido, o que não a fez mudar de ideia. O efeito sobre ele foi ainda mais devastador, pois julgou ser Siegfried o pivô da crise.

Da quantia mencionada por seu meio-irmão, César conseguiu um milhão de reais, alegando que a outra parte ainda levaria algum tempo para arranjar. Argumentou que aquele valor já seria suficiente para levar adiante o plano de

desocupação da região objeto da disputa. Raul ficou bastante irritado por não conseguir o montante que originalmente havia proposto. Ao retornar a São Miguel entregou 900 mil a Simão, ficando com 100 mil para si. Justificou apenas que a outra parte que fora combinado estaria a caminho tão logo a tarefa de remoção do pessoal fosse colocada em execução. A reação do outro também foi de desconfiança, e ele já planejava uma forma de tirá-lo do caminho.

Simão conseguiu saldar

alguns poucos compromissos, rolou parte da dívida que contraíra com seus fornecedores e pagou algum dinheiro aos integrantes do bando, como forma de fazê-los se acalmar, prometendo que muito mais ainda estaria por vir. Armas foram compradas de traficantes que atuavam na fronteira e distribuídas a grupos de índios rivais, que tinham se dividido, alguns a favor do garimpo, outros contra. A discórdia fora semeada por todos os lados, seus comparsas cuidaram de instalar o terror na região, tendo Diabo

Louro como o principal ponta de lança.

Nas semanas seguintes, relatos de violência ficaram mais frequentes e os conflitos se agravaram. Ganhou cada vez mais força a história de que um ente maligno andava à solta, matando crianças e animais. Havia relatos de sumiço de galinhas e cabras, mas, a princípio, não se deu muita atenção até que um menino e uma menina desapareceram. Depois de pouco mais de dois ou três meses, um caso a mais aconteceu. Portanto, já

somavam três. Fora isso, registraram-se alguns outros ataques cujas vítimas conseguiram se evadir. Estas diziam terem sido atacadas à noite por um ser negro de aspecto assustador. Tal como a lenda do Chupa-Cabras, onde é descrito como uma criatura de aparência bizarra que usualmente ataca galinhas e rebanhos em lugares distantes dos grandes centros para sugar-lhes o sangue, desta vez havia vítimas humanas envolvidas. Moradores organizaram uma força-tarefa para buscar a besta



feroz ou o que quer que fosse, mas nada foi encontrado. Em uma dessas buscas pela mata, além do pessoal nativo, também participaram Índio, Lino e Quaresma. Os dois primeiros desconfiavam da veracidade da história, mas resolveram seguir com os demais em solidariedade a alguns moradores, pelos quais tinham laços de amizade. Contudo, refizeram seus conceitos quando uma adolescente lhes contou como fora atacada e como conseguira se desvencilhar daquela suposta fera desconhecida. Pela descrição da

menina, e juntando outros depoimentos, os dois deduziram que se tratava de algum maníaco; possivelmente era um homem e não algum animal fantástico ou entidade das selvas. Pelos detalhes que ela relatou, concluíram que a suposta criatura usava uma máscara com chifres para manter sua identidade oculta e deixar suas vítimas confusas. Em uma das expedições pela selva, em que João e Lino estiveram presentes, inicialmente sentiram um forte cheiro de animal morto em estado de decomposição.

Resolveram seguir uma trilha seguindo um cão que Índio arrumara e o tinha adestrado, que os levou até ao pé de uma enorme árvore, lá encontraram um cabrito morto recentemente, que fora degolado. No local havia sangue derramado e moscas por toda a parte. Viram também restos de velas negras e vermelhas, pedaços de charutos apagados, garrafas de aguardente vazias e alguns símbolos desenhados no chão, que, aparentemente, ninguém conhecia. Tudo levava a crer que teria havido

algum tipo de ritual naquele lugar. Em torno, havia inúmeras ossadas de galinhas e de outros animais, como porcos e cabras. Para tornar o ambiente ainda mais sombrio, havia variados esqueletos de macacos espetados em estacas longas, bem como alguns crânios destes animais pendurados nos galhos da mesma árvore. A visão era um tanto quanto assustadora. Parte do grupo, ao chegar naquele lugar, bateu em retirada assustado, fazendo espalhar pela região que um espírito do mal andava à solta, o que de todo modo

não era inverdade. Índio e Lino permaneceram ali, embora tenham ficado bastante impressionados com a cena. Quaresma apenas ficou porque os outros dois ficaram, mas igualmente teve vontade de sair correndo como os demais. Os dois primos se entreolharam e não disseram uma só palavra, mas tiveram uma transmissão de pensamento: Augustin.

– A má energia deste lugar está me fazendo mal – falou João –, é melhor sairmos logo daqui – completou.

De fato, a visão de vários esqueletos, restos de animais jogados e o forte odor faziam com que o local se tornasse repugnante. João fez uma pequena busca ao redor em companhia de seu cachorro amestrado e deparou com um túmulo improvisado, uma espécie de cova rasa e, pelas dimensões, não parecia pertencer a nenhuma criança. Ao retornarem, Lino e Índio relataram ao sargento Sanches o que viram, porém, ele já estava a par da descoberta do lugar macabro, pois as notícias ruins

chegavam correndo, mas tratou de dizer que tão logo tivesse tempo cuidaria do assunto. No fundo, ele queria se manter longe, era um dos que acreditavam na lenda do tal Chupa-Cabras, pois era nativo da selva e crescera ouvindo histórias do tipo.

Por coincidência, os ataques a crianças e os sumiços de animais coincidiram com a chegada de Simão e de seu bando, pois, até aquele momento coisas desse tipo jamais haviam se passado na região. Aconteciam costumeiramente

roubos de animais, que eram atribuídos a garimpeiros que não tinham o que comer, mas quando começaram a surgir animais mortos com sinais de degola e sem sangue e, posteriormente, crianças desapareceram e algumas outras diziam ter sido atacadas, o fato despertou a curiosidade e, ao mesmo tempo, incentivou a propagação da lenda de que havia um tipo de entidade do mal assolando o lugar.

João Batista e seu primo, juntando os relatos que ouviram e o



que acabaram de presenciar, levantaram a suspeita de que possivelmente Augustin estivesse envolvido naqueles atos, pois já teriam escutado histórias sobre seus dons em artes de bruxaria. O personagem era um tanto quanto sombrio, raramente era visto de dia, procurava viver nas sombras, não era do tipo de se mostrar como Simão e sua presença só fora detectada na região porque os integrantes do bando divulgaram que um feiticeiro os acompanhava. Os ignorantes e ingênuos temiam

que tal homem era capaz de jogar uma maldição sobre eles para dificultar a obtenção do ouro ou até mesmo para que caíssem doentes.

Como era sabido que estava havendo uma disputa sangrenta pelo controle do garimpo, havia também quem acreditasse que tais atos poderiam ser um truque para afugentar os concorrentes. Mas o que justificaria o ataque a crianças? As famílias atingidas não tinham qualquer envolvimento com o garimpo, duas eram de seringueiros e viviam ao redor do povoado e a

outra era de pequenos agricultores. Contudo, o rumor de um Chupa-Cabras solto fez com que algumas pessoas abandonassem a região. Depois da descoberta daquele local, supostamente utilizado para rituais macabros, a história do Chupa-Cabras ganhou força. São Miguel praticamente se tornou uma cidade fantasma. Os moradores evitavam o máximo sair às ruas e muitos, simplesmente, resolveram sair da cidade até a situação voltar ao normal, se é que tal fato pudesse acontecer naquela localidade.

Simão sabia que Augustin era uma espécie de maníaco sexual. Certa vez o questionou sobre o motivo de agir de tal forma, tendo como resposta que uma entidade se apossava dele e que não havia como se controlar. Suas vítimas eram crianças e adolescentes, indiferentemente a que gênero de sexo pertenciam. Quando o encontrou nas selvas da Guiana Francesa ele estava refugiado para não ser linchado. Como ele atribuía a esta pessoa o poder de lhe conferir sorte e proteção contra os perigos,

este tipo de comportamento anormal não lhe causava o menor incômodo. Os ataques que se consumaram com o desaparecimento de três menores e mais outros dois que conseguiram escapar aconteceram sempre à noite. Ele ficava à espreita, próximo a aldeias localizadas à beira do rio que passava por São Miguel, esperando para que uma delas fosse se distrair ali ou nos arredores da cidade, em sítios mais afastados. Todas foram violentadas e mortas em seguida. Para não ser reconhecido, usava uma máscara

que ele próprio fizera com a cabeça de um cabrito.

A cova rasa que João encontrou continha o corpo de um jovem com pouco mais de dezessete anos, recém-chegado na região, onde fora tentar a sorte no garimpo. Por azar, cruzou o caminho de Augustin, e como não era da área, seu desaparecimento não foi notado. Os animais eram usados para seus ritos, onde, usualmente, costumava beber o sangue deles. Simão com parte do grupo, vez por outra, faziam parte do culto, sob o

argumento de que Augustin iria conjurar forças sobrenaturais para proteger a ele e ao bando. Nestas ocasiões, o feiticeiro, em transe, exibia os mais diversos prodígios, tais como andar em brasas, perfurar seus braços e sua face com pregos, arames, estiletes e outras coisas do tipo, sem que curiosamente sangrasse, o que deixava todos impressionados.

\*\*\*

Siegfried reuniu o pessoal da

base em São Miguel para lhes comunicar que preparassem a mudança, pois em mais duas semanas estariam deixando aquele local e se mudando para as instalações no Peru.

— Pessoal — disse ele —, logo os equipamentos estarão chegando e teremos de nos preparar para o trabalho mais pesado, que vai se iniciar em breve. O nosso novo alojamento está praticamente concluído. Esta semana a pista para aviões de pequeno e médio porte e também helicópteros ficará pronta,



e já estamos finalizando um contrato com uma empresa aérea que vai facilitar nossa vida – anunciou.

A notícia deixou todos mais felizes, pois seria mais fácil ir e vir. O alívio principal se dava pelo fato de que não mais realizariam uma extenuante viagem diária da fronteira do Acre até lá, com os inúmeros perigos que tal trajeto implicava. Depois do atentado que Siegfried sofrera, eles iam de São Miguel até o campo, no Peru, com escolta armada, e só saíam em

comboio; por sua vez, Sieg tomara intensas instruções de tiro com Lino e andava sempre acompanhado de uma pistola Sig Sauer P226 de 9 mm, que este lhe arrumara. Ele deu instruções severas a seus funcionários para que evitassem saírem pela cidade, e, se fosse inevitável, que não saíssem sozinhos, pois a guerra pelo controle do garimpo se agravava ainda mais e a violência na região era grande. Com o campo de pouso em operação, eles iriam até o aeroporto de Pucallpa. Da cidade, seria

possível tomar uma linha aérea regional até Lima, no Peru, Cruzeiro do Sul ou mesmo Rio Branco, no Acre, e dali seguir viagem para o restante do Brasil.

\*\*\*

Raul foi incumbido por César para que lhe desse informações sobre Siegfried, e até aquele momento não fora lhe passado nada. A razão era que seu meio-irmão o queria longe da região, pois isso poderia pôr seus

planos em risco. Com a demora em obter os dados que desejava, César pôs o advogado de sua confiança para descobrir o que queria, este último, por sua vez, tratou de seguir à risca o que o cliente solicitou. Sem que Raul se desse conta, pagou espiões para vigiar tanto a ele como a Siegfried. Dessa forma, ficou inteirado da rotina do pessoal da Quest e da pessoa que estava liderando as operações da Companhia. Tudo foi reportado a seu cliente que soube que no máximo em duas semanas boa parte

do pessoal deixaria o lugar para se transferir para dentro do território peruano, inclusive a pessoa que ele estava buscando.

O dinheiro que Simão recebeu como parte do adiantamento acabou se esvaindo rapidamente. Ele apenas conseguiu propagar muita confusão e semear conflitos, logrando apenas o controle de uma parte do garimpo, mas ainda lhe restava outra fração. Os homens que compunham seu bando o pressionavam por mais dinheiro para permanecerem ao seu

lado, pois também não eram afeitos a poupar qualquer quantia que lhes caía nas mãos. Ele, por sua vez, necessitava deles para pôr em prática o seu objetivo. Contudo, apenas lhe restava uma pequena porção do que Raul lhe dera. Em pouco mais de uma semana possivelmente estaria completamente sem nada, e, ainda por cima, não conseguira quitar todas as dívidas com os fornecedores e financiadores que lhe emprestaram dinheiro em troca de ouro, que, ainda por cima, estava

com uma produção muito baixa. Em resumo, ele estava encrencado.

\*\*\*

Raul soube do rumor que corria sobre a criatura anormal que estava atacando crianças e animais. Na tentativa de conhecer mais detalhes, acabou também por desconfiar de Augustin, pois os seguranças de sua equipe, em algumas ocasiões, agiram em conjunto com o bando de Simão, e ficaram sabendo sobre as estranhas

manias daquele suposto feiticeiro. Diante desse fato, ele começou a planejar uma forma de dar um duro golpe em Simão usando Augustin como pivô, “por que não entregar a cabeça do bruxo aos moradores do povoado para que fosse linchado por seus crimes? E quem sabe se a massa raivosa também não partisse contra aquele que chefiava e dava guarida à tal besta assassina?”, pensou Raul. Sentindo-se confiante em seu plano, fez contato com os funcionários do empreendedor da mineração que conhecera, a fim de



propor uma parceria mediante a oferta de que tinha o controle do pessoal do garimpo. Em paralelo, buscou pelo grupo rival de Simão para algum tipo de acordo, achando que os dias dele estavam por se encerrar. O advogado ficou sabendo da tramoia de Raul com o minerador e tentou avisar César.

Passar despercebido em uma pequena comunidade é praticamente impossível, ainda mais quando não se pertence a tal lugar. Dessa forma, o advogado enviado por César, que fora a São Miguel

para seguir os passos de Siegfried e monitorar os atos de Raul, apesar de sua discrição, teve sua presença notada. Tanto Simão e seus comparsas, quanto alguns moradores mais atentos ao que se passava e o pessoal de segurança da Quest inclusive Lino, já estavam de olho nele, pois dois sujeitos estavam rondando a base e fazendo perguntas sobre as atividades da Quest. Tais elementos estavam a mando de tal pessoa e eram infiltrados no grupo de Raul, portanto, trabalhavam para os dois lados.

Alguns seguidores ainda fiéis a Simão ficaram sabendo que o grupo de Raul parecia estar de vigília em Augustin. A informação foi repassada ao líder e seu forte instinto de sobrevivência sinalizou que algo nefasto poderia estar a caminho. Assim, percebeu que, possivelmente, algum plano contra seu braço direito ou até contra ele mesmo poderia estar em andamento. A fim de se adiantar aos acontecimentos, mandou um recado solicitando um encontro com Raul na propriedade do fazendeiro, seu

parceiro de ocasião. Simão já detinha o controle de uma parte do garimpo, mas não todo, havia feito alianças com alguns grupos de indígenas, que eram a favor de uma mineração, mas, por outro lado, sofria com fortes escaramuças de facções rivais, parecia que tinha chegado ao seu limite. Sua saúde, por outro lado, se agravava. Ele sentia que não poderia permanecer por mais tempo na região. Seu tempo estava se esgotando e ainda necessitava de muito dinheiro para manter a ele e a seu bando, bem

como rolar as dívidas com os sócios. Tudo levava a crer que a tarefa pelo total domínio da área poderia demorar e somente com um alto custo e com muitas incertezas se lograria êxito. Temendo sofrer algum tipo de revés, ele então planejou jogar uma cartada decisiva, iria tentar conseguir uma boa quantia de dinheiro e dar o fora do lugar sozinho, abandonando aqueles que o acompanhavam.

Na reunião entre ambos, ele disse que cumprira o acordo e queria a parte restante. Pediu de

maneira agressiva, e seu interlocutor, pensando estar no domínio da situação, reagiu no mesmo tom, respondendo que se tratava de um blefe e continuando a discussão. Entre outras coisas, disse para Simão que o melhor seria ele abandonar a região, pois os moradores do lugar ao saberem da identidade do falso Chupa-Cabras não poupariam ninguém, inclusive ele próprio. Simão tomou como afronta a ameaça que Raul lhe fez. A tensão entre ambos aumentou, apesar de que se fizeram

acompanhar por alguns de seus respectivos comparsas. Estes, todavia, preferiram não tomar partido pela disputa, pelo menos naquele momento, nem Augustin, nem Diabo Louro estavam presentes. Os dois principais protagonistas sacaram suas armas e se encararam firmemente, mas a prudência pareceu falar mais alto e ambos se afastaram com as armas em punho, apontando um para o outro; mas, desta feita, nenhum tiro foi disparado.

De volta ao acampamento,

Simão reuniu seu grupo e ordenou que capturassem o advogado, pois sabia que ele representava algum figurão interessado no garimpo e, supostamente, devia ter dinheiro. Também ordenou que armassem uma emboscada para Raul, determinando que ambos tinham de ser capturados vivos, pois pretendia pedir resgate pelos dois. Tinha a pretensão de forçar uma negociação com a mineradora, já que Raul dizia ser intermediário desta também. Em seu entendimento, Simão acreditava que os dois sujeitos poderiam ter



algum tipo de acordo entre si.

\*\*\*

A gravidez de Roxane ainda não era notada fisicamente, pois ainda não completara dois meses desde que descobrira que esperava um filho, tão pouco contara a alguém. Um episódio até então inusitado, desde que se casara, deixou César perplexo. Roxane saíra cedo do Rio de Janeiro e fora passar o fim de semana com os avós em Itaipava. Era uma sexta-feira de

inverno, o céu estava estrelado e a lua se apresentava com um brilho vigoroso. Enquanto ela andava pelo exterior da residência inebriada pelo brilhante satélite, Lussin reapareceu depois de um longo período ausente. O marido, acompanhado da sogra e de Maria Alice, viajaram naquele mesmo dia para a Serra, ao entardecer. Chegaram de surpresa e foram sem avisar os anfitriões. Nessa nova tentativa de se reaproximar dela, ao chegar, foi-lhe dito que a mulher devia estar caminhando pelo haras iluminado

pelo belíssimo luar. Ao saber, ele foi ao seu encontro. Ao vê-la, deteve-se por um momento. Ela estava de costas e olhando para o céu, parecia maravilhada. Ele se aproximou:

– Roxane!! – chamou. Ela permaneceu imóvel. Roxane!! Sou eu – disse, tocando-a no ombro. – O que foi? – perguntou um tanto quanto assustado.

Ao contemplá-la, notou que algo estranho se passava. Ela parecia estar em transe. Ele sentiu estar na presença de outra pessoa.

As feições dela estavam mudadas: o cabelo, a postura, o olhar. Ele ficou paralisado.

Olhando bem no fundo dos olhos dele, ela disse:

– Se levantar a mão para ela mais uma vez, acabo com você!! – em seguida, afastou-se.

Ele, totalmente perplexo, retirou-se e retornou para dentro da casa, questionando o avós se Roxane estaria bem. Eles disseram que sim, embora as vezes parecia indisposta.

Decorridos cerca de vinte minutos, Roxane entrou na sala.

Lussin já havia ido embora. Ela falou com a mãe, com a prima, e recebeu César de maneira bem fria. Ele, no entanto, estava com a cabeça em polvorosa.

\*\*\*

Nos tempos em que o casal convivia pacificamente, Roxane viajara com César em prol de uma campanha beneficente no estado ao qual seu pai fora eleito e ele seria o suplente. Tão logo o senador assumiu o cargo no governo, ele

tomou a vaga do pai no senado e este o orientou a fazer algum tipo de movimento para tentar agradar ao eleitorado que não o conhecia e, obviamente, tentar se fazer conhecido por aqueles que nem sequer sabiam de sua existência, os eleitores. A campanha visava angariar fundos para custear o estudo e a saúde de crianças carentes sem nenhum tipo de assistência, que viviam em locais muito pobres do estado. Roxane foi escolhida para ser a madrinha do evento. Ela, acreditando estar

envolvida em uma boa causa, abraçou o movimento de corpo e alma, inclusive se envolveu pessoalmente no esforço de conseguir verbas com empresas e organizações. Decorridos um ano do lançamento da campanha, foi-lhe feito um convite pela comemoração do aniversário do movimento e apresentação dos resultados. Para César era um ótimo momento para que ele se promovesse com os eleitores e a mídia local. Como a principal mentora e patrona do movimento não teve como recusar,

acabou indo contrariada, pois sabia bem que por trás daquela filantropia estavam os interesses políticos do sogro e do marido.

Depois de várias tentativas de entrar em contato com César, o advogado que cuidava do caso do garimpo por fim conseguiu falar com ele. Foi durante o evento de caridade que soube que seus planos podiam ir por água abaixo. César ficou aflito, e como o local onde ele e Roxane estavam era relativamente próximo ao estado do Acre, marcou um encontro entre ambos em



Cruzeiro do Sul para discutirem os detalhes. O advogado já estava lá, pois somente dali fora possível contatá-lo. César permaneceu um dia a mais na cidade a fim de transferir uma quantia em dinheiro para sua conta local e sacá-lo, para tentar algum acordo com Simão ou ganhar tempo para que ele pudesse assumir o controle do garimpo.

Com um milhão na mão e a bordo de um jato executivo fretado por um empresário amigo e parceiro de várias negociatas, ele seguiu em direção a Cruzeiro do Sul levando a

esposa consigo. Durante a viagem, Roxane não se sentiu bem, preferia voltar para o Rio de Janeiro, mas o marido tinha outras intenções e uma nova crise irrompeu entre o casal. César era daqueles que não gostava de ser contrariado sob hipótese alguma, e a mulher sistematicamente estava movendo uma guerra contra ele e seus nervos já estavam no limite.

A reunião aconteceu em um hotel na cidade. Ao saber dos pormenores, César ficou cego de ódio e decidiu rumar para São

Miguel, movido por três razões: tirar a limpo o caso da infidelidade de Roxane antes que o suposto amante escapasse, algo que se tornou sua obsessão; punir a traição de seu meio-irmão e tomar as rédeas da situação do garimpo antes que os adversários lhe tomassem a frente. Temendo que ela pudesse fazer alguma besteira ou mesmo fugir, decidiu levá-la com ele sob fortes protestos dela. Disse também que seria uma ótima ocasião de confrontá-la com seu rival. Os três rumaram para a fronteira do estado

do Acre com o Peru, sem ter a menor noção no que estavam se metendo.

\*\*\*

Raul foi até uma das aldeias em que uma adolescente teria sido violentada e morta e desencadeou uma caça a Augustin. Alguns moradores o seguiram, pois ele usou o argumento de que sabia quem era a tal criatura do mal que estava espalhando o terror pela região. No trajeto do grupo até o acampamento,

onde presumivelmente se encontraria o suposto Chupa-Cabras, outros mais de aldeias próximas juntaram-se a eles. Naquele momento, Simão estava na fazenda de seu parceiro tratando dos planos para discutirem com os prováveis representantes da mineração que ele esperava encontrar em breve, mas não revelou que estava no encalço do advogado e de Raul, pois ele também pretendia passar a perna no fazendeiro. Quando a turba enfurecida liderada por Raul chegou

ao acampamento, encontrou dois homens, que, sob pressão, revelaram o paradeiro de Augustin, que estava com o chefe. Ao fazerem uma busca pelas barracas, acharam a máscara utilizada pelo feiticeiro para perpetrar seus crimes. Era tudo o que Raul queria. Em fúria, o povo destruiu e queimou tudo. Na confusão, um dos homens de Simão fugiu para avisá-lo sobre o que se sucedia. O outro foi linchado e morto. Ao terminarem, seguiram em direção à fazenda.

Ao saber dos eventos

ocorridos em seu acampamento por meio de um de seus homens, Simão, em conjunto com o fazendeiro e seus empregados, armaram uma reação para fazer frente à iminente invasão. Diabo Louro naquele momento não estava com o chefe, pois havia sido designado para capturar o advogado. Instantes depois, foi travada uma luta com uso de armas de fogo e facões. O grupo invasor foi rechaçado, muitos foram feridos gravemente. Em meio à confusão, e temendo consequências ainda maiores, o

fazendeiro pegou a família e abandonou o local, deixando seu capataz como responsável pela propriedade. Simão e Augustin escaparam ilesos ao confronto. O primeiro, ao saber das circunstâncias em que se dera a morte de um de seus companheiros, e com o sangue quente por causa do conflito, saiu em busca de vingança, acompanhado de seus seguidores e de alguns empregados da fazenda. Todos atacaram a aldeia onde se originou a revolta. Com a situação totalmente fora de controle, dois



casebres foram incendiados com as pessoas dentro e aqueles que se atreveram a sair foram abatidos a tiros. Depois de causar uma grande destruição, os invasores se retiraram; mas uma nova escaramuça se daria entre estes e alguns nativos que viviam próximos e souberam da selvageria cometida. Parte do bando invasor se dispersou.

Com seu acampamento completamente destruído, Simão e um pequeno grupo fugiram em direção a São Miguel. Era um

sábado à tarde. Quando lá chegaram estavam a bordo de uma pick-up que ele comprara em Cruzeiro do Sul alguns meses antes. Outra parte foi na carroceria de um pequeno caminhão pertencente ao fazendeiro. Ao todo, eram onze elementos. Ali depararam com um cenário de desolação, a cidade estava às moscas, nem uma alma sequer se atrevia a sair às ruas. Teve gente que, sensatamente, deixou o lugar ao saber do que estava ocorrendo próximo a eles. Aproveitando o estado de abandono, ele ordenou que

atingissem as antenas de comunicação da Quest e o destacamento da polícia local. Sua intenção era cortar todo o contato com o mundo exterior, a fim de que nenhuma força policial fosse avisada e viesse a intervir. Em seguida, abrigara-se com os companheiros dentro da igreja, que estava fechada. as portas foram arrombadas a tiros e o grupo de facínoras entrou. Simão mandou que buscassem por víveres para passarem a noite, pois já estava escurecendo. O bando saiu e

saqueou o mercado de Quaresma, que estava fechado, e de mais outro comerciante que fugira.

Tais eventos se deram durante um fim de semana, alguns dias antes de Siegfried partir. As instalações em São Miguel serviriam como base de apoio e somente alguns poucos restariam. Como era época do pagamento mensal, a maioria do pessoal, incluindo o grupo que fazia a escolta diária durante o trajeto até o campo no Peru, foi dispensado para viajar e tratar de seus respectivos

assuntos pessoais. Lino, João e Euclides permaneceram para organizar a mudança, bem como três vigilantes que guardavam a base e alguns mais que cuidavam de serviços gerais, limpeza, restaurante etc. A notícia do confronto chegou fragmentada ao conhecimento de Siegfried e dos demais. A princípio, eles pensaram se tratar de mais uma briga entre garimpeiros, algo comum desde a chegada de Simão. Depois, souberam que os nativos e o grupo de Simão se engalfinharam, o que também não lhes causou

nenhuma surpresa, pois igualmente era rotineiro. Naquele dia, muitos feridos procuraram a base para serem atendidos, pois era política da Quest dar algum tipo de assistência médica ao povo local, mas o número de pessoas que foi em busca de socorro era significativo, já que o posto médico da cidade não estava dando vazão. Somente se deram conta da real extensão do evento quando vários tiros danificaram as antenas de comunicação da base. Depois que a situação se acalmou, Siegfried ordenou aos funcionários

que permanecessem trancados e alertas diante de alguma emergência maior; também buscaram refúgio na base, Quaresma, a esposa e a filha pequena. O sargento Sanches e o soldado que o acompanhava estavam fora fazia cerca de três dias. Acreditava-se que tinham ido atender a algum chamado em alguma localidade próxima. Siegfried se muniu de seu celular por satélite para se comunicar com a base do Peru e dizer que haviam sido atacados. Havia gente permanentemente de plantão para

emergências. O chamado dele foi repassado adiante para que as autoridades do lado brasileiro tomassem as devidas medidas. No sábado à noite houve muita dificuldade para que o pedido de socorro fosse atendido com a devida presteza pelas autoridades competentes. Somente na segunda-feira se previa mandar um grupo de policiais para a região.

Dirigindo pela estrada de terra poeirenta e esburacada que ligava Cruzeiro do Sul a São Miguel, o advogado conduzia uma



pick-up Toyota, onde também estavam César e Roxane.

Aproximavam-se da cidade quando sofreram um abalroamento por parte de outro veículo. Ao baixar a poeira, depararam com a figura sinistra de Diabo Loiro e outros dois comparsas. O trio estava armado, o primeiro com uma escopeta e os demais com revólveres. O advogado, ao descer, dirigiu-se a eles perguntando do que se tratava e teve como resposta uma coronhada no rosto que o fez cair gritando de dor. Em seguida, foram-lhe

aplicados vários chutes. César saiu apressado da camionete e, de imediato, apontaram-lhe suas armas e eles ordenaram que não se mexesse. Diabo Louro notou mais alguém dentro do carro e foi ver de quem se tratava. Encontrou Roxane totalmente em pânico.

\*\*\*

– Vocês viram o Curupira por aí? – perguntou Simão a seus homens.

– Não vi – respondeu um.

– Eu também não –  
respondeu outro, seguido pelos demais. Ninguém o tinha visto.

– Onde aquele moleque se meteu? – perguntou o líder do grupo sem obter resposta.

Curupira estava nas redondezas observando tudo. Quando queria, ele sabia como se manter oculto, aprendera desde cedo nas selvas a se livrar dos perigos. Dessa forma, estava com seu AK-47 pendurado nos ombros e completamente carregado. Temia ser reconhecido pelos nativos

revoltados e não mais queria se juntar a Simão e seu grupo. Ele os detestava e nutria havia muito tempo o desejo de dar um fim ao seu martírio de servidão. Buscava uma chance de dar cabo da vida de seu captor e seu ajudante mais próximo, Augustin.

\*\*\*

Depois de horas andando pela região, Diabo Loiro, com seus dois capangas e seus reféns, chegaram até a igreja e encontraram

a porta principal fechada. Havia outra menor ao lado. Ele observou que a fechadura estava estourada e com marcas de tiros. Chamou por Simão e se anunciou. Do alto da torre do sino, um sentinela avisou ao chefe de quem se tratava. Alguns homens tinham colocado alguns bancos para escorar a entrada e servir de barricada em caso de invasão. Ao remover o obstáculo, ele entrou com os dois comparsas e com os três cativos, apresentando-os a Simão. A iluminação dentro do recinto era precária, fazia muito

calor, não havia ar circulando, pois o ambiente estava todo fechado, sentia-se um forte cheiro de suor, fumaça de cigarro e de maconha, bem como de bebida alcoólica, que surrupiaram quando saquearam o armazém de Quaresma. Havia também lixo e restos de comida por toda parte. A igreja se transformara em um lugar lúgubre, sombrio e insalubre. Nas laterais do altar havia duas portas internas, uma conduzia à sacristia, e outra se direcionava a um pequeno quarto com banheiro e uma pequena cozinha, que servia de

hospedagem para o sacerdote por poucos dias. Fazia tempo que não aparecia nenhum padre e a minúscula residência não tinha comunicação com o exterior. Roxane tinha os olhos inchados de tanto chorar. O advogado sangrava e tinha um horrível hematoma no rosto. César estava com a fisionomia de pânico. Jamais estivera em situação tão dramática, pesadelo como aquele nunca lhe passara pela mente.

– Quem são estes? –  
perguntou o chefe do bando. – Acho

que só conheço um – riu, referindo-se ao advogado. Em seguida, perguntou pelo paradeiro de Raul.

– Estão atrás dele – respondeu Diabo Loiro. – Este cara aí – falou, apontando para César – é quem está por trás de tudo. Pelo que falaram, são marido e mulher.

– Ha é? – falou com entusiasmo.

Dirigindo a César, perguntou:

– Então? O que tem a dizer? Desembuche logo, não disponho de muito tempo.



César estava de cabeça baixa e se calou. Simão lhe aplicou um tapa que ressoou pelo recinto.

Roxane chorava compulsivamente.

– Mande essa puta fazer silêncio antes que eu mande o bando todo estuprá-la – disse em voz alta.

– Dou-lhe o dinheiro que você quer – falou César. – Tenho aqui comigo um milhão para cumprir com o trato que mandei Raul fazer com você.

– Hum, as coisas estão ficando boas – falou Simão com um sarcástico sorriso. – Quanto você

oferece a mais? Porque um milhão não vai dar nem para a saída.

– Vamos negociar – falou César.

Simão se calou por um instante e o observou. Em seguida, prosseguiu:

– Conheço você de algum lugar – disse pensativo. – De onde será? – outro silêncio. Ele olhava fixamente para César.

– De onde você é? – perguntou.

– Moro no Rio de Janeiro – respondeu.

– Mas tenho certeza de que já o vi pela região. Sua cara não me é estranha.

Alguém do grupo matou a charada:

– Esse cara é político, chefe – gritou um dos homens – filho de um gráudo do governo – falou completando.

– Olhe, que interessante! – disse Simão. – Eu sabia que o conhecia de algum lugar. Como é seu nome?

César se calou e em troca do silêncio recebeu novo tapa no rosto,

que lhe doeu até as entranhas.  
Sentiu sua face arder como fogo, e,  
para evitar outro ato violento,  
pronunciou seu nome e sobrenome.

– A coisa está melhor do que eu pensava – disse. Em seguida, continuou: – E você acha que está em condições de negociar? Cumpri minha parte e tenho o garimpo nas mãos. Quero o restante que me foi prometido, ou melhor dizendo, a sociedade com a mineradora e mais 5 milhões na mão, pois me deu mais trabalho do que imaginei. E tem de ser agora. Vamos lá, fale!

A quantia era uma exorbitância. César, sozinho, não teria como bancar aquele montante, mas, sem saída, concordou.

– Não tenho esse dinheiro todo aqui, mas posso levantar – respondeu.

– Ok!! Foi o que imaginei. – Sua mulher fica em garantia. Se aprontar alguma comigo, diga adeus a ela para sempre. Amanhã pela manhã vamos embora daqui. Vou me embrenhar pela selva, seu amigo advogado também vai junto . Nem pense em mandar a polícia atrás. É

só você voltar para a cidade com a grana que pedi que vou ficar sabendo, eu sei de tudo que se passa por aqui, e se você não me causar nenhuma surpresa, devolvo-lhe sua mulherzinha e esse doutorzinho de merda. Quanto ao seu outro amiguinho, será encontrado, é só questão de tempo. Apenas não sei em que estado ele será devolvido, se inteiro ou em pedaços – e soltou uma gargalhada, que foi seguida por todos. O grupo estava de olho em Roxane, alguns tinham se drogado com cocaína e feito uso de

maconha, pois tinham acesso fácil às drogas que passavam pela fronteira. Simão sentiu que o pessoal pularia em cima dela de uma hora para outra, mas ele mantinha a situação sob controle, pelo menos por um tempo.

– Pessoal! – disse em voz alta. – Ninguém toca na moça! Pelo menos hoje e amanhã. Se esse merda vacilar – disse apontando para César – ela será de vocês – a turma riu entusiasmada.

Os bancos que serviam de barricadas e de escoramento na

porta da Igreja foram retirados para que César saísse. Antes, porém, Simão fez um sinal e Diabo Loiro com mais dois lhe aplicaram vários socos e chutes. O propósito era deixar a vítima totalmente aterrorizada.

Uma escuridão cobriu o lugar. Poucos postes ainda restavam iluminando um ou outro ponto esporádico daquela cidade infeliz. César estava totalmente aturdido, caminhava cambaleando e sem rumo. Sentia dores por todas as partes do corpo. Seu olho fora



atingido e mal podia enxergar. Sua camisa estava banhada de sangue, que lhe escorria do nariz que fora quebrado e ele não sabia o que fazer.

Uma pequena figura saía das sombras se aproximou dele:

– Ajude-me – pediu César –, por favor, ajude-me! Preciso de socorro – falou em tom de súplica.

Tratava-se de Curupira, que estava com seu inseparável fuzil pendurado nas costas.

– Venha por aqui – disse o menino – acompanhe-me. E o levou

até a base da Quest.

Ao se aproximarem, os vigilantes que estavam de guarda gritaram para que mantivessem distância. Em resposta, ouviram o menino gritar que havia um homem ferido em estado grave. Já passava da meia-noite e todos ainda permaneciam acordados. Siegfried e o restante de seu pessoal estavam despertos e de prontidão para alguma emergência. Comunicaram-lhe de que duas pessoas do lado de fora estavam em busca de socorro. Inicialmente, eles pensaram se

tratar de gente da cidade ou de aldeias próximas, uma vez que a enfermaria da Companhia atendera a vários feridos naquele dia. Siegfried mandou chamar o enfermeiro que estava no alojamento para ver o estado da pessoa que buscava por atendimento, e mandou que abrissem o portão. Os vigilantes ordenaram que o garoto entregasse a arma e ele se recusou. Uma pequena confusão foi iniciada. Lino foi ver o que era e o reconheceu.

– Você não é da gangue

daquele bandido? – perguntou para Curupira.

– Quero-o morto – respondeu prontamente. – Vi aquele homem matar parte da minha família e quero que ele pague por isso. Ele é uma pessoa muito ruim – concluiu.

Fez-se um breve silêncio, quando Siegfried apareceu e lhe perguntou:

– Quem é essa pessoa que está com você?

– Bateram muito nele – respondeu o garoto . – E ainda tem mais gente dele lá na igreja, um

homem e uma moça.

César estava irreconhecível, e a todo o momento pedia por socorro. Ele parecia estar em choque. Sieg ficou chocado com seu estado. O enfermeiro foi chamado para atendê-lo. Ele era um ex-sargento do Exército que servira em um dos batalhões de fronteira da Amazônia no serviço médico. Depois dos primeiros socorros, Siegfried e sua equipe tentaram descobrir o que teria acontecido e quem era, afinal, aquela pessoa, apesar de ter parecido a Siegfried

que o conhecia de algum lugar. Levou algum tempo para que pudesse entender o que tinha acontecido. Ao saber se estarreceu. De fato, conhecia-o de fotos de revistas de celebridades. O casamento deles fora amplamente divulgado. Também já o vira em jornais quando ele e sua família foram envolvidos em escândalos dos mais diversos. Custou a crer que Roxane e o marido estavam naquele lugar, longe da civilização e envolvidos em tão dramática situação. Sua primeira reação foi ir

para a Igreja de imediato, mas foi impedido pelos funcionários. César estava em choque, chorava de desespero e a todo o momento, dizia:

– Por favor, tirem-na de lá! Tirem-na de lá!! – Parecia estar a ponto de surtar. O enfermeiro não teve outra forma de agir se não em colocá-lo para dormir mediante um forte sedativo usado somente em casos de extrema urgência.

– Temos de fazer alguma coisa – disse Siegfried para seu grupo com uma voz firme. Pelo

modo como falou, eles entenderam que não era apenas um discurso. Euclides protestou, disse que o caso tinha de ser resolvido pela polícia. Siegfried respondeu que poderia ser tarde. – Sabe-se lá Deus quando a polícia vai chegar! – exclamou.

– Trabalhei para o avô dessa moça – ele falou exaltado. – Conheço-a, não posso deixá-la nas mãos daqueles selvagens. Nem que eu vá sozinho e troque de lugar com ela.

– Se algo sair errado, a empresa pode lhe mandar embora



por justa causa – argumentou Euclides. – Pense bem!!

– Pois que assim seja! – ele respondeu com firmeza. – Jamais terei paz na minha consciência se não fizer nada e deixar que aconteça o pior com ela. Se o destino me colocou nessa encruzilhada, vou seguir o caminho que tem de ser seguido. Vou fazer o que é certo.

– Pessoal! – falou Siegfried em voz alta. – Esta é uma questão particular, não posso envolvê-los no assunto. Vou sozinho – proclamou.

O grupo percebeu que ele

estava falando sério e ia fazer exatamente o que acabara de dizer. Lino respondeu que ia junto.

– Tenho contas a ajustar com o chefe desse bando. Estou com aquele cara entalado na garganta e a hora é agora. Eu estou dentro – disse.

João respondeu que também ia. Quaresma se apresentou, mas Siegfried lhe disse que ele tinha mulher e filha para criar, que o mais sensato era ficar onde estava, ao que foi prontamente atendido. Curupira disse que não ia ficar olhando e

falou com determinação que ia acabar com a raça de Augustin, o que provocou um sorriso em todos. A arma que levava seria de grande utilidade, mas ele disse que não dava a ninguém e que sabia usá-la muito bem. Pedro Diaz, o guia peruano, que também fazia parte do grupo de escolta e tinha razoável experiência em guerrilha, também disse que não ia ficar assistindo. Portanto, eram quatro, já que não levaram a sério o que disse Curupira. Por fim, Euclides também se mostrou disposto a ir, mas

Siegfried lhe ordenou que ficasse, pois, se algo se passasse, caberia a ele chefiar a base em sua ausência. Em seguida, debruçaram-se em traçar um plano de resgate. A madrugada avançava.

Curupira foi de grande valia, pois lhes deu todas as informações de que precisavam, inclusive viu quando César foi retirado de lá e observou que, ao abrirem o portão principal, que era composto de duas partes, alguns integrantes do bando havia arrastado os bancos. Portanto, Siegfried confirmou suas suspeitas

de que eles teriam montado algum tipo de barricada no interior da Igreja.

– Aquilo virou uma verdadeira fortaleza – disse.

Uma das ideias que veio à mente de Lino foi usar um dos Land Rovers blindado como aríete. Sieg discordou, pois argumentou que ele poderia se ferir no choque e descartou a possibilidade, além de duvidar do efeito que produziria .

– O jeito então seria explodir a porta e entrar em seguida, atirando – disse ele em um estalo.

– Sei onde tem dinamite –  
falou com entusiasmo Curupira. –  
Todos olharam para ele.

– Onde? – perguntou  
Siegfried.

– Lá no garimpo. Vou até lá  
e busco. Sei acender o pavio e  
preparar, sou eu que trabalho com  
isso.

De fato, Simão o ensinara a  
manusear explosivos e ele cuidava  
dos artefatos. Muitas vezes, ele  
punha o menino para explodir  
barrancos para extração de ouro. Era  
uma das tarefas que Curupira

cumpria. Alguns outros de seus homens em semelhantes situações tinham se acidentado, outro tanto morreram e até o momento o menino havia sobrevivido.

Imediatamente, João pegou uma das Land Rovers e, acompanhado de Pedro, levaram o jovem até o garimpo em busca dos explosivos.

Dentro da Igreja, alguns tentavam cochilar, outros dormiam profundamente sob o efeito da bebida, mas aqueles que consumiram cocaína estavam

agitados e agressivos. Em razão disso, Simão, que tossia muito e Augustin, estavam vigilantes, pois mesmos eles corriam perigo.

Roxane escapou de ser violentada por duas vezes, há muito custo contido , foi jogada na sala da sacristia. Estava mergulhada em angústia e pavor. Deram-lhe algumas garrafas de água mineral, biscoitos e pedaços de pão de forma. Ela não tocou em nada. Pensava que se tivesse uma chance se mataria e perguntava a si própria se tal situação era real. Suas forças



estavam lhe faltando, temia que a qualquer momento poderia sofrer um estupro coletivo. Do fundo de seu coração iniciou uma oração e a repetiu seguidas vezes. Clamava a Deus que lhe viesse em auxílio. Por sua vez, o advogado fora colocado no pequeno quarto onde jazia estirado no chão e com as mãos amarradas. Sentia muitas dores por causa da violência que sofrera, e igualmente estava aterrorizado.

\*\*\*

A base da Quest fora instalada no limite do vilarejo com a fronteira teórica com o país vizinho, por causa do desconhecimento das pessoas em geral, algumas ruas situavam-se no lado peruano. O grupo de escolta armada fora baseado nessa posição a fim de evitar possíveis problemas com autoridades brasileiras, caso um dia aparecessem pela região, pois a Companhia petrolífera apenas conseguira autorização das autoridades peruanas para transitarem armados em solo

daquele país, uma vez que eram alvos frequentes de ataques. Dessa forma, Lino e Siegfried saíram em direção a esse local para buscar por armas mais pesadas, munições e coletes à prova de bala, que sua equipe de escolta utilizava para protegê-los enquanto os outros três se encarregariam de pegar as dinamites.

Prestes a amanhecer, o trio retornou do garimpo com os explosivos, sendo que Curupira carregava consigo um imenso tubo conhecido como zarabatana, uma

arma tipicamente indígena usada para caçar pequenos animais e pássaros, constituída de um tubo em que as flechas eram arremessadas pelo sopro. Ao lhe perguntarem a razão de ter levado aquele objeto, ele justificou dizendo que era para abater o vigia localizado na torre da igreja, o que provocou nos demais um novo riso. Mas todos concordavam que, sem dúvida, o menino era esperto. Houve uma nova discussão entre o grupo sobre a dosagem das cargas explosivas. Pedro disse conhecer o manuseio de

tal material e Sieg orientou que a carga tinha de ser suficiente para apenas derrubar a porta e não a Igreja toda.

Eles se prepararam para a invasão. Estavam armados e vestidos com coletes. Curupira, no entanto, pretendia ter uma participação mais ativa e não somente usar sua zarabatana com flechas envenenadas, pois dias antes fora até uma tribo de Caxinauás e conseguira um veneno que eles faziam. O rapaz havia muito estava planejando abater Augustin,

enquanto este andava pela mata e, agora, acreditava que chegara o momento de que por tanto tempo esperava. Portanto, ele insistiu muito em ir. Disse que ia de qualquer maneira com ou sem permissão de Siegfried, que liderava os demais. Por fim, ele passara a ser o quinto integrante.

Antes de saírem, memorizaram em grupo o que iam fazer. Discutiram sobre o risco que haveria de o bando de Simão utilizar Roxane como refém ou como escudo. Lino se interpôs mostrando

um fuzil com lente que ele levaria consigo e disse que nesse caso dificilmente ele erraria o alvo. O plano consistia em derrubar a porta principal, entrar de imediato e intimidar o pessoal com as armas que estavam levando e o mais rápido possível neutralizar os líderes, no caso, Simão, Augustin e o Diabo Loiro, sendo que o primeiro seria o principal alvo, nem que fosse preciso matá-lo. Siegfried ordenou a Euclides que acionasse o protocolo para emergência, o que significaria avisar a base de Pucallpa para

acionar um helicóptero de resgate e deixar o hospital local de sobreaviso. Esse procedimento era acionado em casos de acidentes ou mesmo na ocorrência de algum incidente que não fosse possível resolver com os recursos da base, onde se fazia necessário a remoção de algum integrante por via aérea.

No horizonte, os primeiros raios de sol despontavam. Os cinco homens saíram caminhando, evitaram o uso de veículos para que não fossem notados. Estavam dispostos a tudo ou nada. A aurora



surgiu, exibindo uma cor viva como sangue. Parecia prenunciar o que viria a seguir. Siegfried, sem tirar Roxane de seus pensamentos, andava apressadamente à frente de todos. Seguia resoluto, não havia temor em seu íntimo, se preciso fosse daria sua vida por ela.

Algumas árvores circundavam a Igreja. Com a agilidade de um felino, Curupira subiu em uma delas, a mais próxima da torre. Utilizando sua zarabatana, disparou suas flechas contra aquele que estava de vigília. A primeira não

atingiu o alvo, acertou o sino. Um pequeno ruído foi ouvido pelo sentinela, que cochilava, e o fez despertar. Ele então pôs a cabeça para fora da torre para observar, foi quando a segunda flecha acertou um de seus ouvidos. Uma terceira lhe perfurou o pescoço. O atirador somente ouviu um gemido abafado. Em seguida, acenou para Pedro, que se aproximou silenciosamente da porta do templo e armou duas bananas de dinamite. O grupo se protegeu e se preparou para entrar. Segundos depois, escutou-se uma

explosão que provocou uma enorme fumaceira e muita poeira, que se dissiparam lentamente. A porta ficou em pedaços. Os bancos da Igreja, que serviam de escora, acabaram se tornando uma arma, pois com a detonação, vários estilhaços de madeira se propagaram no ambiente, ferindo vários que ali estavam. Outros tanto ficaram momentaneamente surdos e tontos. Parte do teto desmoronou, causando mais ferimentos em quem se encontrava embaixo. A Igreja não era antiga, mas estava muito

malconservada por causa da falta de manutenção e debilitada devido às constantes chuvas locais . Levou algum tempo para todos se darem conta de que se tratava de uma invasão. Como muitos ainda estavam sob efeito de bebida e de drogas, reagiram tardiamente. Além disso, nem todos possuíam armas de fogo, alguns portavam facões e foices. Siegfried, com um pano encobrindo parte da face para se proteger da poeira e da fumaça e usando óculos de segurança para proteger os olhos , foi o primeiro a

entrar, seguido por Lino, que também tinha parte do rosto encoberto pelos mesmos motivos assim como os óculos , este portava duas pistolas na cintura e empunhava um fuzil de assalto, devidamente carregado. Estava disposto a atirar tão logo aparecesse a primeira ameaça real. Ambos encontraram alguma dificuldade para pular sobre os escombros. Lino, com mais experiência, gritou para que todos se mantivessem deitados no chão e que não fizessem nenhum movimento. Eles

caminharam rente a parede do lado direito. Curupira chegou até a porta e foi detido por João, que lhe pediu para que permanecesse ali, pois ele não portava colete, portanto, se algo saísse errado, ele estava sem proteção. Ele obedeceu. De repente, sentiu medo e se afastou por alguns metros. Parecia hipnotizado com a cena. Pedro, com uma escopeta, e João, com uma pistola, também entraram e se direcionaram pelo lado esquerdo. Seguindo o exemplo de Lino, gritavam, intimidando o bando que tentava se refazer dos

efeitos da explosão. Os que se feriram gritavam por socorro. O grupo invasor buscou por Simão, que estava agachado, e pelos outros dois líderes. Um estava próximo ao altar, perto da sacristia. Siegfried tentava localizar Roxane quando viu as duas portas de ambos os lados do altar. Deduziu que ela poderia estar em um daqueles compartimentos. Lino continuou sua intimidação gritando para que ficassem abaixados ou os mataria. Alguns obedeceram e levantaram as mãos para o alto em sinal de rendição.

Outros resmungaram. No entanto, Diabo Loiro, que estava deitado se fazendo de morto, pegou sua escopeta e disparou a esmo, não acertando ninguém, pois alguns estilhaços de madeira o tinham atingido e ele não estava em bom estado. Em seguida, levou um tiro não fatal disparado por João. Houve um princípio de revolta. Simão rastejou pelo chão em direção a Roxane, mas foi alcançado por Siegfried quando este já estava na porta. Ambos se envolveram em luta corporal e caíram ao solo.



Simão disparou dois tiros em Siegfried, enquanto isso, alguns integrantes do bando, que ainda portavam armas, tentaram reagir. Foi iniciado um tiroteio de curta duração, pois as rajadas disparadas por Lino desencorajavam qualquer tipo de reação.

João foi ajudar Sieg e dominou Simão. Uma de suas facas lhe perfurou a mão com que este segurava sua arma. Felizmente, os tiros que atingiram Siegfried foram absorvidos pelo colete que ele usava, mas como os disparos foram

a curta distância, acabaram por provocar dois ferimentos superficiais. Simão ainda resistiu e lhe foi aplicado outro golpe.

Roxane, que passara parte da noite com dores agudas no ventre, ao ser demolida a porta, assustou-se e ficou inconsciente momentaneamente, ignorando parte da ação que se desenrolava. Por causa da gravidez, começou a ter sangramento. Na confusão, Augustin, seguindo do Diabo Loiro ferido, mas possuidor de grande resistência, correram para a pequena

porta lateral a fim de escapar. Assim, conseguiram se evadir. Curupira, ainda paralisado na porta, viu seus dois desafetos fugirem e circundou a Igreja com seu fuzil em punho e foi atrás deles, que desceram a ribanceira em direção ao rio. Na descida, Diabo Loiro caiu e teve dificuldade de se levantar. Foi abandonado pelo seu companheiro. Havia um pequeno bote amarrado na margem e Augustin entrou nele, soltou as amarras e iniciou a descida do rio. Curupira, ao chegar no alto do barranco, apontou o seu fuzil e

deu várias rajadas em direção ao barco, causando sérios danos, mas não acertou o fugitivo. Repetiu mais uma vez e conseguiu, por fim. O homem caiu estirado dentro da pequena embarcação, que começou a afundar por causa dos furos produzidos pela arma. Diabo Loiro estava dentro do rio com água na cintura, tentava alcançar o bote. Ao ver o que se sucedeu com o outro, levantou as mãos para o alto e suplicou por piedade. O menino se recordou bem das surras e maus-tratos que ele lhe aplicara, assim

como a outros tantos índios que matara ao longo de sua vida e, sem o menor remorso, mirou e disparou em sua direção. Vários projéteis o atingiram. Em seguida, ele correu rumo à mata e saiu em busca de um esconderijo, onde Augustin escondia algumas pedras de ouro.

Pacientemente, o bruxo estava roubando Simão, e o menino teria visto o local. Agora ele iria à forra por tantos sofrimentos a que fora submetido.

Simão foi dominado por João, que o colocou para fora da

Igreja. Siegfried encontrou Roxane desacordada e a pegou pelos braços, saindo com ela daquele ambiente. O bando estava dominado e, um a um, todos foram postos para fora sob a mira das armas. Euclides e Quaresma observavam de binóculos. O primeiro, ao ver Sieg carregando Roxane, pegou uma das camionetas e foi com o enfermeiro em seu auxílio. Ao chegarem, ela foi colocada dentro do veículo e seguiram rumo à base. Mais um fator complicaria a situação, os nativos que se envolveram no dia

anterior no conflito com o bando souberam que os mesmos tinham se refugiado na Igreja e foram até a cidade para o ajuste de contas. Por sorte, o sargento Sanches havia chegado com um pequeno destacamento e a muito custo conseguiu deter um linchamento, que se iniciaria, colocando parte do grupo de Simão e o próprio amontoado dentro da cela do posto policial.

Decorrida cerca de mais de uma hora chegou o helicóptero/ambulância que a Quest

acionara. César, o advogado e Roxane, que estava grogue por causa do sedativo aplicado, foram removidos para Pucallpa. Apesar do ferimento, Siegfried permaneceu, não havia lugar na aeronave, que contava com uma enfermeira, além de dois pilotos. Parte do espaço era ocupado por aparatos médicos. Mais tarde, ele soube que ela estava grávida e que perdera o filho, sofrera um aborto, e por pouco não perdera a vida em decorrência da forte hemorragia que lhe acometera.

No decorrer da semana,



policiais federais do Brasil foram até São Miguel e fecharam o garimpo irregular. Muita gente foi indiciada. Havia uma vasta rede de pessoas que suportavam aquelas atividades, políticos da região, contrabandistas de metais preciosos, joalheiros e empresários. Simão foi transferido para o presídio de Rio Branco. Havia vários mandados de prisão contra ele em vários estados.

Tempos depois após estes acontecimentos e após ter estado com Siegfried na campo de petróleo do Peru e saber do que houvera ,

parti para a região de São Miguel em busca de respostas , dali fui ao presídio de Rio Branco , onde pude falar com um dos principais envolvidos. O estado de saúde dele se agravou muito na prisão, mas ainda cheguei a tempo de ter uma conversa com ele. Na ocasião, ele tossia muito e concordou de me dar uma entrevista diante da possibilidade de se tornar famoso, pois eu lhe disse que estava produzindo um documentário. Ele acabou falecendo por causa de problemas pulmonares e renais,

cerca de quinze dias depois dessa conversa.

Dias depois do conflito, ao qual Raul tivera grande participação, ele foi encontrado perdido na mata, todo rasgado. Seu grupo se dispersou e ele foi abandonado. Na tentativa de fugir dos homens de Simão, que o procuravam, acabou por se perder. As declarações que prestou para a polícia complicaram a vida de César, pois ele o responsabilizou como mandante pelas ações de tomada do garimpo ilegal.

A Quest instalou um processo de apuração do incidente, mas como Siegfried havia caído nas graças de Sandy, este resolveu livrá-lo de qualquer tipo de punição. Ao saber dos detalhes, chegou a parabenizá-lo pelo feito, pois também contribuiu o fato de que a substituição dele poria em risco a data de início de produção do campo. Dessa forma, ficou tudo como estava antes. Os funcionários que tomaram parte do episódio de resgate, declararam que participaram voluntariamente.

Posteriormente, Siegfried, utilizando verbas destinadas à comunidade que a Quest disponibilizava para ações sociais, reconstruiu a Igreja, parcialmente destruída por ocasião da invasão.

O senador J usou de todos os meios possíveis e impossíveis para tentar abafar o caso e livrar César e Raul de qualquer indiciamento, pois quando Simão ainda estava vivo, declarou à Polícia Federal que agira a mando dos dois. O dinheiro que levava provava tal fato. Por causa da distância dos grandes centros, os

jornais de grande circulação publicaram algumas notas sobre os conflitos entre índios e garimpeiros e o nome de César foi mencionado como um dos envolvidos, o que foi devidamente desmentido pela assessoria dele.

A tão esperada independência financeira que Raul sempre buscou, ele, por fim, conseguiu, pois o senador e César lhe ofereceram uma substancial quantia de dinheiro para que ele assumisse tudo e ficasse calado, pois muitos dos caminhos do

processo levavam a César. Como justificar o dinheiro que estava com Simão quando ele foi preso pelo sargento Sanches? Ele desmentiu as declarações anteriores, que incriminavam seu meio-irmão, e assumiu a responsabilidade dos atos, mas fez uma outra exigência ao senador , que ele fosse reconhecido como filho , sem muita opção a velha raposa concordou .Apesar de todo o aparato jurídico que o seu pai lhe conseguiu, foi condenado por incitar a violência e por ser um dos principais mandantes

pelo que acontecera naquele lugar, mas permaneceu pouco tempo preso, vindo a se beneficiar pelo regime semi-aberto e, posteriormente, pela prisão condicional e, por fim, viu-se livre.

A polícia tentou apurar quem teria matado Augustin, Diabo Loiro e o outro que despencou da torre do sino da Igreja por ação da flecha envenenada disparada por Curupira, ao qual ninguém teve mais notícias. Estes foram os únicos mortos na ação de resgate, tal como seu líder, os dois primeiros eram procurados



por outros crimes em outros lugares. Foram examinados os projéteis no corpo deles e comparados com o armamento com que a equipe de escolta da Quest usava, ou seja, com as armas as quais Siegfried e seu grupo portavam no dia do incidente. Chegou-se à conclusão de que outro elemento desconhecido tivera responsabilidade por tal feito e tanto Sieg quanto seu pessoal disseram desconhecer o que teria sucedido fora da Igreja, pois também parte do bando viram os dois fugirem e depois ouviram os disparos vindos

do lado de fora.

O incidente de São Miguel ainda daria muita dor de cabeça a Siegfried por algum tempo. O Ministério Público Federal apareceu para pedir explicações e encontrou um labirinto de situações e os mais diversos personagens, alguns dos quais haviam desaparecido.

Por ocasião das investigações da polícia, quem desapareceu por algum tempo foi Quaresma. O fato era que ele realmente foi um agente federal em outros tempos, mas estava foragido

por causa do envolvimento com o tráfico de drogas. Ele teria se envolvido com narcotraficantes e desaparecera com uma substancial quantia de dinheiro e drogas apreendidas em uma operação contra esses elementos na fronteira do Brasil com a Bolívia, e fora refazer sua vida em São Miguel, onde, posteriormente, tornou a fugir, levando a atual esposa e a filha.

Os trágicos eventos pelos quais passara Roxane e César foram devidamente omitidos de Ismail,

pelo menos em um primeiro momento. Somente cerca de seis meses depois dos acontecimentos passados em São Miguel ele soube por Samara, sua neta. O episódio se deu por causa de uma briga familiar ocorrida durante os tradicionais almoços de domingo, que ainda aconteciam, na residência de Itaipava. A discussão tinha como motivo a desaprovação por parte de Salomon e de sua esposa ao novo romance no qual a filha do casal estava envolvida. O objeto central da celeuma era que o pretendente

era de uma camada da sociedade que os Armadunians consideravam como não digno de pertencer à classe social deles. Entre outras palavras, era pobre. Samara, que até então escolhia seus namorados pelo sobrenome de família, pelo bairro em que moravam, entre outros requisitos, caíra de paixão por um rapaz honesto e trabalhador, pertencente a uma camada menos favorecida pelos padrões da família dela, embora tivesse formação superior, era pós-graduado e tinha um cargo gerencial onde trabalhava.

Pouco mais de um ano depois do casamento de Roxane, ela também se casou com um rico herdeiro de um grupo empresarial. O pai do noivo, além de empresário bem-sucedido, era um importante cardeal de um pequeno partido político aliado ao senador J, que servia de base ao governo no Congresso em troca de favores. A festa de suas bodas foi celebrada em um vilarejo na Toscana, com toda pompa e circunstância. A união, no entanto, durou pouco mais de um ano, pois o casal já estava a ponto de se matar.

Depois de se envolver com os mais diversos tipos e *playboys*, ela dizia que, por fim, conhecera o verdadeiro amor de sua vida, o pecado dele, no entanto, era não ser rico, vinha de uma família de classe média baixa do interior do estado. Samara, contra a vontade da família, estava determinada a se casar com ele custasse o que custasse. A sistemática negativa do pai já tinha se transformado em revolta, e o assunto veio à baila durante aquela reunião em família. Lá pelo meio da conversa, que já tinha um rumo

tenso, tomada por uma intensa emoção incontida, ela se virou para Ismail e contou algo que havia muito guardava dentro de si:

– Vovô – disse ela –, lembra daquele executivo que o senhor contratou para ser diretor da área de petróleo? – nesse momento, todos se entreolharam. Leon e Salomon prenderam a respiração.

– Lembro-me, claro. Era um rapaz muito bom, pena que foi embora da empresa, mas o que tem ele?

– Ele não pediu demissão,



conforme papai e tio Leon lhe contaram. Ele foi demitido, sabe por quê?

Ismail se surpreendeu com o que acabara de escutar da neta.

– Diga-me – pediu o velho patriarca. – O que se passou?

– O erro dele foi gostar de Roxane. Puseram-no para fora por causa disso e saíram dizendo que ele era incompetente, tinha cometido improbidade e queria dar o golpe do baú.

Salomon tentou impedi-la de continuar, mas foi contido por

Ismail, que pediu que ela continuasse, para constrangimento dos demais que estavam presentes.

– Veja o senhor como são as coisas – ela disse em tom de ironia.  
– Siegfried, não é esse o nome dele?  
– falou virando-se para Roxane, que, naquele momento, tinha as faces coradas e em um rompante, sem responder a pergunta da prima, juntou suas coisas e saiu do recinto, sendo seguida por César. Ela continuou:

– O tal rapaz, por conta dessa calúnia, ficou muito tempo sem

trabalhar e acabou indo parar lá na Amazônia peruana, em um campo de petróleo. E não é que foi ele que acabou salvando a vida dela e do marido, que se meteu em uma confusão com os garimpeiros? Não é interessante que pessoas as quais sabemos muito pouco ou julgamos não terem as condições necessárias para fazer parte de nossa família possam fazer um gesto desse tipo, mesmo tendo sido prejudicado pela nossa própria gente?

A discussão se acirrou e Ismail quis saber o que de fato

ocorrera. Ficou estarelecido quando a neta terminou a narrativa contando tudo o que se passara desde que Siegfried saíra da Atlas e, posteriormente, Lázaro e os acontecimentos passados em São Miguel. Diante do que acabara de escutar, ele chamou seus dois filhos para uma conversa reservada e passou uma descompostura em ambos. Disse estar decepcionado, especialmente com Leon, pois o julgava diferente de Salomon.

Apesar dos acontecimentos terem sido devidamente abafados e

mantidos em total sigilo, Samara silenciosamente juntou todos os fatos durante todo aquele tempo. Conversando com Maria Alice, ouvindo as conversas de Salomon e da esposa, dos irmãos de Roxane e dos funcionários da Atlas, inclusive de dona Zulmira, além de algumas notas em jornais que conseguiu ler pela internet, desvendou todos os acontecimentos. As máscaras de muitos ali caíram por terra. Depois disso ela se casou com aquele a quem escolhera pela primeira vez, independente do sobrenome.

Na semana seguinte a esse evento, Sandy estava em seu escritório quando sua secretária o interrompeu lhe dizendo que ele tinha visitas. O executivo da Quest argumentou que não se lembrava de ter marcado hora com quem quer fosse naquele dia. Decorridos cerca de cinco minutos, a funcionária retornou lhe explicando que a pessoa insistia muito em falar com ele e que, segundo dizia, era algo urgente.

– Ok!! – respondeu ele. –  
Mande entrar, então.

Instantes depois, entrou um senhor em uma cadeiras de rodas, seguido por sua esposa, uma enfermeira e dois assessores. Sandy, um tanto quanto surpreso pela comitiva, mandou servir café, água e alguns biscoitos. Ismail se apresentou dizendo que era presidente do Conselho do Grupo Atlas. Sandy, ainda meio sem saber do que poderia se tratar e um tanto atônito, pensou que se tratasse de uma visita de negócios, que o ilustre senhor estava apresentando sua empresa para algum tipo de

prestação de serviços ou algo assim, mas cuja regra geral para esse tipo de conversa não seria bem daquela maneira, mas resolveu escutar com toda a parcimônia possível e seu característico sorriso.

Ismail notou um quadro pendurado na parede com os seguintes dizeres: “Who Dares Wins”, ou seja, Vence Quem Ousa. Achou interessante a frase e disse ao seu interlocutor que gostara daquilo, ao que o outro respondeu, misturando português com espanhol com forte sotaque britânico:



– Bem, este é o lema da SAS, o famoso regimento Special Air Service, conhecido pelas ações ousadas. Tomamos emprestado este lema, e não é à toa que nossa empresa se chama Quest. Operamos em locais onde ninguém ousa ir – disse rindo.

Contrariando sua expectativa inicial, Ismail fora até lá, não para tratar de assuntos comerciais, mas para agradecer a ele, que representava a Quest, pelo gesto que um de seus executivos tivera ao salvar a vida de sua neta, pelos

recursos gastos e pelo apoio que tiveram. Perguntou de que forma podia reembolsar o que fora gasto na operação. Sandy, por fim, entendeu e se sentiu bastante feliz com o que acabara de escutar. Atribuiu o fato de os familiares dele terem saído com vida, graças ao gerente que tinham no local, mas recusou qualquer oferta em dinheiro. E prosseguiu:

– Ainda bem que tínhamos um gerente muito bom lá. Ele é um cara muito eficiente . Nossos executivos são independentes ,

fazem o que precisa ser feito --  
respondeu, abrindo um largo sorriso  
e sem mais se demorar- e  
prosseguiu

Ismail quis saber detalhes do  
empreendimento que aquela  
Companhia havia desenvolvido e se  
mostrou interessado nas  
dificuldades em realizar tal tarefa  
em um lugar tão inóspito. A  
conversa terminou com Sandy  
dizendo que transmitiria o  
agradecimento dele aos demais  
membros da equipe que socorreram  
seus familiares. Ismail declarou que

se seu estado de saúde permitisse, iria pessoalmente ao Peru falar com ele e insistiu muito que pedisse a Siegfried que quando estivesse no Rio de Janeiro fosse visitá-lo.

– Conheço esse executivo – disse Ismail.

– Ah, o senhor o conhece? – mostrou-se Sandy surpreso.

– Trabalhou em nossa empresa, foi uma pena que o perdemos.

– Sorte a nossa que o encontramos – falou Morgan – soltando uma gargalhada.

\*\*\*

Roxane, quando questionada sobre o que acontecera em São Miguel, disse se lembrar muito pouco do que teria acontecido. Recordava fortemente até o momento em que entrara sob ameaça na Igreja. Até hoje se mostra incrédula sobre os reais eventos que teriam se passado, “foi como um sonho mal”. Sua mente apenas guardou alguns fragmentos. Ela ficou com a impressão de ter

visto Siegfried, mas nunca comentou o fato com ninguém, exceto com Maria Alice. César queria esquecer o que passou e foi fazer terapia, assim como a esposa. Os dois ainda mantiveram um casamento de fachada.

Depois do afastamento de Roxane, Hidalgo, que à época já dava mostras de estar sofrendo de algum tipo de perturbação psicológica, começou a desenvolver um quadro depressivo. Tempos depois, as alucinações que dizia ter foram se tornando mais frequentes,

bem como relatava escutar vozes. Seu filho, que estava radicado na Suíça, buscou-o para que ele se tratasse em uma clínica psiquiátrica na Europa. O desembargador teve o mesmo destino de outros tantos supostos magos que ousam fazer uso de forças que desconhecem. Parecia que tais energias retornaram àqueles que as invocava. Também Armand não teve sorte melhor, foi acusado por uma de suas alunas adolescentes de assédio sexual, fazendo com que viesse à tona numerosos outros casos. Em

decorrência disso, ele permaneceu somente alguns meses preso e foi beneficiado por ser réu primário. Fred, por meio da influência de seu irmão, que era ligado a um partido político que estava no governo, conseguiu ser nomeado para um cargo público e se mudou para Brasília, onde foi viver com Simone, sua antiga namorada.

Pouco mais de um ano depois desses eventos, Roxane, incomodada por suas lembranças, apesar de todos os tratamentos aos quais se submetera e que não foram



suficientes para fazê-la esquecer, ligou para o escritório da Quest para tentar falar com um engenheiro da empresa chamado Siegfried, já que os números que ela tinha não mais conseguia contato, muito menos obtivera respostas dos e-mails enviados. Foi então que soube que ele não estava mais no Rio de Janeiro, muito menos no Peru, estava em Londres.

Com muito esforço, o campo de petróleo entrou em atividade cerca de vinte dias antes do previsto. A Quest comemorou, as

ações da empresa subiram, Sandy recebeu um bônus significativo pelo êxito e, como reconhecimento, Siegfried foi promovido e lhe foi oferecido liderar outro projeto. A empresa se associara a uma petroleira dos Emirados Árabes para desenvolver um novo campo de gás na região do Golfo Pérsico. O estudo do empreendimento estava sendo desenvolvido na capital britânica e Siegfried ficaria em torno de seis meses naquela cidade, até se transferir para os Emirados. Tentava convencer Cazé a

acompanhá-lo nessa nova missão.

Moraes ofereceu a Euclides uma posição de gerente administrativo na base da Quest, em Macaé, onde levou consigo João Batista, que depois do término dos serviços no Peru, retornou para a casa de seus pais e soube que Isabela foi encontrada pela mãe verdadeira por meio do Facebook. Ele entrou em contato com ela, que lhe disse que gostaria de ficar com ele. Assim, foram viver juntos naquela cidade no estado do Rio de Janeiro.

Lino, por sua vez, acabou voltando a trabalhar com Alex, que resolveu fazer uma nova viagem por lugares exóticos e o levou junto. Estava muito feliz. Pablo Villanueva foi dispensado da Quest depois do término do projeto.

Roxane não se livrou de Lussin, eram como irmãs siamesas. Apesar de não mais se apresentar no Café Sheherezade, ela viria a se tornar a Grande Sacerdotisa nos rituais que outrora Hidalgo Javier presidia.

**FIM**

Contato com o autor:

[yuribelov@safe-mail.net](mailto:yuribelov@safe-mail.net)